

a
A
br
FÊNIX
aka
AZUL
dabra



F.B. VLAXIO



A B R A K A D A B R A

A FÊNIX AZUL

POR

F. B. VLAXIO

Copyright © 2017 F. B. Vlaxio

Todos os direitos reservados.

Contato:

Twitter | Instagram: @fbvlaxio

E-mail: fbvlaxio@gmail.com

Blog: silenciocontagiate.wordpress.com

Ficha Catalográfica

V867f

Vlaxio, F. B.

A fênix azul | F. B. Vlaxio — Manaus : Independently published, 2017.

451 p. : il., p&b. ; 24 cm. — (Série Abrakadabra, Livro 1)

ISBN: 9781549978777

1. Romance — Ficção. 2. Fantasia.
3. LGBT+. 4. Bruxos. I. Título.

CDU 82-31

*Para as mulheres da minha família,
que inspiraram esta história.*

AGRADECIMENTOS

UMA DAS COISAS mais importantes que aprendi escrevendo a história de Edgar e Klaus é que você pode realizar o que quiser sozinho, mas jamais terá tanto êxito quanto teria com a ajuda dos amigos. Por esse motivo, preciso dar reconhecimento a algumas pessoas muito importantes que não apenas lapidaram Abrakadabra, como também me convenceram de que a história era boa o suficiente para ser publicada.

Em sendo assim, agradeço a minha irmã, Elânny Vlaxio, que foi minha primeira leitora. A gratidão se estende a Danielle Carmim, cujo apoio moral nunca falhou. O mesmo vale para André Oliver, que acompanhou o romance de Edgar e Klaus mesmo quando não eram chamados assim. Agradeço igualmente a Allison Andrade, que entrou para o time Abrakadabra a fim de somar as qualidades. Não obstante, sou grato a Mayara Tashiro, cuja amizade não interferiu no compartilhamento de opiniões ácidas e necessárias.

Em certa medida, caros amigos, esse livro também é de vocês.

Muito obrigado.

*O vento no rosto é capaz de libertar
até o mais aprisionado dos homens.*

F. B. Vlaxio

Prólogo

NO MEIO DA NOITE, a floresta costumava aquietar-se, e os animais — seres notívagos de hábitos silenciosos — cuidavam para capturar as presas numa investida sorrateira. Naquela noite, porém, outros seres além dos animais frequentavam a floresta: um sem-número de vultos caminhava em direção à clareira entre as embaúbas e as quixabeiras, seguindo, mais ou menos em linha reta, um vulto menor na liderança da procissão.

Aquela era a terceira vez numa única semana em que bruxos se reuniam na solidão da floresta. Compunham um grupo seletivo de homens e mulheres trajando longas vestes negras que lhes emprestavam uma aparência cultual, embora gostassem de achar a si mesmos superiores a qualquer seita existente na Sociedade Bruxesca.

— Espero que ele consiga hoje — confidenciou um dos bruxos para o companheiro do lado. — É impossível prever até quando ela vai tolerar fracassos...

— Eu não queria estar na pele dele — respondeu o segundo homem.

O vulto menor, de postura respeitável e trejeitos imponentes, parou no centro da clareira; os seguidores dividiram-se num círculo à sua volta. Para quem visse de longe, poderia imaginar que a lua se encarregava da luz projetada sobre o grupo, mas, em Anévoa, a lua, não raro, desaparecia no meio das nuvens escuras — “Se existe certeza em Anévoa”, diziam os anevoanos, “é a iminência constante da chuva”.

O que iluminava a clareira naquela ocasião eram flocos incandescentes de luz pairando acima dos bruxos, de sorte que, à primeira vista, assemelhavam-se a um enxame de vagalumes treinados para aquele objetivo, porém, quando se olhava mais de perto, não passavam de centelhas mágicas com o único fim de clarear o ambiente.

— Esse lugar me dá calafrios — sussurrou um dos bruxos para ninguém em particular.

Um vulto alto, à companhia do vulto menor na liderança, ouviu o comentário, tirou o capuz da cabeça e encarou os demais com desprezo explícito. Era um homem dos mais apessoados dentre os homens desta história. Seu cabelo branco ia até o ombro e mesmo de longe era possível enxergar o verde nos olhos cintilantes. Uma cicatriz do tamanho de um lápis marcava o lado esquerdo do pescoço que, em contraste ao corpo atlético, emprestava-lhe sensualidade.

— O lugar é perfeito — disse o homem num tom insípido. — Consigo sentir.

— Veremos — respondeu o vulto menor. A voz eloquente pertencia a uma mulher. — Você concluiu o mesmo das outras duas vezes.

O homem vibrou por um instante.

— Dessa vez — insistiu —, tenho certeza.

— M-minha senhora...? — um terceiro bruxo andou até a líder do grupo.

A mulher o mediu de cima a baixo.

— Sim?

O comportamento da bruxa não apresentava qualquer resquício de hostilidade, mas algo

em sua compleição alertava aos demais a pensar duas vezes antes de importuná-la. Era dessas pessoas cuja expressão do rosto é impossível de interpretar com exatidão, e talvez fosse melhor permanecer de bico fechado.

— Não acha — sugeriu o homem, evitando gaguejar —, apenas por segurança, que talvez devêssemos esperar? Ou pelo menos checar o lugar outra vez? N-não podemos mais chamar atenção. Há boatos de que as irmãs Valburgo moram em Anévoa...

— E em que isso nos afeta? — questionou a líder. — Não está com medo, suponho?

— N-não é isso, s-senhora — aduziu o homem. — Quero dizer que mesmo os mais poderosos entre os bruxos conhecem a linhagem Valburgo. Uma delas, inclusive... a mais velha... ocupou a posição de Grã-Mestre da Ordem dos Guerreiros há alguns anos. Seria imprudência arriscar tê-la como inim...

— Você está se *queixando* à sua senhora?! — interview o bruxo de cabelo branco, os dentes rangendo. — Por acaso pretende desertar da causa...?

— Não me dirigi a você, Killian! — devolveu o homem, com coragem, embora a voz sugerisse um tremor natural. — Foi por sua causa que não conseguimos das outras vezes. Um comportamento no mínimo suspeito, não acha? Se não o conhecesse, poderia pensar que está sabotando nossos planos desde o início...

No instante seguinte, dois clarões iluminaram a floresta como se fosse dia, assustando os animais nas imediações da clareira. O barulho dos feitiços fez morrer qualquer chance de manter a discrição. Agora teriam sorte se nenhum dos comunais ouvisse a explosão a quilômetros de distância.

A sequência de eventos, porém, não passou de algo bastante simples. Fora de si, o bruxo de cabelo branco desferiu um Feitiço de Unidade no homem que ousou pôr à prova sua lealdade. Para assombro de todos, no entanto, a mulher que liderava o grupo se interpôs entre ambos os bruxos com rapidez exímia e ergueu uma fina barreira protetora que recebeu o golpe.

O ataque atingiu o escudo mágico e dissipou-se com um som tonitruante. Os flocos incandescentes de luz foram expulsos para longe e apagaram depois de tomar certa distância. A força do impacto foi capaz de desequilibrar o próprio círculo de bruxos expectadores. Estes, por sua vez, se empertigaram na escuridão, tecendo expressões comedidas de ceticismo.

Quando voltaram a estalar os dedos para iluminar a clareira outra vez, perceberam que a líder do grupo continuava imperturbável; não pretendia permitir que lhe roubassem a tranquilidade.

— Pensei ter sido clara — disse ela, decepcionada — quando ordenei que não matasse outros bruxos a menos que tivesse um motivo justificável.

— Ele questionou minha lealdade! — exclamou o bruxo de cabelo branco. — Não vou ignorar isso.

A mulher suspirou, enfim, deixando a magia de proteção evanescer. Olhou nos olhos do bruxo que a encarava e sorriu, permissiva. Apaixonada, até.

— Você se esquece — esclareceu ela — de que estou tentando recrutar um exército. Não posso me dar ao luxo de tolerar que meus aliados matem uns aos outros. Caso contrário, isso passaria a mensagem errada.

— Mas...!

— O que Danúbio insinuou — a voz da líder sobrepôs-se à do bruxo de cabelo branco quando o interrompeu, ainda mantendo o tom calmo — pode não ser verdade, mas também não é mentira. Até agora falhamos por sua causa. A cada tentativa fracassada, deixamos vestígios para trás. O Conselho das Ordens não passa de um bando de velhacos sem visão de

futuro, mas eles não são completos idiotas. Acabarão desconfiando de algo.

Ela estava certa.

— Sei disso — anuiu Killian. — Mas tenho certeza de que é esse o lugar. Já estive aqui antes. Dessa vez vai funcionar.

A bruxa sorriu.

— Então, mostre-nos.

A mulher voltou à sua posição inicial, deixando exposto o homem a quem protegeu, cujo medo tirou-lhe o sangue do rosto. Killian reservou um último olhar colérico ao insolente e se aprumou no meio do círculo. Devia provar sua lealdade a qualquer preço ou correria o risco de ser descoberto.

Ergueu o braço direito no ar e desembainhou uma adaga ritualística presa à cintura. Fez um corte limpo na mão esquerda e desenhou com luz e sangue um selo no vento. Um triângulo com três esferas nas pontas. Depois, colocou dois dedos da outra mão na própria testa e sussurrou as palavras na língua dos gigantes.

O desenho brilhou até ganhar vida, expandindo-se. O contorno girou em rotações lentas que aumentaram de velocidade com rapidez. Em poucos segundos, o selo tornou-se um borrão incandescente e assumiu uma forma oval por onde uma pessoa de estatura média conseguiria passar sem dificuldade.

O homem contemplou o sucesso de sua magia com triunfo no rosto. Agora ninguém seria capaz de questionar sua lealdade diante da causa pela qual lutavam. Havia sido *ele* e não outro bruxo a conseguir cumprir o desejo dela. Tudo como planejado.

— Eu não disse? — comemorou Killian. — Aí está... Vejam!

— I-i-impossível... — balbuciou Danúbio.

— Senhoras e senhores — anunciou o bruxo de cabelo branco —, apresento-lhes a Fronteira Entremundos.

A líder do grupo avaliou o portal com cuidado. Seus olhos brilhavam de satisfação enquanto observava a luz esfuziante que ligava o mundo dos humanos ao Desmundo. Muito em breve poderia libertar seus aliados naquele fim de mundo. Bastava que tivesse um pouco mais de paciência.

— Amanhã é a Assembleia dos Bruxos — disse, sorridente, depois de um tempo. — Invocaremos Súmra e ele cuidará do resto.

Os bruxos do círculo celebraram em silêncio. Havia meses desde que começaram a busca por lugares onde a magia do portal funcionasse. Estavam preparados para dar início ao plano e a sede de lutar os consumia lentamente. Já era hora de conseguirem o que foram buscar na cidade das irmãs Valburgo.

— Você se saiu bem — a líder congratulou o bruxo de cabelo branco. — O que deseja como recompensa?

Killian se precipitou uma vez mais contra o homem que o desafiou. Agora, porém, ninguém o impediu. Seu Feitiço de Unidade acertou Danúbio no peito e ele caiu com um baque seco no chão da floresta. Morto.

— Isso me basta — respondeu ele à mulher.

A bruxa suspirou, entediada.

— Livrem-se do corpo — disse ela, e então voltou pelo caminho de onde veio, alheia às expressões assombradas de seus seguidores.

Até mesmo os animais da floresta sabiam identificar uma ameaça quando viam uma tão poderosa quanto aquela. Uma guerra mágica despontava no horizonte e, quando o momento chegasse, ninguém estaria a salvo.

PARTE UM

Capítulo 01 | Atividade Noturna

O LOCAL ERA UMA LOJA de conveniência, dessas de bairro chique, que vendem tudo o que você quer, menos o que você precisa. Eu me escondia atrás de uma coluna do prédio quando os vultos surgiram de uma nuvem branca, com o som característico de vidro quebrando. Duas silhuetas esguias, bem delineadas, de cabelos longos e idênticas, andando sem preocupação. Vieram até mim quando acenei.

Passava da meia-noite. Era de se esperar que pessoas comuns estivessem em suas camas, depois de um dia maçante de domingo, descansando para encarar a semana com uma disposição velada que duraria no máximo até a quarta-feira. Mas acontece que não éramos pessoas comuns.

Pelo menos não no sentido que se poderia pensar à primeira vista.

— Estão atrasadas — falei, olhando para o relógio no pulso. — Algum motivo especial ou pretendem ferrar com a coisa toda por esporte?

— Não foi culpa minha — defendeu-se a garota de cabelos negros, Erínia.

— *Minha* é que não foi! — replicou Maeve, de cabelos louros. — Erínia resolveu borrar o delineador bem na hora de sair. Não tenho culpa se as habilidades de maquiagem dela são equivalentes às de um recém-nascido.

— Uau. Vocês por acaso se ouvem quando falam...? — suspirei, desistindo de forjar uma irritação. — Ninguém se importa se estão maquiadas. Na verdade, podiam usar uma máscara indígena que não faria diferença.

As gêmeas Erínia e Maeve cerraram os olhos, mas não eram capazes de representar ameaça à minha tranquilidade. O plano precisava ser executado. Com ou *sem* elas. Maquiadas ou não.

A luz dos postes desapareceu quando estalei os dedos, levando consigo a possibilidade de alguém ver o que fazíamos. A rua estava escura e havia algum tempo os carros deixaram de passar.

— Prestem atenção — falei enquanto ajustava a mochila nas costas. — Eu abro a porta e vocês cuidam das câmeras. Entramos, pegamos o que queremos e damos no pé. Fim da história. Se quiserem sair daqui sem um buraco na testa, recomendo que não façam barulho. Há boatos de que o dono da loja possui armas de fogo e é idiota o suficiente para usá-las.

— Podemos nos curar... — sugeriu Maeve, a loura.

— Não com uma bala na cabeça, *Einstein!* — retrucou Erínia, a morena.

— Esse não é o xis da questão — tentei esclarecer. — Pouco importa do que somos capazes. Nós apenas não podemos ser pegos. Vocês estão em fase de teste, por isso fiquem caladas e não acordem o dono da loja. Fui claro?

Elas balançaram a cabeça.

— Vamos nos apressar — disse Erínia. — Preciso de esmaltes novos.

— É... — completou Maeve. — Os meus estão no fim.

Se eu rolasse os olhos toda vez que escutasse argumentos parecidos com aqueles, precisaria de olhos novos a cada dois dias. Por sorte me acostumei a diálogos do tipo e desenvolvi certa imunidade.

Fiquei em posição frente à porta da loja. Era um modelo comum de vidro temperado e adesivos de propagandas, mas ostentava um ótimo sistema eletrônico. Um pequeno deslize era só o que precisava para o alarme irromper numa explosão polifônica.

Verifiquei ambos os lados da rua para ter certeza de que estávamos sozinhos. Limitei minha visão à maçaneta, estendi a mão direita sobre a fechadura e enviei uma carga de energia para dentro dela. Um brilho azul emanou e alguns segundos depois ouvimos um *clic* metálico. A porta destrancou.

— Isso foi legal — admitiu Erínia, com a respiração presa. — Um dia desses você precisa nos ensinar esse truque.

— Talvez. Agora, câmeras!

As gêmeas colocaram capuzes sobre as cabeças e cobriram o rosto. Entraram na loja procurando pelas câmeras de segurança. Alguns feixes de energia iluminaram o lado de dentro, como numa sessão de fotos.

— Pode vir — anunciou Maeve. — Câmeras desligadas.

— Fala baixo! — sussurrou Erínia.

Entrei na loja, retirei dois grandes sacos pretos da mochila e passei para cada uma. *Hora das compras*. Fui direto ao caixa e contornei o balcão para checar a registradora. A tranca vinha com um tipo de chave-eletrônica cujo único modo de abri-la seria digitar a senha de quatro números no painel luminoso. Coloquei a mão sobre a fechadura e deixei a energia sair do meu corpo outra vez. Destravou fácil.

Não havia muito dinheiro no compartimento das cédulas. Dobrei as notas ao meio e enfiei no bolso da frente da mochila. À esquerda do balcão, numa vitrine trancada, ficava o estoque de cigarros. Permiti que a magia saísse mais uma vez da minha mão para abrir a fechadura e me apoderei de cinco pacotes com maços de Marlboro; carregava no bolso da calça o único cigarro que restou da última aquisição.

As gêmeas preencheram suas sacolas com maquiagem, energéticos e revistas com modelos candidatos à Eleição-Anoréxica-da-Beleza. *Amadoras*. Eu caminhava na direção delas quando ouvi o rosnado pela primeira vez.

No início foi fraco, como se quisesse testar a potência, mas depois aumentou em escala. Imóvel no meio da loja, soube o que aquilo significava sem precisar olhar. Ao passo em que as garotas terminavam de guardar suas coisas, alheias ao perigo que corriam, um rottweiler do tamanho de um pequeno urso se preparava para atacá-las.

Naquele momento eu senti inveja das pessoas comuns, que àquela hora da noite estavam em suas camas, depois de um dia maçante de domingo, descansando para encarar a semana com uma disposição velada que duraria no máximo até a quarta-feira. *Ó, ilusória esperança dos homens!*, não era isso o que Tchekhov dizia?

Erínia viu o animal, segurou a respiração e cutucou o braço de Maeve.

Mantendo a calma, sussurrei:

— Nãããão. Seeee. Mooovam.

E elas correram aos gritos.

Chamo isso de *efeito contrário*. É simples de entender: Você conversa com um amigo sobre uma terceira pessoa e pede para que ele não a encare. Seu amigo faz o exato inverso. Contorce o pescoço em direção ao objeto da conversa e denuncia a ambos. Ao que parece, o mesmo ocorre quando você pede a alguém para que fique quieto numa situação crítica.

Efeito contrário.

— Porra, gêmeas! Será que calar a merda da boca seria pedir demais?

— Tira ele de perto de mim! — choramingou Maeve ao ser perseguida pelo cão.

Erínia tomou o caminho oposto, por isso o rottweiler optou pela irmã de aparência mais vulnerável. O barulho que se seguiu foi equiparável a alguém fugindo discretamente de um funeral pisando em plástico bolha. Enquanto corria, Maeve esbarrava nas prateleiras, e os produtos caíam no chão, deixando um rastro de caos por onde passava.

— Dá um jeito nesse cachorro! — exigiu, tentando manter a voz baixa, o que por si só era uma atitude estúpida diante de tamanho barulho.

— Falar é fácil! — devolveu Maeve, num grito rasgado, quando, por pouco, a mandíbula do cão errou seu calcanhar. — Não sei o que fazer, Ed!

— Você precisa ajudá-la — altercou Erínia do outro lado da loja. — Ela está com medo demais para pensar em qualquer coisa, inclusive usar magia.

Por que não estou surpreso?

— Vocês são o pior tipo de bruxas que existe — aquiesci, jogando minha mochila para ela. — Toma, segura isso. Vai ser um milagre se não tivermos acordado a cidade inteira.

Segui até onde Maeve se defendia do cão atirando nele as garrafas de uísque do armário de bebidas. *Que desperdício!* Ergui a mão para o alvo e me preparava para apagar o animal quando uma bala imprimiu sua trajetória bem na frente dos meus olhos. O tiro atingiu os pacotes de batata chips na prateleira ao meu lado, culminando numa explosão magnífica de salgadinhos.

Dizem que, quando você está prestes a morrer, toda a sua vida passa diante dos seus olhos, como num filme. Clichê maior não existe. Uma experiência poética que manda você dessa para a melhor em estilo LSD. *Porra nenhuma!* A única coisa em que eu conseguia pensar naquele momento eram todos os salgadinhos não comidos que se espalhavam pelo chão, e em como as pessoas comuns, que dormiam àquela hora, tinham sorte.

Erínia soltou um ganido estridente e eu olhei para o dono da loja a tempo de me abaixar, desviando do próximo tiro de espingarda.

— Puta que o pariu! — foi o que falei, mas o que eu queria realmente dizer era “Nos salgadinhos, não!”.

Nosso algoz tinha mais ou menos quarenta anos, vestia uma cueca branca larga demais para seu corpo cadavérico e parecia atônito com a destruição causada pela perseguição do seu cão de guarda a uma adolescente. Ele mirou na minha direção, mas, por sorte, sua visão cansada fez a bala encontrar uma nova remessa de batatas chips.

O rottweiler ficou um pouco menos agressivo por conta do barulho dos disparos, o que fez seu dono tirar a mira de cima de mim e apontá-la na direção de Maeve, que soltou um grito no mesmo timbre de um violino desafinado.

O homem atirou.

A bala passou muito perto dessa vez, a apenas alguns centímetros de distância do braço da garota. O primeiro pensamento que me ocorreu foi de que aquilo era tudo minha culpa. Não podia permitir que as gêmeas se machucassem no seu primeiro roubo. Elas não eram as melhores parceiras para aquele tipo de serviço, mas eu meio que simpatizava com a diversidade que emprestavam à situação.

O homem se preparou para dar o próximo disparo, e algo me dizia que aquele podia ser o que acertaria o alvo. Me levantei, começando a ficar irritado. Costumo perder o tesão quando tentam matar alguém da minha família.

— Já chega! — falei a elas. — A diversão acabou, hora de ir para casa. Eu cuido dessa ba-

gunça.

— Mas... *e você?* — protestou Erínia.

— VÃO!

Para variar, elas me obedeceram e se desintegraram numa nuvem branca, da mesma forma como fizeram antes. Tanto o homem quanto o cão ficaram confusos — pareciam até gêmeos no comportamento. Um silêncio momentâneo caiu sobre o lugar e a atenção deles se voltou para mim.

Com um movimento da mão, desferi uma carga de energia na espingarda em riste. O feitiço arrancou a arma de seu portador e a arremessou no chão, para longe. A descrença em sua expressão chegou mesmo a ser cômica.

Há poucas coisas mais irônicas do que quando você interrompe a masculinidade de um homem. Armas de fogo costumam ter um efeito afrodisíaco na mão de idiotas que não têm medo de tirar vidas. Esses são os mais covardes quando perdem a sensação de poder sobre os outros. De repente, suas pernas tremem como as de crianças que encaram suas mães iradas.

Caminhei até ele, contemplando uma perplexidade natural, e estendi o dedo indicador direito para tocar sua testa. Foi tudo muito rápido, e talvez eu tenha usado energia demais por causa do estado de nervos que fazia meu sangue ferver. Seus globos oculares se tornaram duas luas brancas e ele desmoronou com um baque forte no chão.

Estava inconsciente.

Uma dor aguda me lembrou do cão, que agora atracava sua mandíbula no meu calcanhar. Precisei conter os instintos para não irromper num grito rouco e lancei a fera no ar com um movimento lacônico da mão. Num cenário comum, eu me recusaria a usar magia contra bichos de estimação, mas daquela vez era a única alternativa. O animal soltou um guincho reverberante quando encontrou o chão duro e ficou acuado por algum tempo, mas eu não pretendia pagar para ver até quando permaneceria sem atacar.

Ouvi o som galopante de sirenes se aproximando. Alguém chamou a polícia. *Que adorável! Tudo de que eu preciso agora...*

Ah, como eu invejava as pessoas comuns. Por isso usava um carro como meio de locomoção ao invés de uma nuvem branca. O teletransporte dos bruxos sempre me deixou mais nervoso do que dirigir.

Enquanto eu saía mancando pela porta, sentindo a mordida do cão latejar, uma mulher de camisola apareceu ao lado da entrada. O rosto lívido como o de um fantasma. Era a esposa do proprietário. Coloquei o capuz antes que ela tivesse um vislumbre do meu rosto e eu fosse obrigado a apagá-la também.

Resgatei o derradeiro cigarro da última aquisição no bolso da calça e o levei até a boca. Acendi o isqueiro e dei uma longa tragada no cano. A mulher segurou a respiração e eu pude ver o terror nos olhos dela.

— Não se preocupe — falei, deixando a fumaça escapar das narinas. — Seu marido acordará em algumas horas e não se lembrará de nada.

Ela choramingou.

Com a imagem dela na cabeça, fugi antes de a polícia chegar.

Capítulo 02 | Fratura Exposta

SONHEI QUE ERA uma pessoa comum e acordei com dor de cabeça.

A algazarra àquela hora da manhã era sempre grande, mas naquele dia em particular a excitação na casa estava alcançando níveis insuportáveis. Tentei abrir os olhos, mas a claridade atingiu minhas pupilas e voltei a fechá-los com um reflexo involuntário. Levou alguns minutos até que eu conseguisse me acostumar à luz para descolar as pálpebras de novo.

Olhei de esguelha para o relógio em cima do criado mudo.

06:04.

Porra, será que não podem me deixar dormir por mais meia hora?

Nesse momento, alguém bateu na porta do quarto e entrou sem que eu desse sinal de permissão.

— Tenho uma perna quebrada e preciso de ajuda — disse minha mãe. — O paciente chega em dez minutos, quero você na garagem em cinco.

— A tia Lena não pode ajudar? — implorei num resmungo sonolento. — Preciso me arrumar para a escola.

— Helena não dormiu em casa, Edgar. Garagem. Cinco minutos.

Ela saiu do quarto a passos largos para o andar de baixo. A contragosto, levantei da cama e uma pontada atingiu minha perna. Eu me concentrei com a mão sobre o calcanhar. Liberei energia e o incômodo se foi por ora — dei início ao processo de cura na noite anterior e só precisava cuidar por mais um dia ou dois para não ganhar uma cicatriz.

Considerava meu quarto grande, posto que minhas irmãs e primas dividiam os espaços onde dormiam. A casa era maior que muitas das residências em nossa rua, porém, em contrapartida, também tínhamos a maior família do quarteirão, e isso me dava o privilégio de ter um refúgio só para mim. Vantagens de ser o primogênito.

Antigamente, as pessoas se referiam à construção pelo nome de Residência Valburgo, aludindo, com respeito, a algum tipo de admiração que tinham pelos meus avós. Eu adorava o casarão não apenas pelo tamanho, mas pelo valor que carregava, pela história entranhada nas vigas de sustentação e até mesmo pelos primeiros sinais de deterioração do forro de carvalho intumescido.

As paredes brancas sugeriam uma sensação de limpeza que na verdade não existia. Minha cama era larga o suficiente para duas pessoas, mas duvido que eu fosse capaz de dividi-la com alguém sem que um dos ocupantes amanhecesse no chão. Perto do guarda-roupa, a mesa estava cheia de livros com títulos estranhos que não encontraram espaço na estante abarrotada no outro lado do quarto. A luz intrusa agredia minha sanidade através do vidro da janela que dava visão para a rua. Talvez fosse hora de comprar uma cortina capaz de me proteger do dia.

Alcansei um jeans jogado na costa da cadeira ao lado da janela inconveniente e vesti. Dormia de cueca desde os quinze anos porque não me importava com o frio e mesmo agora,

dois anos depois, nada mudou. Fui até um cesto cheio de roupas no canto paralelo à porta e procurei uma camisa que ostentasse o mínimo de decência e tivesse o odor suportável.

Lavar roupa nunca foi o meu forte.

Sentei de volta na cama e calcei meu novo adidas, tentando não pensar muito em como as pessoas normais tinham sorte. Deixei o quarto em direção ao banheiro. Joguei água no rosto e escovei os dentes o mais rápido que consegui, contemplando várias peças do guarda-roupa feminino penduradas no box do chuveiro, acenando para mim como expectadoras da rotina.

Dei uma longa mijada, depois lavei as mãos.

Enquanto descia as escadas, Acácia e Zara, que quase me atropelaram pelas costas, mantinham uma séria discussão pelo direito de comer o primeiro queijo-queijo. Lílian subia a escada na direção oposta.

— Bom dia, Ed — ela parou e cumprimentou. — Dormiu bem?

Eu a encarei por dois segundos.

— Quanto você quer? — perguntei.

— Uma oncinha...

— Você deve estar de brincadeira. Para que uma garota de treze anos precisa de cinquenta reais?

— Não sei, Ed... — devolveu ela. — Talvez para suprir um estoque escasso de absorventes numa casa com sete vaginas menstruadoras... ou talvez...

Lílian era conhecida por seu temperamento peculiar. Costumava irritar-se com certa facilidade. Nesse quesito, era quem mais se parecia com nossa mãe.

— Não precisa dizer essas coisas em voz alta. É esquisito — eu disse, acrescentando em seguida: — Ei, espera um momento... Acácia e Zara também já... você sabe...?

— Ed!

Eu perguntei algo de errado? Tudo bem, talvez não fosse da minha conta, mas eu realmente não tinha como saber se minhas duas irmãs mais novas já tinham... bem... você sabe... *florrescido*.

— Tá! — anuí. — Minha mochila, debaixo da cama, bolso da frente. E nada mais que cinquenta, entendeu?

— Amo você, maninho — disse ela, depois me deu um beijo na bochecha e continuou a subir as escadas.

Quando dei por mim, estava tentando afastar a imagem de vaginas menstruadas da cabeça. Coisas como essa se tornaram comuns, uma vez que eu era o único homem na casa e dividia o espaço com outras oito mulheres nada fáceis de lidar.

O andar de baixo estava demograficamente poluído. Acácia e Zara corriam pela sala, enquanto as gêmeas pintavam as unhas dos pés uma da outra no sofá com os esmaltes adquiridos noite passada. Ágata, minha mãe, estava na garagem. Nenhum sinal de tia Lena até agora, mas *essa* ausência não era incomum. Olívia, a tia mais nova, preparava o café da manhã na cozinha.

A TV sintonizava num programa de previsão do tempo que ninguém assistia. A mulher na tela falava a respeito de uma geada que ficaria sobre a cidade pelos próximos dias. Fui até a cozinha e encontrei Olívia amassando dois pães em uma frigideira amanteigada. Estava, como sempre, animada demais para aquela hora da manhã, e isso me fez concluir que sua disposição para encarar o futuro não era do tipo velada.

— Bom dia, Ed — cumprimentou ela. — Quer um pouco de café?

— Talvez daqui a pouco. Cliente a caminho.

— Hum... isso explica a correria na garagem. Precisam de ajuda?

— Não, tudo bem. Perna quebrada, nada crítico.

— Entendo.

Olívia se oferecia com frequência para ajudar minha mãe, mas suas habilidades não eram apropriadas para o que fazíamos na garagem. Ela era uma exímia manipuladora de mentes e não sabia muito sobre curar pessoas. Por isso, apenas tia Lena e eu costumávamos auxiliar no atendimento aos clientes.

— Está a fim de sair à noite? — convidou.

— Com certeza.

— Ótimo. Agora, acho melhor não deixar Ág esperando.

— Eu sei — caminhei até a porta da cozinha, que dava para o quintal. — Trouxe Marlboro para nós dois. Bom estoque dessa vez.

— *Timing* perfeito... estou no último maço.

Saí para o terreno da casa e logo me arrependi de não ter vestido algo mais quente. Fazia muito frio do lado de fora; o suficiente para eu contemplar meu próprio hálito. Talvez a mulher da previsão do tempo não fosse uma pessoa tão comum no fim das contas. O sol estava nascendo e a luz amarela do dia era visível no horizonte a alguns quarteirões de distância, mas ele não prometia calor.

Fui até a garagem pela entrada dos fundos.

Não era bem um local onde costumávamos guardar carros, ferramentas e tranqueiras sem mais utilidade. Para efeitos de informação, a garagem era também um tipo de consultório que usávamos nos serviços menos convencionais.

Havia flocos de luz incandescente flutuando acima das nossas cabeças, porque, como qualquer criança sabe, eletricidade e magia nunca se deram bem. O chão branco era limpo como uma sala de cirurgia. Todas as paredes exibiam armários de vidro e prateleiras de madeira negra, que por sua vez ostentavam uma distinta coleção de aparatos mágicos e ingredientes pitorescos. No centro da garagem, havia uma mesa redonda esculpida de uma rocha antiga, sobre a qual realizávamos a maior parte dos procedimentos de cura, e ao seu lado descansava um púlpito que servia como altar para o Grimório da família.

A luz bruxuleou por causa da brisa vinda de fora, enquanto minha mãe preparava uma poção numa tigela ritualística de barro. Entrei e abri o Grimório na página de reconstrução de ossos. Era um dos procedimentos mais enfadonhos do livro, mas a grana era boa e nós precisávamos dela.

— Me passe a essência de beladona, querido — pediu minha mãe.

Fui até o armário no qual guardávamos os suprimentos mais utilizados nas poções. A essência de beladona ficava na segunda prateleira da estante, um líquido arroxeadado dentro de um frasco comprido. Entreguei para ela e a observei pingar uma única gota no conteúdo do remédio que preparava.

— Então, quanto conseguiu ontem? — quis saber.

— Um, sete, zero — respondi.

— Só isso? Seria melhor ter ido vender doces no semáforo... — minha mãe conseguia ser bem sarcástica quando queria.

— O cara deve ter guardado o dinheiro antes de terminar o expediente. Nada que eu pudesse fazer a respeito.

— Tudo bem, sei como é, mas vamos ficar no vermelho esse mês — disse ela. — Com tantas parcelas atrasadas, receio que vou ter de deixar cortarem a internet.

— Ah, qual é? Justo a internet...?

— Você prefere que seja a luz? Ou a água? Não há outro jeito, Edgar...

— Quanto vamos conseguir pela perna?
— Duzentos.
— E quanto vai faltar?
— Juntando todas as contas, mil, mil e cem, ou algo em torno disso...
— Merda! — praguejei. — Certo, vou tentar arranjar isso hoje.
— E as gêmeas, o que me diz, valem de alguma ajuda?
— Pouca — resumi. — Vou sair com Olívia esta noite e ver se consigo o resto.
— Está bem, mas tome cuidado. Olívia está muito irresponsável ultimam...

Não tive tempo de responder. Alguém bateu com força na porta da garagem. Quando abri, encontrei um homem com o rosto cheio de cicatrizes e o cabelo desgrenhado. Os olhos piscavam frenéticos, exibindo as pupilas negras dentro de íris amarelas, típicas da espécie. Tratava-se de um Lince: era humano, claro, mas sua forma original lembrava um felino.

Sendo bruxos, nossa clientela não era lá muito normal. Quer dizer, os comunais — como nos referíamos aos humanos convencionais — tinham a opção de frequentar hospitais, sem questionamentos. Um licano, por outro lado, ou um homem-besta, uma harpia, um notívago, ou qualquer outra espécie mágica... nenhum deles podia recorrer à emergência de um pronto-socorro.

Era aí que nós entrávamos. A cidade estava cheia de criaturas que deixariam os humanos de cabelos em pé se soubessem da sua existência. Como minha mãe era a única curandeira das imediações, eles recorriam a ela para os serviços médicos. O homem à porta da garagem exalava um odor de enxofre, e empurrava um carrinho de mão, desses de construção civil, com um garoto dentro.

E, claro, sua perna quebrada. *Detalhes.*

— Um momento aí — disse minha mãe para o homem. — Você não mencionou nada sobre fratura exposta pelo telefone.

A bem da verdade, o que quer que aquele garoto tivesse feito para quebrar a perna, àquela hora da manhã, tínhamos de aplaudir tamanha criatividade. Ambos os ossos da tíbia esquerda pendiam para fora da carne, como os galhos quebrados de uma árvore. Havia muito sangue escorrendo do ferimento e o cheiro quente do líquido era nauseante.

— Como é que eu devia saber que isso importa? — arqueou o homem, atônito. — Uma perna quebrada é uma perna quebrada, estejam os ossos dentro ou fora da carne.

— É óbvio que não! — minha mãe tendia a ficar exasperada com facilidade. — Os procedimentos são completamente diferentes para cada caso. Sem falar que a cura é mais demorada e o preço, mais alto.

— Caramba! Você deve estar brincando...

— Eu pareço estar *brincando*? — ela o desafiou a responder. — Duzentos a mais ou então leve embora da minha propriedade esse pobre infeliz.

— Maldição, mulher! Assim é que se fode o meu bolso...

— Você pode levá-lo a um hospital, se preferir — intervi na discussão. — Ele vai passar por uma cirurgia complicada, sem nenhuma garantia de que vai acordar com a perna ainda presa ao corpo. A recuperação, com ou *sem* a perna, deve levar em torno de seis, sete meses, para dizer o mínimo. Isso, é claro, se você tiver dinheiro suficiente para arcar com as sessões diárias de fisioterapia, numa dessas clínicas de pessoas ricas metidas a besta, que olham a gente como bosta de cachorro seca e pisoteada no asfalto. No fim desse período, se o seu filho conseguir voltar a andar, pode ficar com sequelas e até mancar pelo resto da vida. Mas tudo bem, certo? Ele vai saber que o pai fez o melhor que pôde para ajudá-lo e dar graças aos céus pela perna boa que ainda lhe resta.

O homem me olhou com horror na expressão.

— Pagamento adiantado, por favor — acrescentei, sorrindo.

Ele sacou a carteira do bolso, contou os quatrocentos reais e passou para minha mãe. Ela aceitou o dinheiro, dobrou as notas em quatro partes e guardou bem fundo dentro do sutiã.

— Você pode esperar lá fora — anunciou ela.

— Por quê? Eu quero assistir...

— Acredite em mim — sugeri —, você *não* vai querer presenciar isso.

O homem se deu por vencido e saiu.

Fechei a porta atrás dele e girei a chave na maçaneta, por segurança. O garoto no carrinho produzia gemidos esporádicos. A dor venceu e agora ele delirava. Empurrei o carrinho para perto da mesa de pedra no meio da garagem, com os flocos de luz incandescente flutuando sobre ela.

Erguemos o garoto para cima da mesa e demos início aos procedimentos. Pus os dedos sobre ambos os lados de sua têmpora e busquei concentração. Quando liberei a primeira carga de energia ele apagou por completo; uma anestesia poderosa que duraria pela próxima hora. Minha mãe foi até o Grimório e leu as palavras inscritas na página.

Era sempre uma experiência incrível assisti-la usar seus poderes. Ela era a bruxa mais poderosa da nossa família, e a mais habilidosa da linhagem Valburgo ainda viva. Conforme proferia o feitiço, os ossos na perna do garoto se moveram lentamente para dentro da carne, realocando-se no lugar onde deveriam estar.

Entre o processo da Restauração e as pausas para evitar a sobrecarga de magia no corpo do paciente, a reconstrução óssea levou em torno de quarenta minutos. O frio lá de fora não incomodava mais; estávamos ambos suando com o calor da magia. As células de energia trabalhavam em conjunto para religar todos os rompimentos na perna do garoto. Quando ela terminou, o sangramento já não existia e restava apenas o rasgo na carne, igual a um urso de pelúcia com buracos nas pregas.

— Acabei minha parte — disse ela. — Pode costurar.

Fui até a prateleira de utensílios esterilizados e peguei uma agulha em forma de anzol com a linha preta de silicone. Levei poucos minutos para completar os trinta e dois pontos da sutura. Coloquei a mão sobre o ferimento e liberei mais energia, canalizando a anestesia administrada anteriormente no corpo todo e restringindo-a à perna machucada.

O garoto acordou alguns segundos depois.

Aagitado e com medo, seus grandes olhos amarelos de Lince varreram a garagem. Quando se apercebeu do ambiente à sua volta, pareceu confuso, depois horrorizado e por fim aliviado. Tudo isso em um curto espaço de tempo.

— Não se preocupa, cara — tentei tranquilizá-lo. — Aqui não fazemos perguntas.

Ele olhou para mim, depois para minha mãe e pousou sua visão sobre a perna esquerda. Alarmou-se ao ver que ela não doía mais e estava sem nenhuma galhada óssea para o lado de fora.

— Preste atenção, docinho — minha mãe sentou ao lado da mesa de pedra, encarando-nos olhos; adotou um tom mais gentil. — Você acabou de passar por uma reconstrução de ossos bastante delicada. Uma *cirurgia*, se quiser chamar assim. Você não vai poder andar por pelo menos três ou quatro dias, e sua perna, lamento, vai doer um bocado pelas próximas duas semanas.

Ela colocou o líquido da tigela com o remédio em um frasco e o entregou ao garoto. Ele aceitou e guardou no bolso do moletom.

— Você precisa beber uma gota desse líquido duas vezes por dia até ele acabar — conti-

nuou ela. — Vai ajudar com a dor e fazer a cicatrização da pele acontecer mais depressa. Tudo bem? Agora, *chispa* da minha garagem.

Eu o ajudei a sentar de volta no carrinho de mão e o levei até a saída. O homem do lado de fora averiguou a perna do filho e ficou ao mesmo tempo satisfeito e assombrado com o trabalho.

Ele nos agradeceu.

— Você já conhece o bê-á-bá — decretou minha mãe em tom de aviso. — Nada disso aconteceu aqui. Se contar para algum comunal, não vai gostar de receber minha visita à sua casa. Bico fechado é o ouro da boa-vizinhança. Estamos entendidos?

— S-sim, obrigado.

Capítulo 03 | Recém-Chegado

ATRASADO PARA O primeiro dia de aula.

Aquilo não era nenhuma novidade. Curar a perna do garoto levou mais tempo que o usual. Por sorte, Anévoa era uma cidade do tamanho de uma casca de noz e eu podia acelerar sem dificuldades para chegar à escola.

Morávamos na Capitália, um estado brasileiro pouco conhecido pela maioria dos comunais. Sua capital era Jardim dos Córregos, e havia uma grande floresta separando-a de Anévoa. No passado, a concentração de magia expelida na atmosfera por bruxos inconsequentes e de hábitos questionáveis acabou nublando a percepção das pessoas quanto à existência do local, de sorte que hoje em dia, quando os comunais se deparam com um pequeno conglomerado de terra entre os estados do Sul, ficam surpresos e questionam o próprio conhecimento sobre geografia, mas logo se esquecem de que viram qualquer coisa fora do normal.

No fim das contas, tal fato culminava numa proteção natural para os bruxos da Capitália. Mesmo os comunais que moravam aqui tinham uma percepção deturpada da realidade, que na prática os impelia a não acreditar, pelo menos logo de cara, quando confrontados com a existência de magia. Algumas vezes, contudo, quando um bruxo ou criatura mística se expunha demais, tínhamos de cuidar para que os comunais permanecessem com a névoa em sua compreensão acerca do local.

Estacionei o Jetta a alguns metros de distância do prédio, porque, oficialmente, eu não era habilitado para dirigir, já que ainda tinha dezessete anos. Portanto, guardar o veículo nas imediações não era uma alternativa.

As gêmeas saíram apressadas.

— Calminha aí, Tico e Teco — falei com um sorriso no rosto. — Escola nova, pessoas diferentes, a vida de vocês vai dar uma guinada. Querem alguma dica?

— Como se você fosse um expert no assunto, cabeça — Erínia mostrou seu acessório mais característico: o dedo do meio.

— Além do mais — acrescentou Maeve —, vou ser idolatrada no momento em que entrar por aquela porta.

— Não estão esquecendo de nada? — sugeri.

Elas ficaram confusas. Junte duas garotas cuja maior preocupação é combinar o chaveiro da mochila com o prendedor de cabelo, e o resultado serão alguns neurônios a menos na cabeça de cada uma.

— A regra de ouro dos Valburgos — expliquei. — É proibido usar magia entre os comunais.

Maeve parecia exasperada e Erínia bufou com indignação.

— Essa é uma regra estúpida, se quer saber — opinou Maeve.

— É o que nos manteve seguros até hoje — retruquei.

— Seguros de quê? — provocou Erínia. — Não acha mesmo que essas merdinhas incapa-

zes de usar magia vão nos perseguir como faziam com nossos ancestrais, acha? Estamos no século XXI, cacete!

Proibidas por tia Lena de falar palavrões, as gêmeas sempre maldiziam seus infortúnios com xingamentos dos anos oitenta, como “merdinhas” ou “cacete”. Em contraste à personalidade de ambas, você podia pensar que estava assistindo a um filme dublado toda vez que as ouvisse praguejar.

— Ei, não venham com a reclamação para cima de mim — me defendi. — Eu não criei a regra, apenas a obedeço. A não ser, é claro, que pretendam ter uma conversa a sós com dona Ágata sobre nosso estilo de vida.

As duas hesitaram.

Minha mãe não era o tipo de pessoa com quem você gostaria de discutir sobre algo relacionado às restrições do uso de magia. Para ser justo, se você conhecesse minha mãe do jeito que nós conhecíamos, não iria gostar de discutir com ela sobre nada e ponto final.

As garotas foram embora sem olhar para trás. Talvez não precisassem de ajuda para se enturmar, afinal. Sendo filhas de tia Lena, era necessário bem mais que uma escola cheia de pessoas com neurônios a menos para assustá-las.

Tranquei o carro e caminhei em direção ao prédio. Nenhum transeunte retardatário à vista. Não, aquilo era um mérito pessoal. Digamos que meus atrasos para as aulas estavam longe de ser uma novidade. Talvez o fato de eu nunca chegar no horário tivesse algo a ver com essa situação.

Entrei na escola e apertei o passo até o número 24 na placa ao lado da porta. A professora já estava na sala de aula quando cheguei e parecia dar o seu famigerado-sermão-de-início-de-ano-letivo.

Merda!

— Com licença? — arqueei, solene, depois de bater na porta, enquanto exibia minha melhor expressão de cachorro que caiu do caminhão da mudança.

No mesmo instante percebi os olhos que me encaravam. A ciência comprova que todo e qualquer evento que acontecer no ambiente de uma sala de aula será mais interessante do que o assunto sobre o qual o professor está falando no momento específico.

Tudo bem. Talvez a ciência não comprove esse fato, mas está claro que deveria.

— Seu Edgar! — disse a professora Narcisa no seu usual timbre de roedor. — Que sorte a nossa, o senhor se juntar à aula hoje. Sendo uma pessoa tão ocupada...

O sarcasmo mandou lembranças.

— Desculpe, professora — retorqui. — Fiquei preso com um problema de saúde em casa e acabei perdendo a hora.

Não era a verdade, mas também não era de todo mentira. Uma fratura exposta soa bastante como um problema de saúde na minha opinião.

Ela pendurou um sorriso no rosto que mandava a mensagem de que eu não enganava ninguém com aquela justificativa, e que ela era esperta demais para esse tipo de ladainha.

— Mais dois atrasos e terá uma falta completa — disse ela. — Ande, vá se sentar, antes que eu mude ideia e o envie para a diretoria.

Fechei a porta atrás de mim e procurei um assento vazio. Havia três carteiras sem ocupantes, uma na fileira da frente e as outras duas no fundo da sala com a vista da janela. Fui até a que ficava perto da parede de trás e sentei tentando não chamar mais atenção. Uma garota negra linda que eu nunca vi antes sentava-se do outro lado — uma novata. Ela sorriu para mim e eu retribuí, tímido.

— Como eu estava dizendo — a professora retomou de onde a interrompi —, este é o úl-

timo ano escolar de vocês. Serão, portanto, os últimos dez meses letivos antes de precisarem escolher o que fazer pelo resto de suas vidas. Para os poucos que pretendem cursar uma faculdade, a brincadeira acabou. Esforço e determinação são as únicas coisas capazes de colocá-los numa universidade no próximo ano.

Para minha surpresa, o discurso me atingiu como um soco no estômago.

Nunca contei isso a ninguém, mas tinha intenção de cursar medicina. Na verdade, se levasse a ideia adiante, eu seria o primeiro na linhagem Valburgo a entrar para uma universidade. De todos os meus motivos, o maior deles era a possibilidade de agregar o conhecimento místico da minha família às habilidades médicas.

Na minha concepção, não havia pensamento mais extraordinário.

— ...não se assustem com o aumento de conteúdos ensinados este ano — continuou a voz aguda da professora. — Devemos, afinal, cobrir todo o programa exigido nos vestibulares mais import...

Uma batida na porta da sala interrompeu o discurso da professora.

De novo.

A atenção dos alunos mudou de foco tão logo uma alternativa surgiu. O diretor Fausto entrou na sala acompanhado de um garoto que vestia jeans, camisa preta de manga comprida e tinha o cabelo louro bagunçado. O cara era bonito, preciso admitir. Todos os seres humanos com tetas naquele recinto despertaram num estalo. As garotas se acenderam como lâmpadas.

— Desculpe a interrupção, professora Narcisa — disse o homem, respeitoso.

— Sem problemas, diretor. Eu explicava aos estudantes a importância deste último ano letivo para eles.

— Ah, sim. Formidável, professora, de fato, muito importante. Este jovem rapaz se chama Klaus. Veio transferido de outra cidade e a partir de hoje integrará o quadro de discentes da nossa escola. Se não for abusar da sua gentileza, gostaria que indicasse um aluno para apresentar o campus a Klaus no intervalo da recreação. É bom que ele conheça as instalações do prédio o quanto antes para se acostumar ao lugar.

Por um breve momento, as garotas ficaram alvoroçadas. Competiriam até a humilhação pública se isso significasse que poderiam bancar o guia-turístico do sangue-novo. Algumas inclusive levantaram a mão se oferecendo como voluntárias.

Infelizmente, aquela era a oportunidade perfeita para ensinar uma lição.

— Estou certa de que Edgar fará esse trabalho com prazer, diretor — a professora lançou um sorriso macabro na minha direção. — Talvez isso até o encoraje a não se atrasar mais para as aulas.

Não vejo como, quis dizer, mas fiquei de boca fechada.

E pela segunda vez em menos de dez minutos, todos os olhos da sala se viraram para me encarar. Devo confessar que, como usuário de magia, eu tinha sensibilidade o suficiente para perceber o misto de reações emocionais das pessoas, como se fossem vibrações. Naquele momento, consegui captar uma sensação nada agradável de raiva e inveja canalizada para mim.

— Excelente, professora, excelente — aprovou o diretor. — Vou deixá-la em paz para dar a sua aula. Por favor, continue.

O homem saiu da sala e a professora retomou seu monólogo sobre a brevidade com que aquele ano se passaria. Fez questão de deixar claro que estávamos por nossa conta e risco. O garoto, por sua vez, cometeu o crime de não se dirigir ao assento da frente, escolhendo ao invés disso a carteira ao meu lado, chamando atenção, e agora os dois novatos me faziam de sanduíche.

Eu, Edgar Valburgo: Nº. 1 mais odiado da sala 24.

— E aí? — ele esticou os lábios quando se sentou.

O sorriso dele me pegou desprevenido e eu senti uma pontada dentro da cueca.

Apenas acenei em retorno.

Três períodos depois, quando o sinal do intervalo finalmente explodiu, fiquei pensando por onde deveria começar a marcha fúnebre da qual me incumbiram. O prédio com as salas de aula era exaustivamente óbvio e eu não acreditava que ele teria alguma dificuldade para achar as salas. A quadra poliesportiva ficava no outro extremo do terreno da escola, na lateral do campo de futebol, por isso achei melhor deixar esses dois lugares por último. Resolvi, contrafeito, mostrar o laboratório de ciências, que ficava mais perto de onde estávamos.

— Pronto para conhecer o inferno? — abordei o novato.

— Você vai ser meu Virgílio, então?

— Fazer o quê? — dei de ombros. — Você é um cara de sorte. Mas receio que nossa jornada vai terminar no purgatório. Não existe *céu* nessa escola...

— Tanto faz. O paraíso é superestimado mesmo — ele sorriu e piscou o olho.

Algo na expressão dele me deixou curioso. Qualquer ser humano em um raio de um quilômetro que entendesse referências à Divina Comédia só podia ser muito estranho. Eu era a prova viva daquilo.

Ele percebeu a surpresa no meu semblante e se apressou em falar.

— Olha, cara, você realmente não precisa fazer isso — ofereceu ele. — Posso explorar por aí sozinho, se não estiver a fim de bancar o cão-guia.

— Relaxa — arqueei. — Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

— Tem certeza?

— Quase — respondi. — Podemos ir?

Conduzi o passeio para fora da sala de aula, mas o trajeto pelos corredores não foi lá muito confortável. Klaus era um dos novatos menos convencionais que a escola recebia. Os únicos sangues-novos admitidos com frequência eram os calouros do primeiro ano, bem menos interessantes e definitivamente menos desejados.

Klaus, pelo contrário, além de ser um terceiranista e possuir uma beleza superior à maioria dos estudantes, também era desconhecido por todos. *O cara de outra cidade*. Não foi surpresa quando se tornou o objeto de interesse imediato de setenta por cento dos desocupados que frequentavam o lugar. Além dele, apenas a outra garota ingressou na turma, mas por alguma razão as pessoas a consideravam menos digna de nota.

Antes de chegar ao laboratório de ciências, topamos com as gêmeas no caminho.

— Ninguém sofreu um acidente inexplicável até agora? — zombei. — Isso deve ser um recorde até para vocês.

— Vai se ferrar, Ed! — disseram elas em uníssono, sem desacelerar o passo.

— Também amo vocês, Timão e Pumba...

Klaus lançou um olhar divertido na minha direção.

— Primas... — expliquei. — Duas doses de uma única ressaca.

— Parecem legais.

— Talvez quando estão dormindo — sugeri. — Não, espera... nem quando estão dormindo, para ser sincero.

Rimos daquilo.

— Entendo o que quer dizer — emendou ele. — Tenho um irmão e um primo que também vieram estudar aqui. Dois primatas, na minha opinião. Devem estar demarcando território em algum lugar a essa altura, para infelicidade das garotas.

Balancei a cabeça, fingindo que compreendia a situação. Mas, para falar a verdade, ser o único homem numa família de oito mulheres não me garantia uma visão muito clara do mundo masculino. Eu entendia os comportamentos humanos de um modo geral, mas isso não significa que eu os experimentava em primeira mão.

Pense comigo...

É necessário muito mais do que apenas saber como os sorvetes são feitos. Você precisa colocar uma bola-cremosa-sabor-chocolate inteira na boca e deixar seu cérebro congelar para realmente concluir o rito do sorvete. Assisti-lo, de longe, enquanto a sorveteria fica lotada de clientes, não permitirá que sua experiência seja completa.

Algo parecido acontece com as pessoas.

— Este é o laboratório de ciências — indiquei, apontando para a sala com grandes pias e materiais de plástico que lembravam as partes da anatomia do corpo humano. — Você será apresentado ao professor Simão nas aulas de biologia. Meus pêsames por isso...

— O cara deve ser um campeão — disse ele.

Que alívio! Ele sabe usar sarcasmo...

— Bem, os outros alunos normalmente se referem a ele de uma forma diferente. Mas tem quem goste, certo? Agora, vamos ao ginásio onde fica a piscina olímpica.

Saímos do prédio das salas de aula e nos vimos livres dos olhares exigentes que nos perseguiam desde o número 24. Percorremos o caminho gramado até um tipo de galpão coberto. Ninguém frequentava a piscina àquela época do ano. A temporada de competições só começava no segundo semestre, quando não fazia tanto frio.

Entramos no ginásio pela porta lateral, próxima ao vestiário. A água na piscina jazia calma como num remanso gelado. Eu mesmo não ia àquele lugar muitas vezes, apenas nos dias de atividades obrigatórias e nos campeonatos de verão, quando o desfile dos competidores seminus representava um passatempo agradável para um cara como eu.

— É aqui onde são ministradas as aulas de educação física quando os professores *não querem* dar aula e deixam os alunos se divertirem na água. Caso você se interesse por competir, precisa falar com o treinador Augusto. É ele quem faz a seleção para as competições de natação. Você sabe nadar?

— Nunca cheguei a competir.

— Bem, de qualquer forma, não é lá grande coisa — dei as costas para Klaus, contemplando a piscina, fria e convidativa. — A maioria dos, abre aspas, atletas, fecha aspas, mal sabe boiar na água. Mas fazer parte do time de natação dá créditos extras aos alunos e isso é algo que nunca é demais por aqui.

— Bom saber disso. Nesse caso, talvez eu entre para o time.

— Depois apresento você ao... Mas que porra! Você ficou maluco?

Para meu assombro — e eu não costumo ser uma pessoa impressionável —, Klaus estava sem a camisa, com os tênis e meias jogados no chão, e já desabotoava o cinto da calça quando voltei a encará-lo.

— Ah, qual é? Só um mergulho, vai...

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedi-lo, ele tirou a cueca e se jogou na piscina.

— Puta que pariu! — praguejei, mas queria mesmo era dizer “uau”.

Ele mergulhou e nadou abaixo da superfície por alguns metros. Depois emergiu com um sorriso desconcertante.

— O que foi? Não vai me dizer que tem medo de água ou algo parecido... — ele piscou o olho direito, dessa vez com óbvias segundas intenções. — Se não entrar, vou precisar pedir

ajuda à professora Narcisa, já que meu guia está sendo tão relapso em mostrar as coisas legais da escola.

Avaliei a expressão dele e entendi o recado.

Me despi e entrei na água.

Depois transamos no vestiário.

Capítulo 04 | Temporada de Caça

EXISTE UMA COISA muito próxima da loucura. Ela se chama idiotice.

Foi o que eu fiz.

Muito além do que eu imaginava, os acontecimentos daquele dia superaram minhas expectativas. Eu não costumava perder o controle, e era óbvio que o que fiz poderia me colocar em maus lençóis se não conseguisse contornar a situação.

— Está a fim de beber alguma coisa hoje à noite? — perguntou Klaus, enquanto nos vestíamos, molhados e ofegantes, num dos corredores do vestiário. — Ainda não conheço a cidade e eu bem que podia usar um guia como você.

Ele sorriu, arqueando o olhar com uma pontada de insinuação.

— Não posso — recusei.

Klaus notou meu desconforto.

— Alguma coisa errada? — perguntou.

— Tenho um compromisso — redargui, evasivo; ele não pareceu comprar a resposta, por isso completei: — Prometi levar minha tia para sair hoje. Pegaria mal cancelar de última hora ...

— Tudo bem — disse ele. — Uma próxima vez, então.

O resto da aula foi estranho.

Voltamos do intervalo e era como se todos desconfiassem do que fizemos — em especial a outra novata, cujo nome, agora eu sabia, era Úrsula. Cheguei a ficar... *envergonhado*? Era essa a palavra? Sempre que nossos olhares se cruzavam, meus e de Klaus, sentia como se compartilhássemos algo perigoso, um segredo perturbador que ninguém podia descobrir. Compartilhávamos um clichê.

O pior cenário de uma paranoia é quando ela tem um fundo de verdade.

Eu costumava me relacionar com outros homens, mas nunca com alguém da minha idade, que estudava na mesma escola, e que pudesse colocar tudo a perder. Fazer as pessoas acreditarem que eu gostava de garotas deixava a vida menos complicada. E eu não pretendia acabar com aquela ilusão num futuro próximo.

Havia algum tempo desde que minha confusão sexual se tornou uma certeza. A partir de então, vinha camuflando meus desejos através de pequenas ações, levando as pessoas a acreditarem no que eu quero que acreditem.

Exercitar habilidades básicas de persuasão era indispensável. Plante uma ideia aqui, uma frase comedida acolá, assopre nos ouvidos certos, e o resultado será todo mundo corroborando sua versão da história.

Quando você mora num lugar como Anévoa, é melhor aprender a dançar conforme a música, caso contrário passará a ter problemas desnecessários que podiam ser evitados. Claro que havia outros gays pela cidade, mas você nunca iria encontrar a bandeira do arco-íris hasteada por aí.

Era uma questão de senso comum.

Porém, existia algo estranho sobre Klaus. Ele certamente não tinha o perfil das minhas transas aleatórias com desconhecidos. Não, devia ser outra coisa. Eu só não fazia ideia do que era.

— Oi, Kaká... — o sinal do último período tocou e Jéssica veio até nós quando saíamos para o corredor, ignorando minha presença de propósito.

A Senhorita-Abelha-Clichê-Rainha.

— Meu nome é Klaus — corrigiu ele, calmo. — Você pronunciou errado.

Ela riu, achando que ele brincava quando falou.

— Que seja! Enfim, eu estive pensando... — continuou ela, excitada. — Já que você é novo por aqui, ainda não conhece muita coisa na cidade. E como tenho um tempinho livre na minha agenda resolvi encaixar você... apresentar alguns lugares legais que eu conheço. Que tal um cineminha às seis?

Uau.

Ela era direta, você não pode negar.

Klaus olhou para mim, trazendo como consequência o olhar de Jéssica também. Pareceu considerar algo por um momento, e então respondeu.

— Claro, por que não?

Ele pegou um pincel de dentro da mochila e escreveu algo na palma da mão de Jéssica. O telefone dele. Em números grandes e pretos. Do ângulo onde eu estava, conseguia vê-los sendo escritos, e percebi que aquela era exatamente a intenção.

Fiz uma nota mental para salvar os dígitos no meu celular mais tarde.

Jéssica pareceu não caber em si por causa do comportamento do novo partido. Ela voltou para o seu enxame, que assistia à cena de uma distância segura. As garotas cochicharam alguma coisa e riram baixinho do que quer que tivessem achado divertido.

Quando saí da escola, fui direto para o trabalho. Olívia veio buscar as gêmeas. A quatro blocos do prédio escolar, estacionei o carro em frente à Livraria Amarela. A proprietária era uma viúva, dona Morgana, que aos vinte e cinco anos de idade não sabia o que fazer com a própria vida e resolveu abrir uma livraria.

Em todo o trajeto que fiz até lá, não fui capaz de parar de pensar no que eu fiz. Ou melhor, na falta de controle que poderia acarretar consequências nada agradáveis sobre a minha vida e meus planos de passar despercebido.

Quando entrei pela porta, fui recebido por dona Morgana.

— Você me deve um turno, seu preguiçoso — acusou ela, apontando o dedo na minha direção. — Esqueceu que esse pardieiro abre às oito da manhã?

Eu suspirei.

— Não, dona Morgana, quem esqueceu alguma coisa aqui foi você — devolvi. — Hoje começou o ano letivo, lembra? Venho falando disso há mais de duas semanas.

— Duas semanas! É a primeira vez que ouço tamanha mixórdia.

Aquiesci, ainda tentando pensar em outras coisas.

— Bem, agora você está avisada. A partir de hoje, volto ao meio período de trabalho. O turno da tarde. Como sempre foi, desde a minha contratação.

Ela deu de ombros.

— Eu devia descontar do seu salário. Você está muito *saidinho* para o meu gosto. Na minha época ninguém perdia trabalho para frequentar escola.

— Você é formada em história — retorqui. — Como é que pode não ter frequentado a escola?

— Olhe o respeito, garoto — ameaçou ela, e depois começou a monologar para si. — Esse diabo de juventude de hoje! Não sabe o que é bom para tosse...

— Posso ir me preparar? — meu uniforme consistia em um avental amarelo, com o nome da livraria estampado em letras datilográficas que ostentava um crachá com o meu nome. — Já está ficando tarde e eu ainda nem almocei.

— Não almoçou? — ela retornou ao seu usual tom de tranquilidade. — Bem, tenho alguma sobra da torta de frango no meu apartamento. Posso esquentar para você, se quiser.

Dona Morgana morava em cima da livraria, num grande apartamento de dois quartos e uma suíte, desde que abriu o negócio. Era uma solitária de setenta anos. O marido faleceu há uma década e eles nunca tiveram filhos. Podia não admitir, mas ela adorava minha companhia.

Fui contratado aos quinze anos, quando vi uma placa de **PRECISA-SE DE VENDEDOR** na vitrine da livraria ao passar pela rua. No começo ela não confiava em mim, mas aos poucos fomos nos entendendo e eu prometi a mim mesmo que jamais a roubaria.

Quase três anos depois, ainda mantenho minha promessa.

— Sim, dona Morgana. Eu adoraria um pedaço da torta de frango.

— Ótimo, ótimo. Eu vou esquentar — ela foi em direção à escada que dava acesso ao apartamento no andar de cima e se lembrou de algo: — A propósito, agradeça sua mãe por mim. O chá de erva que ela prescreveu acabou com minha insônia. Tenho dormido como uma pedra lodosa nessas últimas noites.

— Pode deixar — garanti. — Eu entrego o recado.

Assim que fiquei sozinho, decidi ocupar minha cabeça com alguma tarefa. A única forma de me livrar da culpa pelo que permiti acontecer mais cedo seria me concentrar em algum trabalho por fazer. Felizmente, aquele era o lugar certo para isso.

A livraria começou com apenas um cubículo, no qual dona Morgana gastou a pouca economia angariada no emprego de professora escolar para encomendar sua primeira remessa de livros. Ao longo do tempo, e graças a seu talento natural para administração, ela conseguiu expandir o negócio em uma constante. Hoje, o espaço era bem maior do que mostravam as fotos dos primeiros anos, possuía vinte vezes mais estantes e os livros vendiam fácil.

As pessoas da vizinhança e dos bairros próximos tornaram-se clientes fiéis, e, por mais incrível que pareça, o número de leitores que frequentava a Livraria Amarela destoava das estatísticas a respeito do hábito de leitura da população.

— Não leem o escambau! — praguejava dona Morgana quando se deparava com esses números em alguma revista metida à besta sobre educação e literatura. — Compram meus livros para quê, então, limpar a bunda?

De certo modo, trabalhar ali era um pouco surreal. Ser o primeiro e único funcionário já contratado para auxiliar dona Morgana me caía mais como um hobby que um emprego de verdade. Três anos atrás, quando topei por acidente com a vaga de vendedor, estávamos passando por algumas dificuldades em casa. Falta de clientes, muita gente para comer e as contas amontoando em pilhas. Minha mãe nunca pediu — e na verdade nem concordou no começo — que eu passasse a contribuir financeiramente para a renda da casa.

— Você é novo — dizia ela — e tem coisas mais importantes com as quais ocupar a mente, como estudar, por exemplo.

Depois de conhecer dona Morgana, porém, e avaliá-la sob critérios rigorosos, minha mãe acabou permitindo que eu mantivesse o emprego, contanto que o desempenho escolar não fosse prejudicado.

Em contrapartida, nossa família nunca foi muito avessa a pequenas contravenções, desde

que elas não prejudicassem as pessoas a um ponto sem retorno. Sempre me considerei um cínico, por isso não tinha problemas com o moral e a ética quando invadia lojas da parte rica da cidade, nem ficava com a consciência pesada por roubar algumas centenas de quem tinha muito mais.

Não éramos pobres, mas tampouco éramos ricos. Na verdade, nossa linhagem sempre destoou de outras famílias tradicionais, cujo grande poder imprimia um estilo de vida à altura de suas ambições. Nós, por outro lado, estávamos acostumados a um estilo de vida medíocre, posto que isso não interferia em nosso senso de cultura, sociabilidade ou mesmo no domínio de magia.

Acontecia que em nossa árvore genealógica havia vários bruxos com habilidades furtivas, alguns dos quais ficaram conhecidos por roubos históricos como o Bracelete de Jade, cujo paradeiro até hoje todos desconheciam. Tal fato, claro, não servia de justificativa para nossas atividades noturnas, mas ao menos corroborava um comportamento antigo que apenas insistíamos em continuar praticando.

— Faça ou não faça — disse minha mãe quando a questioneei sobre o hábito incomum dos nossos antepassados. — Ninguém o está obrigando a nada. Mas se o fizer, seja impecável e honre o nome daqueles que o fizeram antes de você.

Tia Olívia — ou apenas Olívia, como eu a chamava — sempre foi mais graciosa do que esforçada. Não que ela fosse burra ou algo do tipo, longe disso, apenas tinha outras maneiras de conseguir o que queria. Uma de suas habilidades mágicas mais notáveis era manipular a mente das pessoas, e isso sempre proporcionou a ela uma onda de sorte em que muitos homens a *presenteavam* com frequência. Por isso, ela nunca realmente teve necessidade de botar a mão na massa. Logo, trabalhar não era um verbo muito conjugado no vocabulário dela.

— Nunca fiz nada de errado — defendia-se Olívia. — Não é culpa minha se os homens insistem em me tratar como porta-joias.

— E isso nada tem a ver com ser uma bruxa sensória? — eu aticava.

— Sou inocente até que se prove o contrário.

Tia Lena era um caso mais delicado. Seu marido a abandonou pouco depois de dar à luz as gêmeas e isso a afetou mais do que era capaz de admitir. Com o passar dos anos, ela se dedicou a aprender outro ofício dos nossos ancestrais e acabou tornando-se uma Caçadora de Demônios.

A luta constante contra seres malignos aos poucos foi consumindo sua juventude e paz de espírito. Não foi surpresa para ninguém quando descobrimos sua dependência alcoólica. Algumas vezes, ela passava semanas inteiras sem dar notícias, preocupando a família quanto à sua segurança. Contudo, depois de algum tempo, as gêmeas acabaram criando um mecanismo de sobrevivência em que se apoiavam uma na outra para suprir a ausência da mãe, sem perceber que ao fazer aquilo — se fortalecer na adversidade — ficavam ainda mais parecidas com ela.

Minha mãe acabou virando a matriarca da família. Alguém que até a rebelde tia Lena respeitava sem questionar. Eu era o filho primogênito, seguido de minhas irmãs Lílian, Acácia e Zara. Nosso pai, Aníbal, morreu num acidente de carro quando eu tinha onze anos, pouco depois do nascimento de Zara. Mas, ao contrário de tia Lena, minha mãe endureceu emocionalmente e passou a cuidar da família em tempo integral.

Havia, também, um tio, que teria quarenta anos de idade se estivesse vivo. Entretanto, por uma razão que eu desconhecia, minha mãe e minhas tias nunca falavam sobre ele e entravam em modo de defesa toda vez que alguém colocava o assunto em cheque. A única coisa de que eu tinha conhecimento era seu nome, Briano, e que ele morreu no ano do meu nascimento.

— Você acha que tio Briano era mal? — perguntou Maeve uma vez, quando conversávamos sobre o assunto.

— Talvez ele fosse um bruxo das trevas — sugeriu Erínia. — Tia Ágata precisou derrotá-lo e agora elas devem guardar segredo. Já pensou?

— Não acho que seja isso — confessei. — Elas podem não falar dele, mas dá para notar que o amavam. Esse sentimento não faria sentido se ele fosse um bruxo das trevas.

Minha genealogia — a linhagem dos Valburgos — remontava à época da Independência, quando os primeiros bruxos passaram a vir ao Brasil e adotá-lo como residência permanente. Nosso conhecimento centenário nos fez uma das famílias mais tradicionais no cenário mágico do país. Os avós de nossos avós se mudaram para Anévoa quando o estado da Capitália estava sendo criado e aqui permanecemos até hoje.

Mas nosso passado nem sempre foi pacífico. Era muito comum na Sociedade Bruxesca que famílias de linhagens antigas brigassem por poder, de modo a atestar quem dominava a maior quantidade de magia. Nossos arqui-inimigos eram os Montenegros, uma estirpe de bruxos tão poderosa quanto a nossa e que mais de uma vez nos confrontou ao longo do tempo. A última luta entre ambas as linhagens aconteceu antes de eu ter nascido, mas cresci aprendendo sobre a inimizade mortal entre nossas famílias. Havia anos, porém, que Valburgos e Montenegros não se encontravam.

— Foram embora da cidade — disse minha mãe, com cara de quem não queria falar sobre o assunto — há quase duas décadas.

Quando dona Morgana voltou com a torta de frango, eu registrava os códigos de barras de um quarto da nova remessa de livros. O resto da tarde passou dentro do normal, com o movimento corriqueiro dos dias de semana. Às sete da noite meu turno acabou. Ajudei a fechar as portas, me despedi dela e fui para casa.

Olívia se preparava para nossa noite. Pretendíamos ir ao In-Sônia, o clube noturno mais frequentado de Anévoa. Subi as escadas até seu quarto e dei três batidas na porta.

— Está aberta — disse ela.

Entrei e a encontrei de calcinha e sutiã, sentada em frente à penteadeira enquanto se maquiava com frustração.

— Até que enfim! Pensei que ia me obrigar a escolher o que vestir sozinha.

— Preciso me arrumar, também.

— Mas você *sabe* se arrumar. Habilidade essa que devia ter nascido em mim, diga-se de passagem. Qual dos três você prefere?

Ela apontou para cama, onde descansavam as três opções de roupa para aquela noite. Um vestido preto, curto e justo, com um brilho discreto. Um vestido azul marinho que deixava a parte de baixo levemente larga, com uma fita amarela grudada do decote até a extremidade da saia. A última alternativa era um vestido quadrado — geométrico, talvez — com uma estampa de toalha de mesa. Olívia caiu na gargalhada ao ver minha reação; aquela não era uma opção de verdade, apenas uma pegadinha.

Fui até a cama, procurei a costura da base e rasguei a fita amarela do segundo vestido. Saiu com facilidade, enquanto Olívia arregalava os olhos.

— Pronto — falei. — Agora o azul está perfeito.

— Uau! Valeu, Ed... — agradeceu ela, surpresa.

Tomei um banho rápido. Vesti um jeans caro, uma camisa preta de algodão, e uma jaqueta de couro com cortes sofisticados que se ajustava ao desenho do meu corpo, quase como se confeccionada sob medida. Adquiri a composição do meu visual na última visita que fiz a uma loja de grife no centro da cidade. Um dos sistemas de segurança mais difíceis que quebrei.

Chegamos ao In-Sônia pouco antes das nove. O lugar estava lotado de figuras exóticas, com uma fila do lado de fora que se estendia por toda a extensão da calçada até o supermercado na esquina da rua. Esperar, contudo, não fazia parte dos nossos planos.

Olívia se dirigiu à entrada do clube e eu a segui. Havia dois seguranças na porta e um alambrado improvisado que impedia as pessoas de entrar sem permissão. Quando nos aproximamos o suficiente, Olívia descansou sua mão direita no braço do primeiro homem e deixou sua magia trabalhar por alguns segundos.

— Olá, docinho — cantarolou, exibindo um de seus melhores sorrisos. — Cheguei cedo hoje, ainda bem que encontrei você aqui.

O homem adotou um olhar distante, encarou o vazio e, quando começou a falar, tratou Olívia como se a conhecesse de longa data.

— Pensei que não viria — narrou ele, mas na verdade eram as palavras *dela* ecoando na sua cabeça. — A noite é para festejar, gatinha, e o melhor ainda está por vir. Entre e divirta-se.

Ela sorriu e deu um beijo na bochecha do homem.

— Obrigada, docinho.

Olívia se adiantou para dentro quando o segurança deu passagem e eu continuei a segui-la. O segundo homem na entrada me avaliou da cabeça aos pés, desconfiado.

— Você, garoto — ele semicerrou os olhos. — Qual sua idade?

— Vinte e três — Olívia falou por mim, sua mão na costa do homem, que adotou a mesma reação distante do primeiro segurança e liberou a passagem.

É certo que ela usou magia para conseguir nos colocar lá dentro, mas algo me dizia que mesmo sem seus poderes ela teria êxito de qualquer maneira. Sua beleza feminina estava radiante àquela noite. O sorriso no seu rosto funcionava como um ticket de entrada no paraíso.

— A propósito — falei quando entramos —, você está linda.

Éramos os melhores amigos um do outro, na tradicional ausência de alguém para o posto. Sempre fomos muito apegados, e isso talvez fosse causa da pouca diferença de idade entre nós. Ela me olhou e sorriu de verdade, sem interpretação dessa vez.

— Obrigada, Ed. Sua opinião é mais importante do que a de todos os homens aqui, você sabe disso.

Nós rimos.

O In-Sônia ficava no topo da lista das casas noturnas de Anévoa, mas, para ser sincero, não era lá grande coisa. Logo na entrada, podíamos ver uma multidão de corpos dançantes na pista, movimentando-se como lactobacilos na lâmina de um microscópio. Nos arredores do salão, pessoas se sentavam em sofás luxuosos, bebendo drinks coloridos de nomes esdrúxulos. O balcão era menos populoso e melhor frequentado — geralmente por homens e mulheres mais velhos, que, de tão sofisticados, talvez fossem capazes de peidar talco para bebê e mijar perfumes de marcas famosas.

Nos fundos do salão, havia duas escadas que levavam para o andar superior, onde ficavam as mesas nas quais os mais elitizados contemplavam a prole dos menos abastados no andar de baixo. O DJ tinha um palco só para ele; pequeno, mas decente. A música era o que mais valia a pena em todo o clube. Algum tipo de mistura entre *Dubstep* e *Techno* que fazia a gente se movimentar sem se dar conta.

Os frequentadores em geral compunham-se de mauricinhos arrogantes e patricinhas afetadas. Entrementes, esforçando-se um pouco, era possível encontrar pessoas minimamente interessantes com quem você podia se distrair. Afinal de contas, Olívia e eu tínhamos que *trabalhar* naquela noite.

A temporada de caça estava aberta.

— Acho que encontrei a candidata perfeita para você — revelou ela. — À sua direita, duas horas, quarto assento no balcão, estampa de oncinha.

Discreto, virei o rosto e localizei o alvo. Uma mulher loura, lá pela casa dos quarenta e poucos, vestido justo e colado. Desacompanhada.

— E para você, encontrou alg...? — comecei a dizer, mas Olívia já ia embora na direção de um playboy que a lambia com os olhos. — Acho que essa é a minha deixa.

Ajustei a jaqueta de couro, corriji a postura e andei até o balcão. Parei no assento ao lado da mulher e esperei ela se virar para me encarar. Nesse exato momento, levei os dedos ao cabelo e penteei para trás, estufando o busto levemente e erguendo a cabeça para deixar à mostra a barba que crescia no meu rosto.

A reação da mulher foi previsível.

Ela não se intimidou ao me olhar, nem se deu ao trabalho de esconder que gostava do que via, o que significava que tinha experiência. Seus olhos eram azuis como uma piscina, grandes, bonitos e indiferentes — um pouco familiares, até. Sentei no banco e a encarei; um sorriso confiante no rosto.

— Vamos ser francos — investi. — Ninguém nesse lugar me interessou tanto quanto você. E, ainda assim, você vai desdenhar da minha companhia e recusar educadamente a bebida que vou oferecer, muito embora seja impossível negar que me achou atraente o bastante para passar a noite comigo.

A expressão dela era imperturbável. Olhando-a mais atento, percebi que era, sem brincadeira, muito bonita. Um mulherão. Ela me olhou pelas fendas que se tornaram suas pálpebras e sua boca oscilou num meio-sorriso.

Bingo!

— Já que estamos sendo francos — emendou ela —, eu meio que me mudei para a cidade há poucos dias, meu casamento está desmoronando e tenho filhos com a mesma idade que você. Sou capaz de pagar minhas próprias bebidas, odeio o barulho torturante que aquele homem dos discos chama de música e não pretendo ser acusada de pedofilia esta noite por dar a você uma chance de se divertir às minhas custas.

Ela era boa. Talvez eu a tenha subestimado. Geralmente não abordo pessoas inteligentes o suficiente para reagir dessa maneira a uma cantada.

Pelo menos não em vestidos de oncinha...

— Tenho vinte e três.

Ela riu.

— E eu sou Madame Bovary.

Eu ri.

— Está bem, talvez essa não seja exatamente minha idade, mas... e daí? Estou oferecendo uma bebida, não um pedido de casamento. Era essa a intenção de Flaubert quando escreveu a personagem de Bovary.

— O que vai querer, senhor? — perguntou o barman, quebrando nosso transe.

— Viu? Acabei de ser chamado de *senhor* — aponte.

— É o trabalho dele — argumentou ela.

— Vou querer um *Red Bubble* — pedi, colocando uma nota de cinquenta no balcão. — E Gim-Tônica para a Madame Bovary aqui, por favor.

Ela permaneceu em silêncio.

Dois minutos depois as bebidas foram postas à nossa frente. Tirei o canudinho do copo e o levei até a boca, limpando-o com a língua. A cena foi mais ridícula do que sensual, por isso

coloquei o canudinho de lado e tomei um gole do líquido vermelho.

— *Oh, mon Dieu, c'est très délicieux* — suspirei, adotando uma voz grave.

Ela arregalou os olhos, alterando sua expressão pela primeira vez desde que começamos a conversar. Mostrou um sorriso bonito, mas cheio de outros significados. Aquela tática sempre funcionava. Existia, talvez, algum mecanismo de liberdade dentro das mulheres que era ativado todas as vezes que ouviam alguém falar francês.

— Tudo bem — respondeu ela —, você conseguiu me deixar um pouco mais interessada, eu admito.

Pisquei para ela e tomei outro gole da bebida.

— Mas eu preciso ir embora. Tenho de voltar para a minha vida.

— Flaubert ficaria desapontado.

— Nem só de adultério vive uma mulher do século XXI.

— Não pretendo tirar uma mãe de seus filhos — acrescentei. — Mas você parece precisar de uma noite em boa companhia.

Ela sorriu.

— E *você* seria essa boa companhia, eu presumo?

— Se achar um candidato melhor — desafiei —, deixo você em paz.

Ela olhou para os transeuntes.

— Mais fácil seria escrever uma ficção sensacionalista — concluiu.

— Então por que ainda resiste?

— Não é nada pessoal. Você com certeza me chamou a atenção, mas meus quinze minutos de devaneio terminaram. Estou indo embora.

— Posso fazer algo para que mude de ideia?

— Sim. Quer dizer, não. Foi ótimo conversar com você e tudo o mais, mas... Esqueça. E obrigada. Pela bebida.

— O prazer foi todo meu.

Ela se levantou, alcançou sua bolsa que estava próxima da minha mão e foi embora. Caminhou até saída sem olhar para trás. Terminei a bebida e contei o valor das cédulas que tirei da sua carteira enquanto a distraía com a conversa. Uma boa quantia para o começo da noite.

Saí de perto do balcão e fui ver se Olívia estava se dando bem. Espichei o pescoço e consegui localizar o mauricinho que ela escolheu. Mas ele estava com outra garota, dançando na pista, e nenhum sinal dela.

Transitei um pouco mais pelo local, descartando seletivamente todas as mulheres que não estavam de vestido azul. Andava até as escadas no fundo do salão quando a vi saindo do banheiro masculino acompanhada de um cara.

Foi apenas por um relance, mas no momento em que ela passou o dedo indicador no nariz eu soube que eles estavam cheirando algo mais do que a urina dos mictórios lá de dentro. Caminhei até eles abrindo caminho pelo mar de pessoas em movimento. Quando me viu, ela abriu um sorriso afetado e pude sentir o cheiro da tequila a um metro de distância.

— Oi, Ed. Esse aqui é o Tony.

Dei uma boa olhada no homem que ela apresentava. Tudo bem, ele era gostoso, isso não posso negar. Mais alto que eu, pinta de durão, cabelos compridos até o ombro e peito largo. Mas também tinha uma cara estranha.

Cara de problema.

— Nós vamos fazer uma festinha particular no apê dele.

— Você já vai embora? — perguntei, surpreso.

— Relaxa. Consegui o que viemos buscar — ela meteu a mão no decote e tirou um roli-

nho de notas de cem. — Toma. Aí tem mais do que precisamos. Aproveita e paga uma bebida para alguém legal aqui. Se diverte um pouco.

Eu peguei o rolo da mão dela e nem precisei contar para saber que ela falava a verdade. Coloquei as cédulas no bolso de dentro da jaqueta. Com certeza ela era mais eficaz do que eu naquele serviço.

— Agora, eu vou sair com o Tony. Não me espera acordado, tudo bem? A noite vai ser *looonga*...

Talvez aquele último comentário se referisse ao tamanho da genitália do acompanhante dela, mas não dei importância. Em vez disso, segurei seu braço e liberei energia, curando o começo da sua embriaguez. Ela arregalou os olhos quando percebeu o que eu estava fazendo e se livrou da minha mão, irritada.

— Você não devia ter feito isso — aquiesceu.

— Eu só quero que você fique alerta.

— Você precisa tomar conta da própria vida, Ed — ela me agarrou e deu um beijo na bochecha para amenizar o rasgo no meu orgulho. — Aproveita a noite, tá? Vamos, Tony.

Tony a seguiu, olhando para mim com um sorriso distante no rosto. Eles saíram pela porta e eu fiquei sozinho — tão sozinho quanto fosse possível ficar no meio de uma multidão, pelo menos.

Com a missão de angariar fundos para pagar as contas cumprida, eu realmente tinha a noite inteira livre. Mas por algum motivo aquilo não parecia estimulante. Voltei ao balcão e pedi uma água com gás. Enquanto aguardava, tirei o celular do bolso para ver as horas.

E lembrei dos números do contato que tinha adicionado mais cedo.

Aquilo parecia uma coisa óbvia, como um clichê perseguidor, mas eu não estava confiante. Eu tinha o pretexto perfeito para ligar: um convite feito a mim. No entanto, não sabia até que ponto soaria estranho se eu realmente ligasse, e a quais conclusões aquele comportamento podia levar.

No fim, optei pelo caminho dos covardes e enviei uma mensagem de texto. Perguntei a Klaus se ele ainda gostaria de sair para beber. Eu tomava a água com gás quando meu celular vibrou.

Capítulo 05 | Encontro

MEIA HORA DEPOIS, estacionei o Jetta à esquerda da placa com o nome do Café. O Tati-ana Gê estava particularmente vazio para uma noite de segunda-feira. Talvez porque as férias tivessem terminado e, como grande parte dos clientes estava em idade escolar, eles deviam ir para a cama cedo.

A noite esfriou e era possível enxergar a névoa pairando na atmosfera. Quando entrei, fui recebido por um abraço de ar quente que cheirava a café, perfume barato e carne de hambúrguer. A jukebox tocava Liniker baixinho.

Eu adorava aquele lugar.

Ainda na porta de entrada, examinei os assentos. Fui o primeiro a chegar. Algumas pessoas conversavam em duas ou três mesas, tomando suas bebidas. O balcão estava vazio. Andei até o final do corredor e sentei a bunda no banco acolchoado da última mesa, perto do banheiro unissex.

Não tive tempo para esquentar o assento. A porta se abriu, com o sino balançando e chamando a atenção. Klaus varreu o lugar da mesma forma que eu fiz. Comecei a levantar a mão, mas ele me localizou antes disso e sorriu.

Enquanto vinha em direção à mesa, pude dar uma bela olhada. Ele tinha a pele pálida, cabelos muito claros e grandes olhos que brilhavam em contraste com a iluminação. Seu rosto possuía feições delicadas — quase femininas —, mas algo nele exalava uma masculinidade quieta, descontraída. Vestia um moletom cinza por cima de uma camisa vermelha com um 42 escrito em amarelo. As bochechas coraram quando percebeu que eu o avaliava.

— Fiquei surpreso com a mensagem — disse ele, sentando-se à minha frente, do outro lado da mesa. — Nos despedimos num clima estranho. A propósito, boa noite.

— Boa — respondi.

— O que fez você mudar de ideia?

— Meu compromisso terminou antes do previsto. Aí eu pensei que, talvez, seu convite ainda estivesse de pé.

— Gosto que tenha pensado nisso. Preciso relaxar um pouco.

— Noite difícil?

— Jéssica.

— Jéssica — repeti, como se me lembrasse de algo. — Se divertiram?

— Eu não usaria bem essa palavra — acrescentou ele, pensativo. — Fomos ao cinema e havia uma maratona de Hitchcock em exibição. Ela não ficou muito feliz por eu prestar mais atenção no Norman Bates do que no que ela tagarelava sobre a insipidez do ensino médio e a difícil vida de garota popular que ela leva.

— Não soa como algo original. Isso significa que...?

— Não sei. Significa que vamos sair de novo, eu acho. Ela é *legalzinha*, se eu me esforçar um pouco. O único problema é que é uma *garota*.

— Entendo.

Saída do nada, a garçonete apareceu ao lado da nossa mesa. Tudo bem, não saída do *nada*. Eu estava muito interessado em saber da noite de Klaus e não a percebi chegando.

— Oi, Ed — cumprimentou ela, alegre. — Faz tempo que não vejo você por aqui. Como vai?

— Vou bem, obrigado — disse, sorrindo.

A mulher era magra, tinha uma altura acima da média, cabelos longos até o meio da costa e usava grandes óculos de armação preta. Vestia o uniforme do Café, que consistia num avental retrô por cima da sua roupa usual. No seu peito havia um crachá pendurado com o nome TATI GÊ escrito nele.

— Quem é o seu amigo?

— Esse é o Klaus — apresentei. — Ele começou a estudar hoje na mesma sala que eu. Klaus, essa é a Tati, que, como você deve ter percebido, também é a proprietária.

— Muito prazer, Klaus — disse ela, jovial. — E bem-vindo ao meu humilde estabelecimento.

Ele arregalou os olhos.

— Você é a *dona* do Café? — perguntou.

— Isso mesmo. Tati Gê. Ao seu dispor!

— Uau, nunca pensei que você também seria a garçonete. Sem ofensa.

— Não me ofendi. Normalmente não faço os atendimentos, mas 1) com o ano letivo começando, e o movimento fraco, tive que dispensar duas das minhas meninas, e 2) eu sempre atendo o Ed, ele é de casa, cliente antigo, e nos damos bem.

— Claro — levantei a sobrancelha direita, zoando —, porque sua bajulação não tem nada a ver com os cremes que você compra da dona Ágata, certo?

Ela abriu a boca e cobriu com as mãos.

— Eeeeeeed, eu nunca faria isso. Mas, já que tocou no assunto, preciso mesmo falar com sua mãe. Estou pensando em fazer um canal de maquiagem na internet e adoraria mostrar os cremes para o rosto que ela me fornece. São tão bons que eu poderia tagarelar sobre eles *ad infinitum*. Aliás, você podia aproveitar e criar um canal literário, está na moda com todo esse frisson de distopias e romances de época.

— Não acho que quero esse tipo de atenção — aduzi. — Além do mais, eu nem leio tanto assim.

— Aham, e eu sou a menina que roubava livros.

Nós rimos.

— Caramba! — exclamou Klaus; os olhos brilhando de excitação. — Que gato bonito. É seu?

O bichano a que ele se referia era um felino amarelo-malhado, com uma mancha branca no formato de um triângulo envolvendo seu olho esquerdo. O animal vinha andando no corredor entre as mesas até onde estávamos.

— Quem... *essa* criatura? — Tati podia ser conhecida por muitas coisas, menos por ser uma fã de gatos. — Não. Não é minha. Na-na-ni-na-não.

— Esse é o Príncipe Vlad — informei a Klaus, que o colocou no colo e acariciava suas costas. — Ele não é de ninguém e é de todo mundo.

— Como assim?

— Bem, ano passado, logo no início do verão, ele começou a andar pelos arredores do Café — Tati explicou. — Certa noite, eu estava bêbada e cometi o pecado de alimentá-lo. Mal sabia eu que estava assinando minha própria sentença de tapocrifação. Ele nunca mais foi em-

bora. Como se não bastasse, os clientes adoram brincar com essa coisa. Só por isso dei um teto a ele. Mas os créditos do nome são do Ed.

— Culpado — levantei a mão. — É bem melhor do que Coisa-Ruim, o primeiro nome que Tati escolheu.

— Eu só pensei num adjetivo apropriado — ela suspirou. — Decidiram o que vão pedir?

— Ah, eu realmente gostaria de comer algo bem caseiro agora — disse Klaus, manhoso.

— Vocês servem queijo-quente a essa hora? Por favor, diz que sim...

— Para vocês, o que quiserem.

— Conheço você há cinco minutos e já quero te pedir em casamento — declarou ele.

Seu comportamento quase infantil me fez ponderar aonde teria ido toda aquela audácia mostrada mais cedo no vestiário. Eu estava me sentindo à vontade demais na companhia de um cara que podia pôr toda minha carapaça a baixo. Todos os meus sinais de alerta começaram a apitar fora de controle.

— E para beber...?

— Café puro — respondeu.

Enquanto ele fazia o pedido, continuei observando os movimentos de Klaus. Príncipe Vlad parecia ter achado uma cama perfeita nas suas coxas e aproveitava uma sessão gratuita de cafunés. Novamente, percebi uma familiaridade na feição dele, e, apesar de não conseguir lembrar de onde era, eu gostava daquela sensação. Por isso, tive uma ideia.

— E você, Ed? — Tati perguntou de caderneta e lápis na mão. — O que vai querer?

— O mesmo que ele — respondi. — Ambos os pedidos para viagem.

— Saindo já! — ela foi em direção à cozinha.

Ele me olhou, confuso.

— Para viagem?

— Gostaria de levá-lo a um lugar. Você topa?

— Hum... tudo bem.

Enquanto aguardávamos, ficamos entretidos com Príncipe Vlad e nesse ínterim não falamos sobre nada em particular. Apenas conversa jogada fora, no melhor estilo de quem mata o tempo sem dificuldade. Quinze minutos depois, pegamos nossos embrulhos e saímos para a noite fria.

* * *

Klaus adotou uma expressão indecifrável no banco do carona; nem parecia a mesma pessoa com quem estive no vestiário naquela manhã. Ficamos em silêncio durante toda a viagem.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele de repente, quando chegamos.

— Dezessete.

Ele desenhou um círculo no ar, referindo-se ao carro.

— Não tenho carta de habilitação, se é o que quer saber — respondi. — Mas dirijo há pelo menos dois anos. Tenho sorte com as patrulhas, só isso.

Na verdade, “sorte” era apenas um aforismo para a magia que eu usava todas as vezes em que quase me meti numa encrenca por estar dirigindo. Minha mãe não ficou muito feliz com a ideia de dar um automóvel ao primogênito, mas precisava de outro motorista na casa além dela e das irmãs.

— Vou fazer a prova no mês que vem — disse Klaus.

— Então já é oficialmente adulto?

— Fiz dezoito em janeiro.
— Mudou alguma coisa? — tive de perguntar.
— Em que sentido?
— Ah, você sabe... se sente mais maduro?
— Nem um pouco.
— Imaginei que seria assim — falei, pensativo. — Desconfio que vai ser do mesmo jeito comigo.

Saímos do carro.

O local era uma grande área gramada de acampamento, às margens de uma nascente. A água que corria, escurecida pela noite, era iluminada por centenas de pontos luminosos brilhando intermitentes um pouco acima da correnteza. Atrás de nós havia uma árvore enorme, majestosa em toda sua extensão, que cedia o conforto de suas raízes para quem quisesse se aconchegar. Outras árvores ficavam ao longe.

— Esse é o Lago dos Pirilampos — anunciei, contemplando a expressão de um Klaus boquiaberto. — Quando eu era criança, costumava ser bastante frequentado pelos turistas. Hoje em dia ninguém mais vem aqui.

— Uau!

— Pois é... exatamente como me sinto.

Klaus caminhou até a beira do lago, entrelaçou os braços no próprio dorso e inspirou o ar como se fosse um perfume bom. Fechou os olhos por um momento e depois soltou a respiração, produzindo uma linha de fumaça.

Quando voltou a me encarar, falou:

— Esse lugar... é um presente.

— De nada.

Ele sorriu. E o sorriso me quebrou ao meio.

— Foi o que viemos fazer aqui, um piquenique ao luar?

— Bingo! — voltei ao carro, abri o porta-malas e vasculhei pela tranqueira até achar o lençol de flanela. Olhei ao redor e encontrei um lugar bom para sentar sob a árvore. Estendi o pano, descalcei os sapatos e fiquei de joelhos, olhando para Klaus. — Está esperando um convite pelo correio?

Ele se sentou ao meu lado, depois de tirar o tênis. Entreguei a ele o pedido que trouxemos do Café e posicionei o meu sobre o chão. Por um momento — não sei ao certo quanto tempo —, ficamos em silêncio de novo. Mas não era um silêncio constrangedor, como nas conversas entre pessoas que acabaram de se conhecer. Estava mais para um estado de espírito contemplativo, suspenso; não precisávamos de palavras para preencher uma lacuna.

Assistimos aos vaga-lumes encherem a escuridão de pontos brilhantes enquanto comíamos. A lua se mostrava nas brechas entre as nuvens que a encobriam. O ar da noite estava gelado, porém agradável. Ao longe, ouvimos o coaxar dos sapos e o somido dos outros habitantes do acampamento. Experiência insólita...

— Me fala um pouco sobre você — pedi, receoso.

Ele me encarou sobressaltado, mas sorriu.

— O que quer saber?

— Sei lá. O essencial... RG, CPF, número do cartão de crédito...

Nós rimos.

— Bem... — disse ele — Minha família se mudou para cá há pouco tempo. Antes morávamos na capital, Jardim dos Córregos. Lá era legal, eu acho, mas não é como se fosse o lugar que eu quisesse passar o resto da minha vida, entende, pessoas demais num mesmo espa-

ço. Meus avós moraram aqui por décadas e por isso tínhamos uma casa disponível.

— Você já esteve em Anévoa antes? — indaguei.

— Quando eu tinha um ano de idade — respondeu ele —, mas isso não conta, já que não lembro. Após a morte dos meus avós, nasceu meu irmão mais novo, Hugo, e minha mãe achou que seria melhor se crescêssemos na capital. Meus tios também moram com a gente, e eu tenho dois primos. Um deles e meu irmão são calouros do primeiro ano, talvez eu os apresente a você qualquer dia desses.

— Vocês são chegados?

Ele pensou por um momento.

— Não exatamente — continuou. — Somos unidos pelo sangue, claro, mas acho que sou diferente dos homens da minha família. A começar pelo fato de que odeio o jogo de futebol, mas adoro os jogadores. Você deve me entender...

— Eu assisto ao futebol religiosamente.

— É sério?

— Óbvio que não, mas você não pode presumir que eu não goste de uma coisa só porque tenho outras predisposições.

— Erro meu — ele sorriu. — Mas... e você? Quem é Edgar?

Foi a minha vez de ficar sobressaltado. Aquela situação não era comum para mim, pois não costumava conversar sobre coisas pessoais com os outros. Como poderia discorrer sobre minha vida sem falar sobre a herança mágica dos Valburgos?

— Sou o único homem numa casa com oito mulheres — fui pelo caminho menos perigoso; todo mundo ficava surpreso quando dizia que moro, basicamente, numa fraternidade feminina. — Sim, pode fazer careta, porque é exatamente do jeito que você está pensando. Vivo com minha mãe, minhas três irmãs mais novas, minhas duas tias, e minhas duas primas gêmeas que você conheceu hoje mais cedo.

— Não consigo imaginar ter de lidar com tantas personalidades de uma só vez. Como você está se saindo?

— Quer a verdade? Não há meio de se acostumar. Amo todas elas, mas, para sobreviver com a sanidade intacta, aprendi a identificar oscilações de humor, ouvir até certo ponto da discussão e saber quando bater em retirada — eu estava sendo generoso. — Crescer no meio delas me ensinou o quanto você pode ser diferente sendo a mesma pessoa.

Nós rimos e assim o tempo foi passando, enquanto nos conhecíamos um pouco mais. Embora estivesse adorando a companhia de Klaus, algo ainda me deixava curioso quanto àquela manhã.

Resolvi descobrir.

— Como teve certeza sobre mim?

Ele me encarou sorrindo, mas sabia do que eu estava falando.

— Não tive — confessou ele, acrescentando ao ver minha expressão: — Também não fico dando em cima de caras desconhecidos na primeira vez que os encontro.

— Então, como...?

Aquilo realmente significava muita coisa para mim.

Se você se esconde por tanto tempo e mesmo assim alguém descobre seu esconderijo com facilidade, vai querer entender o que delatou sua localização. Essa teoria é aplicável a todos os campos da vida.

— Sei lá — ele ergueu os ombros. — Você não deu bandeira nem nada do tipo. Apenas o achei mais intrigante do que a maioria dos garotos da nossa idade. Mais complicado do que dá a entender, pelo menos. Foi uma sensação que eu não sei explicar. Resolvi fazer uma ten-

tativa... e funcionou. Ainda bem...

— Não ficou com medo de que eu fosse agressivo?

— Sempre existe essa possibilidade para *nós*, se é que me entende — disse ele, nostálgico.

— Quando um cara passa uma cantada numa mulher e ela recusa a investida, nada vai acontecer se o cara admitir a derrota como um cavalheiro. Agora se um cara faz o mesmo com outro cara que não está seguro de sua masculinidade, a coisa fica feia. Mas também não é como se eu não pudesse me defender, sabe, estou falando sério. Você ficaria impressionado se soubesse do que sou capaz.

Eu refleti sobre o que ele quis dizer com aquilo. Ainda éramos estranhos um ao outro, e o fato de termos, bem... *transado*... não modificava a situação.

— Acho que começamos do jeito errado... — finalmente falei.

Eu precisava deixar claro o erro que cometemos.

— Está arrependido? — ele levantou uma sobrancelha, confuso.

— Bem, não... e *sim*.

— Em que sentido?

— É claro que o que fizemos foi ótimo e tudo o mais... Mas eu nunca me envolvo com alguém que faça, como você vai fazer, parte da minha convivência diária. E existe um bom motivo para isso.

Minha tranquilidade, pensei em falar, mas sufoquei as palavras.

— Estamos ambos dentro do armário, Edgar — lembrou ele. — Não vou contar nada a quem quer que seja.

— Não é por isso — anuí. — Quer dizer, não é *apenas* por isso. Fazer sexo com alguém e nunca mais voltar a ver essa pessoa é um mecanismo de defesa eficaz que supre, de uma só vez, a necessidade do desejo e a conveniência de não se envolver. Especialmente no nosso caso. Homens são que nem comida: depois que você se satisfaz, sequer volta a olhar para o prato.

Aquele ponto de vista não representava o que eu pensava de verdade sobre os homens, mas era um bom indicador da minha opinião acerca das relações que mantive com outras pessoas. Uma das desvantagens de tentar ser invisível é a mediocridade com que você encara o próximo, e, quando percebe, passa a cultivar um hábito odioso ao qual você acaba se acostumando.

— Você parece ter colocado um bocado de tempo livre pensando nisso.

— Mas sabe que tenho razão, não sabe? — insisti.

Ele olhou para o lago, com a mente distante.

— Você está com medo de que a gente acabe gostando para valer um do outro, não está? Por isso está tentando me afastar...

— Percebe quão desastroso isso seria?

Ficamos quietos por um momento até ele ponderar:

— O que propõe? Que isso não aconteça mais, mesmo sendo óbvio que nenhum de nós gostaria disso?

— Melhor agora do que quando não houver mais volta — sugeri.

— Edgar, nós vamos curtir um ao outro uma vez ou outra. Só isso! Não é como se estivéssemos acertando os detalhes de um noivado.

— Viu? — corroborei. — Nos conhecemos há menos de vinte e quatro horas e as coisas já estão complicadas. Minha proposta é, no mínimo, a mais sensata.

Nesse momento, as nuvens deram passagem à lua e a luz se espalhou pelo rosto delicado de Klaus. Ele estava contrariado, embora pacífico, quando falou:

— Sei que acabamos de nos conhecer, mas tire o sexo e o clichê da equação por um minuto. A química que rolou entre nós não mexeu com você?

— É exatamente por causa dela que estou tomando precauções.

— Está vendo? — protestou ele. — Você acabou de concordar. Não acho que devemos descartar isso tão facilmente.

— O que está dizendo?

— Bem... está claro que não fomos a primeira transa um do outro, mas ficou evidente que o que tivemos não foi superficial como pretendíamos que fosse. Agora temos de lidar com isso. E daí que eu não sei quais são seus hobbies, e que você não faça ideia das comidas que eu odeio? Não precisamos nos conhecer a vida inteira para gostarmos da companhia um do outro.

— É complicado...

— Você e eu provavelmente somos os únicos veados num raio de cinquenta quilômetros, e ainda assim você não quer aproveitar isso em nosso favor?

Eu não respondi. Não se tratava do que eu queria, mas do que era sensato.

— Tenho uma contraproposta — disse ele, resolutivo.

Eu encarei seus olhos azuis como bolas de gude.

— Sou todo ouvidos — falei.

— Amizade colorida.

— Ah, me poupe...

— Eu sei, eu sei, é um clichê do caralho, ainda maior do que toda a história manjada de amor à primeira vista e blábláblá, você pode torcer o nariz o quanto quiser. Mas tem lá suas vantagens, admita... Para os outros, seremos apenas dois caras que acidentalmente possuem algumas coisas em comum, e, por isso, às vezes saem juntos. Nada suspeito, ainda seremos os mesmos publicamente e todo mundo continua feliz debaixo da nossa nuvenzinha de fingimento. O que me diz?

O que ele falava não era um absurdo, mas tinha grandes chances de dar errado. O problema das pessoas é que elas não conseguem administrar os próprios sentimentos. Mesmo quando dizem que são capazes de separar as coisas, na realidade acabam se atrapalhando entre aquilo que pensam e aquilo que sentem. A fórmula se aplica a todos. Eu, incluído.

Contudo, ele também tinha razão. E se aquela química realmente significasse algo a mais? Estive pensando nisso com mais frequência ultimamente. Eu poderia ao menos tentar, não podia?

— Nesse caso, tenho uma condição — exigi. — E essa condição não é negociável. Se você não aceitar, cada um retoma a sua vida e finge que essa conversa nunca aconteceu.

Ele terminou de comer e limpou a boca com o dorso da mão.

— Que condição? — perguntou.

— Que nós sejamos amigos, independente do que acontecer. E quando digo amigos, não quero dizer apenas de fachada. Mesmo nos relacionando, estaremos ambos cientes de que essa brincadeira que estamos fazendo não poderá passar de amizade. É mais fácil, prático e indolor dessa maneira.

Ele fechou os olhos.

— O que me diz?

Quando voltou a me encarar, exibia um sorriso desconcertante.

— Se eu disser que aceito, podemos nadar pelados no lago?

E foi assim que passamos nossa primeira noite juntos.

PARTE DOIS

Capítulo 06 | Amizade

É ENGRAÇADO COMO o tempo se comporta.

Você constrói uma rotina agradável e chega ao ponto de viver entre ciclos, imobilizado numa brecha temporal cuja essência jaz num padrão imutável. De repente, tudo muda. Uma faísca é tudo o que precisa para a chama do tempo ericá-lo no espaço e fazê-lo voar.

Minha faísca se chamava Klaus.

Havia um mês que estávamos juntos, mas, no que concerne aos sentimentos, parecia que éramos amigos de infância. Ou de vidas passadas, talvez. Eu sei, o tal do clichê desgraçado. Mas o que posso fazer? A empatia aconteceu naturalmente, e eu estava grato por ter aberto as portas para alguém com quem pudesse ser verdadeiro naquilo que minha família não entenderia.

Estava tão acostumado à superfície do meu mundo particular que qualquer mergulho mais profundo era capaz de estremecer minhas estruturas. A relatividade das situações era uma constante, mas eu só podia percebê-la em momentos raros.

— Normalmente eu ofereceria um centavo pelos seus pensamentos — Klaus me trouxe de volta à terra. — Mas não estamos num filme de comédia romântica, por isso sei que não vai funcionar.

Eu sorri.

Estávamos no intervalo entre os períodos de Química e Filosofia na sala de aula. Fazia sol lá fora e a luz entrava com preguiça pelas janelas. Para onde se olhava era possível identificar características do cotidiano. Havia muito barulho por conta da alteração dos alunos e ninguém notava enquanto conversávamos. Com exceção de Jéssica, que nos observava de soslaio quando oportuno.

— Estava pensando no tempo — revelei.

Klaus me encarou, divertido.

— Acho melhor não sair espalhando isso por aí — disse ele, cochichando. — Os zumbis da sala podem descobrir que você tem um cérebro.

Ri mais alto do que pretendia e isso atraiu a atenção de alguns olhares. Jéssica e seu séquito ficaram particularmente interessados. Ela fez menção de se levantar da carteira com qualquer desculpa, mas professor Almir abriu a porta e todos voltaram a seus respectivos lugares.

Durante o tempo que passamos juntos, nosso acordo vinha dando certo. Ninguém parecia desconfiar que houvesse algo entre nós além da amizade. Para todos os efeitos, éramos apenas dois caras normais que se tornaram amigos. Não existia nada de suspeito naquilo e esse resultado serviu para acalmar minha paranoia.

Professor Almir era um homem esguio, moreno, de cabelos grisalhos e fala mansa, cujos movimentos fúgidos faziam-no parecer uma serpente manhosa. Apesar de ministrar uma das disciplinas mais entediadas do currículo escolar, ele era um dos poucos integrantes do corpo docente que impunha respeito pelo simples fato de estar presente na sala de aula.

Para completar, ele também era o conselheiro da turma. Isso significava que, se não o respeitássemos, poderíamos acabar ganhando algumas horas de detenção depois das aulas. Em resumo: ele era deus e possuía em suas mãos a nossa liberdade.

— Bom dia, caros alunos — cumprimentou ele, enquanto colocava sua pasta sobre a mesa e retirava alguns papéis. — Hoje, especialmente porque adoro vocês, vou realizar uma avaliação surpresa...

O alvoroço dos alunos foi imediato.

— Mas professor! — gritou Elias, um garoto com moicano pintado de azul e *pierings* na sobancelha. — Ninguém foi avisado.

— Acredito que esse seja o objetivo, meu jovem — emendou o professor. — Acredite ou não, o curso natural da história dos *Homo sapiens* sugere, até onde me consta, que uma surpresa só pode ser categorizada como surpresa quando nenhum dos candidatos a serem surpreendidos é avisado com antecedência.

Mesmo sabendo que nenhum protesto demoveria o professor daquela ideia, implorar até as últimas vias de fato parecia uma coisa inerente aos estudantes. Ele pareceu se divertir com as réplicas e não se abalou.

— Tendo em vista que vocês, pequenos gafanhotos, esbanjam-se na previsibilidade da combustão hormonal, deduzi que esta reação era inevitável. Tão claro quanto fogo fátuo. Como eu falava antes de ser rudemente interrompido, vamos fazer uma avaliação surpresa... *em dupla*.

Ali estava!

As habilidades de um treinador que sabia domar seus espécimes.

Se o Discovery Channel tivesse qualquer interesse em produzir um documentário sobre o comportamento de orangotangos fazendo orangotanguices numa sala de aula, nós daríamos um ótimo show.

— Agora, meus queridos rebentos, se não se importam, gostaria de começar o sorteio dos nomes das duplas — informou ele, com um sorriso triunfante no rosto.

A sala inteira morreu no silêncio; alunos em expectativa.

— Primeiro nome — anunciou. — Ah, quão adorável! Klaus, nosso mais novo colega, fará par com, deixem-me ver...

O professor trouxe dentro da pasta um pequeno frasco de vidro contendo os nomes dos alunos escritos em pedaços de papel, e chacoalhava o conteúdo do pote. Àquela altura, eu torcia para ser a dupla de Klaus. Jéssica e todas as garotas da sala, também...

Professor Almir retirou o próximo nome.

— Ah, de fato, uma junção peculiar. Henrique... pode se juntar a Klaus.

Fiquei decepcionado, mas tentei não dar muita bandeira. Henrique era um garoto bem fechado e com a recorrente expressão de quem está preso num transe hipnótico. Nunca nos falamos, mas ele me parecia um cara legal. Seria ideal para Klaus.

O professor continuou o sorteio.

— Alexa... e Cláudio. Pietro... e Leonardo. Ítalo... e Clara.

Os integrantes das duplas arrumaram-se em carteiras e mesas, próximos uns dos outros. Todos apreensivos por causa da avaliação surpresa, mas um pouco aliviados por não estarem sozinhos.

— Daniel... e Rute. Priscila... e Sara. Ester... e Marta.

Dentro de pouco tempo, os nomes diminuíram dentro do frasco de vidro. O professor continuava com sua expressão de diversão indiferente, enquanto assistia aos alunos trocarem de carteiras. O cerco se fechava e eu ainda não tinha um par.

— Livia... e Benjamin. Rafael... e João.

Em dado momento, a tensão começou a diminuir. O clima ameno voltou à sala e os alunos trocavam ideias entre si, especulando sobre o assunto da avaliação. Na verdade, filosofia não era uma disciplina tão difícil. Bastava ter um cérebro decente para conseguir uma nota razoável.

— Edgar...

Meu olhar cruzou com o de Jéssica e eu desejei com todas as forças que ela não fosse meu par. A turma prestou um pouco mais de atenção ao meu nome do que eu achava necessário. Na dúvida, eles também olharam para Jéssica enquanto esperavam meu par ser revelado.

— ... e Úrsula — anunciou o professor.

Minha expressão relaxou e consegui ficar mais calmo. Úrsula era a outra aluna novata a ingressar na turma naquele ano além de Klaus. Eu não a conhecia muito bem ou algo que o valha, mas ela com certeza estava no topo da lista de pessoas com as quais eu cogitaria fazer amizade. De quebra, ela era uma das melhores alunas da turma, por isso fiquei satisfeito com a combinação.

— Úrsula não veio hoje, professor — disse Cláudio na segunda fileira.

Minha reação imediata foi procurar por todos os rostos, até me dar conta de que realmente não a tinha visto naquela manhã.

Você precisava faltar justo hoje, porra?

— Ah, não? — o professor pareceu confuso. — Uma pena, realmente, ambos fariam uma dupla formidável. Bem, nesse caso, vamos ao próximo nome. O par de Edgar será... Rá! Interessante, interessante. De fato. Jéssica...

Jéssica.

Jéssica.

Jéssica.

O nome ressoou pela minha cabeça algumas vezes antes de eu perceber que estava parecendo um João-bobo na carteira. Todos os garotos da escola dariam um braço para fazer dupla com Jéssica, e ofereceriam o outro braço de bom grado se isso significasse que poderiam conseguir algo mais.

— Podem se juntar — disse o professor a nós dois.

Eu fiquei de pé, mas Jéssica já estava se apurmando na carteira vazia ao meu lado. Klaus me lançou um olhar tímido de “fazer o quê, né?” e sorriu, encorajador. Pela primeira vez, encarei Jéssica e tentei descobrir o que ela pensava a respeito de ter a mim como parceiro de prova. Não é como se ela estivesse feliz como um medalhista olímpico, mas também não parecia desgostar da situação.

— Oi, Ed — cumprimentou ela.

E sorriu.

Estranho, muito estranho.

O professor continuou a sortear os nomes, retirando um por um de dentro do frasco de vidro. Alguns minutos mais tarde, todos haviam se juntado aos pares.

— Agora que tenho a atenção de todos — começou ele —, posso explicar o que quero de vocês. Levando em consideração nossas últimas aulas sobre a Alegoria da Caverna, cada dupla deverá redigir um ensaio de duas páginas sobre a relevância da parábola de Platão à sociedade contemporânea.

Ele esperou para ver se alguém tinha dúvidas.

— Vocês têm quarenta minutos — sentenciou. — Divirtam-se.

Em meio a um burburinho fúnebre, as duplas começaram a trabalhar em seus respectivos

textos. Aquele assunto em particular não era o meu forte, mas eu estava seguro de que poderia desenvolver algumas ideias sem ferir meu orgulho.

Me conformei com escrever a redação sozinho, posto que Jéssica não mostrava sinais de que participava de um fã-clubes de Platão.

— Posso fazer a prova por nós dois — ofereci. — Não tem problema.

Ela me lançou um olhar ofendido.

— E por que você acha que eu permitiria uma coisa dessas?

Fiquei surpreso.

— Hum... bem... eu pensei que você não gostasse muito do assunto — falei, voltando a ficar tenso. — Você não parece...

— Não pareço o quê? — revidou ela. — Inteligente o bastante para discorrer sobre nosso aprisionamento na escuridão da falta de conhecimento, cuja chave para a liberdade é nada mais que a verdade que ilumina o pensamento humano? Ou só porque sou uma patricinha arrogante estou fadada à incapacidade de adotar uma abordagem pós-moderna da parábola de Platão como molde para nossas prisões contemporâneas? Me diz, Ed, o que pareço para você?

A pequena oratória de Jéssica fez minha garganta se fechar. Ela era uma caixinha de surpresas. Pigarreei para limpar a voz e tentei consertar a mancada.

— Olha, me desculpe — retomei. — Eu julguei você mal. Agora percebo que não sei o motivo de não irmos com a cara um do outro e acho isso quase infantil demais para pessoas da nossa idade. Podemos começar outra vez?

Ela aquiesceu.

— Contanto que você não me chame de burra novamente.

— Eu nunca disse isso!

Mas pensei.

— Então, por que não gosta de mim?

Que tipo de pergunta é essa?

— Como pode ter certeza disso? — eu quis saber.

— Bem, para começo de conversa, você é o único garoto que nunca olhou para a minha bunda — disse ela. — Isso significa que, se você não é gay, simplesmente não gosta de mim.

Eu senti as maçãs do rosto incendiarem e sabia que devia estar parecendo um tomate. Entramos num terreno perigoso.

— Quer dizer que você calcula sua popularidade entre os garotos pela estatística de observação à sua bunda? — provoquei. — Não me soa como algo que eu gostaria numa garota.

— Está me chamando de fútil?

— Eu nunca disse isso!

Mas pensei.

— E então...?

Aquilo estava ficando estranho demais. Por isso, resolvi aproveitar a situação em meu favor. Não seria a primeira vez que eu usaria habilidades de manipulação em alguém da escola. E certamente não seria a última.

— O fato de você nunca ter me flagrado olhando para a sua bunda não significa que eu nunca tenha olhado — falei, apreciando com satisfação a vitória do ego de Jéssica. Dei a entender que estava muito embaraçado com o rumo que a conversa tomou, e continuei a mentir. — Além do mais... eu meio que prefiro peitos.

Por fim, para colocar a cereja no bolo, olhei para o busto dela, como quem não resiste à tentação de um sorvete de chocolate. Jéssica abriu um sorriso quase pornográfico e falou:

— Eu sabia! Você é um cara normal, no fim das contas. Se eu não estivesse interessada em outro par de calças, poderíamos levar essa nossa conversa adiante... se é que me entende.

Eu suspirei.

Klaus observava o que acontecia com um sorriso no rosto.

— Agora que esclarecemos tudo, podemos começar a escrever? — pedi.

— Sim — respondeu ela. — Eu começo.

Capítulo 07 | Treinamento

— **QUER DIZER QUE** você prefere peitos? — aquela era a centésima vez que Klaus trazia o assunto à tona para tirar uma com a minha cara. — Será que os meus são fartos o suficiente para você, garanhão?

Ele falou com uma voz de garota e apertou as mãos em volta do peito para aludir à anatomia feminina.

— Ficou maluco? — repreendi, debaixo de um fôlego. — Se alguém vir você fazendo isso pode acabar desconfiando...

Estávamos deixando o prédio da escola e havia uma multidão generosa de estudantes à nossa volta. Não que algum deles fosse ligar para o que fazíamos, mas Klaus ainda atraía certos olhares, por isso era melhor prevenir.

— Relaxa — disse ele. — Estamos nos divertindo. Só vamos parecer suspeitos se começarmos a agir diferente na frente das pessoas.

Eu acendi um cigarro e concordei.

— Certo, você tem razão.

Ele me olhou com uma expressão triunfante e eu tive que lutar contra a vontade absurda de querer beijá-lo bem ali, diante dos olhares de toda a escola. Recuperei o fôlego e fiz o desejo passar.

— Que tal um cineminha hoje? — perguntou Klaus.

— Não vai dar... — recusei. — É... hum... prometi à minha mãe que ajudaria na limpeza da garagem.

Aquiesci. Não íamos limpar a garagem.

— Você fica fofo quando tenta ser evasivo — observou ele.

Klaus começava a me conhecer mais do que seria apropriado, ultrapassando a zona de segurança que havia ao meu redor, e eu não sabia até onde aquilo podia ser contornável. Fiz uma nota mental para lembrar de não ser tão transparente na presença dele. Quer dizer, ele não sabia nada sobre minha família ser descendente de bruxos e eu não pretendia contar.

— Podemos marcar para amanhã? — sugeri. — Depois da sua prova de direção.

— Claro, pode ser — disse ele, tranquilo. — De qualquer forma, vou passar a noite pesquisando sobre implantes de silicone e quem sabe poderei satisfazê-lo algum dia, Senhor-Eu-Prefiro-Peitos.

Ele riu alto.

— Vá se foder!

Nos despedimos e eu fui direto para a Livraria Amarela. Dona Morgana estava mal-humorada, para variar. Ao que parecia, uma das remessas de livros que ela solicitou duas semanas atrás foi entregue com os exemplares incorretos. Portanto, naquela tarde meu trabalho seria conferir os livros um por um e comparar os títulos da entrega com os da lista que ela me repassou.

Não satisfeita, Dona Morgana certificou-se de que chequei tudo uma segunda vez quando o pedido bateu exatamente com os produtos entregues. Ela continuou insinuando que os fornecedores se tornavam cada dia mais incompetentes, ignorando o que eu dizia sobre eles terem disponibilizado a carga estritamente como discriminado na cópia da solicitação.

— Eu não estou louca — defendeu-se ela, frustrada. — O pedido que fiz enumerava claramente vinte exemplares de *Ilíada*, não de *Odisseia*. Podem ser do mesmo autor, mas não são o mesmo livro, pelo amor de Deus!

Nossa conversa não foi muito longe. Dona Morgana ficou irritadiça durante todo o expediente e se recusou a atender quem quer que entrasse na livraria. Pela primeira vez, algo que me nunca me ocorreu antes passou a martelar na minha cabeça por várias horas. Era difícil admitir, mas talvez aquela mulher forte e independente que administrou o próprio negócio por várias décadas estivesse começando a jogar a toalha.

E se aquilo fosse um sinal do início de uma doença? Orgulhosa, ela jamais aceitaria a sugestão de ir consultar um médico. Lá no fundo, nunca cogitei a possibilidade de Dona Morgana não viver para sempre. Sua postura rígida em relação à vida passava a sensação de que continuaria a vender livros pela eternidade. Assim, deixei estar por ora. Se episódios como aquele se tornassem mais frequentes, tinha decidido examiná-la eu mesmo. Palavra.

Quando terminei o turno, fui direto para casa. Minha mãe podia não me esperar para limpar a garagem, mas certamente *estava* à minha espera. Às sextas-feiras, éramos treinados nas artes da bruxaria. Acácia e Zara ainda não tinham permissão para usar magia livremente por serem jovens demais, porém, tanto Lillian quanto as gêmeas e eu recebíamos aulas com regularidade.

— Isso não é justo — protestou Zara, em certa vez. — Eu também sou uma bruxa.

— Uma bruxa de seis anos — respondeu nossa mãe, calma. — Tudo a seu tempo.

Boa parte dessas noites se resumia à prática de algum feitiço chato, mas, às vezes, aprendíamos coisas realmente fora do ordinário. Mesmo para nós. Atear fogo em pavios de velas, transformar água em suco, modificar o estado da matéria, levitar castiçais, conjurar objetos, tudo isso eram tarefas triviais se comparadas às coisas que uma bruxa experiente como minha mãe era capaz de fazer. Perto dela, parecíamos cachorros sem adestramento.

Felizmente, hoje era uma dessas noites especiais. Mantínhamos uma rotina peculiar para balancear o aprendizado, de acordo com o que nossas mentoras estipulavam como meta. Após cada dez encantamentos de nível normal que nos ensinavam, o próximo deveria ser algo de nível superior. Dessa forma, nosso progresso continuava, mas sem menosprezar as bases das artes mágicas.

Como era de se esperar, eu estava atrasado.

Estacionei o carro atrás da minivan da família e entrei pelo pórtico da frente depois de subir os degraus da escada. Nossa casa não era nenhum modelo de decoração que você poderia encontrar numa revista, porém, foi organizada com a intenção de ser prática. Quando fechei a porta atrás de mim, encontrei a sala com um grande espaço no meio. Os móveis foram movidos para os cantos do cômodo e um círculo grande foi desenhado com pó de visco ao redor do aposento para proteger o resto da casa de feitiços que ricocheteassem.

— Oi — cumprimentei. — Desculpem o atraso.

As cortinas descansavam fechadas e elas lançaram um encantamento à prova de som em volta da propriedade para que os vizinhos não suspeitassem de algo incomum. A atmosfera lá dentro mudou e agora era possível sentir o ar mais quente e denso. A magia tinha suas formas de deixar marcas e o calor quase sempre era uma delas, seguido por uma pressão no ar que costumava causar náuseas em comunaís.

— Até que enfim, cabeça! — disse Erínia, à guisa de um cumprimento.

As gêmeas sentavam-se lado a lado no chão de madeira, de frente para Olívia, sua mentora. Como possuía conhecimento mais avançado que elas, eu recebia treinamento direto da minha mãe. Ela estava sentada sobre uma pilha de almofadas enquanto terminava a aula de Lillian, que tentava fazer as páginas de um livro virarem sem poder tocá-lo. Acácia e Zara observavam tudo de uma poltrona fora do círculo, os olhos brilhando com o progresso da irmã. Quanto à tia Lena, havia mais de quatro semanas que não tínhamos notícia dela, e, embora fosse um grande período longe das filhas, aquela não era a primeira vez.

— Tia Ágata disse que só podíamos começar depois que você chegasse — emendou Maeve, contrariada.

Levantei os ombros e ignorei os comentários.

— Nesse caso, podemos começar — falei.

Olívia piscou o olho direito para mim, divertida. Depois iniciou seu monólogo sobre o que iria ensinar às sobrinhas naquela noite. Possessão Corpórea era uma aptidão particularmente difícil de dominar, e requeria um bocado de concentração. Tratava-se de um feitiço em que o bruxo toma posse do corpo de uma pessoa e controla seus movimentos, mas não sua mente — nenhum bruxo era capaz de ler mentes, apenas de manipular ações. Em habilidades como aquela, primeiro aprendíamos a mecânica da magia para entender como tudo tinha de funcionar. Mas *realizar* o feito em si, com êxito, demandava inúmeras horas de prática — tentativa e erro. Por esse motivo, tínhamos um intervalo de uma semana entre as aulas de magia, e *dez* semanas de hiato entre os treinamentos de feitiços de nível superior.

— Vou conseguir na primeira tentativa — gabou-se Erínia.

— Até parece... — Maeve não acreditou.

— Existem bruxos sensórios — disse Olívia — que não conseguem executar a Possessão Corpórea mesmo depois de anos treinando.

Aquilo serviu para tirar o sorriso petulante do rosto de Erínia.

A Sociedade Bruxesca era composta por uma diversidade mágica impossível de ser dominada por um único usuário de magia. Doravante, era comum que as habilidades fossem diferentes para cada um, e assim tínhamos o que chamávamos de Ordens de Poder. Ao todo, cinco ordens abrangiam o universo mágico. Os bruxos dividiam-se entre guerreiros, alquimistas, sensórios, transmorfos e curandeiros.

A Ordem dos Guerreiros configurava-se por bruxos com habilidades bélicas fora do comum. Bruxos guerreiros não raramente tornavam-se Caçadores de Demônios e viviam para a luta. Suas aptidões físicas eram exímias e tinham facilidade para dominar artes marciais, combinando a energia sobrenatural com a destreza dos movimentos. Tia Lena era uma bruxa guerreira e fazia parte da ordem desde muito nova. As histórias de suas aventuras nunca deixavam a desejar quando ela voltava para casa.

A Ordem dos Alquimistas era milenar e carregava grande riqueza de sabedoria. Bruxos alquimistas eram especialistas em poções e feitiços dos quatro elementos, podiam ler os astros e aproximavam a magia de uma ciência exata. Suas habilidades de modificar a composição química da magia lhes permitiam criar coisas extraordinárias. Por demandar um nível elevado de conhecimentos teóricos e práticos, os membros da ordem eram em sua maioria anciãos que pertenceram a outros grupos no passado.

Olívia era uma bruxa sensória brilhante e havia poucos que podiam se comparar a ela. Enquanto os guerreiros eram conhecidos pelo combate corpo-a-corpo, a Ordem dos Sensórios prezava pelas artes mágicas da mente e tinha a projeção astral como uma das maiores habilidades. A indução e o controle dos pensamentos faziam deles bruxos perigosos quando mal-

intencionados, pois eram capazes de dominar o comportamento e modificar as atitudes das pessoas a seu bel-prazer.

— Serei uma bruxa transmorfa, Ed — confidenciou Zara, quando perguntei se ela tinha alguma preferência. — Quero me transformar numa joaninha, porque joaninhas são bonitas. Não acha, Ed, as joaninhas tão lindas?

Sorri e a abracei, à beira de um ataque de fofura.

Transformar-se em animais ou em outras pessoas podia ser desastroso sem as qualidades necessárias, sendo imprescindível conhecer a fundo a anatomia de cada um dos seres vivos dos quais os bruxos pretendessem tomar forma. Por esse motivo, a Ordem dos Transmorfos era a que tinha menos membros permanentes. As técnicas de transfiguração e transmutação eram complicadas demais, uma vez que lidavam com a hibridez das espécies e cediam muita margem para erros. Chegava a ser trivial encontrar transmorfos que conseguiam apenas reproduzir formas caninas, ou seja, as transfigurações mais fáceis.

Por último, havia a Ordem dos Curandeiros, conhecida como a mais antiga das ordens. Entre os bruxos, a arte de curar sempre desempenhou um papel sagrado. Não era surpresa que muitos subestimavam as habilidades de um curandeiro. O que poucos sabiam, porém, era que aqueles que curavam ferimentos também eram capazes de desferi-los. Alguns dos bruxos mais experientes eram tão habilidosos que podiam trazer os mortos de volta à vida e só não o faziam pelo respeito à morte. Costumavam ser excelentes protetores de territórios e valiosíssimos numa guerra. Minha mãe pertencia a esta categoria, sendo notória mesmo entre os bruxos exímios.

Era um bruxo curandeiro que eu pretendia me tornar.

— Você pode escolher o que quiser, querido — assegurou minha mãe, em nossa conversa sobre a Ordem de Poder para qual eu pretendia entrar. — Os bruxos da família Valburgo são brilhantes, por isso estou certa de que você se dará bem em qualquer uma das ordens.

Havia um conto infantil — talvez o mais antigo do nosso folclore — que rezava a criação das Ordens de Poder pelas mãos de cinco Monstros Lendários. Em teoria, a cada bruxo era dada a oportunidade de aprender as artes mágicas das cinco ordens, e ao longo do desenvolvimento de suas habilidades ele ou ela escolheria a que ordem se dedicar. Na prática, ninguém era capaz de ser magnífico na totalidade da Sociedade Bruxesca.

Dizia-se, no passado, ainda no tempo dos homens sem deus único, que os seres mágicos eram tão poderosos quanto os Monstros Lendários que partilharam sua magia com os comunitários. Agora, contudo, desencorajada pelas mazelas da humanidade, a Essência da Natureza diminuía aos poucos em seus portadores. Ainda assim, havia bruxos de alta estirpe, como minha mãe, que conseguiam dominar muitas das habilidades das ordens, mesmo que se dedicassem a apenas uma delas. Era um acontecimento raro, mas real.

— Por hoje, é o suficiente, querida — disse minha mãe a Lillian, que sentiu alívio imediato com o fim do treinamento. — Vá se sentar com suas irmãs e observe o resto da aula, sim?

Fui até o lugar ocupado por ela e sentei com as pernas cruzadas sobre o chão. Em momentos como aquele, eu nunca invejava as pessoas comuns. Na verdade, era bem o contrário. Ser um bruxo não fazia parte apenas do que eu precisava ser, mas do que eu *queria* ser. A magia, o conhecimento, o folclore e a diversidade de seres místicos com os quais lidávamos todo o tempo faziam a vida valer a pena, fora da caixa, diferente.

Do ângulo em que estava, eu conseguia ter um vislumbre privilegiado da sala. A casa tinha um comportamento próprio, exalava o cheiro característico de livros antigos e café, e compunha-se de uma vibração alegre, mas era justo ali, na sala, que o núcleo da família repousava num ato de elevação contínua compartilhado por nós. De certa forma, parecia como

se as paredes observassem a rotina com excitação. Poucos lugares eram capazes de proporcionar aquele tipo de sensação.

— Hoje vamos praticar o controle de energia — continuou minha mãe, e se apressou em acrescentar ao ver minha expressão desapontada. — Não é o tipo de controle que você está pensando.

— Existe mais de um? — arqueei.

O controle de energia fazia parte das habilidades básicas dos bruxos, tanto que o aprendíamos desde muito cedo. Usávamos essa aptidão para levitações, como Lillian fazia para virar as páginas do livro. Era um dos treinamentos mais chatos do currículo mágico, e, apesar de levar alguns anos para executá-lo com destreza, eu já tinha dominado o controle havia tempos.

— Não exatamente — respondeu ela.

Minha mãe se aprumou nas almofadas e ergueu a cabeça para o alto, típico de quando tentava encontrar palavras para descrever o que se passava em sua mente. Com seus quarenta e dois anos, era uma mulher de beleza comportada e conduta firme. Apesar de ter ganhado um pouco de peso na última década, você só precisava encarar o rosto dela para encontrar os traços finos de uma linda senhora. Seus cabelos longos presos em um coque volumoso e delicado, antes negros como os meus, agora ostentavam com orgulho mechas esporádicas de prata num grisalho cheio de histórias para contar. Seus olhos amendoados sempre me encararam com curiosidade e atenção.

— É um meio de controle de energia mais avançado — acrescentou ela, voltando a olhar para mim como uma leoa ensinando o filhote a caçar. — Usado na cura para reativar células e fazer o corpo, ou alguma parte específica dele, voltar a funcionar.

— Tipo canalizar magia para fazer um coração voltar a bater, por exemplo? — sugeri, tentando compreender mais rápido.

— Exato — concordou ela. — Seu trabalho não seria curar o coração em caso de ferimento; esse processo demanda a habilidade de Restauração que você já domina. Mas se o único problema fosse um coração parado, o controle de energia pode fazê-lo bater novamente.

— Entendi.

— Certo. Está pronto?

— Aham.

Com um movimento da mão direita, ela fez flutuar até nós um pequeno aquário com água limpa e uma caixa térmica que estavam num dos cantos da sala. Colocou o aquário no meio da distância que nos separava e depois abriu a caixa. Para minha surpresa, dentro dela havia um grande número de peixinhos-dourado, dispostos numa pequena pilha como se tivessem sido estocados para aquela ocasião. Minha mãe retirou com gentileza um desses peixinhos e o repousou no chão.

— Não se preocupe — disse ela. — Coloquei todos eles em estado de inércia. Não estão mortos. Sua tarefa será tirá-los do *stand-by* canalizando a energia para fazer os órgãos voltarem a trabalhar. Quando conseguir, pode colocá-los no aquário.

— Tudo bem... isso é fácil.

— Não tão rápido, querido — negou ela, com o dedo indicador. — O segredo do controle de energia não é produzir em grande escala. Liberar uma quantidade exagerada de magia é fácil, você só precisa deixá-la fluir pelo seu corpo. E se usar pouca energia, não funciona. Reduzir a energia, por outro lado, reclama muito mais equilíbrio.

— O que quer dizer?

— Bem... — ela sorriu com tristeza, colocou a mão sobre o peixe e um brilho verde dan-

çou em volta da pequena criatura, que se contorceu, adquiriu uma aparência mórbida e parou de se mexer. — Se usar energia demais, você pode prejudicar o paciente. O peixe está morto.

Um arrepio subiu pela espinha e fez meu corpo se eriçar quando ouvi Zara sufocar um grito, escondendo o rosto entre Acácia e Lílian. Olívia parou o treinamento das gêmeas e as três observaram o que aconteceu. Sempre que precisava, minha mãe sabia como se fazer entender. A coisa mais importante para um bruxo curandeiro era a vida, portanto, roubá-la de um ser da natureza não era nenhum motivo para comemorar.

— Preciso que entenda a responsabilidade de usar essa técnica, meu filho — disse ela, grave. — Imagine que eu estivesse fazendo isso no olho de uma pessoa. Poderia tê-la deixado cega. Um coração poderia ter explodido. Uma artéria, danificada irreversivelmente. Em todos esses casos, é o controle de energia que determina o sucesso ou o fracasso da cura. Compreender isso o quanto antes dará a você chances de se tornar um exímio curandeiro.

Engoli em seco.

— Você está certa — balancei a cabeça na tentativa de acalmar a respiração. — Por favor, me mostre como fazer.

Ela voltou a pegar o peixinho-dourado sem vida e com um movimento das mãos fez aparecer ao redor dele uma manta de folhas. Colocou a criatura no meio do embrulho e o fechou com gentileza. Então, ateou fogo com um encantamento e assistimos enquanto as cinzas desapareciam com um brilho fraco no ar. Depois buscou outro deles na caixa térmica e o colocou em sua frente.

— O modo correto de suspender a inércia de um organismo vivo ou de um sistema de células específicas é descobrir o que se passa dentro do corpo primeiro. Assim, veja... — ela pôs as mãos sobre o peixe e permitiu que pairassem por alguns segundos. — Você deve sentir a quantidade de energia que o corpo requer. Isso é possível quando pensamos no paciente como uma extensão do nosso próprio corpo.

— E assim é possível identificar o quê e o onde pede por energia...

— Brilhante! Você está começando a entender.

— Devo obedecer ao fluxo?

— Sim — concordou ela.

O fluxo era o tráfego da magia dentro de cada bruxo. Os percursos de energia formavam uma cadeia de correntes mágicas, conectados por pontos de interseção que algumas culturas denominavam *chakra*. Em outras palavras, o fluxo nada mais era do que um conjunto de canais que conduziam a magia de acordo com o manuseio do seu usuário. Dessa forma, éramos capazes de expelir a essência mágica para fora do corpo e executar feitos além da compreensão natural.

— Ao passo em que seu fluxo de energia se conecta ao corpo inerte, você é capaz de mapear os locais com interrupção de vitalidade — explicou ela. — Uma vez que o destino é traçado, você deve liberar a energia para que a força vital se normalize e o estado de inércia dê vazão ao funcionamento regular do organismo. Desse jeito...

Ela permitiu outra vez que um brilho verde saísse de suas mãos, porém, mais suave. A luz envolveu o corpo do peixe, como se quisesse protegê-lo numa manta. Alguns segundos se passaram enquanto o processo ocorria, mas foi tempo suficiente para que eu pudesse reparar na destreza com que minha mãe executava a cura.

Pouco depois, o peixe começou a dar os primeiros indícios de movimento. No início foi fraco, meio desleixado, mas ele recuperou a vitalidade até que começou a se debater, desesperado por água. Ela fez o brilho verde cessar e conduziu a criatura pelo ar ao aquário, deixando que caísse dentro do líquido com um som característico.

— Agora é sua vez — disse ela.

Meu sangue abundava com adrenalina. Para essa tarefa, no entanto, excitação demais podia significar consequências indesejadas, por isso eu tinha de ficar calmo. Olhei de soslaio para onde as gêmeas se esforçavam com dificuldade para aprender os passos da Possessão Corpora e percebi que não era o único com a cabeça cheia naquele momento.

Alcansei a caixa térmica e escolhi o peixinho-dourado no topo da pilha. Após colocá-lo no chão, encarei o vazio na esperança de que algum espírito do além tivesse pena de mim e não permitisse que eu matasse a criatura. Mas não éramos do tipo de bruxos que se comunicam com o outro lado, por isso minhas expectativas eram ilusórias.

Posicionei as mãos sobre o peixe e notei que estavam suando frio. Não costumava ficar nervoso em dias de treinamento, mas as aulas geralmente não envolviam o equilíbrio delicado entre vida e morte. Nessas circunstâncias, eu me permitia ficar um pouco fora de mim.

— Quando quiser — apressou minha mãe.

Tentando fazer a conexão entre o fluxo do meu corpo e o corpo do peixe, acabei percebendo que não era tão fácil quanto antecipei. Encontrar a porta de entrada para compartilhar a energia não se mostrava uma tarefa promissora. Gastei alguns minutos concentrando os pensamentos em algum tipo de abertura que pudesse servir de canal entre os pontos de vitalidade.

Me excedi para além do nível seguro e liberei energia demais. O que aconteceu em seguida não foi nada agradável. O peixe se contorceu com os olhos pulsando e estourou com a pressão do meu feitiço, reduzido a um pequeno monte de vísceras e pedaços de espinha. Zara abafou outro grito e eu perdi o fôlego, alarmado. Minha mãe não se abalou e lançou um olhar condescendente de “você não esperava conseguir na primeira vez, esperava?” que reservava para mim quando sabia que eu seria duro demais comigo mesmo.

— Você acaba de matar o paciente — anunciou ela, indiferente, depois de limpar as partes de carne branca que voaram no seu rosto. — Próximo.

Dessa vez procurei ser mais cuidadoso e liberei poucas quantidades de energia sobre o novo espécime. Entrementes, o máximo que consegui foi que uma das barbatanas se movesse e nada mais. As palavras dela ecoaram na minha mente: *se usar pouca energia, não funciona*. Mas como alcançar o equilíbrio perfeito quando a linha entre salvar e matar o peixe era tão tênue?

Acabei matando o segundo paciente, mas dessa vez nada de tripas para fora.

Também matei o terceiro.

Matei o quarto.

O vigésimo sexto...

Àquela altura, o clima na sala tornou-se pesado demais para aguentar, e o aquário ostentava apenas um sucesso, que sequer havia sido meu. Duas horas se passaram e o único progresso que registrei foi fazer os peixinhos respirarem por alguns segundos; de repente, tudo acabava e eles morriam. A pilha de criaturas na bolsa térmica diminuiu um quarto do tamanho e o treinamento das gêmeas terminou depois da instrução que Olívia deu para começar a praticar a possessão.

— É o suficiente por hoje, querido — disse minha mãe, cansada. — Você tem dois meses para praticar até a próx...

— Não! — protestei, mais grosseiro do que tinha intenção ser. — Vou tentar a noite inteira se for preciso. Por favor, me deixe continuar...

Ela me avaliou demoradamente. Por um momento, cheguei a pensar que não permitiria que eu prosseguisse o treinamento, mas, então, como quem dá de ombros para uma situação de conformismo, ela estalou o dedo e fez uma xícara de café se materializar na sua frente.

— Tudo bem — cedeu ela, após tomar um gole da bebida. — Mas vou ficar com você até que consiga. Afinal, não é como se eu tivesse um milhão de coisas para fazer numa noite de sexta-feira...

Capítulo 08 | Laços Feitos

SETENTA E SETE.

Foi o número de peixinhos-dourado abatidos até que eu conseguisse fazê-los sair do estado de inércia. Passava da meia-noite quando a caixa térmica ficou vazia e o aquário exibia pontos de laranja alvoroçados.

Durante a semana que se seguiu após o treinamento de nível superior, continuei praticando sob a supervisão da minha mãe e ela se mostrou mais prestativa do que de costume para tirar dúvidas. Ao longo desse período, trocamos as cobaias e eu fiz os exercícios em alguns ratos, um punhado de pássaros, e, por fim, em dois gatos da vizinhança que as gêmeas capturaram. Dois dos ratos morreram, um dos pássaros bico meus dedos até sangrar e os gatos sequer notaram alguma perturbação na rotina.

O progresso de Maeve e Erínia, no entanto, foi mais demorado. Olívia ensinou-lhes a praticar a Possessão Corpórea uma na outra, e, embora tivessem uma mestra sensória de alto grau, o sucesso mais promissor delas foi deixar a si mesmas um pouco tontas. Àquela altura, as gêmeas davam os primeiros sinais de que a mãe fazia falta, mas o paradeiro de tia Lena ainda era um mistério.

Em paralelo, fui surpreendido na escola com a nota máxima no trabalho em que Jéssica e eu fomos parceiros, o que era algo fora do comum em se tratando da disciplina do professor Almir. Por mais que fosse um estereótipo chulo, quem poderia imaginar que por baixo daquela carapaça de patricinha metida à besta havia uma garota capaz de evocar Platão para discutir a sociedade contemporânea? Contra todas as possibilidades, eu meio que estava começando a criar simpatia por ela. Claro... sempre lançando olhares furtivos para os decotes que ela fazia questão de ostentar desde a nossa última conversa.

Klaus reprovou no exame de direção, mas por algum motivo aquilo não parecia incomodá-lo. Não que realmente importasse, já que costumávamos usar meu carro como transporte. Talvez ele gostasse da ideia de ter um *chauffeur* particular... especialmente um que fizesse bem mais do que apenas dirigir o automóvel.

Na quinta-feira seguinte, dona Morgana agendou a dedetização semestral da Livraria Amarela, por isso ganhei o dia de folga. Como Anévoa enfrentava uma semana chuvosa, Klaus e eu resolvemos trocar o Lago dos Pirilampos por um almoço no Tatiana Gê, e fomos para lá depois da escola.

O Café estava movimentado. Não fomos os únicos a substituir as atividades ao ar livre por uma refeição num lugar quente e seco. Em sua maioria, os frequentadores eram rostos conhecidos da escola, mas era possível ver alguns adultos espalhados aqui e ali pelo balcão, trocando amenidades e conversando sobre qualquer coisa não muito importante.

Fomos até a mesa vazia no final do salão, próxima ao banheiro unissex, onde nos encontramos pela primeira vez no Café. O burburinho do salão combinava com o som da chuva do lado de fora. Assim que percebeu a presença de Klaus, Príncipe Vlad se desvencilhou de al-

gumas primeiranistas e veio ronronando por entre nossas pernas sob os olhares esfuziantes de suas acariciadoras.

— Você pretende lavar as mãos antes de comer, suponho? — Tati aquiesceu quando o gato encontrou lugar no colo de Klaus. — Pensando bem, do jeito que esse bichano é higiênico, *ele* é quem devia se lavar depois de tanto assédio...

— Será que eu ouvi uma ponta de inveja? — zoei um pouco.

— E desde quando inveja tem som? — devolveu ela.

— Se estiver muito carente, acho que Klaus não faria objeções a distribuir cafunés em seres humanos — fiz a tréplica.

Nós rimos.

— Não se preocupe — emendou Klaus, levantando-se para ir ao banheiro. — Vou lavar as mãos agora mesmo. Edgar, você já sabe o que pedir...

Por um lapso de momento, apenas longo o suficiente para eu notar, a expressão no rosto de Tati se estreitou em algo que parecia uma pulga atrás da orelha. Percebi que Klaus e eu estávamos dando muita bandeira... pelo menos quando se tratava de alguém observador como Tati.

— Aqui entre nós — ela se abaixou para sussurrar no meu ouvido e os cabelos da minha nuca se eriçaram. — Tem alguma coisa que você gostaria de me contar, Ed?

Evitei corar como um tomate, mas não estava certo de que consegui. Príncipe Vlad passou entre minhas pernas e eu dei um sobressalto.

— Tipo o quê, por exemplo? — ofereci, evasivo.

Ela sorriu, desfranzindo a testa.

— Nada — cedeu ela. — Foi impressão minha. O que vão querer?

Lutando para não atropelar as palavras, fiz o pedido com rapidez. Ela anotou qualquer coisa no bloco de notas que tirou do bolso do avental e foi para a cozinha munida da nossa comanda. Klaus voltou pouco depois com um sorriso no rosto que me desarmou. Decidi colocar minhas paranoias de lado por enquanto, embora eu soubesse que precisaríamos conversar sobre aquilo eventualmente.

— Tive uma ideia — disse ele, depois que se sentou. — Jogo das Dez Perguntas.

— Nunca ouvi falar — menti.

— Bem, não é nenhuma equação matemática. Basicamente, fazemos dez perguntas um ao outro e vemos no que dá. Cada um tem direito a um veto, que anula uma das perguntas, e duas substituições, que obrigam o outro a fazer uma pergunta diferente.

— Por que quer jogar esse jogo?

— Ah, qual é, Edgar? Vai ser divertido... Além do mais, há muita coisa que não sabemos um do outro e essa é uma oportunidade perfeita para corrigir isso.

— Tudo bem — anuí, meio nervoso. — Mas eu começo.

— *Touché!* — ele lançou um olhar seguido do sorriso que me fazia querer rasgar nossas roupas bem ali, na frente de todo mundo.

Agora que parava para pensar, havia muitas coisas que eu gostaria de saber a respeito de Klaus. Eu podia esconder um grande segredo sobre a linhagem da minha família, mas nós também não costumávamos conversar muito sobre a família *dele*. Entrementes, como se tratava de um jogo por diversão, concluí que deveríamos manter a conversa num nível mais superficial.

— Você já ficou com garotas? — perguntei.

— Fácil — ele sequer pestanejou. — Claro que sim. Eu também preciso manter as aparências, sabe, ainda não estou preparado para que minha família saiba sobre mim. O melhor

método para não levantar suspeitas é levar uma garota de vez em quando para jantar na minha casa. E você?

— O mesmo — concordei. — Os motivos são mais ou menos similares.

Embora, para ser sincero, nunca tenha levado uma delas para jantar na minha casa. Eu não pretendia confessar que estive com mulheres por causa do meu hobby noturno em festas com senhoras e suas carteiras cheias de dinheiro, por isso respondi apenas com metade da verdade.

— Livro favorito? — perguntou ele.

— *As Três Irmãs*, de Anton Tchekhov.

— Sério...? Não imaginei que você gostasse dos russos.

— Bem, não é uma leitura adorável, mas do tipo que marca, sabe, deixa rastros na memória, tira da zona de conforto e isso vale mais que qualquer coisa para um leitor.

— Imagino — os olhos de Klaus ganharam um brilho diferente, como se aquilo fosse uma pista de que ele me admirava, o que me deixava lisonjeado, claro, mas ao mesmo tempo constrangido e tímido.

Tentei não ficar vermelho.

— Continuando... — retomei. — Personagem de Harry Potter favorito?

— Batilda Bagshot — respondeu ele.

— Sem chance! A historiadora?

— Essa mesmo...

— Ela é a minha segunda personagem favorita — falei. — Atrás, é claro, de Xenofílio Lovegood, pai da...

— LUNA LOVEGOOD — falamos os dois em uníssono.

Nós rimos.

Uma risada normal para dois amigos.

Passando um tempo juntos.

Nada de mais.

— Minha vez — disse ele. — Gostaria de casar algum dia?

— Uau! Espero que isso não tenha sido uma indireta — não segurei o riso com a expressão que ele me lançou. — Não está nos meus planos. Tenho outras prioridades pelos próximos dez anos. *Você* quer casar um dia?

— Substitua — ele virou o rosto.

— Não entendi...

— Estou usando minha substituição. Ainda tenho mais uma delas e um veto.

— Ah...

Fiquei surpreso pela irritação repentina. Príncipe Vlad voltou a se entrelaçar nas nossas pernas, mas dessa vez foi ignorado.

— Certo — arqueei, procurando algo para perguntar. — Filme favorito?

— Laranja Mecânica. Eu sei que é adaptado do livro, mas o filme é melhor... quer dizer, na minha opinião. Eu tinha doze anos quando emprestei o DVD de um amigo e assisti escondido dos meus pais. Lembro de ter ficado com uma queda pelo Malcolm McDowell por várias semanas. Acho que foi mais ou menos nessa época que comecei a perceber que gostava mais de garotos.

— Entendo perfeitamente — concordei. — Passei por situação parecida quando descobri o Marlon Brando jovem. Toda vez que eu via o sorriso dele na tela da TV, era como se algo derretesse dentro de mim. A partir de ent...

— Aposto que estão falando de sacanagem...

Primeiro pensei que Tati havia me interrompido, mas a voz era diferente, e o tom da fala sugeria sarcasmo. Jéssica se aproximou sorrateira e eu ponderei até que ponto da conversa ela ouviu.

— Na verdade, estamos falando sobre filmes — interveio Klaus à minha súbita falta de eloquência —, enquanto nosso pedido não chega.

— Ah, vocês vão almoçar aqui? — perguntou ela, fingindo surpresa. — Ótimo, pensei que teria de comer sozinha. Detesto quando isso acontece, mas Sara precisou ir a algum compromisso estúpido com a mãe dela e cancelou na última hora.

Sem pedir qualquer permissão, Jéssica ocupou o lugar ao lado de Klaus, obrigando-o a se afastar para mais perto da parede. Fim de jogo. Ela ergueu o braço e uma das garçonetes veio atendê-la com um sorriso de admiração, como se estivesse diante de alguma celebridade ou algo que o valha. Jéssica fez o pedido e dispensou a moça com um olhar de complacência que podia ser confundido com gratidão por quem não a conhecia como nós.

— E então — continuou ela —, sobre o que vamos conversar agora? Ah, isso me lembra de uma coisa. Klaus, eu liguei ontem à noite, mas você não me atendeu, nem retornou. Posso saber o que estava fazendo?

Nadando pelado comigo, eu quis dizer, *é a nossa tradição agora*. Mas aquela era a oportunidade perfeita para continuar manipulando Jéssica a não desconfiar de nada, por mais que aquilo significasse que ela teria Klaus por algum tempo.

— Eu estava de castigo — mentiu ele.

— Mas por quê?

— Ele pegou o carro do pai escondido e dirigiu por aí sem habilitação — respondi antes que Klaus tivesse tempo de pensar numa desculpa. — Eu posso falar a ela o motivo?

Tanto Jéssica quanto Klaus se voltaram para mim com uma expressão confusa no rosto. Minha cabeça trabalhava a mil por hora e eu não ia deixar a bola cair.

— Klaus passou a tarde inteira procurando um presente para dar a você — as palavras saíram da minha boca sem freio, e, para terminar, completei: — Ele quer te levar para sair no sábado à noite... ao In-Sônia.

Não era necessário ler mentes para saber o que Klaus estava pensando. Eu o ofereci ao carrasco numa bandeja de prata, e, quando nossos olhares se encontraram, algo me dizia que talvez eu pudesse ter ido longe demais. Porém... coloque-se no meu lugar. Ambos conhecíamos os riscos desse relacionamento e os eventuais sacrifícios que surgiriam dele. Se para ficarmos juntos sem levantar suspeitas um de nós precisaria colocar Jéssica no banho-maria, então, aquilo me soava justo.

Jéssica, por outro lado, abriu um sorriso depravado e por pouco não deu pulinhos de alegria. Naquele momento descobri que acertara em cheio. Klaus podia não gostar da ideia de bancar o acompanhante do *cosplay* de Regina George, mas Jéssica pouco se importava se isso seria bom para os dois lados. O que ela queria era se exhibir pela cidade com o par de calças mais cobiçado da escola.

— Isso é perfeito — ela começou a falar com uma voz afetada, bem diferente de quando queria se passar por uma cê-dê-efe. — É claro que eu aceito o convite. Qual é o meu presente?

Droga, eu não terminei de pensar nisso.

— Hum... seu presente... é... hum... — foi a vez de Klaus ficar sem palavras.

— É um vestido! — atirei. — Você me falou isso, Klaus. Ontem, lembra? Comprou um vestido para ela usar na noite em que vão sair...

— É, é isso... — concordou ele. — Um vestido.

— Que coisa mais fofa, Kaká...

Nesse instante, nosso pedido chegou à mesa e o que se seguiu foi uma cena cômica, mas que também beirava o constrangimento. Jéssica não parava de confabular os itens da programação para o sábado à noite, enquanto Klaus resolveu me dar um gelo por causa da enrascada na qual o coloquei. No meio de tamanha epopeia, tentei ser um apaziguador de humores e levar o almoço na esportiva. Até que Jéssica resolveu ter a porra de uma epifania e sugerir um encontro de casais.

— Posso combinar com a Sara... — ofereceu ela, mas minha reação não foi das melhores, por isso continuou. — Tudo bem, Sara é meio estabanada às vezes. Tem a Lívía, a Alexa, a Clara... pode escolher qualquer uma delas, que eu arranjo nossa noite.

Por mais que eu merecesse aquela reviravolta nos acontecimentos, o sorriso de vingança no rosto de Klaus não foi de todo justo. Não era como se eu estivesse adorando a ideia de ceder a companhia dele para uma óbvia concorrente. Mas suponho que eu também poderia arcar com parte do peso.

— Acho melhor não — falei.

— Ed! — protestou ela. — Por que não quer sair com a gente?

— É, Edgar... — emendou Klaus, a língua lambendo o veneno. — *Por que* não quer sair com a gente?

— Vou atrapalhar o encontro de vocês, é isso — investi, mas não funcionou.

— Não seja idiota! — Jéssica estalou os lábios em contra-ataque. — Escolha qualquer uma das minhas amigas e ela será seu par.

Quem é que está objetificando as mulheres agora, hein?

— Tudo bem... — cedi, sem muito entusiasmo. — Vou ver o que posso fazer, mas não prometo nada. E não preciso da sua ajuda com minha acompanhante.

Jéssica e Klaus ficaram surpresos. Na verdade, surpreendi a mim mesmo e o que eu diria a seguir implicaria em várias situações subsequentes que me obrigariam a expandir minhas estratégias de manipulação. Se eu parasse para considerar as garotas da nossa escola, não cogitaria sair com nenhuma das amigas de Jéssica. Mas havia uma... dentre tantas... que me chamava a atenção.

— Quem é a felizarda, podemos saber? — Klaus tentou esconder o ciúme por debaixo da curiosidade, mas ainda assim consegui identificar um contragosto na entonação da sua voz.

— Bem... é a Úrsula...

— A garota negra? — Jéssica arregalou os olhos.

— Algum problema com isso? — ponderei, com a sobancelha arqueada.

— Pelo contrário, Ed... — respondeu ela, evasiva. — Isso é... perfeito.

O almoço terminou estranho.

Não ruim.

Apenas estranho.

Depois que a chuva parou, Jéssica se despediu para uma hora marcada no cabelereiro. Klaus e eu entramos no carro e rodamos sem rumo por algum tempo. Em silêncio. Só o barulho do motor e o vento entrando pelas janelas.

Foi naquele momento que eu percebi.

Que nossos laços estavam ficando fortes.

Entrelaçando-se demais.

Em um nó apertado.

Seria prudente?

— Você me deve um vestido — Klaus interrompeu meus devaneios.

— Deixa essa parte comigo — falei. — Tenho algo em mente.
— Vai mesmo levar a Úrsula?
Eu fiquei calado.
— Você pode nos dar um *perdido*, se quiser — ofereceu ele. — Posso lidar com Jéssica sozinho. Quer dizer... caso você não queira ir.
Eu olhei para ele quando paramos no sinal vermelho.
— Faria isso por mim? — perguntei.
O laço se estreitou.
— Você sabe a resposta para essa pergunta.
Ele olhou para os dois lados da rua e se certificou de que não havia ninguém ali. Se aproximou e me deu um beijo.
Depois voltamos ao silêncio.

Capítulo 09 | Independência

NO DOMINGO DE MANHÃ, acordei cedo e saí para uma caminhada. Tranquei a porta da casa, tirei o maço de cigarros do bolso e acendi um deles com o isqueiro que um dia pertenceu ao meu pai. Os últimos resquícios de neblina despontavam no horizonte, dando passagem aos raios de sol.

Minha cabeça estava cheia.

Klaus levou Jéssica ao In-Sônia na noite anterior e a única notícia que tive a respeito do encontro chegou em forma de texto, às 3h da manhã. “Foi bom”, era tudo o que a mensagem dizia, e, por mais que eu evitasse dar asas à imaginação, “Foi bom” podia conter uma porção de significados para um cara como eu.

Tentei afastar da mente as possibilidades. A urgência ardente no meu peito me assustava, e a necessidade crescente de estar perto de Klaus acendia todas as luzes vermelhas da minha consciência. Eu me perguntava se era tarde demais para rebobinar os últimos dois meses e voltar à época em que minha vida ainda partilhava da disposição velada dos comunais.

Era impossível saber.

A rua estava vazia, mas o vira-lata dos vizinhos não hesitou em latir quando passei, solicitando ao coro canino os cachorros das proximidades. Mantive a paz de espírito enquanto inflava os pulmões com a nicotina e liberava o ar esbranquiçado pela boca. Depois de um tempo, o barulho altercado pelos cães cessou abruptamente.

Os dias estavam mais ou menos normais na residência dos Valburgos. As gêmeas começaram a fazer progressos reais com a Possessão Corpórea e Olívia estava otimista com o desempenho delas. Eu mesmo, apesar de ainda não dominar o controle avançado de magia com perfeição, me aproximava cada vez mais do êxito.

A única coisa além do normal era a ausência da minha mãe, que partiu em uma pequena viagem à capital Jardim dos Córregos. Normalmente, ela não deixaria a casa sob a minha supervisão e de Olívia, mas algo no seu compromisso misterioso sugeria que ela tinha decidido investigar por conta própria o paradeiro de tia Lena. De qualquer modo, em dois dias ela estaria de volta e poderia esclarecer o motivo da viagem.

— Você é o Edgar, não é?

A voz que interrompeu minhas divagações pertencia a uma garota. Andando sem rumo, mal percebi os três quarteirões que percorri para longe de casa. Estava numa rua com residências bonitas e vizinhança agradável. A fragrância de jasmim que eu senti de repente parecia competir com o cheiro espesso do tabaco, propondo um contraste de aromas peculiar.

— Estudamos na mesma classe — disse ela, começando a achar que eu não a reconhecia.

— Eu sou...

— Úrsula — completei, abrindo um sorriso. — Sei quem você é... quer dizer, sei que estudamos na mesma classe.

Úrsula vestia um pijama com estampa de maçãs verdes e estava com os pés nus. Seu cabe-

lo cacheado exibia toda a opulência volumosa de alguém que não saiu da cama há muito tempo. Notei que estávamos parados na frente de uma casa enorme de dois andares, com uma grande abóbada em marfim, que provavelmente devia ser onde morava. Colocava o lixo para fora quando deu de cara comigo.

Houve uma fagulha quase imperceptível, mas pude encontrar timidez nos olhos castanho-escuros que me encaravam, e aquela expressão envergonhada a deixava ainda mais bela. Era, sem dúvida, uma garota linda, cuja beleza de ébano se sobressaía à palidez insípida das garotas da nossa escola.

— Está perdido? — ofereceu ela.

— Não exatamente — respondi, acanhado. — Eu meio que resolvi dar uma espairecida antes do café da manhã. Me exercitar um pouco, ficar saudável...

— E você costuma fazer isso com um cigarro na boca? — ela riu, e a risada encheu o silêncio da rua, encorpada e sincera; nenhum resquício dos sorrisos comedidos impressos na maioria das pessoas. — Foi mal, não é da minha conta, só fiquei muito surpresa de encontrar você aqui.

— Não fazia ideia de que morávamos tão perto um do outro. Passo de carro por essa rua todo dia para ir à escola, mas nunca vi você por aqui.

— Bem, geralmente coloco o lixo para fora e volto a entrar. Não sou muito fã de exibir meu pijama favorito para os carros que passam, sabe. Um pouco de amor-próprio às vezes cai bem.

— Também não sabia que você era engraçada...

— Meu espelho vive dizendo a mesma coisa.

— Isso, por outro lado, é preocupante. Com que frequência costuma conversar com seu próprio reflexo?

— Somente em ocasiões especiais, quando atletas fumantes aparecem de supetão em frente à minha casa e me encontram desprovida da argamassa cosmética que produz a dignidade feminina.

— Como é? Você não pode estar falando sério.

— Não?

— Bem, se me permite dizer, acho a beleza natural muito mais desafiadora, intrigante. Mascara as feições do rosto deixa tudo muito fácil e menos sincero. Afinal, os poetas não saem por aí endeusando a indústria cosmética, certo? É sempre o rosto visceral que faz os corações baterem mais rápido...

— Espera — disse ela —, você acabou de usar uns argumentos meio filosóficos para me chamar de bonita ou eu fiquei com muita fome de repente?

Antes de poder responder à pergunta, vi um homem de suéter e calça social aparecer na porta da casa. Ele estudou a cena com interesse.

— Querida, você não vem tomar café?

— Um minuto, pai — ela se virou para o homem e acenou, depois voltou a me encarar. — Tenho que ir. Foi um prazer enorme interromper sua espairecida matinal. Vejo você na escola amanhã.

— Até lá! — devolvi, assistindo-a caminhar em direção à porta, balançar a mão e desenhar um “tchau” nos lábios sorridentes antes de entrar.

Permaneci imóvel por algum tempo tentando entender o que aconteceu. Imaginava que Úrsula fosse uma garota legal, é claro, diferente da maioria, e descobri que ela excedia em muito as expectativas. Gostaria de ser amigo dela. Sem contar que isso reforçaria a mentira que eu mantinha para Jéssica. Aquele era um excelente motivo.

Decidi percorrer mais alguns quarteirões antes de voltar para casa. Meu corpo estava leve e a ardência no peito pela saudade de Klaus diminuiu. Acendi outro cigarro e prossegui em linha reta, despreocupado. Quando dei por mim, a neblina tinha evanescido e o sol oferecia um calor amigável às maçãs do meu rosto. Talvez a camisa de manga longa que eu vestia não fosse mais tão necessária. Um pássaro silvou a poucos metros enquanto delineava uma silhueta no asfalto ao voar por sobre a rua.

Fui até a padaria próxima ao mercado e comprei um bolo de banana para o café da manhã. No caminho de volta, permiti que os devaneios retornassem. Dessa vez, meu tio Briano dominou os pensamentos. Não era a carência de informações sobre ele o que me incomodava, mas a estranheza do fato de que minha mãe, Olívia e tia Lena sequer mencionavam seu nome.

As dúvidas borbulhavam na minha cabeça. Por que elas relutavam em falar do próprio irmão? Que circunstâncias levaram à sua morte prematura? Se ainda fosse vivo hoje, que habilidades seria capaz de me ensinar? As perguntas podiam encher uma lista inteira, mas as respostas seriam apenas especulações baseadas na dedução, e aquilo de certa forma me deixava triste.

Quando cheguei à rua de casa, os cachorros não se importaram como antes e permaneceram calados. Talvez estivessem cheios de latir para um transeunte indiferente. Contudo, mesmo a uma distância razoável, eu pude enxergar o alvoroço em frente à residência dos Valburgos.

Algo estava errado.

Corri até onde as gêmeas e minhas irmãs discutiam, aflitas. Nenhum sinal de Olívia. *O que foi dessa vez?* Não havia quarenta minutos desde que as deixei adormecidas. Fiquei ofegante com facilidade e atribuí aquilo ao hábito de fumar.

— O que aconteceu? — consegui perguntar com a respiração entrecortada.

— Ed! — gritaram Acácia e Zara, juntas.

— Onde é que você estava? — exigiu Erínia, irritada.

— Ainda bem que chegou — Lillian soltou um suspiro de alívio.

— O que aconteceu?! — repeti em tom firme.

— Na garagem, Ed — informou Maeve. — Você precisa ir até lá. Tia Liv não deixa a gente entrar...

Não esperei um segundo a mais. Entreguei o embrulho do bolo na mão de Maeve e fui em direção à garagem. Um turbilhão de possibilidades invadiu minha cabeça, mas eu não fazia ideia do que podia ter acontecido à Olívia. Ela estava machucada? Por que se trancou e não deixava ninguém entrar?

Forcei a maçaneta da porta no pátio da frente, mas não consegui abrir.

— Olívia? — chamei. — Sou eu, Edgar. Abra a porta.

No mesmo instante um *clic* metálico se fez ouvir na fechadura e a porta escancarou. Por mais inusitada que pudesse ser a cena do lado de dentro, ao menos fiquei aliviado.

Olívia estava de pé, o cabelo desgrenhado e um pijama com chapéus de bruxa. Dois dedos da mão esquerda tocavam a própria testa, enquanto a outra mão jazia acima da cabeça de uma criança que vestia uma túnica colorida, deitada sobre a mesa redonda de rocha. Os flocos de luz incandescente flutuando na garagem produziam sombras disformes no Grimório exposto no púlpito. Num dos lados da menina desacordada, um casal inquietava-se. A mulher, elegante em um vestido de noite, estava aos prantos e o homem, igualmente bem trajado, matinha um desespero silencioso.

— Ed, até que enfim! — Olívia soltou a respiração e liberou a magia da menina. — Pensei que não chegaria a tempo.

— A tempo do quê? O que está havendo?

— É nossa filha! — a mulher percebeu pela primeira vez minha presença. — Você precisa ajudá-la. Por favor, nossa Nina não pode morrer.

— Eles chegaram há meia hora, Ed — explicou Olívia. — A menina estava aos berros. E veja! Agora começou a sangrar pelo corpo inteiro.

Demorei a acreditar no que meus olhos viam, mas a criança de fato sangrava. Sua roupa estava encharcada e a hemorragia encontrou escape pelas vias sudoríparas. Se o sangue continuasse a sair naquele ritmo, ela estaria morta em questão de minutos. Num cenário de sorte.

— Aqui está — disse o pai da menina, estendendo a mão para mim. — Ela ingeriu uma folha dessa planta.

O homem exibia uma única flor. Suas pétalas em forma de losango eram acobreadas, e o receptáculo floral ostentava uma fina camada de penugem vermelha que se estendia para as folhas do caule. Eu tinha lido sobre aquela planta e o quão letal ela podia ser, porém, o mais perto que cheguei dela foi nos livros da nossa coleção.

— Isso é...?

— Uma Flor-de-Anífera — completou o homem.

— Mas... como?

— Somos botânicos — explicou ele. — Colecionamos raridades e produzimos muitas das ervas e heras que sua mãe usa para as poções de cura. De algum modo, Nina conseguiu entrar na estufa essa manhã sem ter noção do perigo que corria...

— Por favor... — implorou a mulher, soluçando. — Você é filho da bruxa curandeira. Por tudo que é mais sagrado, salve nossa filha, eu lhe peço, salve nosso bebezinho!

Um arrepio subiu pela minha espinha e eriçou cada pelo do meu corpo. Ouvir o lamento daquela mulher, tão maternal, era algo assustador. Os flocos de luz incandescente flutuando acima de nós bruxuleavam e eu senti a impotência crescer dentro de mim, lutando contra meus instintos de ação.

— Você precisa fazer algo, Ed — exigiu Olívia, agarrando meu braço direito. — É o único de nós com habilidade suficiente para esse tipo de bruxaria.

— Está errada — resfoleguei. — Eu não sou minha mãe. A essa altura, o veneno deve ter se espalhado pelo corpo inteiro. Precisamos chamá-la. Use sua telepatia...

— Juro que tentei, Ed, mas ela está fora do meu alcance. Não há como encontrá-la a tempo. A menina precisa de atendimento urgente.

— Eu não consigo, Olívia, não consigo.

Meu coração batia tão rápido que eu quase podia ouvir o som do galope. Ali estava! A prova de que eu não era nada sem minha mãe do lado, o grande filho mimado da curandeira. Uma vergonha para a ordem, e por minha causa a menina morreria naquela mesa em nossa garagem.

O sangue pulsava nas minhas veias e a adrenalina corria desimpedida. Mas o que eu poderia fazer? Nada do que eu tentasse surtiria o mesmo efeito dos encantamentos da minha mãe. Eu não passava de um mero assistente indigno de praticar a arte da cura; um assassino de peixinhos-dourados.

— Você não pode deixá-la morrer, Ed! — Olívia elevou a voz. — Precisa ao menos tentar, do contrário vai carregar a culpa pelo resto da vida e eu juro que isso é muito pior do que lutar com todas as habilidades que Ágata ensinou a você.

— Mas não tenho como me comparar a ela...

— O que você achou que ia acontecer? — retrucou Olívia, com raiva. — Que Ágata esta-

ria sempre presente nos momentos difíceis? Deixe-me esclarecer uma coisa, Ed. São situações como essa que mostram o real valor de um bruxo. Você foi preparado para este momento, e todo seu treinamento terá sido em vão se não o colocar em prática.

Ela olhou no fundo dos meus olhos antes de acrescentar:

— Você pode orgulhar sua mãe ou humilhar o trabalho de vida dela. O resultado vai depender de como você vai agir daqui para frente — disse ela. — O que vai ser?

Aquelas palavras me atingiram como um soco no estômago. Possuíam tanta verdade que podiam fazer meus tímpanos explodirem. Lancei um olhar na direção do casal em pavor do outro lado da mesa e o que encontrei na expressão de ambos me chocou. *Esperança*. Confiavam a mim a vida de sua filha.

Foi então que percebi.

Ser um bruxo curandeiro não significava apenas ter êxito ou salvar uma vida em perigo pela mera obrigação que o cargo impunha. Na verdade, tratava-se de utilizar todos os recursos disponíveis, fossem naturais ou sobrenaturais, para impedir a morte. A diferença tênue entre suceder ou fracassar residia nas intenções pessoais. Tão simples quanto a barreira que separava o bem do mal.

Decidi tentar.

— Raiz de Aquileia, segunda porta do armário de heras, frasco oval à direita da quarta prateleira — aponte para o lado oposto. — Precisamos parar a hemorragia.

— Certo! — prontificou-se Olívia.

— Vocês dois, por favor, se vão ficar aqui dentro, afastem-se e não interfiram — falei, embora o mais correto fosse mandá-los para fora. Porém, dadas as circunstâncias, nenhum deles estava propenso a deixar a filha; por isso, fiz uma exceção e permiti que ficassem, contanto que eu pudesse agir sem impedimentos. — Olívia, ela devia estar gritando e se contorcendo por conta da toxina. Que procedimento utilizou nela?

— Suspendi a consciência da dor — respondeu ela, prestativa. — A criança não pode sofrer se não souber o que é sofrimento.

— Brilhante ideia. Isso deve servir. A propósito, de qual raça são vocês?

— Minha esposa e filha são banshees — informou o pai, solícito em ajudar no que podia. — Eu sou licano, mas não há hibridez na nossa linhagem.

— Licano? Isso explica por que os cachorros estavam em silêncio quando voltei. E ela é uma banshee, você diz? Bem, nesse caso o organismo pode interpretar o encantamento de Restauração como algum tipo de ataque ao sistema imunológico. Isso não é bom, nada bom.

— Aqui está a Raiz de Aquileia — Olívia me passou o frasco enquanto voltava à sua posição inicial para aumentar o encantamento de suspensão na menina. — O que pretende fazer se a Restauração não funcionar?

— Uma coisa de cada vez — aduzi. — O que a está matando é a hemorragia. Se conseguirmos parar o fluxo de sangue, ganharemos tempo para impedir que o veneno cause a falência múltipla dos órgãos.

A mãe da criança choramingou por causa da explicação, mas eu não pretendia suavizar o diagnóstico. Estávamos trabalhando em desvantagem ali, por isso tínhamos de ser realistas. Nenhuma disposição velada ajudaria naquele momento.

— Olívia, página trezentos e noventa e quatro do Grimório, seção B — indiquei. — Recite o feitiço enquanto aplico o extrato da raiz nos pontos centrais por onde o sangue está saindo. A última linha deve ser repetida três vezes. Pronta?

— Sim — disse ela, depois de tomar posição em frente ao livro.

Usando magia simples, retirei a raiz de dentro do frasco e a deixei flutuando na altura do

meu rosto. Fechei os olhos e me concentrei. Extrair as propriedades ativas de uma planta era fácil, bastava envolvê-la com energia e pressionar até o líquido começar a sair. Normalmente, eu faria a tarefa em três respirações, mas, nervoso como estava, encontrei certa dificuldade no procedimento.

Com um pouco mais de esforço, acabei completando os passos básicos de extração: pressionar, ruminar, liquefazer. Voltei a colocar o frasco embaixo da raiz dilacerada pelo brilho azul da magia. O sumo esverdeado da essência de Aquileia caiu em gotas e era suficiente para o objetivo da cura, portanto, descartei o bagaço da planta.

Munido do antídoto para a hemorragia, identifiquei as áreas epidérmicas mais afetadas pelo veneno e onde o estado do sangramento era crítico. Bastou uma avaliação breve no corpo da menina para saber que os pontos de maior fluxo eram a barriga, axilas, coxas e pescoço. Derramei algumas gotas do sumo na mão direita e friccionei a pele nesses locais.

— Pode executar o feitiço — instruí Olívia.

Ela recitou, concentrada. O poema compunha-se de quatro pequenas estrofes cujos versos louvavam à Mãe de Sangue, apelando à sua benevolência e pedindo por um milagre. Ao passo em que Olívia finalizou o feitiço, eu tinha coberto todas as áreas críticas. Uma brisa repentina ameaçou apagar os flocos de luz e o ar ficou mais pesado. A magia estava funcionando como esperado. Pouco a pouco, o fluxo da hemorragia foi diminuindo, até que cessou.

— Oh, meu bebê... — choramingou a mãe.

Estudei com afinco os locais onde a essência de Aquileia trabalhava. O sumo esverdeado endureceu e adquiriu uma coloração marrom quando entrou em contato com o sangue, formando pequenas placas de proteção contra o escape da hemorragia. Os pais da menina não esconderam o alívio. No fim das contas, aquela parte não foi tão ruim. Conseguimos eliminar o perigo mais urgente e ganhamos algum tempo para recuperar o fôlego. No entanto, era a segunda parte que me preocupava.

Merda! Por que isso tinha de acontecer justo hoje?

Em teoria, banshees eram criaturas sombrias e seu organismo funcionava de acordo com essa premissa. O que acontece é que a Restauração era um tipo de magia pura, branca, contrária à natureza das trevas. Assim que eu desse início ao procedimento, era possível que o sistema imunológico da menina entendesse o encantamento como uma forma de ataque. Se isso acontecesse — e eu tinha quase certeza de que aconteceria —, o corpo espiritual tentaria repelir a magia e o estado orgânico do corpo físico poderia se agravar.

Em outras palavras, ela se autodestruiria.

Os resultados desse tipo de complicação, assim como numa cirurgia pelos métodos dos comunais, podiam levar à insuficiência respiratória, parada cardíaca, convulsões, falência dos rins, e eventualmente ao óbito. O que me deixava com uma única alternativa.

— Não tem outro jeito, Ed — algo na minha expressão anuviada me denunciou, pois Olívia acertou em sua dedução. — Você precisa usar o controle avançado de energia.

— Eu sei — suspirei, de ombros caídos. — Se eu encontrar a rota do veneno dentro do corpo, talvez consiga aglomerá-lo para evitar que continue se espalhando. Com isso, posso conduzir a porção do veneno até a cavidade oral e induzir a evacuação pela boca. Só tem um problema.

— Qual?

— Eu não vou conseguir...

— Edgar Doriarte Valburgo, presta atenção no que eu vou dizer! — Olívia veio até mim e segurou meus ombros com firmeza, mantendo contato visual. — Você chegou até aqui e eu não vou permitir que desista. Agora engula a merda do choro, pare de se sabotar e salve a

vida dessa criança.

Foi apenas tarde demais que eu percebi o que Olívia estava fazendo. Ao tocar em mim, ela liberou sua magia sensória e fez uma enxurrada de sentimentos otimistas borbulharem na minha mente. Seria aquele o famigerado Placebo Sensorial? No momento seguinte, uma sensação de autoconfiança imperou e de repente me vi capaz de dominar o mundo.

Sendo um bruxo treinado, eu conseguia identificar as habilidades dela sendo usadas e conhecia alguns contra-encantamentos para torná-las ineficazes. Mas pensei por um instante. Talvez fosse aquilo que faltava para completar a cura; eu só precisava de um empurrãozinho. Por isso, ao invés de combater a ajuda, eu a abracei por inteiro.

— Antes de continuar, precisamos limpá-la — informei, voltando aos procedimentos. — Olívia, você se importa?

— Nem um pouco.

Àquela altura, coisas do tipo não tinham tanta importância, mas concluí que seria mais adequado se fosse uma mulher a apalpar o corpo da menina. Enquanto observava Olívia passar uma toalha umedecida com soro caseiro no excesso de sangue sobre a pele da criança, procurei entrar num estado de nervos contemplativo. Concentração seria a chave principal para prosseguir com a cura.

Seu nome era Nina, disseram os pais. Doce como a feição imperturbável que seu rosto carregava. Não devia ter mais que cinco anos, nem conhecer a dimensão do perigo que a consumia. Naquele momento, captei a densidade da atmosfera e tive um arrepio quando forças sombrias pareceram entrar na garagem. Isso devia ser uma reação da nossa casa à presença dos seres místicos ali — criaturas da noite —, tão perto de nós; porém, seria um ato cruel pedir que os pais deixassem o recinto.

— Estou quase lá — disse Olívia, ainda executando a limpeza.

Sem dúvida, a iminência de morte deixava o ambiente pesado, irrequieto. A voz da minha mãe ecoou fantasmagórica na lembrança. *Se usar pouca energia*, dizia ela, *não funciona*. Por outro lado, eu sabia bem demais as consequências de usar *muita* energia. Qualquer passo em falso e eu poderia condenar Nina a uma morte trágica.

O suor escorria pelo meu rosto e o odor nauseante do sangue estava surtindo efeitos nocivos em mim. Me flagrei exausto, as pernas chacoalhando, e a magia enfraquecendo. Precisava ser cuidadoso e paciente, mas também preciso e ligeiro; minha energia ameaçava se esgotar com o procedimento ainda em curso.

— Terminei — informou Olívia, mais para si mesma do que para mim. — Agora é com você.

Tomei uma longa tragada de fôlego.

O momento era aquele.

— Por favor — pedi —, continue sondando os sinais vitais. Caso algo fora do normal aconteça durante a extração do veneno, preciso saber imediatamente.

— Certo.

Olívia voltou a ficar onde a encontrei no começo daquilo tudo. Dois dedos da mão esquerda tocavam sua testa enquanto a outra mão jazia sobre a cabeça de Nina. Essa técnica sensória funcionava como um canal de comunicação entre os corpos, e Olívia tanto podia enviar magia como mapear a vitalidade do organismo.

Aproveitei a oportunidade para dobrar as mangas da camisa e deixar os braços livres. A mãe de Nina parou de chorar e observava a tudo como se assistisse a um dos membros de um esquadrão antibombas escolher qual fio cortar. Seu esposo adotou uma atitude inquieta, sugerindo que ele por alguma razão se culpava pelo que estava acontecendo. Era fácil imaginar

que nenhum dos dois se perdoaria se a filha morresse.

Sem pressão, não é mesmo?

Repousei as mãos sobre o abdômen de Nina e extingui qualquer distração à minha volta. As sensações negras continuavam presentes, à espreita, ainda mais fortes. Tratava-se, afinal, do Ciclo Supremo: tudo o que nasce, morre. Eventualmente.

— Aqui vou eu — falei.

Liberei a energia dentro de mim como forma de acessar à corrente do fluxo que percorria os pontos de interseção do meu corpo. Uma vez reconhecido o tráfego de magia, fui capaz de ver com clareza que minhas forças estavam se esgotando. Eu era mais fraco do que imaginava. Fiz uma nota mental para corrigir aquela falha quando tudo tivesse terminado.

Assim que estabeleci contato com os pontos de interseção do organismo de Nina, um tipo de mapa circular surgiu na minha mente. Nele era possível identificar o tráfego da essência mágica peculiar dos banshees. O desenho estrutural da vitalidade estava aceso com uma luz amarela opaca, e era apenas um pouco diferente da estrutura humana. A principal marca da anatomia, no entanto, estava no diafragma, forte e vivo, que permitia às mulheres banshees produzir o grito característico da espécie.

E lá, mais ao fundo do mapa que se parecia com uma constelação brilhante num céu escuro, estava o veneno, um tipo de sumo vermelho arenoso. A princípio, podia ser confundido com outras funções vitais, mas me dei conta de que isso acontecia porque a substância tinha se espalhado pelo corpo inteiro. Isto explicava a hemorragia pelas vias sudoríparas e indicava quão fodida estava a vida de Nina.

— Achei! — informei aos demais.

Embora cobrisse grande parte do organismo, era possível rastrear o núcleo do veneno, que se restringia a um local específico. O Sistema Digestório estava consumindo a maior quantidade de pontos vitais, e, portanto, era onde eu devia concentrar meus esforços.

Demorei calculando o nível de energia necessário, e, então, permiti que o ritmo do fluxo aumentasse. No mesmo instante, paguei o preço por compartilhar tanto poder de uma única vez. Executar o procedimento em animais pequenos era como um passeio no parque se comparado a aplicar a mesma técnica em um ser humano. Ou banshee. A complexidade não apenas aumentava como também exigia muito mais magia.

— Você consegue, Ed — encorajou Olívia.

Ignorando a tontura súbita, conduzi minha energia até o centro do Sistema Digestório de Nina e envolvi o núcleo da substância com uma camada repelente para não afetar os órgãos mais próximos. Depois de me certificar que o veneno não podia se espalhar mais, iniciei um movimento de sucção para reverter a rota da substância vermelha e obrigá-la a retornar para o núcleo.

O processo levou muito mais tempo do que antecipei, e os músculos do meu braço formigaram em protesto. Sem dúvida alguma nunca usei uma quantidade tão grande de magia, e meu corpo reclamou desprovido de qualquer pudor. Se tudo corresse bem, eu só precisaria aguentar um pouco mais.

— Vamos lá, Edgar — falei para mim mesmo. — Onde está sua força?

Após obter sucesso em reunir o veneno remanescente num único ponto aglomerado, dei um longo suspiro e não perdi mais um segundo sequer. Me empenhei na indução da substância pelo esôfago enquanto a adrenalina continuava crescendo e a autoconfiança presenteada por Olívia continuava forte.

Permiti sair uma nova onda de energia dos pontos de interseção e minhas pernas titubearam. Tentei não me importar com as possibilidades de fracasso e isolei os pensamentos ao

mapa luminoso da anatomia banshee. Podia enxergar claramente a energia verde em volta do brilho escarlate que exalava do veneno. Agora, ele se restringia a um círculo meio disforme que eu dominava com magia.

— Está funcionando! — Olívia também via o mapa luminoso.

Com uma vontade que exigia para si cada fibra do meu ser, empurrei com cuidado a bola mortal para fora do organismo de Nina. No começo, minhas investidas adiantavam pouco, o que era compreensível em se tratando do fato de que não era um peixinho-dourado que jazia na minha frente. Demorou um bocado até que eu tivesse êxito em mover a substância.

Com uma lentidão angustiante, o núcleo vermelho foi se diluindo em um filete arenoso que seguiu pelo esôfago no aparelho digestivo. Num ritmo latente, ao passo de uma marcha fúnebre, a substância percorreu todo o canal orgânico até alcançar a cavidade oral. Naquele ponto eu já não receava mais errar no controle avançado de energia e me acostumei à sensação. Meu poder, no entanto, aproximava-se do esgotamento, e isso certamente seria um problema.

— Só mais um pouquinho...

Em determinada ocasião, o esforço chegou a níveis tão altos que eu esperei perder a consciência. De alguma maneira, fui capaz de manter o procedimento em curso e finalizar a etapa. Quando o veneno atingiu as vias orais, liberei um pouco mais de energia para induzir a extração. Nina tossiu e engasgou por causa do vômito.

— Não interrompa a sondagem, Olívia! — abri os olhos e exclamei antes que ela tirasse a mão da cabeça de Nina. — Ainda não acabou. Eu cuido disso.

Com a visão falha, agarrei a paciente pelo ombro e a coloquei deitada de lado. Seus pais assistiam desesperados enquanto uma quantidade considerável de sangue e resquícios da Flor-de-Anífera saíam da boca da menina. O vômito se espalhou ao pé da mesa rochosa e eu percebi a força esmagadora das sombras deixar a garagem. Nina estava a salvo.

Pelo menos era o que eu pensava.

Tão logo a secreção venenosa foi expelida com sucesso, o organismo de Nina deu sinais de uma reação alérgica, o que só podia significar uma coisa: ela perdeu sangue demais e o que sobrou não estava circulando. Como se a situação não fosse grave o suficiente, seus membros se contorceram e a expressão no rosto doce fora substituída por um retrato de dor.

— Ela está tendo uma convulsão — revelei para Olívia, que encarava a cena com o mesmo assombro dos pais, prestes a entrarem em colapso. — A dor voltou ao corpo dela. O que aconteceu?

— Não sei — respondeu Olívia, confusa. — Algo bloqueou meu encantamento.

— Não me diga que... — compreendi.

Sem o veneno paralisando as funções vitais do corpo, os instintos banshees se reestabeleceram e passaram a combater nossa magia. Como se um sistema de autodestruição tivesse acendido que nem uma árvore de natal dentro dela.

— Esqueça a suspensão da dor — instruí quando a primeira ideia surgiu. — O organismo vai repelir magia sensorial. Ao invés disso, bloqueie a força motriz do corpo inteiro. Precisamos parar a convulsão...

— Entendi.

Olívia fechou os olhos e enviou uma corrente elétrica da cabeça aos pés de Nina. Eu a coloquei de volta à posição em decúbito dorsal e poucos segundos depois seu corpo ficou imóvel. Conseguimos parar a convulsão. Os pais da menina libertaram um suspiro de alívio e ficaram radiantes. Ninguém estava preparado para o que vinha a seguir.

— Essa não! — exclamou Olívia, em desespero.

— O que foi? — perguntei.

— O coração dela, Ed — ela engoliu em seco. — Parou...

O grito da mãe de Nina estremeceu a garagem e foi necessário que seu esposo desferisse enorme força para contê-la e impedir que atrapalhasse. Olívia estava prestes a ter um ataque de pânico e não seria de ajuda alguma se perdesse o controle. Mais uma vez, a responsabilidade recaiu sobre mim. Contudo, o que eu poderia fazer?

— Pode usar o controle de energia para fazer o coração voltar a bater — sugeriu Olívia, à beira de uma síncope. — Se conseguiu expelir o veneno, também consegue fazer isso.

— Receio que não — aduzi, alarmado. — Meus poderes estão no fim. Usei magia demais nos outros procedimentos, não tenho como executar a técnica uma segunda vez...

E então tudo ficou claro.

Para alguém que se considerava determinado a alcançar sonhos, eu dei grandes indícios de ser um completo idiota. Não era um curandeiro brilhante que eu pretendia me tornar? *Sim*. A dependência da magia me cegou para a alternativa que estava debaixo do meu nariz. Uma das regras da nossa ordem era jamais subestimar as habilidades médicas dos comunais, e quando percebi isso me dei conta do óbvio.

Modifiquei a posição da cabeça de Nina virando um pouco para trás. Depois coloquei as mãos sobrepostas na parte inferior do tórax com os braços estendidos.

— Olívia, vou precisar da sua ajuda mais uma vez — falei, enérgico. — Reanimação cardiopulmonar: a cada trinta repetições que eu fizer com a massagem cardíaca, quero que você faça duas respirações. Entendeu? Vamos começar!

Com ambas as mãos, coloquei pressão na área torácica inferior e comprimi o coração contra a coluna vertebral. Depois liberei a força e repeti a manobra até atingir a marca de trinta compressões em poucos segundos. Olívia abriu a boca de Nina e soprou para que o peito se expandisse, afastando-se em seguida a fim de permitir o escape do ar e esvaziamento dos pulmões. Os pais olhavam perplexos enquanto misturavam esperança e desespero.

Com um pouco de sorte, conseguiríamos estimular a oxigenação dos órgãos. O sangue precisava circular novamente para que o funcionamento do organismo fosse normalizado. Podia ser uma chance ínfima, mas era tudo o que nos restava para salvar a vida de Nina e estávamos dispostos a tentar.

Executamos a manobra médica por sete vezes, até que ela voltou a respirar e o coração acordou outra vez. Àquela altura, os músculos do meu braço queimavam pelo esforço físico e eu tive de me apoiar ao lado da mesa para não desabar. O rosto de Nina adotou uma expressão rígida e ela ainda sugava oxigênio com dificuldade, mas era possível dizer que o pior tinha passado.

— Conseguimos — Olívia abriu um sorriso fraco, mas triunfante.

— Sim — concordei, sôfrego, e me virei aos pais. — Ela vai ficar bem. Agora vou aplicar uma carga de energia para acelerar a produção de sangue e a cura dos órgãos afetados. Não se preocupem, como se trata de magia neutra, assim como a energia proveniente da comida, o organismo não vai repelir.

Posicionei dois dedos na testa de Nina e deixei fluir magia do meu corpo para o dela. A quantidade devia ser suficiente para fazê-la despertar em algumas horas, embora ela precisasse ficar de repouso e em observação pelos próximos dias. Assim que terminei, senti uma vibração dolorosa na cabeça. Ouvi Olívia gritar meu nome e guardei o rosto doce de Nina na mente.

Foi a última coisa que vi antes de tudo apagar.

Capítulo 10 | Percepções

NO SONHO, AS CHAMAS azuis inflamavam de dentro para fora. Eu estava só — não no sentido de estar sozinho naquele lugar, mas sozinho em todo o mundo: a luz incandescente na escuridão do meu destino. Tentei apagar o fogo, apenas para descobrir que o fogo não *estava* em mim. Eu era o fogo. A respiração diminuiu, como num afogamento, até o ponto antes da morte; pude sentir cada vibração do corpo se esvaindo para sempre. Morreria sufocado por algo que devia me queimar. O sentimento de não-lugar asfixiava mais do que o azul flamejante e eu lutava com um último suspiro.

Depois que morri, acordei no meu quarto.

Puxei o fôlego como se emergisse de um rio profundo.

Precisei abrir e fechar os olhos um bom número de vezes até identificar a estante de livros em contraste à parede branca. A luz entrava pela janela, mas sem a suavidade das manhãs. Me esgueirei para verificar o relógio sobre o criado-mudo.

15:27.

Olívia e as meninas tiveram trabalho para me levar ao andar de cima. Pelo menos eu sentia as forças recuperadas e a cabeça não rodava mais. Se tudo estava calmo, significava que Nina passava bem; Olívia cuidara do resto do procedimento. Fiquei envergonhado por deixar tudo nas mãos dela.

Me surpreendi com Lílían adormecida na cadeira perto da mesa; a feição parecida com a de nossa mãe. Ficou tão preocupada comigo que resolveu me vigiar durante a soneca. Levantei e sentei na cama, observando-a despertar.

— Você acordou, seu dorminhoco... — disse ela, esfregando o dorso das mãos nos olhos, bocejando.

— Falou a garota que estava roncando há poucos segundos.

— Até parece!

Ela se espreguiçou e eu fiz o mesmo.

— Como se sente? — ela quis saber.

— Inteiro. E morrendo de fome.

— Não é para menos...

— Pois é... acho que perdi o café da manhã.

— E o almoço, o jantar, o outro dia...

— Do que está falando? Só se passaram algumas horas desde que...

Ela riu alto.

— O que é tão divertido? — perguntei.

— Ed... o relógio está marcando 15:30, mas não do domingo. Hoje é quinta-feira. Você apagou por quatro dias.

— Você está zoando com a minha cara?

— Nem um pouco — jurou ela, com as mãos em forma de prece. — Tia Liv disse à mamãe

que você foi brilhante... até demais, por isso acabou inconsciente.

— Mamãe? Ela já voltou da capital?

— No domingo mesmo. Tia Liv conseguiu encontrá-la com telepatia e a chamou de volta. Foi um alívio quando ela chegou, ainda mais quando você começou a falar enquanto dormia...

Falar? Merda, merda, mil vezes merda! E se eu tiver cuspidido o nome de Klaus?

— O que aconteceu exatamente depois do meu blecaute? — ponderei com cuidado. — Versão resumida, por favor.

— Bem... Mamãe chegou e terminou o tratamento da menina. Os pais dela a levaram ontem no fim da tarde, depois que ela se recuperou o suficiente para repousar em casa. Nós o trouxemos para o quarto logo depois que você desmaiou. Mamãe disse que não havia nada de errado, a não ser pelo seu esgotamento de energia. Algum tempo depois, você começou a falar sobre um tipo de fogo que *afogava* ao invés de queimar, o que para mim parece um sonho meio maluco, mas nada lá muito especial. Eu também sonho com coisas estranhas às vezes.

Meu alívio foi imediato. Então, eu não tinha posto tudo a perder? Menos mal. E agora eu sabia que Nina estava bem e as coisas se acertaram no fim das contas. Ainda assim, ficar fora do ar por quatro dias não me parecia normal. Pelo menos nossa mãe retomou o comando e nada de ruim poderia acontecer.

— Por que você está no meu quarto? — indaguei.

— Não sabíamos ao certo se estava tendo pesadelos ou se isso podia ser o sintoma de alguma outra coisa, por isso revezamos para não deixar você sozinho.

— Aposto que não foi tão ruim assim — resmunguei, enquanto me levantava da cama, percebendo, para meu espanto, que estava com roupas diferentes. Ao invés do jeans e da camisa de manga comprida com que saí no domingo, agora eu vestia uma camiseta do Star Wars, shorts e uma cueca branca. — Espera... Vocês trocaram minha roupa?

Me senti um menino de dez anos com vergonha de ficar nu na frente da mãe. A cor do meu rosto deve ter mudado para o vermelho, de modo que Lílian gargalhou alto. Desde que aprendi a me vestir sozinho, nunca mais tive de ficar nu na frente de ninguém... Quer dizer, ninguém da minha *família*, pelo menos. Pior ainda quando eu lembrava de que era o único homem entre oito mulheres.

— Primeiro: apenas tia Liv se encarregou do trabalho sujo — disse ela, jocosa. — Segundo: era mais do que necessário, porque você estava um lixo após a cura. Terceiro, e eu quero gravar sua reação para sempre depois dessa: tia Liv só vestiu uma roupa em você depois de terminar o banho.

— Por favor, pega uma faca na cozinha e enfia no meu coração. Qualquer morte vai ser menos dolorosa do que encarar Olívia daqui para frente...

— Deixa de ser bobo, Ed... Consegue andar? Acho que vão gostar de saber que você finalmente acordou.

— Sim, consigo. E estou com tanta fome que posso comer um rebanho.

Lílian fez uma careta e me acompanhou para fora do quarto. Mesmo vendo que eu era capaz de me locomover sozinho, ela se certificou de que eu não rolaria escada a baixo como num desenho animado. Quando chegamos no meio do lance de degraus, ouvimos nossa mãe e Olívia conversando com alguém.

— Temos visita na casa? — perguntei.

— Sei lá. Eu estava dormindo no seu quarto, lembra?

Foi então que eu ouvi a voz que me fez congelar no meio da descida. Meu corpo inteiro retesou e Lílian perguntou se eu estava bem. Consegui arquear qualquer coisa e continuamos a

descer. Pouco depois tivemos uma visão panorâmica da sala.

— Uau. Quem é esse garoto bonito? — cochichou Lílian perto do meu ouvido.

— Até que enfim, garanhão... — Olívia sorriu maliciosa quando me viu e àquela altura eu implorava aos seres do universo que um buraco negro surgisse para me engolir. Ela vinha da cozinha carregando uma bandeja com alguns copos de vidro e uma jarra de chá gelado.

— Ah, você acordou, querido... — nossa mãe caminhou na minha direção com rapidez e perguntou com os olhos estreitados, analisando minha compleição como uma verdadeira médica. — Tem certeza de que devia estar fora da cama?

Balancei a cabeça debilmente.

— Formidável — aceitou ela. — Por que não cumprimenta seu amigo, sim? Ele veio ver como você estava, não é gentil da parte dele?

— Oi — disse ele, acanhado.

Aquilo não podia estar acontecendo. De algum modo, eu ainda devia estar sonhando. Mas onde ficava o botão de acordar? A cena seria cômica se não tivesse grande potencial para acabar em merda. Nossa mãe conversava com Klaus enquanto Olívia providenciava uma bebida refrescante. Tive de manter a calma para não dar bandeira; ele sabia que estava em terreno perigoso e não ousaria ultrapassar a linha do nosso acordo.

Por outro lado, fiquei alerta à parte da história em que Klaus não podia sequer suspeitar sobre o segredo da nossa família. Afinal, não é todo dia que você encontra pessoas capazes de transformá-lo num sapo. Porém, ao que tudo indicava, não havia nada fora do normal, nenhum objeto flutuando, nenhum instrumento tocando sozinho, por isso entendi que as anfitriãs tomaram os cuidados necessários para receber aquela visita incomum.

Ainda assim não consegui voltar à paz do meu estado de nervos. A culpa, nesse caso, era do sorriso de Klaus, que iluminou toda a escuridão dentro de mim. E esse foi o momento em que descobri que estava fodido. Como numa epifania perigosa, ali parado na escada diante da minha família, eu soube que estava apaixonado. Não era capaz de dizer quando o sentimento se tornou tão forte, mas ele era real e me deixou impotente.

— Oi — respondi com borboletas voando no estômago.

— Trouxe as anotações das aulas que você perdeu — disse ele, à guisa de uma explicação do motivo de estar ali. Na sua mão havia um caderno que eu reconheci como sendo dele. — Avisei por mensagem de texto que vinha. Como você não respondeu, achei que podia vir...

— C-Claro... — falei. — Você não precisava ter vindo, mas agradeço mesmo assim. Eu meio que não posso me dar ao luxo de atrasar conteúdo. Faz muito tempo desde que chegou?

— Alguns minutos — respondeu Olívia no lugar dele. — Estávamos tentando fazê-lo botar para fora seus segredos.

Meu corpo retesou.

Se ao menos Olívia soubesse de metade da história...

— Ótimo rapaz, seu amigo — disse nossa mãe. — A propósito, Klaus, querido, esta é minha filha Lílian. Suas irmãs, Acácia e Zara, devem estar chafurdando em alguma caverna imaginária não explorada no quintal. Acredito que você já conhece as gêmeas, que são minhas sobrinhas e estão sabe-deus-onde.

— Sim, tive o prazer de conhecê-las na escola... — confirmou ele, depois de acenar para Lílian, que ficou vermelha e devolveu o gesto.

— *Prazer* é uma palavra nova para descrever aquelas duas — resmungou Olívia.

— Está se sentido bem? — perguntou Klaus de repente e eu gostaria que ele não tivesse feito isso. — Quer dizer... dona Ágata disse que você esteve doente nos últimos dias, por isso não pôde ir à escola.

Ele sabia disfarçar bem, isso eu tinha de admitir. O problema é que as mulheres naquela sala estavam longe de ser comuns. Qualquer deslize, por menor que fosse, podia deixar um rastro. Não que alguma vez eu tivesse dado motivos para elas acharem que eu meio que gosto de garotos, mas, sei lá, vai que!

Quando você esconde um segredo por tanto tempo, acaba chegando ao ponto de pensar que o simples ato de respirar pode delatar o que está oculto. Some-se a isso o fato de que eu escondia bem mais do que apenas um segredo e o resultado era uma rotina exaustiva para manter as aparências.

— Eu estou bem — respondi. — Amanhã volto às aulas. Valeu por perguntar.

Para quem assistia de fora, a situação era trivial. Mas para nós, trocar amenidades como dois caras-que-gostam-de-garotas-e-ponto-final era no mínimo estranho. A vontade que eu tinha era de atravessar a sala, dar um beijo naquela boca ridiculamente beijável que acompanhava o rosto bonito de Klaus, colocar meus braços em volta do seu corpo e entrar numa competição de fazer bebês. E eu sabia que o sentimento era recíproco, porque ele dava sinais de inquietação que para olhos treinados como os meus significavam que ele queria o mesmo.

— Isso é bom — ele pareceu mais preocupado com o meu bem-estar do que seria seguro, mas fazer o quê? — Agora preciso ir...

— Tão cedo? — protestou Olívia. — Você nem tomou o chá... e nós ainda não descobrimos os podres do Ed.

— Deixe-o em paz, Olívia — nossa mãe virou-se para ele. — Obrigada por ter o trabalho de vir até aqui, Klaus. Edgar não costuma trazer muitos amigos para casa, por isso, às vezes fico imaginando se ele sequer conversa com outras pessoas fora do nosso círculo familiar...

— Mãe! — exclamei.

— Você sabe que é verdade, querido — ela deu de ombros. — Como é mesmo que vocês jovens dizem? Aceita que dói menos...

Klaus parecia embasbacado pelo fato de um adulto não apenas conhecer aquele tipo de expressão, como também ser capaz de usá-lo numa sentença que fizesse sentido.

— Nada de mais, dona Ágata. Foi ótimo conhecer vocês.

— Eu o acompanho até lá fora — falei, antes que Olívia se oferecesse para a tarefa. Deixamos as três na sala e saímos pela porta da frente, depois me certifiquei de que estávamos longe o suficiente para não sermos ouvidos. — Você realmente não precisava ter vindo. Eu agradeço a preocupação, sério, mas foi um pouco arriscado demais da sua parte.

— O que me restava fazer? — ele estava aflito. — Você faltou várias aulas, não respondia nenhuma das minhas mensagens, nem atendia o celular... Fiquei meio paranoico.

— Está dizendo que sentiu minha falta?

— Isso é óbvio, Einstein. Estar longe de você tem se tornado cada dia mais desafiador... — ele ficou exasperado, como se algo o incomodasse. — Está chateado por que saí com Jéssica?

— Claro que não! — menti. — Foi ideia minha, lembra? Perdi meu celular em algum lugar, por isso não respondi...

— Tem certeza de que estamos bem?

Queria poder dizer bem mais do que aquilo, mas eu não era estúpido.

— Sim... é só que, você sabe, é difícil resistir quando estamos juntos...

Ele abriu o sorriso outra vez. E me olhou de um jeito maroto que causou uma comoção instantânea na minha cueca.

— Já pensou que louco? — sugeriu ele. — Nós dois, no seu quarto, agora.

— Você está tentando me matar? — só de imaginar aquela possibilidade, as borboletas no

meu estômago ficaram ensandecidas e eu mal pude lutar contra o desejo de aceitar a proposta.

— Bem... você que sabe — anuiu ele. — A propósito, você tem a mãe mais legal do mundo e uma tia divertida, gostosa, descolada e de mente aberta. Tem mesmo certeza de que elas se importam com você-sabe-o-quê?

— Não pretendo colocar essa teoria à prova saindo você-sabe-de-onde...

Ele deu de ombros.

— De qualquer maneira, vim para dizer que estava louco de saudade. Melhor eu ir embora, antes que a gente acabe rolando aqui mesmo no seu gramado. Por favor, não me deixa sozinho com Jéssica naquela sala de aula amanhã.

— Pensei que houvesse outras dezenas de alunos.

— Jéssica tem um jeito todo peculiar de fazer as pessoas desaparecerem quando ela quer. Espero você amanhã.

Na impossibilidade de um beijo de despedida, batemos os punhos.

Como dois caras-que-gostam-de-garotas-e-ponto-final.

Nada suspeito.

Fiquei lá fora observando ele caminhar até desaparecer na esquina. Depois voltei para dentro. Estava certo de que Olívia quis ouvir nossa conversa do outro lado da porta, por isso quando entrei percebi que ela segurava um copo com chá gelado pela metade tentando disfarçar da forma mais suspeita, e despençou no sofá.

Klaus e eu conversamos quase em tom de sussurro, e não daria para ouvir o que falávamos, mas com Olívia nunca se sabe, por isso fiquei em alerta. Ela sorria para mim com culpa nos olhos. Pensei em averiguar se ela desconfiava de algo, mesmo que ínfimo, mas Lílian tinha ido para a cozinha e nossa mãe aguardava eu me sentar na poltrona à sua frente.

— Precisamos conversar — disse ela.

— Olívia contou tudo o que aconteceu na garagem, suponho?

— Sim. E primeiro quero deixar claro o quanto estou orgulhosa de você. O que fez, meu filho, foi extraordinário. Para ter ideia, minha mãe só permitiu que eu usasse o controle avançado de energia em um ser humano depois de dois anos de prática.

— Você está brincando, não é?

— Acredite, Ed — Olívia entrou na conversa. — Ela não está se fazendo de modesta. Eu fui a cobaia...

— Não precisaria ter sido se não resolvesse brincar de engolir aquela moeda — retrucou minha mãe, lembrando do ocorrido.

— Eu tinha cinco anos, Ág! — comentou Olívia. — Mas isso não vem ao caso. O que importa, Ed, é que Ágata realmente teve de praticar por dois anos antes de fazer o que você fez com apenas um mês de treinamento.

— Mas a que custo? — relembrei, lúgubre. — Eu perdi toda a minha força.

— Tudo a seu tempo, querido — assegurou minha mãe. — O poder dentro de você vai aumentar gradualmente. É preciso muita magia para executar o procedimento que você realizou.

— Bem... — anuí. — Sem Olívia, eu não teria conseguido.

— Calminha aí, sr. Edgar Doriarte Valburgo — Olívia terminou de bebericar o chá. — Não vá tentando me vender assim tão fácil. Prefiro deixar a parte do curandeirismo para vocês. Estou muito bem sendo uma sensória, obrigada, de nada. O mérito é seu por salvar a vida de Nina...

— A propósito, como ela está? — perguntei.

— Ela passa bem — informou minha mãe. — É provável que viva mais do que todos nós. Quando cheguei no domingo, me certifiquei que nenhum resquício da Flor-de-Anífera restava no corpo dela. Seu trabalho foi impecável. Quanto aos pais dela, Mirna e Carlos, gostaria de dar um bom puxão de orelha pelo descuido com a criança perto de plantas tão perigosas, mas decidi que o susto de ver a filha à beira da morte passou o recado de maneira mais eficiente.

— Houve momentos em que me preparei para o pior — confessei. — Achei que não conseguiria.

— Teoricamente, não era para você ter conseguido — revelou Olívia.

— Não a entenda errado, querido — acrescentou minha mãe — Ela quis dizer que há um bom motivo pelo qual esse tipo de encantamento leva mais tempo para dominar. É porque demanda uma quantidade de magia maior do que um garoto na sua idade deveria ter. Trata-se de um caso isolado, pois há muitos curandeiros que não são capazes de executar a técnica mesmo depois de décadas. Entende o que quero dizer?

— Então tem algo de errado comigo?

— Claro que não — ela se apressou em negar.

— No máximo, você deve ser um prodígio — sugeriu Olívia.

— Acontece que eu gostaria de poder fazer aquilo sem ficar nocauteado por quatro dias após a cura.

— Só a prática poderá corrigir isso — sentenciou minha mãe.

— Preciso ficar mais forte — falei. — Quero que intensifique meu treinamento.

— Se é isso que deseja, acho que posso fazer algo a respeito.

— Só de pensar nisso, já fico com preguiça — Olívia se levantou e foi em direção à cozinha, mas antes alfinetou: — Você devia se divertir mais, Ed. Aproveita que tem um novo *amigo* e finge que é jovem pelo menos de vez em quando...

Antes que eu pudesse responder, meu estômago roncou alto.

Minha mãe sorriu e veio até mim. Fez um cafuné na minha cabeça.

— Que acha de ovos mexidos, bacon e torradas de alho?

— Seria meu sonho?

Capítulo 11 | A Bruxa Protetora

MAIS TARDE NAQUELA mesma noite, as coisas voltaram ao normal. Após definir um novo plano de treinamento com minha mãe, me permiti relaxar com a leitura de *O Segredo por Trás da Poção de Beladona*, um manual escrito por Cadência Baraúna, uma famosa curandeira especialista em drogas naturais que viveu no século XIX.

Fui vencido, contudo, pelos procedimentos de manuseio das raízes; estava elétrico depois de dormir por quatro dias, e ler não gastava toda a energia correndo no meu sangue. Da minha cama eu conseguia ver a noite caindo do lado de fora da janela. Coloquei o marcador na página atual da leitura e larguei o livro no criado-mudo. Levantei, saí do quarto e desci as escadas, acometido pelo tédio.

Minha mãe organizava suprimentos na garagem com a ajuda de Lillian, Acácia e Zara. Olívia estava num encontro com Tony, o cara que conheceu na boate, apesar das minhas tentativas para fazê-la mudar de ideia. Na sala, as gêmeas jogavam a última versão de *The Witcher* no Xbox One. Gostava de me considerar um jogador decente, mas até eu precisava admitir que elas eram muito melhores. As duas viviam competindo entre si e isso acabava elevando o nível delas.

— O que está olhando, cabeçaço? — provocou Erínia quando uma *cutscene* iniciou na tela.
— Vai querer jogar ou o quê?

— Passo — recusei. — Sem clima para *quests* hoje. Além do mais...

— Ed, você acha que nossa mãe está bem?

A pergunta fora de contexto veio de Maeve. Sentada no chão, de frente para a TV, ela passava os dedos no longo cabelo louro que a fazia parecer uma criatura saída de um conto de fadas. Só então reparei que ela estava cabisbaixa e numa sintonia diferente de Erínia. Por um momento, tudo o que ouvimos foi o crepitar da fogueira ao redor da qual os personagens do jogo na tela aguardavam enquanto um javali assava nas chamas.

Havia quase dois meses desde a última vez que tia Lena esteve em casa. As circunstâncias da sua partida não foram diferentes das outras vezes. Ela costumava passar a noite anterior bebendo, como se encontrasse no álcool algum tipo de coragem escondida e divina. No dia seguinte, deixava a casa antes do amanhecer sem dizer para onde ia ou quando pretendia voltar.

Àquela altura, as gêmeas se habituaram à rotina da mãe, mas isso não significava que era algo fácil de lidar. Na maior parte do tempo, o estado natural das garotas continuava imperturbável e o resultado era um comportamento fútil como o de qualquer adolescente na idade delas.

— Quer dizer... — acrescentou Maeve, com a voz embargada — Acha que ela está tendo problemas para voltar?

O problema era quando a carapaça de duronas começava a rachar, mais ou menos na época em que a mãe ficava muito tempo sem dar notícias. Talvez a ausência de tia Lena não impor-

tasse tanto se não soubéssemos do perigo que ela corria toda vez que saía por aí caçando demônios que se infiltravam no plano físico, encontrando brechas entre nossa dimensão e o Desmundo, como costumávamos chamar o Inferno. Mas conhecíamos o poder das trevas e nunca havia a possibilidade de ficar tranquilo.

Erínia se deu conta de que esteve absorta no jogo e não percebeu a mudança de humor da irmã. Por algum motivo, ela se sentia responsável por Maeve e detestava quando não conseguia controlar a tristeza da caçula. Era impossível ter certeza de que tia Lena estava sã e salva, mas às vezes aquilo era tudo o que elas precisavam dizer a si mesmas para manter o jogo de cintura. Erínia desligou o console e se juntou à irmã.

— É claro que ela está bem, sua chorona — disse ela, sem muita convicção. — Ela é nossa mãe, lembra? As habilidades dela são maiores do que a de qualquer guerreiro que nós conhecemos.

Maeve se encolheu ao toque de Erínia.

— O que você acha, Ed? — insistiu ela, olhando na minha direção.

Eu me sentei no chão de frente para as duas e pensei no que dizer.

— Bem... — arqueei, optando pela sinceridade. — É possível que tia Lena esteja enfrentando dificuldades que a gente nem é capaz de imaginar. A vida que ela escolheu nunca foi fácil, vocês sabem disso. Mamãe nunca explica tudo o que gostaríamos de entender a respeito dessa parte de ser bruxo, mas se há algo de que tenho certeza é que ela nunca esconderia de nós notícias sobre tia Lena.

— Então... — Maeve levantou os olhos, esperançosa. — Se tia Ágata não falou nada até agora, isso significa que nossa mãe está a salvo?

— Ou pelo menos não morta... — completou Erínia.

— É isso aí — concordei. — Estamos falando de tia Lena. É a melhor bruxa guerreira que conhecemos. Isso não significa que ela não corre riscos, claro, mas é poderosa o suficiente para cuidar de si mesma. Se preocupar com ela é compreensível, pois a amamos, porém, especular sobre seu bem-estar seria duvidar das habilidades dela.

— Acho que você está certo — Maeve pareceu desanuviar a expressão. — Ela sempre volta para casa... Não é?

Eu realmente acreditava nas coisas que diss e tia Lena era de fato uma guerreira exímia. Contudo, algo parecia diferente. Não era nada que eu conseguisse identificar; talvez a atmosfera, ou uma sensação estranha. Até minha mãe parecia ter notado, mas ela jamais admitiria se perguntássemos. Só nos restava esperar que tia Lena voltasse *mesmo* para casa... eventualmente. Nesse meio tempo, eu podia aproveitar a adrenalina extra para levantar o astral das gêmeas.

— Tive uma ideia — falei. — Ainda querem aprender como abrir fechaduras?

* * *

— Tem certeza de que ninguém vai tentar explodir nossos miolos como da última vez? — Erínia relembrou o episódio na loja de conveniências no início do ano letivo. — Eu sou magra, bonita e jovem demais para morrer.

Precisei rolar os olhos. Esqueci como minhas primas tinham o dom de ser o maior clichê na história dos clichês. Estávamos em frente a uma boutique de moda feminina na parte rica da cidade. Decidi que nada animaria mais as garotas do que algumas roupas novas e pelo visto acertei em cheio.

— Relaxem — anuí. — Já estive aqui uma vez. Não tem nenhum cachorro, nem um louco

de cueca e armado.

— Por que você já esteve aqui antes? — perguntou Maeve.

— Averiguação de possível local para visita — menti. Na verdade, a primeira vez que fui até aquela loja tinha sido na semana anterior para *adquirir* o vestido com que Klaus presenteou Jéssica, mas não pretendia contar isso às garotas.

A rua estava deserta, no entanto, a luz nos postes mais próximos deixava nossa localização exposta. Por isso, antes de fazer qualquer coisa, lancei quatro pequenas bolas de energia no topo de cada iluminação. A luz das lâmpadas oscilou por alguns segundos e apagou, deixando na penumbra aquela parte da rua.

Na minha sondagem anterior, estávamos em uma zona da cidade que não tinha tanto policiamento quanto se podia esperar, mas a rede de lojas do bairro mantinha uma patrulha noturna terceirizada para proteger os estabelecimentos. Eram vigilantes armados que faziam rondas regulares durante toda a noite. De acordo com minha investigação sobre os horários da patrulha, naquele momento os guardas cobriam as partes leste e sul do bairro, por isso tínhamos em torno de uma hora para dar o fora dali.

— Vamos lá, Comichão e Coçadinha — falei para chamar a atenção e ignorei o olhar fuzilante das gêmeas. — Abrir fechaduras não é uma hidra de sete cabeças, então, se ficarem atentas, vão aprender rapidinho.

Elas assentiram.

A porta à nossa frente era na verdade um portão de ferro, desses de rolar para cima. Havia um cadeado de cada lado das extremidades e uma fechadura no centro à altura das nossas mãos. Uma vez passada aquela parte, haveria uma porta de vidro detrás da proteção inicial e era possível que um alarme estivesse ajustado à fechadura para prevenir arrombamentos.

— Certo, garotas — agachei e aprumei meu corpo perto de uma das extremidades. Tirei uma lanterna do bolso do moletom e entreguei para Maeve focar enquanto eu trabalhava. — Antes de magia, vou usar o método tradicional para abrir esse cadeado: cliques de papel. Isso vai ensinar a vocês a mecânica de uma fechadura.

— Tudo bem — concordaram.

Do mesmo bolso onde estava a lanterna, retirei dois cliques metálicos que serviam para prender papeis. Num deles, fiz uma dobra em forma de L, um pouco mais resistente para rodar o cilindro da fechadura. No outro, deixei uma linha reta para poder alcançar os pinos.

— A coisa mais importante que vocês devem saber é que fechaduras simples são compostas de dois aspectos básicos: um cilindro que gira em torno de si mesmo e vários pinos superiores que impedem esse cilindro de girar. Para abrir a tranca, é necessário alinhar os pinos de modo a liberar o eixo do cilindro. Até aqui tudo bem?

— Sim — responderam as garotas.

— Ótimo — continuei. — O primeiro passo é introduzir o clipe em formato de L na parte inferior da entrada da chave e o clipe reto um pouco acima dele. Com um movimento breve, é possível medir para qual lado a fechadura gira com mais facilidade, e nesse cadeado em particular é o sentido anti-horário.

— Ou podíamos apenas usar magia para quebrá-lo — pontuou Erínia.

— O objetivo é entrar e sair sem deixar indícios de que estivemos aqui — lembrou Maeve à irmã. — Do contrário, só precisaríamos fazer um monte de barulho e bagunçar tudo, sem preocupação.

— Desde quando você se transformou na Virgem Maria?

— Maeve está certa — anuí, antes que discutissem. — Devemos passar despercebidos. Agora, de volta ao cadeado. Com a haste em L pressionada para o sentido anti-horário, o cli-

pe reto deve ser empurrado na fechadura em movimentos repetidos até ouvirem um estalo. Como esse... — houve um som de *clíc* metálico e a haste em L cedeu para o lado esquerdo.

— Os pinos foram destravados? — interessou-se Erínia.

— Um deles, pelo menos — respondi. — Só precisamos fazer isso mais algumas vezes até o clipe completar meia volta no cilindro... e *voilà!*

A trava foi empurrada na combinação correta e o cadeado abriu com um som de estalo. Fazia tempo que eu não usava o método tradicional para abrir qualquer coisa, mas parecia que minha habilidade não se perdeu.

— Cacete! — Erínia não esperava que eu conseguisse.

— Isso foi demais, Ed! — emendou Maeve.

— Agora, vou fazer a mesma coisa no outro cadeado, só que dessa vez usando magia para alinhar os pinos — fui até a outra extremidade, me agachei e esperei Maeve focar a lanterna. — É preciso usar o controle de energia, mas não se preocupem, é apenas o controle básico que a gente aprendeu quando criança. Simplificando, vocês precisam gerar duas correntes de energia e lançá-las para dentro da tranca. Depois disso, a magia trabalha sozinha, como um tipo de inteligência artificial. Viram? Fácil!

Com um novo *clíc* metálico, o cadeado se abriu assim que liberei energia na abertura da chave. O trabalho dessa vez foi mais rápido e silencioso, mas menos divertido do que o método tradicional. Na minha opinião, usar magia para coisas simples não era lá tão legal.

— Agora é a vez de vocês — falei. — Quem vai primeiro?

— Eu! — Erínia se ofereceu antes da irmã.

— Tudo bem — me levantei e apontei para a fechadura no centro do portão de ferro. — Dessa vez, não vai ser um cadeado, mas o procedimento é o mesmo. Você tem que produzir duas correntes separadas de energia, uma para os pinos e outra para o cilindro. O resto fica ao encargo da magia.

— Beleza.

A gêmea de cabelos negros se posicionou na frente da fechadura, estendeu a mão direita e se concentrou. Momentos depois um brilho azulado saiu da sua mão e flutuou direto para a tranca do portão. *Duas correntes de energia*, torci em silêncio, *you consegue, vai*. Não demorou até que um som trincado se ouvisse no meio da noite.

— Consegui! — irrompeu Erínia num guincho de felicidade mais alto do que era seguro.

— Consegui, Maeve, eu consegui mesmo...

Maeve olhou para a irmã com o mesmo entusiasmo de quando ambas receberam juntas o prêmio de *Miss Oitavo Ano* no ensino fundamental. Não soube dizer se era preocupante o fato de tanta excitação por algo que — sejamos francos aqui — era considerado marginal na maioria das famílias tradicionais, ou se ficava orgulhoso por conseguir ensinar algo àquelas duas.

Rolamos o portão de ferro para cima com calma para não fazer barulho. A única barreira restante até o interior da loja era uma porta de vidro com uma fechadura similar à anterior, conectada a um sistema de segurança que despertaria a cidade inteira se o alarme disparasse no meio da noite.

Instruí Maeve do mesmo modo que fiz com Erínia e ela se concentrou no objetivo. Agora que a irmã tinha sucedido no primeiro delito de arrombamento, tratava-se de uma questão de honra para ela executar feito parecido. E, então, quando você pensa que uma situação não pode piorar, a vida faz questão de estreitar uma nova pegadinha na sua comédia *stand-up*.

— Ei! — gritou uma voz desconhecida.

O chamado voltou nossa atenção imediata à mulher ruiva com o cabelo preso num coque militar. Vestia a farda da patrulha com um olho verde bordado no bolso da camisa. Era forte,

pisava firme com as botas no chão e tinha o semblante corajoso das pessoas idiotas demais para ter medo.

— Parados aí! — ordenou ela em tom de ameaça; a mão esquerda segurava um tipo de arma na nossa direção, e a direita tremia com uma lanterna cuja luz ofuscava meus olhos. — Não se mexam ou eu ati...

No momento seguinte, a rua voltou ao silêncio e a mulher parou de falar com um súbito estalido. Ela ficou imóvel no lugar onde estava e percebi que a arma que segurava era uma pistola de eletrochoque. Não era letal, mas poderia fazer alguns estragos se atingisse a um de nós. Era impossível medir o quanto a carga daquele *taser* interferiria na corrente mágica dos nossos corpos.

Minha cabeça trabalhava a mil por hora tentando encontrar uma alternativa em que eu conseguisse proteger as gêmeas do disparo. A patrulheira continuou parada no mesmo lugar com os olhos arregalados e os braços em riste. Sua postura enrijeceu e eu não entendi o que se passava.

Até que um corpo caiu do meu lado.

— Maeve! — chamou Erínia, indo de encontro à irmã. — O que aconteceu? Maeve, Maeve! Fala comigo, sua idiota! Maeve... acorda!

Levou alguns segundos até que eu compreendesse.

— Ela alertou os outros patrulheiros — disse a mulher ruiva. — Temos alguns minutos até eles chegarem...

Meu coração se encheu de adrenalina e orgulho e eu avancei na direção da mulher. Os braços ainda estendidos e a expressão confusa no rosto. Retirei a pistola de sua mão, me esquivando da pontaria. Guardei no bolso do moletom e falei para Erínia com um sorriso que exibia o ritmo dos meus batimentos cardíacos.

— Leve Maeve para o carro. Encontro vocês lá...

— Mas Ed! Ela está desacord...

— Você ainda não entendeu, sua burrona? — perguntou a mulher ruiva, sua voz ligeiramente esgançada. — Eu consegui... finalmente consegui.

Erínia lançou um olhar incrédulo para a mulher, e depois para a irmã desacordada.

— Possessão Corpórea — informei.

* * *

Britney Spears tocou no aparelho de som do meu Jetta e eu não me importei nem um pouco. Na verdade, *Toxic* era até envolvente, se eu estivesse suscetível a admitir. As gêmeas riam feito loucas, inebriadas pela adrenalina da situação que podia acabar mal se não fosse pela atitude de Maeve. Receberam o direito de comandar o rádio sem restrições.

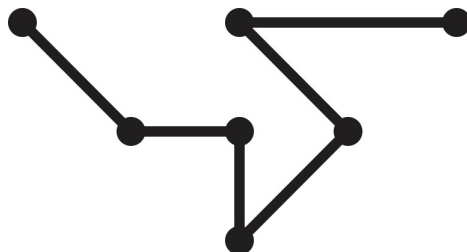
Foram melhores do que o esperado, embora nosso plano de adquirir um novo guarda-roupas para elas tivesse sido um fiasco. Pelo menos o clima pesado do começo da noite se dissipou e a saudade que sentiam de tia Lena parecia uma cena distante.

Estacionei o carro em frente ao Tatiana Gê e saltamos. Passava da meia-noite, mas a dona do Café não costumava ir para cama tão cedo. O céu exibia uma paisagem estrelada e sem nuvens, junto à brisa que gelava as maçãs do nosso rosto. Alguns cachorros latiam pela escuridão e nenhum sinal de transeuntes bisbilhoteiros. Noite perfeita para um chocolate quente.

— E a proteção, Ed? — perguntou Erínia, diante da fina camada azul que cobria toda a extensão do prédio, formando uma cúpula mágica impenetrável para seres místicos e visível apenas aos bruxos. — Você vai telefonar para Tati?

— Melhor — falei, sorrindo. — Tenho a senha.

De pé, encarando a barreira, estiquei o braço e toquei sete pontos na cúpula de energia, que brilhou mais forte onde minha mão encostou. Depois liguei os pontos até formar uma linha estranha que, não por acaso, era a combinação de entrada que Tati confiara a mim: uma Chave de Barreira.



Quando delinee a combinação de pontos e ligamentos, uma fresta se abriu na barreira de energia e aumentou até ficar do nosso tamanho. Passamos para o lado de dentro e no mesmo instante a barreira voltou a se fechar. Aquele era um encantamento de proteção avançado que só um bruxo curandeiro especialista em selos de proteção podia conjurar de maneira eficaz.

— Cacilda, Ed... — Maeve soltou um de seus palavrões dos anos oitenta. — A gente acabou de aprender a destrancar fechaduras e você ainda consegue fazer isso?

— Não é a mesma coisa — falei, dando de ombros. — Esse tipo de barreira não pode ser *arrombado*... quer dizer, ou você abre com a senha ou tenta derrubar a cúpula com toda força mágica que tiver. Do contrário, é impossível passar por ela. Duas tentativas erradas e eu não gostaria de estar na pele do invas...

A porta do Café se abriu com um baque forte e um fantasma saiu pronto para atacar. As gêmeas abafaram um grito de susto e eu tive que me conter para não mijar nas calças. Foi só depois de alguns segundos que descobrimos Tati por debaixo da máscara branca de creme facial e da camisola esvoaçante.

— Ah, que droga, são vocês!

— Esperava alguém diferente? — perguntei, divertido com a expressão dela.

As gêmeas riram descontroladas e eu pensei ter visto um vislumbre de timidez nos olhos de nossa anfitriã. Príncipe Vlad saiu atrás dela, passou por entre as pernas e veio nos receber com sua arma de ronronar que derretia qualquer carranca. Tati revirou os olhos e deu meia volta.

— Não *alguém*... — respondeu ela, exasperada —, mas *algo*. Estou tendo problemas com alguns licanos vira-latas. Na certa, deve ser por causa desse bichano bom-para-nada que deixa as criaturas loucas.

Nós a seguimos para dentro.

— Que tipo de problemas? — indagou Maeve depois que terminou de rir.

— Bem, o de sempre: urina pelo gramado, escavações intermináveis e arranhões na parede do lado de fora. Depois que voltei a colocar a barreira, as visitas pararam. Mas se eu pego um deles, argh!, juro que não respondo por mim...

— Se quiser nossa ajuda, é só dizer... — ofereceu Erínia.

Tati fez um gesto de agradecimento e se virou para mim. Sua expressão significava que ela gostaria de uma explicação para o fato de estarmos ali àquela hora.

— Hoje as gêmeas conseguiram duas coisas: arrombaram as primeiras fechaduras e dominaram a Possessão Corpórea. Viemos celebrar...

— Ora, mas por que não disseram antes? — Tati abriu um largo sorriso. — Parabéns,

meninas! Isso é realmente um êxito notável. Sabem de uma coisa? Tenho na cozinha minha mais nova invenção culinária, uma torta de pêssego com massa de pizza. Podem se servir à vontade, enquanto Ed me ajuda a tirar essa bagunça da cara...

— Você é a melhor, Tati... — disseram as gêmeas em uníssono, indo em disparado na direção da cozinha.

— E você, rapazinho... me acompanhe — disse ela, apontando o dedo como se eu estivesse encrencado. Sem opções, eu a segui até o banheiro unissex nos fundos do Café e a assisti jogar água no rosto para retirar o tratamento de pele. — Olívia me contou da sua estreia como curandeiro-chefe.

— Você parece... hum... chateada com isso.

— É claro que estou chateada — ela passou uma toalha no rosto e enxugou o excesso de água, deixando à mostra sua pele sedosa proveniente de anos usando os cosméticos caseiros da minha mãe. — Ágata não estava presente, Ed, e você podia se machucar de verdade por usar uma quantidade de magia tão grande num encantamento que ainda não dominava por completo. Custava ter me chamado? Eu poderia ajudar, sabe...

Por mais óbvio que pudesse parecer, aquela constatação me atingiu como um soco no estômago. Mas é claro! Tati era uma das bruxas curandeiras mais poderosas que eu conhecia depois da minha mãe. Ela podia ter feito meu sofrimento bem menor e eu não teria apagado por quatro dias.

— Caramba, Tati... isso sequer passou pela minha cabeça — fui sincero.

— Eu percebi, gênio...

— Mas sua especialidade é proteção e selos, não cura...

— Isso não significa que eu não tenha aprendido outras atribuições do meu ofício.

— Não foi de propósito, eu juro.

— Bem, de todo modo, o que você fez foi impressionante, tenho de admitir. E agora mais essa boa notícia de que as gêmeas dominaram a Possessão Corpórea. O que vocês são... mutantes?! Deve haver alguma substância mágica na água da residência Valburgo...

— Se eu me encontrar em situação parecida de novo — assegurei a ela —, não vou hesitar em pedir sua ajuda. Palavra.

— Isso agora é passado — disse ela. — Já até esqueci... aliás, aposto que seu amigo deve ter ficado bem preocupado com toda essa ausência. Vocês parecem tão... *apegados* um ao outro.

Senti o fogo queimar minhas bochechas e Tati percebeu isso.

— Não sei do que está falando — redargui.

— Ah, qual é, Ed! — ela rolou os olhos. — Vocês dois estão mais apaixonados do que o Príncipe Vlad gosta de roubar comida do meu armário. Supere isso, estamos no século do tudo-é-permitido. Ninguém liga se você gosta de...

— Gosta de quê? — Erínia apareceu na porta do banheiro acompanhada de Maeve, ambas com uma fatia de torta na mão.

De transar com outros caras, era o que eu queria poder dizer, mas havia muito em jogo e Tati não enxergava aquilo. As desculpas em que eu podia pensar eram insuficientes para explicar a frase interrompida no meio, por isso precisei usar as alternativas disponíveis.

— De mulheres mais velhas... — respondi, fingindo estar constrangido. — Eu estava passando uma cantada na Tati, mas não parece ter surtido muito efeito.

— Eca! — Maeve fez uma cara de nojo. — Ed, você é um pervertido. A Tati está de camisola, seu tarado!

— Acho que chegamos na hora errada, Maeve, ele provavelmente deve estar com uma

ereção — Erínia imitou a expressão de nojo da irmã. — Vamos embora, o chocolate não vai se esquentar sozinho.

As duas saíram do banheiro tão rápidas quanto entraram, deixando um elefante de embaraço no ambiente. Tati olhou para mim e não conseguimos aguentar três segundos sem dar uma gargalhada. Não foi uma solução justa, mas ela bem que mereceu depois de quase me arrancar do mundo de Nárnia por acidente.

Eu não sabia como me sentir. Por um lado, ficou claro que Klaus e eu demos muita bandeira e Tati acabou descobrindo com facilidade o que havia por debaixo da crosta da nossa amizade. Por outro, um alívio sem medida tomou conta do meu peito porque alguém mais sabia daquele segredo, alguém de confiança e que era minha amiga. Pareceu como se o peso equivalente a um lutador de MMA se eriçasse dos meus ombros, liberando minha respiração.

Seria aquele o sentimento de sair do armário? Fosse o que fosse, eu não podia me deixar levar, e a partir daquele dia as coisas entre Klaus e eu teriam de esfriar um pouco, por mais que aquilo significasse uma abstinência indesejada. O risco que corríamos estava aumentando, e eu não pretendia virar o centro das atenções por um motivo tão banal quanto uma paixão adolescente.

— Relaxa — Tati colocou a mão esquerda no meu ombro direito. — Se você não quer holofotes, seu segredo está seguro comigo. Agora, vamos sair daqui antes que sua mãe venha bater na minha porta exigindo saber como eu seduzi o primogênito dela...

Eu olhei para ela com gratidão nos olhos.

Saímos do banheiro às gargalhadas.

Capítulo 12 | Aspirações

O CURSO DAS SEMANAS passou ininterrupto. Certa manhã, antes de ir para a escola, minha mãe me solicitou para atender um paciente com escoriações pelo corpo. Algo a ver com uma queda sobre um arbusto espinhoso numa propriedade invadida. Eu não estava em posição de julgar. Cada um se virava do melhor jeito que podia para sustentar a família — mesmo que isso significasse ter o corpo perfurado uma ou duas vezes no processo.

Não tive qualquer problema para executar os procedimentos da cura e acabei me saindo tão bem quanto poderia. A partir de então, minha mãe foi afrouxando cada vez mais minha liberdade no consultório, e ao passo de um mês eu sentia confiança suficiente para tratar da clientela sem supervisão.

Talvez o mais difícil fosse lidar com um público tão resistente — como era o caso dos seres místicos de Anévoa. Éramos os únicos curandeiros da cidade a *comercializar* nossas habilidades quando ninguém mais o faria, porém, isso não queria dizer que éramos qualquer coisa perto de *queridos* pelos pacientes. De qualquer modo, a maioria deles era um bando de notívagos ladrões, licanos de alcateias que mais pareciam gangues e harpias de bordeis com histórico de agressão. Por isso, não é como se de fato ligássemos para a impopularidade.

— O que se pode fazer? — minha mãe deu de ombros. — Se recusarem nossa ajuda, ficam à mercê da medicina dos comunais. Se recusarmos atendê-los, será menos dinheiro no fim do mês.

Ao mesmo tempo em que ensinava técnicas médicas mais elaboradas e de difícil domínio, minha mãe dava continuidade ao treinamento básico, o que acabava adiando o treinamento no qual eu estava de fato interessado — aquele que me preveniria de ter um esgotamento físico toda vez que desferisse um feitiço poderoso demais e que exigia grandes quantidades de magia.

Seria de se esperar que bruxos possuíssem poder ilimitado, de sorte que a fonte da magia é a própria natureza. Doravante, se o poder é finito, a conclusão mais óbvia seria a de que a natureza em si mesma possui um fundo. Entrementes, há certas regras que regem o mundo espiritual, e elas configuravam o bruxo como um receptáculo limitado para a energia do universo. Dessa maneira, era possível evitar que houvesse um tipo de ditadura mágica e isso impedia a ascensão de bruxos onipotentes.

— No passado — confidenciou tia Lena em certa vez, ao contar uma de suas histórias —, havia bruxos muito poderosos. Eles acabavam por acreditar que podiam subjugar os comunais e a Sociedade Bruxesca. O ser humano, ousado dizer, não se torna melhor só porque usa a magia.

Qualquer tentativa contrária às premissas milenares dos primeiros Dominadores de Magia era condenada pelos Grão-Mestres, os líderes de cada Ordem de Poder. Normalmente, os Grão-Mestres eram os bruxos mais poderosos das respectivas Ordens às quais pertenciam. Quando criança, o único que tive a oportunidade de conhecer foi Mestre Wasiry, líder da

Ordem dos Curandeiros, um velho índio que mais parecia o esqueleto do laboratório de biologia da minha escola, no entanto, capaz de derrotar qualquer bruxo tolo o bastante para desafiá-lo.

Eles eram o que mais se aproximava de um tipo de autoridade na Sociedade Bruxesca, pois tinham responsabilidade pelo julgamento de crimes cometidos com magia, e detinham poder suficiente para legislar acerca das práticas do nosso mundo. Embora a comissão de Grão-Mestres existisse para manter a ordem sobre o caos, os bruxos tinham liberdade para agir como bem entendessem, desde que não interferissem no equilíbrio mágico que permitia a existência do mundo como o conhecemos.

— Eu trouxe sorvete.

Meus pensamentos foram interrompidos por Klaus, que abriu a porta da Livraria Amarela, caminhou até o balcão e falou comigo sem que eu sequer percebesse uma presença diferente. Devo ter feito uma expressão de alarme, pois ele se divertiu e começou a rir às minhas custas.

— Você estava fora de órbita, não estava? — ele me passou um pote de sorvete de chocolate com uma porção extra de caramelo: meu favorito. — Eu podia levar metade do acervo da livraria e você sequer notaria.

Eu sorri, despertando do sonho lúcido.

— Você saiu do nada — falei, embora aquilo não fosse possível. *Eu* era o bruxo da história. — Se dona Morgana estivesse por perto, não gostaria de estar na sua pele.

Ele deu de ombros. Depois me passou uma colher descartável e ambos destruimos o sorvete. Era fim de tarde, o movimento na livraria estava fraco; dona Morgana foi visitar uma amiga dos tempos em que trabalhava como professora.

— Não sei por que nunca vim aqui antes — Klaus olhou ao redor, conhecendo o lugar. — Deve ser o máximo trabalhar aqui... Todos esses livros... Aposto que você lê cada um deles sem pagar.

— Às vezes — respondi, meneando a cabeça. — É difícil se concentrar quando há clientes interrompendo sua leitura de cinco em cinco minutos. Isso sem contar a supervisão quase despota sob a qual trabalho. Quando quero ler um livro, uso o desconto de funcionário e compro um exemplar. É menos estresse.

— E quanto a paquerar? — dessa vez, Klaus voltou a olhar para mim, com um sorriso de troça no rosto. — Com essa cara de galã, você deve colecionar cantadas...

— Isso eu não posso negar. Nunca terminei um expediente sem flertar com pelo menos uma pessoa. Mas há dois problemas com isso: 1) as investidas *sempre* vêm de mulheres, e 2) a faixa etária média das minhas admiradoras fica em torno dos sessenta anos. E digo uma coisa, Klaus, você nunca sabe o quanto é tímido até ser convidado para um *ménage à trois* com duas damas de oitenta anos no fundo de uma livraria.

Quando gargalhamos, Klaus lutou para não se engasgar com a boca cheia de sorvete, e eu precisei enxugar as lágrimas que caíam por causa da risada. Um homem de terno que analisava os livros de direito numa estante próxima à porta lançou um olhar de repreensão, mas continuou sua procura, contrafeito.

As coisas estavam, enfim, se ajeitando na minha vida. Klaus e Jéssica mantinham um relacionamento não tão próximo que me fizesse repensar a decisão de juntar os dois, mas nem tão distante que colocasse uma pulga atrás da orelha das pessoas na escola. Não obstante, Úrsula e eu nos falávamos todos os dias na sala de aula, e minhas expectativas quanto à amizade dela se superaram. Em vez de encontrar um álibi que eu pudesse usar como uma sugestão de namorada, acabei me deparando com uma amiga com quem compartilhava várias afi-

nidades.

Àquela noite, Klaus e eu decidimos ir até o Lago dos Pirilampos. Como se tornou costume, levamos um lençol e o colocamos sobre as raízes da grande árvore com vista para a água. Passávamos horas e horas deitados nos braços um do outro, às vezes sem roupa, outras vezes protegidos do frio. Mas sempre envolvidos pelo vento da noite que assobiava entre as folhas acima de nós.

O mais inusitado era que poucas vezes conversávamos sobre qualquer coisa. O silêncio nos caía bem, e talvez aquilo significasse que não precisávamos de uma comunicação verbal o tempo todo. Quando falávamos — e isso me assustava —, era sobre o futuro, não sobre o passado. O presente parecia utópico. Um mundo particular feito sob medida para dois garotos inevitavelmente apaixonados.

— Acha que estamos esfriando? — perguntou ele quando nos preparávamos para voltar à parte urbana da cidade. — Quer dizer, acha que a gente... sei lá...?

— O que quer dizer? — eu sabia exatamente o que ele queria dizer, mas não estava no clima para uma conversa pesada.

— Bem... antes, eu não suportava passar um minuto sequer sem o cheiro do seu corpo... — ele estava ficando vermelho. — A urgência da minha necessidade de ver você era tão grande que me dava medo.

— Já conversamos sobre isso — falei, calmo. — Se a gente continuasse no mesmo ritmo, as pessoas iam notar. De uma hora para outra, as perguntas virariam dúvidas, as dúvidas, certeza, e a certeza poderia prejudicar nossas vidas.

— Seria tão ruim assim?

— O quê?

— As pessoas saberem sobre nós?

Não respondi.

Havia algum tempo que percebi o incômodo de Klaus com o anonimato. A pergunta errada era sobre o que as pessoas pensariam. A pergunta certa era sobre as consequências dos pensamentos das pessoas. Tudo era uma questão de ponto de vista, e ao que parecia nós olhávamos a situação de ângulos distintos.

— Preciso mesmo listar os problemas que isso traria? — indaguei.

Agora eu compreendia a reação de Klaus quando contei que Tati sabia sobre nós. Ao invés de parecer chateado, ou até surpreso, tudo o que ele fez foi sorrir. Deu de ombros como quem brinca de pique-esconde e acaba sendo encontrado.

— Conheço a sua lista — devolveu ele. — Ela ficou clara desde o início.

— Exato — corroborei. — Nunca escondi minhas intenções, sabe disso...

Ele virou o rosto para o lago e encarou o brilho dos vagalumes. Eu sabia aonde aquela conversa iria. Era previsível — e não faria bem a nenhum de nós. Muita gente pode dizer que o diálogo é a melhor das ferramentas para solucionar um impasse, mas o que as pessoas desconsideram é o fato de que a predisposição é o que realmente conta. No fim, a razão pouco importa se ela não satisfizer o desejo. Discutir isso seria apenas insistir em idealismos que não se sustentam na vida real.

— Eu quero ser médico — falei.

Klaus voltou a me observar.

— Isso é bom — disse ele. — Combina com você.

— Você me entendeu errado — continuei. — Eu quero ser médico. Isso é um resultado final. Os desdobramentos incluem terminar o ensino médio com notas razoáveis, estudar sem descanso para o vestibular, cursar a universidade durante boa parte de uma década, trabalhar

para me sustentar longe de casa, conciliar estudo, trabalho e vida social, colar grau, ser aprovado no exame da ordem, conseguir um emprego e só depois disso tudo atuar na função.

Klaus me olhou fundo nos olhos, como se tentasse ler através de mim.

— O que isso quer dizer?

— É o meu sonho — suspirei. — Quero dizer que há muita coisa com que preciso me preocupar para realizá-lo. Esse momento da minha vida é crucial para dar início à execução dos meus objetivos...

— Ah, agora entendi — ele desviou o olhar.

— Entendeu?

— Você está dizendo, na versão resumida, que eu sou uma distração que o impede de colocar seu plano em prática.

— Não cheguei *nem perto* de dizer isso.

— Basta ler as entrelinhas. Você está usando uma desculpa um tanto provinciana para dizer que seria melhor se não estivéssemos juntos.

— Pode, por favor, não distorcer o que estou falando?

Klaus se virou, ofendido, e os olhos molhados que encarei derrubaram minhas defesas. A sensação de aprisionamento se apoderou do meu peito, como se uma mão forte tentasse esmagar os batimentos cardíacos acelerados dentro de mim. Como fomos parar ali?

— Então — a voz dele se tornou um sussurro —, diga o tem para dizer.

De algum modo, aquela intimação pareceu uma divisora de águas. O que eu falasse a seguir decidiria o rumo do nosso relacionamento. Dentro da minha cabeça, as coisas estavam muito claras, resolvidas e agendadas. Mas agora eu entendia que Klaus era tão parte de mim quanto eu era dele. E era exatamente essa parte que estava em conflito.

Era a verdade que ele queria. Essa era a verdade:

— Eu preciso de você do meu lado — comecei a sentir lágrimas correrem pelo meu rosto, intrusas, deladoras. Klaus foi pego de surpresa. — Parece que estamos numa disputa idiota para saber quem vai dizer eu te amo primeiro, quando está claro que ambos somos orgulhosos demais para verbalizar essas palavras, e, no entanto, elas são exatamente o que define nossos sentimentos. Você está me pedindo algo que eu *posso* fazer. Me assumir; sair do armário; deixar Nárnia; botar a boca no trombone. Sim, eu posso fazer isso. Mas *não quero*. Não agora, pelo menos. Eu gostaria de seguir meus objetivos sem o peso emocional que essa situação carrega. Mas não quero fazer isso sem você, sem as suas piadas sem graça sobre silicone, sem o seu cabelo louro arrumadinho que fica bagunçado quando a gente transa, sem os seus olhos azuis esbugalhados que mais parecem os de uma coruja, sem os seus comentários *nerd-iotas* sobre meus livros favoritos, sem sua timidez nas horas mais impróprias, sem sua imitação impecável do professor Almir, sem o barulho irritante que você faz ao estalar os dedos quando está entediado. E, por mais que isso seja um tipo de inconsistência da minha parte, eu realmente não quero que você me faça escolher entre as duas coisas, porque eu vou escolher *você*, mas isso vai me quebrar por dentro, e eu não sei se é algo que eu vou saber consertar. Eu não queria ser tão complicado assim, e Deus sabe como eu tento ser menos diva em relação a isso, mas no final do dia isso tudo é o Edgar, e não tem escapatória de quem eu sou. É isso o que tenho para dizer.

Depois disso, ficamos em silêncio.

A única coisa audível era o farfalhar das folhas da árvore, embaladas pelo som do lago iluminado pelos vagalumes. Meu coração batia em ritmo acelerado, mas eu estava satisfeito por colocar aquilo para fora de mim. Klaus podia não entender a importância do meu sonho, e eu não podia contar a outra parte da minha vida que pesava na decisão, porém, eu estava cer-

to de que ele sentia o mesmo, portanto, ao menos aquela linguagem era recíproca.

Permanecemos com os olhos presos no do outro pelo que pareceu uma eternidade. A cada segundo que passava, eu começava a acreditar que tinha ido longe demais, excedido o limite do que ele aceitaria suportar. Não era uma situação justa, eu sabia. Contudo, também não se tratava de algo certo ou errado. Tudo era muito simples, afinal. Era o sentimento que ditava as ações e isso transformava ordem em caos.

— Eu sei que você está certo — disse ele depois de uma longa pausa, seus olhos secos e a calma de volta à sua feição. — Você sempre esteve certo. Talvez seja uma habilidade sua que eu nunca vou ter: estar certo sobre as coisas.

Ele sorriu, triste. Não era um sorriso final, apenas de constatação. Depois se aproximou de mim e nos beijamos... pela primeira vez, um beijo lento, cheio de significado, que selava de uma vez por todas os nossos sentimentos. Quando partimos os lábios, Klaus ficou tímido... e disse:

— Você realmente acha minhas piadas de silicone sem graça?

Capítulo 13 | Passado

APÓS A ÚLTIMA CONVERSA com Klaus, nosso relacionamento não apenas melhorou, como subiu de nível, e era provável que aquilo significasse correr o risco de amarmos um ao outro a sério. Quer dizer, quem visse a situação de fora poderia dizer que não passava de uma paixão adolescente. Mas, em geral, quem pensa assim desconsidera o potencial que uma paixão dessas pode alcançar.

Ele continuou sua amizade dúbia com Jéssica, e eu, por minha parte, não desmentia nenhum rumor sobre minha aproximação repentina de Úrsula. De quebra, consegui focar de verdade em estudar no tempo livre, mas mantinha visitas regulares ao Lago dos Pirilampos para encontrar Klaus, e aquele se tornou nosso santuário particular. Agora que tinha carta de habilitação, seu pai permitia que ele usasse o carro para sair, o que facilitava muito nossos esquemas.

— Agora sou um amante motorizado — disse ele, bancando o galã.

Depois de entender a importância de não dar bandeira sobre o que acontecia de verdade entre a gente, Klaus passou a *gostar* do romance bandido que vivíamos. Por mais clichê que parecesse, as coisas de fato eram mais excitantes quando feitas escondidas. Ao mesmo tempo, era possível perceber que nossa amizade se fortalecia e os laços continuavam tão firmes quanto podiam.

No meio dessa maré de bonança, minha mãe decidiu entregar o ouro sobre o treinamento avançado para aumentar meu poder. Eu me dirigia à garagem nesse exato momento para a primeira aula especial. Minhas expectativas eram altas e eu pretendia superar todas elas. Nada podia me parar.

— Está atrasado — disse ela. Minha mãe sentava numa poltrona ao lado do Grimório, os flocos de luz incandescente formando silhuetas no seu rosto. À sua frente, havia um segundo assento para mim. — Preciso ir ao antiquário das Três Marias, nosso estoque de estalactites deve ser renovado o quanto antes.

— Tive um contratempo na Livraria — repliquei, à guisa de desculpa. — Dona Morgana insiste em não querer consultar um médico sobre alguns episódios de perda de memória. Temos discutido sobre isso e hoje foi um desses dias.

A conversa com dona Morgana começou com minha sugestão para marcar uma visita de rotina a um médico. Como era sexta-feira, agendei uma consulta para a semana seguinte e me ofereci para acompanhá-la, mas ela recusou a ajuda, depois me mandou cuidar do próprio nariz.

— A decisão é dela — pontuou minha mãe. — Você não pode obrigá-la.

— Temos meios de fazê-la cooperar.

— Vai usar magia na sua patroa? — ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Não quero chegar a esse ponto — respondi, sincero. — Mas ela está me deixando preocupado. Antes, tratava-se apenas de algumas inconsistências nos pedidos de fornecedores,

agora ela fica agressiva quando contrariada e já chegou a expulsar um cliente da livraria a vassouradas.

Minha mãe ficou pensativa. Ambos sabíamos que aqueles eram sintomas de algo maior, provavelmente do tipo degenerativo. Ou seja, as coisas só ficariam mais feias dali em diante. A não ser que eu tomasse uma atitude.

— O pior é que tenho motivos para acreditar que ela não apenas sabe o que se passa há algum tempo, como também esconde de mim a verdadeira razão para esses lapsos de memória — falar aquilo, eu notava agora, me deixava triste de um jeito estranho. Por que eu estava assim de repente? — Acho que ela... *não quer* ficar boa.

— Edgar, meu filho — minha mãe adotou sua expressão séria —, existem coisas que eu posso ensinar a você, outras você deve aprender sozinho. Uma mulher na idade de Morgana, com a vida que ela levou e as conquistas que coleciona, às vezes, só quer descansar. Descansar *em definitivo*, entende? Não há vergonha alguma nisso e nós devemos respeitar a decisão de cada pessoa.

Aquilo me atingiu em cheio.

— Então, devo assisti-la definhando até a morte?

Minha mãe estendeu sua mão e a colocou sobre meu ombro esquerdo.

— Ter a habilidade de curar as pessoas não lhe dá o direito de fazer isso sem a permissão delas. Se há algo que nos pertence nesse mundo é a vida, e a escolha que fazemos de como lidar com ela é pessoal e soberana — ela sorriu, melancólica. — Até *eu* já passei por isso, e tive de deixar alguém querido morrer. Nós, bruxos curandeiros, costumamos pensar que fazemos o trabalho da natureza quando, na verdade, tudo não passa de arrogância da nossa parte. Não cabe a nós decidir quem vive e quem morre. Receio que essa é uma prerrogativa individual.

— O que sugere que eu faça? — perguntei sem entusiasmo.

— Para ser sincera, aconselho que você se conforme.

Meus punhos se fecharam, apertados. O que minha mãe sugeria era inconcebível. Permitir que um ser humano sofra de um mal que podemos curar é nossa responsabilidade. Não éramos, afinal, interventores do ato de morrer?

— E se eu me recusar? — o tom da minha voz ecoou mais embargado do que desafiador. — E se eu a curar sem que ela saiba?

Os olhos da mulher à minha frente não eram mais os da minha mãe, mas o de uma bruxa poderosa e que não pretendia ser desobedecida por um mero aprendiz.

— Se fizer isso, revogo seu direito de juntar-se à Ordem dos Curandeiros.

O silêncio que se seguiu amplificou a gravidade daquelas palavras para dentro dos meus ouvidos. No início, pensei que ela estivesse blefando, mas algo em sua expressão me dizia que minha mãe estava longe de pregar qualquer peça. *Isso é permitido?* Sua ameaça foi ao mesmo tempo cruel e injusta.

— Qual é o nosso objetivo, então? — meus punhos estavam sem sangue pela força da contração, mas eu sequer me importava. — Qual a razão de pertencer à Ordem dos Curandeiros? Curar apenas quando não existir um *porém*? Me diga, aqui e agora, por que devo aprender a salvar vidas se não poderei salvar todas?

— Pelo mesmo motivo que um guerreiro treinado para matar não deve tirar todas as vidas que o defrontam — disse ela com simplicidade. — Você é o curandeiro, não a *cura*. O que diferencia uma coisa da outra é exatamente o desejo humano de aceitar o curso da natureza ou de interferir nele. Agora, vamos começar esse treinamento de uma vez antes que eu me arrependa de ensiná-lo.

Àquela altura, meu peito estava estufado e a garganta, fechada. Respirei fundo para regular os batimentos cardíacos, mas era como se eu tentasse engolir uma bola de fogo que ardia dentro de mim. Eu sabia que minha mãe estava certa. Concordar com aquelas palavras, no entanto, era algo que levaria um longo tempo.

— Me desculpe — falei. — Podemos começar.

Ela se apurou na poltrona e voltou à sua expressão serena de quando assumia o papel de professora. Com algum esforço consegui fazer o mesmo. Depois de me acalmar, acenei para que ela prosseguisse.

— O nome da técnica que vou mostrar chama-se Hibernação — ela sorriu. — Como você bem sabe, alguns animais passam o inverno dormindo. Mas, antes disso, precisam acumular gordura o suficiente para conseguirem ficar sem comer ao longo de todo o período da estação. Está me acompanhando?

— Sim — respondi.

— Durante o período letárgico, os animais vão consumindo a gordura aos poucos e no final do inverno precisam repor o que perderam. Mas e se, ao invés de gastar o que acumularam, os animais continuassem armazenando gordura? Teriam em seu corpo duas fontes de energia: a acumulada para o inverno e a que consomem diariamente.

— Acho que estou entendendo...

— Bem, não é nenhum enigma... Imagine que essa gordura é na verdade magia e o animal é um bruxo. A técnica de Hibernação permite criar um... digamos... receptáculo de energia. E o melhor é que você pode encher o quanto quiser.

— Mas como posso criar uma segunda fonte de magia dentro de mim?

— Ora, do mesmo modo que os animais que hibernam fazem para acumular gordura: comendo. Veja bem... os bruxos produzem e recebem energia da natureza de modo ininterrupto. Mas eles também *utilizam* a magia que recebem. Por isso, não sobra muita coisa. Nesse caso, a solução é separar uma parte da energia que você produz todos os dias e colocá-la no segundo receptáculo. Seus poderes usarão a fonte primária naturalmente, enquanto a outra fonte só será acessada se você permitir. Quanto mais armazenar, mais poder terá à sua disposição.

— Certo... mas eu não entendi a parte de *comer*...

— Bem... primeiro você faz uma bola de energia do tamanho de uma cereja, e então engole. Não há mistério algum. Observe...

Ela colocou a mão direita com a palma virada para cima, como se fosse pedir algo. No mesmo instante, um pequeno brilho verde apareceu e se transformou numa esfera de fumaça. Era sua magia. Ela levou a bola de energia até sua boca e engoliu.

— Que pena — disse ela. — Ainda tem gosto de água salgada. Viu? É muito simples. Agora tente você.

Repeti o mesmo processo. Expelir magia era uma das técnicas mais fáceis do treinamento bruxo e nem precisei me concentrar. Estendi a mão, materializei uma pequena esfera verde de fumaça e ingeri. O gosto de fato era salgado, mas não chegava a ser incômodo. Quando a magia desceu pela garganta, senti um calor suave percorrer o caminho até se perder em algum lugar dentro de mim.

— Tudo bem, e agora? — indaguei.

Minha mãe arqueou uma das sobrancelhas.

— Como assim “e agora”? O treinamento acabou...

— O quê? — aquiesci. — Você não vai me dizer que é só isso.

— Bem, claro que não — respondeu ela. — Você deve repetir isso todos os dias até o fim

de sua vida. Não recomendo ingerir mais de cinco esferas por dia. Afinal, você precisa de magia para as atividades do cotidiano. Pode parecer pouco, mas cada cereja mágica que você consome possui uma boa quantidade de energia que se *multiplica* com o passar do tempo.

— Mas assim vai levar décadas até eu ficar mais forte.

— Não seja hiperbólico, querido... — disse ela. — Em poucas semanas, você será capaz de perceber o resultado desse hábito. Está se esquecendo de um aspecto importante da nossa anatomia espiritual. A essência mágica de um bruxo é como um músculo. Portanto, quanto mais você exercitá-lo, maior e mais forte ele ficará. Isso significa que você estará aumentando seu poder tanto por causa do treino quanto por causa do armazenamento de magia. Não esperava triplicar sua força em um único dia, esperava? Agora, se me der licença, preciso reabastecer nosso estoque no antiquário das Três Marias.

Fazia sentido. Afinal, era minha mãe falando, a mulher mais incrível que eu conhecia. Embora nosso relacionamento fosse de cumplicidade, eu não conseguia sentir como se ela confiasse totalmente em mim. Ou pelo menos no bruxo que eu era. Não importa como encarasse as coisas, eu sempre era o protegido, nunca o protetor. Talvez isso se devesse ao fato de que ela era muito mais poderosa do que eu, ou talvez fosse apenas um comportamento que as mães adotam em relação aos filhos. Mas lá no fundo também parecia como incompletude.

E de repente eu estava triste de novo. Pensei em dona Morgana e nas coisas que eu queria fazer por ela, mas que não poderia. Pensei em Nina e na lembrança de que quase morri tentando salvá-la. Pensei em Klaus e na impossibilidade de um cenário em que não tivéssemos de nos esconder do mundo. Tudo explodiu na minha cabeça de uma só vez e meu coração se comprimiu.

— Você pode me falar sobre tio Briano?

Eu perguntei sem pensar. Quando dei por mim, as palavras saíram sem freio. Minha mãe ficou surpresa e voltou a sentar na poltrona. Baixei a cabeça para não encarar o olhar no rosto dela, mas eu sabia que ela estava me estudando naquele momento.

— De onde surgiu isso? — questionou ela. — Por que o interesse repentino no seu tio?

— Bem... não é *repentino*.

— Mas por que *agora*?

Minhas mãos suavam frio.

— Eu não tenho resposta... — admiti. — Apenas gostaria de saber mais... especialmente por que vocês *nunca* falam sobre ele.

— Alguma vez considerou que lembrar do nosso irmão e do modo como ele morreu é doloroso demais para mim e suas tias?

Meu peito se apertou. Não pensei naquela hipótese. Minha curiosidade quase obscena jamais levou em consideração o sentimento delas em relação ao falecido irmão. Me arrependi de abrir a merda da boca para tocar no assunto.

— Me desculpe — eu levantei a cabeça para olhar nos olhos dela, e tudo o que vi foi mágoa. Por acidente, cutuquei uma ferida do passado que ainda não tinha cicatrizado. Eu e minha maldita mania de querer saber de tudo. — Me desculpe, mãe, eu não queria aborrec...

— Estou indo ao antiquário das Três Marias — ela se levantou e foi até a porta da garagem. Então, parou, soltou um longo suspiro e falou, serena: — Podemos conversar sobre Briano no caminho...

* * *

Ficamos em silêncio por alguns minutos, ouvindo o som do motor do Jetta preencher a la-

cuna entre nós. A noite estava bastante iluminada e refrescante. O Antiquário das Três Marias ficava na cidade vizinha, por isso havia tempo de sobra para aquela conversa iniciar.

Minha mãe desprendeu o coque que usava em todas as ocasiões, e agora seus cabelos longos presenteados de fios grisalhos dançavam com o vento que batia em seu rosto. Sua expressão comedida não ostentava a severidade do comportamento usual, mas exibia um olhar distante, como se tentasse enxergar lembranças de outra vida.

A paisagem de Anévoa deixou a cor cinzenta dos prédios para dar lugar a uma variedade de verde na floresta entre as cidades, que à noite exibia uma aura misteriosa. Minha respiração estava controlada, porém, num ritmo menor que o normal. Eu não sabia o que esperar daquela conversa, mas era tarde demais para mudar de ideia.

— O que quer saber? — quando ela falou, sua voz saiu fraca e magoada. — Por onde gostaria que eu começasse?

Minhas mãos apertaram o volante e eu engoli em seco.

— Por onde achar melhor — sugeri. — Quer dizer... fale o que quiser.

Ela pensou um pouco antes de iniciar.

— Pois bem... — disse ela, depois pigarreou e se ajeitou no assento do carona. — Que tal começar por quando éramos crianças? Nunca fomos anormais, sabe, sua avó sempre foi muito rígida conosco, e seu avô jamais admitiria ter filhos menos poderosos que os filhos dos Montenegros. Naquela época, nossas famílias viviam em uma competição interminável para ostentar magia.

— Vocês *lutavam* contra os Montenegros?

— Lutar? Oh, não... quando digo ostentar me refiro a fazer exhibições de poder toda vez que nos encontrávamos por qualquer razão sem importância. Uma guerra *de verdade* entre duas das famílias bruxas mais poderosas do país sofreria intervenção dos Grão-Mestres, por isso nossa geração nunca chegou a se digladiar como as gerações passadas, em que muitos Valburgos e Montenegros morriam pelas mãos uns dos outros.

— Então chegamos *mesmo* ao extremo no passado? Isso é loucura...

— Eram outros tempos, querido, outras tradições e costumes — ela estava voltando ao normal conforme falava sobre a família. — Uma época em que honra e status valiam mais para os bruxos do que qualquer coisa, incluindo a vida dos mais fracos. A noção de certo e errado muda de acordo com a sociedade.

— Sendo assim, seus pais criaram vocês com o intuito de prepará-los para o caso de essa noção mudar novamente?

— Na maior parte, sim — ela se empertigou. — Seus avós eram muito diferentes um do outro. Mamãe focava mais no poder, enquanto papai é quem era o mais competitivo. Contudo, faziam questão de ceder amor o suficiente para que nós sentíssemos protegidos e amados.

— Seria incrível conhecê-los... — falei, em devaneio.

— Ah, um neto era o sonho deles. Infelizmente, morreram quando eu ainda tinha dezoito anos. Meus irmãos e eu éramos jovens e ainda não pensávamos em ter filhos. A morte dos dois nos obrigou a amadurecer rápido demais. Embora eu fosse a primogênita, Briano foi quem assumiu a responsabilidade pela família.

— Ele era dois anos mais novo que você, certo?

— Sim. Briano era, antes de qualquer coisa, um protetor. Estava treinando para entrar na Ordem dos Curandeiros e quando completou vinte anos já era mais poderoso do que todas nós juntas. Helena, Olívia e eu sempre fomos mais avançadas do que a maioria dos bruxos da nossa idade, e isso manteve o respeito das outras famílias pelos Valburgos. Mas Briano estava num nível completamente diferente do nosso, sua força era superior à de muitos bruxos

experientes. Ninguém tinha dúvidas de que, em pouco tempo, ele seria o substituto do Mestre Wasiry.

— Ele era tão incrível assim? — aquilo tudo me fascinava.

— Até mais incrível do que podíamos imaginar — disse ela, saudosa. — Por outro lado, ele também era uma pessoa muito meiga. Briano ficou conhecido por sua generosidade e empatia pelos outros. Recusava-se a fazer mal a qualquer ser vivo, não importava qual fosse o motivo. Para ele, sempre havia uma alternativa melhor do que lutar, por isso nunca usou seus poderes como forma de ataque. Nessa época, admitiram-no oficialmente na Ordem dos Curandeiros. Foi então que conheceu Alice...

— Alice? — tentei lembrar se alguma vez ouvi aquele nome, mas não consegui recordar. — Quem é ela?

— Ela foi o amor da vida de Briano — pela primeira vez desde que começou a falar, a voz dela falhou. Eu tive a súbita sensação de que o que vinha a seguir não era nada bom. — Alice era uma jovem que Briano conheceu em um evento de caridade que ela ajudou a organizar. A compatibilidade de ambos era assombrosa e não demorou muito até se descobrirem apaixonados.

— Eu não fazia ideia...

— Foram felizes juntos por quase três anos. O relacionamento dos dois era tão sério que Briano inclusive revelou para ela a nossa natureza.

— Ele *contou* que era um bruxo?

— Não apenas ele, mas a nossa família, a linhagem dos Valburgos e muitas outras. No começo, ela não quis acreditar mesmo com todas as provas de magia que demos, mas com o tempo ela teve de aceitar graças ao amor que sentia por ele. Alice se tornou uma presença constante em nossa casa e aprendia tudo o que ele lhe ensinava sobre o nosso mundo. As criaturas com as quais lidamos e que apenas *se parecem* com seres humanos, os artefatos e suprimentos para a cura, o Grimório... Transformar a garagem numa clínica para os seres mágicos, por exemplo, foi uma ideia dela. Briano a amou ainda mais por causa disso. Juntos, eles eram um verdadeiro conto de fadas.

— Eu não entendo... o que aconteceu depois?

— Bem — suspirou ela, enquanto olhava fixo para o nada da estrada. — Havia um motivo para Alice não acreditar em Briano de início. Ela vinha de uma família de radicais religiosos. Para ela, a concepção de bruxos simbolizava a perversão das Escrituras Sagradas. Por fim, ela entendeu que não tínhamos nada a ver com aquilo que as pessoas diziam a nosso respeito. No entanto, a família dela não foi tão compreensiva.

— Quer dizer que eles *também* sabiam que vocês eram bruxos?

— Na verdade, não. É complicado... — ela se empertigou uma outra vez no banco do passageiro. — O que aconteceu em seguida foi uma sucessão de eventos sórdidos que levaram à... bem, você sabe... Alice era filha de um casal de pastores evangélicos. Para completar, ela tinha um ex-noivo inconformado com o fim do relacionamento. Não sabemos com exatidão o que aconteceu, apenas que houve participação dos Montenegros. Na época, o ex-noivo de Alice andava se envolvendo com Teófilo Montenegro, hoje o chefe da família, e Norberto, seu irmão.

— E o que isso tem a ver?

— Os Montenegros não são muito conhecidos por simpatizar com os comunais. O que supomos é que eles estavam tramando alguma coisa contra nós. Em pouco tempo, um boato surgiu na cidade... Esse boato se referia a uma família praticante de bruxaria que morava nas imediações. Não demorou até que todos soubessem sobre nossa existência, embora jamais

pudessem provar.

— Foram os *Montenegros* que começaram o boato...?

— É a explicação mais aceitável que temos.

— E assim os pais de Alice descobriram sobre vocês?

— Receio que sim... Certo dia, de uma hora para outra, Alice terminou o relacionamento com Briano e o proibiu de procurá-la. A discussão aconteceu na sala de nossa casa e as lembranças assombram meus pensamentos até hoje. Alice falou que não o amava mais, e que esteve cega por muito tempo, mas que finalmente Deus libertou sua visão do feitiço que lançamos sobre ela. Revelou que jamais pretendia se envolver com aberrações como nós e que o mundo seria melhor se nossa escória não existisse.

O silêncio que se instalou dentro do carro foi embalado pelo barulho do motor, que de repente pareceu alto demais para suportar. Eu não soube como reagir àquelas palavras. Não era difícil de entender como tantos bruxos foram queimados em fogueiras no passado. A mente humana era rasa, por isso as pessoas tinham propensão a atacar aquilo que não compreendiam ou que ia contra as construções simbólicas que faziam acerca do bem e do mal.

— O objetivo de Alice não era apenas terminar o relacionamento — continuou ela. — Quando nos visitou naquele dia, sua intenção era destruir Briano. E foi o que ela fez. Dilacerou o coração do homem que a amava com uma ferida que nem o curandeiro mais poderoso seria capaz de curar. Após o ocorrido, meu irmão se fechou para o mundo. Mergulhou num oceano de tristeza no qual jamais aprendeu a nadar com sua alma pura. Mas o pior ainda estava por vir...

— Não precisamos continuar, se não quiser — falei. Havia lágrimas rolando no rosto da minha mãe e ela estava perdida em lembranças sombrias. *Memento mori*, como os bruxos chamavam o contato com a morte do passado, do presente e do futuro. — Quer que eu pare o carro...?

— Não, eu vou continuar — ela estava decidida; resolvi não argumentar. — Em certo sentido, Briano perdeu a vontade de viver. Por vários meses, a dor que sentiu não condizia com a pureza dentro de si. Ele não conseguiu suportar por muito tempo. Até que, num dos eventos de caridade para os quais se obrigava a ir, ele encontrou com o ex-noivo de Alice, acompanhado dos amigos. Eles tentaram discutir, mas Briano simplesmente não revidou, e esse comportamento os levou a pensar que meu irmão sequer os considerava páreos.

— Não me diga que... não... não pode ser... — minhas mãos tremiam.

— Eles o levaram para um beco abandonado e o espancaram até a morte.

— Não... não...

Eu parei o carro no acostamento. A respiração ofegante.

— Briano não reagiu — disse ela. — Machucar os outros ia contra tudo aquilo que acreditava. Ele abraçou a oportunidade como uma forma de terminar seu sofrimento. Os Montenegros saíram da cidade... *covardes*... Algum tempo depois, Alice tirou a própria vida...

— O quê?! Que tipo de loucura é essa...?

— Foi quando soubemos que ela nunca deixou de amá-lo... Sua família lhe obrigou a terminar o relacionamento com o *seguidor de Satanás*, como o chamavam. Eles exigiram que ela cortasse todos os laços que mantinha conosco. E o único modo de ele aceitar a separação era fazê-lo acreditar que ela não o amava mais. Após a morte de Briano, ela tomou a culpa para si e o remorso a fez cometer suicídio.

— Eu não fazia ideia de que a história sobre o tio que não conheci era tão trágica — fiquei surpreso com as lágrimas descendo no meu rosto, sem qualquer aviso. — Me desculpa, mãe, eu fui egoísta de fazer você lembrar de toda essa tragédia. Nem nos meus piores sonhos eu

poderia imaginar que o passado era tão doloroso... me desculpa...

Ela olhou para mim com os olhos molhados e sorriu, ainda triste. À nossa volta, havia apenas árvores iluminadas pela lua. O farol do Jetta alcançava vários metros na frente, mostrando que estávamos sozinhos.

— Às vezes — disse ela, mais calma —, você me lembra ele.

Enxuguei o rosto com a mão direita.

— Como é possível? — perguntei. — Eu não sou tão poderoso... e com certeza usaria magia para atacar meus inimigos.

— As semelhanças vão além do poder e da personalidade. Seja como for, existe pureza no seu coração. Eu consigo sentir. Ele teria orgulho de você se o visse agora. Aposto que se dariam muito bem.

Dei a partida na ignição. Ficamos no mesmo lugar por alguns minutos, absorvendo o momento. Era difícil imaginar alguém mais poderoso do que minha mãe. Tia Lena e Olívia eram igualmente exímias, mas ela sem dúvida possuía um poder maior. Me comparar a Briano era um equívoco, quando eu claramente estava longe de alcançar qualquer um dos Valburgos da sua geração. Mesmo assim, eu estava satisfeito depois da conversa que tivemos.

— Também acho — respondi. — Tio Briano seria um ótimo amigo.

Nossos olhares se encontraram por um momento e seguimos viagem.

Capítulo 14 | Conflito

DURANTE QUASE TODO o fim de semana me isolei no meu quarto. Pratiquei a técnica de Hibernação com a regularidade do hábito, mas fora isso não fui muito produtivo. Olívia e eu saímos para beber e conseguir grana com algumas pessoas suscetíveis ao nosso charme, mas nem isso levantou meu astral.

A história da minha mãe me deixou mais deprimido do que eu podia esperar, e agora eu entendia o motivo de nem ela nem tia Lena e Olívia falarem sobre o irmão. Tive bastante o que refletir. Aquilo não significava que elas não o amavam, ou que ele representava menos do que o resto da família. Era só que devia ser doloroso lembrar a forma ingloria com que ele saiu de suas vidas, e as possibilidades de futuro se ele não tivesse morrido. A essa altura, era provável que tio Briano tivesse assumido o lugar de Mestre Wasiry na liderança da Ordem dos Curandeiros.

— Quando completou vinte anos já era mais poderoso do que todas nós juntas — disse minha mãe ao lembrar do poder dele.

Se ele apenas tivesse se defendido, esse pensamento não parava de me ocorrer, *tudo poderia ser diferente agora*. Por outro lado, se ele amava tanto Alice ao ponto de revelar sua verdadeira natureza, eu conseguia imaginar seu mundo desmoronando quando pensou que ela não o queria mais.

Enquanto estava a caminho da escola na segunda-feira pela manhã, um outro pensamento me pegou desprevenido. Será que eu teria coragem de revelar a *minha* verdadeira natureza para Klaus? Era impossível prever a reação dele. Mesmo que fosse boa, como teria sido sua criação familiar?

Agora que ponderava, me dei conta de que sabia pouquíssimas coisas a respeito da família dele. E se ele fosse filho de pastores evangélicos? Não, seria coincidência demais. E de qualquer modo eu não tinha intenções de contar nada a ele. Até parece... “Oi, Klaus, eu sou um bruxo”.

Não, obrigado.

Acabei chegando cedo à escola naquele dia. As gêmeas, como sempre, saíram do carro e entraram no prédio sem esperar por mim. Aproveitei a oportunidade para fumar um cigarro na frente do estacionamento dos professores, que tinha uma visão privilegiada da fachada bege da escola.

— Isso ainda vai matar você — agourava Maeve sempre que podia.

Acendi o isqueiro e puxei a primeira tragada sentindo a nicotina encher os pulmões, depois liberei a fumaça para o ar frio da manhã. O tempo estava nublado e algo me dizia que a chuva não demoraria a cair. Permaneci observando o movimento de alunos chegando para a aula.

Um grupo em particular fazia algazarra demais para aquela hora. Seis ou sete primeiranistas, todos falando alto e ao mesmo tempo, passaram próximo de onde eu estava. Pareci-

am sair de alguma revista de esportes, com corpos mais musculosos do que a maioria dos adolescentes da nossa idade. Sem querer, percebi que a conversa do grupo orbitava em torno de um único assunto: garotas.

Caras como aqueles nunca me despertaram desejo. Eram uns idiotas que não apenas tratavam as mulheres como objeto, mas se comportavam como se elas lhes devessem algum tipo de submissão. Só serviam para perpetuar os estereótipos de machos-alfa.

Quando se afastaram de mim, fiz questão de tirá-los da mente. O cigarro estava quase no fim, e como eu não queria acender outro traguei o resto do primeiro mais devagar. O vento trouxe uma fragrância familiar de jasmim que se juntou ao cheiro da fumaça, e eu me virei no mesmo instante para constatar que Úrsula vinha na minha direção.

— Ah, qual é?! — ela levantou as mãos. — Eu ia dar um susto em você.

— Embora seu perfume seja incrível, ele também é um verdadeiro dedo-duro — confessei, enquanto recebia o abraço. Úrsula era uma *abraçadora*, e, para minha surpresa, eu meio que gostava daquilo. — É impossível não perceber você chegando.

— Muito bom saber disso — ela riu. — Da próxima vez, estarei preparada.

Úrsula estava radiante, como natural dela. Mesmo o uniforme insípido da escola não era capaz de deixá-la menos linda, fato que não se repetia com a maioria das garotas. Seu cabelo volumoso lhe dava uma aura majestosa, e o conjunto da obra fazia muitos olhos se virarem para uma segunda espiada.

— Vamos entrar? — sugeri quando apaguei o restante do cigarro e joguei a guimba na lixeira do estacionamento. — Falta pouco para o primeiro sinal tocar.

— Pensei que você estivesse esperando pelo Klaus. Ele já chegou?

— Deve ter ido buscar Jéssica na casa dela...

Ambos fizemos uma careta e rimos daquilo. Úrsula não era uma fã descomedida de Jéssica, e ela sabia que eu também não era. Felizmente, sua relação com Klaus era bem melhor e os dois também viraram amigos depois que eu a incluí no meu minúsculo círculo de amizade.

— Consigo pensar em maneiras melhores de começar a semana — ela deu sua risada característica, que não se importava com quem estava ouvindo; era espalhafatosa e ponto final. — Vamos...

Deixamos o estacionamento dos professores.

— Consegui terminar o ensaio de biologia? — perguntei.

— Sim, com muito tédio — ela revirou os olhos. — Ninguém merece ter de passar o fim de semana inteiro identificando as diferenças das moléculas de rato. Você deve ter feito num piscar de olhos, mas *eu* não nasci para a coisa.

— Na verdade, eu não fiz — falei quando entramos no corredor das salas. — Para ser sincero, eu esqueci.

— Você está brincando, né? O professor Simão vai querer a sua cabeça numa bandeja de prata, sem contar que ele vai ficar no seu pé para-todo-sempre-amém.

— Não estou preocupado. Minhas notas estão...

— Aquelas ali não são suas primas? — ela me interrompeu, apontando para duas figuras esguias cercadas pelo grupo de garotos que eu encontrei antes.

Maeve e Erínia estavam rodeadas de primeiranistas que as idolatravam. Eu não coloquei muita fé na promessa que fizeram no primeiro dia de aula, mas elas ficaram mesmo populares na escola. Infelizmente, não tinham um bom gosto para garotos, entretanto, acho que isso não era da minha conta.

— Na minha opinião, elas poderiam conseguir coisa melhor — falei. — Mas, assim como aqueles caras, elas também enfatizam a estatística de estereótipos no mundo, se é que

você me entend...

— Edgar, eu não acho que elas estão se divertindo — disse Úrsula, séria.

Olhei de novo para a aglomeração a alguns metros de distância e percebi que um garoto louro, o idiota-mor do grupo, segurava o braço de Maeve. Reparei mais atentamente e vi que ela estava na verdade tentando *se livrar* dele, mas a roda de amigos impedia que ela saísse.

Erínia tentou desvencilhar o braço de Maeve das mãos do garoto, mas acabou recebendo um empurrão e precisou se segurar num dos garotos-coadjuvantes para não tombar no chão. Nesse momento, entendi o que se passava.

— Eu vou até lá... — falei para Úrsula sem esperar que ela respondesse algo. Comecei a me sentir irritado, por isso andei a passos largos com a melhor expressão de poucos amigos que eu podia colocar no rosto. — Ei, babaca! Sim, você mesmo. Acho que foi incapaz de reparar, mas a garota não está gostando muito da companhia.

— E o que você tem a ver com isso, almofadinha? — perguntou o vice-idiota-mor, e o resto do grupo deu risadas, o que me fez ficar com as maçãs do rosto quentes de raiva. — Vai fazer alguma coisa a respeito?

— Ed, eu sei me cuidar... — disse Maeve sem muita convicção.

— Para o seu próprio bem — ignorei as gargalhadas e me dirigi ao idiota-mor —, sugiro que largue a garota agora.

Ele largou o braço dela, o que deixou todo mundo meio surpreso. Mas só fez isso para livrar a mão com a qual deu um soco no meu rosto. O impacto veio de supetão, por isso não tive como me preparar. Fui obrigado a dar alguns passos para trás e minha mochila caiu no chão.

Levei a mão ao meu rosto e sorri. A raiva fervia dentro de mim.

— Você não devia ter feito isso — adverti, calmo.

Parti para cima do idiota-mor com um golpe de esquerda que ele tentou defender, mas apenas amorteceu um pouco do peso do soco no rosto dele. No momento seguinte, as pessoas em volta irromperam num coro enlouquecedor.

— *Briga! Briga! Briga! Briga! Briga!*

Não demorou muito até que uma multidão de alunos se espregueasse no corredor das salas para assistir à luta entre um primeiranista bombado e um terceiranista modestamente em forma. Mas agora eu estava preparado, e as próximas investidas não me atingiram com tanta facilidade. O que me preocupava era que eu estava em desvantagem ali.

O vice-idiota-mor resolveu entrar na briga, acertou um soco no meu estômago e eu curvei a cabeça para baixo. Agora eram dois contra um. Justo ou não, eu não pretendia perder para dois projetos de macho que só sabiam mostrar masculinidade tirando proveito dos mais fracos.

— Gostou dessa, *mocinha*? — provocou o adversário.

Eles podiam ganhar em número, mas eu era melhor em estratégia. Na verdade, qualquer plano simples seria eficaz contra caras como aqueles. Nessas horas, coisas ridículas são aproveitáveis. Por isso decidi tentar algo. Quando os dois estavam na minha frente, prontos para continuar lançando os punhos na altura do meu rosto, fingi que ia dar um golpe no vice-idiota-mor, quando, para assombro de ambos, meu punho fechado foi na direção do idiota-mor.

— Machucou, bebezinho? — devolvi, satisfeito.

O soco desleixado atingiu em cheio o nariz dele, que começou a despejar sangue. Por um momento, pensei ter ido longe demais, mas o líquido vermelho pareceu apenas deixá-lo

com mais vontade de me partir ao meio. O vice-idiotamor veio na minha direção para dar o troco, mas foi impedido pelo cara com o orgulho ferido. Havia ódio nos olhos que me encaravam de volta.

— Você me paga, seu cuzão! — ameaçou o líder.

Me preparei quando ele andou até onde eu estava e levantou a perna. Pude sentir cada centímetro da bota dele espalmar no meu peito quando desferiu o chute. O golpe foi incrível, e eu fui parar a uns cinco metros de distância, esbarrando em alguns dos alunos que assistiam a tudo. Foi impossível segurar um urro de dor.

No início eu não consegui acreditar. Permaneci no chão, perplexo, por alguns segundos. Aos poucos, consegui levantar ofegante e com a mão massageando o peito sob o uniforme da escola. O chute do idiotamor não foi um golpe normal, tampouco um golpe de sorte. Ele usou...

Impossível, pensei. Mas não era tão impossível assim. *Ele usou magia*...

Ri novamente, e algumas pessoas acharam que eu já alucinava. Porém, eu estava feliz por encontrar um adversário como ele. Eu entrei em outras brigas na escola, claro, mas nunca com alguém que não apenas fosse capaz de usar magia, como *de fato* a usasse contra mim. Estava curioso para saber como me sairia num embate mágico.

— Dois podem brincar nesse jogo — cuspi nele.

Com tantas pessoas à nossa volta, eu precisava ser cuidadoso. A magia que ele usou foi liberada pelo pé, o que significava que ele também não queria se expor. Significava também que ele sabia canalizar o poder para partes específicas do corpo, indicando que era um usuário de magia experiente. Em outras palavras, não era a primeira vez que ele lutava usando sua energia.

Mas o fator surpresa estava do meu lado. Ele não sabia que eu era um bruxo, e devia imaginar que eu pensava no meu adversário como dono de uma força física invejável. Estava na hora de me revelar a ele também, mas do *meu* jeito.

Corri na direção dos dois. O idiotamor lançou um punho fechado na altura do meu queixo, mas consegui desviar a tempo. Não queria sequer imaginar o que um soco mágico faria ao meu rosto. Quando ele encolheu o braço, deixou seu busto exposto, e eu vi a oportunidade perfeita para atacar.

— Toma isso, babaca — falei, antes de desferir o golpe.

Fechei o punho esquerdo e investi no peito do idiotamor, enquanto o vice se perguntava de onde vinha tanta confiança. A técnica que usei não era muito complexa, porém, era dominada em sua grande maioria por bruxos curandeiros. Assim que minha mão tocou seu corpo, eu suguei um pouco da magia dentro dele e a usei para impulsionar meu próprio punho.

A fricção de energia foi intensa o suficiente para abrir um rasgo no uniforme, mas ele não saiu do lugar. Quem observava de fora, poderia pensar que minha investida não surtiu qualquer efeito. Mas meu ataque era interno, como se o soco viesse de dentro. No instante em que ele se deu conta do que aconteceu, arregalou os olhos e eu apreciei com prazer sua expressão de desentendimento.

— Cuidado, Ed! — ouvi a voz de Erínia alertar.

Acabei me distraíndo com a satisfação de ver a cara que ele fez e esqueci do vice-idiotamor, que, no entanto, estava bem consciente da minha presença. O golpe do punho dele atingiu a parte lateral da minha coluna e mais uma vez eu fui pego de surpresa pela força.

Ah, qual é?!, pensei enquanto me chocava com uma das paredes. *Outro bruxo?*

O idiotamor não conseguiu se recuperar do meu golpe. Enquanto eu me levantava,

concentrei um pouco de magia no local atingido. *Aposto que vocês não conseguem se curar sozinhos, não é?* Estava na hora de ensinar uma lição ao vice-idiota-mor, também.

Fui com toda força para cima dele, mas uma voz se sobressaiu à altercação ensurdecedora dos alunos, e eu parei, *en garde*.

— EDGAR!

Klaus.

Fiquei imóvel no mesmo lugar e olhei para ele, que estava confuso ao lado de Jéssica. Ele tentava compreender a cena que via, mas não conseguiu progredir muito. Algo aconteceu sem que eu percebesse, pois Klaus se apressou em vir na minha direção e impediu o vice-idiota-mor de acertar meu rosto.

— Vocês ficaram malucos? — Klaus se virou para encarar os idiotas: o líder e o vice. — Magnus, você está fodido. E Hugo... você está mil vezes fodido!

— Espera, você conhece esses idiotas? — perguntei.

Ele olhou para mim.

— Sim... — ele apontou para o vice-idiota-mor — Esse é o meu primo, Magnus. — Depois apontou para o idiota-mor. — E esse é o meu irmão, Hugo.

Putá que pariu!

Meu cérebro conseguiu registrar as seguintes informações:

- 1) O vice-idiota-mor era primo de Klaus.
- 2) O idiota-mor era irmão de Klaus.
- 3) Ambos os idiotas usavam magia.
- 4) Logo, Klaus...

Não pode ser... não, não, isso não está acontecendo. De repente, o barulho da multidão de alunos ficou em silêncio absoluto. Um caminho se abriu no meio das pessoas para dar passagem à professora Narcisa. Úrsula vinha logo atrás.

— Pode-se saber o que está acontecendo? — o tom da voz era quase um sussurro, mas todo mundo ouviu o que ela disse. — Eu fiz uma pergunta.

Maeve e Erínia e vários outros alunos falaram ao mesmo tempo. A professora levantou a mão e o silêncio voltou a reinar no corredor. Ela olhou para mim dos pés à cabeça, depois para os dois idiotas ofegantes, e finalmente para Klaus.

— Todos os envolvidos, para a diretoria — sua voz continuava muito baixa, porém, claramente inteligível. — Quanto ao resto de vocês, já para as salas.

Nesse momento, o sinal do primeiro período tocou.

Capítulo 15 | Duas Famílias

A SALA DO DIRETOR ficou pequena para tanta gente. A escrivaninha de madeira ocupava boa parte do escritório e se mostrava bem mais imponente do que o homem sentado atrás dela. O diretor era uma pessoa muito alta, muito magra e talvez muito velha para continuar trabalhando. Falava sem qualquer indício de pressa e conseguia deixar qualquer um entediado na primeira sentença de uma conversa, como se sua vida dependesse da qualidade de sua eloquência.

A diretoria era uma sala com mobília modesta, sem personalidade. O ar tinha um cheiro pungente de pomada para assadura e chá instantâneo. Nas paredes era possível apreciar as fotos de um diretor Fausto ligeiramente mais jovem com pessoas importantes, como o prefeito e o governador. Sobre a escrivaninha havia um computador antigo, alguns papéis amarelados e um retrato da família.

Diante da mesa, duas cadeiras serviam para acomodar os pais dos alunos quando fossem convocados. Nenhum de nós se atreveu a tomar os assentos, o que culminou em todos de pé na sala, à exceção do próprio diretor que parecia alheio à perturbação em sua poltrona.

Além de mim (o protetor meia-boca), também estavam presentes Klaus (o namorado recém-descoberto bruxo), Maeve (a vítima), Erínia (a testemunha ocular), o idiota-mor (também conhecido pela alcunha de Hugo), o vice-idiota-mor (vulgo Maria-vai-com-as-outras-Magnus). Ao lado do diretor, ereta como uma coluna de concreto, empertigava-se professora Narcisa (a promotora). Ela dirigia ao grupo seu famigerado olhar de reprovação que costumava assombrar os pesadelos dos primeiranistas.

— Em todos os meus anos de serviço público — continuava o diretor Fausto no longo sermão —, jamais presenciei atitude discente tão disparatada. Atentar contra a calma do ambiente escolar, perturbar a concentração dos colegas, desrespeitar as regras do regimento interno, tudo isso, embora recriminável, eu poderia tolerar. Todavia, fazer um ato de exibicionismo bárbaro, com direito a violência gratuita e despudor ao bem-estar físico uns dos outros, isto é inconcebível.

Havia um tom ameaçador na voz refreada do diretor. Ainda assim, eu tinha coisas mais importantes com as quais me preocupar. Àquela altura, o idiota-mor na certa informou a Klaus que eu também dominava magia, pois quando virei a cabeça para encará-lo nossos olhos se encontraram, mas ele desviou a atenção.

O que aquilo significava? Tudo bem, meu namorado secreto era um bruxo, não era o fim do mundo. Agora que parava para pensar, eu sempre havia sentido uma vibração incomum toda vez que estávamos próximos, mas acho que acabei interpretando o fato como um sinal da minha paixão problemática.

Entrementes, como será que ele estava reagindo a saber que *eu* também era um bruxo? Quer dizer, não era *mesmo* o fim do mundo... certo? De qualquer modo, ele não demonstraria nenhum resquício de inquietação ou felicidade enquanto estivéssemos na companhia de ou-

tras pessoas.

— Por este motivo — seguiu o diretor com seu monólogo passivo-agressivo —, temo que precisarei usá-los como exemplo para seus companheiros. O episódio protagonizado por vocês esta manhã não apenas foi abominável para a reputação imaculada desta escola, como não poderá se repetir sob qualquer hipótese. Sinto o maior desprazer em usufruir de meus poderes como autoridade máxima da instituição para fins tão execráveis, no entanto, receio que não haja outra alternativa. A situação pede por uma providência severa.

Maeve e Erínia compreenderam que a coisa ficou séria, e que talvez uma punição grande ofusasse a popularidade das duas entre os alunos. Particularmente, eu acreditava que um histórico sujo só as faria crescer no conceito da maioria dos garotos, mas eu não estava propenso a confessar isso a elas nem sob tortura.

Por outro lado, o vice-idiota-mor continuava com o ar de petulante no rosto, o que me fez simpatizar bem menos com ele. Já o idiota-mor não exibia tanta confiança como antes. Na verdade, ele esfregava com uma mão o local no peito onde meu golpe o atingiu, e com a outra pressionava duas bolas de algodão para conter o sangramento do nariz. Ponderei se eu tinha colocado força demais no ataque, mas concluí que não era algo que valesse meu tempo, fosse ele irmão de Klaus ou o Papai Noel.

Se meus cálculos estivessem corretos, o diretor daria uma suspensão a todos. Isso atrapalharia minha rotina de estudo, mas seria muito melhor do que um tempo indefinido de detenção com a professora Narcisa. Estava começando a me arrepender de ter saído da cama naquela segunda-feira.

Mas meus cálculos estavam *incorretos*.

— Pelo resto da semana, cada um dos senhores estará suspenso das atividades escolares, sem abono de faltas — ele deu a sentença. — Dentro deste período, acionarei o Colegiado Escolar para deliberarmos sobre a possibilidade de expulsão imediata. O veredito será comunicado na próxima semana.

As gêmeas abafaram um grunhido desesperado, enquanto os idiotas engoliram em seco. Klaus olhou para mim, e eu entendi que ele também sabia que estaríamos numa encrenca épica se aquilo acontecesse.

— Com todo o respeito, diretor — falei —, não acha que essa punição é um tanto pesada? Afinal, desavenças entre colegas acontecem o tempo inteiro. Se a escola expulsar todo mundo que sair da linha, muito em breve terá de fechar as portas.

Professora Narcisa olhou com desdém para mim; agradei aos céus por ela não ter poderes mágicos, caso contrário, alguma praga teria me acometido naquele momento. O diretor cruzou os braços sobre a mesa e se inclinou para a frente.

— O problema, meu jovem, é que, quando saem da linha, os *outros* alunos não costumam tirar sangue de ninguém — ele apontou com a cabeça para o idiota-mor, que estava com o uniforme rasgado e cheio de sangue seco. — Quem decidirá se a punição é justa será o Colegiado, não eu.

— Voto a favor da expulsão — pronunciou-se professora Narcisa, expondo seu desejo mais secreto. — Estamos educando cidadãos de bem, não aprendizes de contraventores.

Resisti à tentação de revirar os olhos; um gesto como aquele não ajudaria no caso quando o Colegiado fosse discutir acerca do meu comportamento. Klaus fez menção de que ia protestar, mas pensou melhor e ficou calado.

— Agora, devo contatar os responsáveis por vocês — disse o diretor; já esperávamos por aquilo. — Professora Narcisa, seja gentil e me passe a agenda telefônica dos alunos sobre o armário, por favor.

A mulher obedeceu ao pedido com um brilho de vitória nos olhos.

— Aqui está, diretor.

— Obrigado, professora — agradeceu o homem enquanto folheava as páginas com dedos cadavéricos e lentos. — Bem, vejamos... por ordem alfabética... Edgar Valburgo... Erínia Valburgo... Hugo Montenegro... Klaus Montenegro... Maeve Valburgo... e Magnus Montenegro...

Hugo Montenegro...

Klaus Montenegro...

Magnus Montenegro...

Montenegro... Bruxos... Os Montenegros...

Sem pensar uma segunda vez, dei um passo à frente e encostei dois dedos da mão direita na testa do diretor, que arregalou os olhos pouco antes de envergar com a cabeça sobre a mesa. Professora Narcisa ficou ao mesmo tempo confusa e ultrajada, mas antes que fosse capaz de fazer algo a respeito dei a volta na escrivaninha e toquei sua testa. Ela desfaleceu e caiu no chão.

Quando me virei para encarar os outros, encontrei olhos esbugalhados e expressões de terror. Tomei uma nota mental do que fiz... A reação no rosto de Klaus foi o que mais me assombrou, como se ele ponderasse quem era aquela pessoa que ele certamente desconhecia. Mas eu não podia ignorar aquele sobrenome, simplesmente não podia, especialmente tendo crescido ouvindo histórias horríveis sobre a rivalidade de nossas famílias.

— Erínia, Maeve — chamei com urgência na voz —, sabem o que fazer.

— Você vai ficar bem sozinha...? — tentou perguntar Maeve.

— Vão! — interrompi.

No mesmo instante, ambas as garotas desapareceram numa nuvem branca, com o som de vidro quebrando. Eu não sabia o que ia acontecer a partir daquele momento, mas estava preparado para me defender caso a ajuda não chegasse a tempo.

— Hugo, Magnus — disse Klaus, e eu vi que ele estava tremendo —, avisem nossos pais.

A dupla de idiotas sequer se preocupou com a segurança de Klaus. Evanesceu numa segunda nuvem branca idêntica à das gêmeas. De repente, apenas Klaus e eu ficamos para trás além de uma professora e do diretor da escola, inconscientes.

Percebi que aquela cena pareceria extremamente suspeita para alguém que a visse fora do contexto, por isso tranquei a fechadura da porta com um aceno da mão. Assim não corríamos o risco de alguém inesperado entrar até que tivéssemos resolvido a situação.

Eu me virei para Klaus outra vez, que me estudava como se encarasse um estranho que nunca viu na vida. Ficamos em silêncio. Eu queria falar... tinha *muitas* coisas para falar, mas um elefante se instalou na minha garganta e a voz não saía.

Vasculhei minha mente na tentativa de lembrar de algum indício, uma pista que fosse, uma insinuação de que Klaus alguma vez mencionou o sobrenome Montenegro. Tudo o que encontrei, porém, foram cenas em que ele claramente usava o sobrenome Vieira para se apresentar.

No entanto, aquilo não queria dizer nada. Eu usava meu nome do meio quando alguém solicitava... Doriarte. Mesmo entre os comunais, Valburgo era um sobrenome que sempre vinha acompanhado de interesse, talvez fosse pela musicalidade da palavra, ou porque despertasse alguma memória antiga dos Valburgos do passado. Por isso eu evitava aquele tipo de atenção. Klaus, agora eu percebia, adotava comportamento igual em relação a esse aspecto da vida dele.

Em se tratando do legado bruxo, nomes de família eram bastante complicados. Meu pai,

Aníbal Doriarte, vinha de uma linhagem menos poderosa que os Valburgos. Por esse motivo, a ordem dos nomes foi invertida, como mandava a tradição, e eu acabei sendo registrado como Edgar Doriarte Valburgo, ao invés de Edgar Valburgo Doriarte.

Não sabia se Klaus também passou por esse processo, mas ele nunca usou Montenegro em público. Agora, contudo, isso pouco importava. Eu estive literalmente dormindo com o inimigo, por todo aquele tempo. E pensar que um simples jogo de palavras foi suficiente para nos aproximarmos como se nossas famílias não tivessem um histórico centenário de rivalidade, quase como se forças intrusivas do universo conspirassem a nosso favor... ou contra nós.

Mais um clichê que se somava à minha vida. Montecchios e Capuletos. Valburgos e Montenegros. Seríamos Klaus e eu uma versão cafona de Romeu e Julieta? Um conto romântico sensacionalista para leitores duvidosos. Fosse como fosse, não fazia parte dos meus planos para um futuro próximo morrer de amor por quem quer que seja.

Klaus continuou parado à minha frente, mudo. Seus grandes olhos azuis adquiriram uma cor cinzenta, quase linda o suficiente para me tirar do chão. Ele estava a um passo de começar a chorar, eu podia sentir, embora não acreditasse que ele fosse fazer isso naquelas circunstâncias.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, o silêncio entre nós pesou como uma barreira que nos colocava a quilômetros de distância um do outro. Éramos o Edgar e o Klaus de sempre, mas deixamos de ser meros adolescentes cujos hormônios eram o centro em volta do qual orbitava nosso mundinho particular. Agora também éramos o Edgar e o Klaus bruxos, um Valburgo e outro Montenegro. Podíamos estar no mesmo cômodo, mas algo havia colidido com nossa intimidade e subitamente não nos sentíamos mais à vontade por estarmos próximos.

O primeiro a retornar foi o vice-idiota-mor, que apareceu numa nuvem branca. Outra pessoa veio junto e segurava o seu ombro. Provavelmente era pai dele, um homem com cara de quem não gostava de ser importunado com tolices. Vestia uma roupa social e impunha-se como presidente de uma grande empresa.

No instante seguinte, o idiota-mor se materializou com mais dois convidados, um homem e uma mulher. Eu começava a ficar em *real* desvantagem ali. O homem mais parecia que tinha topado com o pé na quina de uma mesa, pois sua expressão era ainda mais assustadora que a do pai do outro idiota. Mas quem me chamou a atenção de verdade foi a mulher que estava com ele. Uma linda senhora, na casa dos quarenta e poucos, loura e com grandes olhos azuis...

Isso só pode ser uma pegadinha!, tive certeza de ela também me reconheceu. *Madame Bovary*.

Com um choque injusto, descobri o motivo de Klaus ter um olhar tão familiar para mim. Eu já tinha conhecido sua... *mãe!* Na primeira noite que passamos juntos no Lago dos Piri-lampas, Olívia e eu fomos ao In-Sônia conseguir grana e ela foi meu prêmio. *Merda, merda, mil vezes merda!* Será que ela contaria tudo? Que eu a roubei, logo após dar em cima dela com possíveis segundas intenções? *Estou fodido até minha centésima geração...*

Para meu alívio, as gêmeas voltaram a aparecer de dentro da nuvem branca. Trouxeram minha mãe, com a feição mais séria que eu já vi na vida, e Olívia a tiracolo, igualmente absor-ta em uma expressão severa que não combinava nada com a personalidade de moleca que ela sempre teve. Nenhum dos homens da família Montenegro apreciou a chegada delas.

— Depois de todos esses anos — dirigiu-se minha mãe ao pai do idiota-mor —, nunca pensei que os encontraria neste lugar.

— Valburgo... — disse o homem em evidência. — Minha *velha* amiga.

A ênfase na palavra “velha” não podia se referir à idade, pois o homem era claramente

mais velho que minha mãe.

— Amizade é um substantivo que jamais existiu na nossa relação, Teófilo — devolveu ela. — Como *ousa* colocar os pés nessa cidade outra vez?

— Até onde me consta — cuspiu o homem —, Anévoa não pertence à nenhuma família de bruxos. Em sendo assim, não lhe devo satisfação com este respeito.

— Vocês têm muita coragem de voltar aqui de novo — disse ela — depois de tudo o que fizeram. A escória da sua família serve apenas para manchar a raça interplanetária dos povos mágicos...

— Se eu fosse você, Valburgo, teria mais cuidado ao se dirigir a um Grão-Mestre — *O quê? Aquele cara era um Grão-Mestre? O pai de Klaus...?* — A Ordem dos Guerreiros não é muito conhecida pela benevolência, então, recomendo que...

— Poupe-nos da ladainha, Teófilo — interrompeu Olívia, exasperada. — Você só se tornou Grão-Mestre quando Ágata abdicou do cargo, e sabe muito bem o motivo para isso ter acontecido... a morte de Briano, que vocês causaram quando resolveram espalhar boatos sobre nossa família.

Vocês estão de brincadeira comigo? Aquilo não podia estar acontecendo. Minha mãe não apenas pertenceu à Ordem dos Guerreiros, como também foi a *Grã-Mestre* deles? O que mais viria a seguir... Olívia como alquimista e tia Lena uma curandeira?

— Você acusa meu irmão sem provas — interpôs-se o outro homem à insinuação de Olívia. — É melhor pensar duas vezes antes de sair por aí fazendo calúnia sobre um dos Grão-Mestres, senão...

— Senão o quê, Norberto? — retorquiu minha mãe, absoluta em sua eloquência. — Vão nos atacar, por acaso? Devo lembrá-los de que, embora não esteja mais na posição da qual saí voluntariamente, meu poder continua o mesmo. Querem mesmo lutar contra mim, uma Valburgo?

Aquelas palavras fizeram cada pelo do meu corpo se eriçar. A luz nas lâmpadas da sala bruxuleou e uma sensação de perigo se apoderou de mim. O dia reservava mais revelações do que eu jamais podia imaginar, e ainda não era nem a hora do almoço.

Norberto se sacudiu dos pés à cabeça, como os bruxos costumam fazer quando uma descarga de energia percorre a corrente sanguínea por inteiro. O humor dos adultos indicava alta probabilidade de um conflito mágico. Isso seria péssimo.

— Você não acha que temos medo de vocês, acha? — disse Teófilo com desprezo. — Sou capaz de derrotá-la até nos meus dias ruins.

Ele deu um passo à frente dentro da sala que ficou minúscula com a nova adição de pessoas. Minha mãe pôs uma mão sobre a outra, fazendo o gesto de duelo entre os bruxos. Algo terrível estava prestes a acontecer e os efeitos colaterais de uma luta naquele local atingiria a todos nós.

— Teófilo, Ágata, vocês perderam o juízo?! — os ânimos aflorados não mudaram, mas diminuíram assim que Madame Bovary entrou na discussão. Ela tinha segurança na voz e estava muito diferente da mulher com quem flertei meses atrás. — Nossos filhos estão bem aqui...

Aquilo foi o suficiente para que minha mãe se apercesse do lugar onde estava. Ela desfez o gesto de duelo, mas não baixou a guarda. Deu-se conta de que havia outras pessoas além deles na sala do diretor.

— Andrômeda tem razão — anuiu ela, a contragosto. *Andrômeda... então esse é o nome dela?* — Não arriscarei machucar minha família por causa das suas provocações.

Teófilo pareceu um tanto decepcionado com a impossibilidade da luta, mas também cedeu

ao aviso da esposa. Aproveitando a oportunidade, os adultos avaliaram a situação que os cercava. Dois funcionários da escola desacordados e os filhos na diretoria. Para além do encontro lendário entre as duas famílias, nós estaríamos encrocados de uma maneira ou de outra.

— Isso deve ser obra dos seus — apontou Teófilo para o diretor Fausto e a professora Narcisa. — Meu sobrinho e filhos são guerreiros. Não ficam brincando que nem curandeiros almofadinhas. A sujeira é sua para limpar — depois apontou o dedo em riste para Klaus e a dupla de idiotas. — E vocês têm muito o que explicar...

Com um único aceno da cabeça, ele deu uma ordem para os outros Montenegros seguirem-no. Desapareceram numa espessa coluna de nuvens brancas. Klaus demorou apenas o suficiente para olhar uma última vez nos meus olhos, e então se foi junto ao resto, deixando-nos a sós.

— Não me importa o que aconteceu aqui hoje, nem quero saber o motivo que o levou a agir de forma tão irresponsável, mocinho — disse minha mãe para mim. — A partir de agora, você está proibido de continuar sua amizade com aquele garoto Montenegro. E não ouse me desobedecer, Edgar!

Não tive qualquer chance de protestar. Agora que Klaus tinha o sobrenome proibido na nossa família, tudo acabou. Ir contra uma ordem como aquela estava além de mim e não havia nada que eu pudesse fazer.

— Vamos embora — continuou ela, e então apontou para o diretor e a professora inconscientes. — Olívia, deixo o resto com você. Faça-os pensar que nada disso aconteceu...

— Espere — interrompi. — Olívia, você deve pelo menos deixar que eles lembrem da suspensão pelo resto da semana. Todo mundo viu a briga. Se ninguém for punido, as pessoas podem desconfiar de algo.

— Tem razão — concordou Olívia. — Farei isso.

Deixamos a sala do diretor e fomos para casa.

Capítulo 16 | Laços Desfeitos

HAVIA ALGO ESMAÇADOR dentro do meu peito que me impedia de respirar. A qualquer momento eu era capaz de enlouquecer. Estava com uma sensação de que fiz algo muito errado e agora devia esperar pelas consequências, como uma criança que desobedece a mãe e precisa aguardar o castigo.

Sentado na cama do meu quarto, eu encarava a parede branca tentando encontrar a resposta para a pergunta que berrava na minha mente. Como foi que eu deixei aquilo acontecer? Justo *eu*, que me vangloriava de ter o controle sobre a vida, e que ostentava um despojo das preocupações medíocres dos garotos da minha idade, agora sequer possuía noção do dia de amanhã.

— Você é um completo idiota, Edgar — falei em voz alta.

Da janela do quarto, era possível ver a rua da minha casa. Sempre tão normal, desprovida da suspeita de que ali morava uma família de bruxos. Meu estômago dava voltas quando eu lembrava que me envolvi com um rival dos Valburgos o tempo inteiro.

Eu *traí* a minha família e sequer estive ciente disso. O maior pecado que cometi foi desrespeitar minha própria regra de não deixar a variável emocional fazer parte da equação do relacionamento. Antes de Klaus, eu era capaz de ceder ao desejo sem que precisasse ligar no dia seguinte. Não era a vida que queria, mas funcionava para mim.

— Um completo, graduado e indubitável idiota — ofendi a mim mesmo.

Olhei meu reflexo no vidro da janela, o rosto inchado e o olho esquerdo com uma coloração violeta nada decente. Usei magia para diminuir a dor, mas não pretendia fazer nada quanto aos hematomas. Carregaria todos eles com orgulho. Uma luta mano-a-mano com um Montenegro não era algo que se via todos os dias. De certa forma, eu até simpatizava com aquele troféu marcado no meu corpo.

O celular vibrou no bolso do meu jeans. Era uma mensagem de texto.

Precisamos conversar.

Daqui a uma hora, no nosso lugar de sempre.

K.

Reli a mensagem outra vez, e depois outra, e mais outra, até entender o significado. Klaus queria arriscar um encontro entre nós, mesmo depois dos eventos daquela manhã. Não havia dúvidas de que seus pais também o proibiram de ser amigo do *garoto Valburgo*. Como consequência, aquilo queria dizer que ele estava disposto a ir contra uma ordem direta do Grão-Mestre da Ordem dos Guerreiros. Essa decisão parecia mais estúpida do que corajosa.

Mas... e quanto a mim? Estaria disposto a desobedecer minha mãe deliberada e abertamente, sem me importar com as consequências? Olhei para o relógio em cima do criado-mudo ao lado da cama... faltava pouco para as cinco da tarde. Se eu fosse cometer aquela loucu-

ra, era melhor começar a pensar no que fazer.

A resposta me atingiu como uma epifania mágica. Levantei e fui ao quarto de Olívia, que lia um livro sobre os labirintos da mente. Bati de leve na porta entreaberta para me anunciar e ela abaixou o livro.

— Posso falar com você? — perguntei.

Ela se sentou rápido na cama, esperando algo sério. Eu não pretendia alarmá-la, mas seus poderes sensórios deviam estar aguçados depois de tê-los usado no diretor Fausto e na professora Narcisa.

— Claro — respondeu ela.

Entrei no quarto, fechei a porta atrás de mim e girei a chave duas vezes. Não satisfeito, desenhei um triângulo invisível na fechadura e fiz aparecer uma fina película mágica que impediria quem estivesse do outro lado de ouvir qualquer coisa do que disséssemos. Sentei na cama, encarando Olívia e tentando criar coragem para o que estava prestes a falar.

— Você sabe, não sabe? — anuí, sincero. — Você sempre foi minha melhor amiga, eu tenho certeza de que notou isso há algum tempo.

Ela arregalou os olhos, mas então balançou a cabeça.

— Klaus e eu não somos apenas amigos — respirei fundo. — Estamos juntos desde o dia em que nos conhecemos...

— E você *realmente* não sabia que ele era um Montenegro? — o tom de acusação e mágoa na voz dela representava tudo aquilo pelo que eu me culpava. Como eu poderia dizer que estava apaixonado por alguém que eu nem sequer conhecia direito?

— Eu sei que é difícil acreditar — aduzi, reticente. — Mas magia jamais fez parte do repertório das nossas conversas. Tudo não passou de uma falha de comunicação.

— Você não está mentindo, sei disso — revelou ela, e eu senti seu poder sondando as palavras que eu dizia. Era justo ela não confiar em mim, embora ter ciência daquilo partisse ainda mais meu coração abatido. — Desculpe, Ed, mas eu precisava me certificar.

— Tudo bem — engoli em seco. Depois do que aconteceu, sofrer desconfianças da pessoa que mais me conhecia não parecia tão insuportável. — Preciso de um favor.

— Estou ouvindo.

— Quero me encontrar com ele...

— Você perdeu o juízo? Ág nunca permit...

— Ela não vai saber se você não contar.

— Então está querendo que *eu* também desobedeça uma ordem direta da minha irmã mais velha? Sabe o que ela faria comigo? Me aprisionaria num pote de azeitonas por vinte anos e você sabe o quanto odeio azeitonas.

— Olívia, eu *preciso* falar com ele mais uma vez. Não pediria isso a você se não achasse necessário. Ele me mandou uma mensagem e vamos nos encontrar em...

— *Ele* contatou você? E se for uma armadilha, Ed?

— Ele não faria isso! — minha voz exasperada saiu mais ríspida do que eu pretendia.

— Talvez não — concordou ela —, mas a família dele faria.

— Por favor, Olívia, você precisa me dar cobertura enquanto eu estiver fora. Sabe que mamãe vai monitorar meus passos a partir de agora.

— Então, eu vou com você — decidiu ela. — Ou aceita minhas condições ou nada feito. O que vai ser?

* * *

— Ainda não vejo necessidade de uma guarda-costas — falei para Olívia enquanto dirigia o Jetta até o Lago dos Pirilampos. O sol projetava uma luz âmbar que cobria o horizonte, despedindo-se daquele dia. — Ele não armaria para cima de mim.

— Ed, entenda uma coisa — disse ela —, nenhuma segurança é o suficiente quando se trata de um encontro entre Valburgos e Montenegros. Klaus pode ser um cara legal, isso eu admito, mas deve estar tão proibido de ver você quanto você está proibido de vê-lo. Se ele recebeu permissão para sair, isso significa que provavelmente estará acompanhado de alguém. Se não for assim, você pode dizer a ele que a desconfiança é minha e não sua.

Tudo bem, talvez Olívia não estivesse tão errada assim. Se Klaus tivesse pais tão rígidos quanto minha mãe, na certa estaria em circunstâncias parecidas. De qualquer modo, não precisamos esperar muito tempo para descobrir. Assim que chegamos ao local, vimos o Honda do pai dele estacionado no começo do caminho de terra que ligava o lago à rodovia.

Klaus estava parado ao lado de alguém. Quando desliguei o carro, percebi que se tratava de Madame Bovary... ele trouxe a *mãe*. De todas as pessoas, por que logo a mulher que eu teria mais vergonha de encontrar? Lado a lado, ambos eram estranhamente lindos.

— Não falei? — Olívia saiu do carro, muito séria, e andou até onde os dois estavam. — Andrômeda.

— Olívia — cumprimentou a mulher. — Não pretendo criar confusão. Isso é entre meu filho e seu sobrinho. Vamos deixá-los conversar, sim?

Ela relaxou os ombros, mas se manteve alerta.

— Certo — respondeu Olívia. — Pode ir, Ed...

Klaus olhou para sua mãe e ela acenou com a cabeça. Quando encaramos um ao outro, eu não soube como reagir. Seguimos em silêncio até a margem do lago, onde o brilho do pôr-do-sol refletia na água em pequenas inquietações feitas pelo vento. A árvore sob a qual dormimos várias noites era a única testemunha do nosso constrangimento, e ouvia tudo sem julgar.

Virei para me certificar de que Olívia não começaria uma guerra, mas a encontrei encostada no capô do Jetta, indiferente, enquanto Madame Bov... quer dizer, enquanto *Andrômeda* estudava a paisagem alheia à animosidade do ambiente. O acampamento era um prato cheio para quem o via pela primeira vez, fosse de dia ou de noite.

O mais irônico era que a beleza do cenário não condizia com nosso humor, mas aquilo pouco importava para a natureza. Um lembrete sutil do tamanho do homem em relação ao universo que o rodeava. A brisa do remanso denunciava uma friagem a caminho de Anévoa, e talvez aquele fosse o último pôr-do-sol bonito pelas próximas semanas, especialmente com o inverno se aproximando.

Klaus estava receoso, eu podia perceber pela linguagem corporal. Talvez fosse por causa da presença da sua mãe e de Olívia. Pelo menos eu esperava que aquele fosse o motivo. Mas provavelmente era *eu* quem o estava deixando irrequieto, o que me causava um sentimento de aperto sufocante. Minha garganta se fechou e eu pigarreei para disfarçar.

Quando não cabia mais silêncio entre a gente, ele falou.

— Sei que não é o momento para isso, mas essas marcas no seu rosto deixam você meio... *sexy* — ele avaliou meu silêncio por um momento. — Está sentindo alguma dor?

— Não se preocupe com isso — pedi. — O outro cara ficou pior.

— Ficou mesmo. Sei que ele é meu irmão e tudo o mais, mas eu meio que gostei do fato de ele ter o orgulho ferido. Não tinha o direito de tratar suas primas daquela forma. Me desculpe por isso.

— Você não deve se desculpar pelo comportamento do seu irmão. Só o conheço há algu-

mas horas, mas tenho certeza de que vocês dois são bem diferentes.

— Meu pai que o diga — ele riu, desanimado. — Na minha família, o exibicionismo de masculinidade é sempre algo louvável. Sou eu quem está sobrando.

— Sinto muito por isso.

— Depois de tantos anos — ele voltou a contemplar o lago —, acabei me acostumando. Eu só queria que às vezes os problemas da família não interferissem na minha felicidade. Como aconteceu hoje...

Eu me perguntava quando falaríamos sobre as coisas mais importantes. Era óbvio que não estávamos ali para trocar confidências sobre se encaixar ou não no mundo real. Mas, por outro lado, eu não sabia se queria chegar àquela parte da conversa.

— Então, sua mãe sabe sobre nós... — arrisquei. — O que ela disse?

— Está se referindo ao encontro que tiveram na boate? — *ela contou para ele? Merda!* — Fiquei sabendo no dia em que aconteceu. O casamento dos meus pais não vai bem há anos. Mas nunca desconfiei que você fosse o cara que tinha passado a perna nela. Ela o reconheceu hoje e tivemos uma conversa meio constrangedora.

— Imagino — senti meu rosto queimar.

Os hiatos entre nossos diálogos aumentaram. Decidi parar.

— Você alguma vez desconfiou? — ponderei. — Quer dizer... chegou a passar pela sua cabeça que eu era um bruxo?

Ele deu de ombros.

— Uma ou duas vezes — respondeu. — Especialmente quando você ficava evasivo do nada, como se precisasse estar em outro lugar que eu não podia saber. Mas aí você me beijava e eu esquecia de tudo num segundo. Pela sua surpresa essa manhã, você também não devia saber sobre mim, suponho?

— Sempre houve uma vibração incomum vindo do seu corpo — revelei. — Talvez eu atribuisse isso à minha falta de controle quando estou perto de você. Acabamos confundindo nosso instinto com hormônios.

— É.

— É — repeti.

O silêncio voltou, e dessa vez pareceu como quando você deita na cama para dormir no fim do dia e percebe que esqueceu a luz ligada. Você pode escolher entre dormir com o incômodo da claridade, ou se arrastar até o interruptor. De qualquer forma, terá de fazer algo que não tem vontade.

— Então... — tentei nos tirar daquele abismo sepulcral no qual nossa conversa se enterrava. — Você pretende se tornar um guerreiro...?

— Não é como se eu tivesse *escolhido* — disse ele. — Meus pais são guerreiros, meus tios também, e a maioria da nossa linhagem sempre pertenceu a essa Ordem, com poucas exceções. Na verdade, eu nunca tive propensão para os ofícios das outras Ordens, então acho que eu seria guerreiro de um jeito ou de outro.

— Entendo... Como você deve saber, vou me tornar um curandeiro.

— Agora eu saquei toda aquela história de estudar medicina.

— De repente, minha obsessão não parece tão infundada assim, não é?

— Nunca pareceu... pelo menos para mim — ele se virou para me encarar. — Gosto da ideia de você como médico. Parece *certo*, de alguma maneira...

— Mesmo que um curandeiro tenha uma vida bem menos excitante que a de um guerreiro...

— Não sei do que está falando — disse ele. — Se bem me lembro, você deu uma bela sur-

ra no idiota do meu irmão, e não fez o mesmo com meu primo porque cheguei cedo demais. Antes disso, nenhum de nós imaginava que técnicas de cura podiam ser usadas como ataque, e Hugo aprendeu isso da pior forma quando resolveu enfrentá-lo.

Eu sorri.

— Muitos bruxos subestimam a Ordem dos Curandeiros. Esquecem de que, no fim das contas, todos usamos a mesma magia. Tenho um verdadeiro discurso preparado sobre a importância das habilidades múltiplas dos bruxos, mas acho que estamos perdendo tempo com amenidades — eu estava farto de segurar o elefante na minha garganta. — Por que me chamou até aqui, Klaus?

— Você ainda pergunta? — ele pareceu magoado. — Uma semana atrás estávamos fazendo declarações um ao outro...

— Isso foi antes de sabermos que nossas famílias são arqui-inimigas.

— Quer dizer que isso apaga todas as coisas que dissemos? — ele lutou para não levantar a voz e manter a conversa num tom normal. — De repente, *puff*, todos os nossos sentimentos desapareceram?

— Muito mais aceitável do que a paixão adolescente de dois desajustados apagar séculos de guerra mágica entre linhagens ancestrais, não concorda?

— Eu te amo, Edgar — disse ele, proferindo as palavras como se o peso delas fosse esmagar a nós dois. — Pouco me importa se o seu sobrenome é Valburgo ou Temer ou Trump. Nosso amor é maior do que a rivalid...

— Não, não é! — arqueei, seco. — Eu não posso, nem vou ignorar todas as atrocidades que eu aprendi sobre a sua família ao longo dos anos. Você devia fazer o mesmo quanto à minha família.

— Vamos fugir — Klaus soou desesperado. — Você e eu... sem sobrenomes nos assombrando. Podemos começar do ze...

— Você consegue se ouvir enquanto fala? — repliquei. — Isso aqui não é uma novela mexicana. Eu não vou abandonar minha família, meus objetivos e minha estabilidade emocional para fazer essa loucura. Já pensou como nossos pais encarariam esse ato? Já considerou o impacto dessa atitude na frágil trégua que existe entre Valburgos e Montenegros? Nossas decisões não afetam somente a nós dois, Klaus, e se você fosse um pouco menos mimado saberia disso.

Conforme eu falava, a dor das palavras se manifestava na expressão dele. A luz dourada que se desprendia do sol refletia nos fios louros do seu cabelo e deixava seus olhos azuis quase sem brilho. Eu tremia, ofegante, e já nem ligava mais para a presença de Olívia e Andrômeda.

— Pelo menos não sou um covarde que se esconde atrás de desculpas rasas — àquela altura, as lágrimas de Klaus rolavam sem qualquer pudor. — Você é um típico Valburgo que evita grandes conflitos porque é fraco demais para se impor diante de algo com que não consegue lidar. Você e sua família não são mais do que parasitas inconvenientes para o mundo dos bruxos, absolutamente dispensáveis!

Não sei em que momento meu corpo se moveu, mas o próximo quadro que registrei foi do meu punho fechado indo na direção do rosto de Klaus. Eu torci pela intervenção de Olívia ou de Andrômeda, mas nenhuma delas se moveu. O impacto inesperado fez com que ele titubeasse alguns passos para trás e caísse na margem do lago. O arrependimento que surgiu dentro de mim foi a coisa mais insuportável que já senti, e a esperança de qualquer felicidade se dissipou quando recebi o olhar de Klaus, caído na água.

Sem nenhuma pressa, ele se levantou com o jeans encharcado e andou em linha reta.

Quando chegou ao meu lado, parou por um momento, em silêncio. Estudou a árvore cujas folhas farfalhavam acima de nós, e talvez até tenha ouvido meu coração bater acelerado. Ele suspirou e quando voltou a falar sua voz estava fria.

— Você sempre esteve certo desde o começo, não é? — disse ele, desprovido de ânimo. — Nós nunca daríamos certo juntos. Eu era o único teimoso na história toda. Obrigado por abrir meus olhos. De verdade. Adeus, Edgar.

Foi embora, molhando por onde passava, enquanto o sol finalmente desaparecia no horizonte. Permaneci imóvel com as duas últimas palavras de Klaus reverberando na mente. Naquela noite, me tranquei no quarto e chorei por horas, até que adormeci para um sono de pesadelos.

Capítulo 17 | Evanescência

O CAMINHO MAIS CURTO até o espaço sideral é definitivamente a música. Ou pelo menos até um lugar suspenso, fora do planeta, porém dentro da mente, no qual você é abraçado pelo vazio mesmo com todo o universo à sua volta. O niilismo sentimental jorrando de uma fonte impiedosa de entorpecimento que faz o tempo passar despercebido, indissolúvel.

Durante os dois meses após o dia em que descobri que o possível-primeiro-amor-da-minha-vida era um bruxo pertencente à linhagem Montenegro, não fui capaz de observar o mundo girando debaixo do meu nariz. Os dias se afastavam para o fundo da memória toda vez que deitava a cabeça no travesseiro para mais uma noite de sono irregular.

Num momento, estava em casa. No outro, na Livraria Amarela. Depois, escola, carro, rua, quarto, carro, quarto, escola, lugar-nenhum. Meus pensamentos passaram a funcionar numa rotina psicodélica, deixando para trás lapsos de cenas carcomidas pelo torpor. Algo se quebrou dentro de mim, e por alguma razão meu corpo não conseguia juntar as peças para consertar a merda que eu fiz naquele dia.

— Tem certeza de que não quer ajuda com o trabalho de literatura? — certificou-se Úrsula pela terceira vez após ouvir duas recusas. Declinei e ela não insistiu mais no assunto. — Bem... se mudar de ideia, você tem meu número.

— Valeu — falei.

Se algo de bom aconteceu no meio de todo o caos no qual eu afundava foi a aproximação gradual de Úrsula. Sem saber, ela me ajudou a não perder o que me restava da sanidade. Demorou apenas algum tempo para que eu percebesse que ela estava a fim de mim. De *mim*. A pior pessoa para alguém ter como *crush*. Para completar, estive de fato considerando um relacionamento com Úrsula como última tentativa de esquecer... *ele*.

Cada vez que eu voltava a pensar nisso, me sentia um crápula. E eu era mesmo, se você parar para pensar. Cultivar as esperanças de uma pessoa que tem interesse genuíno por você com a intenção de usá-la como um tapa-buraco no coração é algo que apenas um babaca faria. Embora a alternativa se tornasse mais sedutora a cada dia, consegui refrear minha estupidez. Agora sabia quão errado foi ter feito isso com Jéssica, mesmo que indiretamente, por isso não podia repetir o erro com Úrsula.

Passei a fumar o dobro do convencional, e às vezes até saía para beber. Mas não adiantava para mim; afogar as mágoas em álcool era um clichê que se reservava aos comunais. Os vícios eram minimizados pelo meu sistema imunológico, e eu nunca pude ficar realmente bêbado como gostaria. Nem as ressacas do dia seguinte eram icônicas como as pessoas normais costumavam pintar.

— Você pretende me contar o que aconteceu ou vai ficar com essa cara de borocoxô a noite toda? — perguntou Tati depois de certo tempo quando passei a frequentar o Café desacompanhado.

Contei a ela tudo o que se passou. A verdade sobre o que descobri, as implicações da situa-

ção e o modo execrável como nos despedimos. Tati olhou para mim com um misto de pena e empatia que só serviu para aumentar o abismo dentro de mim.

— Sinto muito, Ed — disse ela, como quem apresenta condolências a um viúvo. — Você vai passear por um caminho sombrio durante algum tempo. Vai pensar que o mundo se voltou contra você, e que a melhor forma de encarar as coisas é criando uma barreira emocional à prova de novos sentimentos. Vai acreditar *mesmo* que não merece ser feliz, embora seja óbvio que isso não é verdade. No fim de tudo, a ferida se tornará uma cicatriz que não vai deixar de existir, mas vai doer menos, e menos, até se perder numa lembrança dolorosa dessa época. A partir de então, você seguirá em frente como deve ser, mas nesse momento está congelado no tempo. Isso é perigoso, Ed... ainda mais para seres mágicos, quero dizer.

Eu olhei para ela; a fumaça do café recém-servido se interpunha entre nossos olhos. Fiquei surpreso por ela entender tudo tão bem. Expôs em palavras pelo menos parte do que estava acontecendo. Ponderei por um instante se ela estava usando algum de seus poderes, mas concluí que Tati era apenas boa naquele tipo de coisa.

Agradei, como sempre. Nada mais que uma sugestão de que me importava. Aprendi a me distanciar de quem sabia ler através da minha carapaça; era um mecanismo de defesa que eu vinha aprimorando nos últimos tempos.

Eu não tinha como saber se era o único passando por maus bocados, já que era difícil ter uma noção exata quando Klaus não dava o menor sinal de perturbação. Ele e Jéssica assumiram publicamente o namoro e agora não era incomum topar com eles em momentos íntimos pelos corredores.

Seria de se esperar que um de nós fosse transferido para outra escola, porém, como nossos pais sequer suspeitavam do envolvimento amoroso, talvez decidiram por impor a separação apenas da amizade. Mal sabiam que nos deixar frequentando o mesmo local, cinco dias da semana, era um teste de crueldade silencioso pelo qual eu passava cabisbaixo e invisível.

— No meu tempo, ficar com essa cara no meio do horário de trabalho significava olho da rua — disse dona Morgana, metade brincando, metade séria. — Aposto que tem a ver com rabo de saia. É sempre assim. Um garoto da sua idade tem mais com o que se preocupar do que sofrer por amor. Isso é para os velhos, que não lidam mais com o sabor da juventude.

Se ao menos dona Morgana soubesse que o *rabo* em questão vestia calças.

Mas ela estava certa em um ponto, eu tinha *mais* com o que me preocupar. Acabei canalizando parte do empenho em sucumbir à decadência para os livros, e não custei a perceber que ocupar a mente com o conteúdo dos vestibulares também era eficaz para livrar a cabeça de pensamentos nostálgicos.

Esquematizei uma rotina de estudos para sobrecarregar o tempo livre. Em compensação, descuidei de vários outros aspectos da minha vida. Continuei os treinos semanais em um nível mínimo de prática, e a única coisa que mantive ininterrupta foi a Hibernação. Não raro, ultrapassava a cota de energia estabelecida por minha mãe para o treino, armazenando mais do que seria seguro. Finalmente conseguia sentir o poder fluindo de dentro do segundo receptáculo, mesmo sem oportunidade de usá-lo.

Enquanto isso, meus hábitos de higiene tornaram-se questionáveis. Deixei a barba crescer até ficar espessa demais e meu rosto começar a pinicar. Não tinha qualquer vontade de me arrumar além do necessário para sair, e ficava dentro de casa sempre que podia. Quando passava fins de semana inteiros enfiado no quarto, a desculpa de estar estudando me salvava dos interrogatórios da minha mãe.

— Ei, cabeçaço! — chamou Erínia quando eu voltava da cozinha. — Você quer jogar *The Witcher* com a gente?

Fiz que não.

— Vai ser legal, Ed... — tentou Maeve, sem sucesso.

Nenhuma das duas sabia sobre meu real envolvimento com Klaus, mas isso não as impediu de compreender que algo entre nós deu errado além do óbvio. Elas se sentiam culpadas pelo término da nossa amizade, e, para reverter o peso na consciência, adotavam um comportamento mais simpático — nada característico delas — sempre que eu estava presente. Comiseração era tudo o que eu não precisava naquele momento, mas elas pareciam sentir falta dos apelidos idiotas que eu usava, e para mim isso já valia todo o esforço delas em pedir desculpa à sua maneira.

Contudo, elas não tinham culpa pela forma como as coisas aconteceram, muito menos por terem sido assediadas pelos idiotas que tentaram beijá-las contra sua vontade. Olívia deixou bem claro que elas foram as vítimas da história, e modificou o treinamento das gêmeas para ensiná-las a usar magia sensória como ataque e defesa contra possíveis aproveitadores.

Elas ofereceram *Gears of War*, *Halo* e até *Goat Simulator*, mas eu subi para o quarto, deixando-as com minha indisposição para jogar. Deitei na cama e pus os fones no ouvido, tentando evanescer para uma dimensão estelar onde ou eu não existia ou meus problemas não existiam.

Meu trabalho sobre Parnasianismo estava pela metade sobre a mesa perto da janela. A poesia de Olavo Bilac poderia aguardar um pouco mais sem ser lida por um aluno do ensino médio, ainda mais quando muitos trechos me impeliam a lembranças indesejadas sobre certos locais, certas brisas, certas águas.

Levantei a mão direita e deixei sair um feixe de luz azul, depois outro amarelo. As luzes tomaram formas esporádicas, dançando no ar, e iluminaram a leve penumbra do quarto, como um protetor de tela no computador. Movimentei a mão, sem gestos específicos, e as luzes seguiram o comando, soerguidas de um lado para outro. Era algo que me alegrava quando estava triste, mas naquele momento eu via apenas azul/amarelo como Edgar/Klaus.

Descansei a mão de volta sobre o peito e os feixes se esvaíram, permanecendo gravados por alguns segundos na minha retina ao ser exposta à escuridão. Era melhor eu parar de pensar *nele* antes que não conseguisse mais aguentar. Me perguntei se aquilo era *mesmo* sofrer por amor, ou se seria uma forma deturpada de confundir emoção com biologia.

De qualquer maneira, doía.

Sentir saudade era uma luta injusta, pois naquele caso não havia ganhadores. Deixar estar. Era a única alternativa que me restava.

O amor é um palhaço às avessas: ao invés de fazê-lo rir, gargalha de você.

Acabei pensando em Úrsula. Num horizonte de poucas formas de fazer o torpor cessar, ela era uma escolha tentadora. Antes que pudesse me arrepender, levantei da cama e desci os lances de escada apressado. Passei pelas gêmeas na sala e quase atropeliei Zara no caminho até a porta.

Saí para o ar gélido da noite que iniciou há pouco tempo. Andei a passos largos, tentando não correr, e demorei menos de cinco minutos até a casa com uma grande abóbada marfim. Toquei a campainha e esperei impaciente, enquanto ofegava pelo esforço feito. A possibilidade de Úrsula atender a porta ao invés de um dos pais dela era pequena, mas felizmente foi como aconteceu.

Ela vestia uma blusa laranjada com padrões geométricos que ressaltava seus atributos frontais. Olhou para mim com surpresa, mas não falou nada. A fragrância familiar de jasmim passou por minhas narinas e encheu meus pulmões. Traguei um último suspiro antes de beijá-la.

No começo, ela abafou um pequeno guincho de protesto. Continuei mesmo assim, ciente de que podia levar um soco merecido. Com o tempo, Úrsula correspondeu ao beijo. Não era ruim. Na verdade, era melhor do que eu imaginava. Minhas mãos subiram naturalmente até seu cabelo, ao passo em que nossos rostos se moviam numa coreografia ensaiada.

A sensação não era muito diferente de beijar homens, mas o atrito dos corpos era sem dúvida mais delicado. Úrsula era uma beijadora excepcional e seus lábios eram quase succulentos, embora exigentes, ditando o ritmo com que nossas línguas mantinham contato. Respirar se mostrou difícil em determinado momento, porém, serviu para que a velocidade fosse diminuindo.

O beijo funcionou até certo ponto; consegui sair por alguns instantes do entorpecimento que me afligia. Contudo, mesmo gostando do beijo mais do que tinha previsto, meus pensamentos ainda se voltavam para *ele*. Aquilo era um teste e mais uma vez reprovei em tirá-lo da cabeça.

Quando partimos os lábios, Úrsula continuou com os olhos fechados. Só os abriu depois que uma brisa gelada envolveu nossos corpos. De repente, ela estava com frio e ciente do que aconteceu. Era uma reação justa, para dizer a verdade. Você não espera atender a porta e ser beijado pelo *crush*. É algo que não acontece com muita frequência.

Fiquei com receio de falar alguma besteira. O que eu fiz gerava espaço para consequências além da minha dedução. Ficamos em silêncio, encarando um ao outro com as maçãs do rosto coradas e sem muita segurança para iniciar uma conversa que não fosse estranha.

— Certo — disse ela, virando o rosto.

— Certo — repeti, depois pigarreei.

— Você sabe mesmo como surpreender uma garota.

Apenas sorri.

— Quer dizer — continuou ela —, foi legal e tudo o mais, mas, caramba...

Silêncio.

— Devo ir embora? — perguntei incerto.

Ela me olhou nos olhos, estudou minha expressão. Úrsula tinha dessas coisas, tentar enxergar dentro da pessoa olhando fixo até não conseguir mais segurar a carga de embaraço. Dessa vez, porém, ela parecia realmente conseguir ver o que procurava. Sorriu para mim, depois deu de ombros, como alguém que se conforma em tomar banho de chuva estando previamente molhado.

— Eu sei que você gosta do Klaus — disse ela, simples.

Meus olhos arregalaram.

— Como...?

— Nenhuma pista em particular — respondeu ela. — Certo dia, acordei e tudo ficou claro. Eu tinha uma queda por você, e isso era meio óbvio, mas depois percebi que prefiro ter um amigo legal a ter um *peguete* frustrado.

Eu continuava encarando seus lábios, tentando entender se o que eu ouvia realmente estava saindo da boca dela.

— Não é de hoje que eu tinha minhas desconfianças sobre você e o outro novato — retomou ela. — Quando passamos a andar juntos, fui ligando os pontos e não restou dúvida de que vocês dois eram um casal. O que me leva a crer que vocês tiveram alguma briga épica depois daquele episódio na escola e por algum motivo pararam de se falar. Talvez algum dia você me conte o que aconteceu de verdade, mas saiba que para mim não tem importância você gostar de garotos. Esse beijo foi... *uau*... mas não pretendo ser a substituta de Klaus. Posso ajudar você a sair dessa maré depressiva como amiga, não precisamos tapar o sol com uma

peneira. Agora, volte para casa, tome um banho, durma um pouco, e amanhã quero ver o Edgar de dois meses atrás, numa versão melhorada e sem dor de cotovelo. Acha que pode fazer isso?

Respondi com um abraço. E lágrimas eventuais.

Capítulo 18 | Loja Parabrujos

NO DOMÍNIO SEQUINTE, a casa acordou em polvorosa. Dali a três dias, aconteceria o Solstício de Inverno, uma data celebrada por nossa família há vários séculos e que para os bruxos era tão importante quanto o natal. Como imperava a tradição, todos sairíamos juntos para fazer compras, dentre as quais se misturavam os preparativos para a cerimônia, indumentárias novas, ingredientes para comidas típicas e artefatos para uso individual na festa.

Olívia e eu fomos os primeiros a ficar prontos, e esperávamos no sofá da sala pelo resto da família. Era sempre um caos quando precisávamos sair todos juntos; tentar estabelecer qualquer tipo de ordem não era lá muito fácil. As gêmeas terminavam de se maquiar, enquanto Acácia e Zara discutiam sobre que vestes comprariam naquele ano. LÍlian se recusava a compactuar com aquele tipo de futilidade e ajudava nossa mãe com o penteado.

— O quê? — perguntou Olívia, do nada, enquanto assistia à TV.

Levantei meus olhos da tela do celular.

— O quê? — devolvi.

— Você falou alguma coisa? — insistiu ela.

Balancei a cabeça numa negativa e voltei a encarar o celular. Conversava com Úrsula por mensagem de texto sobre pegar um cineminha mais tarde, mas ela não arredava o pé da ideia de assistir a uma comédia romântica, enquanto eu optava pelo terror escrachado.

Desde que resolvemos as coisas entre nós no quesito ter-uma-queda-pelo-outro, nossa amizade ficou mais forte e os diálogos, mais livres. Volta e meia nos flagrávamos conversando sobre garotos, moda, livros de poesia e música pop. Embora aquele tipo de assunto não fosse a minha praia, pela primeira vez na vida experimentei fazer parte do estereótipo gay. Ainda não sabia como me sentir a respeito daquilo, mas queria ver até aonde conseguiria ir.

— *O quê?* — perguntou Olívia novamente.

— Eu não disse nada — respondi.

Nós trocamos olhares.

Ela alcançou o controle da TV na mesa de centro e apertou o botão de desligar. Sem o barulho do programa sobre reforma de casas que ela assistia, Olívia se concentrou por um momento. Fechou os olhos e aguçou a audição, imóvel.

— Merda, Ed! — assustou-se.

— O que foi?

— Acho que Helena está tentando me contatar — ela abriu os olhos e franziu a testa. — Mas o sinal está péssimo.

— Tia Lena? — quase engasguei. — Ela não está em perigo, está?

Tia Lena estava a cinco meses sem dar notícia alguma; seu paradeiro era uma incógnita. Ela nunca ficu longe por tanto tempo e isso começava a reverberar no comportamento das gêmeas. Era péssima em magia sensória, o que significava que se ela estava tentando contatar Olívia por esse método específico é porque algo muito sério a obrigava àquilo.

— Não consigo estabilizar o sinal, há muita oscilação... — Olívia levantou do sofá e andou em círculos pela sala, como quem tenta encontrar um lugar perfeito para usar um celular sem sinal. — Estou perdendo o contato.

— Devo chamar mamãe? — àquela altura, eu respirava fundo, incerto do que aquela tentativa de contato podia significar.

— Não precisa, Ág já sabe... — informou Olívia. — Perdi o sinal.

— Merda!

— Isso fica só entre nós — minha mãe se materializou de uma nuvem branca no meio da sala, me fazendo sobressaltar. O rosto dela mostrava preocupação e raciocínio rápido. — Não quero que Erínia e Maeve fiquem mais apreensivas do que já estão. Vamos aguardar um novo contato de Helena. E torcer para que não haja nada de errado.

Olívia pretendia protestar, mas nesse momento as gêmeas desceram as escadas. Obedecemos a ordem e não tocamos no assunto. Quando todas estavam prontas, partimos em dois carros. No meu Jetta estavam Olívia, Acácia, Lílian e eu, enquanto minha mãe levava Erínia, Maeve e Zara na minivan da família. Na frente de casa, um cachorro da vizinhança latiu como sempre fazia.

Durante o trajeto, encarei Olívia de tempos em tempos para verificar se ela tinha algum novo contato, mas sua expressão me dizia que não houve sucesso em achar tia Lena com seus poderes sensórios. Qualquer que fosse o motivo do primeiro contato, uma coisa era certa: tia Lena podia não ter oportunidade de tentar uma segunda vez.

Ao passo que chegamos ao destino, estávamos mais calmos, porém alertas. As garotas, por outro lado, não cabiam em si diante do prédio familiar à nossa frente. A Loja Parabruços, que possuía o nome óbvio exatamente para despistar os comunais, era uma edificação peculiar bem no centro de Anévoa. Dependendo do ângulo, podia-se jurar que a arquitetura corria sérios riscos de desabar. Tinha uma fachada desprezível, exibindo uma placa pequena e desgastada pelo tempo com letras garrafais que lembravam a entrada de um estabelecimento antiquado. Entre construções mais modernas de restaurantes e agências de viagem, a esplanada se confundia com uma loja esotérica que atraía muitos compradores sem qualquer ideia de onde estavam entrando.

Do lado de dentro, havia um pequeno salão abarrotado com quinquilharias sem muito valor, desde bijuterias de aspecto oculto que sequer tinham utilidade como peso de papel, até reproduções baratas de livros com títulos chamativos cujo conteúdo estava longe de representar os mistérios da magia verdadeira. Ainda assim, havia dois clientes quando entramos, circulando entre as mesas com relógios quebrados e prateleiras de frascos com líquidos coloridos.

O cheiro do lugar tinha uma mistura de poeira e cerveja que podia causar náuseas logo de cara, mas que se tornava confortável assim que você se acostumava à atmosfera calorosa. Atrás do balcão iluminado pela tonalidade âmbar vinda de um vitral aos fundos da loja, descansava um homem de baixa estatura, mais preocupado com a fumaça do próprio cachimbo do que com a escassa e desinteressante clientela. Assim que nos viu, o homem se atrapalhou com os movimentos e por pouco não caiu da cadeira em que estava sentado. Pigarreou e expeliu uma grande quantidade de fumaça enquanto tentava voltar ao normal.

— Pelo Silfo Sagrado! — sua voz gutural não combinava em nada com a aparência, mas todos sabíamos que aquele era apenas um disfarce bem elaborado. — Me-mestra Ágata?

— Oh, doce Kururu, sabe que não precisa dessa pompa comigo — minha mãe deu-lhe a mão direita, que o homem prontamente beijou. — Viemos aqui para algumas compras no subsolo.

— Sim, claro. E a família Valburgo inteira... — ele lançou um olhar de desdém na minha direção, cujo motivo remontava a uma situação constrangedora pela qual eu passava toda vez que punha os pés na Parabruxos. — Por favor, aguardem um momento, sim?

Kururu pulou sobre o balcão com o mínimo de esforço, e, rápido, se livrou dos dois clientes além de nós na loja. Depois, foi até uma estante de livros e alcançou o oitavo exemplar de *Como Ser um Bruxo Completo* na última prateleira. O objeto na verdade era uma alavanca que abria a passagem secreta para o subsolo. Com um *clic* amadeirado, o móvel de carvalho cedeu para a frente, como uma porta. Atrás dele, havia um lance de degraus que levava para a verdadeira Loja Parabruxos.

— Agora posso voltar ao normal — disse o homem e no instante seguinte estalou os dedos. O que aconteceu, para nós, deixou de causar espanto há muito tempo, mas para qualquer comunal seria de borrar as calças. A pele de Kururu se desfez como cinzas, e no lugar da epiderme seu corpo mostrou um revestimento escamoso, úmido e levemente esverdeado. Sua postura ereta inclinou-se para frente até formar uma corcunda de dar inveja ao Quasímodo de Victor Hugo, tornando-o ainda mais baixo do que já era. — Queiram me acompanhar, por favor.

Kururu era na verdade uma espécie de anfíbio. Originalmente, possuía uma forma diferente, mas foi amaldiçoado por uma bruxa e sentenciado a viver cem anos como um sapo repugnante. Seu nome era Kururu, e, por incrível que pareça, a criatura provinha da linhagem dos Silfos, seres de beleza incalculável que se assemelhavam às fadas. Depois de cometer o pecado da traição, a bruxa que o amaldiçoou jamais confiou nele outra vez; agora o pobre coitado passava os dias como balconista da loja ao invés de viver livre no meio da floresta entre seus semelhantes.

— Madame Isolda — chamou ele. — Temos clientes.

O subsolo não era lá muito diferente do andar superior, exceto que se estendia em quase trezentos metros quadrados de área e os artefatos mágicos que exibia realmente funcionavam. Embora não amasse o atendimento nos últimos anos, sempre adorei frequentar a Parabruxos, pois representava tudo aquilo que precisávamos esconder na superfície para permanecer no anonimato.

Para efeitos de organização, o espaço era dividido em seções óbvias, como numa loja de departamentos. De um lado era possível visualizar inúmeras araras de madeira abarrotadas de roupas e acessórios para vestir e calçar, enquanto do outro lado havia um sem-número de livros de bruxaria, categorizados por Ordem de Poder. No meio do salão e dispostas aleatoriamente, mesas pequenas ostentavam objetos mágicos, de encher os olhos, que faziam da Parabruxos o paraíso da barganha.

Quando chegamos ao fim da escada, uma flauta começou a tocar sozinha e veio nos receber, acompanhada de um xilofone encantado para flutuar que entoava a melodia de uma canção tradicional dos povos mágicos, *O Voo do Dracângelo*. A iluminação ficava aos encargos dos flocos incandescentes de luz pairando acima das nossas cabeças, o mesmo tipo que usávamos na garagem de casa.

— Val... Bur... Gosss... — uma voz sibilante preencheu o ambiente e arrepiou até o meu último fio de cabelo.

Olhamos para cima e vimos, enrolada na coluna que sustentava o teto do subsolo, uma cobra escura de enormes proporções. Nós a chamávamos de mini-anaconda, mas, na realidade, tratava-se de uma mamba negra superdesenvolvida que mataria de susto qualquer incauto que se deparasse com ela sem saber de sua verdadeira identidade.

A cobra se movimentou e a viga de sustentação rangeu em protesto. Veio rastejando,

mostrando a língua bifurcada, enquanto assoviava sibilos apavorantes. De repente, a criatura se entrelaçou em sua própria cauda, girou e ergueu-se até a altura de nossos rostos. No momento seguinte, transfigurou-se numa mulher jovem e bonita, de cabelos curtos e muito negros, com olhos imitando as madeixas. Vestia uma jaqueta bege e calça de couro, com botas de salto alto que melhoravam sua postura. Continuou sibilando por alguns segundos enquanto se acostumava à forma humana, e, então, abriu um sorriso.

— Isolda... — cumprimentou minha mãe.

— Minhas velhas amigas — disse ela quando abraçou Olívia e minha mãe. — Que saudade... onde está Helena?

Nós trocamos alguns olhares furtivos. Não pretendíamos mencionar o nome de tia Lena na frente das gêmeas. A bem da verdade, a razão principal para termos ido até a Parabruxos era para melhorar o humor das duas, que vinham apresentando um comportamento tão depressivo quanto o meu ultimamente. Também pudera, já que aquele seria o primeiro Solstício de Inverno que ambas passariam longe da mãe.

— Ela está em uma missão — respondeu Olívia, apressada.

— Ah, mais que entediante — Isolda rolou os olhos. — Sempre trabalhando... Quer dizer, a Ordem dos Guerreiros não seria a mesma sem ela, claro, mas, bahl!, uma folguinha aqui e acolá nunca feriu ninguém, não é mesmo? E vocês, meus amores? — Ela abraçou as gêmeas e Lílian e Acácia e Zara, que, por sua vez, adoravam Isolda. — Estão cada dia mais lindas... Oh, céus! Estou fadada a perder meu posto de bruxa mais bela para uma Valburgo, que mundo cruel...

Olívia as levou para a seção de vestes femininas assim que descobriram o novo estoque de indumentárias ritualísticas. Quando Isolda me abraçou, como eu temia, atracou a mão no meu traseiro, provocando um olhar de ódio em Kururu. Havia sido ela a bruxa que o transformou em sapo, e também a mulher que ele traiu com uma fada. A história dos dois era antiga. Embora aparentasse estar na casa dos vinte e poucos, a bruxa da Ordem dos Transmorfos que me aliciava naquele momento tinha mais de um século de vida, ou pelo menos era o que diziam os boatos; quando envelhecia demais, falavam as más línguas, apenas trocava de pele, como uma cobra, e estava resolvido. Para completar a punição de Kururu, ela se aproveitava de todos os homens que iam até sua loja, fazendo seu amante infiel corroer-se de ciúmes. No entanto, a coisa era ainda pior comigo, com direito a bem mais que insinuações sexuais, e aquilo me deixava no meio de uma briga de casal no mínimo pitoresca.

— Tenho uma nova remessa de livros na seção dos curandeiros, garanhão — ela me libertou do aperto constrangedor e eu senti as maçãs do rosto arderem. — Fique à vontade. E você, Kururu, perdeu alguma coisa aqui em baixo?

— M-mas... — ele tentou dizer.

— M-m-m-mas nada — Isolda fez troça da sua fala. — Volte já para o andar de cima. Esta loja não se sustenta sozinha, sabe. *Eu* atenderei os Valburgos.

O anfíbio fez uma expressão carrancuda e deu um soco no ar. Depois de me encarar de maneira ameaçadora uma última vez, virou-se e foi a passos largos até a escada. Deu um solavanco na flauta levitante em seu caminho e a música desafinou algumas notas, mas logo voltou ao compasso do xilofone. Eu mal podia esperar para que a maldição dele terminasse e a bruxa voltasse suas atenções para o Silfo.

Isolda era famosa mesmo entre os transmorfos mais habilidosos. Sua capacidade de adquirir a forma perfeita de uma cobra não apenas era invejada entre os bruxos da ordem, como fazia dela um tipo de celebridade. Some-se a isso sua beleza fora do comum, e o resultado era a admiração dos homens e o despeito cínico das mulheres. As bruxas da minha família a co-

nheciam desde pequenas, e todos a tínhamos em alta conta. Isso, é claro, quando ela não estava me usando como objeto para provocar a ira de Kururu.

Antes que ela pudesse arranjar motivo para explorar outras partes do meu corpo, fui para a seção de livros e acabei perdendo a noção do tempo enquanto folheava os títulos novos. Não se tratava de livros escritos há pouco tempo, mas de exemplares difíceis de encontrar, por isso separei alguns para levar comigo. Eu não precisava de uma veste nova, já que a do ano passado ainda me servia muito bem e estava em perfeitas condições. Assim, usaria o dinheiro em coisas menos supérfluas.

Havia uma pilha de sete livros separada nos meus braços quando dei as compras por encerradas. Todavia, antes de me juntar às outras para pagar, meus olhos bateram em um título que eu não vi antes. Meu queixo caiu no momento em que li o nome do autor e precisei chegar mais perto para ter certeza de que não o confundi.

Era um exemplar pouco manuseado, com as páginas amareladas e partes da capa com indícios da visita de traças. *O Cadafalso Beligerante do Curandeiro*, escrito por Tobias Montenegro. *Montenegro*. Eu tinha noção de que a linhagem dos Montenegros possuiu bruxos curandeiros no passado, mas que um deles escreveu um livro sobre o assunto sequer passou pela minha cabeça.

Minha mãe provavelmente não recomendaria aquela compra, por isso escondi o livro entre os exemplares da pilha que carregava. Quando terminamos as compras, e as gêmeas pareciam sorrir um pouco mais do que o usual, fiz questão de apressá-las para ir embora. Tão logo estivesse na segurança do meu quarto, pretendia descobrir o que um Montenegro tinha a dizer sobre a Ordem dos Curandeiros.

Capítulo 19 | Acidentes Acontecem

COMO PREVIA, O LIVRO escrito pelo Montenegro era um completo desserviço à Sociedade Bruxesca, e não representava qualquer verdade sobre a arte xamanística. Para começo de conversa, Tobias Montenegro não fazia parte da Ordem dos Curandeiros, mas da Ordem dos Guerreiros, como a maioria dos bruxos de sua família. Mesmo assim, isso não foi empecilho para escrever um livro com mais de quatrocentas páginas que atacavam deliberadamente o ofício mais antigo da bruxandade.

Eu ponderava se minha mãe tinha conhecimento daquele insulto em forma de literatura, mas não perguntaria. Para alguém de fora, o livro não passava de um relato nervoso e infundado sobre como a Ordem dos Curandeiros era dispensável, e talvez fosse melhor que não existisse. Para mim, contudo, o texto bem escrito apenas expunha um ataque velado à nossa família, principalmente nas passagens em que descrevia certos bruxos curandeiros cujas características lembravam meus avós.

— Um charlatão! — tia Lena diria se soubesse do disparate. — Onde já se viu? Um guerreiro escrever sobre curandeiros!

Passei a madrugada lendo aquele pedaço de lixo, e ao passo que terminei o sol nascia no horizonte. Decidi me arrumar para a escola de uma vez, enquanto a raiva me fazia ficar desperto. Para variar, cheguei cedo demais para a aula do primeiro período e fui direto para a sala, antes que a professora Narcisa arranjasse motivo para uma detenção.

Andava a passos largos quando Úrsula chamou meu nome. Virei involuntariamente e acabei esbarrando com um baque forte na última pessoa com quem gostaria de ter contato àquele dia. A mochila de Klaus caiu no chão e Jéssica recuou por causa do impacto. Ambos estavam se beijando. *Na passagem.* Bem na porta da sala. De início, Klaus e eu trocamos olhares duvidosos e eu vi em sua expressão que ele não estava disposto a começar uma briga, mas o faria mesmo assim para manter as aparências.

— Olha por onde anda, idiota! — disse ele, ríspido.

Havia poucos alunos lá dentro, mas como estávamos na porta da sala as pessoas que passavam no corredor pararam para investigar a origem do atrito. Ninguém esqueceu o episódio de dois meses atrás, e com certeza topariam assistir a uma revanche.

— Claro — respondi ainda com a raiva dentro de mim. — E por que vocês não arrumam um quarto? Aposto que essa daí está acostumada com motéis baratos...

A insinuação contra a reputação de Jéssica era um golpe baixo que eu não me orgulhava de usar, pois não me fazia melhor que os irmãos machistas de Klaus. Ela podia fazer o que quisesse e nada me diria respeito. Felizmente, Jéssica era inteligente o bastante para não se deixar afetar por um comentário infantil como aquele.

— O que você disse? — Klaus levantou a voz e veio na minha direção.

Foi a primeira vez que o vi naquele estado de nervos. Ele não retribuiu o soco quando nos despedimos, mas, pertencendo à Ordem dos Guerreiros, era de se supor que ele soubesse lu-

tar muito bem, obrigado. O mais estranho, porém, era que parte de mim queria que ele acertasse o meu rosto tão forte quanto eu acertei o dele. Estava a ponto de pedir por isso.

— Ed, vai com calma — a voz suave de Úrsula serviu para me trazer de volta ao chão. — A professora está vindo.

Antes que pudéssemos trocar mais alguma farpa, professora Narcisa apareceu no meio da aglomeração de alunos que se formou no corredor. Ela olhou os que estavam no centro do espetáculo e se demorou um pouco mais me encarando. Klaus recuou. Não arriscaria ter seus pais convocados à escola por causa de um atrito, ainda mais se fosse comigo ou algum outro Valburgo.

— Seu Edgar... — como sempre, o tom de voz da professora Narcisa beirava o sussurro, mas ninguém tinha problemas para ouvi-la, graças ao silêncio que reinava quando ela estava presente no recinto. — Há algum problema por aqui?

Eu estava de saco cheio.

De tudo.

De todos.

Especialmente de professoras abelhudas que adoravam interromper o clímax de uma briga. Eu iria pagar por aquilo, mas, petulante, virei os olhos para ela, dei meia volta e fui embora pelo corredor. Quando ouvi chamarem meu nome, não respondi, nem olhei para trás. Saí do prédio das salas e dei uma longa tragada no ar gélido. Não estava com vontade de voltar para casa e dar explicações, por isso caminhei até o ginásio, onde poderia ficar escondido por um tempo.

Assim que entrei pela porta me arrependi. Aquele lugar me trazia mais lembranças do que eu antecipei. Foi onde Klaus e eu nos beijamos pela primeira vez. Minha cabeça ficou quente, mas agora eu não pretendia sair do ginásio e arriscar ser visto por alguém. Desamarrei o caderço do tênis, tirei a meia e dobrei meu jeans até a altura do joelho. Depois sentei à beira da piscina e coloquei os pés na água.

Tentei me acalmar sem usar magia. Depois de todo esse tempo, era humilhante constatar que Klaus ainda tinha o poder de me fazer perder o controle. Acabei dando muita bandeira no meio de um monte de gente. *De novo*. Pior do que aquela sensação de impotência era o fato de que o relacionamento dele com Jéssica parecia estar ficando realmente sério.

— Tire-o da cabeça, Edgar! — ordenei a mim mesmo.

Eu me perguntava até que ponto ele chegaria para manter as aparências. E o mais irônico de tudo aquilo é que até bem pouco tempo era *eu* quem me comportava como um ditador no quesito enganar as pessoas. De qualquer maneira, não podia culpá-lo pelo livro que um Montenegro escreveu há mais de cinquenta anos. Isso seria intolerância por associação e eu não estava disposto a ficar de cabelos brancos por algo estúpido como aquilo.

Menos nervoso, fiquei entediado naquele lugar. Considerei a possibilidade de voltar para a sala, mas concluí que o melhor a fazer seria esperar o período da professora Narcisa terminar e entrar de fininho antes do próximo professor. Depois tive uma ideia perigosa, todavia, das as circunstâncias, não seria tão arriscada se eu me precavesse.

— Todos estão em aula — pensei alto. — Não há perigo...

Sem nada para fazer, decidi treinar a Hibernação. Fui até a porta do ginásio e olhei para o lado de fora. Ninguém à vista, e o caminho gramado que levava para o prédio das salas estava vazio. Voltei para a beirada da piscina e sentei no chão com a postura ereta. Levei a mão direita à minha frente e deixei sair uma esfera verde de energia. Após o processo, ingeri a bola fumacenta com gosto de água salgada.

Minha mãe recomendava que eu repetisse a técnica até cinco vezes por dia, mas havia al-

gum tempo que eu ingeria mais de dez daquelas cerejas mágicas. Quando tinha certeza de que não precisaria usar magia para outras tarefas, completava o processo até vinte e cinco vezes. No final do treino, eu me sentia cansado pelo consumo de energia, mas ao mesmo tempo forte por causa do segundo receptáculo.

Agora era possível sentir claramente duas fontes de magia dentro de mim. A primeira delas produzia energia de modo natural, e era a que eu usava para as curas. A segunda, por outro lado, só aumentava quando recebia uma carga nova. No entanto, havia várias semanas em que eu sentia o segundo receptáculo ficar mais cheio do que o primeiro, e era assim que eu tinha certeza de que o treino estava funcionando. Ainda não tinha surgido uma oportunidade para usar a magia daquela fonte, mas pelo menos eu estaria preparado quando fosse necessário.

— Só mais algumas...

Perdi a noção do tempo com facilidade. Produzir cada esfera de energia não demorava, mas procurei espaçar alguns minutos entre uma e outra, apenas por precaução. Àquela altura já não sentia mais frio por causa do calor emanado da magia. Consegui me acalmar e agora pensava com clareza. Para meu azar, porém, quando repetia o processo pela décima sétima vez, ouvi passos atrás de mim.

No mesmo momento parei de expelir a luz de fumaça esverdeada e a esfera se desfez no ar com um pequeno estalido. Olhei para trás e encontrei Úrsula me encarando. Na sua expressão era possível detectar um pouco de terror e um pouco de admiração. Ela viu, não tinha como negar. De outro modo, não me encararia com uma surpresa tão grande.

— *Merda!* — exclamei antes de pensar em mil maneiras de suprimir a memória da garota embasbacada à minha frente. — Merda, merda, merda!

O modo mais rápido de fazê-la apagar seria tirando a vitalidade do corpo dela, e com alguma sorte ela não se lembraria de nada quando acordasse, ou suas memórias ficariam embasçadas. Mas apagá-la ali, no ginásio, significava que ela ficaria desacordada por pelo menos algumas horas, e aquilo definitivamente levantaria um monte de perguntas sobre o que aconteceu a ela.

Para piorar o cenário, é bem provável que as pessoas soubessem que ela veio me procurar depois do primeiro período. O que significava que eu seria colocado contra a parede para esclarecer o ocorrido. Só era necessário pensar um pouco para saber que uma garota ser encontrada inconsciente após ter ido procurar um garoto dava margem para um sem-número de conclusões precipitadas que eu não estava disposto a proporcionar, nem pretendia imprimir na reputação de Úrsula.

Porra, Edgar! Você tinha que fazer mais essa merda.

— Certo — disse ela; a voz perto de falhar, dando passos para trás. — O que eu acabei de ver foi impressionante e tudo o mais, mas, apesar de todas as teorias que estão se formando na minha cabeça, estou certa de que há uma explicação racional para isso.

Eu fiquei em silêncio. Minhas pernas estavam bambas e eu não sabia se aguentaria permanecer de pé. Quebrei a regra de ouro dos Valburgos: *é proibido usar magia entre os comunais*. Sem contar que há bem pouco tempo eu era amigo de um garoto da família arquirrival. Num versão resumida dos fatos, eu estava fodido. E dessa vez eu nem sequer teria como me defender.

Olhei nos olhos de Úrsula, tentando perscrutar o que se passava além da expressão que ela ostentava. Até aquele momento, nunca me ocorreu como um comunal deveria reagir quando confrontado com a prova de que existia magia no mundo. Para ser sincero, o comportamento de Úrsula estava longe de ser o que eu esperava, mas talvez aquilo se desse em

razão da nossa amizade. Afinal, não é como se eu tivesse sido flagrado matando um cachorrinho.

Entrementes, pensando melhor, seria tão horrível se ela soubesse da verdade sobre mim? Ela que foi esperta o suficiente para descobrir sobre meu relacionamento com Klaus. Talvez aquilo quisesse dizer que eu poderia confinar nela. Úrsula deu provas de que conseguia guardar segredos, mas *aquela* segredo não era comum, e mudaria muito daquilo que ela tinha como noção de mundo.

— Você não devia ter visto isso — falei. — A culpa não foi sua, obviamente, mas não devia ter visto *mesmo*. Tenho a obrigação de corrigir o erro que acabei de cometer, caso contrário, precisarei arcar com as consequências disso.

— Você vai me *matar*? — ela exibiu um medo genuíno que me arrepiou dos pés à cabeça. — Por favor, Ed, não me mata, eu não vou contar nada para ning...

— Matar?! — contra minha própria vontade, fui obrigado a rir, e, apesar de ela não entender nada, eu não parei por algum tempo. — É claro que eu não vou matar você. Quando disse *corrigir o erro*, estava me referindo a apagar sua memória.

— O quê?! — ela sufocou um grunhido. — Isso é tão ruim quanto.

— Relaxa — falei, voltando ao normal. — Não vou fazer nenhuma das duas coisas. Pelo menos por ora.

— O que isso significa?

— Bem... Significa que, indo contra qualquer bom-senso, pretendo fazer um teste. Vou explicar o que acabou de ver, dentre outras coisas que estão ligadas a essa situação. Depois decidimos, juntos, qual a melhor alternativa a tomar.

Os ombros dela relaxaram quando soltou o fôlego preso na garganta. Pensar que ela de fato considerou a possibilidade de eu matá-la era engraçado, porém, ao mesmo tempo, dizia respeito a uma reação mais adequada para um comunal.

— Eu desconfiava... — confessou ela.

— Você está brincando, não é? — aquilo, *sim*, era algo que eu não podia acreditar. Não era possível... quer dizer, eu nunca dei tanta bandeira assim na escola. — Não tem como você ter desconf...

— No dia em que você brigou com o irmão e o primo de Klaus — disse ela, e num piscar de olhos tudo ficou claro. — A luta de vocês... não foi normal. Para os outros alunos talvez se parecesse com uma pancadaria entre garotos, o que é muito comum, mas, para mim, havia alguma coisa estranha no modo como os golpes eram desferidos e a proporção que eles alcançavam. Não era nenhum enigma muito grande, bastava qualquer um olhar *de verdade* para enxergar o que estava acontecendo. Nunca trouxe o assunto à tona por motivos óbvios, mas agora as coisas fazem sentido.

— Uau — foi o que me limitei a dizer.

Ela sorriu, satisfeita com a própria capacidade de dedução.

— Espera um pouco... — continuou ela. — Se você não está negando, então significa que aquilo realmente tinha relação com o que você acabou de fazer. Sendo assim, tanto o irmão quanto o primo de Klaus possuem as mesmas habilidades, indicando que, por associação de parentesco, o próprio Klaus também possui essas habilidades... Ai, meu Deus, eu não sabia... por favor, Ed, você tem que me explicar tudo isso antes que eu comece a achar que estou louca ou que...

— Eu sou um bruxo — as palavras saíram da minha boca sem que eu desse permissão. — E Klaus também.

Capítulo 20 | Solstício de Inverno

CONTEI TUDO PARA Úrsula.

Optei por não esconder nenhum detalhe. Primeiro tentei explicar sobre a existência dos bruxos e desvelar os mitos imortalizados por Hollywood sobre nós. Parecia que eu estava explicando a uma criança de onde vêm os bebês — com a exceção de que *esta* criança em particular era versada sobre *biologia humana* por causa dos filmes que assistia.

Úrsula me pediu uma prova — o que era justo, porém perigoso — e fui obrigado a usar magia pela segunda vez na escola para validar meus argumentos. Levantei da piscina cinco aglomerados borbulhantes de água e brinquei com eles até que ela se desse por convencida. Em contraponto, Úrsula compartilhou o pensamento de que achava magia fascinante, mesmo sem jamais ter presenciado uma demonstração clara.

— Você sabe que Harry Potter é minha saga favorita — disse ela. — No fundo, sempre acreditei que tudo aquilo existia de alguma forma.

Para ser honesto, aquele sentimento era bem comum. Você não precisa ir ao espaço sideral para experimentar arrepios quando se dá conta da dimensão do universo. Era o que Olívia costumava chamar de Empatia Sensorial — algo que todo mundo tem, inclusive os comunais. No caso de Úrsula, por exemplo, a magia era sentida ainda que não fosse percebida, assim como funciona a fé.

Mas essa foi a parte fácil.

— Ainda tem mais — falei. — Magia é só o começo da história.

— Ai, meu Deus! — exclamou ela. — Isso é tão excitante...

Contei-lhe o enredo por trás da *minha* vida. Todo ele. Desde a rivalidade entre Valburgos e Montenegros, até as circunstâncias que levaram ao meu afastamento compulsório de Klaus. Munida de um contexto verídico, ela finalmente pôde entender a gravidade da situação e a impossibilidade de um relacionamento entre mim e Klaus.

— Fascinante! — disse ela, e acrescentou: — Inteiramente péssimo, é claro, mas muito, muito fascinante.

Após o monólogo sobre a Sociedade Bruxesca que durou um período inteiro de aula, me dispus a tirar as dúvidas de Úrsula. Foi como se tivesse *sáído do armário* para uma amiga, mas, daquela vez, em relação à magia. Úrsula prometeu que meu segredo estaria seguro em suas mãos, e que jamais trairia minha confiança. Por alguma razão, eu tinha certeza de que ela falava a verdade, por isso não tomei nenhuma medida para apagar sua memória.

Só torcia para não me arrepender da decisão.

— Obrigado — agradei.

— Ai, meu Deus! — exclamou ela outra vez, esfuziante. — Meu melhor amigo é um bruxo... um bruxo de verdade! Queria que alguém me amassasse, porque passada eu já estou.

No dia seguinte, quando terminei o turno na Livraria Amarela, me flagrei menos infeliz do que nos últimos dois meses. Dona Morgana foi ao médico àquela manhã e retornou com o

humor renovado, o que indicava que as notícias eram boas. Fez questão de preparar sua especialidade para a hora do meu intervalo, Rolinhos de Canela. Quando deixei a livraria, senti o espírito leve, e a esperança de que as coisas voltariam ao normal brotou dentro de mim.

Naquela noite, dirigi para casa com excitação. Fui recebido pelo aroma dos temperos típicos das comidas tradicionais do Solstício de Inverno. Em sua maioria, os pratos seguiam um padrão agridoce que misturava frutas da estação e carnes brancas. No dia dos festejos, todos tínhamos permissão para beber o vinho de mel caseiro à vontade. Como se não fosse o suficiente, havia ainda a vantagem de não precisarmos ir à escola na manhã seguinte, pois nesse ano o solstício aconteceria madrugada a dentro.

— Anda, Ed! — disse Maeve. — Não quero perder as primeiras danças.

As gêmeas estavam deslumbrantes em suas vestes novas. Ambas escolheram a cor verde, que contrastava muito bem com a tiara de flores que ostentavam na cabeça. Lílian, com seu gênio explosivo e indiferente, optou por uma veste cinza e longa que, embora parecesse um tanto sem graça, ressaltava a beleza do seu corpo desabrochando. Acácia escolheu uma veste negra clássica, enquanto Zara encheu cada peça de roupa com a cor rosa.

Olívia usava a indumentária cerimonial, uma veste longa e esvoaçante, de uma cor violeta que destacava o brilho dos seus cabelos grandes. Minha mãe também trajava uma indumentária cerimonial, mas numa cor de vinho que sobressaltava sua elegância, atrelada à sua seriedade e beleza comportada. Fui para o quarto me trocar. Minha túnica exibia um azul índigo destoante do estilo urbano. Adquiri a veste no ano anterior da Loja Parabrujos. A bem da verdade, aquela roupa foi uma indicação insistente de Isolda, e, para minha surpresa, nem eu poderia escolher melhor.

— Todos prontos? — perguntou minha mãe.

Tão logo os ponteiros do relógio marcaram a meia-noite, saímos nos dois carros para nosso destino. A festa do Solstício de Inverno consistia, em resumo, num baile de dança. O que mudava, porém, era o fato de que o evento sempre acontecia ao ar livre e em volta de uma grande fogueira. Não era uma festa apenas de bruxos; a confraternização se estendia às criaturas mágicas de várias espécies.

Havia, obviamente, mais de uma celebração pela cidade, e isso nos poupava do desconforto de topar com os Montenegros por aí. A festa para a qual seguíamos aconteceria em um acampamento próximo ao Lago dos Pirilampos. Quando chegamos ao local, havia uma boa quantidade de bruxos com vestes longas e chapéus pontudos, lince, homens e mulheres-besta, notívagos e outros seres. Fomos recebidos por Isolda, que vestia um espartilho capaz de deixar muita gente abobalhada — Kururu plantou-se ao lado dela, com uma expressão carrancuda e em sua forma anfíbia.

— Bem-vinda à celebração, mestra Ágata — disse o sapo à minha mãe.

— Oh, obrigada, querido — respondeu ela, cortês.

A música dos instrumentos encantados soava mais alta do que se esperaria, mas o lugar foi devidamente protegido por feitiços contra comunais. No passado, alguns problemas de exposição levaram a Comissão Organizadora das Festas de Solstício — representada por um membro de cada espécie mágica — a aumentar o nível de segurança e abdicar de acrobacias mágicas — como erigir uma fogueira tão alta que pudesse ser vista da cidade vizinha, por exemplo. A fogueira desse ano tinha proporções satisfatórias, e, estando no centro da aglomeração de pessoas, alimentava a alegria de todos os presentes.

Um grupo de banshees entoava canções festivas que me lembravam da infância, quando meu pai ainda estava vivo. Eram tempos fáceis em que as preocupações mais urgentes restringiam-se a decidir qual diversão escolher em seguida. Em um ponto do acampamento, re-

pousava uma grande mesa que oferecia um dos maiores banquetes que tive oportunidade de experimentar. Cada um dos brincantes trazia um prato típico diferente, especialidades de suas famílias, e no final o que se tinha era uma imagem de encher os olhos de brilho e fazer a boca salivar.

— Já provou o *strudel* de azaleia, Ed? — perguntou Erínia. — Foi uma das mulheres-besta quem preparou, por isso você deve comer com cuidado, mas, caramba!, está ainda melhor que a torta de romã que tia Liv costuma fazer no nosso aniversário.

— É verdade — confirmou Maeve, com a boca cheia de *strudel*.

Regados a vinho de mel, era possível observar muitas pessoas dançando em volta da fogueira, cantando alto as letras das canções e gritando vivas. A festa do Solstício de Inverno, mais do que qualquer outra coisa, era um evento de gratidão à Natureza pela energia compartilhada com os dominadores de magia. Uma comemoração das estações que passaram e daquelas que estavam por vir.

Antigamente, o evento priorizava a colheita do café, do trigo e das hortaliças, mas, nos dias atuais, festejávamos o poder ancestral que regia a dança do universo e o movimento dos astros. Em outras palavras, havia uma mudança de comportamento nas ações dos integrantes da comunidade mágica — para além tão-só da Sociedade Bruxesca —, a fim de deixar prevalecer a comunhão entre os diferentes seres.

— É hora dos jogos! — gritou Isolda para os outros.

Demos início às gincanas tradicionais. Brincadeiras nas quais todos participavam, que iam desde atirar bolas flamejantes em garrafas de vinho vazias e apostar corrida de olhos vendados, até mudar a cor das chamas da fogueira e transfigurar objetos na caricatura mais próxima do jogador adversário. Perto da hora do solstício, tudo corria da melhor forma imaginada.

A pouco menos de trinta minutos para o momento em que o sol atingiria a maior distância da linha do equador — incorrendo, portanto, no solstício que, nessa data, caracterizava-se pela passagem do outono para o inverno —, minha mãe, Olívia e Isolda chamaram a atenção de todos. Juntas, lideraram o Cântico das Estações, uma espécie de coro lírico desprovido de palavras, mas encorpado por onomatopeias musicais que arrepiava até o meu último fio de cabelo.

Exatamente às 04:24 do novo dia, o brilho da pira em chamas alcançou o nível da copa das árvores, iluminando todo o acampamento. A música se elevou ao ápice da madrugada e o frenesi mágico deixou nossos corpos embebecidos pelo poder do ritual. Tratava-se de uma celebração holística em que todos se conectavam à Natureza num ato de retorno às origens místicas da essência de cada um.

— O Fluxo Supremo — revelou minha mãe num dos treinamentos. — Só pode ser alcançado quando muitos se tornam um, e o um alcança o universo.

Entramos numa espécie de transe, revestidos por energia. Pude sentir a pulsação da fonte de magia dentro de mim e a vibração do segundo receptáculo que criei. Muito além do festejó, o Solstício de Inverno também servia para aumentar o poder dos bruxos e deixar os seres místicos mais fortes. A Natureza retribuía nosso agradecimento com a renovação do nosso domínio sobre a essência da magia.

Após a passagem das estações, a celebração durou até que os brincantes dessem os primeiros sinais de cansaço. Antes do nascer do sol, a fogueira foi apagada e os vestígios da festa, ocultados com minúcia. Nos despedimos dos amigos e voltamos para casa. No trajeto, as garotas dormiram no banco de trás do Jetta e da minivan. Uma ótima noite, sem dúvida, e, apesar da ausência de tia Lena, as gêmeas conseguiram se divertir como de costume.

— Podem ser frágeis — cochichou Olívia acerca das sobrinhas —, mas o sangue Valburgo corre na veia delas. Isso as torna mais fortes do que percebem...

Chegamos à frente de casa tentando não fazer barulho por causa dos cachorros da vizinhança. Zara precisou ser levada no colo da nossa mãe, pois se recusava a acordar para chegar até o quarto. Enquanto as outras garotas seguiram sonolentas para dentro, Olívia e eu decidimos ficar para trás e fumar um último cigarro antes de dormir.

As luzes do amanhecer começavam a despontar no horizonte, trazendo a promessa de um dia quente. Tirei a cartela de Marlboro do bolso da veste e acendi dois cigarros, depois me juntei à Olívia nos degraus da escada na soleira da porta. A brisa gélida da aurora encheu nossos pulmões tanto quanto a fumaça aquecedora da nicotina.

— Que cena linda, Ed — disse Olívia depois de uma tragada longa. — O dia nascendo... É tão poético e ao mesmo tempo tão brega, mas eu adoro.

Eu a encarei por um momento.

— A gente precisa de pouco para ser feliz — completei, sentindo o vento bater no meu rosto. — Não importa se é brega.

Permanecemos em silêncio, admirando a beleza subestimada da manhã. Em pouco tempo, as pessoas comuns, que àquela hora estavam dormindo, despertariam para mais um dia de trivialidades. Fiz uma nota mental para não menosprezar os hábitos dos comunais e procurar dormir com mais frequência.

— Acho que essa é a nossa deixa — falei quando o cigarro apagou. — Meu corpo está gritando pela esposa, a famosa Cama do Quarto.

Olívia sorriu.

— Nesse caso — respondeu ela —, dividir e conquistar.

Levantamos e subimos o par de degraus até a porta. Quando a abrimos, um som de vidro quebrando reverberou atrás de nós. Me virei bem a tempo de observar uma nuvem branca característica do teletransporte dos bruxos. De dentro dela saíram duas figuras, quedando ao chão no momento seguinte. Uma delas era uma criança não muito mais velha do que Acácia, e a outra, com queimaduras pelo corpo e *sem* o braço esquerdo, era uma bruxa vestindo o que sobrou de sua armadura bélica.

— Tia... Lena...? — minha voz falhou.

— Helena! — Olívia se adiantou para ajudá-la.

Tia Lena materializou-se no gramado da frente, acompanhada por um menino com uma veste cheia de símbolos geométricos que lembravam selos mágicos. Corri atrás de Olívia e sequer me preocupei com a exposição que podíamos ter à vista de toda a vizinhança. Tia Lena estava gravemente ferida e murmurava baixinho.

— Liv... cuidad... estão vindo... Ed...

Foi tudo o que ela conseguiu balbuciar antes de perder a consciência. Quando ela desmaiou, uma criatura demoníaca saiu de uma segunda nuvem, mas dessa vez a cor do teletransporte assumiu um tom escarlate. Os cachorros da vizinhança irromperam numa sequência de latidos altos, ameaçando acordar seus donos.

Vi demônios anteriormente em livros e cresci ouvindo histórias assombrosas a seu respeito, mas nunca me deparei com um deles cara a cara. Em teoria, tais criaturas se dividiam em categorias de acordo com o poder que possuíam, e, muito embora tivesse certeza de que aquele era um demônio-subalterno, o medo que se apoderou de mim não foi menor. Se bem me lembrava, demônios não conseguiam entrar na dimensão dos humanos — o plano físico —, o que só tornava tudo mais inacreditável.

Bastou alguns segundos para o monstro estudar o cenário e em seguida desferir um raio

de luz vermelha na direção de tia Lena. O brilho do golpe fez um barulho de galhos se partindo e contrapôs-se à luz do sol. Por muito pouco consegui erguer uma barreira mágica antes de sermos atingidos. Foi mais um movimento instintivo do que pensado. O demônio, cuja aparência se assemelhava à de um humanoide com a pele em estado de decomposição e olhos amarelos, não gostou nada de ter sua investida sabotada por alguém como eu.

— Olívia, mantenha a barreira erguida — falei enquanto me punha de pé. — Ele vai continuar atacando...

— Edgar, não! — advertiu ela. — É muito perigoso. Você precisa...

O aviso de Olívia foi interrompido por um novo raio, que dessa vez consegui defender consciente do movimento. Toquei dois pontos paralelos no ar e girei a mão para formar um círculo. Uma massa de energia azul apareceu na altura do meu peito e eu lancei o contra-ataque na direção da criatura. A magia o atingiu bem no rosto, empurrando-o alguns passos para trás, mas ficou longe de surtir o efeito que eu esperava.

Com um grunhido de ira, o demônio deu início a uma sucessão de ataques rápidos que pareciam explosivos sendo detonados em sequência. Com um esforço que eu desconhecia em mim mesmo, defendi todos os golpes com acrobacias mágicas de proteção. Alguns dos ataques ricochetearam para trás, atingindo a barreira de Olívia. Tia Lena continuou desacordada, enquanto a criança assistia a tudo com um misto de terror e interesse.

Àquela altura, os vizinhos certamente teriam acordado; era uma questão de tempo até que viessem investigar a origem de tamanho barulho. Os cachorros ladravam a perder o fôlego, como se a presença do demônio lhes conferisse uma obrigação da ética canina de alertar os seres humanos. As partes do gramado atingidas pelos golpes da criatura estavam chamuscadadas de negro, e, conforme continuava a me defender, senti meu poder diminuindo. Para completar, outros dois demônios idênticos ao primeiro se materializaram ao seu lado.

Foi então que lembrei do meu segundo receptáculo de magia. Aquela seria a oportunidade perfeita para usá-lo, do contrário, poderíamos correr sérios riscos. Eu mal conseguia dar conta de um demônio; com três deles, eu estava perdido. Levantei uma segunda barreira em volta do meu corpo para ter tempo de acessar a energia armazenada. Quando liberei o selo que mantinha o receptáculo preso, cada célula do meu organismo recebeu uma carga de poder e eu fiquei muito mais forte.

— Agora, sim! — exclamei, enérgico. — É disso que estou falando...

Os demônios atacaram em conjunto a barreira protetora de Olívia e algo me dizia que tia Lena fez algo muito ruim para irritar as criaturas. Os ricochetes da magia atingiram meu Jetta e uma parte de mim ficou com dó. Olívia, por sua vez, não dava sinais de cansaço, já que suas habilidades eram muito superiores às minhas. Não seria fácil passar pelo poder dela, por isso concluí que o melhor seria focar no contra-ataque aos demônios.

Lancei golpes combinados e de maior intensidade no trio de uma só vez. A investida deve ter funcionado, pois eles se voltaram para mim. A luta que irrompeu não foi um espetáculo, posto que minha competência como guerreiro era lastimável. Ao menos, no fim das contas, consegui ser páreo contra três demônios sem nunca antes ter lutado contra qualquer ser mais forte que minhas primas. Em compensação, minha veste favorita resumiu-se a alguns trapos que apenas sugeriam ter sido bonitos algum dia.

As criaturas malignas continuaram desferindo luzes mortais contra mim, ao passo em que sequer percebi quando uma bola de fogo passou sobre minha cabeça e atingiu um dos demônios, dissolvendo-o em partículas flamejantes de cinzas. Olhei para trás e vi minha mãe, com a porta aberta e a expressão fria. Observei enquanto ela desapareceu e materializou-se novamente a dois passos de onde eu estava.

— Para trás de mim, Edgar! — sua voz não era a de uma mãe, mas de um general comandando soldados. — Proteja-se!

E, assim, tão fácil quanto uma brincadeira infantil, minha mãe fez surgir na altura de seu peito uma linha de fogo; um chicote longo e ameaçador. Ela tocou o objeto mágico e ele criou vida em suas mãos, depois o ergueu para o alto e voltou a puxá-lo, num impulso que fez o céu brilhar com trovoadas. Atingiu os dois demônios restantes de uma única vez e os fez decompor-se tal como o primeiro deles. O feitiço ricocheteou com algumas labaredas de fogo que atingiram a minha barreira e a de Olívia, causando danos grandes em ambas as proteções. Foi um ataque muito mais forte que o das criaturas.

— Uau! — fui capaz de falar.

Assisti a tudo como num filme em câmera lenta. Sem o menor esforço, minha mãe exterminou três demônios que quase esgotaram meu poder. Ainda em sua indumentária cerimonial, ela parecia a manifestação simbólica da mulher-bruxa, uma dominadora de magia tão exímia que era capaz dos mais notáveis feitos. Meu corpo se arrepiou de orgulho e assombro. Naquele momento, soube que queria ser como ela e treinaria com aquele objetivo dali em diante.

Quando tudo terminou, os cachorros pararam de latir ensandecidos. O cenário enquadrava um pequeno caos de destruição. Meu Jetta sofreu vários danos, e eu teria de fazer algo a respeito se pretendesse continuar usando-o. Nosso gramado estava carcomido e cheio de fumaça em alguns pontos. Depois de alguns segundos, liberei a barreira de energia à minha volta.

— MÃE!

O grito uníssono das gêmeas partiu meu coração. Seu desespero foi ensurdecedor quando saíram pela porta e foram em direção à tia Lena, desacordada. O estado em que ela estava era cruel. Agora que via melhor, várias partes da sua costa e pernas tinham sido queimadas, como se alguém houvesse tentado atear-lhe fogo. Mas o mais chocante — e talvez o que mais deixou Erínia e Maeve preocupadas — foi a ausência do braço esquerdo, e, no lugar, uma ferida recém-aberta que não parava de sangrar.

— Olívia, sete vizinhos podem ter visto algo que não deveriam. Casas 17, 19 e 24 — disse minha mãe, indiferente ao sofrimento das sobrinhas, depois de analisar o movimento da rua. — Cuide deles o quanto antes.

— Pode deixar — respondeu Olívia. — Ed, uma ajudinha aqui, por favor?

Depois de baixar sua própria barreira, Olívia entregou tia Lena nos meus braços.

— O que faremos com ele, Ág? — Olívia apontou para o menino que se recusava a sair de perto de tia Lena e olhava com interesse para as gêmeas. — Sinto uma vibração obscura.

— Deve ser porque ele também é um demônio — revelou minha mãe, como quem dá as horas a um estranho. — Ele chegou aqui com Helena. Pouparemos sua vida até que ela nos diga o motivo de termos sido atacados por criaturas malignas que não fazem parte desta dimensão.

Lílian, Acácia e Zara apareceram sonolentas à porta, mas ficaram alertas assim que se deram conta da cena. Nossa mãe deve tê-las colocado na cama antes dos ataques começarem, mas não negaria a elas o direito de presenciar o uso prático da magia. Por isso, permitiu que elas ficassem.

— Edgar, leve Helena para dentro — mandou. — Ela precisa ser curada o mais rápido possível.

Olívia foi cumprir suas ordens.

E eu obedeci às minhas sem questionar.

PARTE TRÊS

Capítulo 21 | Muitas Faces da Mesma Mulher

ENTREI EM CASA carregando tia Lena no colo, seguido pelo menino-demônio. Minha mãe veio em seguida, e quando viu a sala, fez um gesto rápido com a mão direita e todos os móveis se arrastaram sozinhos para os cantos do cômodo, deixando à mostra o piso de madeira. Ela estalou os dedos uma dúzia de vezes e vários flocos incandescentes de luz se multiplicaram no ar para iluminar a sala.

— Erínia e Maeve, preciso de um animal do tamanho de um cachorro médio — ela ainda mantinha seu tom de voz frio, porém enérgico, que fez as gêmeas obedecerem sem titubear. — Lílían, Acácia, Zara, tragam-me todos os batons que conseguirem encontrar nessa casa.

Enquanto as gêmeas saíram pela porta, minhas irmãs se dividiram entre os aposentos para encontrar o que foi solicitado. O menino-demônio não saiu de perto de tia Lena, mas guardava certa distância de mim e daquela versão de Ágata que eu nunca vi antes.

— Edgar, continue segurando Helena e mantenha o corpo dela funcionando — disse ela, sentando-se numa pose de meditação. — Preciso me concentrar para o que estou prestes a fazer. Observe a tudo com cuidado e fique atento para possíveis ataques. Não podemos ser surpreendidos por outros demônios quando eu iniciar o processo de cura.

— Certo — respondi.

A adrenalina injetada na corrente sanguínea pelo nervosismo fez meu poder ficar mais forte, e eu aproveitei a oportunidade para liberar uma grande quantidade de energia nos pontos vitais do corpo de tia Lena. Priorizei os principais órgãos, mas me surpreendi com poder de sobra; estendi a magia para o resto dos membros e consegui parar a hemorragia no braço esquerdo decepado.

Percebi que a criança assistia à cena com apreensão, e demonstrava-se preocupada com o bem-estar de tia Lena. Aquilo fazia ser difícil acreditar que ela também era um demônio, embora eu não conseguisse discernir a classe à qual pertencia. De qualquer maneira, se quisesse, ela já teria atacado, porém, não agiu de modo suspeito até aquele momento, portanto, merecia o benefício da dúvida.

— Aqui está, mamãe — Zara voltou do andar de cima com meia dúzia de batons. Lílían e Acácia vieram depois, trazendo mais deles. — Por favor, salve a tia Lena...

Nossa mãe abriu os olhos, e suas íris adquiriram um brilho púrpura que as assustou. As meninas deixaram os batons no chão e se afastaram. Ela se pôs de pé, alcançou um dos produtos e agachou-se no piso. Quando começou a desenhar um círculo que englobava grande parte da sala, as gêmeas entraram pela porta. Em seus braços, seguravam um pequeno cachorro amedrontado e irrequieto.

— Aqui está, tia Ágata — anunciou Maeve.

— Foi o melhor que conseguimos — completou Erínia.

Minha mãe ergueu-se mais uma vez e avaliou o animal.

— Um pouco menor do que eu gostaria, mas terá de servir.

Ela passou a mão pela cabeça do cachorro, que desfaleceu no mesmo instante. Só então o reconheci como sendo um dos principais atacadores da vizinhança. O círculo voltou a ser desenhado, e eu finalmente entendi o que ela estava fazendo.

— Pretende usar alquimia? — perguntei.

— Muito além disso — respondeu ela. — Vou usar magia negra.

O arrepio que perpassou pelo corpo foi tão frio que tive a sensação de estar congelando aos poucos por dentro. Ela continuou usando os batons para, enfim, criar formas geométricas dentro do círculo que desenhava. Primeiro fez um triângulo com a ponta para cima, depois outro com a ponta para baixo. Em seguida, adicionou três linhas horizontais mais três linhas verticais. Contornou os pontos no interior do círculo formando um hexágono. Por fim, preencheu o centro da roda com quatro marcas da simbologia alquímica, um pentagrama, um pentagrama, uma meia-lua invertida, o sinal de Vênus, e uma cruz cujo nome eu não lembrava.



— Está pronto — informou ela. — Coloque Helena no meio.

Aquele era um selo de transmutação biológica, eu tinha certeza. Não apenas era mal visto pela Ordem dos Alquimistas, como categorizava-se por um alto grau de periculosidade. Não era qualquer bruxo que poderia executar aquele feitiço sem que algo desse errado, mas aquela talvez não fosse a melhor hora para expor meus pensamentos, por isso obedeci e coloquei tia Lena no centro do selo.

— Contive os efeitos colaterais — Olívia entrou pela porta, ofegante. — Dois vizinhos nos viram usando magia; apaguei a memória deles.

— Formidável — disse minha mãe. — Agora você e Edgar devem cuidar para que nada nem ninguém atrapalhe o ritual de Conservação da Matéria — advertiu. — Uma vez iniciado, qualquer interferência pode significar danos irreversíveis tanto em mim quanto em Helena. Fui clara?

— Ágata, isso é muito perig... — protestou Olívia.

— Ou faça isso ou Helena fica sem o braço! — a sentença foi muito clara. — E seus dias como guerreira terão acabado. Não posso permitir que isso aconteça, Liv, simplesmente não posso.

Pela primeira vez naquela noite a voz dela falhou, e isso foi mais assustador do que seus olhos preenchidos com sangue. Compreendi que minha mãe faria tudo em seu alcance para não perder a irmã. Ser uma bruxa da Ordem dos Guerreiros era motivo de imenso orgulho para tia Lena, e perder aquilo, mesmo na honra de uma luta contra demônios, significaria abdicar da própria identidade. Todos sabíamos que perder um dos membros do corpo significava aposentadoria imediata para um bruxo guerreiro, ainda mais no caso dos Caçadores de Demônios. Olívia olhou para as gêmeas, que àquela altura seguravam o choro com a nobreza

de sua posição como filhas de uma guerreira exímia, e assentiu, vencida.

Minha mãe recebeu o pequeno cachorro inconsciente da mão de Maeve e o colocou dentro do círculo. A luz bruxuleante dos flocos incandescentes a fez parecer menor do que era, com seus cabelos soltos e sua indumentária cerimonial exalando um brilho suave de magia. Ela se ajoelhou próximo de onde o selo começava, fez aparecer no ar uma adaga ritualística, abriu um corte em ambas as mãos para liberar o sangue, e as colocou sobre o piso de madeira.

O selo se acendeu no mesmo instante com um ardor rubro que zumbiu nos nossos ouvidos e fez a casa inteira vibrar. Ela fechou os olhos e ficou em silêncio por alguns minutos, indicando que pretendia acumular uma boa quantidade de energia antes de continuar. Ao contrário da magia ordinária, que costuma produzir calor, a magia negra funcionava no sentido espelhado. De repente, a temperatura despencou no cômodo e um frio agressivo reivindicou todos os organismos vivos dentro da casa.

— Afastem-se, agora — instruiu ela. — Aconteça o que acontecer, *não* entrem no selo sob hipótese alguma. Vou começar.

Meu primeiro instinto foi proteger minhas irmãs, por isso as obriguei a ficar atrás de mim. Olívia por fim conseguiu fazer o menino-demônio se distanciar do círculo alquímico, enquanto as gêmeas agarravam-se uma à outra na esperança de um conforto desleixado. Tia Lena continuava inconsciente, bem como o cãozinho ao seu lado. Embora tenha estudado todas as Ordens, nunca tive a oportunidade de assistir a uma demonstração das habilidades sombrias de um alquimista. Pensando naquilo, me dei conta de que, nos dias de hoje, dificilmente um bruxo podia usar magia de modo livre. Com medo da exposição, acabávamos limitando nossos poderes a fim de permanecer no anonimato.

Enquanto combinava o material biológico dentro do selo, minha mãe liberou grandiosas quantidades de magia. Em pouco tempo, a luz rubra emanada do contorno das linhas desenhadas no chão exalou uma densa fumaça negra, que rapidamente preencheu o círculo num redemoinho agourento de energia.

A presença invisível das trevas foi sentida por cada um de nós. Uma sensação de como se a maldade reinasse sobre a conduta humana e invadissem a mente sem qualquer permissão. O que quer que estivesse acontecendo, não se parecia com nada que tivéssemos aprendido no treinamento.

Tia Lena abriu os olhos dentro do círculo e começou a gritar, exatamente quando o corpo imóvel do cachorro pôs-se a esvanecer seguindo a dança da fumaça negra. Demorei apenas alguns segundos para entender que o braço esquerdo de tia Lena estava sendo reconstruído, ou melhor, *substituído* pelo material biológico do sacrifício, como numa troca equivalente.

Recebereis na mesma medida em que deres, dizia a lei alquímica.

As gêmeas mantiveram o controle frente ao visível sofrimento da mãe. Olívia se certificou de mapear com seus poderes todas as pessoas que pudessem estar ouvindo os gritos de tia Lena num raio de meio quilômetro. Para garantir, lancei um feitiço à prova de som que se propagou em volta da casa e asseguraria a privacidade. Vendo aquela cena, Zara ameaçou começar a chorar de medo, mas apertei sua mão e ela se acalmou.

Lentamente, o braço foi ganhando contorno e massa. De início, adquiriu a mesma coloração da pelagem do cachorro, mas depois tomou as características do resto do corpo de tia Lena numa metamorfose mágica ao mesmo tempo linda e cruel de se ver. O processo de transformação durou o bastante para os raios pálidos do sol pedirem licença para dentro da sala, anunciando o primeiro dia de inverno do ano.

Os gritos perduraram até tia Lena ficar rouca. Quando o corpo do animal foi transformado por completo, percebi que alguns pontos do braço continuaram sem pele e com a ponta do

polegar faltando. O tamanho do sacrifício não foi suficiente, e, se o que eu me lembrava dos rituais alquímicos estivesse correto, a transmutação exigira material biológico do ser vivo mais próximo ao selo.

Com um grunhido abafado, assisti enquanto o cabelo da minha mãe foi sendo consumido, a começar pelas pontas indo em direção à raiz. E se o cabelo não bastasse? O ritual podia *corroer* a cabeça do bruxo. Não fui o único que percebi o perigo, pois Olívia se adiantou para frente.

— Não se atreva, Olívia! — gritou a irmã. — Eu ainda não terminei...

O aviso não surtiu qualquer efeito. Olívia alcançou a adaga usada por minha mãe para ferir as mãos e, num movimento preciso, desferiu a lâmina contra o próprio cabelo acima dos ombros. Um grande rabo de cavalo se desprende de suas madeixas e ela o jogou dentro do círculo. O selo imediatamente identificou o material biológico e passou a transmutá-lo.

Ao passo em que o braço foi completamente restaurado, não sobrou nada do cabelo de Olívia. Tia Lena deu um último grande suspiro e voltou a desfalecer como outrora. A luz púrpura do selo desapareceu e os olhos da bruxa que o desenhara voltaram ao castanho usual. O silêncio que brotou seguiu-se de respirações ofegantes e corações acelerados.

Minha mãe tirou as mãos do chão, liberando a magia do círculo. Eu invadi o selo e emaneei energia para o corpo de tia Lena. Dei um sorriso de alívio quando constatei que seu organismo estava vivo e funcionando. Seu novo braço esquerdo tinha uma coloração amarelada que demoraria alguns dias para sair.

— Ela vai ficar bem — anunciei, e as gêmeas vieram abraçá-la, com as lágrimas finalmente correndo em seus rostos. Me virei para minha mãe e depois para Olívia; também choravam. — Vocês duas foram brilhantes.

Elas sorriram, exaustas.

— Por que ela não acorda? — perguntou Maeve.

— Bem... — articulei, desconcertado.

— Fala logo, Ed! — exigiu Erínia.

— Ela entrou em coma.

Capítulo 22 | Mundo Inteiramente Nosso

— **CERTO — AQUIESCI, À BEIRA** do esgotamento, sentado numa das cadeiras colocadas no quarto. — Como você pode ver, tia Lena não vai conseguir explicar muita coisa no estado atual. Nesse caso, cabe a *você* nos contar que porra toda foi essa...

— Linguajar, querido — advertiu minha mãe.

Ela terminou a cura do corpo de tia Lena. Houve inúmeros pontos com queimaduras de segundo e terceiro graus que, aos cuidados médicos dos comunais, deixariam cicatrizes irreversíveis. O mais impressionante, porém, era que, mesmo tendo usado tanta energia, minha mãe continuava em pleno uso dos seus poderes, como se aquilo fosse tão ordinário quanto assistir à TV.

— Ele tem de explicar alguma coisa, não acha? — àquela altura, meu temperamento não era dos melhores. — Para começar, o motivo pelo qual uma Caçadora de Demônios o trouxe para casa ao invés de exterminá-lo.

O menino arregalou os olhos.

— Está vendo? Ele entende o que estamos falando...

— Talvez esteja com fome — sugeriu Olívia, e se virou para ele. — Você está com fome? Vou preparar algo para comer, volto já.

— E com o que você vai alimentar um demônio? — rolei os olhos. — Pastel de fogo do inferno?

Olívia era imune ao meu sarcasmo, por isso saiu do quarto e desceu até a cozinha. Quando voltou, trouxe uma bandeja com alguns queijo-quentes e uma jarra com suco de pêssego. Assim que viu a comida, a criança se empertigou e fez uma expressão de quem nunca viu nada tão lindo na vida. Olívia serviu um copo com suco e um prato com queijo-quente, colocando a bandeja sobre o criado mudo. Ele se sentava numa cadeira ao lado da cama em que tia Lena dormia no coma. Primeiro cheirou a comida com desconfiança e lançou um último olhar na nossa direção antes de devorá-la.

— Pode comer quantos quiser — anunciou Olívia para surpresa do menino quando ele estudou a pilha de queijo-quentes. — Procure tomar o suco, sim, ou então vai se engasgar.

— Quem poderia imaginar? — suspirou minha mãe, admirada. — Um demônio sendo alimentado debaixo deste teto. Helena terá muito o que explicar quando abrir os olhos...

— Alguma sugestão de como eles conseguiram? — aproveitei para questioná-la. — Quer dizer, demônios não são capazes de manifestações corpóreas no plano físico e esse aqui claramente é um demônio *com* um corpo completo.

— Bem — ela pensou antes de responder. — Temo que já aconteceu outras vezes, apesar de não ser comum. Geralmente, coisas desse tipo envolvem portais abertos por integrantes de ambos os lados.

— Apenas magia negra muito forte poderia fazer algo assim — lembrou Olívia. — Estamos falando de poderes ancestrais, Ág...

— Eu sei — concordou ela. — E é por isso que estou toda arrepiada. No que quer que Helena tenha se metido dessa vez, não acho que vai ser fácil de resolver.

— Shhh... — alertou Olívia. — Não queremos que as garotas ouçam, certo?

Havia sido um esforço enorme convencer as gêmeas a irem descansar. Recusaram-se a sair de perto da mãe, até assegurarmos que elas seriam chamadas assim que tia Lena acordasse. Entrementes, não tínhamos como prever quando isso aconteceria. Podia ser a qualquer momento. Ou podia levar meses. Mesmo para uma bruxa sensória do gabarito de Olívia, entrar na mente de alguém em coma era deveras perigoso, e podia incutir efeitos colaterais ainda desconhecidos pelas artes xamanísticas. Não valia a pena correr o risco.

— Já que não estamos progredindo com esse interrogatório — falei —, vou me arrumar para o trabalho.

— Lave a louça antes disso — sentenciou minha mãe. — Não me venha com essa cara. Olívia preparou, você limpa.

Eu quis protestar, mas ela tinha razão. Fui até o criado-mudo buscar a bandeja no estado deplorável em que o menino a deixou. Ele comeu tudo e não se importaria de repetir a dose dentro em breve. Quando me aproximei, ele se encolheu e por um momento pensei que estivesse com medo de mim, mas descartei a possibilidade, uma vez que demônios não costumam temer bruxos adolescentes que nem sabem o que querem da vida.

O copo balançou sobre a bandeja e ameaçou cair. Fiz um movimento brusco para evitar o acidente e acabei encostando a mão no ombro do menino. Ele soltou um berro que pareceu a primeira e a última tecla de um piano sendo tocadas ao mesmo tempo; eu levei um baita susto. Afastei a mão e ele pulou em cima da cama de tia Lena, agarrando-se ao seu corpo e escondendo a cabeça debaixo das cobertas.

— Juro que não fiz nada — me defendi quando mamãe e Olívia me encararam com assombro. — Minha mão apenas tocou o ombro dele e...

O demônio começou a emitir soluços agudos. Ele estava... *chorando*? Para minha surpresa, me flagrei com pena daquele ser que jamais devia ter conhecido. Foi uma sensação de dor e culpa que não me caía muito bem. Em vez de tentar entender o que aconteceu, decidi sair do quarto.

Passei a tarde inteira na Livraria Amarela pensando na dicotomia dos eventos das últimas horas. As festividades daquela noite de repente pareceram tão distantes, como se tivessem ocorrido semanas atrás. A chegada de tia Lena certamente devia ser motivo de alegria para toda a família, porém, dadas as circunstâncias, não sabíamos como as coisas se sucederiam dali em diante.

Nos dias seguintes, revezamos em escala para não deixar tia Lena sem supervisão. O menino mudo e esfomeado não saiu do quarto para nada com exceção do banheiro. Manteve distância sempre que eu estava por perto. Ainda assim, fui bom o bastante para lhe emprestar alguns shorts e camisas que, apesar de gastos, eram melhores do que a veste maltrapilha e cheia de símbolos que ele usava.

Para evitar surpresas, colocamos um escudo protetor em volta da casa que só poderia ser acessado por uma Chave de Barreira, igual ao encantamento que Tati costumava usar no Café. Nossa proteção, no entanto, não tinha a intenção de manter *licanos* fora da propriedade, mas era tão forte que um demônio precisaria ser incrivelmente poderoso para penetrá-la.

— No que está pensando? — perguntou Úrsula na sexta-feira, quando fiquei aéreo na hora do intervalo, absorto no caos barulhento de vozes conversando e pessoas passando pelo refeitório da escola. — Tem estado tão sério ultimamente...

— Não é nada — menti. — Apenas uma bronca em casa.

— É por isso que suas primas não vêm às aulas há dois dias?

Ela conseguia ser bem perspicaz quando queria.

— Bem... é que minha tia... a *mãe* delas... está doente.

— Entendo... algo muito grave?

— Não exatamente — respondi. — Quer dizer, o pior já passou.

Eu realmente queria acreditar naquelas palavras, mas algo dentro de mim gritava em alerta. Tentei não dar muita bandeira perto de Úrsula. Ela podia saber sobre mim e toda a história de bruxos e tudo o mais, mas eu não estava propenso a lhe dar nenhuma informação adicional sobre demônios aparecendo em Anévoa e nos atacando em público. Acho que ela não levaria *aquilo* numa boa.

— Isso é bom — comentou ela, argumentativa. — Mas as pessoas estão acostumadas a topiar com duas gêmeas lindas e rebeldes pelos corredores, sabe, todos os dias. Uma ausência grande pode acabar levantando suspeitas, se é que me entende.

Ela estava certa. Minha mãe permitiu que ambas ficassem em casa apenas pelo resto daquela semana, em respeito ao sofrimento delas. Mas também sabia que não podiam simplesmente desaparecer sem um aviso convincente à direção da escola.

— Cuidamos disso — assegurei.

— De qualquer maneira — continuou ela —, deve ser difícil para elas. Lembro de você mencionar que sua tia é um tipo de detetive ou algo que o valha, e que por isso não fica muito tempo em casa. É impressionante como elas não surtaram...

— Que acha de pegar um cineminha mais tarde? — sugeri.

— Tudo bem, Ed, não precisa ser evasivo. Já saquei que tem alguma coisa a ver com... — ela abaixou a cabeça, olhou para os lados para ver se estávamos a uma distância segura dos ouvidos mais próximos e sussurrou: — ...*magia*. Era de se esperar, para ser honesta. Afinal, convenhamos.

Como sempre, ela tinha uma ótima intuição para uma comunal; daria uma excelente bruxa sensória se tivesse poderes. Eu a encarei por um instante e percebi que ela parecia bem mais velha do que antes. Quer dizer, mais adulta... e bonita. Ela estalou os dedos na frente do meu rosto.

— Olá! Terra chamando Edgar...

— Foi mal, eu viajei um pouco...

— Você realmente está no mundo da lua — declarou ela. — Pelo menos dessa vez sabemos que não é por causa daquele-que-não-anda-mais-entre-nós.

A referência a Klaus foi mais cômica do que insidiosa, porém, surtiu um efeito negativo em mim. Fiquei com o estômago embrulhado e não terminei meu sanduíche. *Que adorável, Edgar, você está oficialmente parecendo uma garotinha*. Fiz um esforço para não colocar para fora o pouco do lanche que consumi, mas tive de arcar com uma enxaqueca depois da aula.

O movimento de clientes na Livraria Amarela foi fraco, e eu agradei aos céus por uma tarde tranquila em que dona Morgana me permitiu o privilégio da solidão. Por motivos óbvios, naquela sexta-feira o treinamento de magia foi cancelado, e eu pretendia voltar para casa e assumir meu turno no quarto de tia Lena, para depois dormir indefinidamente. A semana trouxe um cansaço que eu não experimentava há tempos.

Quando cheguei em casa, passei na cozinha para jantar antes de assumir o posto. Olívia cozinhou um ensopado de carne com especiarias indianas que revigorou minhas energias físicas. Acácia e Zara assistiam desenho na TV enquanto Lílian devorava as páginas de um mangá sobre uma garota que se transformava em águia ancestral toda vez que enfrentava os inimigos.

No quarto de tia Lena, as gêmeas estavam sentadas no chão, ensinando ao menino-demônio como jogar cartas; ele se encolheu involuntariamente quando entrei. Minha mãe sentava-se numa cadeira de embalar, lendo, para meu espanto, *O Cadafalso Beligerante do Curandeiro*, e, assim que preendi a respiração, ela olhou para mim por cima dos óculos de leitura, estática.

— Escolha peculiar para um livro de cabeceira — disse ela. — Eu não estava mexendo nas suas coisas, se é o que pensa. Apenas fui ao seu quarto buscar as roupas para lavar e me deparei com este exemplar bem à vista de todos. Por mais que não costume me intrometer nos seus gostos pessoais, acredito que esse tipo de literatura não vá agregar nada ao seu intelecto.

— Se serve de alguma coisa, confesso que odiei...

— Também pudera! Tobias Montenegro era um lunático que perseguia nossa família na juventude dos meus pais. Por causa dele enfrentamos um período de... Nem sei por que estou falando sobre isso. Ele era um mequetrefe que nunca escreveu nada além de calúnias contra bruxos de uma estirpe superior.

— Concordo plenamente — me adiantei, tentando acalmá-la. Não sabia ao certo em que categoria aquela desobediência se encaixava em *não se envolver com nenhum Montenegro*, portanto, sequer protestei. — Este livro é um genuíno desperdício do dinheiro que gastei com ele.

— Ótimo saber que pensa assim — ela se levantou e devolveu o exemplar para mim. — Livre-se dele ainda hoje. Não me sinto confortável com um insulto tão grande à Ordem dos Curandeiros estando ao alcance das mãos de minhas filhas e sobrinhas.

— Sim, senhora.

Ela saiu do quarto e eu respirei aliviado. Pensei mesmo que levaria uma bronca bem maior que aquela. Sentei no chão e me juntei ao jogo das gêmeas. O menino olhou para mim com receio, mas baixou a guarda depois de um tempo. Gostaria de saber o motivo de eu ser o único que não podia tocá-lo. Ele não recusou a companhia de nenhuma das integrantes da casa, e cheguei a pensar que o problema todo era com o fato de eu ser homem. Talvez demônios infantis só se sentissem à vontade quando tocados por mulheres ou sei lá.

Erínia e Maeve eram uma decepção quando se tratava de jogos de sorte, por isso, ganhar delas não tinha graça alguma. Nosso visitante demorou a pegar o jeito da coisa, mas, após cinco ou seis rodadas, fez grandes progressos nas estratégias. As gêmeas, como sempre, me acusavam de trapacear, pois não eram muito fãs de perder doze vezes em seguida.

— Não tenho culpa se vocês são péssimas — me defendi. — Deviam ter escolhido outro jogo.

— Você é um trapaceiro, Ed — acusou Maeve, emburrada.

— Se descobrir que está usando magia sensória — prometeu Erínia —, vou fazer você de capacho o fim de semana inteiro.

— Que vergonha, Ed. Um rapaz da sua idade trapaceando contra crianças...

— Já falei que não trapac...

As palavras pararam no meio da garganta. Aquela voz...

Viramos para a cama e encontramos tia Lena de olhos abertos, sorrindo.

Capítulo 23 | Aura

DUAS HORAS INTEIRAS se passaram até que terminássemos o *check-up* em tia Lena. Verificamos os sinais vitais dos órgãos, a circulação sanguínea no braço recém-adquirido e o fluxo dentro dos canais condutores de magia. Olívia preparou uma sopa de legumes para renovar as forças físicas de tia Lena, e as gêmeas fizeram questão de servi-la enquanto comia.

— O que eu preciso mesmo é de uma boa dose de uísque — lamentou-se.

— Coloque uma única gota de álcool na veia — ameaçou Maeve —, e eu mesma arranco seu braço fora.

A advertência magoada da gêmea loura pegou a todos de surpresa. Aquele tipo de frase combinava muito mais com o estilo de Erínia, que gostava de ser vista como uma rebelde sem papas na língua. Maeve, por outro lado, era sempre a primeira a endossar os caprichos da mãe e relevar sua ausência, então, apesar de não ser uma adolescente-exemplo para ninguém, a queixa possuía um peso gigantesco na consciência de tia Lena.

— Estou do seu lado, mana — acrescentou Erínia.

Tia Lena podia ser uma candidata inelegível ao prêmio de mãe do ano, mas não era estúpida. Sabia muito bem que tinha obrigações que não costumava cumprir e responsabilidades que negligenciava. Entrementes, sua expressão não escondia aquele olhar feroz, típico das mães, de quem destruiria o mundo inteiro para proteger sua cria, e, embora isso não compensasse as outras coisas, pelo menos servia para compreender que algo extraordinário a havia mantido longe por tanto tempo.

Mamãe precisou ser firme quando despachou as garotas para outro cômodo da casa, pois a conversa que estávamos prestes a ter naquele quarto, em suas exatas palavras, “não era para o ouvido de crianças”. Maeve e Erínia protestaram com vigor, mas cederam quando tia Lena disse-lhes para não desobedecerem uma ordem da tia. O menino-demônio, contudo, permaneceu o tempo todo ao seu lado, inexorável. Como membro mais velho da classe dos filhos e sobrinhos, recebi permissão para ficar e participar da conversa.

— Ágata, você fez um trabalho magnífico — disse tia Lena com a voz rouca, contemplando o braço. — E você, Olívia... seu cabelo... tão lindo. Não sei como agradecer...

— Vai crescer outra vez — Olívia deu de ombros. — Para ser honesta, acho que um penteado Playmobil cairia bem em mim.

— O que importa é que você sobreviveu, Helena — decretou minha mãe. — Se não fosse pela proteção de Edgar, talvez aqueles demônios... não quero nem pensar.

Tia Lena olhou para mim e mostrou um sorriso triste.

— Você mudou tanto enquanto estive fora — ela resfolegou. — Parece tão... adulto... Tornou-se o homem da família e eu quase perdi isso. Ainda por cima lutou sozinho contra três demônios! Tem certeza de que não quer se tornar um guerreiro? Podemos providenciar...

E *aquele* momento chegou. A hora em que sua tia, munida de uma habilidade sobrenatural

para deixar você com o rosto pegando fogo, empenhava-se em constrangê-lo na frente de um punhado de familiares. Decidi interferir antes que ela entrasse no campo das *namoradinhas* e acabasse conjecturando sobre o desperdício da virilidade de alguém tão jovem como eu.

— É uma honra receber esse elogio de você, tia — respondi. — Mas pertenço à Ordem dos Curandeiros e não tenho vontade de mudar. Porém, isso não significa que eu não saiba me defender de um ou dois ataques.

— Você parece tanto com Ágata quando defende uma posição — disse ela. — Bem, as possibilidades estão em aberto. Faça como queira, mas saiba que daria um excelente guerreiro. Estou falando a sério.

— Já chega dessa tentativa de converter o garoto, Lena... — interpelou minha mãe, sarcástica. — Ele sabe da própria vocação. Agora, corte a ladainha e vá soltando as explicações.

— É uma longa história...

— Temos o fim de semana inteiro — aduziu Olívia.

Tia Lena se aprumou sobre os travesseiros e encontrou uma posição mais confortável na cama. Nós a encarávamos, sentados nas cadeiras laterais, enquanto o menino observava a tudo em silêncio.

— Bem, vejamos. Por onde devo começar...?

Sugeri primeiro.

— Que tal pela parte em que *ele* entra na história?

Ela fez uma careta.

Quando a observei melhor, percebi que tia Lena não mudou muito. Exceto, é claro, pela perda de peso devido a uma pobre nutrição nos últimos meses. Seus cabelos eram ruivos e longos, característica que se manifestava em sua personalidade tempestuosa e metódica. Usava uma camisola branca de cambraia e parecia um pouco menor do que eu me lembrava.

— Que cabeça, a minha... — ela se empertigou. — Ágata, Olívia, Edgar, apresento-lhes Daruell. Daruell, estes são Ágata, Olívia e Edgar. Minha família. Você já conheceu as garotas, presumo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Formidável — disse ela, e depois se virou para nós, reticente. — Hum... digamos que Daruell... bem... ele é filho de Súmraak.

— Do *demônio* Súmraak? — repetiu Olívia em descrédito.

— Temo que não exista outro Súmraak no mundo, Liv.

— Você ficou maluca?! — Olívia parecia perplexa. — Se quer que a gente morra, é só falar de uma vez. Não precisa trazer a desgraça para o nome da nossa família.

Ouvi a tudo, atento, mas alguma barreira impediu a comunicação, pois não consegui entender o motivo da alteração de humor no comportamento jocoso de Olívia. Aquele tal de *Súmraak* não devia ser flor que se cheire.

— Não pretendo me desculpar por isso, Liv — tia Lena manteve a calma. — Tive motivos mais do que suficientes para justificar minhas ações.

— Você vai ficar calada, Ág? — Olívia invocou a ajuda da irmã. — Helena raptou o filho de um demônio-soberano e nós vamos ficar de braços cruzados?

Fodeu!, me segurei para não dizer em voz alta. *Um demônio-soberano?*

Até mesmo para tia Lena, aquele devia ser algum tipo de recorde. As categorias demoníacas, conforme aprendíamos nos livros de bruxaria, seguiam uma estrutura hierárquica. Na base da pirâmide, havia os demônios-subalternos, como os que nos atacaram dois dias atrás, uma classe operária que servia aos níveis superiores do Desmundo. Acima deles, demônios-emissários ocupavam a função de mensageiros que transitavam livremente pelo plano espi-

tual. Em seguida, havia os demônios-nobres, cujo poder podia superar, fácil, a magia de um bruxo. No topo da hierarquia, reinavam os demônios-soberanos, considerados Senhores do Desmundo e a quem todos os outros demônios dedicavam respeito absoluto.

Isso fazia de Daruell um demônio-nobre, para dizer o mínimo. Eu o encarei com espanto quando me dei conta de que ele provavelmente podia me derrotar com extrema facilidade. Seja como for, se seu pai era mesmo um demônio-soberano e estivesse à sua procura, bem... *Fodeu!*, segurei de novo.

— Acredite, Olívia — minha mãe se pronunciou depois de um longo silêncio. — Se os motivos de Helena não me convencerem, eu mesma devolverei a criança para o Desmundo.

Daruell mostrou por fim algum sinal de que estava a par da gravidade que a situação implicava. Eu podia jurar que ele ficou amedrontado.

— Você não pode fazer isso! — exclamou tia Lena, exasperada.

— Bem, então me ilumine — devolveu a mais velha. — Diga-me por que tenho de dar abrigo a um demônio de alta estirpe ao invés de mandá-lo de volta para o abismo de onde ele jamais devia ter saído.

Daruell engoliu em seco e se esquivou para mais perto de tia Lena.

— Porque SúmraK precisa *dele* para invadir Anévoa.

As palavras flutuaram pelo ar até reverberarem em nossos tímpanos. Para começo de conversa, o mundo dos demônios e o mundo dos humanos ficavam em dimensões separadas. Qualquer bruxo, provido do feitiço correto, podia adentrar o Desmundo sem muito esforço. Bruxos guerreiros faziam isso o tempo todo. Entretanto, para um demônio penetrar o mundo dos humanos, era necessário que um portal fosse aberto do nosso lado. Além disso, quando passavam para o plano físico, desprovidos de matéria, os demônios tinham a tendência de aguentar apenas algumas horas sem um corpo próprio, sendo assim, uma invasão era arriscada para ambos os lados.

— Por isso passei tanto tempo fora — continuou ela, absorta em lembranças. — Estive investigando uma possível conspiração que pode ameaçar a Sociedade Bruxesca e acabar com a vida de inúmeros comunais.

— O que quer dizer? — Olívia quase cuspiu a pergunta. — Que um bruxo está tentando trazer um demônio-soberano para este mundo?

— Receio que sim, Liv.

— Com que propósito? — perguntei, em dúvida. — Nenhum bruxo seria capaz de controlar um soberano, e demônios não são fãs número um dos dominadores de magia. Logo, seria um tiro no próprio pé.

— Tenho motivos para acreditar — respondeu ela — que esse bruxo possui algum tipo de arma secreta, além de contar com um bom número de entusiastas. Não seria a primeira vez que algo do tipo aconteceria. Todos sabemos que a Peste Negra foi obra de demônios-soberanos liderados por um grupo de bruxos aliados à causa de extermínio dos comunais.

— Quanto a isso, não resta dúvidas — confirmou minha mãe. — A história está repleta de indícios das manifestações demoníacas no plano físico. Mas você há de concordar, Helena, que danações como essa levam tempo para planejar, exigem habilidades extraordinárias do bruxo e costumam, sobretudo, deixar rastros.

— No mérito de escolher entre uma suspeita bem fundamentada e uma certeza frustrada, penso que minha posição está clara — tia Lena voltou a se empertigar. — Eu *vi* coisas, Ágata, *ouvi* coisas, tive sonhos agourentos. Há um burburinho correndo pelo Desmundo, os subalternos estão alvoroçados e os emissários já se preparam para o próximo movimento. Prefiro estar errada e ter cometido um pecado ao trazer Daruell para nosso mundo a estar certa

e não ter agido de acordo com as informações que consegui. Você sabe do que estou falando. Se não como irmã, pelo menos como mentora.

— Deixei de ser sua mentora há muito tempo.

— Mas não esqueceu como é estar do outro lado — tia Lena apelava, de certo modo, para a nostalgia que minha mãe devia sentir. — Se existe uma ínfima possibilidade de Súmrak penetrar a Fronteira Entremundos, então, por favor, minhas irmãs, nós precisamos fazer algo para impedi-lo.

Olhei para Olívia, agora mais desolada com o que ouvia do que ultrajada, e depois para minha mãe, que adquiriu uma feição obscura impossível de ler. O conflito interno devia ser inescrupuloso dentro dela. O que tia Lena sugeria estava além de qualquer dever moral que devíamos aceitar, todavia, se ela estivesse certa e nada fosse feito a respeito, teríamos de arcar com consequências inimagináveis. De uma forma ou de outra, nenhum dos cenários era animador.

— Está bem — cedeu minha mãe, de ombros caídos. — Prossiga.

— Certo — tia Lena se concentrou novamente nas lembranças. — Há alguns meses, recebi uma pista anônima sobre um bruxo das trevas que tentava abrir portais capazes de permitir a passagem de demônios para o plano físico. Minhas investigações me levaram ao Desmundo, onde observei, às escondidas, o comportamento dos demônios por um longo tempo. Nesse ínterim, acabei descobrindo que havia, de fato, um bruxo em conluio com o alto escalão demoníaco.

— E quem é ele? — perguntei.

— Infelizmente, não tenho resposta para essa pergunta — respondeu ela, frustrada. — Quem quer que seja, consegue ocultar muito bem os próprios vestígios.

— Foi assim que chegou até Daruell? — Olívia quis saber.

— Na verdade, foi *ele* quem me encontrou — disse ela. — De início, me preparei para lutar, é claro. Você não pode se dar ao luxo de morrer facilmente quando estiver lá embaixo, sabe, por isso eu estava pronta para causar alguns estragos. Contudo, em vez de atacar, ele me ajudou a entrar na fortaleza de Súmrak sem ser capturada. Uma vez do lado de dentro, continuei investigando o quanto pude, até que...

Ela fez uma pausa. Seus olhos se encheram de escuridão e dor.

— ...até que Súmrak me descobriu. Fui acorrentada numa masmorra, à espera de um interrogatório ao qual não sobreviveria. Quando chegou o momento, usei todo meu poder para tentar escapar. Lutei contra alguns demônios-nobres a serviço do Mestre Crepuscular, nome pelo qual chamavam Súmrak, e acabei... bem... perdendo o braço esquerdo enquanto tentava fugir. Para minha surpresa, Daruell apareceu e me ajudou a escapar da fortaleza.

O menino ouviu atentamente o relato, como se não estivesse presente quando tudo aconteceu. Nesse momento, contra minha própria vontade, fui obrigado a simpatizar com ele. Nunca soube de nenhum demônio solidário e altruísta, muito menos um que desafia o pai para salvar uma bruxa prisioneira.

— Fomos perseguidos por uma horda de subalternos — prosseguiu ela. — Àquela altura eu estava fraca, e sem um dos braços eu jamais seria uma adversária competente. Por isso, usei minhas últimas forças para abrir um portal na Fronteira Entremundos e lancei um encantamento de proteção no corpo de Daruell. Isso explica por que ele ainda não entrou em combustão espontânea depois de todo esse tempo no plano físico. Infelizmente, alguns demônios nos seguiram através do portal. O resto vocês já sabem.

— Por que Súmrak precisa de Daruell para invadir nosso mundo? — arrisquei perguntar. — Um soberano me parece poderoso o bastante para fazer isso sozinho.

— Por causa da Fusão de Corpos — informou ela. — Eu sei, você provavelmente nunca ouviu falar disso. Importa-se de explicar, Ágata?

— Em teoria — minha mãe assumiu seu tom professoral —, é um ritual da mais negra magia que reveste o corpo daquele que o executa com uma barreira de escuridão. Para tanto, bem... o ritualista deve receber o sacrifício voluntário da própria carne e sangue. Em outras palavras, um filho deve oferecer sua vida de bom grado para a proteção do pai. É o exato oposto de quando uma mãe se sacrifica pelo filho, que incorre em um escudo reverso, comumente designado como amor.

— Mesmo com ajuda de alguém do nosso lado — retomou tia Lena —, Súmraak não duraria muito tempo no plano físico sem um corpo próprio. Com a Fusão de Corpos, no entanto, temo que ele seja capaz de permanecer indefinidamente no mundo dos humanos. Por esse motivo, devemos proteger Daruell a todo custo. Sem ele, Súmraak não vai conseguir executar seu plano.

— Isso não é muito reconfortante... — murmurei. — Mas por que *Anévoa*? De todos os lugares possíveis, por que ele precisa invadir justo nossa cidade?

— Não estou certa — respondeu ela —, mas suspeito que o bruxo responsável por essa conspiração contra a Sociedade Bruxesca deve viver nas imediações. É possível que o conheçamos e sequer tenhamos ideia da vida dupla que leva. De qualquer modo, essa é toda a história que tenho para contar. Alguma dúvida?

Daruell ergueu a mão para o alto, tímido.

— Sim? — inquiriu tia Lena. — O que é?

— Por que a aura dele é diferente? — a voz do menino era suave, mas provocou um arrepio que congelou minha espinha. Ele apontava na minha direção com um dedo pequeno. — É... azul.

Não sei ao certo o que causou um espasmo horroroso na expressão das mulheres que me encaravam. Em nível de conceito, todo ser vivo emanava uma aura que para certos olhos — como os de um demônio-nobre, por exemplo — era visível e, às vezes, palpável, dependendo da espécie. Comuns costumavam ter uma aura verde, enquanto bruxos compartilhavam uma aura amarela. Na certa, havia algum defeito no olho daquele demônio, porque nunca ouvi nada a respeito de auras azuis. Era a primeira vez que ele falava, e ainda me vinha com uma daquelas!

— Oh, não... — Olívia prendeu o fôlego.

Minha mãe ficou muda.

— Você tem certeza? — certificou-se tia Lena. — Será que não confundiu as cores por engano?

— Não — ele meneou a cabeça, certo do que falava. — Todas vocês têm a mesma cor amarela, mas a dele é azul. Eu não gosto muito desse azul. Tenho medo...

Elas voltaram a me fitar com seriedade. Procurei o olhar da minha mãe, mas foi o único que não recebi. O que quer que aquilo significasse, eu estava começando a ter sérios problemas para gostar daquele demônio. Quando o arrepio na espinha finalmente passou, restou o silêncio dentro do quarto, que, àquela hora da noite, era tão ensurdecido quanto várias caixas de som ligadas juntas.

— Está na hora de irmos dormir — decretou minha mãe. — A noite está avançada e Helena precisa continuar em repouso. Amanhã nos preocupamos com cores de aura. Por hoje, já chega de conversa.

Com a carranca que ela fez, quem discutiria?

Capítulo 24 | Teste

A NOITE DE ~~MO~~ROU a passar. Fiquei rolando de um lado para outro na cama e até o menor dos ruídos me deixava sobressaltado. As coisas que tia Lena revelou não apenas eram incrivelmente malucas, como faziam todo sentido. Talvez eu estivesse me sentindo culpado por, enfim, ter *algo* com o que ocupar meus pensamentos.

Se estivéssemos mesmo sob a mira de um demônio tão poderoso, isso seria ruim, péssimo, trágico e blábláblá. Por outro lado, aquilo foi o mais perto que eu estive de alguma ação para variar. Muitas pessoas achavam que ser um bruxo significava uma vida cheia de mistérios e batalhas mágicas, com direito a rituais macabros e possessões demoníacas, no entanto, *minha* vida não chegava nem perto de tanta excitação.

— Quem me dera... — murmurei na penumbra.

Na maior parte do tempo, os bruxos usavam seus poderes para tarefas corriqueiras, como mover o sofá de um lugar para outro no dia da faxina, por exemplo, ou desligar a lâmpada do quarto quando tinham preguiça de andar até o interruptor. A magia, ao longo do tempo, adquiriu sinônimo de comodidade, muito mais do que necessidade. Não fosse por isso, seríamos idênticos aos comunais.

Desde muito cedo passei a questionar as alegorias da bruxandade. Ações que em nada se diferenciavam daquelas executadas pelos comunais. No topo das minhas dúvidas, a pergunta que mais martelava na mente era o que levava a Natureza escolher entre este ou aquele humano para compartilhar sua essência.

O retorno de tia Lena acabou trazendo ainda mais questionamentos para os quais eu não tinha respostas. Próximo das 04:00 da manhã, desisti de tentar encontrar o sono e me levantei. Minha garganta estava árida, por isso fui até a cozinha beber água. Quando desci as escadas, tomei um susto ao ver que as luzes da sala estavam acesas. Meu corpo entrou em estado de alerta e eu me preparei para algum possível intruso.

Claro, pensei em seguida. *Porque um demônio certamente precisaria de luzes para enxergar no escuro*. Ainda assim, fui cautelosamente até a cozinha e ouvi vozes. Entrei de supetão pela porta, como se esperasse amedrontar quem quer que estivesse do outro lado, mas tudo o que consegui foi me expor ao ridículo.

— Falei para vocês que ele estava vindo — disse Olívia.

Ela sentava-se à mesa da cozinha junto à tia Lena e minha mãe. As três pareciam apreensivas. Daruell, por sua vez, sentava-se numa cadeira separada, saboreando algum tipo de bebida quente com cheiro de chocolate. Para um demônio, ele gostava um pouco demais da dieta dos humanos.

— O que está havendo? — perguntei.

Nenhuma delas respondeu de imediato. Em vez disso, estudaram minha expressão; senti meu rosto queimar e desejei não ter corado. Aquilo significava que elas estavam conversando sobre mim, o que, por si só, já era motivo de desconforto.

— Você tem de falar para ele, Ágata — exigiu tia Lena. — Ele tem o direito de saber... da história *toda*.

Minha mãe não se manifestou.

— Ele não está pronto, Lena — discordou Olívia. — Já tem bastante com o que lidar nesse momento. Algo como isso só prejudicaria...

— Mas as circunstâncias mudaram, não acha? — tia Lena estava exasperada. — Não *esperávamos* que isso acontecesse, mas, bem... não é como se tivéssemos algum poder sobre a situação.

— Caso não tenham notado, eu posso ouvir tudo — se havia algo que me irritava era quando as pessoas discutiam sobre mim sem me incluir, como se eu fosse uma criança. — E por que tia Lena está fora da cama?

— Isso não tem importância, Ed, já estou recuperada — respondeu ela. — Além do mais, o assunto em questão exige certa urgência.

— Eu voto em adiarmos essa conversa — interpelou Olívia. — Consigo sentir a vibração dele e não acho que é um bom momen...

— Que tal perguntar o que *eu* acho, para variar? — àquela altura, minha voz ficou mais firme, mas eu não pretendia me alterar. — O que estão falando sobre mim que precisa de uma votação para decidir se devo saber ou não?

— Ágata, a decisão é sua — arguiu tia Lena.

Todos viramos para encarar minha mãe, que permanecia em silêncio. Havia uma nova escuridão em sua face e eu não gostava nem um pouco daquilo. Tudo começou depois que Daruell me acusou de ter uma cor de aura diferente na noite passada, e agora eu parecia estar num julgamento sem nem ao menos saber o porquê.

— Está bem — concordou ela, para meu alívio. — Vamos fazer o teste.

— Teste...? — repeti.

— Apenas para termos certeza — informou tia Lena. — Daruell, por favor, faça o que combinamos, sim?

O menino pareceu se dar conta pela primeira vez do que estava acontecendo. Deixou a caneca sobre a pia e se aproximou da mesa, sem pressa. Olívia deu-lhe um giz de cera branco e suspirou decepcionada. Ele segurou o giz e desenhou um pequeno círculo sobre a madeira da mesa. Dentro do círculo, contornou a linha de um símbolo que eu não conhecia, como uma interrogação cortada por dois traços horizontais.



Depois colocou sua mão sobre o círculo e no mesmo momento o desenho se encheu de uma luz vermelha, que foi acompanhada de um pouco de fumaça. Bem no centro da circunferência, brotou uma criatura pequena, não maior que um lápis. Seus olhos eram grandes demais para a cabeça, e as orelhas mais pareciam asas de morcego. Tinha uma pele enrugada, meio marrom, e vestia um trapo minúsculo a fim de cobrir-se da cintura para baixo. Era um diabrete, sem dúvidas.

Primeiro o monstrinho ficou surpreso por ter sido invocado para o plano físico, onde quatro bruxos o cercavam. Assim que se apercebeu do perigo que corria, alvoroçou-se enquanto

tentou escapar do círculo, soltando guinchos agudos de desespero. Daruell bateu com o dedo indicador na testa do diabrete, deixando-o atordoado e sem fazer movimentos bruscos.

— Obrigada — agradeceu tia Lena. — Agora pode deixar conosco. Bem, Ed... você só precisa tocar na criatura.

— O quê?! — meu queixo caiu.

Um diabrete, por pressuposto, pertencia à classe dos demônios-subalternos e era o mais fraco dentre as criaturas nefastas. Mas continuava sendo um demônio, e, portanto, devia ser exterminado antes que tivesse a chance de fazer algo horrível, como sua natureza cobrava.

— Não precisa ficar com medo — assegurou Daruell, para meu espanto. — Se ele tentar alguma coisa, eu protejo você.

Agora meu orgulho tinha sido ferido. Eu não estava com *medo*. Apenas não entendia o motivo de toda aquela confusão por causa de um demônio. Se queriam provar algo, meu contato direto com a criatura não seria de muita ajuda.

— Valeu, campeão — devolvi, sarcástico. — Mas estou certo de que posso me proteger sozinho.

— Você não precisa ser mal-educado, sabe, querido... — tia Lena parecia simpatizar demais com o menino. — Precisamos que toque no diabrete.

— Mas...

— Toque logo no maldito diabrete, Edgar! — minha mãe estava a um passo de se exaltar. — Basta colocar a mão em alguma parte do corpo da criatura, não é nenhum castigo de Sísifo.

Certo, agora as coisas ficaram um pouco fora de controle. Era eu quem devia estar com os nervos à flor da pele, para ser honesto. Quer dizer, primeiro um demônio-pirralho inventa toda uma história sobre minha aura ser diferente das outras, e agora *eu* é quem tinha de passar por um tipo de teste estúpido. Fiquei de saco cheio e levei minha mão direita à cabeça do diabrete.

No instante em que o contato foi estabelecido, senti um calor esquentar meu peito e a criatura pôs-se a urrar de dor. Tudo foi muito rápido e eu mal pude registrar a sucessão de eventos. O diabrete se contorceu onde minha mão o tocava e entrou em combustão. Demorou um punhado de segundos até que ele se desfizesse em um monte de cinzas incandescentes que caíram dentro do círculo.

— Que *porra* foi essa?! — lembro-me de ter indagado.

Minha respiração acelerou. Os rostos que me estudavam partilharam o mesmo assombro e descrédito. O que quer que aquilo significasse, algo de muito sério tinha acontecido bem ali, no meio da cozinha da nossa casa.

Quando encolhi a mão que tocou o pequeno demônio, ela estava trêmula. Na verdade, meu corpo inteiro chacoalhava. Daruell ficou receoso, mas dessa vez esboçou um sorriso na minha direção que eu decifrei como medo do que eu podia fazer a ele. Encarei a palma da mão e não vi nada fora do normal.

— Aconteceu o que temíamos — tia Lena foi a primeira a quebrar o silêncio. Ela se levantou da cadeira em que estava sentada e veio até mim, me deu um abraço apertado e balbuciou no meu ouvido: — Tudo vai ficar bem, meu lindo, tudo vai ficar bem.

— Não temos outra escolha, Ág — disse Olívia com lágrima nos olhos que congelaram minha alma. — Sabe o perigo que ele correrá se SúmraK descobrir.

— Sim — cedeu minha mãe. — Convocarei a Assembleia dos Bruxos.

Capítulo 25 | Alguns Monstros Lendários

A VIDA TEM dessas coisas.

Você primeiro enfrenta um problema que jaz acima da sua capacidade de lidar com dificuldades antes apenas imaginadas. Quando menos espera, uma bomba explode no meio da sua cara para dar perspectiva ao problema anterior, que, doravante, passa ser bem menos desagradável que o problema atual.

Eu nunca participei de uma Assembleia dos Bruxos. Para ser honesto, sequer tinha conhecimento de alguma delas acontecer após eu ter nascido. Mas, por alguma razão, minha mãe decidiu que aquele seria o protocolo a seguir diante das circunstâncias que, para dizer o mínimo, não faziam qualquer sentido para mim.

Tudo bem, eu tinha carbonizado um demônio-subalterno na mesa da cozinha e tudo o mais, entretanto, devia haver uma explicação razoável para aquilo. Talvez eu tenha usado algum feitiço sem me dar conta. Uma resposta automática do meu instinto de sobrevivência diante de uma ameaça demoníaca. Ou ainda um erro de cálculo da minha parte. Qualquer justificativa era melhor do que a provável causa que as mulheres da minha família estavam pensando e que, vejam só!, não estavam dispostas a me contar.

— Agora que começaram — falei —, vocês não podem simplesmente terminar essa discussão sem me contar *tudo*. Exijo saber o que está acontecendo. Quais informações estão escondendo de mim?

Olívia ficou desolada com o resultado do teste, mas ainda partia da posição de que eu não devia saber de nada no momento. Tia Lena estava tão surpresa quanto as irmãs, e era a única a defender que eu devia ser colocado a par da situação, fosse qual fosse. Entrementes, era minha mãe quem tinha a palavra final. Para além de seus posicionamentos sobre o caso, ambas respeitavam a vontade da irmã mais velha.

— Esse assunto não é exatamente agradável, Ed — investiu Olívia. — Não temos uma experiência muito boa com...

— Isso não diz respeito apenas a nós, Liv — interrompeu tia Lena. — Aquilo aconteceu há vários anos... não se pode permitir que o passado governe as possibilidades do futuro.

— Como ousa conjurar as palavras da nossa mãe para vencer este debate? — Olívia fez um contra-argumento. — Sabe muito bem que não será fácil. Uma vez que contarmos a ele, não haverá mais volta. A consciência é um gatilho perigoso.

— Melhor isso do que privá-lo da verdade sobre si mesmo — retrucou tia Lena. — Além do mais, ele acabará descobrindo de uma forma ou de outra. É impressionante como isso não se manifestou mais cedo.

— Na verdade, sequer foi despertado — acrescentou minha mãe, pensativa. — Por isso nunca percebemos. Há casos em que nunca vem à tona e permanece adormecido durante toda a vida do bruxo.

— Não podemos trabalhar com essa expectativa — enfatizou tia Lena. — Devemos estar

preparadas, especialmente diante das circunstâncias atuais.

— Nisso você está certa — Olívia deu o braço a torcer. — Se Súmrak ao menos suspeitar, terá ainda mais motivos para invadir o plano físico — ela fez uma careta. — Pensando dessa forma, a Assembleia é realmente necess...

— Será que vocês podem, por favor, *parar* de falar como se eu não estivesse bem aqui?! — eu estava fazendo um esforço enorme para não perder a calma e parecer um garoto mimado, mas ficava difícil manter o controle quando as pessoas me deixavam de fora de uma discussão que dizia respeito a mim. — Quero saber do que diabos vocês estão falando, para que vão convocar uma Assembleia de Bruxos e, principalmente, por que acham que eu reduzi aquele diabrete às cinzas sem nem mesmo usar magia.

Minha voz tornou-se estridente contra minha vontade e acabei falando mais alto do que pretendia. Estava perto do amanhecer, mas as garotas ainda estavam em suas camas, por isso não queria acordá-las. As três irmãs voltaram a estudar meu rosto, como se tentassem perscrutar algo dentro de mim que poderia entrar em combustão espontânea a qualquer momento.

— Lembra quando contei a você sobre Briano? — ponderou minha mãe, e fiz que sim com a cabeça. — Havia um motivo para ele ser mais forte do que nós três. Ele era o que chamamos de Abrakadabra.

— *Abrakadabra*? — repeti. — Isso é um feitiço para crianças.

— Não exatamente... — esclareceu ela. — É muito usado por crianças por causa de uma simbologia construída ao longo das eras. Um abrakadabra é na verdade um tipo de bruxo excepcional, marcado por um poder muito antigo. Em outras palavras, o espírito da Fênix Azul manifestou-se em Briano.

— Fênix Azul?! — franzi o cenho. — A mesma fênix do conto infantil sobre o surgimento dos bruxos no mundo?

— Sim — confirmou Olívia. — Só que não se trata de um conto infantil.

— De fato — disse minha mãe. — Os Monstros Lendários realmente existiram.

— Agora tudo faz sentido — adiantou-se tia Lena. — Vejam bem: Briano foi o último abrakadabra da Fênix Azul, e ele morreu antes do nascimento de Edgar, mas por volta da mesma época. A relação só pode ser essa! A essência mágica de Briano por alguma razão foi passada para Edgar e o transformou no hospedeiro da Fênix Azul. Está claro! As peças todas se encaixam.

Eu não consegui segurar o riso.

— Vocês por acaso ingeriram alguma droga sem que eu soubesse? — indaguei, à beira de uma crise de gargalhadas. — Ou Daruell finalmente conseguiu atordoar vocês?

Olívia se levantou bruscamente, veio na minha direção e tocou com dois dedos de sua mão na minha testa. No mesmo instante, meu riso parou e um turbilhão de imagens foi carregado para minha mente. Eram algumas de suas memórias selecionadas. Nelas, eu via um jovem bonito de feição delicada e gestos taciturnos. Dentro dele, eu podia enxergar a silhueta de um pássaro azul que repousava na sua fonte mágica.

Aquele era... *tio Briano*.

Olívia escolheu me mostrar cenas em que ele usava seus poderes para fazer curas extraordinárias, e lembranças nas quais ele assumiu a responsabilidade pelas irmãs após a morte dos meus avós. Tia Lena, minha mãe e a própria Olívia eram bem mais jovens, mas tão fortes quanto agora. Fortes demais para bruxas da sua idade. Ainda assim, tio Briano as superava sem qualquer esforço, munido de um nível de energia sem dúvidas superior ao delas.

Era um poder ancestral, que não pertencia ao domínio dos bruxos comuns. O redemoinho

de imagens de Olívia parecia uma espécie de mostruário caótico e funesto da curta jornada de um homem brilhante, cujo potencial deixou de ser explorado quando perdeu a vida para os agressores.

Perto do fim, as memórias ficaram escuras. Percebi que se tratava do prisma sob o qual Olívia encarava a decadência do próprio irmão, sem conseguir fazer nada para ajudá-lo. Em dado momento, observei uma mulher linda, que só podia ser Alice, o amor da vida de tio Briano. Presenciei, em seguida, o momento em que quebraram laços para sempre numa intempestiva discussão que aconteceu numa versão antiga da nossa sala.

— Já chega, Olívia! — tia Lena interrompeu o fluxo do poder que me aprisionava num transe inescapável. — Você não precisava ter feito isso.

Quando o contato entre nós foi interrompido, tive de me apoiar em tia Lena para evitar uma queda. Eu estava tonto e ofegante, e a dor das lembranças pesaram ainda mais sobre mim.

— Se eu fosse você, Ed — alertou Olívia com lágrimas nos olhos —, começaria a levar a sério tudo o que estamos falando aqui. Mesmo como uma bruxa sensória, não sou capaz de prever as consequências da manifestação de um espírito ancestral nos abrakadabras. Nós perdemos Briano, mas pode ter certeza de que não cometeremos o mesmo erro com você.

Olívia jamais usou suas habilidades daquela forma contra mim. Executou uma Indução de Memórias, algo que eu só conhecia pelos livros de bruxaria que li. Eu respirava com dificuldade, atônito com o fato de que não consegui me libertar da magia dela. Então era esse o verdadeiro poder de uma bruxa sensória? Se ela quisesse me fazer mal, eu estaria condenado.

Para meu alívio, ela voltou a se sentar na cadeira, enquanto Daruell a encarava com interesse. Tia Lena sentou-se ao seu lado para se certificar de que não tentaria mais nada indecoroso. Minha mãe, por sua vez, olhava para mim como se eu tivesse merecido a punição da caçula e, portanto, não estava em posição de fazer queixas.

Precisei de alguns minutos para me recuperar. Minha mente estava bagunçada e eu sentia o início de uma enxaqueca. Liberei energia no próprio corpo para aliviar a pulsação nas têmporas. Agora não tinha como não levar a sério a discussão, e, mesmo achando difícil acreditar no que elas me diziam, o jeito era tentar compreender o que o todo significava, a fim de juntar as peças do quebra-cabeça holístico que se impunha na minha frente.

Antes de mais nada, o que eu conseguia lembrar sobre o conto dos Seis Monstros Lendários? Vasculhei minha memória e a única coisa que conseguia recordar eram as noites em que meu pai lia a história para me fazer dormir. Em linhas gerais, dizia-se que o universo foi criado por Seres Animalescos que detinham domínio sobre toda magia existente. Duas dessas Criaturas Inomináveis se apaixonaram e vieram para a Terra. Aqui, deram à luz seis monstros com formas de animais.

Se não estava enganado, tratava-se de uma aranha vermelha, um escorpião negro, um dragão cinzento, um primata acobreado, uma pantera branca e... uma fênix azul. O conto seguia com a rebelião da aranha vermelha, que se encheu de arrogância e derrotou os pais com o intuito de subjugar os irmãos para se juntar ao Seres Animalescos. Os cinco monstros restantes juntaram forças e selaram os poderes da irmã mais velha no mais profundo dos oceanos. Para garantir que nenhum deles repetisse os mesmos atos de terror, decidiram criar as cinco Ordens de Poder, e foram os primeiros Grão-Mestres de cada uma delas. Os monstros se compadeceram da humanidade e compartilharam a Essência da Natureza com homens e mulheres dignos da bênção divina. Assim, nasceram os bruxos.

Aquela era uma história antiquíssima, que, assim como os contos de fadas dos comunais, tinha uma bela mensagem de moral, mas se resumia à imaginação de algum bruxo inventivo

com aptidões de escritor. No melhor dos cenários, não passava de uma alegoria que representava a ascensão do mal e o triunfo do bem sobre as intempéries do mundo.

Não era muito diferente dos relatos contidos nos livros sagrados dos religiosos, e equiparava-se ao pensamento provinciano que buscava um sentido para a existência dos humanos. No fim das contas, podia-se afirmar que era uma fábula muito bem articulada para fazer os bruxos construírem um imaginário simbólico que transbordava todo o folclore já existente na nossa sociedade, porém, quando confrontado com os argumentos corretos, mostrava-se frágil e altamente especulativo.

Fosse como fosse, minha mãe não parecia estar mentindo quando disse que o espírito da Fênix Azul se manifestou em tio Briano. No decorrer do conto infantil, atribui-se à fênix a criação da Ordem dos Curandeiros, o que, nesse caso, fazia sentido. Mas daí a acreditar que o tal espírito do monstro reencarnava em bruxos parecia forçado demais, para não dizer clichê.

— Podemos continuar? — perguntou tia Lena.

Fiz que sim com a cabeça.

— Bem... — retomou minha mãe de onde a interrompi com meu espetáculo particular. — Acredite você ou não, os espíritos dos Monstros Lendários continuam entre os bruxos até hoje. A explicação mais aceita é a de que eles permaneceram entre nós como forma de evitar o retorno da Aranha Vermelha, que com ajuda de bruxos das trevas se libertou da eterna prisão.

— Quando se manifesta — acrescentou Olívia —, o poder do monstro se funde à magia do bruxo, o abrakadabra, e eleva sua energia a níveis imensuráveis. Por esse motivo, tal poder sempre gerou conflitos entre as famílias bruxas.

— Cada Monstro Lendário se manifesta na Ordem de Poder que criou — complementou tia Lena. — O Primata Acobreado nos guerreiros, a Pantera Branca nos sensórios, o Escorpião Negro nos transmorfos, o Dragão Cinzento nos alquimistas... e a Fênix Azul nos curandeiros.

— Estão dizendo que tio Briano era a reencarnação de um dos Monstros Lendários, por isso era mais poderoso que vocês, e mesmo assim foi morto por meros comunais?

— Não é tão simples assim, Edgar — interveio minha mãe. — A morte de nosso irmão pode estar relacionada a uma articulação armada para destituir a família Valburgo do poder da Fênix Azul.

— O que quer dizer?

— Ora, os monstros sempre se manifestam em bruxos de diferentes estirpes, independentemente do sobrenome. Nossa família, no entanto, teve a honra e o azar de possuir esse poder algumas vezes antes de Briano. Assim como a família Montenegro tem um histórico de reencarnações do Primata Acobreado. Lembre-se de que nossas linhagens sempre competiram pelo status de mais forte. Quando descobriram que a Fênix Azul criou um abrakadabra mais uma vez em um dos nossos, os Montenegros sentiram-se em desvantagem, por isso tramaram para diminuir a discrepância mágica entre as famílias.

— Espere um minuto — resfoleguei, perplexo. — Você está dizendo que a morte de tio Briano foi *realmente* causada graças à influência dos Montenegros sobre os comunais que o atacaram, por pura e simples inveja do poder dele?

Ela não respondeu. Nem tia Lena, nem Olívia. Aquela verdade devia doer, e nenhuma delas estava disposta a verbalizar aquilo que podia ser a verdadeira causa da morte prematura de seu irmão. Um conluio inescrupuloso que visava à satisfação da ganância de uns poucos bruxos pela posição de mais fortes.

— Em todo caso — prosseguiu tia Lena —, receio informar que o teste pelo qual acaba-

mos de submetê-lo apenas confirmou que você, de todos os bruxos da Ordem dos Curandeiros, foi o escolhido pela Fênix Azul. Isso faz sua aura ser diferente da nossa. Você é um abrakadabra. Por serem criaturas divinas, os Monstros Lendários possuem forte poder contra demônios, e, diante dessa ameaça aos seres infernais, o bruxo eleito é alvo direto dos Senhores do Desmundo. Temo que a possibilidade de invasão de Súmrak só aumenta o perigo que você corre.

Tomei algum tempo para internalizar o significado daquelas palavras. De pé, o chão balançou debaixo de mim e eu precisei apoiar as mãos na mesa para não titubear. Olhei para Daruell e entendi o motivo de não suportar o contato físico que tivemos dois dias atrás. O mundo estava girando e eu era o eixo de propulsão que aumentava a velocidade das voltas cada vez que abria e fechava os olhos.

— Isso é impossível — balbuciei. — Impensável, improvável, inaceitável. Eu não posso ser a reencarnação de... um monstro saído de uma fábula. Eu não sou poderoso como tio Briano e estou longe de merecer essa... glória maldita.

— Na verdade — disse Olívia —, agora sabemos como você foi capaz de salvar Nina do envenenamento mesmo com um feitiço que excedia as suas reservas de magia. Não é característico de um bruxo da sua idade.

— Não — neguei. — Aquilo foi apenas sorte. Pura e simples sorte.

— Quanto mais lutar contra isso, Edgar — sentenciou minha mãe, apaziguadora —, menos tempo terá para se acostumar com o fato de que você é diferente por uma razão e sabe disso. Os poderes da Fênix Azul ainda estão adormecidos dentro de você, mas, assim que despertarem, passará por mudanças mágicas que devem ser controladas com muito treino e dedicação exclusiva. Sua responsabilidade aumentará e você terá de lidar com perigos que jamais imaginou exist...

— NÃO! — gritei acima da voz dela. — Eu não *posso* ser diferente. Não há nada de especial em relação a mim. Eu não quero nem vou aceitar esse poder herdado por acidente. Sou um bruxo curandeiro, não um abrakadabra. O máximo de ação que devo ter na vida se resume a curar pacientes entre a vida e a morte. Não pretendo sair por aí lutando contra demônios-soberanos que querem me exterminar por causa de algo que sequer domino.

— Edgar...

— Já chega! — continuei, fora de mim. — Estou farto das pessoas me dizendo o que eu sou ou que eu devo ser. Eu sou apenas o Edgar. E qualquer adição imposta à minha identidade não será aceita só porque eu nasci com um bicho ancestral dentro de mim. Não vou permitir que isso me defina.

Antes que a raiva dentro de mim implodisse da pior maneira, deixei a cozinha e fui em direção à porta da frente. Estalei o dedo e as chaves do carro brotaram na minha mão direita. Saí de casa e fui surpreendido pelos raios de sol. Entrei no Jetta, dei a partida e dirigi sem rumo.

Eu só precisava fugir daquilo tudo.

Pelo menos agora.

Capítulo 26 | *Mea Culpa*

LIQUEI O RÁDIO do carro no volume máximo, mas o som não foi capaz de impedir o fluxo de pensamentos borbulhando na minha mente. A paisagem urbana se tornou um borrão e esse foi o único indício que tive da velocidade em que dirigia.

Sofrer um acidente não me parecia uma ideia tão ruim naquela hora, mas concluí que essa ação irresponsável talvez fizesse as atenções se voltarem ainda mais para mim. Eu já estava arrependido do modo desrespeitoso com que saí de casa, por isso não queria acrescentar um ato de egoísmo à lista de coisas idiotas que fiz.

— Você está ferrado! — exclamei para mim mesmo.

Entretanto, eu continuaria defendendo minha posição. Nunca em toda minha vida invejei tanto os comunais, cujas preocupações não incluíam esconder-se de demônios capazes de rasgá-los ao meio com um único movimento dos dedos. Ou garras. Ou o que quer que demônios tivessem na extremidade das mãos.

Foda-se!

As implicações de aceitar o papel de herdeiro do poder ancestral de um Monstro Lendário iam muito além de abdicar da vida pacata que eu levava. Significava, antes de qualquer coisa, que eu teria de desistir das ambições e planos para o futuro. Isso sem falar no perigo que as pessoas à minha volta correriam.

A manhã nasceu com um espetáculo de luz solar que aqueceu meu rosto em contraponto à brisa gélida que entrava pela janela do carro. Quando menos percebi, deixei a área urbana para trás e me aproximava do caminho de terra que dava para o Lago dos Pirilampos.

Parei o Jetta antes de continuar. Questionei a mim mesmo se estava preparado para aquilo. Não botava os pés ali havia dois meses, desde o dia em que Klaus e eu partimos relações. A memória ainda estava muito fresca e talvez aquele não fosse o melhor momento para voltar ali.

— Tem coragem de arriscar, seu idiota? — me desafiei.

Por outro lado, eu estava sendo um tolo ao ceder tanta influência sobre meu humor para um lugar que não passava daquilo, *um lugar*. Prossegui pelo caminho e desliguei o rádio, que de nada serviu para me livrar dos pensamentos que eu não queria confrontar. Quando cheguei ao fim do acesso ao lago, fui surpreendido por um carro que já estava no local.

Não demorou até que eu reconhecesse o Honda do pai de Klaus, o que significava que o próprio Klaus estaria no lago. Mas o que ele fazia ali àquela hora da manhã? Uma resposta passou pela minha cabeça eu não pude acreditar que era verdade. Talvez ele tivesse passado a noite inteira lá... com Jéssica.

A menor possibilidade de aquilo acontecer fez meu corpo vibrar com um misto de ciúme, raiva e decepção. Ele não podia ter feito aquilo. Não *naquele* lugar. O Lago dos Pirilampos pertencia às nossas lembranças, e o simples fato de Klaus profanar a memória do sentimento que construímos juntos doeria mais do que uma apunhalada.

Tentei me segurar, mas a adrenalina tomou conta do meu sangue. Eu podia relevar um milhão de outras coisas, mas aquela era uma das que eu não permitiria. Saí do carro e bati a porta com força atrás de mim. Andei a passos largos e me preparei para constranger o caszinho com o ápice da minha ira. Estava pronto para discutir e tinha argumentos egocêntricos que pretendia jogar na cara de ambos.

Entrementes, Klaus estava sentado à margem do lago, descalço, enquanto encarava o remanso iluminado pela alvorada. *Sozinho*. Um balde de água fria foi arremessado junto com meu orgulho na raiva que eu sentia. Era prepotência da minha parte achar que ele traria Jéssica para aquele local, e, agora que eu sabia que ela não estava presente, me perguntava o motivo de tê-lo encontrado ali.

Travei um conflito interno no qual tentava me decidir se ia embora ou não. Ele ainda não tinha me visto, por isso eu poderia sair dali sem ser percebido. Aquela era a coisa correta a se fazer. Meus problemas atuais eram indubitavelmente mais difíceis do que *aquela* problema anterior, por isso talvez não valesse a pena descascar a ferida que somente há pouco tempo começou a cicatrizar.

Dei meia-volta e andei em direção ao carro. Quando abri a porta do Jetta, porém, fiquei parado por um longo tempo enquanto outro conflito interno acontecia dentro de mim. De um lado, Klaus, membro da família arquirrival cuja participação na morte do meu tio pode ter sido bem mais do que uma especulação. De outro, Klaus, o cara que disse que me amava e a quem retribuí com um soco no rosto. Os oponentes podiam ser os mesmos, mas a luta na minha cabeça era sangrenta.

Eu sabia que ia me arrepender em qualquer uma das escolhas que fizesse. Afinal, eu era *aquela* tipo de pessoa. Que se arrepende e fica com a consciência pesada ao ponto de não ser capaz de suportar mais. Resolvi, contrariando o bom senso, ir até ele. A distância que nos separava não tinha mais do que cem passos, mas pareceu muito maior quando minha respiração ficou acelerada.

Me dei conta de que saí tão apressado de casa que sequer me importei de trocar a roupa. Eu vestia um calção xadrez largo, uma camiseta branca, e calçava um chinelo que, embora estivesse gasto, era o ápice do conforto para os meus pés. Me aproximei em silêncio, observando Klaus de frente para o lago. Seus cabelos louros e indomáveis brilhavam com a luz e ele vestia um pijama com listras brancas e amarelas.

— Por um momento — disse ele, suave —, pensei que não viria falar comigo.

— Então me percebeu chegando?

— Sou um bruxo guerreiro — lembrou ele. — Parte do meu treinamento envolve estar ciente do que se passa ao meu redor.

Fiquei calado.

— Além do mais — continuou —, reconheceria o barulho do seu carro mesmo se eu fosse surdo.

— Meu Jetta não é barulhento — pontuei.

— Não disse que era. Apenas quis dizer que o som que ele emite está gravado dentro de mim. Não acho que consiga esquecer mesmo que tente.

Me calei. Por que ele tinha que dizer coisas como aquela? É difícil manter a raiva quando se ouve esse tipo de confissão. O arrependimento esgueirava-se pela porta e eu soube que ter ido até lá foi um erro. Estava entrando outra vez no oceano de escuridão no qual me afogava até pouco tempo atrás.

— O que faz aqui? — exigiu saber.

— Eu poderia perguntar o mesmo — devolveu ele.

— Tive uma briga em casa, precisava sair de lá. Qual a sua desculpa?

— Gosto de assistir ao nascer do sol daqui. Tenho feito isso algumas vezes por semana nos últimos dois meses. Mas, especialmente hoje, vim aqui para ter paz.

— Paz?

— Paz — repetiu ele. — Sim. Terminei o namoro com Jéssica.

Meus olhos se arregalaram.

— É claro que a versão oficial a circular na escola será a de que ela me deu um chute na bunda — ele levantou os ombros. — Que seja. Não me importo com o que falam sobre mim.

— Algum motivo em particular? — indaguei.

— Na versão resumida, disse a ela que não suportava a maneira como tratava as pessoas, e que seu complexo de abelha rainha era tão entediante que sequer merecia pena, e que eu não podia namorar alguém que não gostava dos filmes de Hitchcock, e que ela podia enfiar a popularidade onde o sol não brilha.

Eu sorri.

— Deve ter doído — comentei.

Nesse momento, ele se virou para olhar para mim. Eu continuava de pé e ele continuava sentado no chão gramado. Prendemos o olhar um no outro e demoramos algum tempo estudando nossas expressões. Era a primeira vez que fazíamos aquilo depois do dia fatídico.

— Você não desistiu de ir embora para vir aqui *brigar* comigo — concluiu ele. — Então para q...

— Vim pedir desculpa.

— Isso é novidade! — havia sarcasmo e mágoa na sua voz.

— Mereci essa.

— Há uma lista de outras coisas que merece — completou ele. — Mas...

— Espere. Deixe eu falar primeiro.

— Tudo bem.

Respirei fundo. Não tinha preparado um discurso para aquela ocasião, e ia ter de improvisar se quisesse tirar o peso dos ombros. Estava começando a ter receios de falar besteira e não conseguir fazer aquilo apropriadamente. Senti as maçãs do rosto esquentarem e soube que estava corando.

— Eu fodi tudo — *ótimo jeito de começar um pedido de desculpa, Edgar*. — Quer dizer, estraguei a coisa toda e quando me dei conta da merda que tinha feito já era tarde para consertar. Desde o começo, você foi o único que enxergou um futuro além da vidinha medíocre que eu levava. Antes de você aparecer, eu pensava que era feliz, que era dono de mim mesmo e que podia fazer o que quisesse. Por isso associei o sentimento que nutria quando estávamos juntos à privação da minha felicidade tão bem estruturada durante anos. Apenas depois de *perder* você percebi o castelo de cartas sobre o qual minha ideia de felicidade foi construída, e que ruíu no momento em que o agredi naquele dia horrível.

“Não espero que perdoe o que fiz, nem que sinta pena da pessoa que eu me tornei. Só quero que saiba que eu sinto muito. De verdade. E mereço a punição que está sendo empregada a mim nesse momento. Mas, sobretudo, preciso deixar claro que não tinha intenção de responsabilizá-lo pelo passado das nossas famílias, nem insinuar que você é como o resto deles ou fazer disso um insulto contra a sua linhagem”.

Eu sempre fui bom com as palavras, mas algo me dizia que não havia qualquer eloquência no que eu falava. Eu tinha muito mais coisas para expulsar da mente, mas, no geral, aquilo resumia meu estado de espírito quanto às injustiças cometidas contra Klaus. Antes tarde do que nunca.

Ele se levantou e me fitou demoradamente nos olhos. Eu estava tão acostumado àquelas íris que podia mergulhar no azul cinzento delas e me perder feliz para sempre. Por um lapso de instante, ele cogitou me abraçar, mas, para todos os efeitos, nós não estávamos naquela sintonia, por isso permaneceu de pé na minha frente, pensativo.

— Se me lembro bem — retorquiu ele —, fui eu que chamei você e sua família de parasitas inconvenientes para o mundo bruxo. E você me deu apenas um soco em resposta. Se fosse alguém da minha família a ser insultado desse jeito, a história terminaria com um banho de sangue. Eu feri a honra do nome que você carrega, e, apesar de nossos pais preferirem matar uns aos outros a terminar essa rivalidade centenária e conviver pacificamente, isso não tem nada a ver com você. Por esse motivo, eu também peço desculpa. Fui um egoísta e precipitado que, ao invés de ver as coisas claramente, acabou se mostrando um moleque mimado que exige tudo à sua maneira e não se comporta bem quando contrariado.

Ele estava certo de se desculpar por aquilo, mas, competitivo como eu era, não achava que ele devesse fazê-lo, pois sentia que minha culpa era maior. Afinal, *eu* fui o sabotador da nossa relação desde o início, enquanto ele tentava me mostrar algo que eu não conseguia ver por conta de uma tendência autodestrutiva de achar que havia coisas mais importantes do que merecer a felicidade.

Lendo as entrelinhas, era como se eu não tivesse aceitado minha identidade, e constatar aquilo abriu um buraco dentro de mim. Há poucos minutos, exigi respeito da minha família pelo que eu sou, quando, na verdade, eu estava longe de aceitar a mim mesmo. Fui extremamente injusto com minha mãe e é provável que a tenha magoado por um capricho egocêntrico que me assombraria por muito tempo.

Eu precisava me preparar para pedir mais desculpas. Talvez conseguisse me tornar um expert no assunto se passasse a me colocar no lugar do outro, tentando conceber uma visão mais abrangente das relações que me diziam respeito. Do contrário, acabaria deixando um rastro de mágoas que, com o tempo, me sufocariam lenta e merecidamente. Estava na hora de mudar.

— Nós começamos do jeito errado — arqueei, mais leve porque não precisava sentir raiva do cara por quem eu tinha sérios desejos de beijar. — Fomos rápidos demais e tudo terminou de um jeito doloroso.

— Consigo perceber isso agora — admitiu ele. — Fiquei tão feliz de encontrar uma outra alma compatível com a minha que fiz questão de desprezar todos os passos importantes de um relacionamento.

— Acho que somos meio passionais.

— Somos *definitivamente* passionais.

— O que pensa sobre tentarmos outra vez?

Minha pergunta o pegou desprevenido. Não porque ele pretendia recusar a possibilidade, mas porque não fazia o meu feitiço tomar iniciativas como aquela, que incutiam um compromisso a ser honrado no tempo futuro.

— Quer dizer que...?

— Sim — resfoleguei, excitado com a ideia. — Que acha de começarmos do zero, e tentar ir mais devagar dessa vez?

— Se nossos pais descobrirem, estamos ferrados.

— Nas atuais circunstâncias, já estou bem ferrado.

— Por falar nisso... — disse ele. — Por que veio até aqui hoje?

A verdade não era fácil de contar, mas fiz um esforço e fui em frente. Confessei a Klaus tudo o que aconteceu desde o retorno de tia Lena à cidade. A parte dos demônios, a parte da

conspiração e... a parte do “Ei, eu sou a reencarnação de um Monstro Lendário que, veja só!, pode causar um grande estrago mágico e por isso é alvo de um punhado de demônios-soberanos, mas, fora isso, tudo joia”.

Klaus escutou a tudo em silêncio. Não era algo que você ouvia todo dia, especialmente se isso significasse que o possível cara por quem você tem sérios desejos de beijar correria perigo constante caso alguém descobrisse. Ele ficou ainda mais impressionado com a possibilidade de uma Assembleia de Bruxos acontecer em Anévoa, já que, assim como eu, nunca participou de uma.

— Espere um minuto — ele me interrompeu. — Pelo que me consta, assembleias só podem ser convocadas por Grão-Mestres. Ouvi meu pai falar algo sobre isso. Como sua mãe pretende fazer a convocação?

— Não sei — respondi. — Para ser honesto, não pensei sobre isso.

— Ela devia vir falar com meu pai.

— Você vai me desculpar, Klaus, mas acho que a última coisa que nossos pais pretendem fazer agora é ajudar um ao outro.

— Isso vai além das nossas famílias — explicou ele. — Você não entende? Se Súmrak realmente for trazido para o plano físico, *todos* os bruxos correrão perigo. Ele não vai sair por aí perguntando sobrenomes antes de matar os dominadores de magia. E isso nem é o pior! Se o Mestre Crepuscular descobrir sobre seus poderes, pode tentar derrotá-lo. Você disse que a Fênix Azul ainda não despertou, por isso não tem chance alguma contra um soberano.

— Sua perspectiva está me deixando mais assustado — falei. — Já é difícil o bastante ter de lidar com algo adormecido dentro de mim, e que pode significar perigo para todo mundo à minha volta.

— Você precisa de proteção, Edgar — disse ele. — Por mais poderosa que sua família seja, um demônio-soberano é muito mais extraordinário. Sua mãe está certa em querer convocar a assembleia, visto que esse assunto diz respeito a todos nós.

— Tem razão — dei o braço a torcer. — Talvez minha mãe tenha mesmo de fazer uma visitinha ao seu pai.

— Ele vai entender — deduziu Klaus, convicto. — Pode ser um homem orgulhoso, mas não é estúpido. Súmrak é uma ameaça à Sociedade Bruxesca como um todo, não há como fugir disso.

Precisou apenas colocar tudo para fora e ter alguém para ouvir. A raiva tinha passado, embora a adrenalina continuasse nas minhas veias. Fui um cabeça-dura incapaz de enxergar um palmo à frente do nariz. De algum modo, Klaus conseguiu me ajudar a desanuviar os pensamentos e fazê-los trabalhar mais organizados.

Conversamos por horas sem ver o tempo passar. Atualizamos um ao outro quanto aos acontecimentos dos dois meses que passamos separados. Parecia que tínhamos viajado e retornávamos, depois de um tempo, para o mesmo ponto onde tínhamos parado. Era ótimo ter alguém como ele para dialogar, sem julgamento ou cobrança.

Sentamos ao pé da árvore que testemunhou o desenlace do nosso amor, e aproveitamos para compartilhar experiências da vida como bruxos, como se nos conhecêssemos pela primeira vez. Dividimos histórias engraçadas sobre treinamentos e rotinas em que a magia estava sempre presente. Deitei minha cabeça sobre seu colo e me permiti achar graça no menor farfalhar de folhas que fosse, e do movimento da água, e da passagem do sol pelo céu.

Sem pregar o olho a noite inteira, acabei adormecendo no embalo suave de Klaus. Acordei, horas depois, nos braços dele, sorrindo para mim, dizendo que tudo ia ficar bem. Naquele momento, desisti de recomeçar do zero, desisti de ir devagar. Era ridículo termos de negar o

desejo que ambos sentíamos na mesma intensidade. Quando Klaus veio de encontro aos meus lábios, uma corrente de eletricidade envolveu meu corpo e eu soube, de uma vez por todas, que devia enfrentar tudo e todos para ser digno do amor que ele me cedia. Dali em diante, não ia mais esconder nem reprimir meu verdadeiro eu.

Meu nome era Edgar Doriarte Valburgo.

E eu era o herdeiro do poder da Fênix Azul.

— Um abrakadabra.

Capítulo 27 | Perspectiva

NA VOLTA PARA CASA, tomei a decisão que assombra todo adolescente em transição para a fase adulta nas minhas condições. Sair do armário. *Argh!* Apenas pensar naquela expressão fazia um arrepio subir pelo meu corpo dos pés à cabeça. Numa escala de coisas importantes, assumir minha orientação sexual para a família estava bem abaixo de ter de enfrentar demônios, mas não se pode comparar as duas coisas, pois ambas exercem graus de medo semelhantes em diferentes contextos.

Em resumo, eu caminhava para a forca.

Acabei passando a manhã inteira com Klaus e agora estava morrendo de fome, o que contrastava de um jeito peculiar com todo o nervosismo que se apoderou de mim. Ponderei em que momento minha vida mudou tanto. No começo daquele ano, as coisas não podiam ser mais normais. Quase seis meses depois, no entanto, minha vida era outra completamente diferente.

Estacionei o Jetta ao lado da minivan da família e tomei um susto quando vi minha mãe sentada nos degraus do pórtico da casa. Seus olhos inchados, sinalizando um período de choro pelo qual fui o culpado; meu coração partiu-se em um milhão de fragmentos.

— Aqui vamos nós — tentei me encorajar.

Nada do que eu dissesse poderia expressar meu arrependimento de maneira satisfatória. Por esse motivo, fui até ela e a abracei tão apertado que seria capaz de esmagá-la com a culpa que sentia. Ela se levantou para me receber e retribuiu o abraço com o calor maternal que eu jamais experimentei nos braços de outro ser vivo. Aquele não era um simples gesto de afeto, ou uma mera demonstração do meu pedido de desculpa. O significado do nosso abraço ia muito além de uma reconciliação entre mãe e filho. Por parte dela, queria dizer que não mediria esforços para me manter seguro. Por minha parte, traduzia-se em agradecimento a todo amor e carinho reservado a mim durante meus dezessete anos de existência.

— Mãe... — balbuciei.

O universo inteiro parou para observar aquelas duas pessoas entrelaçando-se numa implosão de afeto que ultrapassava a compreensão humana. Naquele momento, o abraço da minha mãe funcionou como um encantamento para curar minha dor. Alicerçava um novo capítulo da minha história que jamais poderia ser o mesmo sem a possibilidade do seu respeito.

— Fiquei com medo que não fosse voltar mais — disse ela, com a voz embargada, quando finalmente deixamos os braços um do outro. — Achei que o tinha perdido, meu filho.

— Isso é impossível, mãe — falei, as lágrimas descendo. — Eu a amo demais para cometer uma loucura dessas. Sei que fui um idiota, mas não seria capaz de deixar para trás a pessoa que eu mais admiro, respeito e em quem mais me inspiro no mundo todo.

Aquela altura, eu não conseguia parar de soluçar. Eu era uma criança em busca de conforto e minha mãe era a única que podia oferecê-lo. Ela descansou as mãos nos meus ombros, a fim de acalmar minha ansiedade.

— Preciso dizer uma coisa — optei por ser direto. — Eu sou gay.

Eu gostava de pensar que estava preparado para qualquer reação, mas na verdade nada pôde antecipar o olhar que ela me reservou quando coloquei aquilo para fora. Ela pareceu desapontada; não pelo teor da minha confissão, mas pelo fato de que somente agora eu estava compartilhando aquele segredo. Me abraçou novamente, e falou no meu ouvido com uma voz suave.

— Ainda bem — ela sorriu. — Por um momento pensei que ia me dizer que gostava de garotas. Isso seria tão estranho.

Eu a fitei perplexo.

— Ora, não olhe assim, querido — ela jogou as mãos para o alto. — Sou sua mãe. Eu tinha minhas teorias.

— Mas...

— Isso não muda nada — disse ela, firme. — Você continua sendo meu filho e eu continuarei amando-o até o dia em que der meu último suspiro.

— Então, você não tem problemas com isso? — aquilo era bom demais para ser verdade.

— Quer dizer... sou gay e... tudo bem?

— Bem... O que esperava que eu fizesse?

— Sei lá... qualquer coisa, menos ser tão compreensiva.

Ela gargalhou.

— É aquele ditado: antes um filho veado do que malvestido.

— O quê?! — quase me engasguei. — Você acabou de inventar isso, não foi?

— Talvez. O que importa é que você é meu filho e sua orientação sexual não interfere nessa verdade. Só preciso que você seja feliz, querido. Isso me basta.

Eu a abracei novamente.

— Obrigado, mãe.

— E como Klaus tem passado? — perguntou ela.

Eu a olhei, incrédulo. Meu queixo estava no chão.

— Disse para não me olhar desse jeito — repetiu. — Eu já sabia.

— Eu vou matar Olívia. Ela não tinha o direito...

— Olívia não me contou nada. Foi Andrômeda.

Meu sangue gelou.

— Sem chance!

— Achou mesmo que eu não descobriria sobre o encontro de vocês, justo quando dei ordens expressas para você não manter laços com os Montenegros? Jamais permitiria que você fosse até aquele local sem me certificar da sua segurança antes.

— Você confia na *mãe* de Klaus?

— Andrômeda pode ser uma Montenegro, mas antes de se casar era uma Vieira. Sua família nunca teve problemas conosco, e eu a conheço de longa data.

— Uau! — me restringi a dizer. — E o que você... hum... pensa sobre... Klaus e eu sermos mais que amigos?

— A resposta fácil é que não gosto da ideia de você estar se envolvendo com o inimigo — disse ela. — A resposta difícil, mas a versão que pretendo aceitar por você, é que Klaus é apenas um garoto sem responsabilidade alguma pelo passado de nossas famílias. Mais importante, porém, é que o amor de Briano e Alice foi dilacerado pelos pais dela. Em retrospecto, se eu o proibir de amar Klaus, não serei melhor do que eles foram naquela época.

— Isso significa...?

— Que, pela sua felicidade, estou disposta a permitir seu namoro com Klaus Montenegro.

Contudo, não tenho como saber a maneira que os pais *dele* vão reagir a essa notícia.

— Eu só me importo com a sua aprovação — falei. — Agora, se me der licença, preciso contar ao resto da família antes que perca a coragem.

Aquilo era clichê. Mas, de fato, foi como se um peso tivesse saído dos meus ombros. Eu tinha vontade de chorar, pular, dar piruetas e me arrepender de todo o tempo que esperei para externar aquele segredo. A reação da minha mãe foi muito melhor do que antecipei e eu não cabia em mim de satisfação.

Fiz questão, em respeito às mulheres da minha família, de contar pessoalmente para cada uma delas. Olívia já sabia, por isso ficou feliz quando soube da minha declaração pública. Tia Lena falou que eu ainda podia me tornar um guerreiro brilhante, e que dava total apoio, enquanto Daruell se perguntava o que era um gay.

— Você é gay?! — surpreendeu-se Erínia.

— Mas... e toda aquela história — lembrou Maeve — de você ter uma queda por mulheres mais velhas e paquerar Tati?

— Tudo mentira — confessei.

As gêmeas rolaram os olhos e disseram que pelo menos agora eu seria mais interessante, para variar. Lílian me mandou não interromper sua leitura outra vez a não ser que alguém estivesse morrendo, e Acácia me deu os parabéns, meio incerta de como agir numa situação daquela. Mas a reação mais inusitada veio de Zara, a caçula.

— Isso significa que você vai morrer de AIDS? — perguntou ela.

Com cuidado, tomei algum tempo para explicar a ela tudo o que havia de errado com aquela concepção. Não demorei a perceber que a dúvida dela provinha de inúmeros jargões aos quais ela era exposta na escola, e que, a partir de agora, me encarregaria de desconstruir.

Depois do almoço, mais calmo e conformado com tudo o que aconteceu naquele dia, nos reunimos na sala e aceitei conversar sobre as implicações de eu ser, ao que tudo indicava, a reencarnação do Monstro Lendário. Um abrakadabra. Àquela altura, fomos obrigados a contar para as garotas sobre *esse* segundo detalhe sobre mim, já que, dali em diante, a vida delas também mudaria.

— Antes de mais nada — sugeriu tia Lena, enfática —, você precisará receber treinamento bélico. E as garotas também.

— Acha mesmo necessário? — questionou Olívia.

— Devo concordar com Helena — disse minha mãe. — Seríamos tolas se não os ensinássemos a se defender sozinhos.

— Nesse caso — Olívia aceitou o argumento —, também posso ensiná-los a usar magia sensória para situações de perigo.

— Ótima ideia — anuiu minha mãe. — Em paralelo, precisamos descobrir como despertar os poderes da Fênix Azul. Se SúmraK descobrir sobre o Monstro Lendário, é melhor que Edgar saiba como usar a energia que faz dele um alvo para começo de conversa.

Aquiesci.

— Como tio Briano despertou os poderes dele? — perguntei.

— Na verdade, eles já nasceram despertos — informou Olívia. — O que é muito estranho, pois heranças como essa só se manifestam a partir da puberdade.

— Ela está certa — complementou tia Lena. — Como Ágata falou mais cedo, às vezes o abrakadabra passa a vida inteira sem despertar os poderes. No entanto, desde a tenra idade, Briano deu indícios de possuir poderes além do comum. Para ele, não havia uma barreira mágica aprisionando seu potencial. Receio que ele foi um caso isolado na incidência de reencarnações do Monstro Lendário.

— Isso não é de muita ajuda — falei desanimado. — Não faço a menor ideia de como despertar esse poder. E se ficar adormecido até eu morrer?

— Poderes grandes assim se manifestam em situações de extrema tensão — para surpresa de todos, foi Daruell quem deu a resposta. — Quase sempre, traumas puxam o gatilho para impulsionar a liberação de energia. Quando isso acontece, costuma ser agressivo, e, se o hospedeiro não for hábil o suficiente, pode acabar perdendo o controle para o poder dentro dele.

Confrontado com olhares incrédulos, acrescentou.

— O que foi? Posso parecer com uma criança, mas tenho setecentos e vinte nove anos na contagem etária humana. De onde venho, o poder é tratado de muitas formas. Existem poções mágicas capazes de despertá-lo, embora eu não tenha certeza se o mesmo serve para abrakadabras, já que nunca tinha ouvido falar neles.

— Está querendo dizer que uma poção pode servir? — me certifiquei.

— Sim — respondeu ele. — É bem comum, para ser honesto. Demônios usam poções o tempo todo para manipular magia. É perigoso, mas, nas mãos de alguém experiente, pode funcionar.

— Mais um motivo para convocar a Assembleia dos Bruxos — inquiriu tia Lena. — Além de alertarmos a todos sobre a ameaça de Súmrak, podemos sondar algum especialista em poções. Pode ser nossa única chance.

— Isso me lembra de uma coisa — disse minha mãe.

Ela juntou as mãos em forma de concha, elevou até a altura do rosto e soprou. Fez surgir um brilho amarelo que adquiriu gradualmente a silhueta de uma borboleta. Estava codificando uma mensagem mágica. Quando terminou, soltou a borboleta brilhante e a deixou voar pela janela.

— Para quem mandou a mensagem? — ponderei.

— Teófilo Montenegro — respondeu ela, indiferente. — Marquei um encontro à meia-noite, na casa de Tatiana. Receio que precisamos de ajuda nessa empreitada.

Capítulo 28 | Trégua

A **SOCIEDADE BRUXESCA** era regida por algumas regras morais, que, apesar de não terem sido escritas em nenhum papel, eram respeitadas por todos os bruxos sem exceção. Uma delas dizia respeito à área guardada por uma bruxa protetora, que, como mandava o protocolo, devia ser considerada como terreno neutro.

Olívia ficou em casa com as garotas e Daruell para garantir sua segurança, mas monitoraria o encontro com seus poderes. Mamãe, tia Lena e eu chegamos ao local faltando cinco minutos para a meia-noite. Estacionei o Jetta ao lado da placa do Café. Havia dois carros na frente do estabelecimento, e um deles era o Honda do pai de Klaus.

Acionei a Chave de Barreira no escudo de proteção em volta do perímetro e passamos para o lado de dentro. Tati nos recebeu à porta, feliz em nos ver, mas séria e apreensiva com aquela reunião de última hora. Quando ligamos para pedir o favor, ela não recusou, mas sabia que um encontro entre Valburgos e Montenegros era certamente imprevisível.

— Bem-vindas, minhas amigas queridas — ela saudou mamãe e tia Lena. — Os Montenegros estão à espera. Tentem se comportar, sim?

Entramos no Café e o encontramos completamente mudado. Precavendo-se contra uma possível luta, Tati retirou todas as mesas e assentos do lugar, deixando um salão enorme e iluminado livre para qualquer confronto eventual. A atmosfera antiga e confortável do lugar deu espaço a uma sensação lúgubre e de nervos aflorados.

No meio do hall, havia um grupo de seis pessoas, o que significava que se algo de fato acontecesse nós estaríamos em desvantagem. Reconheci de imediato Teófilo e Andrômeda, lado a lado. Atrás deles estavam Norberto e sua esposa, Doroteia. Havia um homem que eu nunca vi antes, mas devia ser o sobrinho mais velho de Teófilo, Tiago Montenegro. Klaus estava mais afastado, perto do banheiro unissex, enquanto Príncipe Vlad implorava por carinho em suas pernas. Nenhum sinal do idiota-mor nem do vice-idiota-mor. Hugo e Magnus provavelmente foram poupados do perigo do encontro, embora eu achasse que dariam um braço para estar ali.

Lancei um olhar para Klaus e acenei com a cabeça, discreto.

— Mestre Teófilo — tia Lena fez uma ínfima reverência ao superior.

Podíamos ser de famílias rivais, entretanto, o protocolo hierárquico dos bruxos a obrigava a tratar com respeito o Grão-Mestre da ordem à qual pertencia. Não concernia a uma questão de poder, mas de convenção social.

— Helena — devolveu ele.

— Antes de começarem a falar sobre o assunto que os trouxe aqui — Tati posicionou-se no meio das duas famílias, como um juiz apaziguador —, devo lembrar a todos que esta é uma área neutra. Em virtude da convivência mágica, tal premissa deve ser respeitada mesmo pelos Grão-Mestres e bruxos mais poderosos. Se agirem de forma contrária, serei obrigada a usar Selos de Contenção.

Os selos aos quais ela se referia tinham o poder de diminuir a magia dos bruxos por um curto espaço de tempo, mas longo o suficiente para que o bruxo fosse contido. Todos balançaram a cabeça em acordo, por isso, ela se afastou para um canto do salão e passaria a observar a conversa em alerta.

— E então? — pronunciou Teófilo com desdém no tom de voz. — Qual o motivo desse encontro?

— Viemos solicitar que convoque a Assembleia dos Bruxos — respondeu minha mãe, altiva. — O mais rápido possível.

O homem riu, jocoso. Norberto e seu filho cochicharam alguma coisa em resposta, enquanto Andrômeda e Doroteia apenas trocaram olhares apreensivos. Klaus permaneceu seguro, fingindo estar tão surpreso quanto os outros.

— Você não espera — disse o homem — que eu convoque a Sociedade Bruxesca para uma assembleia porque os Valburgos não querem mais brincar de casinha.

— Temos razões para exigir uma assembleia — acrescentou tia Lena. — Razões essas que afetam a todos nós.

— Então, conte-nos — Norberto falou pela primeira vez.

Tia Lena passou a relatar toda a investigação que executou nos últimos cinco meses, sem esconder nenhum detalhe. Enquanto ela falava, as expressões dos Montenegros mudaram de arrogância para incredulidade. Compreender as dimensões do relato não era fácil, eu era a melhor prova daquilo. Ainda mais quando havia possibilidade de um bruxo estar por trás de toda a conspiração.

Os expectadores ficaram particularmente contrariados quando tia Lena contou sobre Daruell, filho de Súmraak, a quem raptou para fazer fracassar os planos do demônio-soberano. A atitude não foi bem recebida por Teófilo, que, como Grão-Mestre da Ordem dos Guerreiros, dispunha de autoridade para puni-la sem consultar os líderes das outras ordens.

Entrementes, assim como nós, os Montenegros sabiam que se houvesse a menor possibilidade de a investigação de tia Lena estar certa, seria tolice negligenciar uma ameaça de proporções tão alarmantes aos comunaes e aos bruxos. Súmraak não iria diferenciar entre um e outro. Destruiria qualquer um que tentasse obstruir seu caminho, e, portanto, precisava ser derrotado a todo custo.

— O que você fala é algo perigoso, Helena — aduziu Teófilo. — Mas como espera que acreditemos nessa história mirabolante se não tem prova alguma para convalidar suas informações?

— Tenho o filho de Súmraak. Ele pode...

— Apenas provar que você o raptou — interrompeu o Grão-Mestre, irritado. — Não espera mesmo que eu dê crédito às palavras de um demônio, que, generosamente, escolheu ajudar uma bruxa ao invés de obedecer ao próprio pai.

— Caso não tenha entendido — interpelou minha mãe —, Súmraak pretende sacrificá-lo no ritual de Fusão de Corpos. Corrija-me se eu estiver errada, mas penso que esse motivo seja suficiente para um demônio desertar.

— Isso não importa! — intrometeu-se Norberto. — Ele é um *demônio*. Trabalhar com um deles é tão perigoso quanto enfrentar o Mestre Crepuscular. Vocês estão loucas se pensam que outros bruxos vão compactuar com algo assim.

— Gostaríamos de ouvir essa resposta da boca dos próprios bruxos — tia Lena voltou a falar. — Não cabe a vocês decidir o que deve ser feito para conter essa ameaça.

— Ameaça que *você* trouxe a Anévoa, para começo de conversa — Doroteia resolveu expor o que pensava. — Isso é típico dos Valburgos, sempre tentando chamar atenção para si.

Fico impressionada de não ter acontecido antes.

— Você não pode estar deliberadamente acusando minha família de ter feito isso de propósito, Doroteia — replicou minha mãe, tonitruante. — São os Montenegros que possuem um histórico de conspirações. Recusar-se a ajudar pode ser muito bem usado contra vocês na Assembleia dos Bruxos. Já pensou nas consequências? Uma punição dos Grão-Mestres para toda a família. Isso é algo que eu gostaria de ver.

Doroteia abriu a boca para argumentar, mas ficou sem palavras.

— Acho que não estão entendendo a gravidade da situação — prosseguiu minha mãe, usando a mesma eloquência de antes. — Uma vez que Súmraak adentre o plano físico e consiga um corpo permanente, seu poder será capaz de dizimar bruxos e comunais. O sobrenome de nossas famílias pouco importará quando o estivermos enfrentando. Se esse momento chegar, será uma guerra entre bruxos e demônios, sejam Valburgos, Montenegros ou qualquer outra estirpe mágica do nosso mundo. Fiquem de braços cruzados e não passarão de entusiastas da causa de extermínio que assolará a cidade muito em breve.

As palavras dela serviram para ao menos deixá-los pensativos por algum tempo. Era melhor estar errado e agir em virtude da advertência de tia Lena do que negligenciar o aviso e ele se mostrar verdadeiro. Se um demônio-soberano pretendia invadir a cidade, era necessário se preparar com a vantagem da ação imediata.

— Pois bem — Teófilo anuviou a expressão, carrancudo. — Exijo, como Grão-Mestre da Ordem dos Guerreiros, que o filho de Súmraak seja transferido para um lugar seguro agora mesmo.

— Nossa casa é um lugar seguro — retrucou tia Lena.

— Deixe-me reformular minha ordem, então. Exijo que ele seja transferido para um lugar de minha confiança, onde possa ser monitorado vinte e quatro horas por dia.

— E que lugar tem em mente? — ela quis saber.

— Aqui — respondeu ele. — A bruxa protetora pode assegurar sua estadia no plano físico, contanto que me avise de qualquer movimento suspeito. A área neutra garantirá que nenhum bruxo ouse se aproximar dele.

— Estou de acordo — cedeu minha mãe. — O que me diz, Tatiana?

— Não tenho objeções — respondeu Tati. — O demônio pode ficar aqui.

— Ótimo — tia Lena ficou aliviada ao saber que Daruell estaria em mãos confiáveis. — Faremos a transferência ainda esta noite. Mas você não disse se vai convocar ou não a Assembleia dos Bruxos.

— Ainda estou decidindo — Teófilo meneou a cabeça. — Preciso tomar a decisão melhor para todos e isso não deve ser apressado.

— Há mais uma coisa que preciso revelar — acrescentou minha mãe, como espécie de último recurso. — Há pouco tempo, descobrimos que a Fênix Azul se manifestou no meu filho. O fato foi comprovado por Daruell, que enxergou a aura diferente característica do Monstro Lendário. Sendo um abrakadabra, temo que ele corra grande perigo.

Teófilo e seu irmão se empertigaram perigosamente, e Andrômeda ficou alerta. Doroteia apertou o braço de Tiago, surpresa, e Klaus não esboçou nenhuma reação fora do comum. Aquela última informação mudava o cenário e o ponto de vista dos Montenegros. A herança de um Monstro Lendário não seria subestimada pela Assembleia dos Bruxos.

— Então, *esse* é o real motivo do encontro — o Grão-Mestre voltou a expressar desdém no olhar. — Tal fato concerne em maior parte à sua família. O perigo que assola o garoto não se estende para o resto de nós.

— Você não pode acreditar no que está dizendo — devolveu minha mãe, indignada. —

Caso contrário, não teria empenhado tanto esforço em perseguir meu falecido irmão, Briano. Edgar deve ser protegido.

— Ele também pode ser usado como arma — contestou o homem, rangendo os dentes. — Se é mesmo um abrakadabra, seu poder deve ser usado na luta contra SúmraK, sabe disso.

— Não permitirei! — àquela altura, a voz dela estava a um passo da altercação. — Meu filho é um curandeiro, portanto, de acordo com os códigos de guerra, deve ser protegido pelos guerreiros. Ou esqueceu-se das leis que regem as Ordens de Poder?

— Não ouse me insultar dessa maneira! Conheço as leis tanto quanto você. Mas acho difícil acreditar que pretendem convocar a Assembleia dos Bruxos sem um conflito de interesses, para benefício pessoal. Por que eu deveria ajudar a proteger esse moleque?

— Porque eu o amo.

Não foi minha mãe quem falou.

Klaus deu alguns passos à frente e encarou, bravamente, o olhar de terror da família. Por um momento, Teófilo chegou a pensar que outra pessoa estava no salão e se pronunciou de súbito. Mas, quando o filho ficou em posição desafiadora, percebeu que foi ele quem disse as palavras.

Meu coração palpitou tão forte que poderia explodir a qualquer instante. Tia Lena ficou boquiaberta, e mamãe exibiu um sorriso que a fez ter certeza de que não se arrependeria por permitir que Klaus fizesse parte da minha vida. Doroteia abafou um grunhido de choque, enquanto Norberto e Tiago o olharam com uma expressão entre o nojo e o desprezo.

— *O que você disse?* — a voz de Teófilo adquiriu um timbre assustador que indicava perigo. — Eu devo ter ouvido err...

— Você ouviu perfeitamente, pai — confirmou Klaus, ainda ostentando uma autoconfiança que eu não conhecia. — Eu amo Edgar Valburgo, e não há nada...

Três clarões interromperam a declaração de Klaus. Aconteceu tão rápido que quase não fui capaz de acompanhar com os olhos. O primeiro feitiço foi um ataque direto de Teófilo ao filho, uma espécie de luz vibrante dourada que ricocheteou numa barreira de proteção azul criada por Andrômeda, quando esta se pôs na frente de Klaus em um movimento veloz e recebeu o impacto da magia. O terceiro clarão, centésimos de segundos após os primeiros, partiu de Tati, que conjurou um Selo de Contenção em Teófilo e o fez ficar paralisado no mesmo lugar. Mamãe e tia Lena estavam em posição de guarda, prontas para lutar se preciso, enquanto Norberto, Doroteia e Tiago foram pegos de surpresa.

— Tente machucar nosso filho outra vez — disse Andrômeda com hematomas roxos se formando pelo rosto límpido e perfeito —, e lutaremos até que um de nós esteja morto.

A ameaça da mulher pareceu chocar o Grão-Mestre ainda mais do que a confissão do filho. Teófilo foi obrigado a despendar um esforço humilhante, mas conseguiu se desvencilhar das amarras do selo conjurado por Tati. Ele encarou Andrômeda com o orgulho ferido e se voltou para Klaus.

— A partir de hoje, você não é mais um Montenegro — disse ele, sombrio. — Você não é mais meu filho.

Depois, virou-se para nos encarar.

— Tragam o demônio para cá imediatamente — exigiu. — Convocarei a Assembleia dos Bruxos para o próximo sábado de lua cheia. Até lá, mantenham-se fora do meu caminho.

Ao terminar de dizer isso, foi em direção à saída. Antes de abrir a porta, contudo, falou novamente:

— Espero você em casa, Andrômeda.

E desapareceu na noite, acompanhado pelo resto dos Montenegros. Klaus abraçou a mãe,

e caiu no choro assim que os braços da mulher o envolveram. Ela assegurou que tudo ia ficar bem. Buscou o olhar de minha mãe e pediu:

— Ágata...

— Não se preocupe, Andrômeda — ela fez questão de dizer, enquanto curava os machucados de sua pele. — Receberei seu filho em minha casa com todo prazer. Você pode visitá-lo quando quiser, na hora que quiser, sem necessidade de aviso. Minhas portas estarão abertas para abrigá-la se precisar.

— Obrigada — agradeceu ela, e me encarou. — Você é muito importante para o meu menino. Por favor, não o machuque outra vez.

Meu rosto ardeu em chamas.

— Sim, senhora — respondi. — Entendido.

Tia Lena se encarregou de buscar Daruell, enquanto Klaus se despedia da mãe. Nós os deixamos a sós, respeitando a privacidade. Quando chegamos à residência dos Valburgos, Daruell já não estava mais lá e fomos recebidos por Olívia e as garotas com grande expectativa.

Não demoraria muito até que Klaus começasse a se sentir em casa.

Capítulo 29 | Preparação

POR UMA QUESTÃO de espaço, minha mãe permitiu que Klaus se hospedasse no meu quarto, desde que dormisse num colchão separado no chão. No momento da decisão, achamos melhor não revelar que já havíamos dormido juntos inúmeras vezes. Aceitamos a condição e pretendíamos obedecê-la.

Em teoria, pelo menos.

— Como está se sentindo? — perguntei depois que nos recolhemos para dormir.

Com um movimento da mão esquerda, produzi dois feixes de luz. Um azul e outro amarelo. As luzes iluminaram o quarto que estava escuro e ganharam vida própria, enquanto dançavam sujeitando-se aos gestos da minha mão. Não havia nada tão mágico quanto luzes coloridas brilhando nas trevas, e aquele truque, além de belo, me deixava feliz sempre que o usava.

— De verdade? Meio aliviado, meio assustado, meio caramba-eu-saí-do-armário. Nunca pensei que isso fosse algo tão gigantesco.

— Não vá se achando boçal — arqueei —, mas meu coração derreteu completamente quando você enfrentou seu pai por minha causa. Se eu estava apaixonado antes, agora estou nas estrelas...

— É o mínimo que eu esperava — ele sorriu. — Claro que fiz de propósito. Precisava impressioná-lo. Faço isso com todos.

Nós rimos.

Senti um formigamento na barriga, como se uma força de atração me impelisse a adorá-lo sem barreiras. A partir de agora, nada impedia nossa demonstração pública de afeto. Não ter de nos escondermos foi o prêmio mais importante no meio de toda a confusão.

— Tem certeza de que não quer vir para a cama? — ofereci.

— Não vou desobedecer sua mãe — disse ele. — Ela é incrível e tudo o mais, porém não parece alguém que eu queira irritar.

Eu achei graça. Ele descreveu Ágata Valburgo com perfeição.

— Pelo visto, continuaremos frequentando o Lago dos Pirilampos — falei. — Se é que me entende.

— Eu nunca deixaria de ir até lá. É nosso lugar especial.

— Nosso lugar especial... — repeti. — Gosto de como isso soa.

Abaixei a mão e os feixes de luz se esvaíram, entregando o quarto de volta à escuridão. Depois de um dia cansativo que terminou melhor do que imaginávamos, caímos no sono rapidamente. Acordamos na manhã seguinte com o cheiro da comida de Olívia e a certeza de que podíamos enfrentar qualquer coisa se estivéssemos juntos.

A próxima lua cheia aconteceria dali a três semanas. Podia parecer um longo tempo, mas não era fácil reunir tantos bruxos num único lugar. Nesse ínterim, tia Lena decidiu, com a aprovação de minha mãe e Olívia, iniciar um novo treinamento comigo e as gêmeas. Com a

presença de Klaus, que já possuía habilidades bélicas avançadas, ela teria auxílio para nos ensinar, enquanto o testaria nas próprias aptidões. Ambos se deram bem e descobriram diversas afinidades mágicas que compartilhavam entre si.

Ao invés de restringirmos a prática de magia às sextas-feiras, passamos a treinar todos os dias. Andrômeda fez questão de ligar para o filho pelas manhãs, depois do café, e foi visitá-lo com frequência. Não se sentia confortável ao falar como as coisas estavam em casa, mas, ao se certificar da boa hospitalidade, passou a acreditar que o filho estava em um ambiente mais saudável.

A fim de evitar problemas com os quais não estávamos dispostos a lidar, continuamos frequentando as aulas normalmente. Quer dizer, *normal* não era a palavra certa, já que fizemos questão de não esconder que estávamos juntos. Como um casal. Jéssica foi obrigada a aprovar nossa união quando se deu conta, para explicar a todos o fim de seu relacionamento, que Klaus e ela nunca dariam certo por motivos óbvios. Hugo e Magnus ignoraram quando nos encontraram no corredor. Tive a sensação de que não se oporiam a me ensinar a não desvirtuar o parente dos outros, mas haviam aprendido a não me subestimar. Embora não deixasse transparecer, Klaus era afetado por aquele desprezo da própria família.

Úrsula, por outro lado, surtou quando nos viu entrando juntos na escola.

— Antes que descubra por outra pessoa — ela se justificou para Klaus —, saiba que eu falei coisas horríveis sobre você. Mas entenda minha posição. Ed é meu único amigo nessa escola, portanto, minha função era ficar do lado dele e denegrir sua imagem, não importa o ponto de vista. Por favor, não me transforme numa lagartixa vesga.

— Só se prometer que voltará a ser minha amiga também — pediu ele.

— Trato feito.

Ter o apoio de Úrsula era ótimo quando todos na escola se dividiam entre invejar nosso relacionamento — as garotas — e lançar olhares de indignação — os homofóbicos. O ápice do dia, porém, foi quando professora Narcisa passou por nós e esboçou o que seria a tentativa de um sorriso amigável, mas que, talvez por falta de prática, pareceu um espasmo de agonia.

A semana demorou a alcançar alguma rotina, mas depois de três ou quatro dias as pessoas se acostumaram à novidade, e o banal voltou a reinar na sala de aula. Bastou chegarem as férias do meio do ano para esquecerem que *Kledgar* era sequer um nome razoável para uma *hashtag*. Pelo menos os dias que se seguiram durante as férias serviram para nos dedicarmos ao treino.

Sem as aulas, tia Lena nos levou todas as manhãs para um lugar isolado onde podia ensinar habilidades que não combinavam muito com ambientes internos. Fomos para o acampamento próximo ao Lago dos Pirilampos, o mesmo do Solstício de Inverno, e, com a devida proteção no local, começamos a praticar magia.

Klaus se voluntariou para nos ensinar alguns movimentos de combate corporal, que, numa situação de perigo, podiam determinar o sucesso ou fracasso de uma luta. Especialmente no caso de bruxos, que, tão acostumados a usar magia para tudo, quase nunca estavam preparados para receber um soco na cara.

Fiquei surpreso com suas habilidades como lutador. As demonstrações eram ao mesmo tempo belas e eficientes. Não combinava com a delicadeza da sua personalidade, que, por tanto tempo, me fez pensar que ele era mais indefeso do que eu. Agora que eu o via usar suas técnicas de combate corporal em tia Lena, percebi que jamais o venceria na sua especialidade.

— Quem é você — perguntei, jocoso — e o que fez com meu namorado?

Como todo garoto rebelde, o instinto de contra-ataque mano-a-mano sempre foi uma constante na minha vida. Quer dizer, se alguém me desse um empurrão no ombro, por exem-

plo, minha primeira reação seria revidar no mesmo nível. Porém, nunca foi algo metódico, e estratégias eram o que menos importava.

Com o auxílio de Klaus, entretanto, as gêmeas e eu fomos capazes de perceber que lutar com o corpo ia muito além de desferir golpes físicos para todos os lados e torcer para que algum deles encontrasse o alvo. Era necessário estudar a linguagem corporal do adversário, identificar padrões, antever movimentos e, apenas então, decidir qual o melhor ataque a investir. Do modo como ele explicava, parecia uma verdadeira ciência.

Erínia aprendeu a tudo com uma rapidez que Maeve só podia invejar, o que a fazia caçoar da irmã mais frágil. A gêmea morena tinha claras aptidões para a coisa e em pouco tempo conseguiu dominar as técnicas mais difíceis. Não obstante, Maeve tinha propensão estratégica na mesma proporção que lhe faltava preparo físico. Num embate entre as irmãs, a gêmea loura, depois de sofrer séries de ataques desferidos por Erínia, acabou derrotando-a com o uso de Possessão Corpórea.

— Bravo! — felicitou tia Lena, depois de liberar Erínia do feitiço e fazer Maeve retornar ao próprio corpo. — Você acaba de aprender uma das coisas mais importantes para os bruxos guerreiros. Sempre use a arrogância do adversário contra ele. Muito bem, filhona, muito bem.

A partir disso, Erínia aprendeu um pouco de humildade e percebeu que estava tão sujeita a derrotas quanto qualquer um de nós. Eu, por minha vez, também fui capaz de não passar vergonha e dominar o combate corpóreo e o combate a distância, que eram as modalidades básicas do treinamento de guerreiros.

— Agora, prestem atenção — chamou tia Lena, depois de uma pausa de vinte minutos no primeiro dia de férias. — O feitiço que estou prestes a ensinar a vocês se chama Repulsão Bélica. É uma magia mais avançada do que as que aprenderam até aqui, por isso vão precisar despendar uma quantidade maior de energia para dominá-la. Quando executada corretamente, a Repulsão Bélica é capaz de espelhar o ataque do adversário e devolvê-lo em um contra-ataque duas vezes mais poderoso.

— Uau — arqueei. — Isso parece brilhante.

— Primeiro, devem usar o controle básico de energia — instruiu ela. — Mas, ao invés de moldá-lo para criar uma barreira protetora comum, precisam inverter a polaridade da magia.

— Isso vai fazer com que o ataque seja duplicado e não apenas bloqueado — completou Klaus. — Como se tentassem proteger para *fora* em vez de para *dentro*.

— Parece fácil demais — duvidou Erínia.

— Nem tanto — corrigiu tia Lena. — A barreira invertida exige o dobro de energia do bruxo, pois só assim é capaz de direcionar o ataque e dobrar sua força. Do contrário, o feitiço ricocheteia e é desperdiçado. Entendam que isso significa usar uma técnica de proteção e transformá-la numa forma de ataque. Se o bruxo se atrapalhar ao inverter a barreira, pode acabar sendo atingido pelo ataque do adversário e ainda receberá o impacto duas vezes mais poderoso por causa da falha. No pior dos cenários, por um descuido, o bruxo pode acabar nocauteando a si mesmo durante a luta.

— Essa parte não é nada brilhante — aquiesceu Maeve.

— Além do mais — acrescentou Klaus —, a Repulsão Bélica só funciona de frente, o que acaba deixando a retaguarda do bruxo desprotegida. Em uma luta com apenas um adversário, ela é altamente eficaz, mas, quando há outros atacando você, é preciso ter cuidado especial para não ser atingido pelas costas. E o mais importante: a técnica só funciona para repelir magia, não ataques corporais.

— Vamos fazer uma demonstração, Klaus — sugeriu tia Lena. — Vou lançar em você um

Feitiço de Unidade e você deve espelhá-lo com a Repulsão Bélica.

— Está certa disso? — indagou ele. — Feitiços de Unidade são fortes o bastante com força normal, se eu dobrar o nível...

— Sem querer dar uma de metida à besta ou algo assim — respondeu tia Lena *desejando* dar uma de metida à besta ou algo assim —, estou certa de que posso aguentar uma simples Repulsão Bélica.

— Tudo bem — concordou Klaus.

Estávamos em uma clareira aberta e espaçosa do acampamento, rodeada pelas árvores altas da floresta, mas ainda assim decidimos tomar certa distância dos dois. Tia Lena se posicionou em um dos lados do círculo, enquanto Klaus caminhou paralelo a ela, preparando-se para executar a técnica dos guerreiros.

Um Feitiço de Unidade, como aprendemos alguns dias antes, era um ataque de magia condensada que, quando atingia o alvo, se expandia de uma única vez, imitando uma pequena explosão de magia. Possuía uma cor esfumada de dourado, e, ainda que na maioria dos casos não fosse letal, podia deixar o adversário inconsciente por tempo indeterminado.

— Quando eu falar já — anunciou tia Lena. — Um, dois, três... JÁ!

Ela apontou ambas as mãos na direção de Klaus e liberou uma única esfera de magia no tamanho de uma bola de praia. O feitiço foi ao encontro dele, que, por sua vez, executou a Repulsão Bélica com eficiência. A magia de tia Lena atingiu a barreira invertida de Klaus e foi arremessada de volta como se rebatida por um taco de beisebol gigante.

Num piscar de olhos, o feitiço absorveu a barreira protetora e incorporou a condensação de energia, dobrando de tamanho. A velocidade do contra-ataque cortou o vento e reverberou em nossos tímpanos. Por um momento, cheguei a cogitar que talvez tia Lena não conseguisse se proteger da esfera de magia indo em sua direção, mas, como um simples movimento da mão, ela ergueu uma parede maciça de terra à sua frente.

O impacto do feitiço contra a proteção de tia Lena produziu um barulho de explosão ensurdecedor. Tão logo a magia atingiu o alvo, a esfera se expandiu para todos os lados da clareira e se dissipou numa nuvem de fumaça e poeira. As gêmeas e eu tivemos de proteger os olhos por conta do vento forte que perturbou as folhas nas copas das árvores, mas ainda ficamos sujos.

Acostumamos nossos olhos à névoa marrom que se formou no espaço e vimos que tia Lena repousava intacta, sem qualquer indício de poeira na roupa que usava. Klaus também estava sem nenhum arranhão, mas coberto de sujeira como nós.

— Quem quer ser o próximo? — perguntou ela com um sorriso no rosto.

Capítulo 30 | Assembleia dos Bruxos

DOIS DIAS ANTES do sábado de lua cheia, Anévoa começou a receber os visitantes ilustres que vieram atender ao convite para a Assembleia dos Bruxos. Era quase impossível andar pelo centro da cidade sem topar com um ou outro transeunte vestido em roupas excêntricas, coloridas e espalhafatosas demais para a paleta monocromática dos prédios.

A maioria dos recém-chegados optou por se hospedar em hotéis, pousadas e albergues, mas alguns mais familiarizados com o local puderam se estabelecer em casas de amigos que havia muito não encontravam. Quando encarados de modo suspeito por comunaes, davam a desculpa de que competiriam num festival de fantasias privado.

Nossa casa tornou-se um verdadeiro entra-e-sai de bruxos conhecidos da família que fizeram questão de visitar as irmãs Valburgo. Sem nunca ter muito contato com a Sociedade Bruxesca, fiquei tanto sobrecarregado quanto intimidado ao me deparar com bruxos que mal podiam esperar para conhecer o herdeiro de Ágata.

Alguns dos bruxos eu conhecia de nome, como Elvira Navante, alquimista, e Demas Caráfeno, sensório. Outros eram parentes distantes, como Mina e Tenório Doriarte, alquimistas e primos do meu pai. Míriam Vieira, alquimista e amiga pessoal de tia Lena, era tia-avó de Klaus, que ficou extasiado em receber sua visita. Mas a maioria, salvo em alguns casos, era desconhecida para mim.

Um dos bruxos transmorfos, Artur Baraúna, fiz questão de conhecer em pessoa, pois era descendente de uma das minhas autoras curandeiras favoritas, Cadência Baraúna, a especialista em drogas naturais que revolucionou o uso de anestésicos em procedimentos de cura. Para minha surpresa, Artur Baraúna não apenas era mais novo do que eu esperava, como também deveras apessoado. Seus olhos verdes se juntavam a um sorriso desconcertante e faziam qualquer um perder o bom-senso.

Ele não era muito versado nas artes xamanísticas, mas dispensou atenção especial para mim quando fomos apresentados. Foi só depois de algum tempo absorto numa conversa agradável que percebi os olhares coléricos de Klaus. Mais tarde, quando comentei o ocorrido com Olívia, fui informado de que Artur jamais demonstrava interesse tão especial por outro ser humano, e que estava na cara o quanto se utilizou de flertes para prender meu interesse, sem que eu sequer notasse.

Meu ego se inflou e eu não consegui evitar ficar duplamente lisonjeado. De um lado, um bruxo lindo quis *flertar* comigo durante horas. De outro, meu namorado adotou um comportamento enciumado que me fez sentir ainda mais importante. Eu precisava contar aquilo para Úrsula na próxima vez que a encontrasse, e ela faria seu trabalho de usar o fato contra Klaus pelo resto da vida.

Na noite de sábado, nos dirigimos até a escola. Por comodidade e poucas alternativas disponíveis, Teófilo decidiu usar a quadra poliesportiva da instituição para sediar a assembleia. Normalmente, encontros assim costumavam acontecer em salões suntuosos de mansões ce-

didadas por bruxos abastados, mas eram sempre organizadas com meses de antecedência.

Quando chegamos ao prédio escolar, fomos recebidos por dois guerreiros a postos na entrada do estacionamento para evitar que qualquer comunal adentrasse o local durante a reunião. Assim que entramos na quadra, tivemos um choque ao perceber que pouquíssimos bruxos estavam presentes.

Numa rápida contagem, não havia mais que algumas dezenas deles, sendo a Sociedade Bruxesca composta de várias centenas de bruxos. Era difícil não associar a baixa taxa de comparecimento ao fato de a assembleia ter sido convocada por um Grão-Mestre relutante em colocar no mesmo lugar representantes das Ordens de Poder para deliberar sobre um assunto tão importante.

Grande parte dos bruxos que conheciam a família Valburgo veio nos cumprimentar, respeitosamente, deixando Teófilo irritado pela consideração dispensada a nós. Os Montenegros já estavam presentes, e aglomeravam-se num canto separado dos demais. Andrômeda veio em nossa direção assim que nos viu chegar, o que amenizou o fato de Klaus ter recebido um olhar de ódio do próprio pai quando se viram. Disse que Hugo e Magnus foram enviados à capital Jardim dos Córregos para passar as férias com uma das tias de Andrômeda, a fim de evitar que causassem problemas pela cidade.

Em seguida, uma pequena comitiva de bruxos curandeiros entrou na quadra, escoltando, para surpresa de Teófilo, ninguém menos que o Pajé Wasiry, Grão-Mestre da Ordem dos Curandeiros. O índio idoso andava com dificuldade, apoiado em um cajado rudimentar e com uma coroa de penas brancas em sua frágil tez. Suas vestes simples escondiam enorme sabedoria e poder por trás da aparência delicada do homem.

— Minha querida Ágata — cumprimentou ele.

— Mestre Wasiry — ela arqueou uma reverência acentuada, que foi repetida pelos demais bruxos curandeiros do recinto, eu incluso. — Honra-nos com sua presença.

— Ah, sim... — sua voz era firme, apesar de não se esperar que o fosse. — Não podia deixar de atender um pedido de minha pupila mais brilhante. É sempre bom rever os amigos vez ou outra, compreende, antes que o pouco tempo que me resta termine nesta terra.

— Fico grata pela consideração, mestre — ela fez uma pequena reverência.

A comitiva que o acompanhava se encarregou de acomodar o homem num enorme assento de carvalho conjurado para este fim. Sentado em seu trono de Grão-Mestre, o pajé conseguiu parecer ainda menor e mais frágil. Sem esperar por mais surpresas, Teófilo se apressou para dar início ao evento e declarou aberta a Assembleia dos Bruxos.

— Caros irmãos e irmãs — ele declamou seu discurso e todos os bruxos se juntaram em pequenos grupos para ouvi-lo —, é um prazer recebê-los em minha humilde terra natal. As circunstâncias que me obrigaram a solicitar sua presença aqui nesta noite são de autoria das irmãs Valburgo e suas ações para com a Sociedade Bruxesca.

Filho da puta!

— A sagrada Assembleia dos Bruxos foi convocada mais uma vez para resolução de um problema nos sustentáculos da magia — continuou ele. — Em sendo assim, dou boas-vindas a todos e agradeço pelo tempo dispensado a este encontro. A partir de agora, eu, Teófilo Montenegro, Grão-Mestre da Ordem dos Guerreiros, concedo a palavra à representante das requerentes desta audição, Ágata Valburgo, para que apresente seu caso. A Valburgo tem permissão para vir ao centro do salão.

Minha mãe deu alguns passos à frente, ocupando o meio da quadra, onde havia um círculo delineado para os jogos de futsal. Por uma questão de etiqueta, ela vestia sua melhor túnica cerimonial, num tom negro, com fios prateados nas costuras que iam até o chão. Assim que

assumiu a posição de oradora, todos os burburinhos cessaram.

— Mestre Teófilo, Mestre Wasiry, cumprimento-vos e agradeço a oportunidade de poder falar diante da Sociedade Bruxesca — aquele era o protocolo correto a ser seguido em cerimônias extraordinárias. — Venho aqui, em nome da ancestral linhagem Valburgo, alertá-los sobre um grande perigo que ameaça cair sobre a cidade de Anévoa. Peço a atenção de todos enquanto relato as informações que nos levam a temer enfrentar grandes desafios nos tempos que virão.

O que se seguiu foi um monólogo de aproximadamente quarenta minutos no qual ela descreveu os detalhes mais importantes da investigação de tia Lena, bem como as possíveis implicações que o fato incorreria na Sociedade Bruxesca caso as previsões viessem a se concretizar. Em vários momentos, foi obrigada a elevar o tom de voz para sobrepor-se às interjeições de descrédito dos bruxos que ouviam a tudo com um misto de assombro e falta de empatia.

A reação dos bruxos presentes no recinto foi antevista por nós quando discutimos sobre as informações a serem compartilhadas na assembleia. Teófilo pareceu satisfeito quando alguns grupos começaram a manifestar descrença nos relatos, mas, por outro lado, Mestre Wasiry permaneceu com uma expressão indecifrável, e aqueles que o respeitavam imitaram o mesmo grau de seriedade, dando à minha mãe o benefício da imparcialidade.

Ágata Valburgo era um nome com muito peso no meio dos bruxos de alta estirpe, por isso não se podia simplesmente desconsiderar um discurso feito por ela, mesmo na fatídica circunstância em que dizia coisas nada agradáveis de ouvir. Somado a isso, as irmãs Valburgo sempre inspiraram respeito por onde passavam, proveniente de sua linhagem pura mesmo entre os bruxos mais poderosos.

Infelizmente, as pessoas tendem a desprezar o perigo quando têm sua tranquilidade perturbada. Desacreditar as palavras ditas naquela assembleia era mais prático do que aceitar verdades que os obrigariam a deixar a zona de conforto para lutar contra demônios poderosos. O povo mágico tinha fama de ser acomodado, apesar de todas as intempéries que sofreu ao longo dos séculos. Os bruxos recorriam à magia para tudo e cometiam o pecado de se comportar como invencíveis. Mal sabiam que bastava uma fagulha para incendiar a fraca paz que mantinham por meio das aparências, esquecendo-se de que, no fim das contas, os bruxos sempre seriam perseguidos por causa de sua natureza.

Quando terminou de falar, mamãe tomou um tempo para encarar os olhares mais frágeis da aglomeração de pessoas. Era possível perceber a relutância nos trejeitos da maioria, e a incerteza da feição dos demais. Nenhum de nós era tolo a ponto de pensar que seria fácil vencer os ouvintes. Afinal, estávamos falando de um perigo de proporções pouco vistas na história dos bruxos. Há várias décadas não se ouvia rumores como aqueles, capazes de incitar o medo entre a Sociedade Bruxesca e impregnar a insegurança no convívio pacífico de seus semelhantes.

— Compreendo — Mestre Wasiry foi o primeiro a se pronunciar, taciturno. — Mas devo apontar minha sincera preocupação com a posse, mesmo que voluntária, do demônio Daruell. Mantê-lo sob nossa guarda é, em simultâneo, tanto perigoso quanto imprevisível.

— Asseguro-lhe, mestre, de que Tatiana Gê é uma bruxa protetora do mais alto calibre, gabaritada em selos de proteção e exímia em segurança territorial — ela defendeu Tati. — O demônio filho de Súmrak repousa em mãos confiáveis.

— De fato, quanto às habilidades da bruxa não tenho dúvidas — admoestou o mestre. — Mas, utilizando-me de um ditado dos homens comuns, sou impelido a questionar: Quem guardará os guardiões? Subestimar as intenções de um demônio-nobre como Daruell é, para

dizer o mínimo, amador de sua parte, Ágata.

— É por esse motivo, mestre — respondeu ela —, que solicito a formação de um grupo especial de bruxos guerreiros para proteção imediata da cidade de Anévoa.

— Isso está fora de questão — negou Teófilo, ríspido. — A falta de provas que convalidem as informações fornecidas por Helena Valburgo põe sua solicitação de uma força-tarefa de bruxos guerreiros na categoria de especulação. Não temos tempo para perder com previsões que, no mais das vezes, originam-se da intuição feminina.

Tia Lena empertigou-se por inteiro, mas Olívia segurou seu braço antes que ela tentasse fazer algo inapropriado. Mamãe não pareceu se abalar pelo discurso misógino do pai de Klaus. Estava segura da posição que defendia, o que era de grande valia para alguém colocado contra a parede.

— Há uma última informação, Mestre Wasiry — ela apelou para seu superior. — Diz respeito à minha família.

— Sim? — ele a encorajou.

— Fomos honrados novamente com a herança da Fênix Azul — tão logo ela falou, as reações de espanto se alastraram pela quadra. — Meu filho Edgar... manifestou poderes do Monstro Lendário nas últimas semanas. Ele é um abrakadabra. Esta assembleia tem obrigação moral, tal como manda o Tratado Mágico Supremo, de fazer algo a respeito de sua segurança.

Com muito esforço, Mestre Wasiry pôs-se de pé e procurou, no meio dos presentes, aquele de quem minha mãe falava: eu. Suas írises se encheram de um brilho verde e, quando nossos olhares se encontraram, senti uma pressão acometer-se do meu corpo. Vasculhou por todos os cantos do meu interior, e surpreendeu-se ao deparar com algo que não devia estar lá.

— Você fala a verdade — disse ele para minha mãe. — O garoto possui a aura azul. Isso muda tudo, absolutamente tudo...

— Não é obrigação desta assembleia proteger os comunais — para nosso espanto, a opinião partiu de Isolda, que se pronunciou diante dos mestres. — Se as circunstâncias fossem invertidas, eles jamais se preocupariam com nossa segurança.

Aquele argumento pareceu agradar a muitos dos bruxos que não simpatizavam com os comunais. Vários deles expressaram reações de apoio ao que Isolda declarava.

— Devo discordar — Artur Baraúna tomou a palavra, em oposição à companhia de ordem. — É inteira responsabilidade da Sociedade Bruxesca conter os efeitos causados por bruxos das trevas, bem como todos os problemas relacionados à magia. Os comunais de nada têm culpa das ações executadas pelos bruxos.

Ainda que em menor número, alguns bruxos concordaram com Artur.

— Mesmo que esteja certo — Teófilo voltou a falar, visivelmente contrafeito —, tudo não passa de especulação. Nada do que foi dito hoje aqui pode ser provado...

Antes que terminasse, uma grande explosão irrompeu na entrada da quadra e acabou machucando um grupo de bruxos próximos da porta. De dentro da espessa camada de poeira que se formou, surgiu pelo menos uma dúzia de demônios-subalternos, com suas peles pútridas e rostos escamosos. Eles atacaram os membros da assembleia.

Como se não bastasse, junto aos demônios-subalternos, havia duas bestas aladas e asquerosas, medindo por volta dos três metros de altura, que chegaram atirando raios vermelhos para todos os lados. Eram demônios-emissários, com uma grossa carapaça animalesca que revestia seus corpos e olhos de um amarelo peçonhento que indicava um sangue altamente corrosivo.

— Inimigos! — bradou um bruxo sensório pouco antes de ser atingido por um golpe no

peito e voar para longe.

Em meio à confusão que se instalou, vários bruxos desapareceram em suas nuvens brancas, abandonando a assembleia e a luta. A comitiva de curandeiros que escoltava Mestre Wasiry soergueu uma barreira azul-brilhante tão forte que não seria penetrada com facilidade pelos invasores, enquanto Teófilo permaneceu imobilizado pelo choque da surpresa.

Bruxos guerreiros entraram no embate para conter os emissários, ao passo em que os bruxos de outras ordens enfrentaram os subalternos. Tudo se desenrolou muito rápido, e em pouco tempo o cenário preencheu-se de feixes de luz ricocheteando para todos os lados, enquanto partes da estrutura da quadra eram destruídas pelo impacto dos feitiços esfuziantes.

— Atrás de você! — advertiu uma bruxa alquimista para o marido.

— Me dê cobertura — pediu o homem, disposto a enfrentar um emissário.

Havia um grande número de bruxos caídos com ferimentos graves. Os emissários eram muito mais poderosos que os subalternos, ainda por cima capazes de voar e tinham como único objetivo matar os bruxos no seu caminho. Para cada demônio derrotado, o triplo de bruxos quedava desacordado. Não demorou até que sobrassem poucos resistentes. Artur tomou a forma de um enorme licano, transformando-se numa besta canina ereta que uivou feroz. Foi capaz de derrubar dois subalternos de uma só vez, mas sofreu o ataque de um dos emissários forte o suficiente para nocauteá-lo.

Isolda irrompeu numa transfiguração que a deixou na forma de Mamba Negra gigante. Sua longa cauda envolveu Artur antes que sofresse um ataque derradeiro de um dos emissários. A cobra sibilou alto quando desferiu golpes nos demônios mais próximos, mas não seria capaz de aguentar por muito tempo.

— Ágata! — chamou tia Lena. — Vou usar a Arte Luminífera.

— Certo — concordou ela. — Protegerei a todos.

— *Val'or rubei...* — tia Lena recitou com as mãos para o alto — *viodor lumini*.

A sucessão dos eventos a seguir aconteceu em um abrir e fechar de olhos. Sobre as mãos erguidas de tia Lena, apareceu uma grande esfera brilhante. De dentro dela, uma fascinante luz vermelha se expandiu por toda a quadra, como uma explosão de cor escarlata, desaparecendo no momento seguinte e deixando para trás um rastro de estragos.

Todos os demônios, subalternos e emissários, caíram no chão, desacordados, com um baque seco. Mestre Wasiry e sua comitiva não foram atingidos graças à barreira formada à sua volta. Quando olhamos para nossos corpos, percebemos uma fina película de energia envolvendo cada parte da extensão física que ligava, por fios incandescentes de magia, nosso corpo ao corpo de minha mãe, que, ofegante, foi capaz de encobrir a todos com o seu poder no exato momento da execução do feitiço.

— Incrível! — exclamou Klaus ao meu lado.

Tia Lena não perdeu tempo. Foi em direção a cada demônio caído no chão e os aniquilou com um Feitiço de Evanescência. Um por um, todos se esvaíram em películas flamejantes de cinzas. Os bruxos que permaneceram no local, muitos dos quais haviam duvidado dos relatos descritos há poucos minutos, entenderam que a ameaça era real e seriam tolos se não fizessem nada para impedi-la.

Teófilo não moveu um dedo sequer. Esteve ocupado tentando entender como tudo aconteceu, e acabou passando por idiota como Grão-Mestre. Ao contrário dele, Mestre Wasiry deixou a barreira que o protegia e circulou pela quadra, em busca dos bruxos feridos. Quando se certificou do número de atingidos, levantou seu cajado e o bateu com força no solo. Librou magia de cura em um nível tão grande que tive certeza de que jamais conseguiria igualá-lo.

— Aguentem firme, meus filhos — disse ele, em transe.

Os feridos foram envolvidos pelo feitiço do Grão-Mestre e as lesões causadas pelos demônios começaram a sarar de imediato. Em um curto espaço de tempo, os bruxos com ferimentos mais leves ficaram de pé, enquanto os casos mais graves apresentaram melhora considerável e não corriam mais risco de morte. Contudo, o mesmo não pôde ser feito com os guerreiros acampados na frente da escola, que foram mortos sem piedade pelos inimigos.

— Por que não me falaram do segundo abrakadabra? — questionou o pajé, olhando para minha mãe, depois para Teófilo, com o brilho verde nas írises. — É ainda mais sério do que eu imaginava.

— Do que está falando, mestre? — ponderou ela. — Apenas Edgar manifestou os poderes da Fênix Azul.

Ele resfolegou, parecendo ainda mais velho.

— Então, podem me explicar o que o espírito do Primata Acobreado, Monstro Lendário da Ordem dos Guerreiros, está fazendo no corpo do primogênito de Teófilo?

PARTE QUATRO

Capítulo 31 | Guerra Anunciada

QUANDO TUDO SE ACAALMOU, começamos a dar um jeito no estado em que o pequeno embate deixou a quadra poliesportiva da escola. O cenário estava repleto de poeira e escombros nos lugares onde os feitiços ricochetearam. Havia silêncio e tensão depois do ataque, culminando no alerta de uma invasão iminente.

Os únicos bruxos que sobraram no local começaram a reconstruir as paredes e arquibancadas, enquanto Olívia foi até a entrada da escola despistar uma viatura policial enviada até lá para investigar uma suposta explosão. Mesmo após derrotados, os demônios deixaram uma sensação de paranoia no ar, como se a qualquer momento pudessem irromper na escola outra vez.

— Norberto — Teófilo chamou o irmão. — Emita um comunicado solicitando toda ajuda de bruxos guerreiros que conseguir em meu nome.

— Para onde devo mandá-los? — questionou o homem.

Não podíamos usar o espaço da escola como Quartel General de concentração para bruxos se preparando contra uma ameaça sobrenatural. Os comunais podiam ser suscetíveis aos poderes sensoriais, mas não eram completos idiotas. Acabariam percebendo algo fora do comum e causariam problemas indesejáveis.

— Mande-os para a minha casa — respondeu minha mãe.

Teófilo fez menção de protestar, mas foi interrompido.

— Ótima ideia — concordou Mestre Wasiry. — Precisamos deixar estas instalações tão logo terminemos de reconstruí-las. A casa de Ágata é grande o suficiente e deve servir.

— Está bem — Teófilo rangeu os dentes. — Mande-os para a residência Valburgos. E diga-lhes para ter pressa.

— Certo — o irmão do Grão-Mestre desapareceu.

Em virtude da frágil calma que beirava o caos naquele momento, Klaus e eu fomos esquecidos por ora, enquanto os adultos lidavam com os problemas mais urgentes. Aproveitamos a confusão para sair de fininho até o ginásio onde ficava a piscina. Havia alguns bruxos patrulhando as imediações, mas não tivemos problemas em dispensá-los, já que, para todos os efeitos, éramos tão ameaçadores quanto demônios assassinos de bruxos.

Não havia tempo para assimilar a revelação de Mestre Wasiry, embora fosse impossível contestá-la. Klaus entrou num estado próximo ao catatônico quando soube que também possuía o espírito de um Monstro Lendário dentro de si.

— Já reparou como nossa história é um poço de clichês? — perguntou ele.

— E eu pensava que *você* era o romântico — fiz uma careta.

— Não importa o ângulo pelo qual se olhe a coisa, tudo não passa de um clichê colosso-abismal — completou ele. — Segue minha linha de raciocínio. O cara-solitário se apaixona pelo cara-novo-na-cidade. Os dois começam a se envolver até que descobrem fazer parte de famílias arquirrivais, e se separam com uma discussão épica. Depois, o cara-solitário fica sa-

bendo que tem um monstro dentro dele, reata com o cara-novo-na-cidade, os dois conseguem ficar juntos, e agora o cara-novo-na-cidade descobre que também é habitado por um monstro, e os dois correm grande perigo porque um demônio-nada-a-ver será libertado por um bruxo-clichê-das-trevas e atacará o local onde moram o cara-solitário e cara-novo-na-cidade.

— Você já pode respirar — falei.

— É todo enredo de romance que já existiu.

— Normalmente, a história retrata um garoto e uma *garota* — pontuei.

— Não deixa de ser verdade — concluiu ele. — Se alguém escrevesse um livro sobre nós, devia se chamar *O Poço de Clichês dos Bruxos Gays*.

— Seria um fracasso de vendas, vamos admitir. Você não tem muito tato para títulos de livro.

— É uma não-ficção — ele rolou os olhos. — Os títulos são péssimos.

— Nisso você tem razão — arqueei. — Como se sente?

— Você sabe como me sinto. Está na mesma situação que eu.

— Bom argumento — anuí.

— Apenas um pouco... *normal* demais. Quer dizer, não há nada de diferente em mim... desde *sempre*.

— Talvez seja porque esse poder não despertou em nós — sugeri. — Tia Lena falou que às vezes o bruxo não consegue despertá-lo. Pode ser o nosso caso. Se for assim, continuaremos sendo normais... quer dizer, para o padrão dos bruxos.

— Tomara que esteja certo — ele meneou a cabeça. — Eu só queria saber como não descobri isso antes.

— Daruell foi transferido para a casa de Tati antes de vocês se encontrarem — lembrei. — Por isso ele não identificou você como fez comigo.

— De qualquer mo...

— Ed? Klaus? — era a voz de Maeve, que entrou no ginásio procurando por nós. — A reconstrução foi concluída. Estamos indo embora.

— Tudo bem — falei. — Alcançamos vocês em um minuto.

Tentei me certificar de que Klaus não iria surtar.

— Tem certeza de que está bem? — ponderei. — De verdade?

Ele apenas levantou os ombros. Não havia como estar *bem* numa situação daquelas, mas ele continuou tranquilo o bastante para não gerar outras preocupações. Para garantir, dei um abraço apertado nele. Aquele foi o lugar onde nos beijamos pela primeira vez. De alguma forma, a lembrança daquele momento parecia pertencer a uma outra vida, mas ainda surtia um efeito de felicidade.

Fomos para casa e nos deparamos com alguns grupos de rostos novos. Eram bruxos atendendo ao chamado de Teófilo. Vieram preparados para lutar. Em sua maioria, os recém-chegados faziam parte da Ordem dos Guerreiros, mas bruxos de outras ordens também compareceram para dar reforço às irmãs Valburgo. A residência tornou-se uma espécie de acampamento de concentração para soldados prestes a enfrentar o inimigo.

Ao passo em que a madrugada alcançou o ápice, havia algumas dúzias de homens e mulheres com roupas excêntricas, ostentando armas mágicas e cinturões com poções capazes de causar uma explosão razoável transitando pelo nosso pátio da frente e dentro de casa. Por causa do grande movimento, bruxos sensórios ficaram encarregados de lidar com possíveis vizinhos bisbilhoteiros usando feitiços de ilusão, enquanto Artur se ofereceu para fazer os cachorros da rua pararem de latir usando a influência da sua forma licana. A madrugada seria agitada, mas podíamos usar um pouco de silêncio se isso fosse possível.

O ataque à escola significava duas coisas. A primeira delas era que os demônios estavam conseguindo entrar no plano físico, portanto, era certo que mais deles chegariam a qualquer momento, inclusive — talvez — o próprio Mestre Crepuscular. A segunda coisa, provavelmente a pior delas, era o fato de que, se os demônios sabiam onde acontecia a assembleia, então, por pressuposto, havia um traidor *entre* nós.

Embora cogitar aquela possibilidade criasse uma tensão no comportamento dos bruxos, seria estupidez descartá-la. Prever o resultado de uma especulação tão perigosa não seria tarefa fácil, mas requeria certo grau de alerta. Naquele momento, não se falava em outra coisa. Bruxos comentando entre si quem poderia ter levado os demônios até um evento sagrado dos seres mágicos, enquanto algumas opiniões acabavam encontrando um ou outro candidato que preenchia os requisitos de ter propensões para as trevas.

— Você tem alguma ideia de quem pode ter sido? — perguntou Klaus quando conseguimos ficar a sós no meu quarto. — Quer dizer... se alguém *realmente* está por trás disso, então devemos nos preocupar em dobro.

— Eu sei — aquiesci. — Mas não faço ideia de quem possa estar bancando o espião duplo justo num momento como esse. E acho pouco provável que os demônios tenham aparecido numa assembleia por acidente. Quando fomos atacados pela primeira vez, os subalternos estavam atrás de Daruell. Ou seja...

— Se eles seguiram sua tia até aqui — deduziu ele —, significa que não conseguem passar pelo portal sozinhos. Precisam de alguém indicando direções.

— Exato... — corroborei.

— Do que estão falando? — perguntou Erínia, entrando pelo quarto com uma expressão de contrariedade no rosto, sentando-se no chão perto do criado-mudo.

— Por favor, não me digam que é sobre o tal bruxo traidor — resfolegou Maeve, acompanhando a irmã. — Todo mundo lá em baixo está falando sobre isso. Parecem até um disco furado...

— Vocês não acreditam que fomos delatados? — indagou Klaus.

— Talvez sim, talvez não — respondeu Erínia. — Só não achamos que focar nisso vai ser de muita ajuda, sabe, com o perigo de novos ataques e tudo o mais.

— Fora que ninguém nos deixa ajudar em nada — completou Maeve, de ombros caídos. — Podemos parecer burras, mas nunca cogitam que esse comportamento pode ser intencional para despistar os outros.

— Você está brincando, não é? — eu ri.

Erínia se empertigou.

— Imagine a dificuldade de ser uma garot...

Uma explosão do lado de fora interrompeu a frase no meio. As gêmeas deram um grito e se abraçaram uma na outra. Corri para a janela do quarto para averiguar o que tinha acontecido, enquanto Klaus adotou uma posição bélica e se preparava para lutar caso estivéssemos sendo atacados outra vez. Demorou um pouco até discernir algo que fizesse sentido no meio da poeira levantada no pátio da frente.

— O que houve? — perguntou Klaus, apreensivo.

Suspirei aliviado.

— Alarme falso — informei. — Um alquimista brincando com poções de fogo.

— Ainda bem que nenhum de nós surtou — Erínia fez uma careta, nos obrigando a soltar uma gargalhada. — O que foi...?

— É melhor ficarmos com os outros — sugeri — e ver se podemos ajudar em alguma coisa.

— Acha que nossas mães vão permitir? — ponderou Erínia. — Parecem ter escolhido nos deixar de lado como crianças que precisam de proteção.

— Bem... — falei. — Eles não podem nos segurar, podem?

Saímos do quarto em direção ao andar de baixo. Do topo da escada era possível vislumbrar um pequeno caos organizado que se desenrolava no térreo, como na linha de produção de uma fábrica. Alguns bruxos andavam para lá e para cá carregando armas de formato estranho, soltando conversas aleatórias sobre esta ou aquela maneira de selar frascos com poções, enquanto Andrômeda e tia Lena gritavam comandos para seus colegas de ordem.

As gêmeas logo encontraram algo para fazer, ajudando um alquimista atrapalhado de roupas esdrúxulas e cores berrantes a separar as poções de ataque nos degraus da escada, dividindo-as por níveis de potência. Klaus e eu nos dirigimos até a cozinha, mas lá havia um grupo de curandeiros fervendo poções de cura a serem usadas nos possíveis ferimentos incutidos por demônios. O ar cheirava a uma combinação forte de Acônito e Raízes de Aquileia. Não havia muito no que podíamos ajudar, portanto, saímos pela porta dos fundos que dava para a garagem.

Lá fora, no pátio entre a garagem e a cozinha, encontramos Teófilo. O homem fumava um cigarro, absorto em pensamentos obscuros. Sua tez estava franzida, a expressão que ostentava tinha perdido a petulância de antes e adquiriu uma mistura de conformidade e assombro.

Agora que o estudava melhor, ele se parecia bastante com Klaus — pelo menos na aparência física. Seus cabelos dourados e lisos pendiam rigidamente para o lado direito. Seus olhos, no entanto, tinham uma cor de mel, diferente dos grandes olhos azuis do filho mais velho. Vestia uma roupa comum aos bruxos guerreiros, um tipo de conjunto de colete negro e calças grossas feitos para dar dinâmica aos movimentos do usuário.

Antes que pudéssemos dar meia volta para entrar novamente na cozinha, ele nos viu. Quando veio até nós, cada pelo do meu corpo se eriçou numa coreografia ensaiada. Estaria ele pensando em tentar agredir Klaus outra vez? Se estivesse, eu seria obrigado a defendê-lo, mesmo na fatídica impossibilidade de ser páreo para um Grão-Mestre. Não podia permitir que meu namorado levasse uma surra do pai homofóbico bem na minha frente sem fazer nada a respeito.

— De todos os garotos da cidade, você tinha de escolher um bruxo... e ainda por cima curandeiro? — disse ele, metade sério, metade desapontado. — E, de todos os curandeiros, você tinha de escolher um Valburgo?

— Um curandeiro que, caso você não se lembre, deu uma lição em Hugo e Magnus, ambos bruxos guerreiros e, até onde me consta, dois de seus melhores aprendizes — Klaus conseguiu falar com certa eloquência, mas eu sabia que podia desmoronar a qualquer instante. — Quanto à linhagem, Edgar e eu chegamos à decisão de que não permitiremos que a guerra entre nossas famílias erga um muro entre nós. A famigerada rivalidade entre Valburgos e Montenegros acaba nessa geração.

O olhar de Teófilo transitou pela perplexidade e indignação, até se perder em algo muito parecido com culpa. Quando terminou de falar, Klaus procurou minha mão e a apertou forte como se estivesse firmando um contrato invisível do qual seu pai era a testemunha. Tudo o que ele falou estava certo. Se para a rivalidade de nossas famílias continuar era necessário que escolhêssemos levá-la adiante, então, nesse caso, ela terminaria com a geração anterior.

— Essa é sua decisão final? — perguntou o homem, quase como se interrogasse um criminoso sobre como ele se declarava.

Klaus apertou minha mão.

— Sim, senhor.

Teófilo suspirou. Depois se virou para mim e demorou seu olhar no meu por segundos intermináveis. Tentei manter a postura ereta, o mais digno que consegui. Eu não estava apenas diante do líder dos Montenegros. Estava diante do pai do meu namorado. Senti meu rosto queimar e torci para não ficar muito vermelho.

— Pois bem — ele tomou uma posição rígida, como se fosse bater continência para um superior. — Você ainda é um bruxo guerreiro. Passe a agir como um.

— Sim, senhor.

E, num gesto constrangedor, o Grão-Mestre levantou ambas as mãos e as apoiou em nossos ombros.

— Há uma guerra se aproximando — disse ele, pesaroso. — Vamos precisar de toda ajuda que conseguirmos. Inclusive a de vocês dois.

Talvez fosse o meu cinismo falando alto, mas eu achava difícil de acreditar que Teófilo tivesse aceitado as circunstâncias com tanta facilidade. Decidi não compartilhar meus pensamentos com Klaus, entretanto, para mim estava claro que tamanha compreensão do Grão-Mestre se deu pelo conhecimento de que havia um abrakadabra entre os Montenegros. O desejo por status de poder era tão grande que o homem suprimiu os próprios preconceitos para garantir que o herdeiro do Primata Acobreado continuasse pertencendo à sua família.

Capítulo 32 | Nomeações Extemporâneas

SEGUIMOS TEÓFILO até a garagem. Lá, minha mãe orquestrava um monólogo na presença de Mestre Wasiry, acompanhado de outros três bruxos que pareciam importantes demais para estar ali; um deles era um homem tão idoso que tinha dificuldades para manter-se de pé, enquanto as duas mulheres ao seu lado, uma mais jovem e outra mais velha, mantinham expressões severas e alertas. O trio de bruxos ostentava Insígnias de Rosa sobre as vestes negras; eram representantes enviados pelos três Grão-Mestres ausentes.

— Podemos começar? — perguntou tia Lena atrás de nós.

— Sim — permitiu Mestre Wasiry. — Antes, no entanto, quero comunicar que, por decisão minha e dos representantes dos Grão-Mestres das Ordens dos Alquimistas, Sensórios e Transmorfos, Ágata assumirá a liderança desta operação junto a Teófilo. Ambos são inegavelmente qualificados e possuem experiência similar neste tipo de eventualidade. Alguém tem objeções?

Teófilo não adorou o comunicado, mas não havia muito o que pudesse fazer a respeito de uma decisão tomada pela maioria dos Grão-Mestres.

— Formidável — continuou o pajé. — Agora podemos dar início ao planejamento estratégico de nossos próximos movimentos.

O cenário da garagem ficou levemente mais sombrio com nossa presença. Os flocos de luz bruxuleando acima de nós serviam para projetar sombras sem forma nas paredes e sobre o Grimório. A mesa de pedra no centro do cômodo sustentava um mapa da cidade que servia para identificar pontos de invasão.

— Precisamos focar na contenção de novos ataques — sugeriu tia Lena. — Há certos pontos na cidade mais suscetíveis à abertura de portais da Fronteira Entremundos. Especialmente entre a saída da área urbana e a floresta até a capital Jardim dos Córregos. Se conseguirmos selar todos eles, os demônios não serão capazes de passar para o nosso lado.

— Existem mais desses locais do que bruxos competentes para vigiá-los — retrucou Teófilo. — Teríamos de escolher ao acaso qual lugar proteger e isso seria o mesmo que jogar na loteria.

— Teófilo tem razão — concordou minha mãe. — Só precisamos escolher o lugar errado para todo o plano falhar. Temo que uma invasão seja inevitável a esta altura. Quem quer que esteja abrindo os portais para o plano físico, já deve ter dominado a mecânica dessa magia.

— Perdemos a chance de prevenção — disse Teófilo, torcendo as mãos. — É uma questão de tempo até que os demônios estejam em nosso encalço.

— Nosso objetivo deve ser a proteção dos comunais — continuou minha mãe, resoluta. — Serão eles a sofrer o pior quando a hora chegar.

Úrsula foi a primeira que veio à minha mente. Ela estaria completamente desprotegida se algum demônio a atacasse. Dona Morgana, também. Frágil e com uma idade razoável, seria

incapaz de fazer defesa contra um demônio. Até mesmo Jéssica... Pensar nelas, e em todas as pessoas que podiam *morrer*. Devíamos fazer de tudo ao nosso alcance para assegurar que nenhum mal lhes tocara, do contrário teremos fracassado mesmo se conseguirmos derrotar SúmraK.

— O problema todo está na falta de recursos humanos — disse a representante dos sensórios, a mulher mais jovem. — Os bruxos curandeiros estão em pouquíssimo número lá fora; não serão capazes de proteger uma cidade inteira. Seria impossível.

— Isso se aplicaria à maioria dos bruxos, sim, não há como negar — Mestre Wasiry meneou a cabeça. — Mas, perceba, Ágata e eu estamos em outro nível. Tatiana também deve nos ajudar.

— Não é impossível — anuiu Teófilo. — Apenas muito difícil.

O idoso representante dos alquimistas pigarreou.

— Não seria mais apropriado, mestres, que usássemos os garotos? — ele arqueou com sua voz rouca, porém calma. — Dois abrakadabras significariam uma vantagem que não podemos desconsiderar. Ainda mais tendo sido treinados por Ágata Valburgo e Teófilo Montenegro.

Minhas bochechas arderam. Troquei olhares com Klaus, que ficou tão imobilizado quanto eu. Havia muitas coisas nas quais podíamos ajudar com nossas habilidades, mas apenas como bruxos comuns, não como abrakadabras. Nosso treinamento foi excelente, porém, no fim do dia, nunca fomos expostos a uma ameaça real.

— Também acho o mesmo — aduziu a representante dos transmorfos, a mulher mais velha. — Se tivermos de enfrentar um demônio-soberano, com sua horda de seguidores demoníacos, a ajuda de herdeiros dos Monstros Lendários será decisiva.

— O poder deles não foi despertado ainda — redarguiu minha mãe, áspera. — Precisamos encontrar outra maneira de lutar.

— Há possibilidades de despertar em batalha. Expô-los ao perigo extremo pode ser o gatilho de que precisam — informou Teófilo. — Não seria a primeira vez.

— Mas apostar nisso *também* seria o mesmo que jogar na loteria — replicou tia Lena. — Devemos colocar nossas fichas em estratégias bélicas confiáveis que dependerão exclusivamente de nossa capacidade. Qualquer outra ação dependerá da sorte, e isso não é recomendável.

— Existem outros modos de despertar o poder de um abrakadabra — anunciou o representante alquimista, pensativo, como se tentasse lembrar de algo há muito esquecido. — Mestre Wasiry tem conhecimento disso.

— De fato — o pajé balançou a cabeça em afirmativa. — Mas temo que nem mesmo Gregório dos Anjos, Grão-Mestre da Ordem os Alquimistas, possua o conhecimento para cozinhar a Poção Etérea, que poderia trazer à tona seus poderes. Apenas uma bruxa foi capaz de prepará-la em nossa geração, Hécate Manoforte, uma boticária versada nas artes negras da magia. Contudo, há anos que não ouço falar dela, desde que decidiu isolar-se em Terraverde junto aos Vlanaks.

— Ou seja — frustrou-se Teófilo —, impossível encontrá-la a tempo de prevenir um novo ataque a Anévoa.

— O que nos leva de volta ao primeiro objetivo — enfatizou minha mãe. — Proteger os comunais antes que seja tarde.

— E quanto ao filho de SúmraK? — ponderou o representante dos alquimistas. — Como um demônio-nobre, seus poderes também são notáveis. Se está do nosso lado, não se oporá a combater as forças do pai.

— Arriscado demais — Teófilo dispensou a sugestão. — Se ele for capturado, daremos a chance que o Mestre Crepuscular tanto anseia para permanecer no plano físico pelo tempo que quiser. Seria um tiro pela culatra.

— Os protocolos de guerra dizem claramente para *proteger* primeiro e depois atacar — lembrou tia Lena. — Devemos traçar o plano de Ágata para só então articular o ataque do guerr...

— Oh, não! — exclamou a representante dos sensórios. — Não, não!

A mulher mais jovem encarava o vazio com uma expressão assombrada.

— O que há? — inquiriu Mestre Wasiry.

— Aconteceu o que temíamos...

— Ágata! Helena! — Olívia abriu a porta da garagem com um solavanco que pegou todos de surpresa. — Daruell foi capturado...

— *Como?! —* Teófilo pareceu perplexo. — A bruxa protetora...

— Foi ferida por um grupo de demônios-nobres — informou a representante dos sensórios. Então foi sido aquilo que a deixou com medo; ela viu acontecer. — Eles atacaram as barreiras... vinte deles... ela não conseguiu suportar.

— Eu senti a escuridão, Ág, os outros sensórios também — Olívia estava desesperada. — Ele conseguiu... Súmraak está chegando cada vez mais perto do plano físico.

— Um exército de demônios está a caminho — completou a mulher mais jovem. — Oh, céus, isso é péssimo, é péssimo!

Klaus e eu trocamos novos olhares de apreensão. Era impossível. Ele estava conseguindo êxito bem antes do esperado. O que quer que fizéssemos, não podíamos mais nos esconder. Devíamos enfrentar o adversário ou fugir.

Nunca escolheríamos a segunda opção.

— Vamos todos manter a calma — sobrepôs-se a voz tonitruante de minha mãe ao desespero de Olívia e da outra sensória. — Chegou a hora de nos provarmos capazes de agir em meio às intempéries. *Juntos.*

Suas palavras proporcionaram um arrepio que percorreu meu corpo inteiro. Para ela era fácil dizer aquelas coisas, já que era provavelmente a bruxa mais poderosa naquele lugar. Se tínhamos alguma chance de sobrevivência, ela se depositava nas habilidades de minha mãe e dos líderes daquela reunião. Afinal, Valburgos e Montenegros não eram conhecidos apenas por causa da rivalidade que durava há vários séculos, mas, também, pela força que ambas as linhagens demonstravam frente a desafios como aquele. Tinha de ser suficiente.

— Ágata está coberta de razão — reverberou Mestre Wasiry. — O que precisamos nesse exato momento é distribuir as vozes de comando. Cada ordem deverá ter um líder imediato para estar à frente dos bruxos que se dispuserem a lutar.

— Acredito que o mais adequado seja Helena assumir a liderança dos bruxos guerreiros — indicou Teófilo, inexpressivo, para a surpresa de todos. Seria de se esperar que ele delegasse a Norberto aquela responsabilidade, mas pareceu perceber que tia Lena era o nome correto para a função. — Olívia ficará encarregada de liderar os sensórios, enquanto Ágata e eu continuaremos a articular o movimento das ordens de acordo com as informações que recebermos.

— Os curandeiros também precisam de liderança — completou minha mãe. — Assim como os bruxos que protegerão os humanos diretamente. Se todos concordarem — ela suspirou, criando coragem —, indico Edgar para comandar os curandeiros e Klaus como líder da força de proteção dos comunais.

— Quê?! — foi minha reação mais elaborada.

O arrepio aumentou no meu corpo e eu não acreditei no que tinha ouvido. Minha mãe indicou a *mim* para comandar os curandeiros? Isso significava que eu teria de liderar todas as curas aos feridos no momento da luta. Por mais que gostasse de pensar em mim como alguém capaz de algo grande, eu me conhecia bem o suficiente para saber que meus poderes não estavam à altura do posto.

— Não foi você quem disse para tratá-lo como dono do próprio nariz? — ela usou minhas palavras contra mim. — O que estou sugerindo é extremamente perigoso e as consequências disso podem afetar a todos nós. Se aceitar, terá de levar a tarefa a sério; não é mais um treinamento.

— E toda aquela história de não os expor ao perigo dos demônios? — questionou a representante transmorfa. — Foi apenas um artifício para...?

— Não se trata disso — respondeu tia Lena no lugar da minha mãe. — Ágata sabe que, sendo abrakadabras, este será apenas o primeiro teste que Edgar e Klaus terão de encarar pela frente. Melhor que estejam ao nosso lado e aprendam conosco do que sejam privados de um contato real com o perigo.

Eu não sentia como se fosse capaz de fazer algo daquele tamanho. Passei a maior parte da vida tendo dúvidas sobre meu próprio poder, e agora precisaria mostrar minhas habilidades em uma luta para proteger a vida de tantas pessoas. Por outro lado, mamãe estava certa. Não fui eu quem exigiu ser tratado como um adulto? As responsabilidades não podiam ser escolhidas de acordo com minha disposição para assumi-las. Ser adulto significava, sobretudo, lidar com o inesperado da melhor maneira possível.

Não teria o auxílio da família para sempre. Aprender como agir frente ao perigo era o jeito mais fácil de me preparar para o futuro. Por isso, mesmo morrendo de medo, eu não conseguia pensar em elogio melhor do que liderar os curandeiros. Além do mais, meu estoque de energia no segundo receptáculo estava bem maior do que antes. Após enfrentar os demônios três semanas atrás, consegui liberar ainda mais poder para dentro da fonte de armazenamento. Se fosse necessário, eu poderia usar a magia proveniente dessa fonte para realizar as curas. Não obstante, liderar um grupo de bruxos que conheciam as artes xamanísticas exigiria muito mais do meu conhecimento do que poder em essência.

Eu *tinha* de estar preparado para aquela missão.

— O que pensa a respeito, Teófilo? — Mestre Wasiry o consultou.

— Não tenho objeções — concordou o homem, olhando para o filho.

Klaus aquiesceu no lugar onde estava e endireitou a postura para se mostrar um verdadeiro guerreiro. Não era difícil imaginar que sua reação foi parecida com a minha, já que, em circunstâncias diferentes, tínhamos recebido o mesmo privilégio. Ou o mesmo fardo...

— O que nos dizem, rapazes? — tia Lena sorriu, encorajadora.

Estava mais do que na hora de testar a mim mesmo.

— Aceito — falei, firme.

— Eu também — emendou Klaus.

— Então, está decidido — oficializou Mestre Wasiry. — Temos nossos líderes. Apenas um conselho para os mais novos, devo sugerir. Quando enfrentarem o perigo e a alternativa mais fácil for a de desistir, quero que se lembrem de uma coisa. Não é a maneira com que lutamos o que mais importa, nem a probabilidade de vitória, são as pessoas que escolhemos proteger. No fim das contas, os heróis não nascem prontos; são criados em momentos que se deve decidir entre ceder ao inimigo ou seguir em frente.

Era uma frase de efeito do mais alto nível de clichê, mas, para aquela ocasião, foi tão importante que talvez tenha dado a nós a coragem de que precisávamos para continuar. Klaus

me olhou e acenou com a cabeça. Eu respondi com um meio-sorriso tímido que representava meu humor. Depois de concluir seu discurso de encorajamento, Mestre Wasiry tocou a tez de ambos e nos abençoou. Fazíamos, oficialmente, parte do grupo de bruxos a lutar para derrotar Súmra e todos os seus servos.

Não ia ser nada fácil.

Capítulo 33 | Mudanças

A NOITE PASSOU com rapidez.

Entretanto, ao passo em que a alvorada devia receber os primeiros raios de sol no horizonte, outro fenômeno tomou o lugar da paisagem. Uma nuvem negra apareceu sobre a cidade. Começou pequena, mas logo se espalhou por toda a extensão de Anévoa. E, de repente, era noite outra vez.

Em breve, os comunais passariam a estranhar a falta de luz tão logo a manhã avançasse. O cenário não se parecia nublado, nem dava margens para se cogitar um eclipse. O que se via era uma espessa camada de fumaça negra encobrindo o céu e aumentando a cada minuto.

— Já começou — disse tia Lena, em meio ao assombro.

Em seguida, os animais das proximidades apresentaram comportamentos estranhos. Os cachorros não paravam de latir, mesmo na presença da forma licana de Artur. Pássaros voavam de um lado para outro procurando abrigo entre as árvores mais baixas. Até os gatos iniciaram um tipo de grunhido arisco, como se confrontassem uma ameaça iminente.

— Estão vindo — informou Olívia, concentrada. — Há uma centena deles.

No meio da alteração entre os bruxos, era possível observar um sentimento de unidade. Havia curandeiros, alquimistas, guerreiros, sensórios e transmorfos, mas todos pararam o que faziam para contemplar a escuridão se aproximando. Nossa casa se transformou numa espécie de âncora para suas inseguranças. Era impossível negar a gravidade do perigo que se acometia à cidade, por isso o instinto de fugir para longe devia ser combatido antes que dominasse cada um de nós.

Estávamos no pátio da frente junto aos outros bruxos. Para quem visse a cena de longe, pensaria se tratar de uma congregação ritualística de alguma seita. Para os que estavam ali, no entanto, tratava-se de uma preparação para a luta que não tardaria.

— Mestre Ágata — chamou um homem.

Era Carlos, o licano pai de Nina, a criança que eu havia curado há alguns meses. Fiquei surpreso ao vê-lo ali e ponderei sobre o objetivo de sua visita. Ao seu lado, estava Mirna, a banshee que também era sua esposa, mãe de Nina. Ambos pareciam bem mais sérios e revigorados do que no dia em que os conheci.

— Não sabemos o que está havendo — disse Mirna —, mas viemos ajudar no que pudermos.

— Uma banshee e um licano — Mestre Wasiry encarou a ambos com interesse. — Que cidade mais peculiar, Anévoa.

— Oferecemos nossa ajuda — enfatizou Carlos.

Em seguida, o homem uivou alto e fez com que seus globos oculares virassem ao contrário. Não demorou até que percebêssemos a mudança no corpo dele. Primeiro ouvimos os ossos estalando, como se fossem afastados para dar lugar a uma estrutura anatômica que não devia existir. Seu rosto adquiriu uma forma animalesca, alongando-se para frente, enquanto

presas caninas cresciam de sua mandíbula.

A roupa que vestia rasgou-se em alguns pontos, mas conseguiu resistir à transformação completa. As pontas dos dedos foram trocadas por garras pontiagudas capazes de rasgar a superfície mais resistente. O formato das pernas curvou-se para trás, terminando por formar uma espécie de V invertido, como nas patas de um cachorro. Quando terminou, tinha crescido pelo menos meio metro de altura, e nos encarava de cima.

Aquela foi a primeira vez que presenciei a metamorfose de um licano, e ao invés de me sentir amedrontado acabei nutrindo um interesse particular pelo funcionamento dos órgãos expandidos com o encantamento. A forma de Carlos, como um licano puro, era mais perfeita que a de Artur, que precisava transmutar o próprio corpo com magia. Havia poucos estudos sobre as diferenças entre ambas as transformações, por isso a possibilidade de assisti-las de perto era sem dúvida uma chance única.

— Se não se importam — disse Mirna após se certificar de que o marido completou a metamorfose sem maiores complicações, e apontou para a rua atrás de nós —, trouxemos alguns reforços.

Para o espanto de todos, havia pelo menos uma dezena de outros licanos se transformando naquele exato momento, enquanto uivavam como uma forma de grito de guerra pela rua. Àquela altura, os vizinhos com certeza teriam ouvido alguma coisa, e precisariam ser contidos pelos sensórios encarregados do serviço. Além dos licanos, havia um grupo considerável de outras criaturas. As banshees, com suas vestes longas e fantasmagóricas, exalavam suavidade ao andar, embora qualquer um que fosse atingido por seu grito estaria condenado a uma dor lancinante. Homens-besta, com suas formas humanoides de criaturas noturnas, também faziam número entre o folclore que nos visitava.

No meio da aglomeração de seres místicos, pude reconhecer dois lince em particular. Um deles era o garoto com a perna fraturada que curamos no início do ano letivo, acompanhado do pai. Junto deles, outros lince estavam presentes, com olhos amarelos brilhando em contraste à escuridão do ambiente.

— Nos encontramos outra vez — disse o pai do garoto. — Não sei em que encrenca se meteram, mas essa nuvem me parece coisa cabeluda...

— Obrigada — agradeceu minha mãe. — Sua ajuda é mais do que bem-vinda. Precisaremos de todos os amigos na justa que está por vir.

— O que se passa, exatamente? — questionou Mirna.

— A cidade foi invadida por demônios — adiantou-se tia Lena. — Há algumas horas, um portal foi aberto na Fronteira Entremundos e estamos na iminência de uma batalha jamais vista nesta cidade.

— Demônios... em *Anévoa*? — a voz de Carlos encorpou-se e adquiriu um tom gutural que arrepiou até os meus últimos fios de cabelo. — Como...?

— O mais perto que chegamos de uma resposta é a especulação de que há um provável bruxo das trevas por trás da abertura dos portais — respondeu Olívia ao licano. — Até descobrirmos de quem se trata, precisamos lidar com uma possível invasão de Súmraak.

— Não o *Mestre Crepuscular* — Mirna prendeu o fôlego. — Vocês não estão se referindo a...?

— Receio que seja verdade — confirmou minha mãe. — Por isso somos gratos pela ajuda que nos oferecem. Será uma honra lutar ao lado de criaturas tão corajosas.

— Não se fale mais nisso — anuiu Carlos. — Protegeremos nossa cidade, custe o que custar. É a vida de pessoas inocentes que está em jogo.

A chegada de um reforço tão inusitado acabou levantando o moral dos bruxos. Normal-

mente, algumas das criaturas tinham dificuldade em se entrosar com a Sociedade Bruxesca, mas nada como um exército de demônios para trazer harmonia à convivência entre seres místicos e bruxos.

Entretanto, nem tudo eram rosas.

— Sim, são eles dois... — alguém cochichou próximo de onde Klaus e eu esperávamos por instruções. — ...abrakadabras, foi o que disseram...

— ...anos que não se manifestam... — respondeu outro bruxo.

— ...namorados, imagine... — continuou o primeiro.

— ...falando sério? Eles dois...?

— ...absoluta... — confirmou o outro. — ...ófilo está uma fera...

Podiam não perceber, mas conseguíamos ouvir claramente o que falavam a nosso respeito. Tínhamos o direito de retrucar algumas coisas, mas decidimos não comprar uma discussão. Levaria algum tempo até que não fôssemos conhecidos apenas como o filho de Ágata Valburgo e o filho de Teófilo Montenegro. A reputação de nossas famílias nos precedia, mas algo me dizia que aquilo estava prestes a mudar. Talvez tivesse a ver com o fato de “ei-somos-abrakadabras-muito-prazer”.

No geral, os bruxos encaravam a surpresa de dois herdeiros de Monstros Lendários como uma vantagem, por isso, logo se decepcionavam quando descobriam que não sabíamos usar *esse* poder. Contudo, o detalhe de sermos namorados adquiriu proporções de um verdadeiro escândalo. Não apenas por se tratar de dois caras — afinal, bruxos também nasciam gays de vez em quando —, mas porque pertencíamos a duas linhagens conhecidas pela rivalidade, não pelos relacionamentos amorosos. Conseguimos relevar a maior parte das fofocas, é claro. Porém, em algum momento aquilo precisaria deixar de ser uma notícia escalafobética para os bruxos que nos conheciam.

— Que acha de tomar um café? — Klaus sugeriu como desculpa para sair dali.

— Você leu meus pensamentos — anuí.

Quando entramos na sala, porém, uma nuvem branca se materializou. De dentro dela, Andrômeda saiu com mais dois guerreiros; um deles carregava Tati no colo. Havia um ferimento semicurado em seu abdômen, mas que precisava de cuidados imediatos. A adrenalina subiu pelo meu corpo e eu agi.

— Você! — chamei um dos bruxos curandeiros na porta da cozinha. — Garagem, armário principal, quarta prateleira. Raiz de Aquileia, agora!

O homem se atrapalhou no início, mas logo partiu em busca do que eu havia solicitado.

— Coloque-a no sofá — falei ao guerreiro que a carregava. — Isso, desse jeito está bom. Deitada é melhor. Certo.

— Eu dei início ao processo de cura, Ed — arqueou Tati, tentando vencer a dor. — Mas usei muito poder contra os demônios...

— Shhh... vai ficar tudo bem — assegurei. — Você foi brilhante. Vamos dar um jeito nessa ferida em dois tempos. Procure ficar calma e respirar em ritmo normal.

Àquela altura, nosso sofá estava encharcado com o sangue proveniente do ferimento. Mestre Wasiry e mamãe entraram na sala, enquanto vários bruxos se aglomeravam ao redor para assistir.

— Prognóstico? — questionou minha mãe, pondo-se de joelho ao meu lado.

— Ferimento profundo na parte inferior ao abdômen — respondi, enérgico. — Possível hemorragia na parte superficial da epiderme, mas sem indícios de danos nos órgãos vitais.

— Raiz de Aquileia... — disse ela.

— Já mandei buscar. Ah, aqui está — o curandeiro trouxe um frasco oval com raízes den-

tro.

Levitei o vidro na altura do rosto e fiz sair um punhado da base herbácea. *Pressionar, ruminar, liquefazer*. Eram os passos para extrair o sumo medicinal da planta. Com um movimento da mão direita, fiz surgir uma esfera azul que se posicionou ao redor da raiz e a encobriu, distribuindo força para a extração. Alguns segundos depois, o líquido verde começou a cair em gotas sobre o ferimento de Tati. Usei a palma das mãos para espalhar com gentileza o sumo pela área atingida. Era um corte profundo que precisaria de bem mais do que uma simples extração de planta para sarar, porém, ao menos o sangramento desacelerou, até cessar quando entrou em contato com o remédio.

— Certo — falei para Tati. — Isso vai doer.

Antes que ela pudesse protestar, posicionei ambas as mãos sobre o ferimento e liberei uma carga densa de energia para dentro do seu corpo. Em ocasiões ordinárias, o procedimento a tomar seria o de suturar o ferimento, mas levaria dias para sarar e nós com certeza não dispúnhamos de tempo. Ela fez força para não gritar, mesmo com a dor. Normalmente, minha mãe e eu aplicaríamos um tipo de anestesia mágica para conter a pressão, mas aquilo podia impedir que meu poder fluísse direto à parte mais profunda da lesão.

— Ed, você me paga! — ameaçou ela enquanto se contorcia.

Sorri em resposta.

No momento seguinte, a carne do abdômen onde havia um rasgo medindo em torno de quinze centímetros começou a se conectar, fechando gradualmente o ferimento. A dor era causada por conta do ligamento das células, que se comportavam como num processo de cauterização, em que a ferida é selada com calor extremo. Quando terminei, Tati estava ofegante e vermelha. Percebi que sua timidez repentina se devia ao fato de estar quase sem a blusa, sendo observada por uma sala repleta de bruxos. Sua expressão colérica indicava que, apesar do susto, ela estava bem.

— Pronto — falei. — Novinha em folha.

— Excelente trabalho, sem dúvida — elogiou Mestre Wasiry.

Foi a minha vez de ficar envergonhado diante da atenção que recebi. Alguns bruxos cochichavam entre si, mas dessa vez não parecia ser algo negativo. Minha mãe sustentava no rosto uma expressão de orgulho que eu não via há algum tempo, por isso me senti um pouco mais confiante.

— Alguma nova informação? — Tati quis saber.

— Os demônios estão se locomovendo pela floresta que liga Anévoa à capital Jardim dos Córregos — Olívia nos atualizou, acessando algum tipo de banco de dados na sua mente sensorial. — Estão deixando um rastro de destruição por onde passam.

— Quanto tempo até alcançarem a cidade? — perguntou tia Lena.

— Difícil prever — respondeu Olívia. — Com sorte, duas horas.

— E sem sorte? — indaguei.

— Menos da metade desse tempo.

Um relâmpago rasgou o céu ao longe. A temperatura caiu drasticamente depois que a nuvem negra velou a cidade.

Dentro em breve começaria a chover.

Capítulo 34 | Desejo de Lutar

A CENA DO CAFÉ da manhã era estranha, para dizer o mínimo.

Muitos de nós sequer conseguíamos ter apetite para ingerir o que quer que fosse, mas minha mãe fez questão de que tanto bruxos quanto seres místicos tivessem uma boa porção de comida. Pensar em comer naquela hora parecia improvável, mas ninguém sabia quando seria nossa próxima refeição, por isso era melhor não argumentar.

Os bruxos no comando da cozinha utilizaram todos os itens que encontraram na despensa, e em pouco tempo a casa estava impregnada com uma miscelânea de aromas deliciosos, desde bebidas quentes como café e chá, até torradas, bacon, ovos mexidos, sopa de legumes e mingau de aveia.

— Ela é brilhante, não é? — Mestre Wasiry me surpreendeu quando se sentou ao meu lado à mesa de jantar. — Ágata Valburgo.

— Sim... — confirmei.

Minha mãe era a mulher mais extraordinária que eu conhecia e todos que faziam parte do nosso círculo pareciam pensar igual.

— Mesmo comparada a Briano — continuou ele, depois que outros bruxos nos deixaram a sós; Klaus conversava com Andrômeda em outro cômodo da casa. — Ainda assim, era formidável.

— Mas tio Briano era mais forte... — apontei.

— Oh, sim, sim — o homem idoso meneou a cabeça em acordo. — Todavia, Briano era um abrakadabra, lembre-se disso. Para ele, era fácil realizar feitos que certos bruxos demoravam anos, até décadas, para conseguir. Ágata, por outro lado, era um prodígio, sabe, desde pequena. Helena e Olívia também o eram, certamente. Porém, sua mãe sempre excedeu as expectativas daqueles que a observavam. Seu poder cresceu a níveis exorbitantes apenas pelo mérito de uma vida com dedicação exclusiva à magia.

Eu nunca parei para pensar daquela forma. Tio Briano era o mais forte Valburgo em sua época, contudo, isso se devia à herança do Monstro Lendário manifestada em sua essência mágica. Mas... e se ele não fosse um abrakadabra? A posição que ocupava com certeza passaria para a irmã mais velha. Minha mãe.

— Incrível... — aquiesci.

— No entanto, sabe qual a maior qualidade dela?

Fiz que não com a cabeça.

— Sua *humanidade* — respondeu o mestre, taciturno. — Ágata tem conhecimento de seus poderes e do status que possui na Sociedade Bruxesca, mesmo depois de renunciar ao posto de Grã-Mestre da Ordem dos Guerreiros. Ainda assim, olhe para ela agora. Está fritando ovos para alimentar um pequeno esquadrão de bruxos que recebeu tão acolhedoramente na própria casa. Não é algo que muitos bruxos fariam, você há de convir. A superioridade sempre fez parte da natureza dos dominadores de magia. Receio que pensemos, no mais das

vezes, estar acima das outras obras da Criação pelo simples fato de sermos quem somos.

— Agora que falou nisso, é realmente impressionante — concordei.

— É difícil pensar, não é mesmo, que uma bruxa capaz de trazer os mortos de volta à vida se contente com proteger os mais fracos? Ainda lembro de quando, quase duas décadas mais nova, ela veio até mim e implorou para se tornar minha aprendiz — o homem estava se perdendo em memórias. — Era uma jovem arrogante e prepotente. Um comportamento típico dos bruxos guerreiros, se quer saber minha opinião. Mas, mesmo lá atrás, vi algo nela que jamais consegui esquecer. A sede de vingança. Uma sede que, ao longo de todos esses anos, foi saciada ao ajudar as pessoas à sua volta. Sua mãe usa os poderes exímios que possui para defender os indefensáveis, curar os incuráveis, e manter viva a memória do irmão que perdeu.

— Espere... eu não entendo — retruquei. — Se ela é tão poderosa ao ponto de ressuscitar os mortos... então por que não salvou tio Briano?

O pajé me olhou surpreso pela primeira vez.

— Você não sabe? — ele estava curioso, por isso respondi com uma negativa. — Talvez eu não seja a pessoa mais indicada para lhe contar isso, filho, e posso estar me intrometendo em assuntos de família que não pertencem a mim para que fale sobre eles. Entrementes, você me parece ter o direito de saber, já que faz esta pergunta com tanto compromisso.

— Foi algo que sempre martelou na minha cabeça — confessei.

— Bem... é compreensível — o mestre se apurou em seu acento, certificando-se de que não estávamos sendo ouvidos. — A tragédia que orbita em torno da morte de Briano sempre foi um tema delicado. Para começar, foi o próprio Briano que proibiu Ágata de usar seus poderes para curá-lo.

— Quê?

— Isso mesmo que você ouviu — confirmou ele. — As irmãs Valburgo encontraram Briano entre a vida e a morte numa viela imunda desta cidade, gravemente ferido por golpes físicos. Ele as fez prometer que jamais tentariam se vingar... e implorou para que Ágata o deixasse partir desse mundo.

Agora tudo fazia sentido. Então era à morte de tio Briano que ela se referiu quando conversamos sobre dona Morgana. *Ter a habilidade de curar as pessoas não lhe dá o direito de fazer isso sem a permissão delas*, foram as palavras que usou. É claro! Ela podia ter curado seu irmão com facilidade, mas ele não permitiu e ela foi obrigada a assisti-lo... morrer. Não surpreendia a reação que teve quando revelei minha intenção de curar dona Morgana sem fazê-la desconfiar de nada. Eu tinha uma centena de perguntas para fazer ao mestre, mas fomos interrompidos pela alteração das gêmeas.

— Estamos *prontas*! — disse Erínia para Olívia quando vinham da sala.

— Fomos treinadas para isso, não fomos? — emendou Maeve.

— Não importa, garotas — descartou Olívia, virando-se para tia Lena. — É perigoso demais, Helena, sabe disso. Não estamos lidando com um simples duelo amistoso. É matar ou ser morto lá fora.

— Compreendo sua preocupação, Liv — tia Lena resfolegou. — Mas na idade delas nós já lutávamos contra demônios, caso não se lembre. Privá-las disso é um retrocesso no treinamento delas. Não as protegeremos para sempre.

Olívia engoliu as palavras.

Erínia e Maeve insistiam em fazer parte da luta contra os demônios, mas nem todos eram a favor da decisão. Por um lado, tia Lena as encorajava a abraçar o potencial mágico e usá-lo da melhor forma possível em uma situação de perigo. Por outro, se algo desse errado, as gêmeas podiam se machucar... ou coisa pior.

Era um dilema, não havia dúvidas.

— O que acha sobre isso, Mestre Wasiry? — recorreu Olívia ao pajé.

— Acho deveras peculiar, minha pequena Olívia — ele deu de ombros. — Contudo, para além dos perigos mortais que se apresentam diante de nós, as filhas de Helena parecem estar decididas a agir. Há uma vontade enorme dentro delas; um desejo de lutar que não esfriará pela falta de permissão.

— Nesse caso, eu lhes dou permissão para se juntar a nós — anunciou tia Lena, e acrescentou no momento em que as gêmeas irromperam em uma comemoração barulhenta. — Desde que não tentem nada idiota e obedeçam ao seu superior imediato no local da luta.

— Mas *você* é a líder dos guerreiros — disse Maeve.

— Exato! — exclamou tia Lena.

Erínia cogitou comentar a respeito, mas não teve tempo.

— Helena, Mestre Wasiry — minha mãe veio até a mesa de jantar, acompanhada de Teófilo. — Tivemos uma ideia... a Manobra Salazar.

— Manobra Salazar? — ponderou Olívia.

— Proteger os mais fracos e atrair os inimigos para uma área neutra, desviando a atenção dos protegidos para o grupo de contenção, e, então, derrotá-los — tia Lena recitou a estratégia de guerra. — É formidável!

— Sim, de fato — concordou o pajé. — Só precisamos de um local neutro para atrair os demônios. De preferência, um lugar fora dos limites da cidade, para que a proteção mágica não seja interrompida.

— Uma área não residencial seria o mais adequado — completou Teófilo. — Alguém tem ideia de um lugar aberto onde possamos enfrentar os demônios sem que eles alcancem a parte urbana da cidade?

— O Lago dos Pirilampos — sugeriu Klaus, tímido, atrás do pai.

Teófilo se virou para encará-lo.

— E onde fica isso? — questionou o homem.

— Bem nos limites da cidade, perto da floresta — informou Klaus. — Atende todos os requisitos que vocês listaram. É amplo, livre da presença de comunais, e distante o suficiente da área urbana para conseguirmos lutar contra os demônios com força total.

— Acho melhor encontrar outro lugar — disse Teófilo. — Há muit...

— O Lago dos Pirilampos é o local perfeito — contrapôs Andrômeda. — Já estive lá e asseguro que é a melhor opção que temos.

— Andrômeda está certa — concordou Olívia. — Também estive lá uma vez. É sem dúvida uma opção a ser considerada.

— Em sendo assim — anuiu minha mãe —, já temos nosso local. Todos os bruxos e seres místicos devem se locomover para lá imediatamente, seguindo as instruções de Olívia e Andrômeda.

Encurralado, Teófilo foi obrigado a ceder.

— Está decidido — disse ele, levantando a voz para ser ouvido por todos na casa. — Levantar acampamento! A partir de agora, devem deixar a casa dos Valburgos e se dirigir até o Lago dos Pirilampos. Levem apenas o essencial e aguardem novas ordens. Dispensados!

A comoção se instaurou conforme os bruxos se preparavam para migrar até o novo local. Enquanto isso, demos início à primeira parte da Manobra Salazar.

Proteger os mais fracos.

Capítulo 35 | As Três Irmãs

NADA FOI ENSAIADO, mas tanto bruxos quanto seres místicos sabiam como se portar. Em retrospecto, parecia que as gêmeas e eu éramos os únicos ali que nunca haviam participado de um acontecimento como aquele, nem mesmo em treinamento.

— Você vai ficar com quem? — perguntou um guerreiro a outro.

— Ainda não tenho grupo — respondeu o segundo.

— Ótimo. Ficaremos juntos, então.

Por conveniência estratégica, decidiu-se por criar grupos de cinco bruxos e seres místicos, que, doravante, atuariam em conjunto no confronto que se aproximava. Em lutas com uso demasiado de magia, era imprescindível ter alguém para proteger sua retaguarda enquanto você estivesse atacando. Sem mencionar a eficácia de ataques combinados, que elevavam em muito a chance de derrotar o inimigo.

Uma vez reunidos, tínhamos o equivalente a quinze grupos divididos pelo pátio da frente, entre bruxos, homens e mulheres-besta, licanos, banshees e lincos. Antes de partirem, porém, Olívia começou a usar seus poderes.

Com seu cabelo curto e roupas de luta que acentuavam a beleza do seu corpo, ela se dirigiu para o meio da aglomeração dos grupos. De sua boca, saía um tipo de zunido gutural fúnebre e misterioso. Sem que esperássemos, Olívia entrou numa espécie de transe e iniciou movimentos corporais leves, como se estivesse dançando.

— O que ela está fazendo? — perguntou Andrômeda.

— O comportamento dela está diferente... — constatou a representante dos bruxos sensórios, em alarme. — Não me diga que ela pretende executar...

— O Placebo Sensorial — completou Mestre Wasiry, maravilhado. — Em toda a minha vida, tive a oportunidade de assisti-lo apenas uma vez. Nunca pensei que veria uma bruxa usar uma técnica de tamanha proporção sensória novamente.

Conforme Olívia dançava ao som do próprio zunido que emitia, ela percorreu o pátio, entre os grupos, tocando cada um dos bruxos e seres místicos. Tão logo seu corpo entrava em contato com o corpo dos outros, a mudança de expressão nos rostos deles era algo inexplicável.

— O que é um Placebo Sensorial? — Klaus arriscou perguntar.

— Bem... — a representante dos sensórios limpou a garganta e explicou. — Na versão resumida, esse feitiço faz com que as pessoas atingidas por ele passem a acreditar que têm uma força muito maior do que realmente possuem. Comandá-las a pensar dessa forma acaba aumentando *realmente* o poder de cada pessoa, como se elevassem seus próprios níveis de magia. Um efeito de placebo.

— Isso é mesmo *possível*...? — Klaus deixou o queixo cair.

— Muito raramente... — respondeu a mulher. — É um feitiço da mais alta complexidade e exige quantidades de magia exorbitantes, pois o bruxo sensório precisa deixar-se levar pelo

transe, como se fosse possuído por uma manifestação da Natureza. Porém, quando há êxito, não há muitos bruxos no mundo que seriam capazes de se defender contra a vontade do sensório.

— Isso quer dizer que...

— Se Olívia diz para que se sintam mais fortes — completou ela —, então a própria *força* se manifestará de um modo ou de outro. Ela dá uma ordem usando esse feitiço, e tudo o mais deve se ajustar para obedecer seu comando. Estou genuinamente impressionada. Então, esse é o poder de uma Valburgo?

— Você ainda não viu nada... — resmungou Teófilo ao fundo.

Olívia continuou dançando entre os grupos, e as reações ao seu toque mantinham o mesmo grau de mudança drástica. Mestre Wasiry acrescentou que o feitiço não aumentava apenas o poder, mas também a adrenalina no sangue, a autoconfiança, o controle emocional, além de diminuir o medo e compartilhar a vontade de lutar. Por esse motivo, era uma técnica usada em guerras no passado, nas quais os pouquíssimos exércitos que possuíam um bruxo sensório capaz do feito costumavam voltar para casa vitoriosos.

Quando chegou a minha vez, Olívia se demorou segurando minha mão. No instante do contato, fui capaz de experimentar um choque térmico que aqueceu meu corpo inteiro. O sentimento crescente em mim indicava que eu conseguiria realizar todos os meus sonhos e ninguém jamais poderia me impedir.

— Uau — arqueei, tentando controlar a vontade de sair dançando junto de Olívia. Agora eu entendia o motivo de ela não parar de se mexer. Havia um desejo pungente de sair do lugar, fazer alguma coisa, liberar energia, voar... — Isso... É... *Demais!*

O zunido ritmado de Olívia fez erguer as vozes dos bruxos e seres místicos. Ferindo o silêncio da manhã-noturna, um coro altivo e imperial se fez ouvir no pátio da frente. Não havia uma letra específica; sequer eram onomatopeias que faziam sentido. A canção seguiu o ritmo do zunido de Olívia, como numa entoada de guerra. Enquanto urravam num coral, os bruxos foram deixando a residência. Cada grupo começou a desaparecer numa densa nuvem branca, abandonando para trás o silêncio da ausência de suas vozes contrastando com o som do teletransporte.

O grupo de Klaus, designado para proteger os comunais de possíveis ataques, dirigiu-se à entrada da cidade, onde impediriam os demônios de passar. Enquanto isso, um grupo de guerreiros liderados por Norberto foi ao encontro dos demônios para atraí-los ao Lago dos Pirilampos e desviar seu caminho da rota de Anévoa. Aquela era a segunda etapa de execução da Manobra Salazar. Quando Olívia finalmente saiu do transe e parou de dançar, abriu um sorriso de felicidade compartilhado apenas por bêbados ou loucos. Ela deixou-se estar por um momento, recuperando-se do estado mental, e depois foi até tia Lena.

— Os captores de Daruell vão alcançar os demônios da horda dentro de alguns minutos — disse ela. — Há vinte deles. Todos nobres.

Depois de sorrir, completou:

— É a sua vez.

— Localização? — pediu tia Lena.

Olívia acessou qualquer canto de sua mente e respondeu.

— Quinze graus a noroeste.

— Perfeito.

Tia Lena aprumou-se no lugar onde estava, fechou os olhos e levou a mão esquerda em forma de cilindro até a boca. Soprou vinte pequenas bolas de fogo verde, do tamanho de vagalumes, que pairaram diante dela como luzes de natal.

— Afastem-se — ouvi minha mãe aconselhar.

O aviso veio em boa hora, pois assim que tia Lena voltou a abrir os olhos, ergueu os braços para o alto e todas as vinte pequenas esferas de fogo verde se expandiram para vinte bolas flamejantes de pelo menos um metro de diâmetro cada. Os círculos acima de nossas cabeças encheram a escuridão de um verde quase tóxico, projetando sombras nos bruxos que ainda estavam presentes. O calor do feitiço aqueceu nossos rostos.

— *EXBUDAZOR!* — ordenou ela.

O vento soprou com agressividade.

As bolas de fogo foram lançadas como se uma catapulta as tivesse arremessado. Com a mesma velocidade que deixaram o local, as esferas flamejantes levaram consigo a iluminação fantasmagórica que bruxuleava entre nós. Depois disso, esperamos. Cerca de dois minutos em absoluto silêncio, até que tia Lena desse algum sinal de manifestação. Os ataques foram direcionados aos captores de Daruell. Uma bola flamejante para cada demônio-nobre. Era provável que não os derrotasse, já que eram poderosos demais. Porém, serviria para o objetivo de tia Lena.

— Volto já — disse ela, desaparecendo numa nuvem branca.

O silêncio perdurou entre nós, enquanto aguardávamos o retorno de tia Lena. Agora sem o calor das esferas, uma brisa gélida titubeava por entre as residências da rua. O céu continuou escurecido pela densa camada negra que se impregnava de raios ameaçando chegar ao solo. Segundos depois, tia Lena reapareceu numa segunda nuvem. Ao seu lado, estava Daruell, surpreso e... *feliz?*... Talvez esta não fosse a descrição mais apropriada, mas decerto preferia nossa companhia à de um grupo de demônios-nobres que o levavam para o sacrifício.

— Errei um — comentou tia Lena, exasperada.

— Eles sequer souberam o que os atacou — disse Daruell em seguida. — Pensei que o céu estivesse caindo...

— É... às vezes tem esse efeito — anuiu ela.

— Se me derem licença — anunciou minha mãe —, agora é minha vez de brincar.

— Como pretende nos superar, irmãzona? — perguntou Olívia.

— O Selo Maternal — disse ela com simplicidade.

— O Selo Maternal...? — repetiu Mestre Wasiry, intrigado.

— Sim — corroborou ela. — O feitiço de Dejanira, a Bruxa-Mãe.

— Mas... — retrucou o pajé. — Apenas uma bruxa que é *mãe* pode executá-lo. Em sendo assim, não poderei ajudá-la na execução.

— Verdade — assentiu ela. — Mas poderá mantê-lo depois que eu tiver feito.

— Sim... — concordou o mestre. — Suponho que esteja certa. No entanto, precisarei *permanecer* aqui.

— Talvez seja o melhor, mestre — redarguiu Teófilo para o idoso ao seu lado. — Temos tudo sob controle. Se permanecer aqui, poderá manter a própria segurança e assegurar a proteção dos comunais.

— Como queiram, então — o mestre apenas acenou.

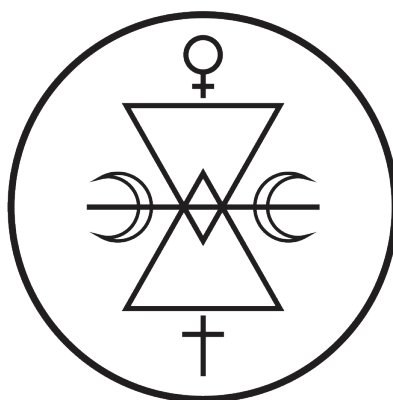
— Isso é loucura, Ágata — protestou Tati, sentada na escada do pórtico da entrada. — O Selo Maternal exigirá um poder inimaginável para proteger a cidade inteira. Tem certeza de que é a melhor opção, ainda mais sem a ajuda do Mestre Wasiry?

Mamãe deu de ombros.

— Devo insistir que se trata do encantamento mais eficaz para esta situação — disse ela, decidida. — Prosseguirei com ele. Por favor, Tatiana, escreva o selo.

Tati não pareceu muito convencida, mas cedeu. Levantou-se da escada e se dirigiu para o

meio do pátio. Então, tocou o ar, que imediatamente se iluminou com os movimentos de sua mão esquerda. Apenas nesse momento lembrei que ela era canhota. O desenho consistia em dois triângulos, um de cabeça para cima e outro de cabeça para baixo, sobrepondo-se quase até a metade do outro. Uma linha reta cortava o meio de ambas as formas, ladeadas por duas meias-luas opostas. Havia o símbolo feminino no topo do primeiro triângulo, enquanto uma cruz jazia na base do segundo. Em volta do desenho, um círculo que completava o selo.



— É todo seu — disse Tati após terminar.

Minha mãe assumiu o posto da amiga, colocando-se à frente do desenho de luzes flutuando no ar. Os bruxos que ainda estavam no pátio da nossa casa se apuraram, todos em expectativa para assistir Ágata Valburgo usar seus poderes a valer. Não demorou até ela entrar num estado de concentração absoluto. Sua linguagem corporal indicava um acúmulo de magia sendo feito naquele exato momento. Ela se preparava para liberar grandes quantidades de energia.

De repente, uma marca negra em formas de linhas arabescadas apareceu no seu rosto, e espalhou-se pelo corpo inteiro. Era como se o próprio selo escrito por Tati houvesse se estendido para a essência mágica da bruxa mais próxima. Um brilho dourado emanou de sua silhueta; seu poder transbordava. A brisa envolveu o eixo do seu corpo e fez seu cabelo desprender-se do coque, obrigando-o a pairar com vida própria, à comparação de uma fumaça embalada pelo vento. Mamãe ergueu ambas as mãos, tocou o selo... e gritou.

Quase todos fomos pegos de surpresa pela alteração. O grito não era agudo, nem gutural; sequer tinha um tom monocórdio. Parecia-se como se mais de uma pessoa estivesse gritando junto dela, o que fez eriçar todos os pelos do meu braço e da nuca. Era um som aveludado, mas com timbre reverberante. Tão logo ela começou a gritar, o selo explodiu em uma espessa camada de energia para todas as direções. O poder dela transbordou para fora do desenho mágico e se expandiu com oscilações incrivelmente majestosas. O encantamento voltou a iluminar o local, mas dessa vez não se tratava de uma luz bruxuleante. Tinha um calor próprio que carregava segurança.

Em pouco tempo, a camada de energia se espalhou pela rua, como uma espécie de manto, encobrindo as casas ao longo dos quarteirões. Era algo difícil de acreditar, porém, irrefutável. A proteção não criou uma barreira-escudo em forma de esfera como de costume; ao invés disso, impregnou-se em cada lar próximo de onde estávamos como a chuva umedece a terra.

— É como eu previa — comentou Mestre Wasiry, estudando a camada de energia emitida pelo Selo Maternal. — Os comunais entrarão em um sono profundo com esse encantamento. Isso é bem inteligente, se querem saber minha opinião. Assim, não teremos problemas em mantê-los longe do perigo.

— E se eles acordarem? — indagou Teófilo.

— Com a força desse encantamento? — duvidou o pajé. — Ouso dizer que jamais serão capazes de despertar enquanto a barreira estiver erguida. Ágata superou todas as expectativas de meu treinamento.

Para nosso assombro, ela continuava entoando o mesmo grito, sem pausar para respirar uma única vez. Conforme prosseguia, a camada se espalhava por Anévoa numa velocidade formidável, a perder-se de vista como num oceano em que não se consegue enxergar o horizonte.

— E eu pensava que Olívia e Helena tinham sido extraordinárias — disse a representante dos sensórios, com os olhos maravilhados. — O poder das três irmãs está em outro nível.

— A linhagem Valburgo sempre reservou muitas surpresas — acrescentou o representante dos alquimistas, apoiando-se numa bengala que parecia sustentar seu corpo e sua fadiga. — Temos sorte de presenciar algo assim.

E como temos sorte!, pensei em acordo. Que as mulheres da minha família eram excepcionais, eu não tinha dúvidas. Mas minha mãe estava de fato em outro nível. Um nível que eu jamais sonhava em alcançar nem com todo o treinamento do mundo. Chamá-la de incrível seria eufemismo. Minha mãe era uma deusa.

Depois de algum tempo, o grito cessou. Seus cabelos permaneceram no ar por alguns momentos, até que voltaram ao normal. A marca negra em seu corpo desapareceu lentamente, e quando ela voltou a abrir os olhos já não estava mais lá.

Ela procurou Daruell.

— Por que está me olhando assim? — perguntou o menino.

— Ergui uma barreira — disse ela com a voz calma. — Tente derrubá-la!

— Oh... — ele entendeu.

Aquela era uma proteção contra males relacionados à magia, mas especialmente construída para repelir demônios e evitar a morte dos comunais. Nada mais natural do que testar a barreira com o ataque de um demônio-nobre, cuja força excedia a de inúmeros bruxos. Daruell aceitou o desafio. Saiu do lado de tia Lena e andou reto, atravessando a rua, até a casa em frente à nossa. De longe, não parecia ter mais do que doze anos; uma criança vestida com minhas roupas velhas, que lhe cabiam com folga, andando pela rua recém-iluminada em direção à residência oposta.

Do lugar onde estávamos era possível enxergar apenas uma película dourada em volta da edificação; uma brisa de poeira brilhante que encobria a extensão das paredes de cima a baixo, como os anéis de Saturno, em órbita ao redor da casa. Daruell chegou o mais perto que conseguiu e se preparou.

— Ele pretende usar um golpe físico? — perguntei, mais para mim mesmo do que para os outros, quando o menino se aproximou ao ponto de tocar a barreira.

Então... **BOOM!!!**

Daruell desferiu um soco na proteção. O barulho explosivo chegou até nós junto a uma tempestade de poeira que se erigiu da força do golpe. Meus olhos se arregalaram quando me dei conta de que, sem o escudo, a casa seria reduzida às ruínas com um único golpe do demônio. No entanto, com um grito esganiçado, Daruell foi arremessado na nossa direção. A barreira o repeliu, tirando-o do solo como se não pesasse mais que um guardanapo. Antes que caísse com um baque forte no chão, Teófilo fez aparecer uma espécie de manto de energia que aparou a queda do demônio e o trouxe suavemente de volta ao chão.

— Impossível penetrá-la — disse ele à minha mãe.

— Foi o que pensei — arqueou ela. — Mestre Wasiry...

— Com todo prazer — assentiu o pajé, tomando a posição dela em frente ao Selo Maternal, que continuava a reluzir no ar. — Mantereí a proteção de pé nem que isso custe minha vida. Podem ir.

— Obrigada, mestre — agradeceu ela. — Helena, você e seus guerreiros devem se certificar de que o grupo de Norberto conseguirá desviar a rota dos demônios para o Lago dos Pírilampos; caso contrário, o grupo de Klaus terá de enfrentá-los na entrada da cidade.

— Certo — respondeu tia Lena.

E partimos.

Capítulo 36 | Bruxos vs. Demônios

NUNCA FUI MUITO FÃ de usar a nuvem branca para me teletransportar. Aquela era a forma de locomoção mais usada pelos seres mágicos, e consistia na ação de desfazer-se em um aglomerado molecular de água e fumaça, que movia o usuário de um destino a outro numa fração de segundos.

Para usar a nuvem, o bruxo ou ser místico precisava ter ao menos uma noção de como se parecia seu destino, ou estar acompanhado de um parceiro que conhecesse o local. O problema era que, quando nossos corpos de desintegravam ao nível molecular, era muito comum haver efeitos colaterais, que variavam desde dores de barriga e enxaqueca até perda de consciência e vertigem.

Minha reação sempre foi algo entre dor de barriga e atordoamento. Eu demorava alguns longos segundos até conseguir reestruturar meu senso de direção. Por isso, quando vi os primeiros demônios chegando ao Lago dos Pirilampos, quase pensei que a terra estava sendo invadida por alienígenas.

— Você está bem? — perguntou minha mãe.

— Só preciso de um segundo — respondi.

— Ótimo — anuiu ela. — Você deve assumir seu posto de liderança.

— Certo.

Antes, tomei um momento para visualizar o cenário. Não é todo dia que você se depara com um pequeno exército de demônios preenchendo o lugar especial onde você costuma se encontrar às escondidas com seu, agora, namorado. O que antes era um oásis particular agora transformou-se num mini-apocalipse.

Havia pelo menos uma centena de demônios-subalternos destruindo a paisagem por onde passavam. Seus olhos amarelos brilhavam à pouca luz do ambiente, em contraste aos rostos escamosos e a pele pútrida característicos de sua aparência. Lançavam raios vermelhos nos primeiros bruxos guerreiros que os enfrentavam.

Voando sobre o exército, dezenas de demônios-emissários, com seus quase três metros de altura e asas longas, brandiam feitiços letais na direção dos seres místicos, que por sua vez eram incapazes de contra-atacar com eficácia. A carapaça animalesca revestindo os corpos dos emissários tornava difícil penetrar algum golpe revidado pelos bruxos que se juntaram à luta.

Contudo, o pior eram os demônios-nobres. Duas dúzias deles. Em sendo mais poderosos, os nobres tinham capacidade de adquirir uma fisionomia humana, como a de Daruell. Por isso, a cena se desenrolou como se duas dúzias de homens e mulheres lutassem ao lado dos demônios. O único detalhe diferente eram seus olhos amarelos vívidos cintilando perigosamente quando atacavam os bruxos.

— Guerreiros! — chamou tia Lena quando apareceu entre seu grupo e o de Norberto; ainda nenhum sinal de Klaus. — **FORMAÇÃO VÓRTICE!**

Cinco equipes de bruxos se aglomeraram em fileiras partindo de um eixo. Eram os únicos guerreiros disponíveis contra um número de adversários sete vezes maior. Uma vez dentro da formação, os bruxos giraram para a direita, sem desligar-se do ponto central. Conforme o faziam, lançavam ataques combinados na direção dos demônios mais próximos do lago.

— É uma boa estratégia — disse Teófilo atrás de mim. — Mas não vai segurá-los por muito tempo.

— Helena sabe disso — arqueou minha mãe. — Está usando um ataque de contingência para eliminar o máximo de demônios que conseguir...

— Para depois focar nos mais fortes...? — completou Teófilo, satisfeito. — Gosto disso, é um bom começo.

Tia Lena comandou a Formação Vórtice por mais alguns minutos, derrotando vários dos subalternos na linha de frente. A estratégia ganhou tempo para os bruxos se reagruparem em seus grupos originais e atacar em pontos isolados, a fim de lidar com os demônios mais preocupantes.

Os guerreiros usavam armas para lutar. Havia um verdadeiro caos de espadas digladiando contra as carapaças dos emissários, enquanto lanças protegiam seus usuários das esferas flamejantes atiradas pelos nobres. No meio de tudo, um sem-número de flechas encantadas voou dos arcos dos bruxos e encontrou destino no peito dos subalternos mais desatentos.

— Transmorfos! — chamou Teófilo para todos ouvirem. — Atacar com força total! Demônios-nobres...

Os únicos cinco bruxos desta ordem brilharam com o efeito da transfiguração. Isolda transformou-se na Mamba Negra gigante e rastejou impetuosa até o demônio-nobre que atacava a Formação Vórtice. Um segundo transmorfo irrompeu numa onça pintada que rugiu ao desferir um golpe com a mandíbula na jugular de outro nobre.

— Alucinante... — murmurei.

Uma transmorfa deu um salto e tomou a forma de um macaco no meio do ar, indo em direção ao seu próprio adversário. O transmorfo ao seu lado não se transformou em um animal; ao invés disso, desapareceu. Por um momento, cheguei a pensar que tinha ido embora, mas quando um demônio-nobre foi atacado por nada em particular descobri que o bruxo se transfigurou em invisível e atacaria sem ser notado.

— Definitivamente alucinante... — murmurei de novo.

— Ei, Ed! — Artur piscou um olho para mim. — Quer ver uma coisa legal?

Sem esperar por uma resposta, o transmorfo implodiu na forma de licano e galopou até o nobre mais próximo, derrubando-o no chão e fazendo o rosto do demônio com aparência de humano virar uma compota de carne e sangue amarelo. Foi surpreendente assistir ao ataque quando demônios-nobres estavam dominando a luta.

— Alquimistas! — gritou minha mãe. — Derrubem os emissários!

Pelo padrão de comando, era possível perceber que ela e Teófilo seguiam as leis das Ordens de Poder. Os códigos de guerra dos bruxos eram um procedimento básico a seguir durante batalhas mágicas. Numa linha lógica de luta, os guerreiros eram os primeiros a atacar, sendo responsáveis por ataques a distância e corporais, seguidos pelos alquimistas e transmorfos, que, juntos, assumiam os ataques secundários depois da investida dos guerreiros. Os sensórios se encarregavam do combate corporal sempre que os ataques a distância se mostravam insuficientes para deter o inimigo. Por último, os curandeiros encarregavam-se de curar os outros bruxos feridos, por isso, deviam ser protegidos por todos eles; caso contrário, se não houvesse nenhum especialista em curas, o sucesso da missão estaria comprometido.

Havia cinco alquimistas ao todo, mas cada um deles munia-se de frascos coloridos com

poções das mais letais. Quando lançaram seus ataques, porém, os emissários rebateram os frascos com as asas, e as poções caíram em alguns bruxos na Formação Vórtice. Foi o suficiente para dividir o agrupamento.

— Seres místicos! — tonitruou minha mãe novamente. — Reforcem o ataque dos alquimistas. Protejam os bruxos das poções errantes.

O mesmo número de seres místicos se igualava ao número de guerreiros. Os licanos partiram para cima dos demônios-emissários caídos, enquanto os lince e homens-besta faziam ricochetear os frascos rebatidos nas asas dos que ainda voavam. As banshees se espalharam pelo caos para gritar.

Cada banshee abriu a boca e liberou um som inaudível. O agouro de destruição das criaturas mágicas só podia ser ouvido pelos alvos de seu ataque. Quando os emissários detectaram a ameaça emudecida que os fazia cair atordoados, focaram os feitiços nas mulheres. Enquanto voassem, seria difícil fazer frente contra os ataques dos emissários. Em pouco tempo, apenas a mãe de nina sobrou de pé, emitindo seus agouros de destruição no máximo de demônios que conseguia.

Por alguma razão, os adversários estavam levando a vantagem. Além do número superior, os demônios pouco se importavam se seus ataques atingiam bruxos, seres místicos ou os de sua própria espécie. Lançavam raios vermelhos em todas as direções e esperavam atingir qualquer um à sua frente.

— Olívia — chamou minha mãe. — Lidere os sensórios na proteção dos curandeiros. Edgar! É sua hora... comande os curandeiros e sare os ferimentos de cada bruxo ou ser místico que precisar de cuidados médicos.

— Entendido.

Havia sete sensórios para oito curandeiros. Como parecia ser o único com mais experiência em combate, decidi por agir sozinho e deleguei a proteção dos sensórios para os outros curandeiros. Olívia ficou perto de mim, pois seria capaz de proteger dois curandeiros se fosse necessário.

— Cuidado! — gritei quando um nobre tentou atingir uma curandeira em pleno processo de cura a alguns metros de onde estávamos. Olívia foi na direção do demônio que desferiu o golpe e tocou seu braço.

— Exploda — disse ela, suave.

O nobre ficou sem entender o que aconteceu. Primeiro fez uma expressão de desprezo, passando para o horror. Seu corpo emanou uma luz amarela que cresceu em escala e o fez soltar um urro de dor antes de explodir num caos nojento de carne e sangue corrosivo para todos os lados. Olívia voltou a proteger seu curandeiro e eu alcancei um guerreiro no chão próximo dali. O ferimento atingiu o rosto do bruxo, comprometendo parte da sua visão no olho esquerdo.

— Tente ficar parado — instruí. — Tenho de usar uma técnica complicada e preciso de estabilidade. Tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça.

Pus dois dedos da mão direita sobre o olho do guerreiro e me concentrei. Aquela cura exigia controle avançado de energia, e qualquer erro podia deixá-lo cego para sempre. Por sorte, eu já havia dominado a técnica e estava seguro para executá-la. Mapeei o ferimento interno, identifiquei as partes internas atingidas e liberei magia na quantidade correta para sarar a lesão. O corte se fechou com facilidade e as células do olho foram reconstruídas com sucesso. Para garantir, soltei uma pequena carga de energia no corpo do guerreiro a fim de recuperar quaisquer outros danos.

— Pronto — anunciei. — Novo em folha.

O guerreiro agradeceu e voltou a lutar ao lado dos integrantes do seu grupo. Assim que levantei, vi a sensória de um dos curandeiros receber um raio no ombro vindo de um dos emissários que voavam acima de nós. Ela conseguiu erguer uma barreira protetora pouco antes do impacto, mas foi arremessada para longe.

Corri até ela enquanto Olívia tocou outro emissário com as asas quebradas e ordenou que ele matasse o emissário responsável pelo ataque à sensória. O demônio tentou resistir, mas foi em vão. Desferiu inúmeros raios no emissário que voava até atingi-lo com um golpe certo. Olívia voltou a tocar no braço do demônio e ordenou que cortasse a própria cabeça fora. Não foi algo bonito de apreciar, mas ninguém reclamou dos métodos da bruxa.

— Era um demônio — explicou ela quando viu outros bruxos encarando-a. — Ele mereceu...

Ignorei a desculpa e atendi a sensória.

— Onde dói? — perguntei.

— Meu ombro — indicou ela com a mão sobre o ombro esquerdo. — Acho que está quebrado.

Coloquei a mão sobre o ferimento e mapeei a lesão.

— Não está quebrado — assegurei. — Apenas deslocado. Vou precisar colocá-lo de volta no lugar e você vai sentir uma dor muito forte, porém rápida.

— Espere — pediu Olívia. — Podemos resolver isso.

Ela tocou o na testa da bruxa e ordenou:

— Não sinta dor.

A expressão da mulher ficou tesa e eu aproveitei para executar a cura. Com as duas mãos, pressionei o ombro em direção ao osso da escápula e um estalo anunciou que ele estava de volta ao lugar. A sensória não exibiu qualquer sinal de perturbação. Desferi uma corrente de energia para mantê-la na ativa.

— Liberar! — Olívia a tocou novamente.

Depois de voltar a si, a sensória continuou a proteger o curandeiro que atendia um homem-besta. Caminhei em direção a uma banshee desacordada e tomei um susto ao constatar que estava morta. Seu corpo sem vida jazia suave no chão, como se estivesse dormindo. Os demônios ainda tinham a vantagem. Curei um licano de um ferimento no estômago e consertei a perna quebrada de um alquimista amedrontado. Os outros curandeiros procuraram por bruxos e seres místicos caídos, mas alguns deles não respiravam mais.

Olhei para trás de mim e vi minha mãe lutando contra dois nobres sozinha, enquanto Teófilo se defendia de um ataque combinado dos emissários que o identificaram como Grão-Mestre.

— Estamos perdendo, Olívia — falei, com a voz falhando.

— Ainda não — disse ela. — Enquanto sobrar um único bruxo ou ser místico vivo, não teremos perdido, Ed. Recomponha-se...

Um clarão vermelho passou entre nós e atingiu o guerreiro que eu havia curado minutos antes. O homem recebeu o impacto do raio e ficou com um baque seco no chão. Um demônio-nobre tinha mirado o ataque na *minha* direção? Errou por pouco...

— Essa não... — murmurou Olívia.

— Eles descobriram! — gritou tia Lena do outro lado do acampamento, perto do lago, onde as gêmeas lutavam bravamente contra os subalternos. — Sabem que Ed é um abrakadabra!

Meu sangue gelou.

Tia Lena lançou uma bola flamejante de fogo verde no demônio-nobre que desferiu o ataque e o atingiu em cheio. O demônio foi arremessado para longe, mas não demorou para se levantar novamente. Minha mãe brandiu um chicote de fogo — o mesmo usado na primeira vez que a vi lutar contra os demônios que perseguiram tia Lena — e atingiu o nobre antes que pudesse se defender. A criatura evanesceu em partículas de cinza que flutuaram pelo ar da manhã-noturna.

Daruell estava a poucos metros de Teófilo e assistia a tudo com horror no rosto. Ele sabia que não conseguiríamos aguentar por muito tempo, e que bruxos e seres místicos tinham morrido em vão àquela altura. Parecia perplexo demais para lutar, embora sua ajuda fosse mais do que necessária.

— CURANDEIROS! — chamei, tomando uma decisão. — Priorizem os guerreiros! Curem os ferimentos mais profundos e deixem os danos mais leves para depois. Agora!

Os sensórios que os acompanhavam seguiram à frente para protegê-los dos ataques mais proeminentes. Nossa melhor chance seria diminuir o número de inimigos, e os guerreiros eram os mais qualificados para aquela tarefa. Tia Lena se posicionou ao meu lado e me acompanhou enquanto eu curava os guerreiros feridos que encontrava. Muitos deles tinham danos irreversíveis, mas com uma cura parcial seriam capazes de voltar a lutar. Mestre Wasiry poderia finalizar o trabalho que começamos quando tudo terminasse.

Clarões vermelhos, verdes e amarelos reluziram no meio da escuridão do Lago dos Pirlâmpos. Bruxos e demônios duelavam frente a frente, e o som dos feitiços esfuziantes formava uma sinfonia macabra que embalava nossa derrota gradual.

— Atrás de você, Maeve! — gritou Erínia ao longe, quando um emissário atirou uma bola de fogo contra a gêmea loura.

O golpe explodiu em uma barreira que se levantou para proteger a garota. No momento seguinte, Klaus se materializou ao lado das gêmeas, para meu alívio, e lançou um ataque combinado de raios no demônio que caiu quando recebeu o golpe em pleno ar. O reforço do grupo recém-chegado trouxe a certeza de que todos os demônios estavam ali, portanto, Anévoa permanecia segura.

Klaus deu um salto e desferiu um soco com sua mão revestida em pura magia no rosto do emissário. O demônio resistiu, mas acabou sucumbindo à sequência de golpes que recebeu, e nem mesmo sua carapaça foi suficiente para protegê-lo.

Atônito, ousei manter vivas as esperanças.

Capítulo 37 | A Família Montenegro

— **ESSA FOI POR** um triz — comentou Maeve depois de agradecer a Klaus. — Um segundo a mais e eu viraria purê de bruxa.

— Continuem atentas — alertou Klaus. — Cubram a retaguarda uma da outra.

— Pode deixar — assegurou Erínia.

O grupo de Klaus se juntou aos guerreiros em batalha. Os bruxos com força suficiente permaneciam no duelo contra os demônios, enquanto os mais enfraquecidos fizeram uma pausa para recuperar o fôlego depois de o reforço chegar. Os clarões passavam de um lado a outro; tornou-se ainda mais difícil se locomover com liberdade sem se preocupar com feitiços ricocheteando. A proteção de Olívia e dos sensórios era eficaz, mas deixava muitos pontos-cegos na barreira dos curandeiros.

Tia Lena ficou ao meu lado, arremessando feitiços a distância em demônios emissários que voavam descontrolados. Não era fácil acertá-los quando possuíam movimentos impossíveis de prever. Depois de me certificar que os guerreiros vivos foram curados para retornar à luta, ordenei aos curandeiros que se encarregassem dos alquimistas. Foram os que mais sofreram com os efeitos das próprias poções e agora precisavam de atenção imediata. Enquanto isso, ajudei um lince e um homem-besta a retomar a consciência depois de um baque forte com a cabeça.

— Teófilo! — gritou Norberto para o irmão. — Precisamos de mais agressividade. Está na hora de mostrar do que somos feitos.

O Grão-Mestre sorriu, misterioso.

— Achei que nunca fosse sugerir — aquiesceu o homem. — Comecem!

Tiago e sua mãe, Doroteia, juntaram as costas uma na outra. Ergueram as mãos e giraram no mesmo lugar. Conforme o faziam, lançavam feitiços rosáceos nos demônios a uma velocidade incrível. Os golpes atingiram os subalternos, deixando-os inconscientes de imediato. Eles continuaram girando e lançando Feitiços de Evanescência em todas as direções, com uma precisão digna de um atirador de elite. Nenhum bruxo chegou perto de ser atingido, mas os ataques encontraram emissários e nobres na mesma quantidade, embora com menos potência.

— O Redemoinho Evanescente... — tia Lena sorriu ao meu lado.

— Parece mesmo com um — respondi.

— Impressionante — admitiu Olívia. — Para os Montenegros...

O ataque combinado parecia parte de uma coreografia mágica da mais alta eficiência para derrotar demônios. Criou a oportunidade perfeita para os guerreiros tomarem conta do resto. Não era uma técnica letal, mas, ao invés disso, focava em colocar o inimigo numa situação de risco para que outros bruxos terminassem o serviço. O giro ininterrupto de mãe e filho não diminuiu a velocidade nem a qualidade e constância dos feitiços. Muitos demônios contra-atacaram, mas seus golpes eram repelidos pelo turbilhão de clarões rosas desferido na dire-

ção das investidas alheias. Era uma habilidade adquirida com treinamento incansável para alcançar aquele nível.

— Bom trabalho! — disse Norberto ao filho e esposa. — Como esperado de vocês. Agora, se me permitem...

O irmão de Teófilo desviou de um ataque e andou alguns passos para frente a fim de se posicionar melhor. Esfregou as palmas das mãos cinco vezes e cinco pequenos flocos de fogo apareceram no ar. O homem tocou cada um deles com a ponta dos dedos, murmurando um encantamento. Em seguida, afastou-se dos flocos brilhantes e observou o céu.

— *VARGÓVIA!* — bradou.

Os flocos se expandiram pelo ar e tomaram a forma de cinco pássaros gigantes feitos de puro fogo, iluminando o acampamento por inteiro. O pio das aves flamejantes anunciou o fim daqueles que ousassem enfrentá-las. Com um gesto das mãos, Norberto incitou os pássaros contra os demônios-emissários que voavam. Um deles surpreendeu um demônio no alto das árvores quando preparava um novo ataque. Emissário e pássaro de fogo se entrelaçaram num embate corporal enquanto voavam em aleatório pelo céu. A luta durou longos momentos até que ambos caíram dentro do lago com um ruído de fogo se apagando.

Pouco tempo depois, o emissário erigiu-se da água e tentou fugir, mas o pássaro veio logo atrás, sem parecer se importar com o fato de estar dentro de um lago. A ave piou com um revérbero sonoro, enchendo-se de esplendor ao capturar o demônio e jogá-lo de volta dentro da água, agora com o corpo evanescendo em cinzas.

— É isso aí! — celebrou Norberto. — Derrotem todos, meus bebês, todos os demônios que ousarem enfrentá-los.

O homem continuou a fazer movimentos com a mão, o que indicava que o feitiço dos pássaros obedecia ao seu comando direto. Norberto mostrou extrema coordenação ao controlar sem qualquer dificuldade todas as cinco aves, caçando emissários com independência, mas ao mesmo tempo conectadas ao bruxo.

— Está esperando um convite, Andrômeda? — gritou ele para a cunhada.

A mãe de Klaus lutava contra cinco subalternos ao mesmo tempo. Pareceu ter se irritado com o tom de Norberto, mas não demonstrou mais que uma franzida de cenho. Ao invés de revidar, levou a mão direita fechada em forma de cilindro até a boca. Andrômeda soprou. Centenas e centenas de pequenas bolhas roxas saíram do cilindro em sua mão, até que perdesse o fôlego e respirasse novamente. Soprou outra vez e outras centenas de bolhas roxas salpicaram da sua mão.

Como se criassem vida própria, as esferas flutuaram com rapidez na direção dos subalternos, sendo atraídas pelo seu corpo. Quando entraram em contato com os demônios, as bolhas espocaram em um líquido corrosivo que se espalhou pela pele dos subalternos fazendo-os gritar de dor. Ela continuou a soprar e as bolhas mantiveram a caça aos demônios mais fracos. Sem demora, era possível vislumbrar uma nuvem feita de bolhas roxas que se propagava pelo acampamento em busca de mais deles.

A técnica da mãe de Klaus facilitou a contenção das criaturas, já que os guerreiros se encarregaram de eliminar os demônios atordoados pelo ataque. Um sem-número de subalternos sucumbiu à habilidade de Andrômeda; acabaram sendo derrotados pelos guerreiros mais experientes.

— O que me diz agora, Norberto? — retrucou ela para o cunhado.

— Nada mal — respondeu o homem, convencido. — No fim das contas, você é *mesmo* uma Montenegro.

Estávamos conseguindo reverter o jogo aos poucos. O número de demônios ainda se so-

brepunha ao de bruxos e seres místicos, sem contar as baixas que tivemos na última hora que se passou. Contudo, era possível imaginar uma vitória sobre os invasores, e eu me agarraria àquela possibilidade com todas as forças.

Klaus foi arremessado para perto de mim pelo ataque de um nobre. Corri até onde estava, mas ele não permitiu que eu o curasse.

— Deve poupar seu poder para quem precisa — disse ele.

— Você está machucado — insisti.

Ambos estávamos certos. Meu poder estava longe de ser o suficiente para curar todo mundo, por isso devia priorizar os mais gravemente feridos. Mas o ataque do nobre tinha aberto um ferimento no seu braço e havia sangue cobrindo a área. Enquanto me pus a curar a lesão, Teófilo fez surgir no ar um machado de dois gumes e atacou o nobre que derrubou seu filho. Bruxo e demônio lutaram num embate exímio digno de admiração. O Grão-Mestre da Ordem dos Guerreiros era um lutador ágil e desferia golpes firmes. A justa durou um punhado de minutos, até que, num golpe certo, Teófilo separou a cabeça do corpo do demônio, evanescendo-o em cinzas.

— Ágata, Teófilo! — chamou Olívia. — Klaus também foi descoberto.

— Foi o que pensei — respondeu minha mãe. — Devemos protegê-los.

— Eu cuido disso — ofereceu-se Teófilo.

O pai de Klaus fez o machado de dois gumes desaparecer e se ajoelhou sobre a grama acidentada. Fechou os olhos e murmurou palavras inaudíveis, porém, com certa sonoridade rítmica. O solo deu uma leve tremida enquanto dez amontoados de terra soergueram do chão.

— O que são essas coisas? — perguntei.

— Soldados de barro — respondeu Klaus quando terminei de sarar o ferimento em seu braço. — Ele vai usar o Réquiem dos Mortos.

O que quer que aquilo significasse, era com certeza um feitiço poderoso, pois Teófilo se encheu da mesma marca negra que tatuou o corpo da minha mãe quando ela usou seu Selo Maternal para proteger a cidade. O Grão-Mestre continuou a prece enquanto tocava o solo, até que os aglomerados de terra tomaram formas humanoides e, por fim, adquiriram a aparência de bruxos guerreiros feitos de barro.

As estátuas ficaram paradas no lugar, imóveis. Teófilo voltou a ficar de pé e encarou sua criação. Levantou as mãos para o alto e murmurou outro encantamento, mas, dessa vez, seu próprio corpo emanou um brilho mágico. Não demorou até que pudéssemos ver manifestações espectrais vindo do horizonte em nossa direção.

— Ele invocou espíritos de bruxos mortos em batalha — explicou Klaus. — Guerreiros que perderam a vida lutando.

— Agora que têm ciência de que somos abrakadabras — falei —, os demônios vão focar seus ataques em nós.

Ele olhou para mim, cintilando.

— Não me importaria de morrer ao seu lado.

Meu coração parou.

— Não vamos morrer esta noite — assegurei.

Os espectros invocados por Teófilo adentraram os corpos de terra dos soldados. Cada um deles ganhou vida e assumiu posição de batalha, esperando pelas ordens do seu senhor.

— Protejam os abrakadabras! — bradou o Grão-Mestre.

— AYE! — rugiram os soldados em retorno.

Espalharam-se até formar um círculo em volta de mim e Klaus. Os demônios-nobres iniciaram um ataque combinado, mas nenhum dos golpes passou pela barreira dos guerreiros an-

cestrais. Cada um deles possuía um comportamento de luta diferente do outro, bem como armas próprias usadas para atacar. Enquanto assistíamos à defesa exímia do encantamento de Teófilo, Klaus consternou-se em uma expressão de contento que eu reconheci como admiração.

— Seu pai pode ser um cabeça-dura — falei —, mas sabe ser *incrível*.

— É... incrível.

— Fica fácil ver por quê se tornou Grão-Mestre — anuí.

E não estava mentindo. Eu ainda considerava minha mãe a bruxa mais poderosa naquele lugar, mas Teófilo deu provas de ser tão habilidoso e capaz quanto ela, por isso seria tolice deixar de reconhecê-lo pelo bruxo que era. Aproveitei a proteção extra para me locomover até alguns licanos feridos próximo do lago. Muitos dos seres místicos apresentavam lesões graves, mas os outros curandeiros e eu conseguimos reverter os quadros mais urgentes.

Foi só quando tive dificuldades para sarar um corte profundo na cabeça de um lince que me dei conta de que meus poderes estavam chegando ao fim. Àquela altura já tinha usado mais da metade da energia armazenada no segundo receptáculo dentro de mim, por isso deveria curar ferimentos com parcimônia a partir dali caso não quisesse apagar bem no meio da batalha.

Quando olhei para o outro lado do acampamento, encontrei um Daruell ainda perturbado com a cena de destruição. Fiquei intrigado ao perceber sua impotência diante da luta; era um comportamento atípico para demônios de sua estirpe.

— Cuidado! — gritei quando um nobre tentou atacá-lo por trás.

Norberto estava próximo e fez um de seus pássaros de fogo receber o impacto do golpe, indo parar no chão aos pés de Daruell, apagado. Estariam os nobres empenhados em *matar* o filho de Súmrak? Mas aquele não era o objetivo.

Pelo visto, abrakadabras não eram os únicos que precisavam de proteção.

Capítulo 38 | Parceria

A LUTA CONTINUOU acirrada.

De um lado, nossos ataques surtiam mais efeitos. De outro, porém, os demônios enxergaram um padrão na formação dos grupos de bruxos e passaram combatê-los com mais agressividade. Se antes derrotar um nobre era uma tarefa difícil, agora parecia que os demônios de alta estirpe ganhavam mais poder quando se acostumavam ao plano físico. Ninguém considerou a possibilidade antes, mas era provável que os estivéssemos enfrentando quando ainda não tinham controle total sobre os corpos que adquiriram ao passar pela Fronteira Entremundos.

— Acha que eles ficaram mais fortes? — perguntei a Klaus. — Estão pegando o jeito do mundo dos humanos.

— Talvez — ele deu de ombros. — Seja como for, vamos precisar redobrar os cuidados e aumentar a intensidade dos ataques.

Ele estava certo.

Nossa melhor chance repousava nas habilidades dos guerreiros treinados e alguns seres místicos mais experientes. Os licanos, por exemplo, desempenhavam ótimo papel na luta corporal contra os demônios que enfrentavam, mas os homens-besta e lincas eram de bem menos ajuda. Quanto às banshees, apenas duas delas restavam vivas. Meu coração se aliviou quando me certifiquei de que uma delas era a mãe de Nina. Seu pai também resistia no meio dos licanos.

O grito de destruição das banshees, combinado aos pássaros de fogo controlados por Norberto, diminuíram para menos da metade o número de emissários voando no acampamento. Ainda assim, os que sobraram não davam sossego para os alquimistas e transmorfos.

Os bruxos exterminaram a maioria dos subalternos, deixando alguns poucos com força para revidar. De algum modo, por mais que não fizessem frente aos ataques mais poderosos, a classe mais baixa dos demônios continuou a lutar sem pensar na própria segurança. Talvez aquilo significasse lealdade ao seu soberano: lutariam até a morte para cumprir suas ordens.

— Os nobres estão resistindo — disse Teófilo a tia Lena.

— Eles dominaram o feitiço do bruxo que os trouxe ao plano físico — respondeu ela. — Vão lutar com força total a partir de agora.

— Os emissários estão dando cobertura — concluiu minha mãe. — Há alguma coisa errada. Estão protegendo os nobres com algum objetivo.

— Querem capturar Daruell — Norberto altercou atrás de nós.

— Não é só isso — redarguiu Teófilo. — Ágata está certa. Há outro motivo por trás do comportamento dos emissários.

Enquanto isso, a barreira do Réquiem dos Mortos mostrava-se eficaz, porém estava dificultando minha locomoção pelo acampamento. Eu só podia me mover dentro do círculo formado pelos soldados de barro, e isso fazia nossa mobilidade ficar mais lenta e dependente dos

ataques dos inimigos. Sem mencionar o fato de que usar uma proteção tão poderosa para resguardar a segurança de dois adolescentes era injusto com os outros bruxos e seres místicos lutando a valer. Até as gêmeas participavam dos embates sem um séquito de espectros ancestrais para protegê-las.

— Sua barreira está enfraquecendo — disse Andrômeda ao marido. — Os emissários derrotaram cinco dos guerreiros ancestrais.

— Os outros cinco vão ter de servir por ora — respondeu Teófilo à esposa, enquanto se defendia do ataque de um nobre. — Preciso recuperar meus poderes para executar o feitiço novamente.

Toda vez que um demônio derrotava um soldado de barro, o espectro saía do corpo de terra e voava pela noite, de volta ao lugar de onde veio. Embora aquilo significasse menos proteção, ainda contava como um espetáculo de magia digno de admiração. Cada soldado de barro possuía uma arma, provável herança dos bruxos guerreiros que foram em vida. As habilidades de luta, tanto corpórea quanto a distância, mostravam-se exímias em todos os sentidos. Tinham técnica, utilizavam-se de estratégias e empregavam golpes indefensáveis.

Os demônios nobres tiveram grande trabalho para se livrar do feitiço do Grão-Mestre. O Réquiem dos Mortos, agora eu via, não era uma simples barreira de proteção, mas um escudo que revidava ataques. Em termos bélicos, era o tipo de encantamento perfeito para se usar em batalha.

Um clarão amarelo incandescente passou por cima de nós na direção de Olívia, que se defendia dos ataques de um emissário e não viu o feitiço atirado às suas costas.

— OLÍVIA! — gritei, tarde demais.

A bola flamejante de um demônio-nobre a atingiu em cheio na parte de trás do seu corpo. Ela caiu no chão a alguns metros de distância com a roupa chamuscada. O emissário voltou a atacar e desferiu uma sequência de raios vermelhos no curandeiro sob a proteção de Olívia. O homem sequer teve chance de levantar uma barreira de energia; recebeu todo o impacto do ataque e ficou desacordado.

— Fique onde está! — ordenou minha mãe quando ameacei deixar a proteção de Teófilo para ir até Olívia. — Ela vai ficar bem.

Eu não podia obedecê-la.

Não daquela vez.

— Klaus — chamei. — Preciso chegar até Olívia.

— O quê? — ele se alarmou. — É impossível. Ela está do outro lado do acampamento. Os soldados de barro são lentos demais.

— Não estou falando de ir até lá com o Réquiem dos Mortos — falei.

— Mas isso é loucura. Sem a barreira deles, somos alvos fáceis para os nobres.

— Não vamos atacar — sugeri. — Só precisamos defender.

— Edgar, o ataque de um nobre não é como o ataque de um subalterno. Eles estão em um nível diferente, acima da nossa capacidade. Enfrentá-los numa direta seria contar com a ajuda da sorte.

— Não podemos deixar Olívia ferida no meio dos demônios — resfoleguei. — Ela está ferida e sob ataque. O curandeiro que protegia provavelmente não resistiu às investidas do emissário, por isso não pode curá-la. Não vou deixar que morra.

Klaus engoliu em seco. Ele sabia do perigo de deixar a barreira de seu pai, mas também me conhecia o suficiente para compreender que eu não ficaria parado assistindo Olívia ser morta por um bando de demônios.

— Tenho um plano — expliquei.

— Estou ouvindo — anuiu ele.

— Usaremos a nuvem branca — informei. — Eu curo o ferimento de Olívia enquanto você me dá cobertura. Não deve atacar os demônios, apenas defender os golpes lançados em nossa direção.

— De quanto tempo acha que precisa? — ponderou ele.

— Cinco minutos.

— Está bem.

Seguramos as mãos e desaparecemos ao som de vidro se quebrando.

Reaparecemos ao lado de Olívia, inconsciente no chão, por isso ignorei a sensação ruim de usar a nuvem branca como teletransporte. Suas costas estavam em carne viva onde sua roupa não conseguiu aliviar o impacto do fogo. Fiquei de joelhos e estendi ambas as mãos sobre o corpo; liberei uma grande quantidade de magia para desencadear a restauração das células.

— Merda! — praguejou Klaus.

Um emissário resolveu lançar ataques em nós. Klaus ergueu uma barreira de energia à nossa volta, formando uma cúpula azulada que fez o lado de dentro ficar drasticamente mais silencioso que o lado de fora. Os ataques do demônio fizeram estampidos ecoarem pela barreira, mas nenhum deles foi capaz de passar pela proteção.

Olívia recuperou a consciência com rapidez, porém, para garantir, continuei liberando energia em seu corpo. As marcas de carne queimada nas suas costas desapareceram e ela voltou a ficar de pé.

— Você não devia ter deixado a proteção de Teófilo — repreendeu ela.

— E você não devia ficar inconsciente no meio de uma batalha — devolvi. — Deixe-me terminar a cura.

— Já basta — retrucou ela. — Posso continuar daqui. Precisa economizar seus poderes; acabamos de perder mais um curandeiro pela minha estupidez, e não podemos nos dar ao luxo de você sofrer um esgotamento físico.

— Tem razão — concordei. — Antes de voltar a lutar, libere energia nesse ponto.

Levei minha mão e toquei seu braço direito.

— Há um fluxo aqui ligando a magia a todos os pontos vitais — expliquei. — A corrente elétrica distribuirá a energia aos pontos lesionados. Pode fazer isso?

— Sim — ela balançou a cabeça. — Agora, volte para a proteção de T...

— Não pretendo fazer isso por enquanto — falei.

Ignorei o olhar de repreensão dela e observei o acampamento com minúcia. Havia outros cinco curandeiros na ativa além de mim, e dois abatidos. Contei o número de feridos sem atendimento médico entre os bruxos e seres místicos. Se Mestre Wasiry estivesse ali, poderia curá-los a distância batendo seu cajado no chão. Eu, por outro lado, estava longe de ter a mesma habilidade.

— Klaus — esperei ele se virar para mim. — Olívia já pode se defender sozinha. Precisamos ajudar os outros.

— Você não vai voltar à...?

— Não — interrompi. — Há exatos doze feridos precisando de atendimento imediato. Vamos repetir a mesma coisa que acabamos de fazer. Eu curo, você protege.

— Mas...

— *Eu curo, você protege* — repeti, enfático. — Combinado?

Ele suspirou.

— Sim.

— Obrigado. Agora vamos!

Seguramos as mãos e sumimos em outra nuvem branca. Reaparecemos ao lado de um lince com ambos os braços quebrados. O homem tomou um susto quando nos viu sair do nada, mas ficou aliviado ao lembrar que eu era um curandeiro.

— Fique calmo e não se mexa — instruí.

Reconstrução óssea era um processo demorado, mas não havia tempo para um trabalho perfeito. Liguei os ossos dos braços do ser místico e liberei uma grande quantidade de energia para fazê-los impulsionar um ligamento natural sob a carne. A cura continuaria ocorrendo, contudo, ele seria capaz de se defender e, em pouco tempo, de atacar. Quando tudo terminasse, recomendaria um *check up* para todo mundo.

Klaus levantou outra barreira de energia ao nosso redor, privando-nos dos ruídos grotescos da luta do lado externo. Àquela altura, Teófilo tinha liberado seus soldados de barro para atacarem os demônios sem que se preocupassem com nossa proteção, e eu tinha quase certeza de que minha mãe puxaria minha orelha por causa da desobediência na primeira oportunidade que tivesse.

— Certo — disse. — Próximo.

Reaparecemos ao lado de um alquimista que dava seus últimos suspiros. Um emissário atacou sua cabeça e a ferida aberta não era nada promissora. O homem morreu antes que eu pudesse dar início a qualquer procedimento. Tentei deixar a frustração de lado e não permitir que aquelas mortes me abalassem como estavam abalando Daruell. Seria um insulto aos bruxos e seres místicos que perderam suas vidas fracassar por causa de algo natural. Afinal, eu estava superando a mim mesmo, e Klaus também. Devíamos continuar.

Os dois guerreiros seguintes também estavam mortos. Havia ferimentos demais pelos corpos de cada um, impossível de reverter com uma cura genérica. Os demônios descobriram que era mais eficaz infligir várias lesões menores do que investir num único golpe concentrado.

— Você está bem? — perguntou Klaus depois do terceiro corpo que achamos.

— Estamos perdendo outra vez — falei.

Sumimos na nuvem branca.

Dos doze feridos que identifiquei, consegui curar sete deles; outros quatro estavam mortos. Meu poder dava claros indícios de que precisava fazer uma pausa para recuperar minha energia, mas ainda restava um corpo caído no chão próximo ao lago.

— Lá! — aponte para Klaus.

Reaparecemos ao lado de Artur, em sua forma humana. Seus olhos perderam o brilho e encaravam o vazio. Meu coração palpitou com um misto de ódio e desespero. Continuávamos perdendo para os demônios.

— Morto — anunciei.

Klaus ergueu sua barreira em volta de nós e eu tentei descansar um pouco. Tia Lena gritou alguma coisa inaudível do outro lado do acampamento e eu não pude evitar imaginar que os demônios tinham ferido uma das gêmeas. Deixei o corpo de Artur no chão e levantei para olhar melhor. Para meu alívio, as gêmeas estavam lutando contra os subalternos remanescentes. Tia Lena gritava para Daruell, que segurava um objeto semelhante a uma adaga cerimonial. Mesmo ao longe, pude observar sua boca delinear as palavras de um murmúrio mágico.

Meu sangue petrificou.

— Não me diga que...?

Capítulo 39 | O Filho do Demônio

A FUSÃO DE CORPOS era um ritual de magia negra do qual eu não tinha muito conhecimento. Porém, de algum modo, tive certeza de que foi exatamente o que Daruell iniciou quando proferiu palavras numa língua nada familiar.

Os bruxos e seres místicos não tinham como perceber o que acontecia, nem seriam capazes de impedir enquanto se defendiam dos ataques. Uma luz negra emanou do corpo de Daruell ao mesmo tempo em que falava os versos do encantamento. Se ninguém fizesse nada para evitar o êxito do ritual, estaríamos perdidos.

— É tudo culpa minha — disse o demônio para tia Lena. — Veja quantos corpos sem vida no chão. Nada disso teria acontecido se eu não tivesse vindo para cá.

Aquela era a primeira vez que um demônio dava sinais de remorso em detrimento do bem-estar dos bruxos. Peculiar era a definição mais aproximada da realidade para caracterizá-lo. De onde estava, conseguia vê-lo tremendo e a adaga em sua mão reluzia os clarões coloridos voando para todos os lados.

Gritei ordens para os curandeiros continuarem priorizando os ferimentos dos guerreiros; agora os bruxos de outras ordens tomavam cuidado redobrado diante do comportamento imprevisível dos demônios. Os seres místicos articularam golpes combinados para focar em um emissário por vez, assim podiam atacar e defender ao mesmo tempo.

— Fui responsável por todo o sangue derramado aqui — continuou Daruell, fora de si. — Eu não devia ter vindo para Anévoa. Devia fugir para o mais longe que conseguisse, e me esconder nos confins da terra.

— Você não pode se entregar — implorou tia Lena; medo em seus olhos. — Se fizer isso, SúmraK vencerá...

— Não podemos impedir meu pai — retrucou ele. — Seu triunfo é certo e não há coisa alguma que podem fazer para impedi-lo.

— Você está errado — arguiu tia Lena. — SúmraK depende do *seu* sacrifício para ascender ao plano físico. Do contrário, permanecerá confinado ao Desmundo pela eternidade de sua existência.

O garoto soluçou.

— Não entendem mesmo, não é? — arqueou ele, trêmulo. — Foi para isso que nasci, para *este* momento. Há mais de setecentos anos meu pai aguarda uma oportunidade para dar utilidade ao seu filho. Eu nasci para morrer, desde o início.

As palavras saíram com dificuldade.

— Podemos protegê-lo — ofereceu minha mãe, ciente do perigo que orbitava em volta do desespero do demônio. — Todos nós. SúmraK não será capaz de tocá-lo enquanto estiver sob nossos cuidados, nem qualquer um de seus serv...

— *Uma bruxa...* adotando um demônio? — ele assoou o nariz, sarcástico; os resquícios infantis desapareceram do seu rosto e foram substituídos por uma expressão de conhecimento

muito além do nosso. — Mesmo para as irmãs Valburgo isso seria algo impensável.

— Eu lhe dou minha palavra de honra — insistiu minha mãe.

— Soa tentador — Daruell meneou a cabeça. — Mas é *antinatural*. Demônios e bruxos são inimigos desde o início do mundo. Brincar de casinha apenas despertaria a ira dos Senhores do Desmundo, e meu pai traria um exército de soberanos para consertar o curso da história.

Ele estava certo. Era antinatural que um bruxo e um demônio se dessem bem. Se a ameaça de Súmrak era suficiente para causar tanto estrago, todos os soberanos do Desmundo seriam capazes de trazer o apocalipse à terra. A oferta de minha mãe era generosa, porém, a longo prazo, impraticável.

Teófilo e Norberto estavam se movimentando de modo suspeito. Primeiro se aproximaram um do outro, cochicharam qualquer coisa, e ladearam Daruell sem que ele percebesse. Estavam tramando alguma medida extrema.

— Isso não é bom — murmurei para Klaus.

— O quê?

— Acho que seu pai e seu tio pretendem atacar Daruell.

Klaus olhou para os dois.

— Não vão atacá-lo — concluiu ele. — Vão aprisioná-lo.

— Será que conseguem?

— Difícil dizer — ele levantou os ombros, apreensivo. — Os dois são formidáveis, mas não vimos o real poder de Daruell ainda. Sendo filho de quem é, não é seguro subestimar suas habilidades de demônio.

— Tem razão...

Minha mãe e tia Lena levaram a conversa adiante, tentando demovê-lo da ideia de se sacrificar. Entrementes, Daruell estava irredutível. Se o diálogo não fosse suficiente para evitar uma catástrofe, pelo menos serviria como distração para Teófilo e Norberto agirem de acordo ao plano que teceram.

Um demônio-emissário voou perto de nós e lançou um raio vermelho que ricocheteou na barreira de Klaus. Voltei a estudar o caos do acampamento. Era possível enxergar um novo padrão no comportamento dos demônios. Tanto os subalternos quanto os emissários se empenhavam em dar cobertura para os nobres.

— Por que os nobres estão sob proteção dos outros demônios? — perguntei, retórico. — Se são mais poderosos que os inferiores, não há necessidade de usar os mais fracos como escudo.

— Não acho que seja uma ação aleatória — disse Klaus. — Tem alguma coisa que estamos deixando passar. Isso é perigoso...

— Talvez os nobres tentem interceptar o ataque de Teófilo e Norberto — sugeri. — Pretendem capturar Daruell antes de perder essa oport...

Fui interrompido pela investida dos irmãos Montenegro. De cada lado do demônio, ambos lançaram uma corrente de energia visível direcionada ao local onde Daruell argumentava com minha mãe e tia Lena. O feitiço se assemelhava aos Selos de Contenção usados por Tati, mas não eram discretos. A luz emanada da magia dos dois iluminou o acampamento inteiro com um clarão amarelo, chamando a atenção de todos os presentes, fossem aliados ou inimigos.

Com um único movimento da mão, Daruell fez surgir à sua volta um redemoinho de fogo que repeliu o ataque combinado nas duas direções. A força do turbilhão inundou o acampamento com um vento forte, e lançou Teófilo e Norberto a vários metros de distância.

— Merda... — arqueou Klaus sem fôlego.

— Perdemos nossa chance — completei.

Mesmo entre os demônios-nobres que havíamos enfrentados, Daruell se sobressaía com facilidade. Seu contra-ataque foi notavelmente poderoso e não exigiu qualquer esforço de sua parte. A rapidez do revide do demônio foi um ato digno de reconhecimento; uma resposta exímia a um ataque desferido por um bruxo guerreiro e um Grão-Mestre. Daruell fez cessar o redemoinho flamejante à sua volta, e encarou tia Lena com lágrimas nos olhos.

— Me desculpe.

Foram suas últimas palavras antes de enfiar a adaga no peito.

As estrofes profanas do ritual haviam sido entoadas com antecedência. O golpe final no próprio coração funcionou como o gatilho mágico para o que mais temíamos naquela manhã-noturna.

— NÃO! — estrugiu tia Lena em desespero.

Ela e minha mãe correram em direção ao garoto, que caiu de joelhos sobre a terra chamuscada, mas não conseguiram chegar a tempo. Três demônios-nobres desapareceram numa nuvem escarlate e reapareceram ao redor de Daruell. Desferiram uma série de ataques contra elas, que foram obrigadas a se defender e recuar para longe do garoto. Sem esperar nenhum segundo, os demônios ergueram uma espessa cúpula negra repleta de eletricidade em volta do filho de Súmra, que os deixou isolados pelo lado de dentro.

Minha mãe e tia Lena lançaram feitiços poderosos na barreira, produzindo uma sequência de ruídos ensurdecedores. Porém, nenhum golpe surtiu efeito frente à proteção dos demônios. Teófilo e Norberto se recuperaram do impacto e também lançaram Feitiços de Unidade contra a cúpula. Andrômeda, Doroteia e Tiago se juntaram ao grupo, emprestando potência aos ataques. Ainda assim, nenhum sucesso.

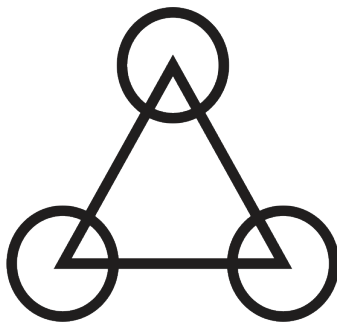
— Não adianta! — altercou tia Lena sobre o barulho dos feitiços. — Estamos desperdiçando magia. A barreira é forte demais.

— E se usarmos a nuvem branca para entrar? — sugeriu Andrômeda.

— Muito perigoso — vetou minha mãe. — Não sabemos se a barreira contém veneno. É a primeira vez que vejo uma proteção negra.

— Ágata tem razão — concordou Teófilo. — Não podemos arriscar errar.

Dentro da cúpula, os três nobres desenharam um selo no ar. Um triângulo com três esferas nas pontas. Aquele desenho era tão simples que até eu era capaz de reconhecê-lo a distância.



— Eles vão abrir um portal — resfoleguei.

— Para a Fronteira Entremundos? — Klaus sufocou um gemido.

— Sim...

O selo reluziu tão logo terminaram de desenhá-lo. O contorno se expandiu dentro da cú-

pula e girou como uma hélice. A rotação alcançou grande velocidade, de tal modo que o desenho se tornou um borrão até adquirir a silhueta de um círculo incandescente com o brilho da magia negra.

Os demônios-nobres ajoelharam-se em volta do corpo de Daruell e reverenciaram o sacrifício bem-sucedido do garoto. Arquearam uma sequência de mesuras acentuadas, enquanto repetiam um coro gutural.

— *Pán Súmrak...*

— *Pán Súmrak...*

— *Pán Súmrak...*

Um arrepio se alastrou pelo meu corpo e o mundo parou por longos segundos. Dentro de mim, no mais profundo oceano flamejante, uma centelha se acendeu em reação à magia dos demônios. A respiração entrou num ritmo acelerado e eu tive dificuldade para controlar os batimentos cardíacos. Algo naquele selo despertou um medo instintivo dentro de mim que eu jamais experimentei nos meus piores pesadelos.

Olhei para Klaus, que afagava o próprio peito. Ele também sofreu o mesmo impacto sensorial. Estava longe de uma mera coincidência. Seria aquela uma das habilidades dos abrakadabras... pressentir a morte chegando?

Aquela altura, todos os bruxos e seres místicos se voltaram à negritude do clarão que irrompeu no acampamento. Os demônios soltaram grunhidos de satisfação e agiram como se estivesse tudo terminado e eles fossem os vitoriosos.

— Já era... — lamentei. — Perdemos.

Não havia como lutar contra um demônio-soberano. A reputação de seus poderes os precedia em uma fama lúgubre. O bruxo responsável por arquitetar a invasão de Súmrak conseguiu o que queria desde o início. A partir de agora, estaríamos à mercê de uma única decisão pessoal: ficar e morrer ou fugir com vida.

— Está começando — Klaus apontou para dentro da cúpula negra.

De dentro do selo saiu um tipo de manifestação corpórea, algo entre um espectro vermelho e uma fumaça de sangue. Os demônios continuaram a reverência, junto ao coro que irrompeu do lado de fora da barreira.

— *Pán Súmrak...*

— *Pán Súmrak...*

— *Pán Súmrak...*

A fumaça de sangue envolveu o corpo de Daruell, cortejando-o como uma carne oferecida para o abate. A nuvem cobrindo o céu de Anévoa ganhou ainda mais espessura, e no momento seguinte a metamorfose começou.

A Fusão de Corpos.

Capítulo 40 | Senhor do Crepúsculo

A CENA SE DIVIDIU entre a ascensão de Súmrak ao plano físico e o pavor no olhar dos que lutaram para impedir seu sucesso. Havia pelo menos seis horas desde que a batalha começou no acampamento e tanto bruxos quanto seres místicos morreram por nada. No fim, falhamos e o mal prevaleceu.

A fumaça vermelha ergueu o corpo de Daruell no alto e o cobriu como uma manta ondulante de magia. A essência do poder de Súmrak se fundiu à essência do poder de seu filho, e o resultado veio em forma de mutação que em nada se diferenciava de uma transfiguração comum.

— Daruell está morto — as palavras tinham gosto amargo na minha boca.

Se existia qualquer chance de o garoto sobreviver ao golpe da adaga que desferiu no próprio coração, aquela esperança se esvaiu quando Súmrak se materializou da fumaça vermelha, tornando seu corpo e o de Daruell um único instrumento.

— *Pán Súmrak...* — continuaram os demônios.

— *Pán Súmrak...*

— *Pán Súmrak...*

A cúpula negra dos nobres encolheu até envolver a silhueta de Súmrak por completo. Aquela era a barreira de escuridão da qual minha mãe falou, que reveste o corpo daquele que executa o ritual da Fusão de Corpos. Súmrak adquiriu o poder de habitar o mundo dos humanos pelo tempo que desejasse. As leis físico-comunais que repeliam o corpo das criaturas malignas sem proteção já não se aplicavam ao soberano.

Mesmo se tornando uma manifestação física, o demônio parecia constituir-se de uma matéria leve capaz de fazer suas longas vestes escuras esvoaçarem em todas as direções. Era uma criatura visagenta, e seu rosto exibia olhos rubros cuja luz se entrelaçava com os fios de cabelos grossos que bruxuleavam como a chama de um archote. Nas mãos, Súmrak ostentava dedos pontiagudos e cobertos por uma camada de pele dura como uma carapaça. Nem tão alto como os emissários, mas nem tão baixo como os nobres. O soberano testou as articulações do novo receptáculo, como se pretendesse comprovar a veracidade do sacrifício de seu filho. Ele ergueu a mão direita e a fez brilhar.

— TODOS PARA O CHÃO! — urrou Teófilo.

O ataque sem rumo do demônio rasgou o ar por cima de nossas cabeças e iluminou a manhã-noturna. Com um barulho de fogo se alastrando, ergui a cabeça a tempo de ver uma das árvores do outro lado do acampamento incendiar com labaredas que a transformaram num tipo de tocha gigante.

Era a árvore onde Klaus e eu passamos várias noites juntos, testemunha do nosso amor e expectadora dos horrores infligidos pela invasão dos demônios. Agora ardia em chamas sendo refletida pelas águas do lago enquanto bruxos e seres místicos assombravam-se com o poder de Súmrak.

— Adeus... — murmurei baixinho para a árvore.

— Adeus... — repetiu Klaus.

O demônio-soberano lançou o mesmo ataque na direção de um grupo de guerreiros e licanos próximos à entrada do acampamento. Todos os cinco integrantes do grupo morreram incinerados, em meio a gritos de dor, incapazes de fazer defesa contra o ataque que os atingiu.

— Edgar, não! — ordenou minha mãe quando fiz menção de ir até os corpos em chamas.
— Você não pode mais ajudá-los.

— Eles... — comecei a protestar, mas lembrei ao que ela se referia.

Ferimentos causados por demônios-soberanos eram muito mais difíceis de curar que ferimentos causados por outras classes malignas. Qualquer livro introdutório às artes xamanísticas falava sobre aquilo. Havia um poder compartilhado apenas pelos Senhores do Desmundo que se chamava Magia Infernal. Esse poder era o exato oposto da Essência da Natureza, cuja energia nós, bruxos, dominávamos. Portanto, sequer devia existir no plano físico. Curar feridas abertas por Magia Infernal exigia uma quantidade de poder muito superior à quantidade usada nas curas convencionais.

— Ágata — chamou tia Lena. — Que acha de um selamento?

— Tapocrifação Crematória — completou minha mãe.

— Exato.

As duas foram para mais perto de onde Súmrak continuava testando as articulações do novo corpo. Os demônios-nobres permaneciam ao seu lado, como guarda-costas do mestre, e o protegeriam acima de tudo. Quando as duas se aproximaram deles, as criaturas se empertigaram, alertas.

Tia Lena não esperou por uma reação. Soergueu o punho direito para o alto e o revestiu de magia. Usou a mão fechada para desferir um soco no chão. Quando tocou o solo, seu punho parou na terra e nada aconteceu de imediato. Porém, no momento seguinte, o terreno tremeu. Uma pequena montanha de barro e pedras se erigiu ao redor de Súmrak, envolvendo também os demônios nobres e abrindo uma enorme cratera. O feitiço de tia Lena fez nascer um globo sólido de terra que aprisionou o Mestre Crepuscular. A esfera maciça se fechou e tia Lena voltou a ficar de pé.

— Agora, Ágata!

Minha mãe se aprumou, concentrada. Depois, murmurou palavras em uma língua que eu não conhecia e tomou fôlego como se estivesse a ponto de mergulhar na água. De início, esperei que ela fosse gritar, como fez para executar o encantamento de proteção, mas, para minha surpresa, ela soprou. Assim que o ar saiu de sua boca, a atmosfera se inflamou em um jato incomensurável de fogo verde-bruxuleante. O acampamento se iluminou por inteiro como se de repente estivéssemos num dia ensolarado de um verão sombrio. O feitiço cruzou a distância que separava minha mãe do globo de terra e o atingiu impetuoso.

A esfera maciça se acendeu com o brilho esverdeado numa reação de fúria que serviu para petrificar toda a extensão de barro da grande cúpula. O fôlego da bruxa à nossa frente não cessou até que o globo estivesse completamente endurecido pelo calor das chamas indelévels.

— Me lembre de nunca irritar as mulheres da sua família — rumorejou Klaus.

Quando as chamas se dissiparam, o acampamento retornou à sua escuridão lúgubre, iluminado apenas pelos feitiços coloridos ricocheteando entre os bruxos e demônios que ainda lutavam. A esfera de terra pairou a alguns centímetros do chão e adquiriu um tom negro que indicava a rigidez de uma rocha.

Foi um feitiço combinado que partiu de duas Valburgos. Teófilo e o resto de sua família

observaram a tudo com um mínimo de respeito na expressão, cientes de que nem todo dominador de magia seria capaz de um feito como aquele. Mesmo alheios à luta central e absortos em seus próprios duelos, os bruxos e seres místicos não deixaram de constatar a grandeza do poder de nossa linhagem.

Entrementes, a fagulha de esperança durou pouco.

Um som crepitante interrompeu o silêncio momentâneo do acampamento. Estalidos soaram para fora do globo de terra. *Crack, crack, crack*. O selamento recebeu uma fina linha de rachadura, que aumentou gradualmente conforme o ruído se intensificou pela superfície da esfera.

— Eles vão sair — sussurrei, assombrado.

O globo ruiu numa explosão de terra que se espalhou para todos os lados, seguido de um som ensurdecedor e luzes vermelhas dos raios atirados por Súmrak. Quando a nuvem de poeira amenizou, Súmrak reapareceu onde segundos atrás a esfera do Selamento de Tapocrifação Crematória o aprisionou. O Mestre Crepuscular jazia intacto, permanecia com um ar soberano e exibia uma expressão irritada que fez seus olhos arderem com a luz rubra envolvendo seus cabelos. Não houve como bruxos e seres místicos ficarem tranquilos. Súmrak sobreviveu sem um único arranhão a um feitiço de proporções divinas. Àquela altura, a esperança dos combatentes dissipou-se junto à coragem para continuar resistindo.

— Não vão desistir, vão? — arqueou Olívia para as irmãs, trotando em uma corrida na direção dos demônios. — Ág, Lena... me deem cobertura.

— Olívia! — gritou minha mãe.

— Tive uma ideia — explicou ela. — Preciso que me protejam.

— Espere, Liv... — tia Lena tentou protestar.

Mas Olívia estava correndo e não pararia. Os demônios nobres viram o movimento e iniciaram uma série de ataques na direção de Olívia. Sem alternativa, mamãe e tia Lena lançaram contrafeitiços para abrir caminho e impedir que um raio aleatório atingisse a caçula. Olívia foi rápida e habilidosa. Com certa graça, precipitou-se no rumo de cada um dos demônios nobres que circundavam o Mestre Crepuscular e os tocou no braço. Foi tudo tão rápido que nem eles conseguiram discernir como a bruxa os atacou com tamanha facilidade.

Quando encostou no terceiro demônio, Olívia ordenou:

— Destruam Pán Súmrak!

Os nobres se empertigaram como se tivessem sido insultados na mais indecorosa das maneiras. Entretanto, o feitiço de Olívia era poderoso e os impeliu a obedecer ao comando mágico. Os demônios não conseguiram resistir à tentação da ordem e se viraram para o próprio mestre enquanto tentavam lutar contra a magia dominando seus corpos. Eles se movimentaram com rapidez e segurança, desferindo uma série de ataques combinados atrás da outra.

— Acha que vão conseguir? — perguntou tia Lena a Olívia.

Ela deu de ombros.

— Eu precisava tentar, não é?

Contudo, Súmrak elevou uma fina barreira vermelha em volta de si; uma película de magia pura que lembrava o vidro de uma bola de cristal. Os ataques de seus servos atingiram a proteção com um estrondo de tambores, mas não causaram danos mais fortes que ínfimas escoriações no vitral. Os demônios pausaram a série de ataques por um momento curto, mas longo o suficiente para o Mestre Crepuscular dissipar a barreira e soprar uma fumaça verde neles. O gás entrou pelas narinas dos nobres e eles voltaram a si.

— Ele anulou meu feitiço — frustrou-se Olívia.

E, então, pela primeira vez, ouvimos a voz de Súmrak.

— Ataquem! — ordenou, suave como uma brisa de inverno.

A chuva de raios vermelhos irrompeu pelo acampamento na direção da minha família. Minha mãe, tia Lena e Olívia tiveram de se proteger o mais rápido que conseguiram quando os ataques voaram na sua direção. Foi ao mesmo tempo surreal e desesperador. Os demônios-nobres não apenas desferiram um número superior de ataques, como aumentaram a intensidade dos golpes.

— Recuar! — brandiu a voz de minha mãe.

Os bruxos e seres místicos a ouviram, mas tiveram dificuldades para seguir a ordem dela. Klaus e eu usamos a nuvem branca e reaparecemos ao lado de onde eles estavam agrupados, próximo à árvore em chamas. Quando os bruxos se juntaram a nós, ela levantou uma barreira de proteção.

— Mantenham-na de pé — disse para nós.

Os bruxos se juntaram à barreira de energia que se formou à nossa volta e a mantiveram erguida enquanto todos os demônios — subalternos, emissários e nobres — focaram seus ataques no pequeno círculo que fizemos à margem do lago. Numa rápida contagem, éramos trinta e quatro resistentes, entre bruxos e seres místicos, de um número original que começou em setenta e cinco.

Se SúmraK resolvesse atacar, a barreira seria destruída.

Capítulo 41 | A Elite dos Bruxos

CATORZE QUERREIROS, três sensórios, quatro curandeiros, três alquimistas e dois transmorfos. Foram os bruxos que sobreviveram. Quanto aos seres místicos, quatro licanos, dois lince e duas banshees restaram com vida. Todos os homens-besta morreram em duelos, bem como bruxos e seres místicos de diferentes ordens e raças.

A expressão no rosto dos presentes ostentava o peso de quem acabou de perder amigos. Havia mais silêncio do que murmúrio, entrecortado pelo barulho oco dos ataques no lado externo da proteção. Mirna e Carlos, os pais de Nina, se abraçaram tentando despendar um mínimo de consolo imediato. As gêmeas aguentavam firme, mesmo diante da situação extrema na qual nos encontrávamos.

— Ele é forte demais, Ágata — anuiu Teófilo para minha mãe. — Não sei se seremos capazes de derrotá-lo... em tão pouco número.

— Receio que não temos escolha — respondeu ela ao Grão-Mestre. — Se não conseguirmos pará-lo aqui e agora, ele irá para a cidade e destruirá tudo pela frente. A segurança dos comunais depende de nós.

Aquelas palavras não eram fáceis de ouvir. Úrsula veio à minha mente, com seu sorriso largo, fragrância de jasmim e pele de ébano. Sua personalidade, beleza e carisma deixariam de existir se SúmraK vencesse. Dona Morgana também seria uma vítima fácil à soberania maligna.

A voz de Mestre Wasiry reverberou dentro de mim. *Não é a maneira com que lutamos o que mais importa*, disse ele, *nem a probabilidade de vitória, são as pessoas que escolhemos proteger*. Não podíamos desistir. Escolher o caminho mais fácil significaria ter de carregar o peso da consciência pelo resto da vida.

— Lutaremos sozinhos — sugeriu minha mãe a Teófilo. — Você e eu. Os outros continuaram debaixo da barreira, seguros.

O homem a olhou pela primeira vez com um resquício de empatia, como se encarasse um velho amigo prestes a se despedir.

— Juntos — concordou ele. — Você e eu... pelo bem de todos.

Tia Lena começou a rir.

— Vocês podem ser nossos líderes nesse combate, mas são uns verdadeiros idiotas, sabe — disse ela a ambos. — Não deixarei vocês lutarem sozinhos e ficar de fora da brincadeira. Também vou lutar.

— Eu também — emendou Olívia.

— Eu também...

— Eu também...

A frase se repetiu exatamente trinta e uma vezes dentro da proteção. Nenhuma ordem nos impediria de enfrentar juntos o Mestre Crepuscular e seu séquito de demônios. Ou os derrotávamos ali ou o Lago dos Pirilampos se tornaria nosso cemitério particular. No fim das con-

tas, não era um lugar tão ruim para morrer.

Eu não estava preparado para as lágrimas que correram nos olhos da minha mãe quando todos se dispuseram a resistir. O brilho na sua expressão indicava um orgulho maternal que se estendia para cada um dentro da barreira. Ela limpou o rosto com o dorso da mão direita, e acabou misturando terra em sua bela face.

— Está bem... — disse ela. — Mas Edgar, meu filho, você deve continuar liderando os curandeiros. Há poucos de nós para dar conta dos ferimentos infligidos pela fúria dos demônios, portanto, deve decidir onde priorizar a cura. Não é uma tarefa fácil, mas necessária. Acha que pode fazer isso?

— Sim — respondi sem pensar.

— E você! — Teófilo apontou para Klaus. — Sua obrigação continua sendo proteger os curandeiros... em especial o líder deles. É seu dever como guerreiro.

— Sim, senhor — Klaus arqueou um leve aceno de cabeça ao pai, em sinal de respeito e acato da ordem.

A centelha de esperança voltou a reluzir no meio de nós. Talvez não como um conformismo de que podíamos vencer, nem como um saudosismo bélico de uma aventura mágica, mas como a certeza de que a luta estava chegando ao seu fim. Dentro em breve, apenas um dos lados permaneceria de pé, e, até que isso fosse decidido nos duelos que se seguiriam, a esperança podia arder até incinerar nossos corações.

— Vocês precisam derrotar os nobres que o protegem — Isolda se pronunciou. — Do contrário, eles impedirão qualquer ataque real de atingir Súmra.

— Ela está certa — concordou minha mãe. — Primeiro tomamos de conta dos servos, depois lidamos com o senhor deles.

— Só conseguiremos isso se combinarmos nossas especialidades — acrescentou Teófilo. — Lembrem-se: Súmra *também* os protege, contrariando o comportamento-padrão dos Senhores do Desmundo, que pouco se importam com a morte de demônios inferiores.

— Nesse caso — sugeriu Olívia —, devemos estabelecer uma ordem de ataque para que possamos tirar proveito da maior potência que conseguirmos alcançar.

— Tipo um ataque sequencial — corroborei. — Se todos atacarem de uma vez, eles só precisarão erguer uma barreira de proteção forte o suficiente. O modo como Olívia está propondo os obrigará a pensar dispersos e isso vai quebrar a proteção unificada deles.

— Exato — Olívia sorriu para mim.

— Isso pode *realmente* funcionar — tia Lena aquiesceu.

A partir de então, deliberamos sobre o plano. Em linhas gerais, dividimos nossos recursos em três grupos. Os curandeiros e seus protetores, que lidariam com os eventuais ferimentos, seriam a força-base para sustentar todos os outros. Em seguida, havia a infantaria de bruxos e seres místicos incumbidos de lutar contra o restante dos demônios e mantê-los afastados da luta principal. O grupo remanescente lidaria com os ataques ao Mestre Crepuscular e seus servos imediatos. Isto é, a elite dos bruxos que se empenharia na contenção do soberano e extermínio dos nobres que o acompanhavam de perto. Uma vez divididos, colocamos nosso plano em prática.

— Agora! — gritou Teófilo.

Quando liberamos a proteção sobre nós, os bruxos da infantaria atiraram uma série de feitiços contra os emissários voando, enquanto os seres místicos atacaram os demônios do solo. A abertura serviu para que os curandeiros e eu pudéssemos nos espalhar, de prontidão às curas.

— Fase um! — estrugiu minha mãe, sobrepondo-se ao barulho.

Norberto e Andrômeda deram alguns passos à frente e se posicionaram lado a lado, encarando Súmraak e os três nobres. O homem esfregou as palmas das mãos três vezes e três pequenos flocos de fogo brotaram da escuridão. Ele alcançou cada um dos flocos e os tocou, enquanto sussurrava o encantamento exímio de sua habilidade. Nesse ínterim, Andrômeda aproveitou para levar a mão à boca em forma de cilindro e soprou. Centenas de bolhas roxas desabrocharam no ar, flutuando na direção dos flocos de fogo que Norberto mantinha intactos. Quando o feitiço de Andrômeda se juntou ao feitiço do homem, ele bradou para a noite.

— *VARGÓVIA!*

A manhã-noturna iluminou-se. Os flocos se expandiram para três pássaros de fogo gigantesco, repletos de bolhas roxas e ácidas em sua composição. Ambos fizeram movimentos de mão e lançaram a combinação dos feitiços na direção dos nobres. Os demônios arremessaram raios vermelhos, mas os pássaros desviaram de todos eles, mantendo-se no ar soprando contra o vento e focados nos alvos. As aves flamejantes explodiram em dois dos nobres, mas um conseguiu invocar uma barreira de terra pouco antes de ser atingido.

A catarse desencadeou uma purificação pelo fogo e um dos nobres evanesceu, relinchando de dor, em partículas de cinza. O segundo nobre foi capaz de se defender, mas não de forma eficiente. Recebeu o impacto da explosão de fogo com ácido e parte do seu corpo desintegrou-se, deixando-o atordoado.

— Fase dois! — brandiu minha mãe outra vez.

Doroteia e Tiago se precipitaram adiante e juntaram os ombros um no outro. Aquela era uma versão nova do Redemoinho Evanescente. Em vez de atacar em todas as direções, direcionariam os golpes para alvos específicos. Ergueram as quatro mãos no ar e liberaram toda a força de seu golpe. Um sem-número de Feitiços de Evanescência arrebatou-se com violência rumo aos dois nobres restantes. Enquanto o primeiro deles ergueu de novo a barreira e se defendeu do ataque com facilidade, o demônio ferido não teve a mesma aptidão para se proteger.

Sucumbiu à série de feitiços lançados em sua direção e, tal como o outro antes dele, dissipou-se numa pequena implosão de cinzas. Restava apenas um demônio-nobre protegendo Súmraak, que assistia ao desempenho de seus servos com ódio nos olhos rubros flamejando em seu rosto maligno.

— Fase três!

Era a vez de Olívia.

Klaus e eu usamos a nuvem branca para chegar perto de um guerreiro com um ferimento superficial no peito. Tratei de curá-lo com rapidez para assistir à demonstração rara de uma habilidade específica dos sensórios. Muitos bruxos pensavam que a Ordem dos Sensórios tinha domínio apenas sobre seres humanos. O que não sabiam, contudo, era que alguns deles, como no caso de Olívia, tinham capacidade de estender suas habilidades sensoriais para qualquer ser vivo, ou seja, todas as formas orgânicas de biologia.

— Ela está se preparando — informou Klaus quando terminei a cura.

Olívia se ajoelhou sobre a terra e descansou suas mãos no solo. Um brilho emanou do seu corpo e fez seu curto cabelo esvoaçar. Comunicava-se, de olhos fechados, com a natureza à sua volta e com a atmosfera do acampamento. Ela rezou baixinho as ordens de comando e, quando voltou a abrir os olhos, exigiu ser obedecida.

Quatro árvores dos arredores do acampamento ganharam vida numa dança firme e bruta. Primeiro, afundaram no solo, desaparecendo de vista. Depois, fazendo o chão tremelicar como num pequeno terremoto, erigiram da terra ao redor do nobre que permanecia ao lado de Súmraak. Mantendo o contato visual ininterrupto, Olívia comandou a dança das árvores. Fez

surgir dos galhos e folhas cordas de vinha que procuraram o demônio e o agarraram pelos membros. Uma árvore para cada braço e perna. Em seguida, ordenou que puxassem forte.

A cena pareceu um tipo de tortura medieval. Aquela técnica foi usada diversas vezes contra bruxos e bruxas do passado que morreram por dominarem magia. Agora, porém, uma bruxa sensória adaptou a tortura para usar contra inimigos demoníacos, como uma cremação feita especialmente para os nobres.

— PUUUXEEEM!

Assim que Olívia gritou a ordem, as vinhas se enrolaram de volta nas árvores, solicitando para si o membro do demônio. Ele não teve qualquer chance de defesa, já que suas mãos estavam atadas. As árvores puxaram, e puxaram, e puxaram. Um ruído de carne rasgando embalou a cena macabra que se sucedeu quando o demônio, a guinchos de uma dor lancinante, foi dilacerado em quatro partes de carne e sangue amarelo. Seu corpo esquartejado evanesceu logo após o término do feitiço, desaparecendo entre partículas de cinzas. Olívia se levantou e as árvores permaneceram no mesmo lugar, imóveis novamente.

— Funcionou! — comemorei. — Eles derrotaram os nobres.

— Como esperado da elite dos bruxos — emendou Klaus.

Súmrak, por sua vez, soltou um urro de ódio. Ele juntou as mãos demoníacas e produziu uma esfera negra de energia, com eletricidade envolvendo o centro mágico do ataque. Num movimento rápido das mãos, o Mestre Crepuscular lançou o golpe na direção de Olívia, que não estava preparada para se defender. Tia Lena chegou a tempo de erguer uma barreira com polaridade invertida ao ataque do soberano. *Repulsão Bélica*. O contra-ataque fez a esfera negra dobrar de tamanho e ser devolvida com ainda mais velocidade para seu usuário original. O golpe atingiu Súmrak e a explosão nos fez cair ao chão com a força do impacto.

Uma nuvem espessa de poeira se propagou pelo acampamento, dificultando a visão dos bruxos que lutavam contra os demônios do outro lado, perto da água. Nos levantamos rápido para diminuir o tempo de resposta a qualquer novo ataque desferido pelo demônio irritado, que não mediria esforços para eliminar os bruxos que tanto lhe causaram problemas em sua vinda ao plano físico. Aquele ataque sem dúvida mataria Olívia se tia Lena não aparecesse no momento exato para repeli-lo. Mas apenas aquilo não seria suficiente para derrotá-lo. Por isso, minha mãe e Teófilo entraram em cena, e se embrenharam no meio da poeira na direção de Súmrak.

— Tomem cuidado — sussurrei, mesmo sabendo que não conseguiriam me ouvir à distância em que eu estava.

Demorou alguns longos segundos, mas a poeira eventualmente amenizou e pudemos ver o que se passava. Súmrak não se defendeu do contra-ataque de tia Lena, mas o impacto não fez muito estrago. Continuou imperturbável, no mesmo lugar onde tinha consumido o corpo de Daruell no ritual de magia negra. Minha mãe apareceu em movimento perto do Mestre Crepuscular, com seu chicote reluzente em mãos, brandindo-o para todos os lados. Fez o objeto mágico se contorcer numa espiral longilínea e arremessou no soberano, lançando-o com os braços contra o corpo. Súmrak estava preso.

Teófilo aproveitou a oportunidade e fez brotar seu machado de dois gumes. O homem avançou com velocidade e força impressionantes para cima do demônio. Levantou o artefato bélico para o alto e o soltou no peito da criatura maligna, que rangeu os dentes numa demonstração bizarra de dor.

— Não funcionou! — gritou minha mãe para Teófilo. — A marca negra da Fusão de Corpos o protege de ataques físicos diretos. A barreira de escuridão concedida pelo sacrifício de Daruell.

Ela estava certa. O golpe do Grão-Mestre, embora fosse forte o suficiente para destruir qualquer demônio, não teve o mesmo efeito sobre Súmrak. Porém, o ataque machucou o soberano de algum modo, pois sua expressão representava uma clara agonia em reação ao golpe.

— Eles conseguiram feri-lo — averiguou Klaus, ainda que de longe. — O demônio está ferido, veja...

Apertei os olhos e constatei uma fenda minúscula no peito de Súmrak. Não era nada muito animador, mas servia para compreender que o Mestre Crepuscular também podia ser derrotado. *De alguma forma*. Entrementes, o ferimento acendeu os olhos do soberano em um escarlate vivo. Mamãe foi obrigada a liberá-lo do seu chicote e Teófilo a acompanhou para longe. O demônio irou-se em resposta. Nós o deixamos irritado... e isso não era nada bom.

Com um movimento brusco da mão, Súmrak fez cair um raio do céu encoberto pela nuvem negra. A corrente de eletricidade veio de cima a baixo numa velocidade impossível de acompanhar. Atingiria o acampamento numa fração de centésimos de segundos, e todos receberiam o impacto — tanto bruxos e seres místicos quanto demônios.

— PARA O CHÃO!

Minha mãe bateu as palmas das mãos num último gesto e uma barreira se ergueu por todo o acampamento. Mas não foi forte o bastante. O raio atingiu a proteção com um estrondo acústico que reverberou pelos nossos ouvidos como se uma batucada estivesse tocando nos tímpanos de cada um. O raio perfurou a barreira e a dissipou em fragmentos brilhantes, mas perdeu força antes de tocar o solo. Contudo, o choque lançou para longe a elite dos bruxos, fazendo-os cair ao chão a vários metros de onde estavam. Com nossa dor, a chuva desceu do céu e começou a regar o acampamento.

Capítulo 42 | Estratégias

JÁ MESMO LUTANDO JUNTOS contra o demônio, Súmrak se mostrava um adversário invencível. A elite dos bruxos tinha dificuldades até para se proteger dos ataques do soberano, portanto, era improvável obter sucesso adotando aquele padrão de luta.

— Não vamos conseguir derrotá-lo usando apenas ataques físicos — falei para Klaus. — Precisamos de estratégias.

Nossa única alternativa era engendrar um plano passível de execução imediata e com boas chances de êxito. Se não podíamos vencer com a força bruta, teríamos de apelar para a inteligência. O último ataque do demônio caiu sobre eles com potência superior aos primeiros golpes. Talvez pretendesse testar a resistência dos bruxos que o enfrentavam e investigar quais ataques funcionavam melhor no plano físico.

Mas não era aquilo, eu tinha certeza. Usei a nuvem branca e reapareci ao lado de minha mãe e Teófilo. Eles se levantaram do chão bem mais cansados do que quando começamos a lutar. Molhados pela chuva, sentiam os primeiros sinais de fraqueza.

— Ele está ficando mais forte — voltei a falar. — Seu corpo está se habituando à nossa dimensão. Está testando a própria resistência física.

— Não pode ser — protestou Tiago, incrédulo. — Você quer dizer que ele sequer está atacando com força total?

— Sim — confirmei. — Ele sabe que tem de preservar o corpo de Daruell.

— Do contrário, não será capaz de permanecer no plano físico — completou minha mãe. — É realmente o que está acontecendo, por isso ele não saiu do lugar. Ainda não dominou as funções do corpo por completo.

Aquela podia ser a chance que precisavam.

— Em sendo assim — indicou Andrômeda —, devemos derrotá-lo *antes* que ele fique forte o suficiente para se mover. É apenas uma questão de tempo até que ele deixe o lugar do ritual.

— Um Selamento de Almas poderia funcionar — sugeriu Norberto.

— Isso é suicídio — retrucou Teófilo para o irmão. — O bruxo que o executa sempre morre.

Se bem me lembrava, o Selamento de Almas era um feitiço de magia negra que aprisionava a essência mágica do adversário dentro do próprio corpo. Assim, o inimigo permanecia vivo, porém em estado vegetal, vivendo numa semivida. Contudo, apenas uma alma podia aprisionar outra, portanto, o bruxo que executava o feitiço perdia sua essência mágica e morria pouco tempo depois.

— Não deveríamos descartar a possibilidade — arqueou Doroteia, sôfrega. — É melhor um se sacrificar do que todos morrerem. Pensem na glória que o bruxo teria! Seu nome será lembrado por todas as Ordens de Poder nos séculos que virão.

— *Ninguém* vai usar o Selamento de Almas — decretou minha mãe em seu tom professoral.

ral. — Mesmo que considerássemos a possibilidade, estamos falando de um demônio; e não um demônio *qualquer*, mas de um dos Senhores do Desmundo. As chances de dar certo são altamente incertas. Nenhum bruxo jamais executou o feitiço nessas circunstâncias, por isso tudo o que se refere a ele não passa de especulação. Não vou permitir que percamos uma vida em vão.

Doroteia se calou e nenhum de nós tentou argumentar contra a ordem. Um sacrifício exigiria um voluntário, e, embora estivéssemos prontos para morrer em prol da derrota de Súmraak, não seríamos capazes oferecer a vida a uma *possibilidade*. Minha mãe estava certa, usar aquele feitiço estava fora de cogitação. Pelo menos agora.

— O ataque combinado de vocês conseguiu machucá-lo — referiu-se tia Lena à parceria entre minha mãe e Teófilo, capaz de abrir uma pequena fenda no peito do demônio. — Devíamos repetir o padrão desse ataque outras vezes, assim poderíamos aumentar a rachadura na barreira de escuridão que reveste o corpo do soberano.

Era verdade. De todos os ataques desferidos contra Súmraak, o único com reais chances de surtir efeito foi o deles. Uma manobra eficaz para imobilizar e depois ferir. Deixá-lo livre para se defender inutilizaria qualquer feitiço que lançassem em sua direção e seria um desperdício de magia.

— Não vai funcionar uma segunda vez — redarguiu Teófilo.

— Por quê? — Klaus indagou o pai.

— Ele estará preparado — revelou o Grão-Mestre, apontando para o demônio sob a chuva. — Súmraak pode ser muitas coisas, mas não é estúpido. Como um dos Senhores do Desmundo, possui habilidades militares. A essa altura, já identificou os padrões da luta e a partir de agora será capaz de antever nossos movimentos antes de os executarmos. O mesmo ataque não funcionará outra vez contra ele.

— Teófilo tem razão — anuiu minha mãe. — Devemos pensar em algo novo. O elemento surpresa deve ser usado como arma.

— Mas como podemos fazer isso? — replicou Andrômeda. — Surpreender um demônio-soberano não é o mesmo que dar uma volta no parque.

— Pessoal! — Olívia chamou a atenção. — Estamos perdendo tempo.

A bem da verdade, cada segundo que gastávamos deliberando sobre estratégias era um tempo a favor de Súmraak, que continuava a se fortalecer no seu novo corpo. O que quer que fizéssemos, devíamos nos apressar, pois ele não ficaria imóvel para sempre, e nossas chances de derrotá-lo diminuía rapidamente.

Enquanto discutiam, estudei o ambiente à nossa volta, à procura de algum bruxo ou criatura mística necessitando de cura. Demorei pouco tempo, mesmo sob a chuva que engrossava, até bater o olhar em uma bruxa caída no chão e outra ao seu lado. Eram Maeve e Erínia...

— Não, não, não...

Meu coração ficou grande demais para o meu peito quando bateu em ritmo acelerado. No mesmo instante, usei a nuvem branca para chegar até elas, sem alarmar tia Lena. Maeve estava ferida e eu precisava curá-la o mais rápido possível, caso contrário, jamais me perdoaria como curandeiro por deixá-la morrer.

Os outros curandeiros se ocupavam com feridos pelo acampamento. O número de demônios diminuiu a uma quantidade razoável, mas os que sobraram continuavam atacando com voracidade.

— O que há com ela? — perguntei a Erínia enquanto me pus a mapear o corpo de Maeve para encontrar a origem do ferimento. Aproveitei para injetar uma carga de energia para as-

segurar que seu corpo não pararia de funcionar, mas meu sangue petrificou quando não fui capaz de senti-la.

— Ed, pare! — exigiu Erínia. — Ela não está ferida.

Não era possível. *Maeve está morta?*

— Também não está morta — acrescentou a gêmea de cabelos negros.

Meus olhos a encararam.

— O quê? — perguntei, mas a resposta me atingiu com um misto de alívio e assombro. — Não me diga que ela está usando a...

— Possessão Corpórea — completou ela. — Veja...

Erínia apontou para o alto e eu segui com os olhos. Havia um emissário voando desconcertado, lutando contra si mesmo, indo de um lado a outro do acampamento como se estivesse tentando se livrar de um parasita. O demônio se contorceu no ar, debatendo-se na chuva, até que perdeu o equilíbrio e quedou no chão com um baque sólido. Ele se levantou, machucado, mas não foi capaz de alçar voo outra vez. Suas mãos chegaram com dificuldade até o pescoço, e ele apertou com força.

O emissário pôs pressão em ambas as mãos, esmagando os ossos com um gemido asfíxiado. A luta interna durou poucos segundos. O demônio apertou com tal determinação que fez seu pescoço quebrar e ele evanescer em partículas de cinza. Maeve suspirou ao nosso lado como se tivesse emergido do fundo de um lago.

— Isso foi brilhante! — consegui dizer.

— Você conseguiu, maninha — Erínia abraçou a irmã, sorrindo.

— Falei que daria certo — murmurou Maeve.

Quem poderia imaginar? As gêmeas, que até pouco tempo eram duas adolescentes fúteis e estabanas, derrotando demônios com habilidades dominadas apenas por bruxos sensórios exímios. Me enchi de orgulho. Tal foi minha felicidade que por pouco não deixei passar a epifania que me atingiu naquele momento. *Como não pensei nisso antes?* A resposta esteve debaixo do meu nariz todo tempo, e eu sequer desconfiei.

— Vocês vão ficar bem? — perguntei às gêmeas.

O olhar que recebi em retorno dizia para eu cuidar da minha própria vida e deixá-las lutar em paz. Sorri para elas e fiz um cafuné na cabeça das duas. Elas odiavam bagunçar o cabelo, mas dessa vez não reclamaram.

Usei a nuvem branca de novo e reapareci no meio da discussão da elite dos bruxos. Estavam especulando sobre quanto tempo demoraria para o reforço chegar caso emitissem um alerta para bruxos de outras cidades. Aquela opção era inviável por dois motivos: primeiro que um alerta de tamanha proporção seria visto pelos comunais e acarretaria num problema ainda maior, e segundo que não tínhamos tempo de sobra para esperar por ajuda.

— Sei como podemos derrotar SúmraK.

A discussão parou no mesmo instante e todos os olhos se viraram para me encarar. Debaixo da chuva, senti as maçãs do rosto esquentando com a atenção inesperada. Concluí que eu tinha mais para fazer do que me preocupar com vergonha.

— Todos os bruxos são capazes de doar energia para outro ser vivo — falei, ávido. — Mas há algo que apenas alguns poucos curandeiros conseguem fazer.

— *Tirar energia* — completou minha mãe.

— Exato! — anuí. — Somos capazes de tirar energia para equilibrar o fluxo mágico no organismo de pacientes com as correntes de energia em colapso. Assim, evitamos que eles se firam de dentro para fora.

— O que tem isso? — questionou Norberto.

— Ora, meu caro — minha mãe abriu um sorriso esperançoso —, isso pode ser nossa melhor estratégia contra Súmrak.

— Minha sugestão é que minha mãe e eu tiremos parte da energia do soberano — continuei. — Se fizermos direito, seremos capazes de diminuir o poder do demônio.

Os bruxos à minha volta me lançaram outro olhar de espanto. Perceberam que o que eu falava era tão insano que podia dar certo. Não seria uma tarefa fácil, e sequer sabíamos o que o poder do Mestre Crepuscular faria ao nosso corpo, mas, se havia uma ínfima chance de êxito, então deveríamos abraçá-la e torcer para que desse certo.

— Uma vez enfraquecido — explicou minha mãe —, poderemos atacar com força total. Ele não recuperará a energia com facilidade longe do Desmundo.

— Mas há um furo no seu plano — indicou Teófilo. — Se não estou enganado, os curandeiros precisam tocar o paciente para executar a extração. Isso significa que vocês não apenas terão de se aproximar de Súmrak, como também deverão manter contato físico com ele.

— Isso é impossível — aquiesceu Norberto. — Ele não vai simplesmente ficar parado esperando pelo toque de um curandeiro.

Eu sorri.

— É aí que se engana — falei, confiante. — Há um modo de o fazermos ficar parado esperando pelo toque de um curandeiro, sim, e vocês tem Maeve e Erinia para agradecer pela ideia. Possessão Corpórea.

— Está brincando, não é? — retrucou Andrômeda, incrédula. — Você quer *entrar* no corpo de Súmrak? Ficou maluco!

— Eu também não sabia que era possível usar esse encantamento contra um demônio — confessei. — Até que as gêmeas o fizeram num emissário e o derrotaram de modo brilhante há poucos minutos. Percebem? Ninguém falou a elas que era impossível, por isso tentaram e conseguiram.

— Estamos falando de um soberano — apontou Tiago. — Suas primas não serão capazes de executar a possessão num nível tão elevado.

— Mas eu, sim — Olívia se voluntariou.

— Está certa disso, Liv? — certificou-se tia Lena. — Pode ser perigoso demais... mesmo para você.

Ela deu de ombros.

— Eu ensinei minhas sobrinhas como fazer esse encantamento — disse ela. — Se não conseguir fazer isso eu mesma, que exemplo estarei passando como mentora? Além do mais, o trabalho pesado ficará com Ágata e Edgar. Eu só preciso segurá-lo por dentro.

— Corrigindo... — replicou minha mãe. — Apenas eu farei a extração.

Ah, qual é, mãe?!

— Mas... — tentei protestar.

— Edgar, você *ainda* tem de liderar os curandeiros — ela estava irredutível. — Se algo acontecer, você terá de estar pronto para curar os bruxos e seres místicos lutando do outro lado do acampamento. Essa é a tarefa para a qual você foi designado, portanto, não pode abandoná-la.

— Sem querer me intrometer, Ágata — disse Andrômeda —, mas você não precisa fazer tudo sozinha. Edgar se provou um bruxo formidável e altamente capaz de ajudá-la na...

— Já tomei minha decisão — ela interrompeu o discurso da mãe de Klaus. — Caso não tenham notado, Súmrak ainda não percebeu que há dois abrakadabras entre nós. Não pretendo esfregar esta informação na cara dele.

— Oh... — compreendeu Andrômeda.

Porra! Havia esquecido que tenho a merda de um Monstro Lendário dentro de mim e que isso pode despertar a ira do soberano à nossa frente. Não tinha como refutar o argumento dela.

Teófilo assumiu o planejamento estratégico da elite dos bruxos. Tínhamos um objetivo claro, agora precisávamos engendrar uma maneira de colocá-lo em prática. O raciocínio bélico do Grão-Mestre era respeitável, e em questão de minutos fomos capazes de traçar um roteiro para agir.

Seria naquela hora ou nunca.

Capítulo 43 | Ação

OS BRUXOS E SERES místicos da infantaria continuaram a lutar contra os demônios remanescentes, a fim de mantê-los longe da batalha contra Súmraak. O soberano era forte o suficiente sozinho para ainda termos de lidar com reforço das outras classes demoníacas.

Por causa dos feitiços ricocheteando para todos os lados, somados ao impacto da luta e à chuva torrencial caindo sobre nós, o acampamento adquiriu uma paisagem bem diferente daquela que Klaus e eu costumávamos admirar. Agora, não passava de um cenário acidentado, com relevos de terra onde antes havia uma planície gramada, e árvores queimadas onde antes contemplávamos uma floresta fértil.

— Será que algum dia conseguiremos ver o Lago dos Pirilampos como era nas nossas memórias? — perguntou-se Klaus, pensativo.

Meu corpo se arrepiou.

— Não sei — admiti. — Mas estou certo de que, se sobrevivermos, poderemos criar novas memórias enquanto o lago se recupera.

— Tomara que sim.

A chuva encharcou nossas roupas. Klaus parecia estar aguentando firme, mas não sabia até quando poderia dizer o mesmo de mim. Meus poderes não durariam por muito mais tempo, e os feridos para curar não diminuía. Felizmente, a ação começaria em breve. Teófilo arquitetou o plano em seis partes, tanto simultâneas quanto sequenciais. O objetivo era enfraquecer o Mestre Crepuscular extraíndo a energia de seu corpo, antes que ele pudesse se mover com liberdade absoluta. Para tanto, a primeira parte do plano consistia em dar cobertura à área de ataque, e a infantaria cuidava disso nesse exato momento.

— Iniciar manobra de distração! — instruiu o Grão-Mestre.

Tia Lena e Andrômeda se encarregaram da segunda parte do plano. Atrair a atenção de Súmraak era de vital importância para a execução das próximas sequências. Não havia como atacá-lo se estivesse alerta para nosso objetivo.

Andrômeda andou para a lateral do soberano e levou a mão em forma de cilindro à boca. Contudo, dessa vez não liberou bolhas ácidas como das outras vezes. Quando soprou seu feitiço, uma fumaça roxa vazou de sua mão em quantidade suficiente para envolver o demônio.

— Mais forte! — disse Teófilo à esposa. — Precisa de densidade.

A mãe de Klaus aumentou o sopro e a fumaça adquiriu uma espessura pesada, junto à chuva, que a ameaçava sair do estado gasoso para o sólido. O feitiço se alastrou em volta de Súmraak e tinha dois objetivos. O primeiro deles seria tirar a visão do demônio e, doravante, limitar o direcionamento de seus ataques. O segundo tinha a ver com o fato de a fumaça compor-se de uma substância tóxica que, quando inalada pelo adversário, iniciava um processo de deterioração e falência interna dos órgãos do corpo.

— Bom trabalho — acrescentou o Grão-Mestre.

Entrementes, a fumaça roxa se dissipou sem apresentar qualquer resistência quando Súm-

rak desferiu um gesto da mão. Em volta dele, uma nova película fina de magia o protegia de respirar as toxinas do feitiço. Permanecia intacto, como se todas nossas tentativas de ataque fossem fracas demais.

Tia Lena entrou em ação antes de uma resposta ofensiva do soberano. Elevou a mão até a boca em formato de cilindro, tal qual Andrômeda antes dela. Depois soprou dez pequenas bolas de um fogo esverdeado, como vagalumes flutuando no ar, desviando-se da água que caía. Aquele era o mesmo feitiço que usou contra os captores de Daruell.

Tia Lena soergueu os braços acima da cabeça e as dez pequenas bolas se expandiram para dez esferas flamejantes com um metro de diâmetro. Nem mesmo a forte chuva foi capaz de apagar as chamas do feitiço. Ela mirou no demônio e, sem titubear, ordenou:

— *EXBUDAZOR!*

As esferas tomaram fôlego de vida e partiram em direções diferentes, mas todas com o objetivo de atacar o soberano. Numa fração de resposta incrível, Súmrak pôs-se a repelir cada um dos meteoritos incandescentes atraídos para ele como se fosse um ímã mágico.

Isso!

Para se defender, o demônio precisou voltar sua atenção aos ataques dispersos, já que uma única barreira dificilmente o protegeria contra dez golpes de tamanha proporção. Aquela era a deixa para executar a terceira parte do plano.

Possessão Corpórea.

Olívia deu alguns passos à frente, a fim de alinhar-se ao corpo de Súmrak numa reta sem obstáculos. Ela se preparou para o encantamento, e eu usei a nuvem branca para ficar ao seu lado. Enquanto estivesse executando a magia, eu seria o responsável por monitorar e proteger seu corpo.

— Me promete que vai tomar cuidado — falei.

Ela deu um soco de leve no meu ombro.

— Respeite sua tia, pirralho — disse ela, sorrindo. — Até mais.

Enquanto Súmrak se ocupava com a sétima esfera flamejante indo em sua direção, Olívia mirou no soberano a cerca de cinquenta metros de distância e tocou a própria testa com dois dedos da mão direita. Ela caiu no meu colo, inconsciente, e eu observei o demônio, em busca de uma pista sobre o sucesso do encantamento.

A Possessão Corpórea era um feitiço que se assemelhava à Projeção Astral. Neste último, porém, o sensório não deixava o corpo e podia controlar as adversidades à sua volta. Contudo, para *possuir* o corpo de outro ser, o bruxo necessitava abdicar desse controle para ser capaz de lutar contra o espírito do corpo invadido. A partir de então, seria como se dois espíritos habitassem o mesmo corpo, mas o controle ficaria com o sensório que lançou o ataque, aprisionando o adversário no campo da mente.

— Por favor, tome cuidado — sussurrei no ouvido de Olívia, mesmo sabendo que ela não podia me ouvir.

O sinal que eu procurava apareceu quando Súmrak não foi capaz de se defender da última esfera flamejante de tia Lena. O feitiço o atingiu no peito, onde jazia o ferimento incutido pelo machado de Teófilo.

Funcionou?

O demônio gemeu, e seu rosto ganhou uma nova expressão de ódio. Aquela era a segunda vez que um ataque ofensivo conseguiu passar por suas defesas e atingi-lo. Muito embora o feitiço de tia Lena fosse capaz de machucar gravemente qualquer outro demônio, dessa vez seu único êxito foi aumentar a fenda no corpo do soberano.

— **FUNCIONOU!** — gritei para os outros.

O demônio não conseguia se mexer. Estava imobilizado pelo lado de dentro, com os olhos rubros esvoaçando junto aos seus cabelos grossos. Olívia foi capaz do impossível e dominou o Mestre Crepuscular, um demônio-soberano dentre os Senhores do Desmundo mais poderosos.

Teófilo e Norberto deram início à quarta parte do plano engendrado pelo Grão-Mestre. Para assegurar que o demônio permaneceria imóvel durante a extração de energia, deviam se certificar de que estivesse preso não apenas por um feitiço sensorial, mas por algo também eficaz no campo físico.

Os dois irmãos correram para as laterais da área onde o soberano permanecia imóvel. Com um gesto das mãos fizeram surgir uma corrente grossa que se revestiu de magia assim que a tocaram. Os anéis de ferro reluziram com o poder dos Montenegros e se transformaram num tipo de amarra.

— Agora! — Teófilo gritou para o irmão.

A longa corrente mágica se lançou com vida própria ao corpo de Súmraak, respingando as gotas de chuva. Envolveu-o como numa espiral e tanto Norberto quanto o Grão-Mestre puxaram com força. A pressão exercida nos lados opostos do atrito com a corrente serviu para imobilizar o demônio de uma vez por todas. Sem poder usar os poderes, nem se movimentar com o corpo, não havia como ele se livrar do cárcere.

A oportunidade deu vazão à quinta e mais importante parte de todo o plano de ataque. A parte em que minha mãe agiria para completar o objetivo principal, extrair o poder de Súmraak e enfraquecê-lo.

— Curandeira! — o Grão-Mestre deu a ordem.

Enquanto minha mãe pôs-se a correr na direção do soberano, aproveitei para mapear os sinais vitais do corpo de Olívia. Embora não conseguisse senti-la dentro do receptáculo, seu organismo funcionava com normalidade. No fim das contas, era como se ela estivesse desmaiada.

Mamãe chegou ligeiro até onde o demônio estava. Um arrepio me subiu a espinha e eu tentei controlar a ansiedade ao observá-la tão próxima do perigo. Com o cuidado de uma médica experiente, ela levou sua mão ao ferimento no peito de Súmraak. Para quem visse de longe, parecia que ela tentava curá-lo.

Mas o feitiço era o inverso de cura.

Antes de extrair o poder do demônio, ela abriu a fenda no seu peito, aumentando ainda mais a extensão da ferida com o uso de poderes xamanísticos. Aquela habilidade normalmente surpreendia os bruxos de outras Ordens de Poder, pois não conseguiam aceitar o fato de que curandeiros fossem capazes de infligir ferimentos tanto quanto curá-los. Era uma de nossas maiores vantagens em batalhas.

— Ela vai conseguir — comentou Klaus atrás de mim, embasbacado com a cena que se desenrolava. — Acho que vamos derrotá-lo.

Sua fala ostentava um tom mais de esperança do que de certeza.

— Vamos, sim — manteve a fagulha acesa.

Minha mãe conseguiu abrir o ferimento apenas o suficiente para que a fenda em seu peito pudesse receber o feitiço com mais facilidade. Ela fez o sinal da extração, representado pelo dedo polegar entrelaçado junto ao indicador e o resto dos dedos eretos. No mesmo instante, uma secreção plasmática negra saiu de dentro do ferimento de Súmraak e se envolveu na mão dela como um condutor de energia. O demônio soltou um gemido gutural como um urso dentro de uma caverna, mas permaneceu imóvel. A magia do soberano estava passando para minha mãe.

Os demônios do outro lado do acampamento se aperceberam que seu mestre estava em apuros e não mediram esforços para ajudá-lo. Deixaram os próprios duelos e vieram na nossa direção. Alguns dos bruxos e seres místicos conseguiram segurá-los antes que chegassem até nós, mas outros tantos se precipitaram até o local onde SúmraK jazia tendo seus poderes roubados.

— Pode ir — falei para Klaus.

A sexta parte do plano de Teófilo era a proteção contra os demônios. Era mais do que provável que eles atacassem quando vissem o soberano imobilizado, por isso Klaus, Doroteia e Tiago deviam se certificar de que nenhum demônio interferisse na extração de energia. O trio se posicionou atrás de mim e lançou uma série de Feitiços de Unidade e Feitiços de Evanescência contra os emissários e nobres que tentavam penetrar a defesa. Enquanto isso, os outros bruxos se juntaram ao ataque combinado e, ao lado dos seres místicos, reforçaram a cobertura de ataques.

— Aguentem só mais um pouco — sussurrei.

A expressão no rosto dos nossos aliados mudava entre o assombro pelo que viam e a alegria ao perceber que o demônio estava sendo finalmente contido. Mas o que *eu* via, mesmo àquela distância, eram indícios de perturbação no rosto de minha mãe. O poder de SúmraK era demais para ela. Eu sabia desde o começo que aquela possibilidade existia, especialmente por se tratar de um soberano, mas não podia arriscar ajudá-la e revelar minha identidade mágica para o demônio. Pelo menos não agora.

Vamos, mãe, só mais um pouco, você consegue.

O demônio exibiu uma mudança de contemplação, e eu soube de imediato que algo aconteceu. No meu colo, Olívia voltou a respirar sôfrega e acordou do encantamento.

— Ele me expulsou do corpo — disse ela.

A extração de energia cessou. Minha mãe afastou-se para trás do demônio no momento em que ele se livrou das correntes. Com ira nos olhos, o soberano puxou as amarras em volta de si e lançou os irmãos para longe.

— TOMA ESSA, DEMÔNIO! — tonitruou minha mãe.

Um clarão iluminou o acampamento e SúmraK foi arremessado para o alto.

Ela o atacou com um feitiço tão poderoso que foi difícil acreditar à primeira vista. Minha mãe usou o poder da criatura para combinar um ataque ofensivo antes de uma reação mais complexa do demônio.

Ele, de fato, ficou mais fraco.

Ela o lançou para o outro lado do acampamento, e o soberano ficou no solo com um baque que fez o chão tremer. Demorou para se levantar, porém, quando o fez, as luzes rubras em seus olhos intensificaram. SúmraK, por fim, habituou-se ao novo corpo.

E agora andava pelo acampamento.

Capítulo 44 | Flores Campestres da Mulher-Deusa

— **PROTEJAM-SE!** — gritei para um grupo de bruxos que lutava contra dois emissários e não se deu conta de que Súmrak estava a alguns metros de distância.

O soberano não esperou que o notassem. Lançou um raio vermelho que circundou o grupo e esmagou os bruxos como se fossem um amontoado de carne sem ossos. Mesmo de longe fui capaz de enxergar a Insígnia de Rosa da representante dos sensórios, que reluziu quando sua usuária deu o último suspiro agonizante.

Minha mãe soltou uma avalanche de fogo verde na direção do Mestre Crepuscular, e o caminho percorrido pela chama iluminou-se novamente como num dia ensolarado e evaporou a chuva que atrapalhava seu trajeto. Dessa vez, porém, o demônio não sucumbiu com facilidade ao poder da bruxa que o atacava. O ataque ficou mais poderoso por causa da energia roubada que ela acrescentou ao golpe, mas ainda assim foi contido pelo soberano com uma barreira fina de cristal vermelho.

— Você é minha — prometeu Súmrak com sua voz de barítono, tão calmo como quem anuncia a previsão do tempo.

Antes de revidar o ataque, contudo, outras duas Insígnias de Rosa reluziram próximas ao demônio. Os representantes dos alquimistas e transmorfs investiram num golpe combinado contra o soberano que tirou a vida de sua companheira.

O alquimista, que antes parecia velho demais para andar por muito tempo, tirou um frasco de dentro da veste contendo um líquido negro. Ele jogou na mulher, que, quando o vidro se partiu, entrou em processo de metamorfose. Em poucos segundos, ela adquiriu uma forma humanoide e transfigurou-se num demônio.

Mas não um demônio qualquer.

Súmrak.

Havia dois Mestres Crepusculares, e ambos se encaravam. A transmorfa avançou para o soberano original, mas este convocou outro raio dos céus. A descarga elétrica acertou seu clone imperfeito e o alquimista responsável pela mutação demoníaca. No momento seguinte, estavam mortos.

O efeito do raio reverberou no meu ouvido por alguns segundos, enquanto Súmrak continuou a atacar os bruxos e seres místicos. O demônio estava furioso após a extração de energia, e acabou dispersando a formação da infantaria por completo. Isolados, não tínhamos qualquer chance de resistência frente ao poder do soberano.

— Mirna! — Carlos pulou sobre a esposa bem na hora que um raio atingiu um grupo de seres místicos.

Os dois caíram no chão, vivos por um triz. Mas o mesmo não podia ser dito de outros dois licanos e uma banshee, que foram laçados pelo ataque descomunal do demônio e pereceram antes que pudessem apresentar qualquer defesa.

Em contrapartida, havia vários outros bruxos machucados. Olhando em volta, porém, pu-

de constatar que... *Merda*... minha mãe e eu éramos os últimos curandeiros restantes. Todos os outros haviam morrido e agora que Súmrak escolheu como alvo a bruxa que roubou seu poder, restava a mim a tarefa de curar os feridos.

Estamos todos fodidos.

Poucas coisas desfilam pela sua cabeça antes de morrer. Minha nota mental dizia que o clichê cinematográfico não passava de uma história bonita que contavam nos filmes. Estávamos prestes a morrer, e a única coisa habitando meus pensamentos era o fato de que... eu queria *viver*. Não como uma resposta óbvia a uma situação de risco, nem pelo egoísmo de ultrapassar meu tempo nessa terra, mas como uma chance de poder aproveitar toda a felicidade que consegui nos últimos meses, ao lado de Klaus e da minha família.

— O que ele está fazendo? — Klaus apontou para onde Súmrak atirava seus ataques. — Que estranho...

Klaus se referia ao emissário que pousou ao lado de Súmrak e, para nosso espanto, *sussurrou* algo no ouvido do soberano. Seu mestre se empertigou e parou um ataque no meio da execução. Pela primeira vez desde que tinha se manifestado no plano físico, o Mestre Crepuscular exibiu uma expressão de medo.

O emissário ergueu uma das asas e indicou algo à nossa frente. O olhar do soberano seguiu o gesto e pousou seus olhos rubros visagentos em mim e Klaus. Ele virou a cabeça, lento, de um para o outro, perscrutando algo além de nós ou através do nosso corpo.

— Merda! — praguejei. — Merda! Merda! Merda!

— O que foi? — perguntou Klaus, nervoso.

— Ele descobriu... — respondi, o coração saindo pela boca. — Ele sabe que somos abrakadabras. O emissário... Merda! Ele sabe...

— Puta que pariu!

Súmrak aprumou-se no lugar e arremessou um globo flamejante contra nós. A esfera de fogo cortou a distância que nos separava no acampamento, iluminando o caminho enquanto percorria próxima ao chão. O golpe do demônio foi muito rápido para uma defesa apropriada.

— CUIDADO!

A advertência veio embalada por uma voz feminina, mas não pude discernir a bruxa que gritou. Fui capaz de observar a bola de chamas se aproximar e acender toda a adrenalina do meu corpo. Senti até o calor do fogo beijar minha face antes Klaus rebater o ataque com uma Repulsão Bélica.

A barreira invertida não pôde ser levantada como devia, por isso, ao invés de devolver o golpe do demônio com o dobro de força, aconteceu o inverso. Levantei uma fina barreira de proteção à minha volta bem a tempo de sentir o impacto duplo da magia repelida de Súmrak.

O fogo se expandiu e desapareceu num piscar de olhos. A dor que se alastrou pelo meu corpo foi injusta e eu caí de joelhos no chão. Porém, não era nada que eu não pudesse aguentar. Klaus, por outro lado, recebeu um impacto bem maior, já que sua barreira não funcionou direito.

— Merda!

Meu coração petrificou no momento que o vi estirado no chão próximo a mim, desacordado. Corri com dificuldade até ele e me abaixei, tentando identificar a pulsação e o ritmo da respiração. Súmrak atirou outro ataque idêntico ao primeiro, e eu me preparei para morrer.

Teófilo apareceu do nada e fez o globo flamejante ricochetear e ir na direção do emissário que delatou nossa identidade. O demônio foi pego de surpresa e sucumbiu ao ataque do próprio mestre, evanescendo em um milhão de partículas de cinzas. Aproveitei o momento inesperado para curar o ferimento aberto na barriga de Klaus.

Rasguei parte da sua camisa danificada e empurrei sua jaqueta para trás. Havia uma queimadura de terceiro grau onde o fogo atingiu sua pele. Se tivesse recebido o ataque sem nenhuma proteção, Klaus estaria definitivamente morto àquela altura. Pus ambas as mãos sobre o abdômen e liberei magia.

— Vamos, vamos — cochichei baixinho. — Vamos, lembra!

Pela visão periférica, percebia que minha mãe e tia Lena se juntaram a Teófilo e se precipitaram numa justa contra o soberano, que agora estava mais arisco do que momentos atrás. A presença de um abrakadabra representava uma ameaça à sua estadia no plano físico. A presença de *dois* abrakadabras significava o fim de seus planos.

Alguém devia dizer a ele que somos abrakadabras inúteis.

Tia Lena usou outra Repulsão Bélica contra o demônio. Dessa vez, o contrafeitiço foi bem-sucedido e retornou para seu usuário original com o dobro da força. No entanto, Súmerak desviou o golpe para a direção lateral, e acertou um guerreiro incauto. O bruxo sequer soube o que o atingiu. Caiu sem vida sobre uma poça formada pela água da chuva.

O ferimento de Klaus era pior do que eu imaginava. Foi infligido por Magia Infernal, portanto, exigiria muito mais poder para curar. Enquanto liberei magia para as células do corpo dele, me dei conta de que se ele morresse estaria acabado. *Eu* estaria acabado. Junto à minha felicidade e paz de espírito.

— Vamos, Klaus, lembra, vai...

Ele tomou um fôlego como se emergisse da água.

— Você está bem?

— Você está bem?

Perguntamos um ao outro em uníssono.

— Me diz você — completei. — Como se sente?

A queimadura no abdômen de Klaus estava quase sumindo — junto ao meu poder, que jazia à beira do esgotamento. O segundo receptáculo dentro de mim estava a ponto de esvaziar por completo, e quando isso acontecesse eu estaria em sérios apuros.

— Estou bem — disse ele, levantando-se rápido. — Já pode parar de gastar seu poder em mim. Estou bem, Edgar, sério!

Nesse momento, Andrômeda apareceu numa nuvem branca ao lado do filho. Seus olhos brilhavam com lágrimas que podiam ser vistas mesmo debaixo daquela chuva insistente. Ela o avaliou, chorosa, e perscrutou cada canto do lugar onde antes havia a queimadura desferida pelo soberano.

— Ele está bem? — ela perguntou a mim.

Balancei a cabeça.

— Tem certeza? — corroborou, exigente.

— Sim — respondi, enfático.

Klaus estava tão bem quanto se poderia estar depois de sofrer um ataque com aquela proporção. Eu gostaria de continuar o processo de cura por mais alguns minutos, mas, no fim das contas, ele ia sobreviver.

— Mãe... — disse ele.

— Ah, meu filho!

Ela o envolveu num abraço apertado que deixaria qualquer adolescente envergonhado em outra circunstância. Naquela, em específico, não apenas era compreensível como também encorajado.

Norberto e Tiago vieram para a luta, mas combinaram seus ataques para atingir dois demônios-nobres que atacavam a infantaria desfeita. Pai e filho executaram uma sequência de

Feitiços de Unidade tão rápida e eficaz que sobrepujou o poder dos adversários, derrotando-os com certa facilidade. Os demônios evanesceram, sob a chuva, em partículas de cinza que voaram pelo acampamento.

— Isso! — comemorou Norberto.

— É assim que os Montenegros fazem — emendou Tiago.

Havia um motivo para celebrar em meio ao caos. Naquele momento, todos os outros demônios além de Súmrak foram derrotados. O exército de subalternos, emissários e nobres não existia mais. Foi difícil de acreditar no início, mas impossível não sorrir quando sobram no acampamento apenas os bruxos e os seres místicos contra o Mestre Crepuscular. Nenhum outro demônio poderia atrapalhar o plano original ou continuar resistindo em detrimento do mestre sem servos para lutar.

— Vamos conseguir — choramingou Doroteia. — Vamos conseguir.

De qualquer forma, sucedendo ou não, o cenário à nossa volta tornou-se um verdadeiro cemitério encharcado. Bruxos e seres místicos tinham morrido, e agora, meus olhos contaram rápido, havia vinte e um de nós. O número de baixas superava nossas piores previsões de batalha e ainda tínhamos o soberano para derrotar.

Súmrak não gostou nada do fato de que reduzimos seu séquito de demônios às cinzas. Em meio ao caos de feitiços atirados contra ele pela elite dos bruxos, o soberano urrou contra a chuva que caía. O som de fera ferida estrugiu pelo acampamento e poderia ser ouvido a quilômetros de distância.

— Isso não é bom — murmurou Teófilo. — Preparem-se para os ataq...

Antes de o Grão-Mestre terminar seu aviso, o Mestre Crepuscular desapareceu numa nuvem vermelha e reapareceu entre mim e Klaus. Sem que pudéssemos reagir, ele nos segurou pelo pescoço e elevou nossos corpos para o alto de sua cabeça.

Olhar nos olhos rubros da criatura foi ainda pior que a dor lancinante da sua mão em meu pescoço. Norberto se preparou para atirar um feitiço, mas foi interrompido.

— Não! — impediu minha mãe, tentando manter a calma. — Você pode acertar os garotos.

Mas não era necessário um ataque. Súmrak podia ser um dos Senhores do Desmundo, mas, no fim das contas, era um demônio. E nós éramos abrakadabras. Não demorou até que as mãos do soberano comessem a fumar com um som de chamas. O toque dos abrakadabras não podia ser suportado por nenhuma criatura demoníaca.

Súmrak rangeu os dentes e nos lançou para longe. Caímos com um baque doloroso perto da árvore que há pouco tempo ardia em chamas e agora oferecia à chuva uma fumaça negra. Todas as articulações do meu corpo protestaram pelo impacto da queda e eu não fui capaz de conter um gemido alto de dor quando tentei me levantar.

— Não, não, não...

Meu coração parou novamente quando vi Klaus caído no chão, imóvel. Uma queda daquelas seria fisicamente perigosa para qualquer ser vivo, fossem bruxos ou não. Uma posição errada na aterrissagem podia levar à falência múltipla de vários órgãos, hemorragias, ossos quebrados...

Ele podia estar morto.

Quando me levantei, Súmrak reapareceu numa nuvem vermelha na frente de Klaus. O demônio ergueu a mão e se preparou para atacar. Não sei em que momento decidi agir, nem se a decisão foi consciente, mas meu corpo se movimentou para o lado, tomando a posição de bloqueio entre Klaus e o soberano para receber o impacto.

Assim que o fiz, um par de olhos amendoados me encarou. Olhos que contemplei durante

a vida inteira. Olhos que me ensinaram a andar, a controlar magia, a ser um homem bom. Olhos pelos quais meu amor se expandia a níveis que a mente humana só podia imaginar.

— *Zomrie!* — soou, branda, a voz do demônio.

Os olhos de minha mãe perscrutaram os meus quando se materializou de sua nuvem branca na minha frente, de costas para o Mestre Crepuscular. Ela sorriu, calma, no instante em que me protegeu do golpe. O demônio a atingiu com um ataque tão forte quanto a fúria que sentia naquele momento.

Pela primeira vez em minha existência, experimentei o que era dor de verdade.

Capítulo 45 | Elo Maternal

OS OLHOS CONTINUARAM me encarando mesmo depois do ataque do soberano. Havia uma expressão indecifrável no rosto da minha mãe quando ela caiu de joelhos, ainda sem partir o olhar.

O mundo se fechou ao meu redor como se uma cabine acústica tivesse sido construída no acampamento só para mim. As vozes desesperadas, os feitiços brilhando, os jatos de luzes ricocheteando, os solavancos contra meu corpo. Tudo se resumiu aos olhos amendoados que seguravam minha atenção.

— Meu... Edgar...

— Mãe... mãe... não... mãe... não... *por quê...*?

Me pus de joelhos e a segurei nos braços. Em algum lugar da mente, pude registrar tia Lena e Olívia lutando sozinhas contra Súmraak, num ímpeto de desespero e sede por vingança. Os outros bruxos chegaram em seguida e, juntos, repeliram o soberano com ataques descontrolados, sem qualquer estratégia, que deixavam à mostra sua perplexidade diante do que aconteceu.

Klaus recuperou a consciência e se levantou com dificuldade. Demorou alguns segundos até entender a cena. O Mestre Crepuscular ainda tentava nos atacar, mas agora havia uma barreira humana de bruxos pela qual ele teria de passar antes de chegar até os abrakadabras.

— Edgar...! — a voz de Klaus beirava o sussurro.

— Tire a gente daqui — pedi, enérgico.

Ele tocou no chão e fez um círculo de terra partir-se do solo, tremendo. A chuva não cessou enquanto eu segurava minha mãe nos braços. Klaus usou a nuvem branca e nos levou para longe da luta. No momento seguinte, pairávamos sobre o Lago dos Pirilampos. De onde estávamos, era possível observar o caleidoscópio de magia sendo lançado de um lado a outro do acampamento. Os bruxos restantes fizeram frente ao soberano, e agora, mais do que nunca, tratava-se de matar ou morrer.

— Edgar... — havia algo de derradeiro na voz da minha mãe que eu não conseguia suportar. — Meu... Edgar...

— Não tente falar — pedi. — Vou curá-la... sim... vou... curá-la...

Minhas mãos tremiam.

Eu era o único curandeiro restante. Era minha responsabilidade salvar a vida dela. Meu dever como bruxo... como curandeiro... como *filho*. Eu não podia falhar, simplesmente não podia. O que estava em jogo ia muito além do que qualquer perda que eu podia imaginar.

Se havia algo que a bruxa morrendo nos meus braços tinha me ensinado era que todo mundo morre. A imortalidade é o pecado antinatural mais profano da Grande Existência, doravante, todos os seres vivos devem morrer eventualmente. *Memento mori*. A fim de fazer parte da Ordem dos Curandeiros, compreender aquele princípio era de vital importância para o desempenho mágico do bruxo.

O que ela jamais conseguiu me ensinar, entretanto, em todos os anos de treinamento, foi o fato de que tal princípio não podia ser aceito pelo curandeiro quando o ser vivo em questão era um ente querido.

— Por favor, aguente firme — resfoleguei. — Vamos, nada de desistir...

Ela sorriu para mim. O mesmo sorriso de antes, quando me protegeu.

— Vocês se parecem tanto...

— Não tente falar — repeti as instruções. — Prepare-se para a carga de energia. Não vou devagar dessa vez.

Eu não queria admitir, mas o horror nos olhos de Klaus falava mais do que qualquer coisa. O ferimento nas costas da minha mãe era um buraco que atravessava até o lado da frente. Súmrak usou seu poder para transpassar o corpo dela.

Liberei magia de ambas as mãos e as posicionei de cada lado da lesão. Permiti que o poder fluísse sem controle, e desferi um feitiço de cura generalizada que me deu a chance de visualizar a corrente do fluxo nos pontos de interseção do seu corpo. O tráfego de magia operava com obstruções, e não demorou até descobrir que o motivo para aquele mal funcionamento era o poder negro dentro dela, fruto da extração de energia que ela fizera antes.

— Magia Infernal...? — sussurrei.

Usei uma quantidade de poder maior do que pensava ter em minhas reservas. Mas tudo foi em vão. A magia do demônio percorrendo dentro dela combatia meu feitiço de cura, como se repelisse uma ameaça invasora dentro do corpo. Tentei outra vez, e mais outra. Meu feitiço ia para a corrente do fluxo nos pontos de interseção e voltava sem efeito algum.

— Ela está sangrando muito — disse Klaus à beira de um colapso.

A chuva escondeu boa parte da hemorragia, mas, quando víamos melhor, era possível observar uma poça de sangue se juntando à água da tempestade. Liberei novamente meus poderes para monitorar o funcionamento do corpo, contudo, não era necessário ser um curandeiro para constatar que ela estava perdendo os sentidos enquanto vários de seus órgãos apresentavam danos graves.

— Vamos, mãe... fique comigo... não desista... fique comigo...

A voz embargada não ocultava o nó que se formou na minha garganta.

Ela tossiu e deixou escapar um pouco de sangue. A chuva tratou de levar embora os vestígios da linhagem Valburgo que se juntavam ao círculo de terra sobre o qual mantínhamos equilíbrio.

— Edgar...

Havia uma clara dificuldade para falar. Mesmo a mais simples das palavras exigiria uma jornada complexa de ar dos pulmões, que passariam pelos brônquios e traqueia, até alcançar os músculos contraídos da laringe, permitindo que o ar passasse pela vibração das cordas vocais e produzisse os sons.

No estado em que estava, falar se tornaria em pouco tempo uma habilidade impossível de executar. Liberei uma nova descarga de energia no seu corpo, e dessa vez pelo menos a consciência dela reacendeu para a lucidez. Seus olhos amendoados voltaram a me contemplar, reaciosos, porém, satisfeitos.

Ela segurou um dos meus braços.

— Não... — disse, sôfrega.

— Eu vou curá-la.

— Não... Por favor, pare...

— Mas eu tenho de...

— Você... ficará sem poderes...

— Não me importo. Vou curá-la, custe o que custar.

— Edgar...

— Não... você não vai morrer... não vai...

— Edgar...

— Por favor... eu *preciso* curá-la!

— A escolha... é minha...

Ali estava o argumento que eu mais temia. Meu coração se partiu em um milhão de fragmentos e eu não podia fazer nada. Àquela altura, já soluçava como uma criança que presencia a maior das atrocidades do homem.

— Deve respeitar minha vontade — pediu ela, olhando com carinho para mim. — Eu lutei até o fim... Há honra na minha morte. Você deve me deixar partir.

— Mas...

Eu não conseguia completar nenhum raciocínio. Minha própria mãe... estava pedindo que a deixasse morrer. Aquilo era impensável. Uma peça que a vida resolveu pregar em mim como punição por ser um moleque mal-agradecido e mimado, que sempre dependeu da mãe para tudo.

— Meu tempo aqui terminou... — continuou ela, cada vez mais suave, como se os segundos requeressem sua presença em outro lugar. — Ainda hoje estarei ao lado de Aníbal... o grande amor da minha vida... e de Briano, meu querido irmão...

— Não pode me deixar... não pode...

Ela sorriu.

— Você é um homem agora... — ofereceu, levando sua mão ao meu rosto. — E um bruxo exímio, sem dúvida...

— Mãe... por favor... não precisa ser assim — implorei com a voz falhando. — Podemos levá-la até Mestre Wasiry. Ele saberá o que fazer...

— Muito gentil da sua parte, querido, mas nem mesmo o Grão-Mestre é capaz de curar este ferimento... A Magia Infernal repelirá qualquer feitiço de cura do meu corpo... Não há nada que se possa fazer a respeito.

Uma explosão irrompeu no acampamento e eu subi o olhar para ver o que se passava. Os bruxos continuavam combatendo SúmraK, mas o cenário não tinha mudado. O Mestre Crepuscular permanecia forte, e não havia nenhum indício de que podíamos vencê-lo. Nossa melhor guerreira estava em meus braços, e, se com ela a luta parecia difícil, sem ela não tínhamos nenhuma chance.

— Eu não posso aceitar isso... por favor, deixe-me curá-la.

Ela tocou meu rosto outra vez.

— Um dia compreenderá que viver e morrer são o arquétipo mais perfeito de toda a Criação. Nada do que é eterno realmente dura para sempre. Em vez disso, existe por existir, ocupando espaço precioso para novas formas vivas.

— O que quer dizer?

— Que morrer *também* faz parte da vida.

Meus olhos se encheram com uma nova remessa de lágrimas.

— Eu amo você — disse ela, chorosa.

— Eu amo você — repeti. — Amo com a minha vida...

Ela sorriu.

— Me prometa uma coisa...

— O que quiser — assegurei.

— Proteja suas irmãs — ela tossiu sangue, e eu limpei o canto da sua boca com os dedos.

— Sei que não tenho o direito de pedir que assumo tamanha responsabilidade... mas o farei mesmo assim. Helena e Olívia podem treiná-las e cuidar de sua educação, mas *você* deve proteger suas irmãs...

Um arrepio encharcado subiu pela espinha.

— Eu prometo... claro que prometo... vou protegê-las.

Ela levantou as duas mãos e acariciou meu rosto outra vez, como um cego tentando memorizar as nuances da face de uma pessoa. Nosso tempo estava passando, e com ele também se esgotava a chance de cura... se é que ela existia.

— Eles ficariam tão orgulhosos do homem que você se tornou — a dificuldade para falar aumentava. — Do bruxo que se tornou...

— Quem?

— Preciso revelar o segredo... quebrar a promessa que fiz a ela...

Eu não entendia.

— Ela...? De quem está falando...?

— Alice... e Briano — ela tossiu novamente, e mais uma porção de sangue seguiu sua fala entrecortada. — Edgar...

— Você deve repousar — pedi. — Está ficando fraca.

— Edgar... Briano e Alice eram seus verdadeiros pais.

— Quê?!

— Me perdoe, querido, mas eu prometi jamais contar...

— Está delirando — o choro se confundia com minha voz. — *Você* é minha mãe. Briano era meu tio... e Alice era...

— Sua mãe — repetiu ela, cada vez mais calma.

— Não, está enganada...

— Edgar... por favor, escute...

— Eu sou *seu* filho!

— Sim — disse ela com os olhos brilhando. — *Você é* e sempre *será* meu filho. Mas também é filho de Briano e Alice...

— Não... isso é impossível...

O mundo voltou a se fechar ao meu redor e eu me vi outra vez no interior de uma cabine com isolamento acústico. Dentro da minha mente, a voz reverberava intermitente.

Filho de Briano e Alice...

Filho de Briano e Alice...

Briano e Alice...

— Eu fiz uma promessa no dia da morte de Alice — disse ela. — Mas não poderia partir sem contar a verd...

Dessa vez, um acesso de tosse irrompeu e ela apertou minha mão, enquanto a dor reivindicava sua sanidade.

— Espero que um dia consiga me perdoar por esconder a verdade por tanto tempo — concluiu ela. — Fiz o que fiz por amor a você... e a meu irmão. Mas espero, acima de tudo, que me perdoe pelo que vou fazer agora...

Ela colocou a mão no meu peito e desferiu um golpe de Magia Infernal tão doloroso que eu não pude discernir entre realidade e alucinação. A última coisa de que me lembro naquele momento era do olhar amendoado de minha mãe.

Esvaindo-se. Para sempre...

— Adeus, meu filho.

Quando ela desfaleceu sem vida nos meus braços, tudo se acendeu dentro de mim.

Capítulo 46 | Renascimento

— **MÃE!** — **CHAMÊI** em desespero. — Mãe!

Seu corpo ficou imóvel e nada do que eu fiz serviu para fazê-la abrir os olhos outra vez. A dor do golpe dela inundou meu peito como lava, e eu tive de despender grande esforço para não perder os sentidos.

— MÃE! — eu gritava, mas ela não respondia. — NÃO... NÃO... MÃE!

Klaus se ajoelhou ao meu lado e colocou seus braços em minha volta.

— Edgar, ela se foi...

— NÃO!

— Ela se foi... Ela se foi... Edgar... Não há nada que possa fazer...

— Posso ressuscitá-la, posso... Eu sei que consigo... Me deixe ressuscit...

— Você não pode fazer isso, Edgar...

— Posso... Eu vou trazê-la de volta...

— Edgar...

— NÃO! Ela ainda não morreu... Ainda posso trazê-la... ARGHHH...!

A dor se expandiu e cada poro da minha pele se alargou.

— Edgar... Você não está bem, precisa de...

— ME SOLTA! ME LARGA...! ...ressuscitá-la... de volta...

— Ela se foi, Edgar, eu sinto muito... ela se foi.

— Não... Meus poderes aumentaram. Eu posso salvá-la, sei que posso...

— Essa não é a vontade dela, Edgar, você mesmo ouviu...

— Mas ela não pode morrer... ARGHHH...!

Dessa vez, a pontada no meu peito culminou numa dor espiritual que eu jamais sonhei experimentar. A Magia Infernal se impregnou dentro de mim e foi direto à fonte da minha essência mágica. O conflito interno entre meu poder desencadeou uma corrente elétrica que me tirou o controle do próprio corpo.

— Edgar... o que está acontecendo...? Edgar...!

Não pude responder. Tentava falar, mas minha boca não se mexia. Klaus ficou apreensivo e tocou no círculo de terra sobre o qual flutuávamos a alguns centímetros da água. Usou a nuvem branca e nos transportou de volta à margem do acampamento, em meio aos rojões de feitiços reluzindo para todos os lados.

— Edgar, me responde... O que está acontecendo?

Klaus exigiu novamente, mas o som das palavras chegava até mim atrasado, como se eu estivesse bem longe dele quando na verdade estávamos lado a lado. O corpo dela jazia no meu colo, porém, a fricção do nosso contato cessou e meus braços adormeceram.

— Ágata...?!

O terror na voz de Olívia fez minha cabeça rodar, ameaçando consumir o pouco da sanidade que me restava. Os outros bruxos e seres místicos finalmente se voltaram para encarar

a cena, e a perplexidade em suas expressões assombrou o último resquício de esperança aceso dentro de mim.

— Ela está morta — anunciou Klaus.

Olívia se virou para mim e por um lapso de momento pareceu não me reconhecer. Súmrak, por sua vez, interrompeu seus ataques e contemplou, sob a chuva, o corpo sem vida da bruxa que quase o fez perder a batalha. Uma gargalhada reverberou do fundo de sua garganta e ele se viu satisfeito com o resultado de seu golpe.

Até que seu olhar pousou em mim.

No início, não entendi ao certo, nem fui capaz de descobrir o motivo daquela reação, mas, quando nossos olhos se cruzaram, o Mestre Crepuscular manifestou um claro esboço de medo. A luz rubra em suas pupilas infernais aumentou a intensidade e ele deu alguns passos para trás.

O demônio desenhou quatro símbolos no ar, consistindo de um triângulo com três círculos nas pontas, idêntico ao símbolo que os nobres fizeram para invocá-lo. Eu assistia a tudo consciente, mas sem qualquer domínio das minhas ações. As coisas estavam prestes a piorar.

— Ele vai abrir um portal! — gritou tia Lena para Teófilo.

O Grão-Mestre lançou um Feitiço de Unidade no soberano, mas seu ataque rebateu na fina cúpula vermelha que o demônio ergueu para se proteger. Norberto, Tiago e Doroteia combinaram uma série de golpes poderosos, mas todos se dissiparam ao atingir a barreira.

— Tia Ágata! — Maeve correu com Erínia na minha direção.

— Garotas, não! — Olívia as impediu no meio do caminho.

— Mas... tia Ágata... está... você não vê? — protestou Erínia.

— Eu sei, mas... não é seguro.

— Por quê? — Maeve tentou argumentar.

— Edgar está diferente — respondeu ela. — Algo possuiu o corpo dele... Não é seguro, fiquem aqui.

Nesse momento, Klaus, que ouviu a advertência de Olívia, me encarou com um misto de incredulidade e compaixão. Agora nem mesmo ele parecia me reconhecer. Enquanto isso, a dor continuava no meu peito, como se um parasita desejasse sair de mim. E eu permaneci imóvel, sem qualquer poder sobre os movimentos do meu corpo.

O símbolo do portal para a Fronteira Entremundos girou e reluziu sua luz incandescente. Em seguida, uma brecha se abriu em pleno ar e de dentro dela saíram pelo menos uma dúzia de demônios, nobres e emissários, todos preparados para lutar e sedentos por sangue mágico.

— Ataquem! — ordenou Súmrak aos seus servos.

Não precisei de uma análise demorada para concluir que a ordem do soberano se reservava a mim. Os nobres se espalharam pelo acampamento, mas focaram seus ataques na minha direção. Sem poder me mexer, eu não passava de um alvo fácil que dentro em breve seria atingido pelos demônios.

— Protejam Edgar! — instruiu tia Lena aos outros bruxos e seres místicos. — Ele está se transformando na Fênix Azul.

Então é isso que está acontecendo?

A bem da verdade, meu corpo estava mudando por dentro. De alguma forma, a Magia Infernal deve ter puxado o gatilho da minha herança de abrakadabra. O Monstro Lendário dentro de mim foi obrigado a despertar quando se deparou com um poder negro de tamanha proporção.

Isso significava que...

Ela não me atacou, percebi tentando engolir o soluço. Minha mãe fez a energia extraída do

soberano se chocar com minha essência mágica.

— CUIDADO! — gritou Olívia.

Klaus usou a Repulsão Bélica no raio vermelho de um dos nobres. O ataque foi repellido com o dobro da força e atingiu dois demônios que lutavam juntos. Não serviu para derrotá-los, mas levaria algum tempo até que se levantassem outra vez.

Meu desejo de fazer algo aumentava em vão, pois não fui capaz de deixar minha mãe e movimentar as articulações dos membros. A metamorfose iniciou e eu não podia fazer nada a respeito. Aquela era a segunda vez naquele dia que minhas habilidades frustravam meus objetivos. Primeiro, sequer cheguei perto de curar minha mãe, e agora *isso*...

Aquele era o motivo de eu não poder mexer meu corpo. Eu não estava mais no comando. Em algum lugar dentro de mim, no mais profundo recôncavo da minha essência mágica, a fênix renascia das cinzas. Esteve inerte por bastante tempo, e agora reivindicava um instrumento para dar vazão aos seus poderes divinos.

— Erínia, atrás de você! — avisou Maeve à irmã no exato momento em que um emissário voou por sobre ela e desferiu um ataque.

Olívia ergueu uma barreira de proteção em volta da gêmea de cabelos negros e o golpe ricocheteou para longe. Sem esperar por um novo ataque, Erínia lançou no emissário um Feitiço de Unidade que atingiu uma de suas asas e acarretou em sua queda dentro do lago. Quando o demônio voltou a se erguer pesaroso no ar, Erínia desferiu um segundo feitiço que o fez evanescer em partículas de cinza.

— NÃO! — estrugiu tia Lena no meio do caos.

Um clarão escarlate iluminou a área onde as gêmeas estavam. O ataque de um demônio nobre passou entre as duas e seguiu em minha direção. Meu corpo continuava sem obedecer às ordens que eu dava, e nem Klaus foi rápido o suficiente para me proteger do golpe.

A investida do nobre me atingiu em cheio, como um tiro que acerta o alvo. A força do ataque me separou do corpo da minha mãe e fui lançado a vários metros de distância sobre o lago. A água invadiu a extensão dos meus braços e pernas, até que o atrito me obrigou a parar.

Nenhuma dor.

Nada.

Dessa vez, meu corpo não ficou parado. Movimentou-se sozinho, sem precisar de comandos. De fora, as pessoas viram o *Edgar* tomar impulso ainda na água e pular acima do lago. Presenciaram o *Edgar* desaparecer e reaparecer numa nuvem azul na frente do nobre que desferiu o ataque. Assistiram ao *Edgar* atracar sua mão no pescoço do demônio, erguê-lo no ar e fazê-lo explodir em um milhão de fragmentos de cinzas.

Mas o *Eu-Edgar* não fez nada daquilo.

— A fênix o está controlando... — informou Olívia a todos.

Klaus apareceu ao meu lado.

— Edgar, tente s...

Meu corpo se movimentou sozinho outra vez e deu um solavanco em Klaus, que caiu para trás com o impacto. O desentendimento na sua expressão me fez ter arrepios, e eu desejei mais do que tudo dizer a ele que não era minha intenção machucá-lo.

— A fênix não nos conhece, Klaus — completou Olívia, exasperada. Estava tentando compreender a situação usando seus poderes para enxergar dentro de mim. — Atacará todos que representarem uma ameaça para ela.

Aquilo explicava o motivo de eu assistir meu corpo se mexer como uma marionete cujo ventríloquo operava por meio de magia ancestral. Era como se eu presenciasse a tudo como um terceiro; um narrador fora da história, observando os acontecimentos para registrá-los à

posteridade.

— PARA O CHÃO! — gritou Teófilo.

Conforme os bruxos e seres místicos o obedeciam, SúmraK ergueu as mãos para o alto e convocou um raio das nuvens de chuva do céu. Uma linha brilhante rasgou o ar e desceu até o acampamento num piscar de olhos.

Meu corpo se movimentou sozinho outra vez e fez surgir acima de nós uma espessa camada de energia azulada. O raio atingiu a barreira cobrindo a extensão do lugar e produziu um estrondo de tremer os tímpanos. O impacto do ataque contra a defesa não surtiu efeito em nenhum dos que estavam debaixo da proteção.

A quantidade de energia que percorreu o fluxo mágico dentro de mim foi suficiente para o poder transbordar do meu corpo. Consegui vislumbrar a magia saindo para além da fonte, como num receptáculo cheio que recebe ainda mais energia. Quando me virei para o Lago dos Pirilampos, encarei a silhueta de um pássaro azul transcendendo o corpo do *Edgar* que os outros enxergavam. A transformação estava completa e eu me tornei um Monstro Lendário.

A Fênix Azul renasceu.

Capítulo 47 | O Filho da Curandeira

TODA A DOR QUE eu sentia desapareceu de repente.

Tanto física quanto emocional. Eu estava ciente de que minha mãe havia morrido, estava ciente de que dezenas de bruxos e seres místicos também morreram na batalha, e, sobretudo, estava ciente de que perderíamos a luta contra SúmraK. Todavia, por alguma razão, nada disso se manifestava dentro de mim. Era como se Olívia tivesse usado seus poderes e roubado minha habilidade de sentir qualquer coisa ou esboçar reações extremas de adversidade. Mas a verdade não era aquela.

A Fênix Azul despertou em meu corpo no exato momento em que minha mãe injetou a carga de Magia Infernal na essência mágica que origina o fluxo do meu poder. *Aquela mulher!*, praguejei, *Pensou em tudo até o fim*. Meus estoques de energia estavam no fundo, mas não apenas voltaram a encher com o poder do Monstro Lendário, como também ultrapassaram qualquer limite que eu jamais sonhei alcançar.

Agora eu entendia por que exaltavam a grandeza de tio Briano...

Pensar nele trouxe uma escuridão à mente e eu tinha certeza de que devia começar a chorar. Contudo, nenhum dos canais lacrimais parecia funcionar naquele instante, exacerbados pela quantidade de magia que invadiu as células do meu organismo.

Tio Briano era... meu... *pai*.

A mais ordinária menção àquela possibilidade trazia perspectivas novas ao cenário corrente. Não fui escolhido para carregar a herança ancestral do Monstro Lendário por ter nascido na época em que ele morreu. A herança simplesmente passou de pai para filho, como um legado hereditário.

Meu corpo se moveu sozinho e lançou um Feitiço de Unidade de incríveis proporções em um emissário que voava próximo. O demônio se empertigou no ar, sufocou e caiu rolando no solo com grande impacto. Não demorou a se desfazer em cinzas.

Os outros emissários e nobres concentraram seus ataques combinados em mim, o foco principal, tentando destruir a fênix. Entretanto, seus golpes mais fracos não faziam danos ao meu corpo e até seus golpes mais fortes eram defendidos com facilidade. O poder do Monstro Lendário estava acima do deles, por isso não podiam fazer muita coisa para se interpor entre mim e seu mestre.

A velocidade com que me movimentava era maior do que a dos bruxos guerreiros mais exímios daquela batalha. Talvez nem tia Lena, Teófilo ou minha mãe fossem capazes de acompanhar meus gestos... bem, os gestos da Fênix Azul usando meu corpo como instrumento de luta... como *abracadabra*.

Minhas mãos desferiam jorros de energia ofensiva, meus pés me levavam de um lado a outro, minhas articulações cediam ao combate corporal, e meus olhos assistiam à cada mímica dos demônios com riqueza de detalhes. Era *aquela* Edgar que os bruxos e seres místicos assombrados presenciavam, um Edgar completamente mudado em habilidades, proficiência

mágica e expertise bélica. Mas, dentro de mim, quem arquitetava todas essas ações era o poder da fênix. A conexão entre mente e corpo deu lugar ao conhecimento de guerra do Monstro Lendário, e agora eu só podia observar a tudo como um expectador passivo.

Enquanto a fênix lutava contra os demônios, o Lago dos Pirilampos se modificava de acordo com os impactos que recebia. Meus feitiços atingiam a maioria dos inimigos, mas os que eram desviados caíam no chão com um impacto suficiente para abrir buracos e acidentiar a paisagem.

O cenário catastrófico ambientou-se às figuras bruxescas que se espalhavam pelo acampamento num grupo peculiar de dominadores de magia. A chuva alimentou uma depressão profunda que se instalou na expressão dos sobreviventes. A atmosfera escurecida pela presença do Mestre Crepuscular tornava tudo mais funesto, mais livre de esperanças, mais derradeiro.

Para piorar, eu sequer conseguia manter a consciência intacta. Quanto mais a fênix agia através de mim, mais eu me distanciava do controle da minha própria mente. Se o jogo sensorial pelo domínio do meu corpo seguisse no mesmo ritmo, dentro em breve meu ser-consciente seria exaurido para fora do Edgar que todos viam.

Três nobres criaram um caleidoscópio de energia de partículas e conseguiram me colocar lá dentro. Fui pego de surpresa quando os inúmeros lados da prisão mágica se estreitaram, encolhendo comigo no interior do encantamento. Eu tinha de fazer... A *fênix* tinha de fazer algo rápido caso não quisesse ser comprimida como numa prensa de ferro-velho.

Para meu assombro, a fênix estalou os dedos e, no momento seguinte, reapareceu fora do caleidoscópio de energia e os três nobres criadores do ataque foram transportados para o lado de dentro. O encantamento estreitou as paredes e o trio de demônios se contorceu em vão quando seus corpos achataram.

A demonstração de poder do Monstro Lendário era algo digno de nota. Contudo, embora os bruxos e seres místicos assistissem ao desenlace pirotécnico da luta, uma coisa me incomodava mais do que todas as outras. A fênix parecia não reconhecer quem era aliado e quem era inimigo. Isso significava que, muito possivelmente, ela poderia decidir atacar o lado errado do combate.

Só quando me dei conta dessa possibilidade perigosa foi que descobri o maior poder da Fênix Azul. Suas habilidades eram usadas em detrimento da purificação do mal, e purificação pelo fogo. Como consequência, sem poder discernir entre bruxos, seres místicos e demônios, ela tentaria *expurgar* os pecados de todos sem acepção, e a batalha se tornaria um verdadeiro evento de bruxos na fogueira.

Ainda assim, se ser dominado pelo Monstro Lendário servia de alguma coisa era para compreender como funcionava seu instinto. Ele era atraído para o mal a fim de bani-lo, e, dentre os presentes no acampamento, os demônios eram os candidatos que mais se adequavam a esse perfil, pois apresentavam hostilidade e ameaça bem maiores que os outros seres vivos do lugar.

Aquilo não queria dizer, porém, que a fênix pouparia os bruxos e seres místicos que também lutaram contra as forças de SúmraK durante todo aquele tempo. Sua natureza instável deu sinais ruins quando quase machuquei Klaus sem nem mesmo tentar. Eu precisava fazer alguma coisa para que movimentos bruscos como aquele não voltassem a se repetir.

Vamos lá, Edgar, você tem de dar um jeito nisso.

Fiz questão de lembrar tudo o que Olívia me ensinou sobre magia sensória. Nunca fui muito habilidoso com os feitiços da mente, mas devia haver alguma coisa guardada nas minhas lembranças que pudesse ajudar. Se eu parasse para analisar, o domínio da fênix sobre

meu corpo se assemelhava ao encantamento de Possessão Corpórea.

Entrementes, ela não era um bruxo. A herança do Monstro Lendário *nasceu* dentro de mim. Eu não fazia a menor ideia do que aquilo podia significar, mas não achei que fosse possível encarar a situação como uma Possessão Corpórea tradicional.

As alternativas para alguém se livrar do encantamento não eram nada animadoras. Primeiro, o bruxo atingido precisaria ser mais forte que o usuário da magia sensória para poder contra-atacar as amarras da mente. *Fodeu*. A fênix sobrepujava meus poderes de maneira exponencial. Segundo, o bruxo atingido poderia ser mais habilidoso no controle da mente e usar técnicas sensoriais para expulsar o invasor. *Fodeu*. Eu me considerava inteligente e tudo o mais, mas daí a ser mais letrado em controle da mente do que um ser ancestral seria forçar a barra.

Ainda assim, me concentrei em vasculhar as reentrâncias do meu interior em busca de algo que pudesse reaver o controle do corpo às minhas mãos. Criar um mapa do fluxo de magia correndo dentro de mim era fácil. Identificar as interseções do meu poder, que agora se fundiam aos poderes da fênix, também era uma tarefa sem grandes enigmas. Porém, descobrir em qual dos milhares de pontos brilhantes do mapa estava a fonte original do Monstro Lendário era como tentar ler em braile sem nunca ter tido uma aula sequer.

Me empenhei em fazer meu ser-consciente se movimentar no meio da constelação de pontos brilhantes que permeavam minha essência mágica. Mas quando tentei seguir em frente, um tipo de barreira invisível me impediu de continuar, como se eu estivesse no interior de uma prisão psíquica da qual só poderia sair quando a fênix permitisse. Os planos foram frustrados.

Até que vi os olhos de Olívia me encarando ao longe.

Olívia!, tentei chamar, *consegue me ouvir? Olívia!*

Eu não a vi no plano físico do acampamento. Ela estava dentro de mim, junto a mim, procurando pelo Edgar verdadeiro. *Olívia!* Dessa vez, ela escutou minha voz e esboçou uma reação de entendimento. *Tire todos daqui!*, falei. *Você precisa protegê-los. A fênix é perigosa, tire todos de perto de mim. Olívia...! Olívia...!*

A conexão foi interrompida. O que quer que ela tenha tentado, seu feitiço deve ter sido repellido pelo poder da fênix. Os poucos segundos em que estive lá *tinham* de bastar para evitar uma tragédia ainda maior. Olívia era a única esperança que me restava para alertar os outros de que não estavam seguros ali.

— Não é seguro!

A voz de Olívia veio do lado externo, sobrepondo-se ao barulho da guerra em curso. Voltei a assistir com atenção enquanto a fênix lutava contra um nobre e um emissário que eram incrivelmente velozes. Os bruxos e seres místicos se viraram para Olívia, à espera de uma explicação mais detalhada.

— Edgar disse que não é seguro! — completou ela. — A fênix tomou conta do corpo dele e não será capaz de discernir entre aliados e inimigos. Precisamos nos afastar da área de ataque.

— Mas devemos ajudá-lo... — o contra-argumento partiu de Isolda, que tinha retornado à forma humana. — Não podemos simplesmente deixá-lo para lutar e assistir para ver quem leva a melhor. Edgar pode ter a força de um abrakadabra, mas ainda é apenas um adolescente sem experiência.

— Súmra e a Fênix Azul são poderosos demais — interpelou Olívia. — Se ficarmos entre eles, mais atrapalharemos do que ajudaremos. Precisamos liberar o espaço antes de sermos atingidos por efeitos colaterais.

— Mas... — Isolda expressou contrariedade.

— Olívia está certa — concordou tia Lena, fria.

Ela e Teófilo não precisaram ouvir mais nada. Usaram a nuvem branca e transportaram os bruxos e seres místicos para uma parte afastada do acampamento, de onde poderiam observar a luta a uma distância que lhes possibilitaria ter tempo de reação caso um ataque interrompesse contra eles.

Notei, para meu alívio, que o corpo da minha mãe foi levado para junto deles e estaria em segurança. A memória de Súmrak atacando-a pelas costas quando ela resolveu me proteger açoitou minha mente. Uma descarga de energia inundou meu corpo. De algum modo aquilo puxou o gatilho para a fúria da fênix.

Estava claro que eu não conseguia controlar o Monstro Lendário, mas ficou evidente que uma emoção minha foi capaz de impulsiná-la de modo assertivo. Meu corpo voltou a se movimentar sem permissão, improvisando uma dança estranha sobre o solo.

A fênix desenhou na terra enlameada oito setas com o pé direito, o mesmo número de demônios emissários e nobres que insistiam em atacá-la. Quando concluiu a silhueta da última seta, bateu firme com o pé esquerdo em cada uma delas. Os desenhos ganharam vida, transformaram-se em flechas e foram em direção aos demônios.

Um a um, cada demônio foi atingido pelo feitiço azul do Monstro Lendário. As flechas penetraram a carapaça dos emissários e as barreiras erguidas pelos nobres, encontrando todos os alvos com um lançamento certo.

A implosão dos demônios em partículas de cinzas pareceu um show de fogos de artifício e iluminou o céu da manhã-noturna. Observei a tudo com um misto de assombro, incredulidade e satisfação. Nenhum de nós foi capaz de exterminar tantos demônios de uma só vez, e com um ataque tão simples.

Súmrak assistiu à derrota dos servos com a expressão inabalável. Foi quando percebi que ele não os havia invocado para ajudar a combater seu adversário. O Mestre Crepuscular não necessitava do auxílio de demônios inferiores a ele. O real objetivo de tê-los trazido para o plano físico era estudar as habilidades da fênix, e ele conseguiu exatamente o que planejou.

Agora, estava pronto para lutar de verdade.

Capítulo 48 | Abrakadabra

NÃO FOI SEM SURPRESA que me deparei com Klaus a poucos metros da fênix e de SúmraK. Ao contrário do que pensei, ele não se afastou junto aos outros, e isso me deixou apreensivo. Sua teimosia em tentar me proteger podia custar-lhe a vida.

Observei o grupo reunido em uma parte afastada do acampamento e constatei que Olívia tinha erguido uma barreira de proteção com selos sensoriais. Isso significava que estariam protegidos de ataques físicos e mentais; nunca era demais prevenir quando se tinha um Monstro Lendário capaz de dominar corpos de bruxos com tamanha facilidade lutando por perto.

Para garantir a eficácia da barreira e assegurar que os feitiços que ricocheteassem permaneceriam do lado de fora, os outros bruxos se juntaram à Olívia e emprestaram seus poderes para engrossar a espessura da magia protetora. No entanto, a barreira só podia manter-se erguida enquanto Olívia estivesse manipulando os selos que se espalhavam pela extensão da cúpula azulada.

Gostaria de poder dizer a Klaus que ficasse com os outros debaixo da proteção, mas não conseguia exprimir nada em palavras. Ele corria grande perigo e parecia não se importar, subestimando a expansão do duelo prestes a rebentar no Lago dos Pirilampos.

Qual é, Klaus, você não precisa bancar o herói. Talvez aquele fosse um tipo de mal dos bruxos guerreiros. Síndrome do Heroísmo. *O que isso faz de mim,* pensei, *uma donzela em perigo a ser resgatada pelo príncipe encantado?* A fênix ainda não o reconhecia, eu estava certo disso. Ficar por perto, doravante, equivalia a se expor a um perigo que poderia ser evitado ao aceitar ir para onde os outros estavam. Meu namorado era sem dúvida um cabeça-dura. *E só agora você percebeu isso, gênio?* Fosse como fosse, Klaus precisava dar o fora dali enquanto estava intacto.

Meu corpo se empertigou quando SúmraK exibiu uma expressão ameaçadora. O mínimo gesto executado pelo soberano puxava o gatilho de uma reação automática em mim, como se a fênix estivesse conectada a um tipo de sensor que permitia mapear as vibrações do ar.

O soberano finalmente decidiu agir. Uniu ambas as mãos de demônio e fez surgir uma chama viva. Sem qualquer perturbação, lançou um jato de fogo que cortou o ar e veio em minha direção a uma velocidade desencorajadora.

Porra!

O rojão da lavareda irrompeu pelo acampamento e iluminou a face do soberano. A fênix obrigou minhas mãos a se moverem em círculo. Uma porção de água se erigiu do lago e bruxuleou com velocidade à minha frente, recebendo o impacto do fogo de SúmraK e produzindo uma coluna de fumaça branca com cheiro de vapor. Mesmo sem poder sentir, consegui experimentar o calor da Magia Infernal ameaçando machucar meu corpo humano.

O Mestre Crepuscular fez o jato cessar e desapareceu numa nuvem vermelha. Voltou ao meu campo de visão a um passo do meu rosto. O demônio ergueu o punho e desferiu um soco que com certeza quebraria todos os ossos da minha face. Em resposta ao golpe, a fênix tam-

bém teletransportou-se, mas para trás de Súmraak, fazendo-o esmurrar o nada diante de si.

O soberano vociferou em fúria e virou-se com rapidez para enfrentar o contra-ataque da fênix. Seus olhos rubros esvoaçavam com os cabelos, permitindo à cena a liberdade poética de chamá-lo de Ser das Trevas.

Parece que alguém ficou nervosinho.

O Monstro Lendário pigarreou por um momento e em seguida regurgitou quatro massas de fogo azul. Os aglomerados de magia tomaram forma no chão e ascenderam à silhueta humanoide de um homem. Quando as chamas azuis iluminaram a manhã-noturna, quase não coube em mim ao perceber que a fênix criou quatro clones flamejantes de Edgar.

As réplicas tinham a mesma altura que a minha, o mesmo porte físico, a mesma compleição facial, o mesmo corte de cabelo e até as mesmas roupas. Não fosse pela parte do fogo azul, seriam cópias perfeitas de mim, produzidas a partir do conhecimento que a fênix tinha do meu corpo habitando dentro dele por dezessete anos.

Os clones se precipitaram numa série de ataques corporais em sequência, com golpes de artes marciais que sequer passavam por minha cabeça executar. Não obstante, o próprio Mestre Crepuscular se exibiu em uma coreografia de defesa e ataque corporais que não combinavam com sua postura majestosa, mas se encaixavam perfeitamente em sua atitude arrogante de superioridade.

Uau! Isso, sim, é um mano-a-mano de verdade.

O melhor de tudo era que, mesmo frente à exímia habilidade de Súmraak, lutar contra a fênix e outros quatro clones de fogo estava causando danos ao demônio tão eficientes quanto a fenda aberta no seu peito pelo machado de Teófilo. Percebi, então, que a magia da Fênix Azul surtia o mesmo efeito no soberano que a Magia Infernal impunha aos bruxos, e perfurava sua barreira de escuridão. O poder ancestral do Monstro Lendário funcionava como um calcanhar de Aquiles para criaturas malignas.

Ainda assim, Súmraak permanecia forte. Não era difícil entender o motivo de os soberanos serem venerados como Senhores do Desmundo. Havia horas desde que começamos a lutar contra ele e seus servos, mas o demônio continuava tão poderoso quanto antes.

Num dos golpes desferidos aos clones, Súmraak penetrou o peito em chamas e retirou uma fagulha brilhante do tamanho de uma maçã. O soberano esmagou a fagulha em sua mão e no mesmo instante o clone de fogo se dissipou. Ele encontrou a fonte que os mantinha lutando.

Essa não!

O que se seguiu foi um verdadeiro pandemônio de chutes e socos para todos os lados, culminando em diversos ferimentos ao corpo de Súmraak. A fenda em seu peito era o ponto mais vulnerável e, portanto, o mais protegido pelo soberano. Toda vez que um clone flamejante chegava perto de acertar a ferida, o demônio agia com maior perícia e fracassava o golpe.

Por alguma razão ter um ferimento o fazia ficar mais furioso, e sua fúria significava habilidades bélicas melhor aplicadas no combate, como um lembrete pessoal para que não se deixasse ferir outra vez. A lesão no seu peito representava mais que um simples dano causado por bruxos; tratava-se de um ataque direto ao seu orgulho como membro da alta sociedade do Desmundo, e isso o irritava mais que tudo.

Os clones de fogo aprimoraram seus movimentos conforme identificavam os padrões de luta do soberano. Contudo, Súmraak percebeu a estratégia e passou a mudar suas investidas sem uma regularidade previsível. Além disso, focou seus contragolpes nos clones e deixou o Edgar-original de lado. Um a um, o Mestre Crepuscular derrotou os clones flamejantes, penetrando seus corpos de fogo e destruindo a fagulha que lhes dava vida. Apagou as labaredas

dos soldados da fênix com um sorriso diabólico na expressão e comemorou a força de seu poder.

— Vamos, Kuma — o demônio fez um som de esgar —, você sabe fazer melhor que isso. Seus irmãos ficariam decepcionados com um desempenho tão patético.

A provocação do soberano me pegou de surpresa. Àquela altura, não havia muitas coisas que me deixavam genuinamente embasbacado, mas a voz de troça do demônio me atingiu em cheio.

Então o nome da fênix é Kuma?

Provavelmente era, porque o Monstro Lendário se empoleirou dentro de mim, agitando-se ao som do nome. *Claro!*, imaginei. *SúmraK deve conhecer a Fênix Azul há milênios.* Aquele podia ser o primeiro encontro entre eles, mas a reputação de ambos os precedia sem qualquer dúvida.

— Sequer consegue dominar o corpo de um bruxo por inteiro — continuou o demônio, gargalhando de prazer e enchendo-se de sarcasmo. — Ainda ousa dizer que é filho de Hobuto e Li'sandro? Não é merecedor de uma honra tão magnífica. Já tive adversários melhores...

Kuma fez um movimento estranho dentro do meu corpo, mas ignorei devido à urgência de outro problema. Enquanto a fênix se contorcia dentro de mim, procurei ao redor por Klaus, mas não encontrei qualquer sinal dele. *Ainda bem.* Ele tomou juízo e se juntou aos outros sob a barreira protetora de Olívia. Agora eu podia ficar um pouco menos preocupado com a repercussão da luta.

O duelo entre as duas criaturas se mostrou mais do que suficiente para tirar a vida de humanos incautos, mesmo que um desses humanos também fosse um abrakadabra. De nada adiantava possuir a herança de um Monstro Lendário se ela jazia trancafiada no fundo da essência mágica do bruxo.

— Aqui — SúmraK voltou a falar com sua voz de barítono, aveludada como uma manta de seda —, deixe-me mostrar como se faz. Você tem muito o que aprender com o jeito dos demônios...

Isso não vai ser nada bom.

O soberano fez surgir do chão enlameado um bloco de terra maciço do tamanho de uma pequena casa que endureceu quando levitou no ar. SúmraK o lançou na direção da fênix.... Se algo daquele tamanho me atingisse, eu estava certo de que seria esmagado e minhas vísceras ficariam expostas para quem quisesse ver.

O Monstro Lendário revestiu o punho direito com uma camada espessa de energia e desferiu um golpe firme no bloco de terra. A peça gigantesca de terra endurecida se fragmentou em um milhão de pedaços menores, misturou-se à chuva e voltou a virar lama no fim das contas.

Contudo, assim que o bloco de terra implodiu, SúmraK usou sua nuvem vermelha para se materializar a poucos centímetros do meu rosto. Consegui olhar perfeitamente dentro dos seus olhos e tudo o que vi foi um vazio escarlate de dar arrepios até no mais corajoso dos homens.

Mas que filho da puta!

O bloco de terra não passou de uma distração usada pelo adversário para chegar perto o suficiente sem ser repellido por algum tipo de magia ancestral. Dessa vez, porém, a fênix foi pega desprevenida e o soco engajado pelo soberano reverberou na pele da minha face e atingiu em cheio meu rosto de cima para baixo, obrigando meu corpo a envergar para o solo.

A força do impacto pressionou o chão e formou uma cratera maior do que o Selo de Tapocrificação feito por tia Lena horas atrás. Me dei conta de que o poder da fênix regenerava meu

corpo com uma rapidez alarmante, e só por isso eu ainda não tinha quebrado todos os meus ossos. Em termos de física, seria humanamente impossível resistir a ataques daquela proporção.

Está esquecendo de um detalhe, gênio, percebi. A Fênix Azul foi o Monstro Lendário que criou a Ordem dos Curandeiros. Em sendo assim, as habilidades de cura do seu abrakadabra deviam alcançar um nível próximo à imortalidade, já que a magia que exercia controle sobre meu corpo também o curava instantaneamente.

Vamos, Kuma, você não vai ficar parado aí o dia inteiro, vai?

A fênix estava levando mais tempo para se levantar do que eu antecipei. Súmrak realmente sabia provar um argumento quando queria. O sulco circular que se formou no chão logo encheu com a água da chuva, que se misturou à terra e formou uma película de lama, sujando todo meu corpo.

O soberano não esperou que a fênix se recuperasse. Ergueu a mão para o alto e convocou mais um raio dos céus. A luz da descarga elétrica rasgou o ar e produziu um clarão que reverberou por todo o acampamento. Meu corpo ainda tentou se mexer, mas o ataque do demônio foi mais rápido e caiu sobre mim com a força de uma propulsão divina.

— ARRRRGGGHHH!

Eu não estava preparado para aquela dor. A fênix entorpeceu minha capacidade de sentir qualquer coisa, mas isso não impediu meu corpo de se contorcer à posição fetal quando o raio me atingiu. Um barulho de zunido se instalou nos meus tímpanos e eu não consegui ouvir nada além daquilo por algum tempo.

A descarga elétrica do raio percorreu cada pedaço do meu organismo, e me usou de condutor para alcançar o solo. Cheguei bem perto de desfalecer e perder os sentidos por causa do ardor em minha pele. Ainda não entendia como fui capaz de experimentar a dor infligida pelo ataque do demônio se meu corpo não pertencia mais a mim. Meus olhos encontraram a expressão de triunfo no rosto de Súmrak e eu deixei que o ódio subisse à minha cabeça.

Quando me mexi para o lado, arregalei os olhos e parei, congelado.

Espera... Eu fiz isso?

Uma mudança brusca na direção do controle. *Eu* tinha me mexido para o lado. *Eu* tinha arregalado os olhos. E *eu* tinha parado no mesmo lugar. Ou eu estava louco ou aquilo só podia significar que eu...

Recuperei meu corpo!

— Recuperei meu corpo! — testei o som da minha voz.

Até as gotas da chuva faziam formigar meus braços e pernas, e, embora a dor do raio ainda estivesse presente, o poder da fênix continuava me curando com rapidez sem igual. Eu havia reavisto o controle sobre meu corpo, e de quebra tinha meus estoques de magia preenchidos com o poder do Monstro Lendário.

De alguma maneira, o ataque de Súmrak inverteu os papéis de controle dentro de mim. No entanto, a fênix já tinha despertado, portanto, ao que tudo indicava, eu me tornei um abrakadabra completo e em pleno controle dos poderes de sua herança ancestral.

— Patético! — soou a voz de Súmrak, sarcástica. — Agora que acha de fazer um favor para todos nós e morrer?

O Mestre Crepuscular produziu uma gigantesca esfera de Magia Infernal. Um globo com energia negra que tinha potencial para ferir mais do que o raio. Eu ainda estava no chão, mas, quando tentei levantar, o demônio arremessou o ataque. Observei a esfera demoníaca enquanto ela se aproximava dos meus olhos, crescendo no reflexo das minhas íris.

Meu tempo de reação não foi tão bom quanto seria o da fênix, mas de algum modo fui ca-

paz de produzir um contrafeitiço no momento em que a esfera negra ameaçou tocar meu corpo na cratera. O movimento foi por um triz, mas o que importava era que eu tinha usado o poder do Monstro Lendário num golpe *meu*.

Me levantei apressado, enquanto assisti à cúpula funesta rumar para o lago. Quando atingiu a água, explodiu num caos de energia e água que levantou uma onda duas vezes mais alta que um ser humano. A margem do lago foi repuxada até a parede líquida vindo para o nosso lado.

Aproveitei a chance oportuna para fazer daquilo um ataque colossal contra meu oponente. Movimentando as mãos numa sincronia que surpreendeu até a mim, liberei meu poder sobre a onda e controlei parte dela. Acelerei o percurso da maré gigante e impulsionei a água para Súmraak.

A força da onda foi suficiente para inundar o acampamento inteiro. Coreografei a água para atingir o soberano com um ataque forte. Tal qual foi minha surpresa quando o Mestre Crepuscular levantou as mãos com as palmas para cima e fez as gotas da chuva pararem em pleno ar, como se tivesse pausado um vídeo ao qual todos assistíamos. Em seguida, o demônio juntou todas elas, modificou para uma forma mais fina, porém achatada, e revestiu-se com uma barreira líquida dos pés à cabeça. A onda que incitei contra ele bateu em sua proteção com um impacto retumbante e se dissipou pelo resto do acampamento.

Parte da água escoou por entre o bosque, mas o resto dela retornou para o lago à sua espera. O solo ficou ainda mais encharcado e instável, por isso agora eu precisava andar com cautela para não escorregar como um amador e sofrer uma investida do demônio enquanto estivesse vulnerável.

Eu me preparava para atacar novamente quando ouvi o som de vidro se quebrando. Me virei para descobrir a origem do barulho e consegui ver uma nuvem branca se materializar no meio da lama. Klaus voltou para a área de combate e trouxe as gêmeas consigo.

De todas as falhas que tínhamos cometido até agora, aquela era uma das maiores. Levar Maeve e Erínia até o campo de alcance de Súmraak era de longe uma das piores burradas que Klaus fez naquele dia.

— Você ficou maluco? — indaguei com irritação na voz.

— Eu tinha de fazer isso...

— Leve-as de volta para a proteção de Olívia! — ordenei, surpreso com minha própria altivez. — E fique junto delas pelo tempo que for necessário.

— Não posso fazer isso — devolveu ele, firme.

— Eu não pedi...

— Sei disso, mas não vou obedecer — sentenciou, irredutível.

— Você está querendo causar mais mortes de inocentes? — o tom da minha voz se resumiu a uma repreensão baixa, porém colérica. — Não vê que Súmraak pode matá-las sem o menor esforço? Tire-as daqui imediatamente!

Klaus começou a protestar outra vez, mas o soberano foi mais rápido. Lançou na direção do trio um raio vermelho que seria letal sem a defesa apropriada. Por instinto, usei a nuvem azul da fênix para chegar até eles bem a tempo de o raio atingir minhas costas. O impacto do ataque foi doloroso, mas consegui suportar melhor do que esperava naquelas circunstâncias.

Meus olhos se encontraram com os de Klaus. As gêmeas estavam exasperadas pelo ataque do demônio, mas pareciam decididas a fazer algo. *Síndrome do Heroísmo*. Talvez não se restringisse aos bruxos guerreiros, afinal.

— Você *tem* de tirá-las daqui — insisti.

— E você tem de escutar o que temos para dizer — retorquiu Klaus.

— Nada é mais importante do que a segurança delas — pontuei.

— Concordo — ele meneou a cabeça. — Mas elas e todos os outros só estarão seguros quando SúmraK for derrotado.

Resfoleguei, visivelmente contrariado.

— O que têm em mente? — exigi.

— Precisamos concluir o que sua mãe começou — Klaus disse as palavras com cuidado, esperando que eu fosse atingido de forma negativa pela lembrança da minha mãe. Em certa medida, ele tinha razão em medir o que falava, pois a dor do luto reacendeu dentro de mim agora que a fênix foi posta sob cabresto. — O plano é perfeito, só precisamos executá-lo até o fim dessa vez.

Eu considerei as possibilidades.

— Não — falei. — Isso os colocará em grande perigo. Não posso perder mais ninguém hoje e não vou permitir que isso aconteça.

Maeve colocou sua mão sobre meu ombro, carinhosa. Erínia falou:

— Não cabe a você escolher por nós, Ed...

As palavras da garota ecoaram na minha mente, trazendo à tona as mesmas palavras ditas por minha mãe. Por alguma razão eu continuava me metendo na decisão que cabia única e exclusivamente a cada um, em separado. Minha mania de controlar tudo à minha volta me cegava para o fato de que *nem tudo* era uma Síndrome de Heroísmo, mas podia ser um desejo de agir, lutar por um possível bem maior

— Já nos decidimos — acrescentou Maeve. — Não há nada que você possa fazer para nos demover d...

— Está bem! — aceitei a contragosto. — Vocês são teimosos demais.

— Essa teimosia nos garantirá a vitória — emendou Klaus.

O soberano lançou outro ataque na nossa direção, mas dessa vez levantei uma barreira à nossa volta. O demônio não gostou nada desse joguinho de gato e rato, e vociferou com sua voz de barítono.

— Vai mesmo se aliar a crianças para lutar contra mim? — caçooou ele. — Eu esperava mais de um abrakadabra.

Ignoramos o Mestre Crepuscular. Erínia mostrou o dedo do meio.

— Certo — aquiesci. — Qual o plano? Olívia precisa executar a Possess...

— Olívia está ocupada no momento — disse Klaus. — A barreira de selos sensoriais precisa dela para continuar de pé...

— Mas... — resmunguei.

— Mas nada! — interrompeu Erínia. — Nós faremos a Possessão Corpórea.

— Olívia foi expulsa por SúmraK do corpo dele — completei. — O que leva vocês a acharem que agora será diferente?

— Temos uma ideia para fazer o encantamento durar — Maeve respondeu. — Dessa vez haverá tempo suficiente no controle para a extração completa. Pode confiar em nós.

— Confiar... — repeti.

Eu devia isso a elas, não é?

— O que tia Lena pensa sobre isso? — indaguei.

— Ela disse que se morrermos vai nos ressuscitar só para nos matar pessoalmente — Erínia revirou os olhos. — O de sempre...

— Estão certas de que uma de vocês pode executar a Possessão Corporal?

— Sim — Maeve se adiantou e respondeu pela irmã.

— Tudo bem — aceitei. — Eis o que vamos fazer...

Não podíamos simplesmente sair atacando Súmrak sem um roteiro e esperar que tivéssemos a chance perfeita para executar a extração de energia. Combinei com eles alguns passos a serem tomados para que não houvesse falhas ou imprevistos na hora mais importante do plano.

— Preparados? — me certifiquei.

— Sim.

— Sim.

— Sim.

— Então, podemos começar.

Nos apuramos dentro da barreira. Assim que abaixei a proteção, Klaus lançou um Feitiço de Unidade na direção de Súmrak. A magia condensada de cor dourado-fumacenta viajou toda a distância até o soberano. Quando chegou ao seu destino, expandiu-se e atingiu Súmrak. O demônio, porém, se desvencilhou do ataque sem qualquer sinal de perturbação.

— Agora, Klaus! — gritei.

Ele usou a nuvem branca e apareceu por trás do soberano. Sem perder tempo, fez surgir uma grossa corrente revestida com magia e laçou em volta do demônio, a mesma usada por Teófilo e Norberto para segurá-lo anteriormente. Súmrak se contorceu com violência envolto pelos grilhões mágicos e sacodi os membros do corpo para se livrar da corrente. Não demorou muito até que ele tivesse êxito e conseguisse se desvencilhar das amarras, cortando-as ao meio enquanto Klaus se preparava outra vez.

O demônio lançou um rojão verde de incríveis proporções. Klaus ergueu uma barreira invertida para se proteger e atacar ao mesmo tempo. Ele usou a Repulsão Bélica, mas dessa vez direcionou o contra-ataque para mim. O soberano ficou sem entender o motivo de termos desperdiçado um ataque com o dobro da potência que ele lançou. Quando o ataque chegou até mim, ergui minha própria barreira invertida. O rojão esverdeado de Súmrak acumulou o quádruplo de força e eu o lancei de volta ao seu usuário original. Ele se virou para defender o ataque, mas nesse exato momento Klaus o laçou de novo com a corrente revestida de magia.

A investida atrapalhou o demônio e ele acabou recebendo parte do impacto do ataque. Mas o que ele não esperava era encontrar cinco soldados de barro puxando as pontas das correntes. Klaus foi exímio ao usar a mesma habilidade de seu pai, e invocar o Réquiem dos Mortos para ajudá-lo a conter o demônio. Seu corpo estava tatuado com a marca negra característica do encantamento.

— Agora! — ele gritou para as gêmeas.

O demônio se debateu, mas não foi capaz de se livrar das correntes. A força dos cinco soldados somada à de Klaus exerceu uma pressão demasiada em seu corpo, e ele permaneceu imóvel com os braços atacadados à barriga.

Maeve e Erínia se ajoelharam sob a chuva, miraram na direção do demônio e executaram a Possessão Corpórea. Por um momento, fiquei intrigado quando ambas caíram ao chão, mas logo me dei conta de que esse era o objetivo delas. Eu não sabia se era possível, nem como fizeram dar certo, mas as gêmeas executaram a Possessão Corpórea em conjunto. Aquilo significava que ambas estavam dentro do corpo de Súmrak, portanto, as duas poderiam segurá-lo lá dentro por mais tempo do que apenas um único bruxo.

Com alguma dificuldade, o soberano finalmente parou de se debater.

— Credo — uma voz efeminada saiu do demônio.

— Eca — outra voz delicada reverberou.

— Isso aqui é um nojo — declarou a primeira voz.

— Também pudera — respondeu a segunda voz. — Esse corpo deve ter tipo uns dez mil

anos.

— E por acaso no Desmundo não se pratica o hábito da higiene pessoal?

O diálogo-monólogo saía de dentro de Súmraak e foi articulado por sua boca, mas quem dominava seu corpo era com certeza as gêmeas. O êxito do plano delas só mostrava o quanto amadureceram nos últimos dias. Tia Lena se orgulharia com razão.

— Ele é todo seu, Ed — disseram elas.

— Agora sou eu quem vai mostrar como se faz — falei indo em direção ao demônio preso.

— Você tem muito o que aprender com o jeito dos curandeiros...

Me precipitei até chegar perto dele e coloquei minhas mãos sobre o ferimento aberto em seu peito. Senti a origem de sua essência mágica e mapeei os pontos de interseção. Depois disso, puxei para fora a Magia Infernal que compunha seu organismo de demônio.

O poder de Súmraak era algo que eu jamais tinha visto na vida. A magia se concentrava num ponto minúsculo no meio de vários outros pontos brilhantes que orbitavam em volta dele. O atrito entre as fagulhas culminava na combustão da energia e esse processo desencadeava a produção de Magia Infernal.

Pensando em termos médicos, eu adoraria poder estudar a anatomia do corpo de um demônio a fundo, mas isso seria impossível dada a dificuldade para capturá-los com vida e a sua natureza volátil de desaparecer em cinzas quando morriam.

Ao contrário da minha mãe, eu não estava extraindo o poder diretamente para meu corpo. Eu tentei, mas não consegui. Algo no instinto da fênix não permitiu a entrada desse poder originado na fonte de Magia Infernal. A Fênix Azul estava em alerta e repeliu a ameaça. Por isso, o poder extraído da essência mágica de Súmraak estava sendo expelido no ar, se entrelaçando com a chuva e se perdendo nas nuvens negras.

Klaus continuava segurando as correntes junto aos soldados de barro, e as gêmeas permaneciam firmes dentro do receptáculo que abrigava o demônio no plano físico. O que estávamos fazendo provavelmente devia ser algo pioneiro na Sociedade Bruxesca, e nos faria conhecidos entre todos os dominadores de magia e seres místicos.

A Manobra Ágata.

Levou vários minutos para que a Magia Infernal desse os primeiros sinais de que chegava ao fim. A bem da verdade, o estoque do poder de Súmraak era sem igual e talvez fosse até maior que o da fênix. Mas isso eu ainda não podia confirmar. Chegaria o dia em que eu dominaria o poder do Monstro Lendário por completo, e, só então, seria capaz de responder perguntas como aquelas.

O corpo de Súmraak se encolheu um pouco e as maçãs do seu rosto demoníaco foram murchando gradualmente. Dentro em breve, o demônio se resumiria a uma ínfima parcela daquilo que foi um dia. Para garantir a segurança das gêmeas, resolvi dar o trabalho delas por encerrado.

— Erínia... Maeve... — chamei. — Podem terminar o encantamento. Klaus e eu cuidamos dele sozinhos daqui em diante.

— Tem certeza? — perguntou uma voz feminina.

— Sim, tenho.

— Está bem...

Um vento soprou gotas de chuva no rosto do soberano e ele abriu os olhos. Os *seus* olhos, não os de outra pessoa dentro dele. Observou a tudo o que acontecia com terror na expressão. Tentou se debater, mas estava fraco demais para se desvencilhar das correntes puxadas por Klaus e os soldados de barro.

Os olhos rubros do Mestre Crepuscular, antes incandescentes e de causar arrepios, agora

se tornaram opacos e indiferentes. Fiz questão de encarar bem fundo dentro do seu espírito, alcançar o pouco da consciência que ainda restava dentro dele, e falar num sussurro de vingança:

— Isso é por minha mãe...

Aumentei a intensidade da extração a um nível mais acelerado e o demônio gemeu indefeso. Seu corpo encolheu, e encolheu, e encolheu. Quando suguei os últimos resquícios de Magia Infernal da sua essência mágica, Súmrak não existia mais. Agora, sob o julgo das correntes de Klaus, jazia o corpo sem vida de Daruell.

Liberamos a pressão dos soldados de barro e a criança-demônio evanesceu em um milhão de partículas flamejantes. Minhas mãos tremiam e eu mal podia acreditar que conseguimos derrotar Súmrak. Encarei Klaus, a fim de confirmar na sua compleição que tudo aquilo aconteceu de verdade.

Ele fez melhor do que isso. Se aproximou de mim e me concedeu um beijo apaixonado. Um beijo sob a chuva. Mais um clichê para nossa coleção. Meu corpo se aqueceu com o atrito do corpo dele e eu desejei ficar ali para sempre... ele em meus braços e eu nos dele.

Quando partimos o beijo, Klaus sorriu com receio.

Percebi que o poder da Fênix Azul ainda me revestia dos pés à cabeça.

Capítulo 49 | Transfiguração

— **FUNCIONOU!** — **MAEVE** pulou de felicidade. — Nós conseguimos, Ed, conseguimos mesmo...

— Eu disse que conseguiríamos — Erínia deu de ombros.

As gêmeas vieram até mim e nos abraçamos. A chuva torrencial reduziu a um fraco chuvisco, e então cessou completamente. Em seguida, a nuvem negra que cobria a cidade se dissipou, dando espaço para os raios de sol invadirem Anévoa. Sem o Mestre Crepuscular, o ambiente voltou ao normal... na medida do possível.

— Mãe, nós conseguimos — Maeve correu até os braços de tia Lena, acompanhada de Erínia. — Derrotamos o demônio-soberano.

— Vocês foram brilhantes — elogiou tia Lena. — Brilhantes!

Os outros bruxos e seres místicos vieram ao nosso encontro exultando a vitória do combate. Teófilo e Andrômeda correram até Klaus e o abraçaram, surpreendendo a todos. Não fazia o feitiço do Grão-Mestre mostrar afetividade em público, mas, pelo menos naquela ocasião, aquilo pouco importava.

— Meu filho... — o homem abraçou Klaus, que não coube em si. — Você provou a todos que é um Montenegro formidável. Seu Réquiem dos Mortos teve uma execução impecável. Por favor, me perdoe por tudo que disse a você naq...

— Está perdoado — interrompeu Klaus. — Obrigado por isso, pai.

Os dois se envolveram num novo abraço e Andrômeda não foi capaz de segurar as lágrimas. Eu me virei para observar os outros e vi Carlos trazendo nos braços o corpo da minha mãe. Toda a felicidade pela derrota de SúmraK se exauriu do meu espírito quando a contemplei sem vida outra vez.

Num repente irrefletido, me apercebi de todos os cadáveres espalhados pelo acampamento. Curandeiros, alquimistas, guerreiros, sensórios, transmorfos, licanos, banshees, lincos, homens e mulheres-besta... dezenas de corpos se confundiam com a lama deixada pela tempestade de SúmraK. Todos mortos para derrotar o Mestre Crepuscular e seu séquito de demônios.

— Ela foi brava até o fim — ofereceu Carlos, solene. — A maior honra de minha vida foi ter lutado em companhia de uma bruxa tão extraordinária.

Uma lágrima lavou minha face.

— Sua mãe era dessas almas raras — acrescentou Mirna, gentil —, que aparece uma vez a cada geração para mostrar que bondade e grandes poderes podem andar juntos em detrimento do bem de todos.

Outra lágrima rolou. Depois outra. E mais outra.

Cheguei perto do corpo e contemplei seu rosto. Estava pálido por causa do sangue que perdeu, mas repousava pacífico. Mesmo ali, morta, sua beleza comportada era notável, contrastando com a compleição justa e severa. Minha mãe... a heroína que eu admiraria até o dia

de minha própria morte.

— Foi por causa dela que a fênix despertou em mim — falei, entrecortado. Respirei fundo e tentei continuar. — Seu último ato foi um sacrifício para salvar a todos nós. Achei que deveriam saber disso.

Eles balançaram as cabeças em afirmativa. Minha mãe era muitas coisas, e representava tudo aquilo que eu prezava em um ser humano. Suas virtudes excediam seus defeitos e suas ações falavam muito mais alto que as falhas. Com ela aprendi a ser o homem que me tornei, e o homem que ela me criou para ser. Por isso, eu devia fazer o que ela teria feito se estivesse viva. Dar reconhecimento.

— Cada pedaço dessa vitória se divide entre vocês — limpei a garganta e fiz questão de olhar todos nos olhos. — Foi por causa da nossa união que conseguimos derrubar o demônio do alto de sua arrogância. Trabalhamos juntos... atacamos juntos... fomos atacados juntos. Numa unidade que se ergueu para resistir ao mal. Não há *um* de nós para receber os méritos da conquista. *Todos* vencemos hoje.

“A perda dos nossos amigos e familiares não foi em vão. Impedimos a ameaça que se sobrepunha aos comunais e à Sociedade Bruxesca. Os que morreram, morreram no intuito de proteger aqueles que amavam. A dor ficará conosco durante longo tempo, mas jamais poderemos dizer que eles se foram em desonra. Nós que sobrevivemos somos testemunhas dos sacrifícios desta batalha. E jamais deixaremos a memória dos bruxos e seres místicos que partiram num ato de bravura ser esquecida. Eu escolho lembrar”.

Os homens e mulheres que me encaravam manifestaram suas lágrimas de tristeza, porém com a certeza da honra. Fui até o meio deles e liberei energia no chão. Meu poder procurou cada ser vivo ao meu redor e iniciou o processo de cura dos seus ferimentos. Invejei aquela habilidade de Mestre Wasiry na Assembleia dos Bruxos, e agora eu também a possuía por causa do poder da fênix.

— Discurso tocante — Isolda bateu palma lentamente, como se caçoasse de mim pelo que falei. — Devo admitir... fiquei impressionada. Quem diria, não é mesmo? Um rapazote foi capaz de derrotar um Senhor do Desmundo. Não é algo que você vê todos os dias.

— Isolda? — chamou Olívia. — Afaste-se dela, Edgar, há algo de errado.

— Argh! Sempre você, *Olívia* — Isolda revirou os olhos. — Sabe o trabalho que dá ficar me escondendo dos seus poderes? Caramba! Dá um tempo, querida...

Que porra é essa?

— Do que está falando, Isolda? — perguntei.

Ela escarniu em desdém.

— Há algo de errado, Ed — Olívia voltou a falar. — Sinto uma vibração negativa vindo dela e...

— *Há algo de errado, Ed. Sinto uma vibração negativa, Ed. Blábláblá, Ed* — Isolda arremedou Olívia de maneira pejorativa.

O que diabos está acontecendo?

— Está fora de si, Isolda? — a voz de tia Lena ostentava uma ameaça. — Comporte-se como uma mulher adulta.

— Uhhh! — vaiou a transmorfa. — A grande guerreira Helena Valburgo deu uma ordem. Uhhh! *Comporte-se como uma mulher adulta. Uhhh!*

Fiquei irritado com tamanho desrespeito.

— Será que você pode nos dizer o que pretende? — exigi.

A mulher continuou com o sorriso dissimulado no rosto, como se soubesse de algo que não sabíamos.

— Bem, meu querido e *sagrado-todo-poderoso* Edgar — começou ela —, há um furo na investigação da sua titia, sabe, um furo que realmente poderíamos chamar de amador, algo inteiramente patético.

— O que quer dizer? — questionei.

— Que não foi um *bruxo* das trevas que abriu o portal para os demônios — ela cuspiu com esgar. — Foi uma *bruxa*.

— *Você...*?

— Sim — confirmou ela, sorridente. — Fiquei mortalmente ofendida quando nenhum de vocês cogitou a possibilidade de uma mulher estar por trás de tudo isto. Por que tem sempre de ser um homem? Por favor, estamos quase na terceira década do século XXI e vocês ainda com essas manias provincianas. Tsc, tsc, tsc... uma lástima. O mundo precisa de mais vilãs...

— Você tem ideia do que está falando? — vociferou tia Lena entredentes. — Por sua causa, dezenas de bruxos e seres místicos morreram, sua puta mal-amada!

— Uhhh! A guerreira sabe brincar... EU NÃO FARIA ISSO SE FOSSE VOCÊ! — gritou ela na direção de Teófilo que, para surpresa de todos, se preparava para atacá-la. — Por que vocês *sempre* têm de bancar os heróis? *Argh!* Já não basta a quantidade de mortos hoje, ainda pretendem aumentar a pilha de cadáveres?

— Me dê um único motivo para não a matarmos agora — tia Lena se empertigou, movimentando-se de forma hostil. — Ou juro que eu mesma arranco essa sua cabeça imunda de cima dos seus ombros.

Isolda gargalhou, e por alguma razão a gargalhada soou familiar.

— Um motivo, você diz? — ela sorriu, ensandecida. — Que acha de... *cinquenta*?

A transmorfa estalou os dedos e o acampamento foi preenchido por um batalhão de bruxos em vestes negras, saídos de nuvens brancas. O som de vidro quebrando irrompeu na luz do dia e todos os sobreviventes se prepararam para lutar. Os bruxos se alinharam atrás de Isolda, aguardando ordens diretas.

— Esses são *meus* aliados — disse ela, confiando-se na vantagem numérica que tinha sobre nós. Numa contagem rápida, havia facilmente três para um. Não podíamos escolher lutar deliberadamente; pelo menos não após sair de uma batalha tão desgastante quanto a que acabamos de lutar. — Acredito que a família Valburgo conheça um de meus servos mais fiéis... Killian Rosablanca.

O homem ao qual ela se referia tinha cabelos brancos como a rosa de seu sobrenome que iam até o início dos ombros. Era dotado de um par de olhos verdes, com porte atlético de um guerreiro e uma cicatriz do tamanho de um lápis no lado esquerdo do pescoço. Tinha por volta dos quarenta anos e era incrivelmente charmoso.

— *Pai?! —* Erínia verbalizou a palavra que não usava há anos.

De fato, Killian Rosablanca era pai das gêmeas e ex-marido de tia Lena.

— Olá, filhona — o homem abriu um sorriso sedutor, falando em seu tom insípido. — Você e sua irmã cresceram um bocado.

— O que você está fazendo? — perguntou Maeve, incrédula.

— Precisa ser mais específica, docinho.

— Por que está ao lado *dela*?

— Ah, isso...? — ele deu de ombros. — Por dois motivos simples. O primeiro deles é que jamais gostei da ideia de me esconder na penumbra da linhagem Valburgo; não nasci para desempenhar o papel de coadjuvante, docinho, entende, por isso resolvi seguir outros caminhos que me levassem a expandir o verdadeiro potencial que guardo dentro de mim. E o segundo motivo... bem... é melhor eu mostrar.

O homem agarrou Isolda pela cintura e a rodou enquanto beijou sua boca. Maeve sufocou um gritinho e Erínia apertou os punhos. Nenhuma delas merecia o que estavam vendo, principalmente tia Lena, que se tornou uma mulher completamente diferente depois que o marido a abandonou.

— Isso responde sua pergunta, docinho? — ele sorriu após terminar o beijo.

Tia Lena permaneceu calma. Seria de se esperar que ela liberasse a ira de uma vez sobre Isolda, que estava claramente tentando provocá-la. Mas ela optou pela superioridade de não se exaltar.

— E quanto a Kururu? — perguntou à Isolda, perspicaz. — O amor de vocês é conhecido mesmo entre os Silfos de Terraverde. Você simplesmente o deixou?

— Ah... pergunta interessante, muito interessante — a transmorfa deu um passo à frente. — Acho que está na hora de revelar outro segredinho. O que me diz, Edgar? Pronto para mais uma rodada?

Ela não esperou por uma resposta. Entrou em processo de transfiguração, com as características típicas dos transmorfos quando usam suas habilidades. Em princípio, pensei que ela fosse se transformar na Mamba Negra que usava para lutar, mas, então, seu corpo não tomou a forma longilínea de uma serpente. Ao invés disso, manteve o porte humanoide e descascou até adquirir a silhueta de uma nova mulher.

Meus olhos não acreditaram no que viram.

— O que significa isso?! — arqueei, quase gaguejando.

— *Úrsula*...? — Klaus estava tão perplexo quanto eu.

A beleza de ébano era inconfundível, somada ao cabelo majestoso repleto de cachos. Com as roupas decotadas de Isolda, ela aparentava ser bem mais velha e experiente, destoando da *Úrsula* com a qual estávamos acostumados.

— Corrigindo... — disse ela. — Meu nome é Underena Mombaça. *Úrsula* é apenas um de meus personagens mais brilhantes.

— Você está mentindo...! — retruquei.

Ela *tinha* de estar mentindo. Não era possível. Não agora nem em um milhão de anos. *Úrsula* se tornou minha melhor amiga nos últimos meses. Ela não podia ser uma bruxa das trevas, aquilo era loucura!

— Acredito que esse seja um daqueles momentos em que o vilão tem de se explicar, suponha? — ela gargalhou, e o som impregnou nos meus tímpanos fazendo meu coração acelerar. *É a risada de Úrsula, por isso soou tão familiar há pouco.* — Vou começar respondendo à pergunta de Helena, se não se importam. Bem, em resumo, para o Desmundo com Kururu! Tive de matá-lo há meses quando resolveu entrar no meu caminho...

— Vi Kururu há duas semanas — falei. — Na Loja Parabruxos...

— Não, o que você viu foi um transmorfo habilidoso.

— Mas Isolda também estava lá...

— Errado outra vez — ela desdenhou. — *Eu* recebi vocês naquele dia. Isolda estava morta há muito tempo.

— Você não pode tê-la...

— Ah, não só posso, como matei — ela voltou a me encarar, séria. — Eu não *queria* matá-la, sabe, mas ela se recusou a cooperar e não me deixou outra alternativa. Veja bem, Edziinho... posso chamá-lo assim?... Vim para Anévoa enquanto investigava o paradeiro dos Monstros Lendários. Sei que não acreditava neles até pouco tempo, mas... bem... agora sabe que são reais e tudo o mais.

— Como sabia que eu era um abrakadabra? — *quando nem mesmo eu sabia.*

Ela sorriu.

— Essa é a ironia da coisa. Vim para Anévoa atrás de Klaus — Andrômeda e Teófilo se alarmaram, para contento da mulher. — Eu segui os Montenegros porque sabia que um dos filhos do Grão-Mestre era o abrakadabra do Primata Acobreado.

— Mas então... quer dizer...

— Isso mesmo — ela sorriu largamente. — Encontrei você por *acidente*. Ou melhor, por uma agradável surpresa, é claro. No início eu não tinha como ter certeza, pois meus poderes de identificação dos Monstros Lendários estavam confusos na época. Por isso resolvi testá-lo.

— Me testar?

— Formidável da minha parte, eu sei.

— Como?

— Ora, a essa altura pensei que desconfiasse — disse ela. — Quem você acha que deu a Flor-de-Anífera à filha do licano e da banshee?

— Você envenenou Nina de propósito?! — meu sangue ferveu.

— De que outro jeito eu poderia colocar seus poderes de curandeiro à prova? — ela revirou os olhos. — Eu vinha observando você desde o primeiro dia de aula, quando você e Klaus... bem... vocês sabem, acho fofo e blábláblá... Escolhi um dia em que a curandeira-mãe não estava em casa. Ela me dava um pouco de medo, tenho que admitir. Ainda bem que minhas suspeitas se confirmaram e você era mesmo o abrakadabra da Fênix Azul. Já pensou se eu estivesse errada e a menininha morresse com o veneno? Argh! Seria de cortar o coração...

Carlos e Mirna avançaram, mas tia Lena os impediu.

— Não vale a pena arriscar — entrevistou ela. — Nina está bem agora.

O licano que segurava o corpo da minha mãe cedeu, mas eu não tive tanta certeza que a banshee se deixaria ser impedida por muito tempo.

— Afinal, qual é o seu objetivo, Úrsula... ou seja lá qual for seu nome verdadeiro? — minhas mãos tremiam, e eu tinha vontade de esmagar a cabeça dela contra o chão, ao mesmo tempo que não conseguia imaginar o corpo de Úrsula como uma vilã... — Por que está investigando o paradeiro dos Monstros Lendários?

— Uhhh! Bem direto, gosto disso. Como na vez em que você me beijou de surpresa, lembra? Tenho uma queda por homens assim... bah!... nem todos podemos ser perfeitos, certo?

— Responda de uma vez!

— Calma, Edzinho, você não quer que a fênix assuma o controle do seu corpo outra vez, quer? É bem melhor quando *você* a controla.

Eu me calei.

— Eu também sou uma abrakadabra — revelou ela, como quem informa as horas a um estranho na rua. — Dovyra, a Aranha Vermelha. Muito prazer.

Não, não, não. Aquilo só podia ser uma piada de mal gosto. Ela não apenas era uma abrakadabra como, de acordo com o conto infantil, também possuía o poder da irmã mais velha e mais poderosa dos Monstros Lendários.

— Meu *objetivo*, já que você insiste tanto em saber, é criar uma nova Ordem de Poder da qual eu seja a Grã-Mestre — seus olhos brilharam com paixão. — Chamarei de Ordem dos Universais, e nela, tal como os Seres Animalescos que habitam as galáxias do cosmo, os integrantes dominarão as habilidades de todas as outras ordens. Chega dessas divisões estúpidas de poderes. Somos dominadores de magia, caramba! Podemos fazer o que bem entendermos quando bem entendermos sem medo de infringir alguma das leis obsoletas que regem as Or-

dens de Poder atuais. É tudo muito entediante, como você sabe.

— E para fazer isso pretende sacrificar vidas inocentes? — acusei. — Com que pretensão trouxe o Mestre Crepuscular ao plano físico?

— Bem... um abrakadabra que não despertou os próprios poderes é tão inútil quanto um comunal — disse ela, indiferente. — Trouxe Súmrak para despertar o poder de vocês dois. Fiz um favor a vocês, do contrário, talvez o poder da Fênix Azul jamais acordasse dentro de você. Uma pena que Klaus tenha perdido uma chance tão boa quanto essa.

— Mas você lutou ao nosso lado! — Klaus continuava embasbacado.

— Eu precisava manter as aparências — explicou. — Se meu disfarce fosse descoberto, eu não poderia mais monitorá-los de perto. Por isso a presença de Olívia sempre me deu nos nervos. Magia sensorial é um tédio absoluto. Tive até que mandar meus meninos interceptarem a convocação que Teófilo fez aos bruxos para comparecerem à assembleia. *Oops!*

— Foi por isso que poucos bruxos atenderam ao chamado... — me dei conta, culpado por desconfiar do Grão-Mestre.

— Precisamente — confirmou ela. — Eu não podia permitir que houvesse um exército de bruxos poderosos para enfrentar o demônio-soberano, quando a meta era que você e Klaus o enfrentassem sozinhos.

— Bem, o seu plano foi um verdadeiro estrume! — redargui. — Dezenas de inocentes morreram por sua causa.

Ela voltou a ostentar uma expressão de escárnio.

— Apenas a escória dos fracos não sobreviveu — sentenciou, amarga. — Com exceção de Ágata, obviamente. Adoraria ter a curandeira como minha aliada; ela era sem dúvida um *achado*...

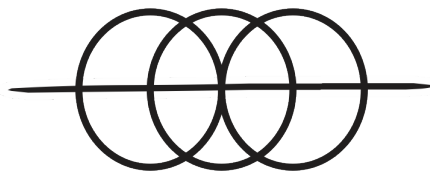
— Não ouse falar da minha mãe!

— Tudo bem, tudo bem, não precisamos ficar irritadinhos, não é? — Úrsul... *Underena* sabia como deixar alguém fora de si, e nem precisava se esforçar muito para isso. — Por que, ao invés de resistirem ao meu plano, não se juntam a mim? Eu, *Underena Mombaça*, Grão-Mestre da Ordem dos Universais, convido todos vocês a entrar para minha coleção.

— Ninguém se juntará a você — pronunciou-se Teófilo, imponente como o cargo que exercia. — Não somos traidores...

E, sem dar nenhum aviso, o Grão-Mestre se precipitou na direção de *Underena*. O machado de dois gumes apareceu em suas mãos e ele desferiu um golpe certeiro no rosto da bruxa. Uma pequena explosão de fagulhas irrompeu quando Killian aparou o golpe do homem com uma adaga ritualística.

Enquanto *Underena* permaneceu imperturbável, o ex-marido de tia Lena encostou a mão direita espalmada na tez de Teófilo. Quando retirou, havia um símbolo com três esferas entrelaçadas e um risco cortando todas elas. Meu sangue petrificou quando reconheci o significado do desenho.



— KILLIAN, NÃO! — gritou tia Lena, mas foi em vão.

Aquela conjuração era o Selo da Tríplice Morte, um encantamento de magia negra tão antigo e famoso quanto a própria alquimia. Era responsável por ocasionar a morte mais eficaz

entre os selos, pois atacava o Corpo, o Espírito e a Essência Mágica. Um assassinio triplo que não dava chance de defesa ao bruxo.

O pai das gêmeas colocou dois dedos na sua própria testa e ordenou.

— Liberar!

No mesmo instante, os olhos do Grão-Mestre viraram para trás e ele tombou no chão enlameado. Klaus gritou e correu até seu pai, tentando ajudá-lo de alguma forma, mas, mesmo a distância, eu sabia que Teófilo não estava mais vivo.

— Que patético! — repreendeu Underena, irritada. — Um desperdício de bruxo que poderia se juntar à nossa causa. Entendam de uma vez por todas! Eu não quero *matar* bruxos, mas *agregá-los* à Ordem dos Universais. Será que isso é tão difícil de compreender?!

— Ninguém vai se juntar a você, sua bruxa estúpida! — falei.

— É uma pena que pensem dessa forma — disse ela, frustrada. — Nesse caso, devo informá-los de que nossa guerra está apenas começando.

Aquilo era tudo o que eu precisava ouvir. Liberei os poderes da Fênix Azul e permiti que inundasse meu corpo outra vez. A magia ancestral transbordou para fora de mim e eu adquiri a silhueta do pássaro. Mas antes que eu atacasse Underena, ela estava um passo à minha frente, mais veloz, mais forte e sem um único resquício de sarcasmo no rosto.

A forma que ela tomou foi o suficiente para arrepiar até meu último fio de cabelo. A bruxa continuava no chão, mas ao seu redor oito pernas aracnídeas saltaram para fora do corpo, numa cor de vermelho que lembrava sangue vivo. Seus olhos mudaram para duas bolas negras de um vazio assombroso, e seu corpo se encheu de peçonha em forma de uma penugem esbranquiçada e afiada.

Ela se aproximou de mim.

— Prometo que lutaremos — disse com uma voz grave. — Mas não será hoje. Recolha seus mortos, faça sua despedida e descanse o quanto puder. Depois, treine como jamais treinou na vida, pois, quando o dia do nosso duelo chegar, serei tudo, menos misericordiosa com você.

— Já que estamos fazendo promessas — falei, insolente —, permita-me deixar algo bem claro. Vou me encarregar pessoalmente que cada um dos seus planos fracasse. Se preciso for, eu a impedirei sozinho. Vou cobrar pelo sangue de cada bruxo e ser místico morto hoje, e, acredite, também não pretendo mostrar misericórdia.

Ela voltou ao estado normal. Ao formato de Úrsula/Underena.

— Mal posso esperar — ela sorriu para mim. — Vamos embora!

Num movimento sincronizado, ela e seus seguidores desapareceram numa enxurrada de nuvens brancas ao som de vidro quebrando. Meu coração estava acelerado, e eu precisei acalmá-lo para, então, voltar à forma original de humano. Eu podia não ser páreo para ela, mas acreditei em cada palavra do que prometi.

Capítulo 50 | Despedidas

A CERIMÔNIA FÚNEBRE aconteceu na manhã seguinte à batalha no Lago dos Pirilampos. Graças ao Selo Maternal que minha mãe executou sobre Anévoa, nenhum dos comunais correu perigo ou lembrou de qualquer coisa. A Sociedade Bruxesca estava livre do perigo da exposição.

O único lugar grande o suficiente para acomodar tantos corpos era o jardim da propriedade de Tati, no Café. Quando me recebeu naquele dia ensolarado, Tati ainda sentia dores no abdômen, mas recusou minha oferta para curá-la de modo apropriado. Disse que preferia dar tempo ao ferimento, para sarar por si só.

Ceguei com minhas irmãs e contornamos o Café pelo lado de fora até os fundos do terreno. Já estive ali um bom número de vezes, e o jardim era chamado de jardim por pura convenção, posto que não era tratado como tal. Tati se encarregou pessoalmente de decorar o espaço para receber as famílias dos mortos velados, e, para garantir que os clientes comunais não atrapalhariam o serviço em plena segunda-feira, pôs uma forte Chave de Barreira em volta do lugar.

Todos os presentes compartilhavam o mesmo estado de espírito. Algo entre tristeza e orgulho, para dizer o que melhor se aproximava da sensação experimentada por quem compareceu. Aquele não era um funeral qualquer. Além de velar bruxos e seres místicos mortos em batalha, a cerimônia também era destinada a dois ex-Grão-Mestres da Ordem dos Guerreiros. Havia um sem-número de bruxos em suas vestes negras e rostos de condolências acenando para nós quando chegamos ao jardim.

Mestre Wasiry cuidou pessoalmente do traslado dos corpos de bruxos vindos de outras cidades para a assembleia. Deviam ser velados na presença de suas respectivas famílias, seguindo o protocolo da Sociedade Bruxesca de que o dominador de magia falecido deve descansar próximo de casa.

O jardim em si estava decorado com uma explosão de flores coloridas que se estendia por toda a estrutura de madeira montada durante a noite para proteger as pessoas do sol ou da chuva. No centro do espaço, havia assentos brancos para quem decidisse ficar e ouvir o discurso do Mestre Wasiry.

À frente dos assentos, descansavam três fileiras de doze ataúdes de carvalho negro, somando trinta e seis corpos velados no jardim de Tati. Sentamos nos assentos da frente, enquanto Mestre Wasiry se dirigiu com dificuldade até um palanque improvisado atrás dos ataúdes.

— E aqui estamos — o pajé começou. Sua voz entoava firme, porém cansada. Ele pareceu ainda mais velho apoiado em seu cajado sobre o palanque. Vestia um adorno de penas brancas sobre a cabeça e uma túnica marrom. — Conta a história que, em certa vez, um sábio que trilhava seu caminho de pedra com destino ao autoconhecimento encontrou uma velha mulher e um garoto à beira da estrada, sedentos por água. O sábio retirou do alforje a pequena

garrafa de água que trazia consigo e entregou à mulher. A senhora deu de beber ao filho e só depois de vê-lo saciado bebericou algumas gotas da água da garrafa. O sábio observou a cena com admiração e perguntou à mulher: “É isto ser mãe, dar de beber ao filho antes de matar a própria sede?”. A mulher não respondeu e o sábio continuou sua jornada.

“No dia seguinte, em outro caminho de pedra com destino ao autoconhecimento, o sábio deparou-se com uma velha mulher e um garoto à beira da estrada, diferentes do dia anterior, famintos por comida. O sábio retirou do alforje um pedaço de pão que trazia consigo e entregou à mulher. A senhora deu de comer ao filho e só depois de vê-lo sem fome beliscou algumas migalhas do pão. O sábio observou a cena com admiração e perguntou à mulher: ‘É isto ser mãe, dar de comer ao filho antes de matar a própria fome?’. A mulher não respondeu e o sábio continuou sua jornada.

“No outro dia, em meio à tempestade num caminho de pedra com destino ao autoconhecimento, o sábio deparou-se com uma velha mulher e um garoto à beira da estrada, congelando de frio. O sábio retirou do alforje uma manta de algodão que trazia consigo e entregou à mulher. A senhora deu agasalho ao filho e só depois de vê-lo sem tremer colocou uma de suas pernas para debaixo da manta. O sábio observou a cena com admiração e perguntou à mulher: ‘É isto ser mãe, dar agasalho ao filho antes de esquentar o próprio corpo?’. A mulher não respondeu e o sábio continuou sua jornada.

“Por vários dias, o sábio se deparou com a mesma cena, repetida por mulheres e meninos em situações diferentes. Em todas as vezes, o sábio ajudou no que pôde e fez exatamente a mesma pergunta às mulheres: ‘É isto ser mãe?’. Nenhuma delas jamais respondeu. Até que, em certa vez, o sábio encontrou uma mulher sozinha em seu caminho. Antes de ajudá-la, precipitou-se a perguntar à senhora: ‘Sabes tu o que é ser mãe?’, ‘Certamente’, respondeu a mulher, ‘Ser mãe é desconhecer que se é mãe’. O sábio aprofundou-se em suas análises, mas não conseguiu tirar significado daquelas palavras, por isso pediu: ‘Podes explicar o que disses-tes?’. E a mulher o mediu de cima a baixo, decidindo se ensinava ao sábio o significado de ser mãe.

“Percebendo a perturbação do sábio, a mulher cedeu: ‘Ser mãe é desconhecer que se é mãe. Se o filho sente sede, a mãe lhe dá de beber sem que note a própria sede. Se o filho sente fome, a mãe lhe dá de comer sem que note a própria fome. Se o filho sente frio, a mãe lhe dá agasalho sem que note o próprio frio. Se a mulher tiver de escolher entre ela e o próprio filho, mesmo que o tenha gerado, ela não é mãe, pois passa a ter ciência de que é mãe. A verdadeira mãe não escolhe, apenas age em detrimento do filho, mesmo que isso signifique sua morte. Sei disso porque não possuo filhos e, portanto, o sacrifício das mães fica claro diante de mim’. O sábio recebeu a explicação com um misto de assombro e torpor, pois percebeu que aquela mulher, à beira da estrada em seu caminho de pedra com destino para o autoconhecimento, era mais sábia do que ele jamais poderia ser”.

Mestre Wasiry fez uma pausa. Olhou com olhos titubeantes para os que estavam nos assentos à sua frente, e para os corpos nos ataúdes. Quando voltou a falar, tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

— A Parábola das Mães remonta aos nossos primeiros ancestrais e nunca foi mudada ao longo do tempo — ele pigarreou. — Contudo, proporei agora, se não uma mudança, uma nova perspectiva ao conto milenar. Em minha concepção, ser mãe é uma *possibilidade*, um ato passível de extensão à toda humanidade. Cada bruxo e ser místico que deu sua vida no combate contra as forças do mal o fez em detrimento do seu próximo. Se tivessem de escolher, não teriam morrido, mas, ainda assim, se sacrificaram inconscientes do sacrifício. Tal como a mãe que dá de beber ao filho antes de saciar a própria sede, os bruxos e seres místicos deram

de viver aos seus entes queridos antes de se preocuparem com a própria vontade de viver. Em sendo assim, todos os mortos velados aqui hoje, bem como aqueles que foram levados às suas respectivas famílias, são tão mães quanto mulheres férteis, pois seus filhos são todos aqueles que sobreviveram para comprovar a validade de seu sacrifício. Daqui em diante, que se considerem maternais todos os atos de despojo às próprias necessidades para atendimento às urgências do próximo. Fiquem tristes porque perderam pessoas que amavam, mas jamais, sob quaisquer hipóteses, descreditem a proporção de sua honra, pois, tal qual o de uma mãe, nossos sacrifícios viverão para sempre.

Ao fim do discurso, não havia sequer um olho sem lágrimas no jardim de Tati. As belas palavras do pajé não serviram para diminuir a dor da perda, mas nos encorajaram a acreditar que tudo aconteceu para que continuássemos em frente. Duelar contra o “*e se?*” era uma batalha perdida.

A alguns assentos de distância, Klaus consolava Andrômeda e seu irmão. A morte de Teófilo os abalou sobremaneira, pois sua perda foi a única que não aconteceu durante o combate contra Súmrak, mas se sucedeu de forma torpe e indigna do homem que ele era. Ele morreu tentando nos proteger, e seria lembrado daquele jeito, mas, para um Montenegro, esperava-se algo muito mais extraordinário.

Me virei para minhas irmãs. Seus rostos estavam inchados de tanto chorar, mas agora conseguiam aguentar firme sem desaguar em prantos. Em respeito à memória de nossa mãe, não escondi nenhum detalhe sobre a luta. Pensei que nada seria mais difícil do que ver minha mãe morta, mas dar a notícia às minhas irmãs foi tão difícil quanto.

Elas estavam cientes de que havia honra incomensurável em sua morte, e o nome Ágata Valburgo seria lembrado por muitos anos no futuro como a mulher excepcional que foi em vida. Nós éramos seu legado e faríamos de tudo para merecer o privilégio de sermos chamados seus filhos.

Mestre Wasiry deu continuidade à cerimônia. Após descer do palanque com dificuldade, desfilou lentamente entre os ataúdes de carvalho negro. Por onde passava, o pajé incendiou os caixões com labaredas que não exalavam calor, nem produziam fumaça, apenas queimava por conta do feitiço.

Um a um, os trinta e seis ataúdes foram reduzidos a cinzas que pairavam no ar. O fogo levou um longo tempo até queimar o último dos corpos. Depois disso, o mestre se embrenhou no meio das cinzas e entoou um cântico gutural que fez todas as cremações se juntarem numa unidade. Quando terminou o cântico, as cinzas se misturaram e foram de encontro ao céu ensolarado. Flutuaram para o alto até serem levadas pelo vento em direção ao horizonte.

Ao término da cerimônia, Olívia levou as meninas para casa. Em seguida, todos os bruxos e seres místicos presentes no funeral fizeram questão de vir cumprimentar a mim e Klaus, inclusive os Grão-Mestres das Ordens dos Sensórios, Transmorfos e Alquimistas. Desejavam suas condolências e faziam votos de que pudéssemos seguir adiante, de preferência felizes por estarmos juntos pela primeira vez na história das linhagens Valburgo e Montenegro.

Mestre Wasiry veio até nós quando tia Lena se propôs a ficar do nosso lado, recebendo os votos dos amigos. Ele aproveitou que ela estava conosco para lhe informar sobre suas intenções.

— Helena, minha cara — disse o pajé, sôfrego. — Sei que é cedo demais para algo como isso, mas peço que aguarde dentro dos próximos dias uma convocação para se apresentar ao Conselho das Ordens. Pretendo indicar seu nome para assumir o posto de Grã-Mestre da Ordem dos Guerreiros.

O mestre pegou todos de surpresa.

— Me sinto honrada, Mestre Wasiry — respondeu tia Lena, acanhada —, mas receio que terei de recusar.

— Pode-se saber o motivo? — indagou o pajé.

— Pretendo cuidar de minhas filhas — disse ela, simples. — Negligenciei meu papel de mãe por tempo demais, e agora terei de correr contra o tempo perdido.

— Entendo — concordou o mestre. — Devo lembrar-lhe, porém, que não há no momento alguém mais apropriado para assumir o cargo do que você, já que liderou os bruxos guerreiros na batalha de ontem. Além do mais, você estava lá quando nossa verdadeira inimiga declarou guerra, portanto, sabe melhor do que ninguém que a bruxandade enfrentará desafios obscuros num futuro próximo.

— Ela vai aceitar — Maeve se antecipou no lugar da mãe.

— É isso mesmo — completou Erínia. — Ela já está dentro!

— Garotas! — repreendeu tia Lena. — Não foi isso que combinamos...

— Ah, qual é, mãe?! — retrucou Erínia. — Nós podemos nos cuidar sozinhas. Também não é como se você fosse desaparecer das nossas vidas como aquele idiota.

— E ainda temos tia Olívia, o Ed, Lílian, Acácia, Zara... e agora o Klaus — acrescentou Maeve. — É impossível ficar sozinha na residência Valburgo. Você *tem* de aceitar o posto de Grã-Mestre.

Tia Lena ficou pensativa. Eu não queria interferir em sua decisão, mas também achava que não havia candidato melhor ao cargo. Ela não apenas tinha expertise bélica, como também era dotada de experiência em operações de caça a demônios.

— Está bem — ela cedeu. — Pode fazer a indicação, mestre.

— Formidável, de fato, formidável — ele ficou satisfeito, e se virou para mim e Klaus. — Sabem como se chama um casal como o de vocês na aldeia de onde venho?

A pergunta era retórica, mas mesmo assim negamos.

— O Dois-Espíritos — respondeu. — Trata-se da união de dois homens em um único corpo representado pelo Dois-Espíritos. É uma das formas de amor mais antigas e belas do nosso povo. Achei que gostariam de saber.

— Isso é realmente interessante, mestre — admiti, curioso.

— Eu também acho — concordou Klaus.

— De todo modo, a maior habilidade do Dois-Espíritos é permanecer unido em meio às adversidades — continuou ele. — Vocês sabem que, daqui em diante, não levarão mais uma vida sossegada. Suas responsabilidades aumentaram e, mesmo tão jovens, precisarão amadurecer.

— Algum conselho? — pedi.

— Conselho, não, apenas uma sugestão — ele falou e nós ouvimos atentamente. — As portas de minha tribo estarão sempre abertas para recebê-los. Sou dono de uma biblioteca capaz de fazer inveja ao maior colecionador de livros do mundo.

— Isso foi um convite indireto? — Klaus sorriu.

— Entendam como queiram.

Mestre Wasiry nos abraçou e desapareceu numa nuvem branca.

* * *

— E então? — perguntou Klaus, depois de quase uma hora de silêncio.

— E então *o quê*? — devolvi.

O dia começou com algumas nuvens no céu, mas deu espaço ao sol perto da hora do almo-

ço. Klaus e eu aproveitamos para visitar o Lago dos Pirilampos. Ou pelo menos o que sobrou dele. Olívia nos conseguiu um remédio para árvores que podia fazer *nossa* árvore se regenerar dos ataques que sofreu.

— Teve a conversa? — insistiu ele.

— Ah... a conversa — repeti. — Sim.

Aquela era a primeira vez que voltávamos ali desde o dia fatídico, há dois meses. O sentimento de estar no mesmo lugar onde quase morremos era menos relevante do que antecipei. Não tive nenhuma epifania que me faria mudar de vida, nem conheci coisas sobre mim que estavam ocultas.

A bem da verdade, não havia nada fora do normal.

— E então...?

— A conversa foi longa — falei. — Há alguma parte específica em que está interessado? Facilitaria as coisas...

— Por que não me dá a versão resumida?

Estávamos cavando buracos ao redor da raiz da árvore para poder aplicar o remédio. Usamos luvas para mexer na terra, mas nossos jeans estavam completamente sujos àquela altura.

A conversa à qual ele se referia foi a que tive com tia Lena e Olívia no jantar da noite passada. Era sobre meus pais... bem, quer dizer... sobre meus pais biológicos. Ágata Valburgo e Aníbal Doriarte continuariam sendo meus pais para todo o sempre.

— Você já sabe que tio Briano e Alice eram apaixonados um pelo outro, mas que, por causa dos pais fanáticos, ela foi obrigada a se afastar da minha família, certo?

— Até aí, sei.

— O que você não sabe, nem eu sabia até ter a conversa, é que Alice foi obrigada a cortar relações com tio Briano porque seus pais descobriram que ela estava grávida. Quando a criança nasceu... quer dizer... quando *eu* nasci, seus pais a obrigaram a me colocar num orfanato de freiras.

— Você era uma noviça? — Klaus sorriu para mim.

— Muito engraçado, rá, rá, rá...

Me concentrei em um buraco que estava particularmente difícil de escavar.

— Continua!

— Está bem, não precisa fazer a diva.

— Agora quem está sendo imaturo?

— Quando tio Briano foi morto, Alice surtou — retomei. — Ela apareceu lá em casa, foi até a garagem e tomou um frasco inteiro de essência de beladona. Em poucas doses, o veneno funciona como um tipo de anestesia, mas tomar todo o conteúdo do frasco significava morte certa.

— Então ela tirou a própria vida na casa de vocês?

— Sim — confirmei. — Ela tinha ido até lá confessar um segredo para minha mãe. Disse que tinha dado à luz uma criança de tio Briano, e que seus pais lhe obrigaram a entregá-lo para adoção. Alice implorou para que minha mãe não a curasse, pois não suportaria viver sem tio Briano.

— E sua mãe foi obrigada a aceitar a escolha dela... — completou ele. — Deve ter sido um exercício de autocontrole terrível.

— Deve mesmo.

— O que aconteceu depois? — perguntou.

— Alice fez minha mãe prometer que recuperaria a crianç... *me* recuperaria e me criaria

como se fosse dela, sem revelar a verdade da tragédia a mim. Minha mãe prometeu, Alice ficou sem vida e o resto todos nós já sabemos.

Voltamos ao trabalho manual de escavar os buracos ao redor da árvore. Quando terminamos, colocamos uma gota do remédio em cada um deles. Dali em diante, teríamos de voltar todos os dias para repetir o processo, até que a árvore tivesse força o suficiente para se recuperar sozinha.

— Como se sente? — Klaus arriscou no caminho até o carro.

— De verdade?

Ele balançou a cabeça.

— Do mesmo jeito — respondi.

Ele pareceu decepcionado por alguma razão.

— Que foi? — perguntei.

— Que foi o quê? — retrucou ele.

— Que foi que aconteceu para você me olhar com aquela expressão?

— Ah... bem... é que... sei lá... tem certeza de que não está guardando nada dentro de você que pode acabar explodindo no futuro?

— Essa seria a reação mais apropriada, não é?

— Não *mais apropriada* — rebateu ele. — Apenas mais esperada...

Fiquei pensativo por um instante, considerando se eu porventura poderia estar guardando coisas dentro de mim que se acumulariam até explodir em algum momento. Porém, a resposta era a mesma. Sem explosão!

— Talvez eu tenha outros problemas com isso para resolver no futuro — falei. — Agora, porém, não estou me incomodando com *essa* coisa.

— Entendo — ele fechou a expressão.

— Você fez de novo! — acusei.

— Fiz o quê?

— A expressão!

— É culpa do meu rosto — disse ele. — Desculpa, é o único que tenho.

— O que quer dizer?

— Que a expressão não era para você.

— Para o quê, então?

— Para meu estômago — ele deu de ombros. — Estou morrendo de fome.

Eu sorri.

— Está pensando o mesmo que eu?

— TATI GÊ! — falamos juntos.

Caminhamos até meu Jetta recém-reformado, limpamos a sujeira dos jeans e partimos. O vento batia no meu rosto enquanto Klaus escolhia uma música na rádio que ambos gostávamos. O horizonte da estrada escondia inúmeros pensamentos que eu não tinha coragem de revelar. Por enquanto, me contentaria com a felicidade de estar ao lado dele sem me preocupar com o resto.

Gostava de imaginar que, de algum lugar no grande desconhecido, minha mãe, meu pai, tio Briano e Alice estavam olhando para mim. Aquilo me fazia sentir protegido, tomado de conta, paparicado.

Olhei para cima e sorri para o céu.

Epílogo

TRÊS MESES ANTES DA BATALHA

— **ENTÃO — DISSE O HOMÊM** de cabelos brancos —, você descobriu?

Killian ficou surpreso com chegada da curandeira, mas não tanto quanto imaginava. Afinal de contas, era Ágata Valburgo e não uma bruxa qualquer quem invadiu seu esconderijo sem ser percebida. A mulher materializou-se de uma densa nuvem branca, silenciosa como um soldado, mas imponente como um Grão-Mestre.

— Era apenas uma questão de tempo — respondeu Ágata, olhando em volta com ar de indiferença. — Não achava mesmo que podiam brincar de magia negra na minha cidade sem que eu soubesse, achava?

Killian se empertigou na poltrona em que lia o velho exemplar de *A Teia de Dovyra*, uma versão romanceada da história dos Monstros Lendários. Seu esconderijo não passava de um armazém abandonado na capital Jardim dos Córregos, com pouco conforto e quase nenhum luxo. Podia ficar ali enquanto não era convocado para alguma missão.

— Na verdade — ele se levantou, foi até uma mesa com bebidas no canto do salão e serviu dois copos de uísque —, essa era minha intenção desde o início... *Mestra*.

A limpeza do local era questionável, embora Killian dormisse ali poucas vezes. Num cenário agradável, estaria hospedado na melhor suíte de um dos hotéis grã-finos no centro da cidade, mas como a ordem era discrição não podia desfilas por saguões luxuosos à vista de todos.

— Por isso — continuou ele —, dei a pista que levou Helena a iniciar sua investigação. Se a conheço bem, a essa altura ela deve ter descoberto muita coisa interessante.

Ágata aceitou a bebida das mãos do antigo pupilo. Antes de beber, porém, analisou o líquido com interesse comedido.

— Você me ofende com a desconfiança — Killian sorriu, exibindo a expressão que o fazia ser conhecido por sua beleza. — Se desejasse matar minha própria mestra, não aceitaria nada menos que um duelo público na presença do Conselho das Ordens.

— Não sou mais sua mestra. Tenho apenas um pupilo agora...

— Ah, Edgar, eu sei... — respondeu o homem fingindo mágoa. — Mas ele é seu filho... quer dizer... para todos os efeitos, *pensa* que é seu filho...

— Edgar *é* meu filho — sentenciou Ágata, rígida.

— Bem, certo, não pretendo contrariá-la — disse Killian. — Estava me referindo ao fato de que apenas Helena e eu fomos seus aprendizes guerreiros. Você pode não acreditar, mas, apesar de tudo, meu apreço pela família Valburgo nunca desapareceu.

— Você está certo. Não acredito.

— Nesse caso — Killian a encarou curioso —, por que veio até aqui?

— Para me certificar.

— De...?

— De que minhas suspeitas tinham fundamento.

— E qual o veredito?

— Ainda não decidi se o entrego ao Conselho das Ordens — ameaçou Ágata —, ou se cuido de você eu mesma.

— Um dilema peculiar, porém desnecessário — devolveu Killian. — Não pretendo me reportar aos Grão-Mestres num futuro próximo, sobretudo, ser morto antes de atingir meus objetivos.

— Está sugerindo que não posso vencê-lo? — desafiou Ágata.

— De modo algum. Contudo, você está em desvantagem aqui. Veja bem, uma das coisas que aprendi com seus ensinamentos foi sempre estar um passo à frente do adversário, mesmo quando se tratar de um bruxo mais forte que você. Quer saber minha opinião? Entre nós dois, sou o mais fraco, não há dúvidas, mas você seria tola se pensasse que não sou capaz de um páreo mortal. Eu a atraí até aqui e você respondeu o chamado. Não tenho dúvidas de que posso morrer hoje, e tal possibilidade me enerva até o último fio de cabelo, mas estou certo de que minha morte lhe será muito cara. Isso eu prometo.

Killian voltou a sentar-se na poltrona. Uma brisa penetrou o ambiente, trazendo consigo o odor de morte. Na certa devia haver algum roedor em decomposição por perto, o que fazia o homem enojar-se ainda mais daquele lugar.

— Agora — ele apontou para um segundo assento próximo de onde estava —, se não pretende me matar de fato, sugiro que se aconchegue por ora. Ambos possuímos informações valiosas e eu receio que digam respeito ao futuro da Sociedade Bruxesca. Queira me acompanhar, sim?

Ágata considerou por um momento o que fazer em seguida. Decidiu atender ao pedido do homem, permitindo a ele pensar que comandaria a barganha. Para ela, estava muito claro o que foi fazer ali. Uma ameaça de proporções inimagináveis estava prestes a acometer a bruxandade, algo muito além de sua capacidade para controlar, por isso resolveu agir sem alertar os Grão-Mestres.

Confiar em Killian podia ser arriscado, mas ela o conhecia bem o suficiente para saber seu preço. Seu antigo pupilo era inescrupuloso, cafajeste e oportunista. Mas também era um bruxo poderoso e estrategista, cujo amor por Helena nunca deixou de existir. Melhor ainda, era o único munido das habilidades necessárias — ensinadas por ela — para executar o plano que Ágata engendrou quando soube da guerra despontando no horizonte.

— Há dois guerreiros cientes de minha presença — anunciou ela enquanto se aprumava no assento. — O quê? Achou que eu não perceberia? De qualquer maneira, nosso encontro deve permanecer em sigilo.

— Quer que eu apague a memória deles?

Ágata estalou os dedos da mão direita duas vezes e um par de fagulhas vermelhas reluziu no ar. Com um movimento de ordem, ela fez seu feitiço viajar para fora do lugar onde estavam. Poucos segundos depois, ouviu-se o som de explosões que fizeram vibrar o chão.

— Não é necessário — respondeu ela. — Mortos não têm memória.

— Quem diria? Logo uma curandeira...

— Por ora, apenas você e eu podemos saber dessa conversa. Poupe nosso tempo e comece a falar de uma vez, Killian.

— Direto ao ponto, vejo eu — disse ele. — Você não mudou nada. Gosto disso. Significa que ainda pensa como uma guerreira.

— Por isso estou aqui — emendou ela. — Quero saber da história toda.

— E o que fará depois?

— Comprarei sua lealdade.

Killian se inclinou para trás na poltrona e gargalhou. Depois de terminar, enxugou os olhos lacrimejantes e bebericou o resto de uísque no copo em sua mão. Fez a garrafa sobre a mesa flutuar até eles e preencheu os copos outra vez.

— Me pergunto como fará isso — anuiu ele depois de provar um gole da bebida.

— Foi você quem me chamou aqui — disse Ágata. — Para bem ou para mal, está claro que pretende negociar. Sua disposição já é meio caminho andado.

— De fato — respondeu ele. — Meu interesse na questão vai muito além do que você pode imaginar. Por outro lado, o que você me ofereceria de tão valioso para me fazer mudar de causa?

Ágata levou a mão esquerda até o bolso da veste negra que usava. O simples movimento deixou Killian em alerta, mas ele não pretendia mostrar à convidada a tensão por baixo de seu comportamento tranquilo. Ao contrário disso, assistiu enquanto a curandeira tirava uma joia dourada com uma pedra verde e o expunha na palma da mão.

— *O Bracelete de Jade?! —* ponderou o homem. — Pensei que estivesse em poder dos Vlanaks de Terraverde...

— Poucos sabem — disse ela —, mas existe mais de um.

— A quem pertence este?

— É meu...

— Você não está falando sério — duvidou ele.

— Situações extremas pedem por medidas extremas — respondeu ela, calma. — Essa é minha oferta.

Jade foi uma das primeiras vlanaks de Eldária, uma bruxa tão poderosa e antiga quanto a própria Terraverde. Era uma prostituta e manchou sua reputação ao tornar-se amante de Ehbodon, o Glorioso. Usava um bracelete de ouro capaz de guardar metade de seus poderes e ser usado por outros bruxos além dela. Uns o consideravam um artefato amaldiçoado, outros, porém, atribuíam à bruxa a origem da prática de confeccionar objetos mágicos.

O bracelete que Ágata oferecia como moeda de negociação era uma joia autêntica. Estava na família Valburgo há pelo menos duzentos anos, passando de geração em geração entre os primogênitos. A curandeira ainda lembrava do dia em que sua mãe lhe confiou a posse do artefato, resguardando-lhe o uso sábio.

— Isso é ainda melhor do que eu imaginava — disse Killian.

— O bracelete será seu — anuiu Ágata —, assim que me convencer de que o merece.

Os olhos do homem brilharam.

— Dovyra — aquiesceu ele. — A Aranha Vermelha.

A curandeira suprimiu a respiração por um tempo diante do que ouvia.

— Depois de todo esse tempo?

— Uma sorte maldita, eu sei — respondeu ele. — Cento e vinte anos, para ser mais exato. Esse era o tempo que Dovyra não elegia um hospedeiro. Seu nome é Underena.

— Já despertou?

— Receio que sim. Poção Etérea.

— Então a boticária continua viva?

— E em pleno domínio das habilidades alquímicas.

— Onde ela está agora? — perguntou Ágata, esperançosa.

— Isso é um mistério até para mim — confessou Killian. — Pelo que me consta, Hécate Manoforte fundiu-se com a Terraverde e não pretende ser encontrada outra vez.

— Vocês estão à sua procura?

— Para meu azar, sim — respondeu ele. — Já tentou investigar o paradeiro de uma alquimista que tem poções para tudo? É tão entediante quanto impossível.

— Entendo.

— Você parece decepcionada.

— Em parte — disse a curandeira.

— Espere... — Killian arqueou uma das sobrancelhas. — Não me diga que... não, não, isso é impossível... então você *sabe*?

— Sei o quê?

— Sobre a fênix, é claro?

Ágata encarou o líquido no copo que segurava, mas pareceu querer enxergar algo muito distante dali. Aprumou-se na poltrona e quando voltou a encarar o homem decidiu não esconder a verdade.

— Sim — respondeu ela.

— Há quanto tempo?

— Desde sempre...

Killian gargalhou novamente.

— Ágata Valburgo... quando todos pensavam que podiam enganá-la...

— Apenas meus adversários mais tolos me subestimam dessa maneira.

— Então, você sempre soube que a Fênix Azul estava em Edgar?

— Isso não devia ser surpresa, sou a mãe dele — disse ela, taciturna. — A questão é: como *vocês* souberam?

— A abrakadabra de Dovyra consegue ver auras — ele deu de ombros. — É uma das coisas que ela domina, embora não tenha controle total da aranha.

Ágata tomou uma nota mental sobre aquela informação.

— O que mais? — continuou a curandeira.

— Nesse exato momento — Killian meneou as palavras —, seu Edgar está sendo testado por Underena. Sua ausência foi apenas um bônus.

Ágata sentiu cada pelo do seu corpo vibrar. Havia deixado Anévoa sem dizer para onde iria, a fim de investigar o chamado de Killian. Por isso, deixou Olívia e Edgar no comando da casa, mas não chegou a considerar que o inimigo fosse capaz de chegar tão perto.

— Testado como? — exigiu ela.

— Não se preocupe — disse o homem. — Ele não corre perigo. O objetivo de Dovyra não é exterminar os outros abrakadabras. Receio que ela pretende ganhar a confiança deles... após se certificar de que são poderosos o suficiente.

— Está falando sobre criar um exército?

— Na versão resumida, sim — respondeu Killian. — A ambição da bruxa, porém, vai muito além de um simples exército.

— Os outros Monstros Lendários jamais compactuariam com Dovyra — apontou Ágata.

— Nunca o fizeram em milênios de existência, e não o farão agora.

O homem sorriu.

— Isso é verdade — admitiu ele. — Mas você deve convir que existem meios de fazê-los cooperar. Essa é a maior falha dos Monstros Lendários... depender de humanos.

Ágata considerou as informações e tentou decidir se devia voltar para casa e ajudar Edgar. Contudo, a história de Killian era convincente, por isso acreditou quando disse que a bruxa por trás da sensação execrável que sentia não faria mal a seu filho... pelo menos por enquanto.

— Antes de compartilhar meu plano — recomeçou ela —, preciso que me responda uma coisa.

— O que quiser.

— Acha que a ameaça é real?

Killian não respondeu de imediato. Ao invés disso, levantou a cabeça e pensou por algum tempo. Sua expressão nada revelava acerca do conteúdo de sua mente, mas Ágata não precisava ser uma bruxa sensória para ter certeza de que calculava sua pergunta com a frieza que só ele podia empregar numa situação como aquela.

— Na minha opinião — disse ele, segurando o olhar no vazio —, acredito que dessa vez é para valer. A Sociedade Bruxesca está prestes a ruir e, quando tudo terminar, Dovyra fincará suas garras sobre os destroços da bruxandade e se proclamará soberana das Ordens. Dentro em breve, toda a paz mantida ao longo dos séculos entre bruxos e comunais deixará de existir e eu não acho que você conseguirá lutar contra isso.

Ágata engoliu em seco. Sempre soube que algo como aquilo aconteceria, e tinha noção de que era grave, mas não fazia ideia de que a proporção do cenário alcançaria uma dimensão acima das Ordens. Havia meses desde que começou a sentir movimentações suspeitas envolvendo magia em Anévoa. Antes mesmo de Helena desaparecer.

Quando ligou os pontos, pensou que estivesse equivocada. Contudo, os recentes acontecimentos apenas provaram que sua teoria estava correta. Ela não teria escolha senão colocar o plano em prática, por mais que desejasse uma alternativa mais adequada.

— Pois bem — disse ela, suspirando —, agora ouça-me com atenção.

Durante duas horas, Ágata revelou a Killian tudo o que se passava em sua mente. As coordenadas escolhidas, os sacrifícios inevitáveis e a expectativa de futuro. O bruxo de cabelo branco ouviu a tudo com seriedade ininterrupta. Sabia que as palavras de sua antiga mestra mudariam o curso da história. Mais que isso! Era, talvez, a única maneira de conseguirem impedir Underena.

Killian pensou em não repetir as doses de uísque, mas concluiu que precisaria estar minimamente alcoolizado para aceitar fazer parte daquele plano. Se fosse qualquer outra bruxa na poltrona à sua frente, seria fácil ignorar. Mas Ágata Valburgo repousava em outro nível. Ele chegou mesmo a pensar que comandaria a negociação, mas cometeu o erro de subestimar a mais poderosa das três irmãs. Ele sorriu, cansado.

— Você faz ideia — disse ele — de que cedo ou tarde ambos morreremos, certo?

— Minha vida não tem importância — respondeu ela.

Killian cerrou os olhos.

— E quanto aos outros? — continuou ele. — Da forma que está colocando, pessoas vão morrer... E se for um dos seus?

Ágata suspirou. Não havia resposta fácil para aquela pergunta. Como curandeira, sabia que ninguém tinha o direito de decidir pela vida dos outros. Como guerreira, por outro lado, conhecia muito bem os sacrifícios de uma batalha.

— Trata-se da morte de poucos ou de muitos — disse ela. — Se poucos não morrerem para impedir a ameaça maior, muitos morrerão por causa da mesma ameaça. Não é uma questão de apreciar a ideia, apenas de escolher a alternativa menos devastadora.

— Se Edgar for um terço do que Briano foi um dia — pontuou Killian —, nunca a perdoará por esse plano.

A curandeira pareceu ter medo pela primeira vez desde que chegou.

— Suponho que terei de carregar mais este fardo — respondeu ela.

Killian levantou-se da poltrona e andou até uma janela nos fundos do armazém. Encarou o

lado de fora numa expressão contemplativa, como se tivesse de optar entre dois caminhos que levavam ao mesmo destino. Quando se virou, exibia um sorriso dissimulado que Ágata conhecia muito bem.

— Estou às suas ordens... *Mestra*.

SOBRE O AUTOR

F. B. VLAHIO é professor na Universidade Federal do Amazonas, dentro da Faculdade de Informação e Comunicação. Graduou-se em Biblioteconomia e atualmente cursa o Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Divide seu tempo entre dar aulas nos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia e escrever, em paralelo, sua dissertação de mestrado e a Série Abrakadabra. *A Fênix Azul* é seu romance de estreia.